

Harry Potter e O Enigma do Príncipe – LIVRO VI

Glossário do Half Blood Prince:

| | |
|--|--|
| Apparaté/Disapparaté - Aparatar/desaparatar | Dark Mark - Marca Negra |
| Aunt Marge - Tia Guida | Death Eatérs - Comensais da Morte |
| Bane - Agouro (o centauro) | Dean Thomas - Dino Thomas |
| Beatér - batédor | Dementors - dementadores |
| Bertie Bott's Every Flavor Beans – Feijõezinhos de Todos os Sabores | Dudley - Duda |
| Bill Weasley - Gui Weasley | Dung Bombs - bombas de bosta |
| Blast Ended Skrewt - Explosivim | Fang - Canino |
| Bludger - balaço | Floo Powder - Pó de Flu |
| Boggart - bicho-papão | Flourish and Blotts - Floreios e Borrões |
| Buckbeak - Bicuço | Galleons - galeões |
| Burrow, the – Toca, a | Golden Snitch - Pomo de ouro |
| Charlie Weasley - Carlinhos Weasley | Grawp - Grope |
| Chaser - artilheiro | Grim - sinistro |
| Crookshanks - bichento | Gryffindor - Grifinória (quando se trata da casa) |
| Crouch Bartemius - Bartô Crouch | Head Boy (Girl) - Monitor(a)-chefe |
| Daily Prophet, The - Profeta diário, O | Healer - curandeiro(a) |
| Dark Lord - Lorde das Trevas | Hedwig - Edwiges |

| | |
|---|---|
| Hog's Head - Cabeça de Javali | Quidditch - Quadribol |
| Honeydukes - Dedos de Mel | Ravenclaw - Corvinal (a casa) |
| Howler - Berrador | Remembrall - lembrol |
| Hufflepuff - Lufa-Lufa (a casa) | Riddle, Tom Marvolo - Riddle, Tom Marvolo ou Servoleo |
| James - Tiago | Room of Requirement - Sala Precisa |
| Keeper - goleiro | Scabbers - Perebas |
| Kingsley - Quim | Seamus Finnigan - Simas Finnigan |
| Knight Bus, the - Nôitibus Andante, o | Seeker - apanhador |
| Knockturn Alley – Travessa do Tranco | Shrieking Shack - Casa dos Gritos |
| Kreacher – Monstro | Sickles - sicles |
| Knuts - nuques | Slytherin - Sonserina (a casa) |
| Lila Brown - Lilá Brown Leaky | sneakoscope - bisbilhoscópio |
| Cauldron, the - Caldeirão Furado, o | Sorting Hat - Chapéu Seletor |
| Lily - Lilian | S.P.E.W. Society for the Promotion of Elfish Welfare – F.A.L.E. |
| Mad-Eye Moody - Olho-Tonto Moody | Thestral - testrálio |
| Marauder's Map - Mapa do Maroto | Uncle Vernon - Tio Válder |
| Mermaid - sereiano | Unspeakable - inominável |
| Metamorphmagus - metamorfomago | Wand - varinha |
| Moaning Myrtle - Murta-que-Geme | Weird Sisters, The - Esquisitonas, As |
| Moony - Aluado | Whomping Willow – Salgueiro Lutador |
| Mrs. Norris - Madame Nor-r-ra ou Madame Nora | Wizengamot - Suprema Corte dos Bruxos |
| Mudblood - sangue ruim | Wormtail – Rabicho |
| Muggle - trouxa | |
| Nearly Headless Nick - Nick-Quase-Sem-Cabeça | |
| NEWT (Nastily Exhausting Wizarding Test) - NIEM | |
| Ollivanders - Olivaras | |
| OWL (Ordinary Wizarding Level) - NOM | |
| Padfoot - Almofadinhas | |
| Parselmouth - ofidioglota | |
| Parseltongue - língua de cobra | |
| Peeves - Pirraça | |
| Pig/Pigwidgeon - Píchi/Pichitinho | |
| Polyjuice Potion - Poção Polissuco | |
| Portkey - chave de portal | |
| Prefect - Monitor(a) | |
| Pronygs - Pontas | |
| Quaffle - goles | |
| Quibbler, The - Pasquim, O | |

ÍNDICE

| | |
|-------------------------------------|--|
| Capítulo 1 | |
| O Outro Ministro – 04 | |
| Capítulo 2 | |
| Fim Do Spinner – 14 | |
| Capítulo 3 | |
| Vai ou Não Vai – 24 | |
| Capítulo 4 | |
| Horácio Slughorn – 34 | |
| Capítulo 5 | |
| Cansadas da Exibida – 46 | |
| Capítulo 6 | |
| A Mudança de Draco – 59 | |
| Capítulo 7 | |
| O Clube do Slughorn – 71 | |
| Capítulo 8 | |
| Snape Vitorioso – 85 | |
| Capítulo 9 | |
| O PRINCIPE MESTIÇO – 94 | |
| Capítulo 10 | |
| A Penseira – 106 | |
| Capítulo 11 | |
| Ajudando Hermione – 119 | |
| Capítulo 12 | |
| Prata e Opala – 130 | |
| Capítulo 13 | |
| O Segredo de Riddle – 141 | |
| Capítulo 14 | |
| Felix Felicis – 152 | |
| Capítulo 15 | |
| O Voto Inquebrável – 164 | |
| Capítulo 16 | |
| Um Natal Muito Gelado – 176 | |
| Capítulo 17 | |
| Uma Memória Preguiçosa – 189 | |
| Capítulo 18 | |
| Surpresas de Aniversário – 202 | |
| Capítulo 19 | |
| História de Elfos - 215 | |
| Capítulo 20 | |
| O Pedido de Lord Voldemort – 228 | |
| Capítulo 21 | |
| A Sala Não Localizável – 241 | |
| Capítulo 22 | |
| Depois do Enterro – 253 | |
| Capítulo 23 | |
| Horcruxes - 265 | |
| Capítulo 24 | |
| Sectumsempra – 276 | |
| Capítulo 25 | |
| O Vidente ouvido secretamente - 288 | |
| Capítulo 26 | |
| A Caverna – 299 | |
| Capítulo 27 | |
| A Torre atingida pelo Raio - 311 | |
| Capítulo 28 | |
| O vôo do Príncipe – 321 | |
| Capítulo 29 | |
| O Lamento da Fênix - 329 | |
| Capítulo 30 | |
| A TUMBA BRANCA - 341 | |

-- Capítulo 1 --

O Outro Ministro

Era quase meia-noite e o Primeiro Ministro estava sentado sozinho em seu escritório, lendo um longo memorando que percorria seu cérebro sem deixar vestígios de qualquer significado. Ele esperava por uma ligação do Presidente de um país bem distante e, entre o pensamento de quando aquele homem desprezível ligaria e a tentativa de esquecer as memórias desagradáveis do que tinha sido uma longa, cansativa e difícil semana, não havia mais espaço algum em sua mente para qualquer outra coisa. Quanto mais ele tentava concentrar-se no texto da página em sua frente, mais claramente o Primeiro Ministro podia ver o rosto triunfante de um dos seus oponentes políticos. Esse oponente em particular, havia aparecido nas notícias naquele dia, não apenas para enumerar todas as coisas terríveis que haviam acontecido na última semana (como se alguém precisasse ser lembrado) mas também para explicar que toda e qualquer uma delas era culpa do governo.

O pulso do Primeiro Ministro acelerou-se diante de todas aquelas acusações, que não eram nem justas nem verdadeiras.

Como podia seu governo deter o derrubamento daquela ponte? Era ultrajante para qualquer um sugerir que eles não estavam investindo o suficiente em pontes. A ponte tinha pouco menos de dez anos, e nem os especialistas conseguiam explicar como ela havia se partido em dois, lançando uma dúzia de carros às profundezas aquosas do rio abaixo. E como alguém poderia ter a ousadia de insinuar que a falta de policiais que havia resultado naqueles dois sórdidos e afamados assassinatos? Ou que o governo havia de alguma maneira previsto o furacão anormal no Oeste que havia causado danos tanto às pessoas quanto às propriedades? Era sua culpa se um dos seus Jovens Ministros, Herbert Chorley, havia escolhido essa semana para agir tão peculiarmente que ia estar passando muito mais tempo com sua família?

Um terrível estado de espírito assolou o país, o oponente havia concluído, mal ocultando sua larga expressão.

E, infelizmente, isso era perfeitamente verdade. O Primeiro Ministro mesmo sentia isso; as pessoas realmente pareciam mais miseráveis que o normal. Até o tempo estava sombrio; toda essa fria neblina no meio de Julho... Isso não estava certo... Isso não era normal...

Ele acabou a segunda página do memorando, viu o quão longe tinha ido e desistiu de uma vez desse trabalho mau feito. Alongando seus braços acima de sua cabeça, olhou em torno do seu escritório desapontado. Era uma bonita sala, com uma fina lareira de granito em frente às longas janelas uniformes, fechadas firmemente contra neblina fora de estação. Com um leve trêmor, o Primeiro Ministro levantou-se e seguiu em direção a janela, observando a fina neblina pressionando-se contra o vidro. Quando ele retornava para o quarto, ouviu uma fraca tosse atrás de si.

Ele congelou, frente a frente com sua própria expressão de medo refletida no escuro vidro. Ele reconheceu aquela tosse. Ele já a tinha ouvido antes. Ele se virou, bem lentamente, encontrando com a sala vazia.

- Olá? Ele tentou soar mais bravo do que se sentia.

Por um curto momento ele se permitiu apegar-se a uma impossível esperança de que ninguém pudesse responder. Entretanto, uma voz respondeu primeiro, rápida, a voz decisiva soou apesar de estar lendo um relato preparado. Estava

vindo – como o Primeiro Ministro já tinha conhecimento desde a primeira tosse – o pequeno homem parecia um sapo vestindo uma longa peruca prata a qual estava pintada em uma pequena e suja imagem a óleo na outra extremidade do quarto.

- Para o Primeiro Ministro dos trouxas. É urgente nosso encontro. Por gentileza responda imediatamente. Sinceramente. Fudge.

O homem na pintura olhou investigando o Primeiro Ministro.

- Er... disse o Primeiro Ministro: - Escute... essa não é uma boa hora para mim... eu estou esperando um telefonema, você entende...do presente do...

- Isso terá que ser remarcado disse o quadro de uma vez. O coração do Primeiro Ministro parou. Ele estava apavorado com aquilo.

- Mas eu realmente estava de preferência esperando falar...

- Que tal arranjarmos que o Presidente esqueça de telefonar? Ele ligará amanhã a noite ao invés de hoje. disse o pequeno homem - Gentilmente responda imediatamente para o Sr. Fudge.

- Eu... ah... muito bem. Disse o Primeiro Ministro fragilmente - Sim. Eu verei Fudge.

Ele apressou-se de volta a sua mesa arrumando sua mesa então partiu. Ele tinha apenas retomado a sua cadeira, e arrumado em sua face o que ele esperava uma relaxada expressão, quando brilhantes chamas verdes explodiram de dentro da lareira vazia, abaixo de sua abóbada de granito. Ele assistiu, tentando não denunciar a centelha de surpresa ou alarme, então um distinto homem apareceu por entre as chamas girando tão rápido até o topo. Segundos depois, ele tinha escalado para fora encima de um fino tapete antigo, escovando a cinza da longa manga listrada de sua capa, um coco e verde chapéu amassado em suas mãos.

- Ah... Primeiro Ministro... disse Cornélio Fudge, caminhando, com a mão estendida à frente É bom, vê-lo de novo.

O Primeiro Ministro não poderia honestamente expressar-se satisfeito por ver Fudge, que em suas ocasionais aparições, aparentemente sendo um grande alarme entre ambos, geralmente indicava que ele estava ouvindo algumas más notícias. Além disso, Fudge estava lançando um olhar distintamente ansioso. Ele estava mais magro, mais calvo e grisalho e sua face tinha uma enrugada expressão. O Primeiro Ministro tinha visto aquele tipo de expressão em políticos antes, e nunca é um bom sinal.

Como eu posso ajudá-lo? Ele disse, apertando a mão de Fudge brevemente gesticulando em direção a mais distante das cadeiras em frente a mesa.

- Difícil saber por onde começar murmurou Fudge, arrastando a cadeira, sentando e depositando o chapéu em seus joelhos O que uma semana, o que uma semana...

- Tive uma péssima semana também, e você? Perguntou o Primeiro Ministro com rigor, esperando conduzir a conversa que ele já entendia por encerrada e apanhou um objeto na mesa já sem nenhuma expectativa de ajudar Fudge.

- Sim, é claro. Disse Fudge, esfregando seus olhos cansadamente e olhou de forma impertinente para o Primeiro Ministro Eu tenho tido a mesma semana que você teve, Primeiro Ministro. A ponte de Broakdale... os assassinos Bonés e Vance... sem mencionar a desordem em West Country...

- Você – er – seu – eu quero dizer, alguns do seu pessoal estiveram – estiveram envolvidos com estes – estes acontecimentos, não é?

Fudge fitou o Primeiro Ministro com um especial carrancudo olhar.

- Claro que eles estiveram ele disse Certamente, você percebeu o que vem acontecendo?

- Eu... hesitou o Primeiro Ministro.

Isso era precisamente um tipo de comportamento que o fazia apreciar muito menos, as visitas de Fudge. Ele era, apesar de tudo, o Primeiro Ministro e não apreciava ser feito de ignorante, como um garoto de escola. Mas claro, ele estava apreciando isso desde sua primeira visita com Fudge, em sua primeira noite como Primeiro Ministro. Ele lembrou-se como se fosse ontem e sabia que isso o amedrontaria até seus últimos dias.

Ele permaneceu em pé sozinho em seu escritório, saboreando o triunfo que era seu depois de tantos anos de sonho e planejamento, quando ele tinha ouvido a fraca tosse as suas costas, apenas como hoje a noite, e virou-se para encontrar aquele pequeno e feio retrato falando com ele, anunciando que o Ministro da Magia tinha chegado e estava sendo introduzido.

Naturalmente, ele tinha pensado que a longa campanha e tensão que as eleições tinham causado nele o levariam a loucura. Ele estava aterrorizado para encontrar o retrato falando com ele, apesar de este não ter sido nada comparado em como ele tinha se sentido quando um autoproclamado bruxo saltou da lareira e apertou sua mão. Ele ficou mudo durante a amigável explicação de Fudge de que havia bruxas e bruxos ainda morando em secretas partes do mundo, e seu ato seguro de que ele não estava incomodando sua cabeça sobre eles o Ministro da Magia se sentiu na responsabilidade sobre toda a comunidade mágica e preveniu a população não-mágica de não ter consciência deles. Isso era, Fudge disse, um trabalho difícil que engloba todos os regulamentos de responsabilidade no uso de vassouras para manter a população de dragões sob controle (o Primeiro Ministro lembrou de ter agarrado com força o suporte da mesa nesse ponto). Fudge então deu um tapinha no ombro do ainda abismado Primeiro Ministro de uma maneira paterna.

- Não se preocupe. Ele tinha dito Há chances de você nunca me ver de novo. Eu apenas o incomodarei caso alguma coisa realmente séria aconteça, algo que possa afetar os Trouxas - a população não-mágica, eu deveria dizer. De qualquer forma, viva e deixe viver. E eu devo dizer, você está aceitando isso muito melhor que seu antecessor. Ele tentou me jogar para fora da janela, pensou que era trote planejado pela oposição.

Neste ponto, o Primeiro Ministro havia encontrado a voz que se perdera.

- Você – você não é um trote, então?

Isso tinha sido sua última desesperada esperança.

- Não. Disse Fudge gentilmente Não. Eu receio que eu não sou. Veja.

E ele transformou a xícara de chá do Primeiro Ministro em um rato.

- Mas. disse o Primeiro Ministro ofegante, assistindo a sua xícara de chá roer a ponta de seu discurso Mas, por que – por que ninguém me disse?

- O Ministro da Magia apenas se revela para o Primeiro Ministro Trouxa no Dia da sua posse. Disse Fudge, guardando sua varinha de volta em sua jaqueta Nós achamos que é o melhor jeito de se manter o segredo.

- Mas, então... balbuciou o Primeiro Ministro mas por que não tem uma preparação para o Primeiro Ministro?

Então, nesse ponto, Fudge realmente riu.

- Meu querido Primeiro Ministro, você não vai contar a ninguém?

Ainda gargalhando, Fudge jogou um pouco de pó na lareira, encaminhando-se para dentro das chamas esmeraldas e desapareceu com um forte som de um sopro. O Primeiro Ministro pôs-se de pé, permanecendo completamente imóvel, e percebeu que ele nunca, não importava o quanto vivesse, ousaria mencionar esse encontro a nenhuma alma viva, pois quem em todo esse vasto planeta acreditaria nele?

O choque o pegou de surpresa por um momento enquanto desaparecia. Por um tempo ele tentou se convencer de que Fudge tinha realmente sido uma alucinação provocada pela carência de sono devido à campanha de eleição. Em uma inútil tentativa de livrar-se das lembranças desse desconfortável encontro, ele deu o rato para sua alegre sobrinha e instruiu seu secretário pessoal de tirar aquele quadro do homem feio que anunciou a vinda de Fudge. Para o pavor do Primeiro Ministro, entretando, o quadro tornou-se impossível de ser retirado. Quando vários carpinteiros do tesouro público acabaram com suas tentativas, sem sucesso, de arrancar o quadro da parede, o Primeiro Ministro desistiu da idéia e simplesmente resolveu ter esperança de que a coisa permanecesse imóvel e em silêncio pelo resto de seus serviços naquele escritório. Ocasionalmente, ele poderia jurar que avistou, pelo canto do olho, o ocupante do quadro bocejar, ou coçar seu nariz; mesmo que, na primeira ou segunda vez, simplesmente andando pela sua imagem, e deixando nada, apenas uma esticada lona enlameada. Contudo, ele havia treinado a si mesmo, muito bem, para não olhar para a pintura, e sempre dizia firmemente para ele mesmo que seus olhos estavam brincando com ele, quando alguma coisa como essa acontecia.

Então, três anos depois, em uma noite muito parecida com essa, o Primeiro Ministro estava sozinho em seu escritório quando o quadro mais uma vez, anunciou a iminente chegada de Fudge, que explodiu por entre a lareira, encharcado em um estado de considerável pânico. Antes que o Primeiro Ministro pudesse perguntar por que ele estava pingando por todo o seu Axminster, Fudge começou falando alto sobre uma prisão que o Primeiro Ministro nunca tinha ouvido falar, sobre um homem chamado Serious Black, algo que soou como Hogwarts e um menino chamado Harry Potter, sendo que nada disso fazia o menor sentido para o Primeiro Ministro.

- Eu acabo de vir de Azkaban... Fudge ofegou, derramando um monte de água da borda de seu chapéu para dentro de seu bolso. No meio do Oceano Norte, você sabe, vôo asqueroso... os Dementadores estão em uma baderna. Ele estrêmeceu:

- Eles nunca tiveram uma fuga antes. De qualquer modo, eu tive que vir até você, Black é um conhecido assassino de trouxas e deve estar planejando a se reunir a Você – Sabe – Quem... mas claro você não sabe quem Você-Sabe-Quem é! Ele observou esperançoso o Primeiro Ministro por um momento, então disse Bem, sente-se, sente-se, é melhor contar tudo a você... tem um uísque...?

O Primeiro Ministro, particularmente, sentiu-se ofendido por ser mandado sentar-se em seu escritório, deixar de oferecer seu próprio uísque, mas ele sentou-se, no entanto. Fudge tinha puxado sua varinha, conjurando dois grandes copos cheios de um líquido âmbar que soltava uma fina fumaça, levou um deles as mãos do Primeiro Ministro e puxou uma cadeira.

Fudge falou por mais de uma hora. Em um ponto, ele se recusou a dizer um nome em voz alta, e o escreveu instantaneamente em um pedaço de papel,

que ele empurrou para a mão livre do Primeiro Ministro. Quando por fim Fudge levantou-se prestes a partir, o Primeiro Ministro pôs-se de pé também.

- Então, você acha que... ele deu uma olhada para baixo e fitou o nome em sua mão esquerda Lord Vol...

- Aquele que não deve ser nomeado! rangeu Fudge entre os dentes.

- Desculpe-me... você acha que aquele que não deve ser nomeado continua vivo, então?

- Bem, Dumbledore diz que sim. Disse Fudge enquanto puxava sua capa listrada para baixo do queixo mas nunca o encontramos. Se você me perguntar, ele não é perigoso, a menos que, ele não tenha um suporte, então com o Black, nós devemos ter cuidado.

- Sinalizaremos o perigo, então?

- Excelente. Bom, eu espero que não nos vejamos novamente, Primeiro Ministro! Boa-noite.

Mas se encontraram novamente. Menos de um ano depois, com um olhar perturbado, Fudge apareceu no fino ar no Gabinete do Primeiro Ministro para informá-lo que houve um pequeno aborrecimento durante o kadríbol (ou algo parecido) na Copa Mundial e que muitos trouxas estavam envolvidos, mas que o Primeiro Ministro não precisava se preocupar, o fato de que a marca de Você-Sabe-Quem foi vista novamente não significa nada; Fudge estava certo de que eram fatos isolados e que a ligação com o escritório trouxa estava partindo-se, com todas as modificações que eles falaram.

- Oh, e eu quase me esqueci Fudge acrescentou Nós estamos importando três dragões estrangeiros e uma esfinge para o Torneio Tribuxo, apenas rotina, mas o Departamento de Regulamentação e Controle de Criaturas Mágicas me disse que está no livro de regras que eu devo notificar você caso nós trouxermos criaturas muito perigosas para dentro do país.

- Eu – o que – dragões? Balbuciou o Primeiro Ministro.

- Sim, três deles. Disse Fudge E uma esfinge. Bom, tenha um bom dia.

O Primeiro Ministro apegando-se a um fio de esperança de que os dragões e a esfinge fossem o pior disso tudo, mas não. Menos de dois anos mais tarde, Fudge explodiu em sua lareira novamente, dessa vez com notícias sobre uma fuga em massa de Azkaban.

- Uma fuga em massa? O Primeiro Ministro repetiu rouco.

- Mas não se preocupe, não precisa se preocupar! Fudge gritou, já com um dos pés nas chamas. Nós iremos cuidar disso – eu apenas pensei que seria bom informá-lo!

E antes que o Primeiro Ministro pudesse dizer alguma coisa,

- Agora, só espere um momento! Fudge partiu por entre as chuvas de chamas verdes.

Sem se importar com a pressão e tudo o que a oposição dizia, o Primeiro Ministro não era um tolo. Essas notícias não tinham escapado de sua sala, nem as maliciosas garantias de Fudge desde o primeiro encontro, eles estavam agora se vendo mais freqüentemente, nem o fato de que Fudge aparecia cada vez mais nervoso do que nas visitas posteriores. Apesar dele gostar de toda essa coisa sobre o Ministro da Magia (ou, como ele sempre chamada Fudge, o Outro Ministro), o Primeiro Ministro não poderia ajudar, mas sentia que da próxima vez que Fudge aparecesse as notícias seriam muito mais graves. A visão, então, de Fudge caminhando para fora do fogo uma vez mais, seu olhar confuso e nervoso e extrêmamente surpreso, fez com que o

Primeiro Ministro não soubesse exatamente a razão dele estar ali, era sobre a pior coisa que poderia acontecer no curso dessa sombria semana.

- Como eu deveria saber o que anda acontecendo – er – comunidade bruxa? Estourou o Primeiro Ministro agora. Eu tenho um país para fazer andar e eu estou carregado de problemas agora, sem...

- Nós temos os mesmo problemas, Fudge interrompeu. A ponte de Brockdale ainda não apareceu. E aquela não foi somente uma tempestade. Aqueles assassinatos não eram trabalhos para trouxas. E a família de Herbert Chorley seria salva sem ele.

- Nós estamos, no presente momento, fazendo acordos para que ele seja transferido para o Hospital St. Mungos para Doenças e Danos Mágicos. A transferência deve ser feita essa noite.

- O que você...eu receio...eu...o que? rosnou o Primeiro Ministro.

Fudge respirou longa e profundamente e disse Primeiro Ministro, eu sinto muito ter de lhe dizer que ele voltou. Aquele que não deve ser nomeado.

- Voltou? Quando você diz, voltou... ele está vivo? Eu quero dizer...

O Primeiro Ministro buscou em sua memória por detalhes daquela horrível conversa de três anos atrás, quando Fudge lhe disse sobre o bruxo que estava acima de todos os outros, o bruxo que havia cometido milhares de terríveis crimes antes de seu misterioso desaparecimento há 15 anos.

- Sim, vivo, disse Fudge. Isso é – eu não sei - há um homem que não pode ser morto? Eu não sei realmente explicar isso, e Dumbledore, provavelmente, não irá explicar isso – mas de qualquer forma, ele certamente conseguiu seu corpo de volta e está andando, falando e matando, eu suponho, este é o motivo dessa nossa discussão, sim, ele está vivo.

O Primeiro Ministro não sabia o que dizer quanto a isso, mas um persistente hábito de querer se parecer bem-informado em qualquer assunto, ele o obrigou a se lembrar de qualquer detalhes das conversas anteriores.

- Serious Black está com – er – aquele que não deve ser nomeado?

- Black? Black? Disse Fudge distraído, girando seu chapéu repetidas vezes em seus dedos Sírius Black, você quer dizer? Pelas barbas de Merlin, não. Black está morto. Digamos que nós – ah – estávamos enganados a respeito dele. Ele era inocente depois de tudo. E ele não era um partidário d'Aquele que não deve ser nomeado também. Eu quero dizer, ele acrescentou defensivamente, girando o chapéu ainda mais rápido, todas as evidências apontavam – nós tínhamos mais de 50 testemunhas oculares – mas de qualquer forma, como eu disse, ele está morto. Assassinado, se quer saber. Dentro do Ministério da Magia. Isso será investigado, evidentemente...

Para sua grande surpresa, o Primeiro Ministro sentiu-se apunhalado por Fudge neste momento. Isso foi, entretanto, quase escurecido por uma enorme bola de desapontamento enquanto pensava sobre isso, deficiente apesar de que ele deveria estar em uma das áreas de materialização de lareiras, nunca houve um assassino em qualquer departamento do governo acima das leis... Não ainda, de qualquer modo...

Enquanto o Primeiro Ministro disfarçadamente tocava no tampo de madeira de sua mesa, Fudge continuou, - Mas esqueça Black por agora. O fato é, nós estamos em uma guerra, Primeiro Ministro, e ações têm que serem feitas.

- Uma Guerra? Repetiu o Primeiro Ministro nervoso. Certamente, isso não é um exagero?

- Aquele que não deve ser nomeado tem se unido aos seus seguidos que escaparam de Azkaban em Janeiro, disse Fudge, falando mais e mais rapidamente, e rodando seu chapéu tão rápido que ele transformara-se em um cinza e verde distorcido Desde de que eles tiveram a liberdade, eles têm trazido a destruição. A ponte de Brookdale – ele fez isso, Primeiro Ministro, ele pôs em risco uma grande parte dos Trouxas até eu tomar partido dele e...

- Que sujeira, então isto tudo é sua culpa, todas essas pessoas estão sendo mortas e eu estou tendo que responder sobre cordames enferrujados e ligações corrompidas e eu não sei o que mais? disse o Primeiro Ministro furiosamente.

- Minha culpa! Disse Fudge, ruborizado. Você está dizendo que você teria pagado a um chantagista?

- Talvez não, disse o Primeiro Ministro, levantando-se e caminhando lentamente pela sala, mas eu teria colocado todo o meu poder para pegar o chantagista antes que ele cometesse qualquer outra atrocidade!

- Você realmente acha que eu não estou já fazendo todo o possível? Reclamou Fudge com o coração escapando pela boca. Todo auror do Ministério estava – e está – tentando encontrá-lo, além de todos os seus seguidores, mas nós estamos falando sobre um dos mais poderosos bruxos de todos os tempos, um bruxo, o qual, tem nos iludido sobre a sua posição por quase três décadas!

- Então, eu suponho que você irá me dizer que ele causou o ciclone no West Country, também? Disse o Primeiro Ministro, seu temperamento se elevando a cada vez que respirava. Isso o enfurecia, enquanto tentava descobrir a razão de todos aqueles terríveis desastres e não era certo dizer isso ao público; quase pior do que dizer que tudo isso era culpa do governo.

- Aquilo não foi um ciclone, disse Fudge miseravelmente.

- Desculpe-me! Gritou o Primeiro Ministro, agora positivamente andando de um lado para o outro. Três árvores desraigadas, pedras arrancadas, postes de rua quebrados, horríveis danos...

- Isso foi feito pelos Comensais da Morte, disse Fudge, os seguidores d'Aquele que não deve ser nomeado. E... e nós suspeitamos de um enorme envolvimento.

O Primeiro ministro parou de caminhar como se houvesse colidido com uma parede invisível.

- Que envolvimento?

Fudge fez uma careta, - Ele usou gigantes da última vez, quando ele queria causar um grande efeito. O Escritório do Departamento de Misterios (talvez) está trabalhando contra o relógio, nós tivemos times de Obliviadores tentando modificar as memórias de todos os Trouxas que viram o que realmente aconteceu, nós tivemos todo o Departamento de Regulamentação e Controle de Criaturas Mágicas Ronydando Sumerset, mas nós não conseguimos encontrar o gigante – isso é um desastre!

- Não diga isso! Falou o primeiro ministro furiosamente.

- Eu não direi que a ética está inabalada no Ministério, disse Fudge.

- Que depois depois de tudo isso, nós ainda perdemos Amélia Boones,

- Perderam quem?

- Amelia Boones. Chefe do Departamento de Aplicação das Leis Mágicas. Nós pensamos que aquele que não deve ser nomeado enfureceu-se com ela, porque ela uma talentosa bruxa e – e todas as evidencias eram de que ela se

meteu em uma terrível briga. Fudge limpou sua garganta e, com um esforço, e pareceu parar de rodar seu chapéu.

- Mas o assassinatos estavam nos noticiários, disse o Primeiro Ministro, momentaneamente divertindo-se com sua fúria. Nossos jornais. Amélia Boones... apenas disse que ela era uma mulher de meia-idade que vivia sozinha. Como um – um asqueroso assassinato, não é? Isso tinha uma nota especial de publicidade. A polícia está perplexa, você pode ver.

Fudge suspirou. - Bem, claro que eles estão. Morta em uma sala que foi trancada por dentro, não é? Nós, por outro lado, sabemos exatamente quem fez isso, não que isso nos auxilie a pegá-lo. E então houve Emmeline Vancem talvez você não tenha ouvido sobre o que...

- Oh sim eu ouvi! Disse o Primeiro Ministro. Aconteceu apenas há uma quadra daqui, como você deve saber. Os papéis tinham um campo de data com esse: Quebra de Leis e Ordem no jardim do primeiro ministro...

- E como se não bastasse, disse Fudge, dificilmente ouvindo o primeiro ministro, nós temos Dementadores por todos os lados, atacando pessoas pela esquerda, direita e no centro...

Pela primeira vez, feliz, essa frase soou incompreensível para o primeiro ministro, mas ele não se alertou.

- Eu pensei que os Dementadores guardavam a prisão de Azkaban. ele disse cuidadosamente.

- Eles guardavam, disse Fudge mas não o fazem mais. Eles deixaram a prisão e se aliaram Àquele que não deve ser nomeado. Eu não pretendia levar essa bofetada.

- Mas, disse o primeiro ministro, com um senso de profundo horror, não lhe contei que eles são criaturas que sugam a esperança e a felicidade das pessoas?

- Está certo. E estão se proliferando. E é o que está causando toda essa neblina.

O primeiro ministro afundou-se, com os joelhos bambos, para a cadeira mais próxima. A idéia de invisíveis criaturas descendo pela cidade a caminho do campo, dispersando tristeza e desesperança em seus votos, o fizeram se sentir completamente fraco.

- Agora veja aqui, Fudge – você fez tudo isso! Isso é sua responsabilidade como Ministro da Magia!

- Meu querido primeiro ministro, você não pode honestamente pensar que eu ainda sou Ministro da Magia depois de tudo isso. Eu fui demitido há três dias! Toda a comunidade bruxa gritou pela minha resignação por uma quinzena. Eu nunca os vi tão unidos em todo o meu período como Ministro! Disse Fudge, sorrindo depois de um grande esforço.

O primeiro ministro ficou momentaneamente sem palavras. Despistada sua indignação a posição que lhe foi dada, ele ainda sentiu-se particularmente mal com o olhar contraído do homem sentado a sua frente.

- Eu sinto muito, ele disse finalizando, Se houver algo que eu possa fazer?

- Isso é muito gentil da sua parte, Primeiro Ministro, mas não há nada. Eu fui enviado essa noite para contar-lhe sobre os recentes eventos e introduzi-lo a meu sucessor. Ele deveria estar aqui agora, mas é claro que ele está muito ocupado no momento com tudo o que vem acontecendo.

Fudge olhou a sua volta parando em direção ao quadro do pequenino homem feio vestindo uma longa peruca de cachos prata, que estava atrás de sua orelha em um ponto preso por uma pena.

Capturando o olhar de Fudge o quadro disse, Ele estará aqui em um momento, ele só está terminando uma carta para Dumbledore.

- Eu desejo-lhe sorte, disse Fudge, soando amargura, pela primeira vez. Eu estou escrevendo a Dumbledore duas vezes por dia desde a última quinzena, mas ele não mudou sua opinião. Se ele apenas se preparou para persuadir o garoto, eu devo ainda ser... bem, talvez Scrimgeour terá melhor sucesso.

Fudge afundou-se no que era óbvio e ferido silêncio, mas ele foi quebrado quase imediatamente pelo quadro, que repentinamente falou rapidamente em sua voz oficial.

- Ao Primeiro Ministro dos Trouxas. Requerimento a uma reunião. Urgente. Por gentileza responda imediatamente. Rufus Scrimgeour, Ministro da Magia.

- Sim, sim, ótimo, disse o primeiro ministro distraído, e lentamente as chamas da lareira tornaram-se verde-esmeralda, levantaram-se e revelaram um segundo bruxo se dilatando em seu coração, arremessando de volta seus pensamentos depois de um momento. Fudge juntou seus pés, e depois de alguns momentos de hesitação o primeiro ministro fez o mesmo, assistindo a nova entrada endireitada, afastou o pé de sua longa capa preta e olhou a sua volta.

O primeiro tolo pensamento do primeiro ministro foi de que Rufus Scrimgeour parecia um velho leão.

Havia mechas grisalhas em sua espécie de juba marrom-amarelada; ele tinha olhos penetrantes e também amarelados por trás dos óculos de armação metálica, e uma certa maneira de se movimentar encorpada e galopada, mesmo sendo ligeiramente manco. Houve uma impressão imediata de tenacidade e resistência, o primeiro ministro pensou que ele entendia o porquê da comunidade bruxa preferir Scrimgeour a Fudge como um líder, nesses tempos perigosos.

- Como vai você? Disse o primeiro ministro polidamente estendendo sua mão. Scrimgeour a agarrou brevemente, seus olhos varrendo a sala até puxar a varinha de dentro de sua capa.

Fudge lhe contou tudo? Ele perguntou, encaminhando-se até a porta e espremer sua varinha dentro do buraco da fechadura. O primeiro ministro ouviu um clique.

- Er – sim, disse o Primeiro Ministro. E se você não se importa, eu prefiro que a porta permaneça aberta.

- Eu prefiro não ser interrompido, disse Scrimgeour de imediato, ou visto, ele acrescentou, apontando para as janelas então as cortinas se arrastaram por ela. Certo, bom, eu sou um homem muito ocupado, então vamos aos negócios. Antes de tudo, nós precisamos discutir sua segurança.

O primeiro ministro afastou uma mecha de cabelo e respondeu, - Eu estou perfeitamente feliz com a segurança que eu já tenho, muito obrigado.

- Bom, nós não. Scrimgeour o cortou. Isso será uma pequena vigilância para os Trouxas se o Primeiro Ministro deles sofrer um feitiço Imperius. O novo secretário no seu próprio escritório.

- Eu não me livrarei de Kingsley Shackebolt, se é isso que você está sugerindo! Disse o primeiro ministro estrondoso. Ele é muito eficiente, faz duas vezes o trabalho que fazem os outros.

- Isso porque ele é um bruxo, disse Scrimgeour, sem uma única faísca de um sorriso. Vários aurores treinados, que estão determinando-se a protegê-lo.

- Agora, espere um momento! Declarou o primeiro ministro. Você não pode colocar o seu pessoal no meu escritório. Eu (*****)...

- Eu pensei que você estivesse satisfeito com Shackebolt? Disse Scrimgeour sem cordialidade.

- Eu estou – eu quero dizer, estava.

- Então há um problema, não há? Disse Scrimgeour.

- Eu...bem, se o trabalho de Shackebolt continuar a ser...er...excelente, disse o primeiro ministro lamentando, mas Scrimgeour dificilmente pareceu ouvi-lo.

- Agora, sobre Herbert Chortley – seu acessor junior, ele continuou.

- Aquele que vem entretenendo o público como um impressionante pato.

- O que tem sobre ele? Perguntou o primeiro ministro.

- Ele tem evidentemente uma medíocre performance de um Imperious, - disse Scrimgeour. Estragaram seu cérebro, mas ele ainda poderia ser perigoso.

- Ele só está grasnando! Disse o primeiro ministro fracamente.

- Certamente uma parte de todo o resto... talvez aconteça facilmente pela bebida...

- Um time de Curandeiros do Hospital St. Mungus para Doenças e Danos Mágicos está examinando ele, enquanto conversamos. Uma pena, que ele tenha se esforçado para estrangular três deles, disse Scrimgeour. Eu acho que é melhor, nós o removemos da sociedade Trouxa por um tempo.

- Eu...Bem...ele ficará bem, certo? disse o primeiro ministro ansioso. Scrimgeour somente deu de ombros, já se movendo em direção a lareira.

- Bom, isso é tudo o que eu tinha para dizer. Eu mantereí contato sobre o desenvolvimento, primeiro ministro – ou, por último, e acho que, provavelmente, estarei muito ocupado para fazê-lo pessoalmente, e nesse caso eu pensei que mandar Fudge vir aqui seria o melhor. Ele consentiu em permanecer tendo uma capacidade consultiva.

Fudge forçou um sorriso, mas sem sucesso; ele apenas olhou como se estivesse com dor de dente. Scrimgeour já estava procurando em seu bolso por algo de misterioso poder que atirou no fogo verde. O primeiro ministro contemplou esperançoso os dois por um momento, então as palavras lutaram com a surpresa de tudo explodiu nele por fim.

- Mas a propósito – vocês são bruxos! Vocês não podem fazer mágicas! De repente você pode ordenar – bem – qualquer coisa!

Scrimgeour virou lentamente até um ponto e trocou um olhar duvidoso com Fudge, que realmente obteve sucesso em um sorriso naquele momento e ele disse gentilmente, - O problema é o outro lado que pode fazer magia também, primeiro ministro.

E com isso, os dois bruxos caminharam um após o outro para dentro das chamas verdes e sumiram.

--Capítulo 2-- Fim Do Spinner

Muitas milhas dali, a névoa gélida que comprimia a janela do Primeiro Ministro se espalhava e ventava sobre um rio imundo entre bancos enormes de lixo. Uma imensa chaminé, resquício de uma usina desativada, se erguia, sombria e agourenta. Não havia som senão a da água escura e nenhum sinal de vida sem ser uma raposa que havia saído dos montes para buscar alguma embalagem velha de peixe com batatas-fritas no mato alto. Mas então, com um leve estalido, uma figura magra toda coberta apareceu do ar rarefeito do outro lado do rio.

A raposa congelou, seus olhos atentos fixos naquele estranho fenômeno. A figura manteve sua conduta por algum tempo, então se moveu como luz, passos largos, e sua longa capa se arrastando pelo chão.

Com um segundo e mais alto estalido, outra pessoa coberta se materializou.

- 'Espere!'

O grito alto assustou a raposa, agora se encolhendo quase plana no chão. Ela pulou de seu esconderijo para os montes. Ouve um lampejo de luz verde, um ganido, e a raposa caiu ao chão, morta. A outra figura encostou seu sapato na raposa.

- 'Só uma raposa, ' disse uma voz de mulher com tom de rejeição debaixo da capa.

- 'Pensei que talvez fosse um auror – Cissy, espere! '

Mas sua caça, que havia parado e olhado de volta ao fleche de luz, já estava subindo o monte onde a raposa havia acabo de cair.

- 'Cissy - Narcisa – me ouça - '

A segunda mulher alcançou a primeira e agarrou o seu braço, mas a outra se esquivou.

- 'Volte, Bella!'

- 'Você deve me ouvir!'

- 'Eu já ouvi. Eu já tirei a minha conclusão. Deixe-me só!'

A mulher chamada Narcisa alcançou o topo dos montes, onde uma linha de velhos trilhos separava o rio de uma estreita rua de pedras. A outra mulher, Bella, a seguiu. Lado a lado, elas ficaram olhando para as fileiras e fileiras de velhas casas de tijolos, suas janelas escuras e escondidas nas sombras.

- 'Ele mora aqui?' Perguntou Bella em uma voz de desdém. 'Aqui? Nessa imundice de trouxas? Nós devemos ser as primeiras do nosso tipo a pisar aqui.'

Mas Narcisa não estava ouvindo; ela tinha passado por uma abertura nas grades enferrujadas e já estava do outro lado da rua.

- 'Cissy, espere!'

Bella a seguiu, seu casaco ondeando atrás de si, e viu Narcisa correndo para uma ruela entra as casas em uma segunda rua, quase idêntica. Algumas das lamparinas estavam quebradas. As duas mulheres estavam correndo entre pedaços iluminados e outros com profunda escuridão. A perseguidora atingiu seu objetivo assim que ela virou outra esquina, dando certo a tempo de agarrar o seu braço segurando-a oscilante para que uma ficasse de frente para a outra.

- 'Cissy, você não deve fazer isso – você não pode confiar nele - '

- 'O Lord Negro confia nele, não confia?'

- 'O Lord Negro está... Eu creio... Enganado.' Bella ofegou, e seus olhos vislumbraram momentaneamente debaixo da capa enquanto ela olhava em volta para checar que estavam sozinhas. 'De qualquer modo, nos mandaram não dizerem do plano para ninguém. Isso é uma traição ao Lorde Negro.'

- 'Esqueça, Bella!' Rosnou Narcisa e ela tirou uma varinha de sua capa, segurando-a ameaçadoramente na cara da outra. Bella quase deu risadas.

- 'Cissy, sua própria irmã? Você não.'

'Não há nada mais que eu não faria!' Narcisa respirou, um tom de histeria na sua voz, e enquanto ela abaixou a varinha como uma faca, houve outro lampejo de luz.

Bella largou o braço de sua irmã como se estivesse em chamas.

- 'Narcisa!'

Mas Narcisa já havia corrido. Esfregando as mãos, a perseguidora a seguia mais uma vez, mantendo certa distancia agora, enquanto elas entravam no deserto labirinto das casas de tijolos. Ao fim, Narcisa correu até uma rua chamada Spinner's End, sobre a qual a chaminé da usina parecia flutuar como um gigante dedo repreensivo. Seus passos ecoavam na pavimentação enquanto ela passava por janelas de madeira quebradas, até que ela atingiu a última casa, de onde emanava uma luz fraca pela cortina de um aposento da parte de baixo.

Ela bateu na porta antes que Bella, praguejando sua respiração, tivesse alcançado-a. Juntas elas esperaram, ofegando fracamente, sentindo o cheiro do rio imundo que era levado até elas pela brisa da noite. Após alguns segundos, elas ouviram movimentação atrás da porta e ela se abriu com um estalo.

Uma parte de um homem pode ser vista olhando para elas, um homem com longos cabelos pretos cobrindo um rosto pálido e olhos negros.

Narcisa tirou seu capuz. Ela estava tão pálida que parecia brilhar na escuridão, o longo cabelo loiro descendo por suas costas dava a ela a aparência de uma pessoa afogada.

- 'Narcisa!' Disse o homem, abrindo um pouco mais a porta, para que a luz caísse sobre ela e sua irmã. 'Que doce surpresa!'

- 'Severus', ela disse em um suspiro cansado. 'Posso falar com você? É urgente'.

- 'Mas é claro.'

Ele deu um passo atrás para que ela pudesse entrar na casa. Sua irmã ainda encapuzada a seguiu sem ser convidada.

- 'Snape,' disse curtamente quando passou.

- 'Bellatrix,' ele respondeu, sua boca fina se ondulando em um sorriso zombeteiro enquanto ele fechava a porta com um estalo atrás deles.

Eles foram direto a uma minúscula sala de estar, que dava a sensação de uma cela escura para loucos. As paredes eram completamente cobertas de livros, a maioria deles encadernados com um velho couro preto ou marrom; um sofá surrado, uma velha poltrona e uma mesa raquítica ficavam agrupadas juntas em uma poça de luz fraca vinda de uma lâmpada cheia de velas pendurada no teto. O lugar tinha um ar de negligência, mesmo que não estivesse sempre desabitado.

Snape indicou o sofá para Narcisa. Ela tirou a sua capa, a colocou de lado e se sentou, olhando para suas mãos brancas e trêmidas no seu colo. Bellatrix tirou sua capa mais vagorosamente. Em dúvidas com a honestidade de sua irmã,

com olhos pesarosos e o queixo firme, ela não desviou o olhar de Snape enquanto ele se movia para ficar atrás de Narcisa.

- 'Então, o que eu posso fazer por você?' Snape perguntou, se sentando na poltrona de frente para as duas irmãs.

- 'Nós... Nós estamos sozinhos, não estamos?' Narcisa perguntou em voz baixa.

- 'Sim, é claro. Bem, Rabicho está aqui, mas nós não estamos contando os vermes, estamos?'

Ele apontou sua varinha para a parede de livros atrás de si e, com um estalo, uma porta escondida se abriu, revelando uma estreita escadaria na qual um pequeno homem jazia congelado.

- 'Como você já deve ter notado, Rabicho, nós temos visitas.' Disse Snape vagarosamente.

O homem rastejou de um modo corcunda os últimos degraus e se moveu pela sala.

Ele tinha os olhos pequenos e aquosos, nariz pontudo e tinha um sorriso desagradável. Sua mão esquerda estava acariciando a sua direita, que parecia estar em uma luva pratéada.

- 'Narcisa!' Ele disse, em uma voz guinchante, 'e Bellatrix! Que encantador.'

- 'Rabicho vai nos preparar drinques, se vocês quiserem,' disse Snape. 'E depois ele voltará para o seu quarto'.

Rabicho se assustou como se Snape tivesse jogado algo nele.

- 'Eu não sou seu criado!' Ele chiou, desviando o olhar de Snape.

- 'Mesmo? Eu tive a impressão que o Lord o colocou aqui para me auxiliar.'

- 'Auxiliar, sim – mas não para preparar as suas bebidas e – e limpar sua casa!'

- 'Eu não tinha idéia, Rabicho, que você desejava serviços mais perigosos,' disse Snape com uma voz suave. 'Isso pode facilmente ser arrumado; eu posso falar com o Lord das Trevas.'

- 'Eu mesmo posso falar com ele se eu quiser!'

- 'É claro que pode', disse Snape, zombeteiro. 'Mas enquanto isso nos traga drinques. Um pouco de vinho feito por elfos deve servir.'

Rabicho exitou por um momento, olhando como se quisesse argumentar, mas depois se virou e foi em direção a uma segunda porta secreta. Eles ouviram barulhos e batidas de copos. Em segundos ele estava de volta, carregando uma garrafa empoeirada e três taças em uma bandeja. Ele as colocou na mesinha instável e correu da presença deles, batendo a porta coberta de livros atrás de si.

Snape despejou duas taças de vinho vermelho-sangue e entregou duas delas às irmãs. Narcisa murmurou uma palavra de agradecimento, enquanto Bellatrix não disse nada, mas continuou a encarar Snape. Isso não pareceu o perturbar; pelo contrário, ele parecia entretido.

- 'O Lord Negro,' ele disse, entornando o copo secando-o. As irmãs o copiaram. Snape encheu suas taças novamente.

Assim que Narcisa tomou seu Segundo copo. Ela disse depressa, - 'Severus, me desculpe vir aqui assim, mas eu tinha que ver você. Eu acho que você é o único que pode me ajudar-'

Snape levantou a mão para fazê-la parar, então apontou sua varinha para a porta oculta das escadas. Houve um estalido alto e um guincho, seguido do som de Rabicho subindo as escadas correndo.

- 'Meus perdões', disse Snape. 'Ele ultimamente tem ouvido atrás das portas, eu não sei o que deu nele... Você dizia, Narcisa...?'

Ela tomou um grande, estrêmecido golpe de ar e começou novamente.

- 'Severus, eu sei que eu não deveria estar aqui, me foi dito para não dizer para ninguém mas.'

- 'Então você manter sua boca fechada!' rosnou Bellatrix. Ainda mais na presente companhia!

- 'Presente companhia?' repetiu Snape iRonyicamente. 'E o que eu devo entender por isso, Bellatrix?'

- 'Que eu não confio em você, Snape, como você bem sabe!'

Narcisa deixou escapar um som que soou como um soluço molhado e cobriu seu rosto com as mãos. Snape colocou seu copo na mesa e se recostou novamente, suas mãos sobre os braços da poltrona, sorrindo ao olhar furioso de Bellatrix.

- 'Narcisa, eu acho que nós devemos ouvir o que Bellatrix tem a dizer; isso vai nos poupar algumas interrupções tediosas. Bem, continue, Bellatrix.' Disse Snape. 'Porque é que você não confia em mim?'

- 'Por cem motivos!' Ela disse em voz alta, dando um passo largo de trás do sofá para colocar seu copo sob a mesa. 'Por onde começar? Onde você estava quando o Lord Negro caiu? Porque você nunca tentou achá-lo quando ele desapareceu? O que você tem feito durante todos esses anos em que você ficou no bolso de Dumbledore? Porque você impediu o Lord Negro de alcançar a Pedra Filosofal? Porque você não retornou depois que o Lord Negro renasceu? Onde você estava algumas semanas atrás, quando batalhamos para reaver a profecia para o Lord? E porque, Snape, Harry Potter ainda está vivo, quando você o teve à sua mercê por cinco anos?'

Ela pausou, seu tórax subindo alto e descendo rapidamente, a cor forte em suas bochechas. Atrás dela, Narcisa estava sem emoções, sue rosto ainda Escondido entre suas mãos. Snape sorriu.

- 'Antes de eu te responder - oh, sim, Bellatrix, eu vou responder! Você pode levar a minha palavra até os outros que sussurram às minhas costas, e carregam falsas histórias da minha dedicação ao Lord Negro. Eu te respondo, eu digo, deixe-me fazer uma pergunta antes. Você realmente acha que o Lord Negro não me fez cada uma dessas perguntas? E você realmente acha que, se eu não tivesse dado respostas satisfatórias, eu estaria aqui conversando com você? '

Ela hesitou.

- 'Eu sei que ele acredita em você, mas...'

- 'Você acha que ele está errado? Que eu o passei a perna de alguma forma? Enganar o Lord Negro, o grande bruxo, o maior cúmplice da Legitimância que o mundo já viu?'

Bellatrix não disse nada, mas parecia, pela primeira vez, um pouco derrubada. Snape não pressionou. Ele pegou o seu drinque novamente, deu um gole, e continuou. - 'Você me pergunta onde eu estava quando o Lord Negro caiu. Eu estava onde ele me ordenou que estivesse, na Escola de Bruxaria e Magia de Hogwarts, porque ele me queria espionando Alvo Dumbledore. Você sabe, eu presumo, que foi por ordens do Lord Negro que eu assumi o posto? '

Ela afirmou quase imperceptivelmente e então abriu a boca, mas Snape foi mais rápido que ela.

- 'Você me pergunta por que eu não tentei encontrá-lo quando ele sumiu. Pela mesma razão que Avery, Yaxley, os Carrows, Greyback, Lucius' ele inclinou sua cabeça um pouco para Narcisa, 'e muitos outros não tentaram achá-lo. Eu acreditei que ele estivesse morto. Não tenho orgulho disso, eu estava errado, mas é isso... Se ele não tivesse perdoado aqueles que perderam a fé naqueles tempos, ele teria muito poucos seguidores agora.'

- 'Ele teria a mim!' disse Bellatrix com veemência. 'Eu, que passei muitos anos em Askaban por ele!'

- 'Sim, de fato, muito admirável,' disse Snape em uma voz entediada. 'É claro, você não foi de muito uso para ele na prisão, mas o gesto foi sem dúvida admirável!'

- 'Espere!' ela riu; na sua fúria ela parecia um pouco louca. 'Enquanto eu suportava os Dementadores, você ficou em Hogwarts, confortavelmente brincando de ser o bichinho de estimação de Dumbledore!'

- 'Não necessariamente.' Disse Snape calmamente. 'Ele não iria me dar o cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, você sabe. Parecia pensar que, ah, me traria de volta aos meus velhos modos.'

- 'Esse foi o seu sacrifício pelo Lord Negro? Não ensinar sua matéria favorita?' Ela zombou. 'Porque você ficou lá todo esse tempo, Snape? Ainda espiando Dumbledore para um mestre que você acreditava estar morto?'

- 'Quase,' disse Snape, 'embora o Lord Negro esteja agradecido que eu não tenha deixado o meu posto; eu tinha dezesseis anos de informações sobre Dumbledore para dar a ele quando ele retornasse, um presente de boas vindas um pouco mais útil do que imensas lembranças de como horrível Askaban é...'

- 'Mas você ficou!'

- 'Sim Bellatrix, eu fiquei,' disse Snape, demonstrando um pouco de impaciência pela primeira vez. 'Eu tinha um trabalho confortável. Eles estavam na cola dos Comensais da Morte, você sabe. A proteção de Dumbledore me manteve fora da cadeia, foi muito conveniente e eu usei isso. Eu repito: o Lord Negro não achou ruim de eu ter ficado, então eu não vejo porque você acha.'

- 'Eu acho que a próxima coisa que você queria saber,' ele continuou, um pouco mais alto, para que Bellatrix não demonstrasse sinais de o interromper, 'porque eu fiquei entre o Lord Negro e a Pedra Filosofal. Isso é facilmente respondido. Ele não sabia se podia confiar em mim. Ele pensou, como você, que eu tinha passado de um grande Comensal da Morte a servente de Dumbledore. Ele estava num estado lastimável, muito fraco, usando o corpo de um bruxo medíocre. Ele não se atreveria a se mostrar para seus aliados se esses aliados pudessem trocá-lo por Dumbledore ou pelo Ministério. Eu sinto muito que ele não confiasse em mim. Ele teria retornado ao poder três anos mais cedo. E como foi, eu só vi um voraz e indigno Quirell tentando roubar a Pedra e, eu admito, eu fiz tudo que eu pude para impedi-lo.'

A boca de Bellatrix trêmeu como se ela tivesse tomado uma indesejada dose de medicamentos.

- 'Mas você não voltou quando ele retornou, você não voou de volta a ele quando você sentiu a Marca Negra queimando!'

- 'Correto. Eu retornei duas horas depois. Eu voltei sob as ordens de Dumbledore.'

- 'Sob Dumbledore?' Ela começou, em tons de ultraje.

- 'Pense!' Disse Snape, impaciente novamente. 'Pense! Ao esperar duas horas, eu garanti que eu iria ficar em Hogwarts como um espião! Ao fazer Dumbledore

acreditar que eu só estava voltando para o lado do Lord Negro porque ele me ordenou, eu fui capaz de passar informações sobre Dumbledore e a Ordem da Fênix desde sempre! Considere, Bellatrix: a Marca Negra vinha queimando há meses, eu sabia que ele iria retornar, todos os Comensais sabiam! Eu tinha muito tempo para pensar no que eu queria fazer, então planejar meu próximo passo, e então não tive que fugir como Karakaroff!

- 'O desgosto do Lord Negro ao meu atraso desapareceu completamente, eu lhe asseguro, quando eu lhe expliquei que eu continuava fiel, mesmo Dumbledore pensando que eu era o seu homem. Sim, o Lord Negro achou que eu o tinha deixado para sempre, mas ele estava enganado.'

- 'Mas você foi de que uso?' Zombou Bellatrix. 'Que informações úteis nos recebemos de você?'

- 'Minha informação tem sido entregue diretamente ao Lord,' disse Snape. 'Se ele decide não dividir com você...'

- 'Ele divide tudo comigo!' disse Bellatrix, pegando fogo de uma vez. - 'Ele me chama de sua mais leal, sua mais fiel!'

- 'Ele chama?' Disse Snape, sua voz mudada delicadamente para mostrar sua desconfiança. 'Ele ainda chama depois do fiasco no Ministério?'

- 'Aquilo não foi minha culpa!' Disse Bellatrix, ficando vermelha. 'O Lord Negro confiou em mim, no passado, seu mais precioso – se Lucius não tivesse...'

- 'Você não ouse – não ouse culpar meu marido!' disse Narcisa, em uma voz baixa e apática, olhando para sua irmã.

- 'Não há porque culpar ninguém,' disse Snape com calma. 'O que está feito está feito.'

- 'Mas não por você!' disse Bellatrix furiosa. 'Não, mais uma vez você estava ausente enquanto o resto de nós corria perigo, não estava, Snape?'

- 'Minhas ordens foram para ficar atrás,' disse Snape. 'Talvez você discorde com o Lord Negro, talvez você ache que Dumbledore não teria notado se eu tivesse me unido aos Comensais da Morte para lutar com a Ordem da Fênix? E – perdoe-me – você fala de perigo... Vocês estavam enfrentando seis adolescentes, não estavam?'

- 'Eles estavam juntos, como você bem sabe, com metade da Ordem pra começar!' rosou Bellatrix. 'E, enquanto você está falando da Ordem, você ainda diz que não pode revelar o paradeiro do quartel-general deles, não é?'

'Eu não sou o Guardador do Segredo, eu não posso falar o nome do lugar. Você entende como o encantamento funciona, eu acho? O Lord Negro está satisfeito com as informações que eu passei para ele sobre a Ordem. Elas permitiram, como talvez você tenha adivinhado, a recente captura e assassinato de Emmeline Vance, e certamente ajudou a se livrar de Sírius Black, apesar de eu te dar todos os créditos por acabar com ele.'

Ele inclinou sua cabeça e a encarou. Sua expressão não se amenizou.

- 'Você está fugindo da minha última pergunta, Snape. Harry Potter. Você podia tê-lo matado a qualquer momento nos últimos cinco anos. Você não o fez. Por quê?'

- 'Você discutiu esse ponto com o Lord negro?' Perguntou Snape.

- 'Ele... Ultimamente, nós... Eu estou perguntando a você, Snape!'

- 'Se eu tivesse assassinado Harry Potter, o Lord Negro não poderia ter usado o seu sangue para regenerar, fazendo-o invencível.'

- 'Então você previu esse uso do garoto!' Ela zombou.

- 'Eu não previ; eu não tinha idéia de seus planos; eu já havia confessado que eu pensei que ele estava morto. Eu estou simplesmente tentando explicar porque o Lord Negro não está triste que Harry Potter tenha sobrevivido, pelo menos até um ano atrás...'

- 'Mas porque você o manteve vivo?'

- 'Você não me entendeu? Era somente a proteção de Dumbledore que estava me mantendo for de Askaban! Você discorda que assassinar o seu aluno predileto podia o ter colocado contra mim? Mas havia mais a fazer do que isso. Eu devo lembrá-la que quando Potter chegou a Hogwarts pela primeira vez, ainda haviam muitas histórias circulando sobre ele, rumores de que ele por ele mesmo era um bruxo do mal, que era o porquê dele ter sobrevivido ao ataque do Lord Negro. De fato, muitos dos antigo seguidores do Lord negro pensaram que Potter fosse um padrão no qual poderíamos nos apoiar mais uma vez. Eu estava curioso, eu admito, eu não iria matá-lo no momento em que o vi colocar o pé no castelo.'

- 'É claro, se tornou aparente para mim bem rapidamente que ele não tinha nenhum talento extraordinário. Ele se safou de grandes perigos por uma simples combinação de muita sorte e amigos talentosos. Ele é um medíocre do último nível, tão odioso e desprezível quanto seu pai era. Eu fiz o meu máximo para jogá-lo para fora de Hogwarts, onde eu acredito que ele raramente ficará, mas matá-lo, ou permitir que ele fosse morto na minha frente? Eu teria sido um tolo de arriscar, com Dumbledore tão próximo.'

- 'E nós devemos acreditar que Dumbledore nunca suspeitou de você?' Bellatrix perguntou. 'Ele não tem idéia da sua verdadeira obediência, ele confia cegamente em você?'

- 'Eu atuei bem,' disse Snape. 'E você negligencia a maior fraqueza de Dumbledore: ele sempre acredita no melhor das pessoas. Eu senti nele um toque de profundo remorso quando eu me juntei ao seu grupo, fresco dos dias de Comensal da Morte, e ele me recebeu de braços abertos – embora, como eu disse, me mantendo ao máximo afastado das Artes do Mal. Dumbledore tem sido um grande mago – oh sim, ele tem' (Bellatrix havia feito um barulho sarcástico) 'o Lord Negro reconhece isso. Eu tenho prazer em dizer, contanto, que Dumbledore está ficando velho. O duelo com o Lord Negro no último mês mostrou isso. Ele tem ficado em grande prejuízo porque suas reações são mais lentas do que eram antes. Mas por todos esses anos, ele não deixou de acreditar em Severus Snape, e é nisso que está o meu grande valor para o Lorde Negro.'

Bellatrix ainda parecia infeliz, embora ela aparecesse insegura de como atacar Snape agora. Tirando vantagem do seu silêncio, Snape se voltou para sua irmã.

- 'Agora... Você veio me pedir ajuda, Narcisa?'

Narcisa olhou para ele, seu rosto demonstrando seu desespero.

- 'Sim, Severus. Eu – Eu acho que você é o único que pode me ajudar, eu não tenho mais para onde ir. Lucius está preso e...' Ela fechou seus olhos e duas grossas lágrimas desceram de suas pálpebras.

'O Lord Negro me proibiu de falar disso,' Narcisa continuou, seus olhos ainda fechados. 'Ele não quer que ninguém saiba do plano. Ele é... muito secreto.'

- 'Mas...'

- 'Se ele proibiu, você não deve dizer,' disse Snape de uma vez. 'A palavra do Lord Negro é lei.'

Narcisa ofegou como se ele lhe tivesse atirado água gelada. Bellatrix parecia satisfeita pela primeira vez desde que ela tinha entrado na casa.

- 'Issol!' Ela disse triunfante para sua irmã. 'Até Snape concorda: te disseram para não falar, então não fale!'

Mas Snape havia se levantado e ido até a pequena janela, olhou pelas cortinas para a rua deserta, então as fechou com um empurrão. Ele se virou para Narcisa, franzindo as sobrancelhas. 'O que acontece é que eu já sei do plano,' ele disse em voz baixa. 'Eu sou um dos quais o Lord Negro contou. Entretanto, se eu não estivesse sabendo, Narcisa, você seria culpada de traição ao Lord Negro.'

- 'Eu achei que você sabia!' Disse Narcisa, respirando mais livremente. 'Ele confia tanto em você, Severus...'

- 'Você sabe do plano?' Disse Bellatrix, sua rápida expressão de satisfação substituída por um ar de ultraje. 'Você sabe?'

- 'Certamente,' disse Snape. 'Mas de que ajuda você precisa, Narcisa? Se você imagina que eu posso persuadir o Lord Negro a mudar de opinião, eu receio que não haja esperança. Nenhuma mesmo.'

- 'Severus,' ela sussurrou, lágrimas descendo por seu rosto. 'Meu filho... Meu único filho...'

- 'Draco deveria estar orgulhoso,' disse Bellatrix, indiferente. 'O Lord Negro está dando a ele uma grande honra. E eu digo isto por ele: ele não está se retraindo do seu dever, ele parece feliz de ter a chance de se mostrar capaz, excitado com a idéia de...'

Narcisa começou a chorar energeticamente, olhando suplicante para Snape.

- 'Isso é porque ele só tem dezesseis anos e não tem idéia do que o espera!'

- 'Porque, Severus? Porque o meu filho? É muito perigoso! Isso é vingança pelo erro de Lucius. Eu sei disso!'

Snape não disse nada. Ele desviava o olhar das lágrimas como se elas fossem indecentes, mas não podia fingir que não a ouvia.

- 'É por isso que ele escolheu o Draco, não é? Ela persistiu. 'Para punir o Lucius?'

- 'Se o Draco tiver sucesso,' disse Snape, ainda desviando o olhar dela, 'ela será honrado acima de todos os outros.'

- 'Mas ele não vai conseguir!' Soluçou Narcisa. 'Como ele poderia, quando o próprio Lord Negro não conseguiu?'

Bellatrix ofegou; Narcisa pareceu perder a energia.

- 'Eu só quis dizer que... Que ninguém conseguiu ainda... Severus... Por favor,...

- 'Você é, e sempre foi, o professor favorito do Draco... Você é um velho amigo do Lucius... Eu te imploro... Você é o favorito do Lord, seu aconselhador mais confiável... Você falará com ele, o convencerá?'

- 'O Lord Negro não será convencido, e eu não sou burro o suficiente para tentar,' disse Snape, vagamente. 'Eu não poso fingir que o Lord Negro não está zangado com Lucius. Lucius deveria estar comandando. Ele se deixou ser capturado, junto com muitos outros, e falhou em recuperar a profecia. Sim, o Lord Negro está com raiva, Narcisa, realmente com muita raiva.'

- 'Então eu estou certa, ele escolheu o Draco por vingança!' ofegou Narcisa. 'Ele não quer que ele consiga, ele quer que ele morra tentando!'

Quando Snape não disse nada, Narcisa pareceu perder o pouco de autocontrole que ainda tinha. De pé, ela cambaleou até Snape e agarrou a frente de suas vestes.

Seu rosto perto do dele, suas lágrimas caindo no seu peito, ela suspirou.

- 'Você poderia. Você poderia fazer no lugar do Draco, Severus. Você iria conseguir, é lógico que iria, e ele iria te recompensar por todos nós!'

Snape segurou o seu pulso e retirou suas mãos apertadas. Olhando fundo em seu rosto cheio de lágrimas, ele disse vagarosamente.

'Ele quer que eu tente no final, eu acho. Mas ele está determinado que Draco tente antes. Veja você, se Draco suceder, eu vou ser capaz de ficar em Hogwarts por mais algum tempo, completando meu útil trabalho como espião.'

- 'Em outras palavras, não importa se Draco vai ser morto!'

- 'O Lorde Negro está muito furioso,' repetiu Snape lentamente. 'Ele falhou ao ouvir a profecia. Você sabe tão bem quanto eu, Narcisa, que ele não esquece tão facilmente.'

Ela se dobrou, caindo a seus pés, chorando e gemendo no chão.

- 'Meu único filho... Meu único filho...'

- 'Você deveria estar orgulhosa!' disse Bellatrix cruelmente. 'Se eu tivesse filhos, eu estaria feliz em vê-los a serviço do Lord Negro!'

Narcisa deu um pequeno grito de desespero e agarrou seus longos cabelos loiros.

Snape parou, segurando seus braços, a levantou e a colocou de volta no sofá. Ele então deu mais vinho a ela e forçou o copo nas suas mãos.

- 'Narcisa, chega. Beba isso. Ouça-me.'

Ela se acalmou um pouco; derramando vinho nela mesma, ela tomou um gole trêmido.

- 'Pode ser possível... Que eu ajude Draco.'

Ela se levantou, seu rosto pálido, seus olhos enormes.

- 'Severus - oh, Severus - você o ajudaria? Você tomaria conta dele, mantê-lo longe do perigo?'

- 'Eu posso tentar...'

Ela se jogou para longe do copo; passou pela mesinha até cair em uma confortável posição aos pés de Snape, pegou suas mãos com as suas duas e apertou seus lábios nelas.

- 'Se você estiver lá para protegê-lo... Severus, você juraria? Você faria o Juramento Inquebrável?'

- 'O Juramento Inquebrável?' a expressão de Snape era vaga, ilegível; Bellatrix, entretanto, deu uma risada triunfante.

- 'Você não está ouvindo, Narcisa? Oh, ele irá tentar, eu tenho certeza... As mesmas palavras vazias, a mesma deslizada fora do ar... Oh, sob as ordens do Lord Negro, com certeza!'

Snape não olhou para Bellatrix. Seus olhos negros estavam fixados nos olhos azuis cheios de lágrimas de Narcisa, e ela continuava a segurar sua mão...

- 'Certamente, Narcisa, eu farei o Juramento Inquebrável.' Ele disse vagarosamente. 'Talvez, sua irmã queira ser o nosso Elo de Ligação.'

A boca de Bellatrix estava escancarada. Snape se abaixou para que ele estivesse ajoelhado ao contrário de Narcisa. Sob o olhar fixo atônito de Bellatrix, eles deram as mãos.

- 'Você vai precisar da sua varinha, Bellatrix,' disse Snape friamente. Ela a pegou, ainda parecendo atônita,

- 'E você vai precisar chegar um pouco mais perto,' ele disse.

Ela deu alguns passos para que ficasse próxima a eles, e colocou a ponta de sua varinha nas suas mãos dadas.

Narcisa falou:

- 'Irá você, Severus, cuidar do meu filho Draco ao satisfazer os pedidos do Lord Negro?'

- 'Eu irei.' Disse Snape.

Uma fina labareda saiu da varinha e serpenteou-se envolta das mãos como um vinho vermelho-fogo.

- 'E irá você, com o melhor de suas habilidades, protege-lo do perigo?'

- 'Eu irei.' Disse Snape.

Uma segunda labareda de fogo saiu da varinha e se ligou à primeira, formando uma bela cadeia de lampejos.

- 'E, devo prová-lo necessário... Se você sentir que Draco irá falhar...'

Sussurrou Narcisa (a mão de Snape repeliu-se da dela, mas elas não se separaram) 'irá você carregar o fardo que o Lord Negro ordenou a Draco cumprir?'

Houve um momento de silêncio. Bellatrix assistiu, sua varinha sob suas mãos unidas, seus olhos bem abertos.

- 'Eu irei.' Disse Snape.

O rosto pasmo de Bellatrix ficou vermelho com a chama de uma terceira labareda, que saiu da varinha, se misturou com as outras e ricocheteou envolta de suas mãos unidas, como uma corda, como uma cobra cor de fogo.

--Capítulo 3--

Vai ou Não Vai

Harry potter estava Ronycando baixo. Ele estava sentado em uma cadeira em seu quarto por bem umas 4 horas, olhando para fora na rua escura, e tinha finalmente caído no sono com um lado de seu rosto contra o gelado vidro da janela, seus óculos estavam caídos e sua boca meio aberta. Seu hálito embaçando a janela que dava para uma lâmpada alaranjada na rua lá fora, a luz artificial iluminava seu rosto fazendo-o parecer um tanto fantasmagórico, em grande contraste com seu cabelo muito negro.

O quarto estava cheio com varias possões e um bom tinteiro. Muita comida, bagaços de maçãs meio podres entulhavam o chão, um numero de livros-texto pendiam de sua cama, e uma bagunça de jornais embaixo de um abajur em sua mesa.

Uma linha de um sublinhado:

HARRY POTTER O ESCOLHIDO?

Rumores continuavam a voar sobre o recente e misterioso distúrbio com o ministro da magia, durante o qual, aquele que não deve ser nomeado havia voltado, uma vez mais.

Nós não estamos autorizados a falar sobre isso, não me pergunte nada disse um obliviador agitado, que se recusou a dar seu nome enquanto deixava o Ministério ontem à noite.

Contudo, uma pessoa do alto escalão do Ministério, confirmou que o foco da perturbação foi no salão da profecia.

Funcionários de dentro do Ministério se recusaram até mesmo a confirmar a existência desse lugar, um grande número da comunidade bruxa acredita que os comensais da morte agora servem sentenças em Azkaban para ultrapassar e intimidar aqueles que tentam roubar a profecia. A natureza dessa profecia é desconhecida, grandes especulações dizem que se concentra em Harry Potter, a única pessoa conhecida a sobreviver ao curso mortal, e que também é sabido que esteve com o ministro na noite em questão. Alguns estão indo longe e chamando Harry Potter de o escolhido, acreditando segundo a profecia, ele seria o único que conseguiria nos livrar daquele que não deve ser nomeado. Os correntes boatos sobre a profecia, se é que ela existe, são conhecidos, largamente (cont, pag. 2, coluna 5).

Um segundo jornal estava ao lado do primeiro. Esse tinha o cabeçalho:

SCRIMGEOUR SUCEDE FUDGE

A maior parte da primeira pagina estava coberta por uma foto preto-e-branco de um homem com uma juba de cabelos marrom-amarelados e um rosto um tanto quanto arruinado. A foto estava em movimento, o homem estava se movendo na foto.

Rufus scrimgeour, antes Cabeça do quartel dos Aurores no departamento da aplicação das leis magicas, está sucedendo Cornelius Fudge como ministro da magia. A nomeação tem sido largamente tomada com entusiasmo pela população bruxa, houve rumores de uma richa entre o novo minstro e alvo Dumbledore, novo Chefe Warlock do Wizengamot, com horas no escritorio de Scrimgeour.

Representantes de Scrimgeour admitiram que ele tinha se encontrado com Dumbledore uma vez, tomando posse do melhor emprego, mas se recusaram

comentar sobre os tópicos em discussão. Alvo Dumbledore é conhecido como (cont. pag 3, coluna 2).

Na esquerda de outra página, a qual havia sido anexados uma reportagem com o título **MINISTRO GARANTE A SEGURANÇA DOS ESTUDANTES** visível.

Novamente questionado, o Ministro da Magia, Rufus Scrimgeour, falou hoje sobre as novas medidas pelo Ministério para garantir com segurança a volta dos alunos à Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts neste outono.

Por óbvias razões, o Ministério não vai entrar em detalhes sobre os novos planos de segurança, disse o ministro, apesar de que uma pessoa de dentro do Ministério confirmou que essas medidas incluem feitiços e magias defensivas, uma complexa disposição de counter-curses e uma pequena força-tarefa de aurores dedicados somente para a proteção de Hogwarts. A maioria parece tranquilizada pelo discurso do novo ministro sobre a segurança dos alunos. A senhora Augusta Longbottom disse: Meu neto, Neville -, um grande amigo de Harry Potter, que lutou contra os comensais da morte ao lado de Harry no ministério em Junho e... Mas o resto da reportagem estava escondido embaixo de uma grande gaiola. Dentro tinha uma magnífica coruja nevada. Seus olhos âmbar examinavam o quarto imperiosamente, sua cabeça girava sobre seu pescoço ocasionalmente para olhar seu dono Ronycar. Uma ou duas vezes ela bateu seu bico impacientemente, mas Harry estava num sono muito profundo para ouvi-la.

Um grande baú estava bem no meio do quarto. Sua tampa estava aberta: já estava quase vazio a não ser por roupas de baixo (cuecas) velhas, doces, frascos de tinta vazios e penas quebradas que revestiam o fundo. Próximo a isso, no chão, estava jogado um folheto brasonado (com brasão) com as palavras:

EMITIDO EM NOME DO MINISTÉRIO DA MAGIA:

Protegendo sua casa e sua família contra a arte das trevas.

A comunidade bruxa está atualmente sob a ameaça de uma organização chamada de Os Comensais da Morte. O seguinte guia irá ajudá-lo a proteger sua casa, suas famílias e a si mesmo de um possível ataque:

1. Você é aconselhado a não sair sozinho de casa.
2. Cuidado nas horas de escuridão (de noite). Sempre que possível, completem suas viagens antes do anoitecer.
3. Revise as condições de segurança ao redor de sua casa, tendo certeza de que todos os membros de sua família estão cientes das medidas de segurança como feitiços-escudo e de desilusões, no caso de membros da família menores de idade, faça-os andar sempre acompanhados de um adulto.
4. Faça perguntas pessoais para seus amigos mais próximos e familiares para detectar comensais que possam estar mascarados pela poção polisuco (veja pag 2).
5. Caso você sinta que um membro da família, colega, amigo ou vizinho está agindo de maneira estranha, avise o Esquadrão mágico de reforço à lei o mais rápido possível. Eles podem estar agindo sobre a maldição Imperius (veja pag 4).
6. Se a marca negra aparecer sobre qualquer moradia ou outra construção, **NÃO ENTRE**, mas avise o escritório dos aurores o mais rápido possível.

7. Boatos sugerem que os comensais podem estar usando agora Inferi (veja pag 10). Qualquer sinal de algum Inferious, ou encontro comum semelhante, deve ser comunicado ao ministro IMEDIATAMENTE.

Harry grunhiu em seu sono e sua cara escorregou na janela uma polegada, fazendo seus óculos ficarem mais tortos, mas ele não acordou. Um despertador, consertado por Harry alguns anos atrás, estava tiquetaqueando alto na cabeceira de sua cama, mostrando 10:59. Ao lado disso, preso no lugar por uma mão relaxada de Harry, estava um pedaço de pergaminho coberto por uma fina e inclinada escrita. Harry tinha lido este pergaminho tão repetidamente desde sua chegada há 3 dias, que apesar do mesmo ter sido entregue firmemente enrolado, agora estava reto.

Querido Harry,

Se isso for conveniente para você, eu aparatar no número quatro, no estacionamento nessa sexta-feira às 11 para te escoltar até a toca, onde você está sendo convidado para passar o resto de suas férias.

Se você aceitar, e devo também estar contente de ser o seu assistente numa matéria em que eu espero ajudar no caminho para a toca, esplicarei melhor quando nos vermos.

Envie sua resposta pelo retorno desta coruja. Espero te ver na sexta.

Alvo Dumbledore.

Embora ele já a conhecesse de cor, Harry tinha estado lançando olhares a esta carta a cada poucos minutos desde as sete da noite, quando ele tinha se posicionado pela primeira vez ao lado da janela de seu quarto, onde tinha uma visão razoável da rua dos Alfeneiros. Ele sabia que era insensato reler novamente as palavras de Dumbledore; Harry tinha mandado de volta o seu sim com a coruja, como pedido, e tudo que ele poderia fazer agora era esperar: Ou Dumbledore estava vindo, ou ele não estava.

Mas Harry não tinha arrumado as malas. Apenas parecia muito bom para ser verdade que ele ia ser salvo dos Dursleys depois de uma mera quinzena na companhia deles. Ele não pôde ignorar o sentimento que algo ia sair errado - a sua resposta para a carta de Dumbledore poderia ter sido desviada; Dumbledore poderia ter sido impedido de recolhê-la; a carta poderia não se mostrar nada para Dumbledore, mas um truque ou piada ou armadilha. Harry não tinha se mostrado capaz de arrumar as malas e então ficar desapontado e desarrumá-las novamente. O único gesto que ele tinha feito à possibilidade de uma viagem foi fechar a sua coruja nevada, Edwiges, seguramente na gaiola dela.

O ponteiro dos minutos do despertador alcançou o número doze e, naquele momento preciso, as lâmpadas da rua lá fora, se apagaram.

Harry despertou como se a escuridão súbita fosse um alarme. Endireitando rapidamente os seus óculos e descolando sua face do vidro, ele apertou seu nariz contra a janela e deu uma olhada para a calçada. Uma figura alta em uma longa, com uma ondulada capa estava caminhando no jardim.

Harry saltou como se ele tivesse recebido um choque elétrico, golpeado em cima de sua cadeira, começou arrebatando qualquer coisa dentro de alcance do chão e lançando dentro de seu baú. Até mesmo ele jogou um jogo de mantos, dois livros de feitiços, e um pacote de crisps pelo quarto, a campainha

da porta tocou. Na escadaria da sala de estar o Tio Valter gritou, Quem, infernos, está visitando a esta hora da noite?

Harry gelou com um telescópio de metal em uma mão e um par de trainers na outra. Ele tinha esquecido avisar os Dursleys que Dumbledore poderia estar vindo. Sentindo se apavorado e ao mesmo tempo perto de rir, ele subiu em cima do baú e puxou-o aberto pelo seu quarto para ouvir uma voz profunda dizer:

- Boa noite. Você deve ser Sr. Dursley. Eu imagino que Harry lhes contou que eu estaria vindo por ele?

Harry correu descendo dois degraus por vez, parando repentinamente a alguns passos do piso, como sua experiência longa tinha lhe ensinado a permanecer fora do alcance dos braços do seu tio sempre que possível. Lá na entrada estava um homem alto, magro com cabelo comprido até a cintura prateado e barba. Tinha óculos meio-lua no seu nariz dobrado, e ele estava usando uma longa capa negra de viagem e chapéu pontiagudo. Valter Dursley, cujo bigode estava quase tão espesso quanto o de Dumbledore, entretanto negro, e que estava usando um roupão castanho-escuro, estava encarando a visita como se ele seus olhos minúsculos não pudessem acreditar no que viam.

- Julgando por seu olhar de impressionada descrença, Harry não o advertiu que eu estaria vindo, Dumbledore disse agradavelmente.

- Porém, deixe-me supor que você me convidou cordialmente em sua casa. Não é inteligente demorar demais no degrau de entrada da porta nestes tempos difíceis.

Ele pisou inteligentemente em cima do umbral e fechou a porta às suas costas. Faz muito tempo desde minha última visita disse Dumbledore, olhando sobre seu nariz curvo para o Tio Valter. Eu tenho que dizer, seus agapanthus estão florescendo.

Valter Dursley não disse nada. Harry não duvidou que a fala retornasse a ele, e logo - a veia que pulsava no pescoço de seu tio estava alcançando pontos de perigo - mas algo sobre Dumbledore parecia ter o roubado temporariamente o fôlego. Poderia ter sido o wizardishness grosseiro de sua aparência, mas talvez, também, o Tio Valter pudesse sentir que ali era um homem quem seria muito difícil ameaçar.

- Ah, boa noite Harry, disse Dumbledore, o olhando pelos seus óculos meia-lua com uma expressão mais satisfeita. Excelente, excelente.

Estas palavras pareceram despertar Tio Valter. Estava claro que no que lhe diz respeito, qualquer homem que pudesse olhar Harry e dizer excelente era um homem com quem ele nunca poderia olhar olho no olho.

- Eu não pretendo ser rude ele começou, em um tom que ameaçou grosseria em cada sílaba.

- contudo, tristemente, grosseria acidental acontece inquietantemente com frequência. Dumbledore terminou a oração gravemente. Melhor não dizer nada, meu querido homem. Ah, e esta deve ser Petúnia.

A porta de cozinha tinha aberto, e lá estava a tia de Harry, usando luvas de borracha e um avental sobre sua camisola, claramente a meio tempo entre a hora de dormir e sua habitual limpeza de todas as superfícies de cozinha. Sua face com traços de cavalo não registrou nada mais que choque.

- Alvo Dumbledore, disse Dumbledore, quando Tio Valter não efetuou uma introdução. Nós nos correspondemos, claro. Harry pensou que este era um modo estranho de recordar Tia Petúnia, que ele tinha lhe enviado uma vez uma

carta explosiva, mas Tia Petúnia não desafiou o termo. E este deve ser seu filho, Dudley ?

Dudley tinha naquele momento espreitado em volta da porta de sala de estar. A sua cabeça grande, loira subindo fora do colarinho de stripy do seu pijama olhou desligado, boquiaberto de surpresa e... Dumbledore esperou um momento ou dois, aparentemente para ver se qualquer dos Dursleys iria dizer qualquer coisa, mas como não aconteceu nada ele sorriu.

- Nós assumiremos que você me convida para sua sala de estar?

Dudley se mexeu fora do normal à medida que Dumbledore passava por ele. Harry, ainda agarrando com força seu telescópio e trainers, saltou os últimos degraus e seguiu Dumbledore, que tinha se ajeitado na poltrona mais próxima ao fogo e estava olhando as coisas em volta com agradável interesse. Ele olhou totalmente e extraordinariamente fora de lugar.

- Nós não - nós não estamos partindo, senhor ? Harry perguntou ansiosamente.

- Sim, realmente nós estamos, mas há algumas questões que nós precisamos discutir primeiro disse Dumbledore. E eu preferiria não fazer tão ao ar livre.

- Nós só infringiremos um pouco mais a hospitalidade de sua tia.

- Você vai, você vai?

Valter Dursley tinha entrado na sala, Petúnia ao encalço dele, e Duda escapando por trás dos dois.

- Sim, Dumbledore disse simplesmente, eu devo.

Ele puxou sua varinha tão rapidamente que Harry custou a ver; com um estalido casual, o sofá zuniu adiante e bateu os joelhos dos três do Dursleys de forma que eles desmoronaram sobre ele. Outro estalido da varinha e o sofá zuniu atrás a sua posição original.

- Nós podemos também estar confortáveis, disse Dumbledore agradavelmente.

À medida que ele recolocou sua varinha no bolso, Harry viu que a mão dele estava enegrecida e murcha; parecia como se a carne tivesse sido queimada.

- Senhor - o que aconteceu com sua mão?

- Depois, Harry, disse Dumbledore. Por favor, sente se.

Harry pegou a poltrona restante e escolhendo não olhar os Dursleys que pareciam atordoados em silêncio.

- Eu suporia que você fosse me oferecer refresco, Dumbledore disse ao Tio Valter, mas as evidências até aqui sugerem que não deveria ser otimista ao ponto dessa tolice.

Um terceiro agito da varinha, e uma garrafa empoeirada e cinco copos apareceram à meia altura. A garrafa inclinou e derramou uma medida generosa de líquido mel-colorido em cada um dos copos que então flutuaram para cada pessoa na sala.

- O mais fino Hidromel curtido em carvalho da Madame Rosmerta, disse Dumbledore, elevando seu copo para Harry, que pegou o seu próprio e bebericou. Ele nunca tinha tido experimentado qualquer coisa parecida antes, mas desfrutou imensamente. Os Dursleys, depois de olhares rápidos, assustados de um ao outro, tentaram ignorar os seus copos completamente, um feito difícil, como eles estavam os cutucando com suavidade nos lados de suas cabeças. Harry não pôde suprimir uma suspeita que Dumbledore estava desfrutando bastante.

- Bem, Harry, Dumbledore disse, dirigindo em direção a ele, uma dificuldade surgiu, a qual espero eu que você possa resolver para nós. Por nós, eu quero dizer a Ordem da Fênix. Mas em primeiro lugar eu lhe tenho que falar que o

testamento de Sírius foi descoberto uma semana atrás e que ele deixou tudo que ele possuía para você, seu único herdeiro de direito.

Em cima do sofá, a cabeça Tio Valter virou, mas Harry não o olhou, nem ele poderia pensar em qualquer coisa que pudesse dizer, Oh. Direito.

- Isto é, o principal, bastante direto, Dumbledore continuou. Você possui uma quantia razoável de ouro em sua conta no Gringotes, e você herda todas as posses pessoais de Sírius. A parte ligeiramente problemática do legado.

O padrinho dele está morto? Disse Tio Valter em voz alta do sofá. Dumbledore e Harry ambos viraram para o olhar. O copo de hidromel estava batendo agora bastante insistentemente ao lado da cabeça de Valter; ele tentou tirar fora.

- Ele está morto? O padrinho dele?

- Sim, disse Dumbledore. Ele não perguntou para Harry por que ele não havia confiado nos Dursleys. Nosso problema, ele continuou a falar com Harry, como se não tivesse havido nenhuma interrupção, é que Sírius deixou pra você o Largo Grimmauld, numero doze.

- Ele está ficando com uma casa ? Disse Tio Valter ambiciosamente, com seus pequenos olhos se estreitando, mas ninguém lhe respondeu.

- Vocês podem continuar usando-a como sede, Harry disse. Eu não me importo. Vocês podem ficar com ela, eu realmente não a quero. Harry nunca quis botar os pés no Largo Grimmauld, número doze, novamente, se ele pudesse ajudar. Ele pensou que ele sempre seria assombrado pela memória de Sírius que Ronyda seus quartos bolorentos, escuros e solitários, encarcerado dentro do lugar que ele tinha querido partir tão desesperadamente.

- Isso é generoso, Dumbledore disse. Porém, nós desocupamos o edifício temporariamente.

- Por que ?

- Bem, Dumbledore disse, ignorando o murmúrio do Tio Valter que estava sendo golpeado inteligentemente em sua cabeça pelo persistente copo de hidromel tradição familiar: A tradição da família Black decretou que a casa fosse passada para as próximas gerações da linhagem direta, para o próximo homem com o nome de 'Black'. Sírius era o último da linhagem, como o irmão mais jovem dele, Regulus, e faleceram ambos sem terem filhos. Enquanto o seu testamento faz perfeitamente que você tenha a casa, é não obstante possível que algum feitiço ou encanto que foi fixo no lugar assegurar que não pode ser possuído por qualquer um diferente de um puro sangue.

Uma imagem vívida do grito, saindo do retrato da mãe de Sírius que se manteve o corredor do Largo Grimmauld, número doze, brilhou na mente de Harry.

- Eu aposto que lá tem, ele disse.

- Perfeitamente, disse Dumbledore. E se tal encanto existe, então a propriedade da casa é provável passar para o mais antigo parente de Sírius vivo, que seria a prima dele, Bellatrix LeStrange.

Sem perceber o que ele estava fazendo, Harry pulou sobre seus pés; o telescópio e trainers no seu colo rolaram pelo chão. Bellatrix LeStrange, a assassina de Sírius, herda a casa dele?

- Não, ele disse.

- Bem, obviamente nós preferiríamos que ela ou não a adquirisse, disse Dumbledore calmamente. A situação está carregada de complicações. Nós não sabemos se os encantos que nós mesmos colocamos lá, por exemplo,

fazendo-a ilocalizável, se manterão agora que aquela propriedade passou das mãos de Sírius. Poderia ser que Bellatrix chegue no degrau de entrada a qualquer momento. Naturalmente nós tivemos que nos mudar até esclarecermos esta situação.

- Mas como você vai descobrir se me permitem possuí-la?

- Felizmente disse Dumbledore, há um teste simples.

Ele colocou seu copo vazio em uma mesa pequena ao lado de sua cadeira, mas antes que ele pudesse fazer qualquer outra coisa, Tio Valter gritou:

- Você receberia estas coisas herdadas sem nós?

Harry deu uma olhada; todos os três Dursleys estavam se encolhendo com seus braços em cima das suas cabeças com os copos saltando de cima para baixo nos seus crânios, os conteúdos deles voando pra todos os lugares.

- Oh, desculpe-me, Dumbledore disse educadamente, e ele elevou sua varinha novamente. Todos três copos desapareceram. Mas teria sido de melhor beberem isto, você sabe.

Parecia como se o Tio Valter fosse explodir com qualquer número de respostas desagradáveis, mas ele somente encolheu atrás nas almofadas com Tia Petúnia e Duda e não disse nada, mantendo seus pequenos olhos de porco na varinha de Dumbledore.

- Veja você, Dumbledore disse, voltando a Harry e falando novamente como se o Tio Valter não tivesse se pRonyunciado, se você herdou a casa realmente, você também herdou...

Ele sacudiu sua varinha pela quinta vez. Havia um estalo alto, e um elfo doméstico apareceu, com um focinho para um nariz, as orelhas de morcego gigante, e olhos sanguinolentos enormes, sobre o carpete felpudo dos Dursleys e coberto em trapos encardidos. Tia Petúnia deixou sair um grito agudo horrível; nada tão imundo havia entrado em sua casa em sua memória vivente. Duda puxou o seu grande, desnudo, pé rosa para fora do chão e se sentou com eles elevados quase sobre a cabeça dele, como se ele pensasse que a criatura poderia aumentar suas calças compridas de pijama, e Tio Valter berrou:

- Isso, que infernos é isso?

- Monstro, finalizou Dumbledore.

- Monstro não, Monstro não, Monstro não! Resmungava o elfo-doméstico, quase tão ruidosamente quanto o Tio Valter, estampando seus pés longos, nodosos e puxando as suas orelhas. Monstro pertence à Senhorita Bellatrix, oh sim, Monstro pertence aos Black, Monstro querer sua nova mestra, Monstro não querer ir com Potter pirralho, Monstro não vai, não vá, não...

- Como você pode ver, Harry, Dumbledore disse ruidosamente, por cima do resmungo de Monstro não, não irá, não irá, Monstro está mostrando uma certa relutância para passar para sua propriedade. Eu não me preocupo, disse Harry novamente, olhando com desgosto o elfo doméstico se retorcendo e esperniando. Eu não o quero.

Não, não, não, não.

- Você preferiria que ele passasse para s propriedade de Bellatrix Lestrange?

- Levando em consideração que ele viveu na sede da Ordem da Fênix todo o ano passado?

- Não, não, não, não...

Harry encarou Dumbledore. Ele sabia que Monstro não poderia ser permitido ir e viver com Bellatrix LeStrange, mas a idéia de o possuir, de ter responsabilidade pela criatura que tinha traído Sírius, era repugnante.

- Dê a ele uma ordem, disse Dumbledore. Se ele passou para sua propriedade, ele terá que obedecer. Se não, então nós teremos que pensar em alguns outros meios de mantê-lo em seu mestre legítimo.

- Não, não, não, não!

A voz de Monstro tinha se elevado a um grito. Harry poderia pensar que de nada para dizer a não ser, Monstro, cale-se!

Passou um momento como se Monstro fosse se sufocar. Ele agarrou sua garganta, sua boca ainda trabalhando furiosamente, seus olhos inchando. Depois de alguns segundos de tragar frenético, ele se lançou adiante sobre o tapete (Tia Petúnia choramingou) e bateu o chão com as mãos e pés para um violento, mas completamente silencioso acesso de raiva.

- Bem, isso simplifica as coisas, disse Dumbledore animadamente. Parece que Sírius sabia o que ele estava fazendo. Você é o dono legítimo do Largo Grimmauld número doze e de Monstro.

- Eu - eu tenho que mantê-lo comigo? Harry perguntou, espantado, Monstro batia ao redor de seus pés.

- Não se você não quer, disse Dumbledore. Se eu puder dar uma sugestão, você poderia o enviar a Hogwarts para trabalhar lá na cozinha. Daquele modo, os outros elfos-domésticos poderiam ficar de olho nele.

- Sim, disse Harry em alívio, sim, eu farei isso. Er - Monstro - eu o quero, que você vá para Hogwarts trabalhar lá na cozinha com os outros elfos-domésticos. Monstro que estava agora deitado de costas com seus braços e pernas no ar de deu a Harry um olhar de profunda abominação e, com outro estampido alto, desapareceu.

- Bom, Dumbledore disse. Há também a questão do hipogrifo, Bicuço. Hagrid tem cuidado dele desde que Sírius morreu, mas Bicuço agora é seu, assim se você preferisse fazer arranjos diferentes...

- Não, Harry disse imediatamente, ele pode ficar com Hagrid. Eu penso que Bicuço preferiria isso.

- Hagrid ficará encantado, Dumbledore disse, sorrindo. Ele estava excitado para ver Bicuço novamente. Incidentemente, nós decidimos, pelos interesses da segurança de Bicuço, rebatizá-lo de 'Witherwings' por enquanto, embora eu duvide que o Ministério adivinharia que ele é o hipogrifo que eles condenaram uma vez a morte. Agora, Harry, seu baú está arrumado?

- Erm...

- Difícil de descobrir? Disse Dumbledore com sagacidade.

- Eu apenas irei e - er - termino disse Harry apressadamente, se apressando para apanhar o telescópio e os trainers caídos.

Levou um pouco mais de dez minutos para localizar tudo que ele precisava; afinal ele tinha conseguido tirar a Capa de Invisibilidade debaixo da cama, atarraxada ao topo de trás do seu jarro de tinta, e forçou a tampa do seu baú fechou seu caldeirão. Então, levantando seu baú em uma mão e contendo a gaiola de Edwirdes em outra, ele retornou escada abaixo. Ele ficou desapontado em descobrir que Dumbledore não estava esperando no corredor o que significou que ele teve que voltar à sala de estar.

Ninguém estava falando. Dumbledore estava sussurrando calmamente, aparentemente totalmente com sua facilidade, mas a atmosfera era mais

espessa que pudim frio, e Harry não ousou olhar para os Dursleys, e ele disse, Professor - eu estou pronto agora.

Bom disse Dumbledore. Apenas uma última coisa, então. E ele virou para falar mais uma vez aos Dursleys.

- Como vocês estarão indubitavelmente atentos, Harry chegará na maturidade em um ano.

- Não, disse Tia Petúnia, falando pela primeira vez desde a chegada de Dumbledore.

- Eu sinto muito? Disse Dumbledore educadamente.

- Não, ele não faz. Ele é um mês mais jovem que Dudley, e Duda não terá dezoito até o ano depois do próximo.

- Ah, Dumbledore disse agradavelmente, mas no mundo da Magia, nós chegamos à maturidade aos dezessete.

Tio Valter murmurou, Absurdo, mas Dumbledore o ignorou,

- Agora, como vocês já sabem, o mago chamado Lord Voldemort retornou a este país. A comunidade da Magia está atualmente em um estado de guerra aberta.

Harry, a quem Lord Voldemort já tentou matar em várias ocasiões, está agora até em maior perigo que o dia em que eu o deixei quinze anos atrás em seu degrau da porta de entrada, com uma carta explicando sobre o assassinato dos pais dele e expressando a esperança que vocês tomariam conta dele; apesar de que ele já estaria entre os seus.

Dumbledore pausou, e embora a voz dele permanecesse clara e calma, e ele desse nenhum sinal óbvio de raiva, Harry sentia um tipo de frio que emanava dele e notou que os Dursleys se juntaram muito ligeiramente uns aos outros.

- Você não fez como eu pedi. Você nunca tratou Harry como um filho. Ele conheceu nada mais que negligência e freqüentemente crueldade sob suas mãos. E o melhor que pode ser dito é que ele pelo menos escapou do dano apavorante que você infligiu ao infeliz menino que está entre vocês. Ambos Tia Petúnia e Tio Valter deram uma olhada instintivamente, como se esperando ver alguém diferente de Duda se apertando entre eles.

- Nós - maltratar Duda? Que você? Começou Tio Valter furiosamente, mas Dumbledore elevou o seu tom para silêncio, um silêncio que se caiu como se ele tivesse golpeado Tio Valter mudo.

- A magia eu evoquei quinze anos atrás para que Harry tivesse poderosa proteção enquanto ele ainda pudesse chamar esta casa 'de lar'. Porém miserável ele esteve aqui, indesejado e tratado mal de qualquer forma, vocês tem pelo menos, rancorosamente, lhe permitido a sala. Esta magia deixará de operar no momento que Harry atingir dezessete; em outras palavras, no momento ele se tornar um homem. Eu peço só isto: que vocês permitam a Harry voltar, uma vez mais, para esta casa, antes do décimo sétimo aniversário dele, que assegurará que a proteção continue até aquele tempo.

Nenhum dos Dursleys disse qualquer coisa. Duda estava franzindo as sobrancelhas ligeiramente, como se ele ainda estivesse tentando concluir quando ele fora alguma vez maltratado. Tio Valter olhou como se ele tivesse algo entalado em sua garganta; Tia Petúnia, porém, corou de forma estranha.

- Bem, Harry. . . Tempo para nós cairmos fora, Dumbledore disse afinal, se levantando e endireitando a sua longa capa preta. Até nos encontramos novamente, ele disse aos Dursleys, que pareceram como se aquele momento

pudesse durar pra sempre até o ponto em que eles se preocuparam, e depois de tirar o seu chapéu, ele se afastou da sala.

- Adeus, disse Harry apressadamente para os Dursleys, e seguiu Dumbledore que parou ao lado do baú de Harry no qual a gaiola de Edwiges estava presa.

- Nós não queremos ficar sobrecarregados com isso justo agora, ele disse, tirando sua varinha novamente. Eu os enviarei para A TOCA para esperar por nós lá. Porém, eu gostaria que você trouxesse sua Capa de Invisibilidade. . . Por via das dúvidas.

Harry extraiu a sua capa do baú com alguma dificuldade, tentando não mostrar a Dumbledore a bagunça dentro dele. Quando ele tinha colocado-a em um bolso interior da sua jaqueta, Dumbledore ondudou sua varinha e o baú, a gaiola, e Edwiges desapareceram. Dumbledore então ondudou a varinha novamente e a porta da frente se abriu sobre a escuridão fresca e nublada.

- E agora, Harry, vamos sair na noite e seguir aquela excêntrica e sedutora aventura.

--Capítulo 4-- Horácio Slughorn

Apesar do fato dele ter gastado todo o tempo dos últimos dias esperando desesperadamente que Dumbledore viesse buscá-lo, Harry sentiu-se distintamente inábil enquanto eles desciam a Rua dos Alferneiros juntos.

Ele nunca tinha tido uma conversa com Dumbledore fora de Hogwarts antes; geralmente havia uma escrivainha entre eles. A lembrança do seu último cara a cara deixou uma sensação embaraçosa em Harry, pois ele quebrou a maioria das coisas de Dumbledore. Contudo, Dumbledore parecia completamente relaxado.

- Deixe sua varinha sempre preparada Harry, ele disse finalmente.
- Mas eu pensei que não podia usar magia fora da escola, senhor?
- Se houver um ataque, disse Dumbledore, eu lhe dou permissão para usar qualquer azaração ou maldição que for melhor para você. Contudo, eu não acho que você tem que se preocupar com algum ataque hoje à noite.
- Por que não senhor?
- Você esta comigo Harry, falou Dumbledore, isso já basta.

Ele caminhou até o final da Rua dos Alferneiros.

- Você não passou no teste para apartar, passou Harry?
- Não, eu achei que eu tinha que ter 17 anos.
- É mesmo, você tem que, então, segurar forte no meu braço, no esquerdo, se você não se importa, como você sabe, minha varinha esta muito frágil nesse momento.

Harry segurou o braço como Dumbledore mandou.

- Muito bem, aqui vamos nós.

Harry teve que soltar o braço de Dumbledore quando começou a girar, tudo ficou preto e ele não conseguiu mais respirar, ele girou em todas as direções, seus olhos foram forçados contra sua cabeça, seus tímpanos estavam sendo empurrados profundamente em seu crânio e então...

Ele sentiu o ar frio e abriu seus olhos que ainda estavam trêmendo. Ele e Dumbledore estavam agora de pé em uma praça de uma vila deserta, no centro havia um memorial de guerra e alguns bancos. Harry percebeu que essa foi a primeira vez que ele aparatou na sua vida.

- Você esta bem? Perguntou Dumbledore olhando para baixo. A sensação não é das melhores, não é?
- Eu estou bem, mas ainda prefiro as vassouras.

Dumbledore sorriu, ele deu a seu relógio de viagens um pouco mais de luz, em volta de seu pescoço e disse: - Por aqui.

Passaram por lugares vazios e algumas casas. De acordo com o relógio de Dumbledore, já era quase meia noite.

- Então, me conte Harry, sua cicatriz, ela tem doído ultimamente?
- Não, e eu estou pensando muito sobre isso ultimamente, eu pensei que agora que Voldemort voltou, ela iria doer muito.

Ele olhou de relance para Dumbledore e viu uma expressão de satisfação em seu rosto.

- Agora que Voldemort percebeu como era perigoso você ter acesso às suas sensações e sentimentos, parece que ele esta usando a Oclumência contra você.

- Bem, eu que não estou reclamando, disse Harry, que agora percebeu que não tinha mais sensações estranhas e via as coisas que Voldemort via.

Eles viraram uma esquina, passaram por um ponto de ônibus e um orelhão. Harry virou sua cabeça para Dumbledore.

- Professor?

- Harry?

- Humm, onde exatamente nós estamos?

- Essa, Harry, é a vila dos Budleigh Babberton.

- E o que nós estamos fazendo aqui?

- Ah, claro, eu não falei para você disse Dumbledore. Eu já perdi as contas de quantas vezes eu já falei isso nos recentes anos. Nós estamos aqui para visitar um velho amigo meu e tentar convence-lo a voltar para Hogwarts.

- E como eu posso ajudar, senhor?

- Humm, eu acho que nós vamos encontrar algum uso para você Harry, só espere.

Harry deu uma olhada em volta, todas as janelas eram escuras, pensando nos dementadores, Harry segurou firme sua varinha no seu bolso.

- Professor, por que nós simplesmente não apartamos na casa de seu amigo?

- Isso seria tão rude quanto chutar a porta da frente e sentar em seu sofá, Harry, e também, a maioria dos bruxos têm feitiços anti-aparatamento em suas casas, Hogwarts, por exemplo...

- ...Você não pode apartar para os quartos ou salas, Hermione me falou isso.

- E ela esta totalmente certa (de novo), viramos à esquerda aqui.

O relógio da Igreja marcava 8 horas atrás deles. Harry se perguntava por que Dumbledore não tinha simplesmente ligado para seu amigo, mais ele tinha perguntas mais urgentes para fazer.

- Professor, eu vi no Profeta diário que Fudge foi demitido...

- Verdade, falou Dumbledore, ele foi substituído, como eu tenho certeza que você também viu, por Rufus Scrimgeour, que costumava ser o chefe do Departamento dos Aurores no Ministério.

- Ele é... Você acha que ele é bom?

- Pergunta interessante... Ele com certeza é mais forte e decidido que Cornelius.

- Sim, mais eu quero dizer...

- Eu sei o que você quer dizer, ele é um homem de atitude, lutou contra bruxos das trevas sua vida inteira e ele não subestima Voldemort.

Harry esperou, mas Dumbledore não disse nada sobre o desentendimento com Scrimgeour que o Profeta Diário havia reportado, e ele não teve coragem de puxar o assunto, então ele o mudou.

- E... Senhor... Eu vi sobre a Madame Bones.

- Sim, disse Dumbledore calmamente. Uma perda terrível. Ela era uma grande bruxa. É por aqui. Eu acho - ai.

Ele havia apontado com sua mão machucada.

- Professor, o que aconteceu com sua mão?

- Eu não tenho tempo para explicar agora, disse Dumbledore, É uma história interessante, Eu queria lhe fazer jus.

Ele sorriu para Harry, que entendeu que ele não estava ficando chatéado, e que podia continuar a fazer perguntas.

- Senhor, eu recebi uma coruja do Ministério sobre precauções que devemos ter contra os Comensais...

- Eu recebi uma também, você achou ela útil?

- Não...

- Não, eu achei que não mesmo, você não precisa me perguntar qual meu sabor favorito de geléia para saber se sou eu mesmo Harry.

- Não, eu não... Harry não sabia se isso foi uma repressão ou não. Só pra garantir Harry, é framboesa, claro que se eu fosse um comensal eu não saberia isso e teria q pesquisar mais...

- Er... Ok... Bom, no folheto eles falaram alguma coisa sobre Inferi, o que é exatamente isso?

- São as pessoas mortas que o Voldemort enfeitiçou para ajudar ele. Claro, ele matou muita gente para conseguir isso. Esse é o lugar, Harry, por aqui. Eles estavam se aproximando de uma casa de pedra pequena, limpa, que começava em seu próprio jardim. Harry estava muito ocupado digerindo a horrível idéia do Inferi para prestar atenção em qualquer outra coisa, mas à medida que eles alcançaram o portão da frente, Dumbledore parou completamente e Harry bateu nele.

- Oh querido. Oh querido, querido, querido...

Harry desviou seu olhar para o caminho da frente, cuidadosamente entendendo e sentiu seu coração partido. A porta dianteira estava penduranda sobre suas dobradiças. Dumbledore deu uma olhada pra cima e pra baixo na rua. Parecia totalmente deserta.

- Saque a varinha e me siga, Harry, ele disse quietamente. Ele abriu o portão e caminhou rápida e silenciosamente no caminho do jardim, Harry aos seus calcanhares, então empurrou a porta da frente muito lentamente, a varinha dele elevou e pronto.

- Lumos .

A varinha de Dumbledore acendeu jorrando luz no corredor estreito. À esquerda, outra porta estava aberta. Segurando a sua varinha iluminada no alto, Dumbledore entrou na sala de estar com Harry bem atrás dele. Uma cena de devastação total se encontrou aos olhos deles. Um relógio de pêndulo estilhaçado aos pés deles, com sua parte fRonytal rachada, seu pêndulo caído um pouco mais distante como uma espada abandonada. Um piano estava em seu lado, com suas teclas espalhadas pelo chão. Os destroços de um candelabro caído figuravam ali perto. Almofadas esvaziadas, penas que esvoaçavam de golpes que elas tinham sofrido; fragmentos de vidro e porcelana estavam como pó em cima de tudo.

Dumbledore elevou sua varinha um pouco mais alto, de forma que sua luz foi lançada nas paredes onde algo vermelho escuro e viscoso foi respingado sobre o papel de parede. A respiração de Harry fez Dumbledore dar uma olhada em volta.

- Nada legal, não é? Ele disse pesadamente. Sim, algo horrível aconteceu aqui.

Dumbledore moveu-se cuidadosamente para o meio da sala, examinando os destroços aos seus pés. Harry o seguiu olhando ao redor, meio-assustado com o que ele poderia ver escondido atrás dos destroços do piano ou o sofá destruído, mas não havia nenhum sinal de um corpo.

- Talvez houve uma luta e - e eles o arrastaram fora, Professor ? Harry sugeriu, tentando não imaginar quão gravemente ferido um homem ficaria para deixar essas manchas respingadas nas paredes.

- Eu não acho, disse Dumbledore quietamente, espreitando atrás de uma poltrona estufada caída ao seu lado.

- Você acha que ele está...?

- Ainda aqui em algum lugar? Sim .

E sem aviso, Dumbledore abaixou, mergulhando a ponta de sua varinha no assento da poltrona, que gritou Ai !

- Boa noite, Horácio, disse Dumbledore, se endireitando novamente para cima.

A mandíbula de Harry caiu. Onde em uma fração de segundo atrás havia uma poltrona, agora estava um encurvado e enormemente gordo, careca e velho homem que estava massageando sua barriga e piscando para Dumbledore com um olho entristecido e úmido.

- Não havia necessidade de cravar a varinha tão duramente, ele disse irritado, se endireitando. Doeu .

A luz da varinha cintilou em sua cabeça brilhante, seus olhos salientes, o bigode enorme, pratéado, como uma morsa, e os botões altamente polidos na jaqueta aveludada castanha que ele estava usando em cima de um par de pijamas de seda lilás. O topo de sua cabeça alcançou apenas o queixo de Dumbledore.

- O que é isto? Ele grunhiu na medida em que cambaleou aos seus pés, ainda esfregando sua barriga. Ele parecia notavelmente imperturbável para um homem que tinha sido descoberto há pouco fingindo ser uma poltrona.

- Meu caro Horácio, disse Dumbledore, olhando entretido, se os Comensais da Morte realmente tivessem sido chamados, a Marca Negra teria sido colocada sobre a casa .

O mago deu um tapa com uma mão gorducha na frente de sua vasta testa.

- A Marca Negra, ele murmurou. Sabia que havia algo... Ah bem. Não teria tido tempo de qualquer maneira, eu apenas dei uns toques finais na minha tapeçaria quando você entrou na sala.

Ele inspirou um grande suspiro que fez as pontas do bigode dele trêmularem.

- Você gostaria de minha ajuda? Perguntou Dumbledore educadamente .

- Por favor, disse o outro.

Eles ficaram de pé, um de costas para o outro, o bruxo magro e alto e o baixo e gordo, e balançando suas varinhas em um idêntico e envolvente movimento.

A mobília voou de volta para seus lugares originais; ornamentos retormaram no ar, as penas zuniram para suas almofadas; livros rasgados se consertaram e atêrrissaram nas estantes; lanternas de óleo planaram sobre mesas e reacenderam; uma coleção vasta de armações de quadro pratéadas lascadas voou reluzindo pela sala, e desceu, inteira e limpa, em uma escrivaninha; rasgos, rachas, e buracos se regeneraram em todos os lugares, e as paredes se limpavam.

- Que tipo de sangue era aquele, casualmente? perguntou Dumbledore em voz alta para em cima do barulho do recentemente concertado relógio de pêndulo.

- Nas paredes? Dragão, gritou o mago chamou Horácio, à medida que, com um tilintar ensurdecedor, o candelabro se atarraxava no teto.

Houve um som final do piano, e silêncio.

- Sim, dragão, repetiu o bruxo na conversa. Minha última garrafa, e os preços estão nas alturas atualmente. Ainda, poderia ser reutilizável.

Ele discursava sobre uma garrafa cristalina pequena que estava sobre um buffet e levantou-a em direção à luz, examinando o líquido espesso dentro.

Humm. Um pouco empoeirada.

Ele colocou a garrafa de volta no buffet e suspirou. Foi então que o seu olhar caiu sobre Harry.

- Oh, ele disse, com seus redondos e grandes olhos voando para testa de Harry e para a cicatriz em forma de raio. Oh!

- Este, Dumbledore disse, indo para frente pra fazer a introdução ...É Harry Potter. Harry, este é um velho Amigo e meu colega, Horácio Slughorn.

Slughorn virou-se para Dumbledore, com expressão sagaz.

- Então é dessa forma que você pensa em me persuadir, não é? Bem, a resposta é não, Alvo.

Ele empurrou Harry para trás, a sua face se virou decididamente com o ar de um homem que tenta resistir a tentação.

- Eu suponho, nós podemos ter uma bebida, ao menos? Perguntou Dumbledore.

- Pelos bons e velhos tempos?

Slughorn vacilou.

- Certo então, uma bebida, ele disse de forma descortês.

Dumbledore sorriu a Harry e o dirigiu para uma cadeira bem distinta daquela que Slughorn tinha recentemente se personificado, ao lado direito do fogo que recentemente queimava e brilhavam uma lamparina de óleo. Harry pegou o assento com a ligeira impressão de que Dumbledore, por alguma razão, o queria tão visível quanto fosse possível manter. Certamente quando Slughorn, que tinha estado ocupado com garrafas e copos, voltou-se para a sala novamente, seus olhos caíram imediatamente em Harry.

- Hmpf, ele disse, olhando pra outro lugar rapidamente como se tivesse amedrontado ou ferido seus olhos. Aqui - Ele deu uma bebida a Dumbledore que tinha se sentado sem nenhum convite, empurrou a bandeja a Harry, e então afundou nas almofadas do sofá consertado e um decepcionado silêncio. As pernas dele eram tão pequenas que elas não tocaram o chão.

- Bem, como você tem estado, Horácio? Dumbledore perguntou.

- Não tão bem, Slughorn disse imediatamente. Peito fraco. Ofegante. Reumatismo também. Não posso me mover como eu costumava. Bem, era o esperado. Velhice. Fadiga .

- E ainda você tem que se mover bastante depressa para preparar as boas-vindas para nós, Dumbledore disse. Você não pode ter tido mais que três minutos de advertência?

Slughorn disse, de modo irritante, meio orgulhosamente, Dois. Não ouviu para meu Encanto de Intrusos explodir, eu estava tomando um banho. Ainda, ele completou com severidade, com aparência de trazer de volta a si mesmo, o fato que resta é que sou um homem velho, Alvo. Um homem velho cansado que conseguiu o direito de uma vida tranqüila e alguns confortos.

Ele certamente os tinha, pensou Harry, dando uma olhada ao redor da sala. Ela era sufocante e desordenada, contudo ninguém poderia dizer que era desconfortável; havia cadeiras suaves e banquetas, bebidas e livros, caixas de chocolates e almofadas rechonchudas. Se Harry não tivesse conhecido quem vivia lá, ele teria imaginado que seria uma exigente senhora, velha e rica.

- Você não está contudo tão velho quanto eu estou, Horácio, disse Dumbledore.

- Bem, talvez você deva pensar em sua aposentadoria, Slughorn disse abruptamente. Seus pálidos olhos de framboesa haviam visto a mão ferida de Dumbledore. Reações que eles não foram, eu vejo.

- Você está certo, disse Dumbledore serenamente, balançando sua manga para revelar as pontas dos dedos queimados e escurecidos; a visão deles fez a nuca de Harry espetar indesejavelmente. Eu sou, sem dúvida, mas lento que eu era. Mas em compensação...

Ele encolheu os ombros e balançou as suas mãos, como para dizer que aquela idade tinha suas compensações, e Harry notou um anel na sua mão machucada que ele nunca havia visto Dumbledore usando antes; era largo, desajeitado e feito de algo que parecia ouro, e tinha uma pesada pedra preta que estava quebrada ao meio. O olho de Slughorn demorou-se um tempo no anel também, e Harry viu um pequeno franzir de sobrancelhas na sua testa.

- Então, todas essas precauções contra intrusos, Horácio... Eles são para o benefício dos Comensais da Morte ou para o meu? Perguntou Dumbledore.

- O que os Comensais da Morte iriam querer com um pobre velho decaído como eu? Reclamou Slughorn.

- Eu imagino que eles fossem querer os seus consideráveis talentos em repreensão, tortura e assassinatos, disse Dumbledore. Você está realmente me dizendo que eles ainda não vieram te recrutar?

Slughorn olhou para Dumbledore malignamente por um momento, então murmurou, - Eu não dei a chance a eles. Eu estive me mudando por um ano. Nunca ficando nos lugares por mais de uma semana. Mudando de casa de Trouxa para casa de Trouxa – os donos desse lugar estão de férias nas Ilhas Canárias – tem sido bem legal, eu vou me sentir triste em sair. É bem simples quando você sabe como, um simples Feitiço do Congelamento nesses sistemas absurdos de alarmes para ladrões que eles usam em vez Espioscópios e ter certeza que os vizinhos não te vejam trazendo o piano para dentro.

- Ingênuos, disse Dumbledore. Mas parece um pouco cansativo para um pobre velho decaído em busca de uma vida sossegada. Agora, se você voltasse a Hogwarts...

- Se você vai me dizer que minha vida ia ter mais paz naquela escola incômoda, você pode ficar sem falar, Alvo! Eu posso ter estado escondido, mas alguns rumores engraçados me alcançaram desde que Dolores Umbridge saiu! Se é assim que você trata os professores atualmente...

- A professora Umbridge entrou em conflito com nosso bando de centauros, disse Dumbledore. Eu acho que você, Horácio, teria sabido melhor como entrar na floresta e chamar uma multidão de centauros furiosos de 'bastardos imundos'.

- Foi isso que ela disse, foi? Disse Slughorn. Mulher idiota. Nunca gostei dela. Harry deu uma risada e tanto Dumbledore quanto Slughorn olharam para ele.

- Desculpem-me, Harry disse apressadamente. É que — Eu também não gostava dela.

Dumbledore se levantou repentinamente.

- Você vai embora? Perguntou Slughorn de uma vez, parecendo esperançoso.

- Não, eu estava me perguntando se eu poderia usar o seu banheiro, disse Dumbledore.

- Oh, disse Slughorn, claramente desapontado. Segunda à esquerda no hall.

Dumbledore saiu a passos largos da sala. Uma vez que a porta havia fechado atrás dele, houve silêncio. Após alguns momentos, Slughorn se levantou, mas parecia incerto de o que fazer. Ele olhou furtivamente para Harry, então saiu e se virou de costas para ele, aquecendo suas largas costas.

- Não pense que eu não sei por que ele trouxe você, ele disse abruptamente. Harry simplesmente olhou para Slughorn. Seus olhos aguados Slughorn passaram pela cicatriz de Harry, dessa vez analisando o resto de seu rosto.

- Você parece muito com seu pai.

- É, já me disseram, disse Harry.

- Tirando seus olhos. Você tem...

- Os olhos da minha mãe, é. Harry ouvia isso com tanta frequência que achava um pouco inconveniente.

- Hump. Sim, bem. Você não deveria ter favoritos sendo um professor, é claro, mas ela era uma das minhas. Sua mãe, Slughorn acrescentou, em resposta ao olhar de questionamento de Harry. Lílian Evans. Uma das mais brilhantes que eu já ensinei. Vivaz, você sabe. Garota encantadora. Eu costumava dizer que ela tinha que estar na minha Casa. Eu costumava receber respostas bem imprudentes.

- Qual era sua Casa?

- Era o Chefe da Sonserina, disse Slughorn. Oh, agora, ele foi rápido, vendo a expressão no rosto de Harry e sacudindo uma duro dedo nele, não vá usando isso contra mim! Você deve ser da Grifinória, como ela, creio eu? Sim, realmente vai de família em família. Nem sempre, entretanto. Já ouviu falar de Sírius Black? Deve ter – esteve nos jornais nos últimos anos – e morreu há algumas semanas – Foi como se uma mão invisível tivesse revirado o intestino de Harry e o apertado forte.

- Bem, de qualquer forma, ele era um grande amigo de seu pai na escola. Toda a família Black esteve na minha casa, mas o Sírius acabou na Grifinória! Vergonha... Ele era um garoto talentoso. Eu peguei o irmão dele, Rebolos, quando ele entrou, mas eu gostaria de ter tido todos. Ele parecia um colecionador que tinha dado o lance mais alto em um leilão. Aparentemente perdido em memórias, ele olhou atentemente para a parede oposta, se perdendo no lugar para assegurar um ardor nas suas nádegas.

- Sua mãe era sangue-ruim, é claro. Não pude acreditar quando eu descobri. Achei que ela fosse puro-sangue, ela era tão boa.

- Uma das minhas melhores amigas é sangue-ruim, disse Harry, e ela é a melhor do nosso ano.

- Engraçado como isso às vezes acontece, não é? Disse Slughorn.

- Não realmente, disse Harry friamente.

- Slughorn olhou para ele surpreso. Você deve pensar que eu sou preconceituoso! Ele disse. Não, não, não! Eu não acabei de dizer que sua mãe é uma das melhores alunas que eu já tive? E também havia Dirk Cresswell no ano seguinte também, agora chefe do Departamento Ligação de Duendes, é claro – outra sangue-ruim, uma aluna muito talentosa, e ainda me dá grandes informações do que ocorre no interior do Gringotes!

Ele deu um pulinho, sorrindo de um modo bem satisfeito, e apontou para as muitas fotos brilhantes na cômoda, cada uma com minúsculos ocupantes se mexendo.

- Todos ex-alunos, todos autografados. Você verá Barnabas Cuffe, editor do Profeta Diário, ele está sempre interessado em ouvir a minha opinião sobre a edição do dia. E Ambrosius Flume, da Dedosmedel — uma grande cesta a cada aniversário, e tudo porque fui eu quem o apresentou para CiceRony Harkiss que lhe deu o seu primeiro emprego! E na parte de trás — você verá se você estender o seu pescoço — aquela é Gwenog Jones, que, é claro,

comanda o Holyhead Harpies... A pessoas estão sempre surpresas ao ouvir que eu estou nas listas dos primeiros dos Harpiers, e eu ganho ingressos de graça sempre que eu quero!

Esse pensamento pareceu alegrá-lo trêmendamente.

- Todas essas pessoas sabem como te encontrar? Como te mandar coisas? perguntou Harry, que não podia deixar de pensar em como os Comensais da Morte ainda não haviam encontrado Slughorn com tantos cestos de doces, ingressos de Quadribol, e visitantes pedindo seus conselhos e opiniões.

O sorriso sumiu do rosto de Slughorn tão rapidamente quanto o sangue das suas paredes.

- É claro que não, ele disse, olhando com desprezo para Harry. Eu estive sem contato com ninguém por um ano.

Harry teve a impressão que as palavras chocaram até mesmo Slughorn; ele parecia bem inseguro por um momento, e então ele abaixou os ombros.

- Mesmo assim... Bruxos prudentes tem que se manter de cabeça baixa às vezes. É muito legal do Dumbledore me chamar, mas assumir um posto em Hogwarts agora seria igual a declarar publicamente que eu tenho alianças com a Ordem da Fênix! E enquanto eu tenho certeza que eles são bem admiráveis e bravos e todo o resto, eu não consigo imaginar a taxa de mortalidade...

- Você não tem que se juntar à Ordem para ser professor em Hogwarts, disse Harry, que não conseguia esconder um tom de ridículo na sua voz: era difícil de simpatizar com a existência mimada de Slughorn quando ele se lembrava de Sírius, agachado em uma caverna e vivendo com ratos. A maioria dos professores não está nela, e nenhum deles jamais foi assassinado – bem, a menos que você conte o Quirrell, mas ele recebeu o que ele merecia por se aliar a Voldemort.

Harry tinha certeza que Slughorn seria um daqueles bruxos que não agüentavam ouvir o nome de Voldemort em voz alta, e não se desapontou: Slughorn trêmeu e deu um grito em protesto, o que Harry ignorou.

- Eu reconheço que os funcionários estão mais seguros que a maioria das pessoas enquanto Dumbledore for o diretor; ele parece ser o único que Voldemort jamais temeu, não é? Harry continuou.

- Bem, sim, é verdade que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado nunca travou uma luta com Dumbledore, ele murmurou de má vontade. E eu suponho que alguém possa argumentar que como eu não me juntei aos Comensais da Morte, Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado pode dificilmente contar comigo como amigo... Nesse caso, eu devo estar mais a salvo perto de Alvo... Eu não posso fingir que a morte de Amelia Bones não balançou comigo... Se ela, com todo o contato com o Ministério e proteção...

Dumbledore entrou na sala e Slughorn pulou como se ele tivesse esquecido que ele estava em casa.

- Oh, aí está você, Alvo, ele disse. Você demorou muito. Dor de estômago?

- Não, eu estava só lendo algumas revistas de Trouxas, disse Dumbledore. Eu adoro amostras de tricô. Bem, Harry, nós já abusamos da hospitalidade de Horácio; eu acho que nós devemos ir embora.

Sem nenhuma relutância em obedecer, Harry se pôs de pé. Slughorn surpreendeu-se com a ofensa.

- Você está saindo?

- Sim, certamente. Eu reconheço uma causa perdida quando eu vejo uma.

- Perdida...?

Slughorn parecia agitado. Ele brincou com seus dedos gordos enquanto ele via Dumbledore apertar seu casaco de viagem, e Harry fechar sua jaqueta.

- Bem, Eu sinto muito que você não queira o trabalho, Horácio. Disse Dumbledore, usando seu braço machucado para dar uma última despedida. Hogwarts estaria feliz em ver você de volta novamente. Nossa grande segurança não obstante, você sempre será bem vindo para visitas, se você quiser.

- Sim... Bem... Muito gentil ... Como eu digo ...

- Adeus então.

- Tchau, disse Harry.

Eles estavam na porta da frente quando houve um grito alto bem atrás deles.

- Tudo bem, tudo bem, eu aceito!

Dumbledore se virou para ver Slughorn sem ar na porta da sala de estar.

- Você vai sair do seu esconderijo?

- Sim, sim, disse Slughorn impaciente. Eu devo estar louco, mas sim.

- Maravilhoso, disse Dumbledore, radiante. Então, Horácio, nós nos veremos no dia primeiro de Setembro.

- Sim, eu suponho que nos veremos, grunhiu Slughorn.

Assim que eles saíram do jardim, a voz de Slughorn veio atrás deles, - Eu vou querer um aumento, Dumbledore!

Dumbledore riu. O portão do jardim se fechou atrás deles, assim que eles saíram para a rua pelas sombras e redemoinhos.

- Muito bem, Harry, disse Dumbledore.

- Eu não fiz nada, disse Harry surpreso.

- Oh sim você fez. Você mostrou a Horácio exatamente o que ele tem a ganhar para voltar para Hogwarts. Você gosta dele?

- Er... Harry não tinha certeza se ele gostava de Slughorn ou não. Ele achava que ele tinha sido agradecido de sua forma, mas ele também parecia convencido e, mesmo ele tendo dito o contrário, muito surpreso de que um sangue-ruim pudesse ser um bruxo exemplar.

- Horácio, disse Dumbledore, tirando de Harry a responsabilidade de Harry de dizer qualquer uma dessas, Gosta do seu conforto. Ele também gosta da companhia dos famosos, aqueles que se deram bem, e os poderosos. Ele gosta do sentimento que ele influencia essas pessoas. Ele nunca quis ocupar o trono ele mesmo; ele prefere o banco de trás – mais espaço para se divulgar, você vê. Ele costumava escolher os seus preferidos em Hogwarts, alguns pela ambição de seus cérebros, às vezes por seu charme ou talento, ele tinha um gosto especial por aqueles que se tornariam destaques em seus vários campos. Horácio formava um tipo de clube de seus favoritos com ele mesmo no centro, fazendo apresentações, realizando contatos úteis entre membros, e sempre colhendo algum tipo de benefício em troca, seja uma caixa de graça de seu abacaxi cristalizado favorito ou a chance de recomendar o próximo membro júnior do Departamento de Ligação de Duendes.

Harry teve uma rápida e vívida imagem de uma enorme aranha, fazendo uma teia em volta de si, fazendo uma troca aqui e ali para trazer seus fios um pouco mais pertos um do outro.

- Eu te digo isso, Dumbledore continuou, para não se voltar contra Horácio ou, como nós o devemos chamar agora, Professor Slughorn — mas se colocar na sua própria defesa. Ele vai sem dúvidas tentar colecionar você, Harry. Você

seria a jóia da sua coleção; 'o Garoto Que Sobreviveu'... Ou, como eles dizem agora, 'o Escolhido'.

Com essas palavras, um arrepio que nada tinha a ver com aquela névoa caiu sob Harry. Ele se lembrou de palavras que ele havia ouvido algumas semanas atrás, palavras que tinham em terrível e peculiar sentido para ele: Um não pode viver enquanto o outro sobreviver...

Dumbledore parou de caminhar, perto da Igreja onde eles passaram mais cedo.

- Isso vai ser suficiente, Harry. Se você puder segurar no meu braço.

Segurando forte dessa vez, Harry estava pronto para Aparatar, mas ainda assim a achou desconfortável. Quando a pressão cessou e ele se viu capaz de respirar novamente, ele estava em uma alameda rural ao lado de Dumbledore e olhando adiante para a silhueta torta do seu segundo lugar favorito no mundo: a Toca. Ao contrário do espírito de medo que o havia pegado antes, ele não conseguia deixar

de se sentir feliz com essa visão. Rony estava aqui... e também a Sr^a. Weasley, que cozinhava melhor que qualquer outra pessoa que ele conhecesse...

- Se você não se importar, Harry, disse Dumbledore, enquanto eles passaram pelo portão, Eu gostaria de dar uma palavrinha com você antes de partir. Em particular. Aqui, talvez?

Dumbledore apontou para um lugar em estado precário onde os Wealeys costumavam guardar suas vassouras. Um pouco confuso, Harry seguiu Dumbledore pela porta rangida até um espaço menor que um guarda-roupas. Dumbledore iluminou a ponta de sua varinha, para que esta ficasse parecendo uma tocha, e sorriu para Harry.

- Eu espero que você me desculpe por falar isso, Harry, mas eu estou bem satisfeito e orgulhoso do modo como você parece estar lidando com tudo, após tudo que aconteceu no Ministério. Permita-me dizer que eu creio que Sírius estaria orgulhoso de você.

Harry engoliu em seco; sua voz parecia ter sido levada com ele. Ele não achava que seria capaz de falar sobre Sírius; já tinha sido doloroso demais ouvir seu tio Valter dizer "O padrinho dele morreu?" E ainda pior ouvir o nome de Sírius dito casualmente por Slughorn.

- Foi cruel, disse Dumbledore com a voz doce, que você e Sírius tenham tido um tempo tão curto juntos. Um fim brutal para o que deveria ter sido uma convivência longa e feliz.

Harry concordou com a cabeça, seus olhos fixos na aranha no chapéu de Dumbledore. Ele poderia dizer que Dumbledore entendia, ele poderia até suspeitar disso até sua carta chegar, Harry tinha gastado praticamente todo o seu tempo na casa dos Dursley, jogado na sua cama, recusando comida e olhando para a janela embaçada, cheio de névoa em seu aposto que ele associava com os Dementadores.

- É tão difícil, Harry disse finalmente, em voz baixa, ter certeza que ele nunca mais vai escrever para mim.

Seus olhos arderam de repente e ele piscou. Ele se sentiu idiota por admitir isso, mas o fato dele ter alguém fora de Hogwarts que se importasse com o que acontecia com ele, quase um parente, foi uma das melhores coisas de descobrir o seu padrinho... E agora as corujas de correio nunca mais iriam lhe trazer aquele reconfortamento...

- Sírius representou para você muito do que você nunca havia tido antes, disse Dumbledore gentilmente. Naturalmente, sua perda será devastadora...
- Mas enquanto eu estava nos Dursleys... Interrompeu Harry, sua voz ficando mais forte, Eu percebi que eu não posso me abatér – ou desistir. Sírius não iria querer isso para mim, iria? E de qualquer forma, a vida é muito curta... Olhe para a Madame Bones, olhe para Emmeline Vance... Eu poderia ser o próximo, não poderia?
- Mas se for, ele disse violentamente, Eu vou me assegurar de que eu leve quantos Comensais da Morte comigo quanto eu puder e, se for possível, Voldemort também.
- Falou ao mesmo tempo como filho de seus pais e afilhado de Sírius! Disse Dumbledore, com um tapinha de aprovação nas costas de Harry. Eu tiro o meu chapéu para você – eu tiraria, se eu temesse lhe mostrar algumas aranhas. E agora, Harry, um acontecimento mais recente... Eu creio que você tenha lido o Profeta Diário nas duas últimas semanas?
- Sim, disse Harry, e seu coração bateu um pouco mais rápido.
- Então você deve ter visto que não haviam tantas notas e comentários sobre Você na Sala da profecia?
- Sim, disse Harry novamente. E agora todos sabem que eu sou o Escolhido... — Não, eles não sabem, interrompeu Dumbledore. Só existem duas pessoas em todo esse mundo que sabem do total conteúdo daquela profecia relacionando você e Lord Voldemort, e as duas estão aqui nesse armário fedorento e cheio de aranhas. É verdade, porém, que muito já adivinharam, corretamente, que Voldemort mandou seus Comensais para roubar uma profecia, e essa profecia fala de Você.
- Agora, eu devo estar certo em dizer que você não contou para ninguém o conteúdo da profecia, contou?
- Não, disse Harry.
- Uma sábia decisão, no fim, disse Dumbledore. Embora eu ache que você deva relaxar com os seus amigos, Mr. Ronyald Weasley e Miss Hermione Granger. Sim, ele continuou, quando Harry olhou para ele assustado, Eu acho que eles devem saber. Você seria injusto se não confidenciasse algo importante com eles.
- Eu não queria assustá-los ou preocupá-los? Disse Dumbledore, vislumbrando Harry pelo topo de seus óculos de meia-lua. Ou talvez, confessar que você está assustado e preocupado? Você precisa de seus amigos, Harry. Como você mesmo disse, Sírius não iria querer que você se abatésse. Harry não disse nada, mas Dumbledore não aprecia pedir uma resposta. Ele continuou, Falando de outro assunto:
- Eu gostaria que você tivesse algumas lições particulares comigo esse ano.
- Particulares — com você? Disse Harry, surpreso com o seu silêncio preocupado.
- Sim, eu acho que é hora de investir mais na sua educação. O que você vai me ensinar, senhor?
- Oh, um pouco disso, um pouco daquilo, disse Dumbledore vagamente. Harry esperou esperançoso, mas Dumbledore não continuou, então ele perguntou outra coisa que o vinha perturbando bastante.
- Se eu vou ter aulas com você, então eu não vou precisar das aulas de Oclumência com Snape, vou?
- "Professor Snape, Harry — e não, você não vai.

- Bem, disse Harry, aliviado, porque elas eram um pouco —
Ele parou, tomando cuidado para não dizer o que ele realmente pensava.
- Eu acho que a palavra 'fiasco' se encaixaria bem aqui, disse Dumbledore, concordando.
Harry riu.
- Bem, isso quer dizer que eu não devo ver tanto o Professor Snape agora, ele disse, porque ele não vai me deixar ter Poções se eu tirar Excepcional no meu N.O.M., o que eu sei que eu não tirei.
- Não conte nas suas corujas antes delas serem entregues, disse Dumbledore gravemente. O que agora, eu acho, eu estou um pouco atrasado. Agora, mais duas coisas Harry, antes de partirmos..
- Primeiramente, eu gostaria que de agora em diante você levasse sempre a sua Capa Invisível com você. Mesmo dentro de Hogwarts. Só no caso de, você me entende?
- Harry confirmou.
- E por fim, enquanto você fica aqui, a Toca recebeu a maior segurança que o Ministério da Magia pode oferecer. Essas mudanças causaram um pouco de inconveniência para Arthur e Molly – todos os seus cargos, por enquanto, estão sendo vigiados no Ministério. Eles não se sentem desprezados, para eles o maior objetivo é a sua segurança. Mesmo assim, seria injusto você se meter em confusão enquanto está aqui com eles.
- Eu entendo, disse Harry rapidamente.
- Muito bem, então, disse Dumbledore, segurando a porta do lugar aberta para o jardim. Eu vejo uma luz na cozinha. Não vamos privar mais a Molly de implicar com o quão magro você está.

--Capítulo 5--
Cansadas da Exibida

Harry e Dumbledore se aproximaram da porta dos fundos da toca, a qual estava cercada pela familiar fileira de botas de Wellington e de caldeirões enferrujados; Harry podia ouvir o suave Ronyco dos frangos adormecidos que vinha de um lugar distante. Dumbledore bateu na porta três vezes e Harry repentinamente viu um movimento atrás da janela da cozinha.

- Quem está aí? Disse uma voz nervosa que foi identificada como a voz da Sr^a. Weasley. Identifique-se!

- Sou eu, Dumbledore, trazendo o Harry.

A porta abriu finalmente. Estava ali, parada, a Sr^a. Weasley, pequena, gorducha e vestindo um velho vestido verde.

- Harry, querido! Gracioso, Alvo, você me assustou, você disse para não te esperar antes de amanhecer!

- Nós somos sortudos, disse Dumbledore, apontando para Harry sobre a soleira. Slughorn se mostrou muito mais fácil de se convencer do que eu esperava. Harry cumpriu o seu papel, é claro. Ah, olá Ninfadora!

Harry olhou em volta e viu que a Sr^a. Weasley não estava sozinha, apesar de já ser tarde. Uma jovem bruxa pálida com uma cara em forma de coração e um cabelo 'mousy' e castanho estava sentada à mesa segurando uma grande caneca entre suas mãos.

- Olá professor ela disse. Beleza Harry?

- Olá Tonks

Harry acou que ela parecia tensa, talvez doente, e alguma coisa estava forçando-a sorrir. Certamente sua aparência havia perdido o colorido habitual sem seu costumeiro cabelo cor rosa-chiclete.

- Estarei melhor se dormir, ela disse rapidamente, levantando e colocando seu casaco sobre suas costas. Obrigado pelo chá e pela simpatia Molly.

- Por favor, não vá por minha causa, disse Dumbledore educadamente. - Eu não posso ficar, tenho problemas urgentes para discutir com Rufus Scrimgeour.

- Não, não, eu preciso ir, disse Tonks, não encontrando os olhos de Dumbledore.

- Noite!

- Querida, por que você não vem jantar no fim de semana? Lupin e Olho tonto virão!

- Não, sério Molly... De qualquer modo, obrigada... Boa noite a todos.

Tonks passou rapidamente por Dumbledore e por Harry no jardim; a alguns passos do portão ela se virou para um ponto e desapareceu no ar. Harry percebeu que a Sr^a. Weasley estava preocupada.

- Bem, espero te ver em Hogwarts Harry, disse Dumbledore. Cuidado consigo mesmo. Molly, aos seus serviços.

Ele passou pela Sr^a. Weasley e seguiu os passos de Tonks, desaparecendo no mesmo ponto. A Sr^a. Weasley fechou a porta que dava para o jardim vazio e então guiou Harry pelas costas para a luz da lanterna sobre a mesa para examinar sua aparência.

- Você parece com o Rony, ela suspirou, olhando para ele dos pés à cabeça.

- Parece que tem sementes de crescimento colocadas em vocês. Eu juro que o Rony cresceu 4 polegadas (+/- 10 cm) desde a última vez q eu comprei seu uniforme.

- Está com fome, Harry?

- Sim, estou, disse Harry, percebendo só agora a grande fome que estava sentindo.

- Sente-se querido, eu vou preparar algo.

Um gato animado com a cara esmagada pulou nos joelhos de Harry e permaneceu sentado, miando.

- Então Hermione está aqui? Ele perguntou muito feliz enquanto fazia carinho atrás da orelha de Bichento.

- Sim, ela chegou anteontem, disse a Sr^a. Weasley, batendo um grande pote com sua varinha: o pote saltou para sobre o fogão fazendo um barulho muito alto e começou a borbulhar. Todos estão nas camas, é claro, nós não esperávamos você a essa hora.

Ela bateu no pote novamente; ele se ergueu no ar, voou em direção de Harry e derramou; a Sr^a. Weasley deslizou uma bacia precisamente em baixo do líquido bem na hora de pegar o líquido denso, composto de sopa de cebola.

- Pão, querido?

- Obrigado Sr^a. Weasley.

Ela balançou sua mão atrás de suas costas; um pão e uma faca foram graciosamente até a mesa. Como o pão se cortava sozinho e a panela de sopa voltava para o fogão, a Sr^a. Weasley sentou do lado oposto da mesa.

- Então você convenceu Horace Slughorn a aceitar o trabalho?

Harry fez que sim com a cabeça, sua boca estava tão cheia de sopa quente que ele não conseguia falar...

- Ele disse para Arthur e para mim, disse a Sr^a. Weasley, que não voltaria. Ele esteve em Hogwarts há alguns anos, começou aproximadamente na mesma época que Dumbledore, eu acho. Você gostou dele?

Sua boca agora estava cheia de pão, Harry encolheu os ombros e colocou sua cabeça de lado, passando a idéia de dúvida.

- Eu sei o que você quer dizer, disse Sr^a. Weasley, concordando sabiamente. É claro que ele pode ser legal quando ele quer, mas Arthur nunca gostou muito dele. O ministro tem criado confusão com os velhos protegidos de Slughorn, ele sempre foi bom em dar dicas, mas ele nunca teve muito tempo para Arthur, ele nunca pareceu pensar que Arthur é bom o suficiente para ocupar um cargo do alto escalão ministerial. Bem, como você pode ver, Slughorn também comete erros.

- Eu não sei se Rony te contou em alguma dessas cartas, mas Arthur foi promovido!!!!

Não poderia ter ficado mais claro que a Sr^a. Weasley estava ansiosa para dizer isso. Harry engoliu uma quantidade tão grande de sopa quente que ele pode sentir sua garganta empolando.

- Isso é ótimo! Ele ofegou...

- Você é um doce, disse a Sr^a. Weasley, visivelmente emocionada enquanto dava a notícia. Sim, Rufus Scrimgeour tem criado algumas novas repartições em consequência da presente situação, e Arthur entrou para o Departamento de Detecção e Confisco de Falsos Feitiços Defensivos e Objetos Protetores. É um grande emprego, agora ele tem 10 pessoas subordinadas a ele!

- O que exatamente...

- Bem, veja, com todo o pânico a cerca de Você-Sabe-Quem, um excesso de coisas estranhas estão a venda, coisas que supostamente protegem contra Você sabe quem e os comensais da morte. Você pode imaginar o tipo de coisa - poções protetoras que na verdade são caldos com um pouco de pus de brotuberas adicionado, ou instruções de feitiços defensivos que na verdade fazem sua orelha cair... Bem, e os principais participantes desse crime são pessoas como o Mundungo Fletcher, que nunca teve um dia de trabalho honesto em suas vidas e estão tirando vantagem do medo que as pessoas estão sentindo, mas às vezes coisas realmente sórdidas vem a tona. Outro dia Arthur confiscou um Sneakoscopes que foi certamente implantado por um comensal da morte. Então veja, é um trabalho muito importante, e eu falo para ele como é tolo perder o tempo com velas de ignição e torradeiras e todo o resto de lixo trouxa. Sr^a. Weasley terminou seu discurso com um olhar frio, como se Harry fosse sugerir que é natural perder velas de ignição.

- Sr. Weasley ainda está trabalhando? Harry perguntou

- Sim, ele está. É um problema desse emprego, ele está um pouquinho atrasado... Ele disse que voltaria por volta de meia noite...

Ela se virou para olhar o grande relógio que foi colocado desajeitadamente no topo de uma pilha de folhas no cesto de roupa suja no fim da mesa. Harry reconheceu o relógio: ele tinha 9 ponteiros, cada um com o nome de um membro da família Weasley, e normalmente ficava preso na parede da sala de estar dos Weasleys, sua atual posição sugere que a Sr^a. Weasley anda carregando o relógio pela casa inteira com ela. Todos os 9 ponteiros agora estavam apontando para PERIGO MORTAL.

- De uns tempos para cá tem sido assim sempre, disse a Sr^a. Weasley, em uma voz casual, inconvincente, desde que Você-sabe-quem voltou declaradamente, creio que todos correm perigo mortal agora.... Não acredito que isso só ocorra com na nossa família... Mas não conheço ninguém que tenha um relógio como esse, então não dá para confirmar. Oh!

Com uma repentina exclamação ela indicou o relógio com a cabeça. O ponteiro do Sr. Weasley havia mudado para VIAJANDO.

- Ele está chegando!

E confirmando, um momento depois se ouviu uma batida na porta dos fundos. A Sr^a. Weasley se levantou e correu para a porta; com uma mão na maçaneta e com a face pressionada contra a porta ela disse docemente, Arthur, é você?

- Sim, ouviu-se a voz cansada do Sr. Weasley. Mas eu poderia ser um comensal da morte, querida. Faça uma pergunta!

- Oh, sinceramente...'

- 'Molly!'

- 'Tudo bem, tudo bem... Qual a sua mais desejada ambição?'

- 'Descobrir como os aviões permanecem voando'

A Sr^a. Weasley acenou com a cabeça e virou a maçaneta, mas aparentemente o Sr. Weasley estava segurando forte do outro lado, porque a porta permaneceu firmemente imóvel.

- 'Molly! Eu tenho que fazer a sua pergunta primeiro!'

- 'Arthur, realmente, isso é uma babaquice...'

- 'Do que você gosta que eu te chame quando estamos juntos sozinhos?'

- 'Mollybalanço, sussurrou envergonhada a Sr^a. Weasley em um pedaço rachado da porta.

- 'Certo,' disse o Sr. Weasley. 'Agora você pode me deixar entrar.'

Sr^a. Weasley abriu a porta e revelou seu marido, um bruxo magro, quase careca, ruivo usando um óculos de borda com chifres e uma longa e suja capa de viagem.

- 'Eu continuo sem saber por que nós temos que fazer isso toda hora que você chega em casa,' disse a Sr^a. Weasley, ainda vermelha de vergonha enquanto ajudava seu marido a tirar a capa. 'Quer dizer, um comensal da morte poderia ter forçado você a responder esta pergunta para ele antes de ele se transformar em você!

'Eu sei querida, mas isso é um procedimento do Ministério e eu tenho que dar o exemplo. Alguma coisa está cheirando bem - sopa de cebola?' Sr. Weasley se virou esperançoso para a mesa

- 'Harry! Não esperava vê-lo antes de amanhã de manhã!

Eles apertaram as mãos e o Sr. Weasley sentou na cadeira ao lado de Harry enquanto a Sr^a. Weasley colocava um prato de sopa a sua frente também.

- 'Obrigado Molly. Essa foi uma noite dura. Alguns idiotas começaram a vender medalhas metamorfogas. É só colocá-las em volta de seu pescoço e ela mudará sua aparência à vontade. Centenas de milhares de disfarces, tudo por 10 galeões!' 'E o que realmente acontece quando você as coloca em volta do pescoço?' 'Na maioria das vezes você fica com a pele cor de laranja, mas em algumas pessoas brotaram tentáculos com verrugas em todo corpo. Como se o St. Mungus já não tivesse o que fazer!'

- 'Isso é o tipo de coisa que Fred e Jorge achariam graça,' disse a Sr^a. Weasley hesitando. 'Você tem certeza que...?'

- 'Claro que tenho!' disse o Sr. Weasley. 'Os garotos não fariam algo desse tipo, não quando as pessoas estão desesperadas em busca de proteção!'

- 'Então foi por causa disso que você se atrasou, medalhas metamorfogas?'

- 'Não, nós pegamos um desagradável elefante descendo no castelo, mas ainda bem que o Esquadrão de Aplicação da lei mágica já o tinha Expulsado quando chegamos la...'

Harry disfarçou um bocejo com as mãos.

- 'Cama,' disse a Sr^a. Weasley. 'Eu arrumei o quarto de Jorge e de Fed para você, você ficará sozinho nele.'

- 'Por que, onde eles estão?'

- 'Ah, eles estão no beco diagonal, dormindo num pequeno aposento sobre a loja de logros deles, eles estão muito ocupados,' disse a Sr^a. Weasley. 'Eu devo admitir, primeiro eu não aprovei a idéia, mas eles parecem ter talento nesse negócio!'

- 'Venha querido, suas roupas já estão lá em cima.'

- 'Boa noite Sr. Weasley,' disse Harry, empurrando sua cadeira de volta para o lugar. Bichento satou rapidamente de seu colo e saiu da cozinha.

- 'Noite Harry,' disse o Sr. Weasley.

Harry viu a Sr^a. Weasley olhar para o relógio em cima do cesto de roupas quando eles saíram da cozinha. Todos os ponteiros estavam apontando novamente PERIGO MORTAL.

As camas de Fred e de Jorge ficavam no segundo piso. Sr^a. Weasley apontou sua varinha para a lâmpada que ficava no criado mudo e a mesma acendeu imediatamente, iluminando o quarto com um brilho agradável. Embora tivesse sido colocado um vaso de flores em cima da mesa em frente a uma pequena janela, seu perfume não pode disfarçar o cheiro que Harry imaginava ser de pólvora. Um espaço grande do chão estava dedicado a uma grande quantidade

de caixas de papelão sem identificação, entre eles o malão de Harry. O quarto parecia que estava sendo usado como um armazém temporário.

Edwiges piou muito feliz para Harry de sua gaiola que estava em cima de um grande guarda roupa e então saiu pela janela; Harry sabia que ela estava esperando por ele antes de sair para caçar. Harry deu boa noite para a Sr^a. Weasley, colocou seu pijama e foi para uma das camas. Tinha algo muito duro na fRonyha. Ele procurou sem olhar para ver o que encontrava e achou um chiclete verde e roxo, que reconheceu como sendo Vomitilha. Sorrindo para si mesmo, ele virou de lado na cama e adormeceu imediatamente.

Segundos depois, ou pelo menos pareceu esse tempo para Harry, ele foi acordado por um barulho que parecia ser de tiro de canhão, mas era alguém abrindo violentamente a porta do quarto. Sentando rápido na cama, ele ouviu as cortinas sendo abertas: A luz do sol parecia cutucar-lhe fortemente os olhos. Escondendo-se dela com uma mãos, ele procurou desesperadamente por seu óculos.

- Quem está aí?

- Nós não sabíamos que você já estaria aqui! Disse uma voz alta e eufórica, e recebeu um soco dolorido na cabeça.

- 'Rony, não bata!' Disse a voz de uma garota, repreendendo.

A mão de Harry achou os óculos e ele então os colocou, mas a luz estava tão forte que ele mal conseguia ver alguma coisa. Uma grande massa foi vista em sua frente por um momento; ele piscou e Rony Weasley entrou em foco, sorrindo para ele.

- 'Beleza?'

- 'Nunca estive melhor,' disse Harry, esfregando a cabeça por causa do soco e deitando no travesseiro. 'E você?'

- 'Nada mal,' disse Rony, tirando da frente uma caixa de papeão e sentado sobre ela.

- 'Quando você chegou? Mamãe acabou de avisar que você estava aqui!'

- 'Mais ou menos 1 da manhã.'

- 'Os trouxas fizeram tudo certo? Trataram-te bem?'

- 'Como sempre,' disse Harry, enquanto Hermione se acomodava na ponta da cama. '

- Eles não falaram muito comigo , mas eu prefiro assim. Tudo bem com você Hermione?'

- 'Ah, eu estou bem,' disse Hermione, que estava olhando para Harry como se ele estivesse doente.

Ele sabia o que estava por trás disso; como ele não queria falar sobre a morte de Sírius nem sobre qualquer assunto triste, ele disse, 'Que horas são? Eu já perdi o café?'

- 'Não se preocupe com isso, mamãe está subindo com a sua bandeja, ela acha que você está muito mal-alimentado,' disse Rony, girando os olhos. 'Então, o que me conta?'

- 'Nada demais, eu estive preso com meu primo e meus tios, não fiquei?'

- 'Se liga!' Disse Rony. 'Você saiu de lá com o Dumbledore!'

- 'Isso não foi muito excitante. Ele só quis minha ajuda para convencer um outro professor para sair da aposentadoria. Ele se chama Horace Slunghorn.'

- 'Oh,' disse Rony, olhando desapontado. 'Nós pensávamos...'

Hermione lançou um olhar de Rony e ele mudou de assunto rapidamente.

- Nós pensávamos que seria algo desse tipo.'

- 'Tem certeza?' disse Harry, divertindo-se.
- Sim... Claro, agora que a Umbridge foi embora, obviamente nós precisamos de um novo professor de Defesa Contra Artes das Trevas, não é? Então, hum... Como ele é?'

- Ele parece uma morsa e era o diretor da sonserina,' disse Harry. - 'Algo errado, Hermione?'

Ela estava olhando para ele como se esperasse que alguma coisa estranha fosse acontecer com ele a qualquer momento. Ela desfez a expressão rapidamente e abriu um sorriso pouco convincente.

- 'Não, claro que não! Então, hum... Slunghorn parece ser um bom professor?'

- 'Não sei,' disse Harry. ' Ele não pode ser pior que a Umbridge, pode?'

- 'Eu conheço alguém pior que a Umbridge,' disse uma voz na porta. A irmã mais nova de Rony entrou no quarto parecendo irritada. 'Olá Harry.'

- 'O que acontece com você?', perguntou Rony.

- É ELA,' disse Gina, se jogando na cama de Harry. 'Ela está me deixando louca.'

- 'O que ela fez agora?' Perguntou Hermione condescendentemente.

- 'É o jeito que ela fala comigo - ela pensa que eu tenho 3 anos!'

- 'Eu sei,' disse Hermione, abaixando o tom de voz. ' Ela está cheia de si mesma.'

Harry ficou impressionado de ouvir Hermione falando da Sr^a. Weasley daquele jeito e não pode culpar Rony de dizer nervoso, 'Vocês não podem deixar ela em paz por 5 segundos?'

- 'Oh, tudo bem, defenda ela,' disse Gina. ' Todos nós sabemos que você não pode com ela.'

Isso pareceu um comentário desnecessário sobre a mãe de Rony; parecia que ele estava perdendo algo, Harry disse, 'Quem é?'

Mas a pergunta foi respondida antes que ele pudesse acabá-la. A porta se abriu violentamente novamente e Harry instintivamente puxou seu edredon para perto do queixo tão forte que Hermione e Gina caíram no chão .

Uma jovem mulher estava de pé na porta, uma mulher tão linda que o quarto parecia ter ficado abafado momentaneamente. Ela era alta e magra com um longo cabelo loiro e parecia emanar um brilho prateado reluzente. Para completar a visão de perfeição, ela estava carregando uma grande bandeja de café da manhã.

- 'Arry,' ela disse com uma voz rouca. 'Cuanto tempo!'

Quando ela andou um pouco a Srs. Weasley apareceu, andando atrás da jovem, parecendo um pouco rabugenta.

- 'Não precisava trazer aqui, e posso fazer isso sozinha!'

- 'Non tem problema,' disse Fleur Delacour, colocando a bandeja sobre os joelhos de Harry e dando-lhe um beijo em cada bochecha: ele sentiu os lugares onde ela o beijou queimarem . 'Eu stava há moito tempo dessejando te verr. Lembra da minia irrmã, Gabrielle? Ela não parra de falarr sobre Arry Potterr. Ela querrendo moito vê-lo de novo.'

- 'Ah... Ela está aqui também?' Harry perguntou.

- 'Não, não, bobinho,' disse Fleur com um leve sorriso, 'Eu quero dizerr no prróximo verrão, cuando nós - mas você não sabe?'

Ela arregalou seus olhos azuis e olhou repreensivamente para a Sr^a. Weasley, que disse,

- Nós ainda não contamos a ele.

Fleur virou para Harry, balançando seu cabelo prateado, que bateu na cara da Sr^a. Weasley.

- 'Gui e eu vamos nos casarr!'

- 'Oh,' disse Harry inexpressivamente. Ele não pode dizer mais nada ao notar como a Sr^a. Weasley, Hermione e Gina estavam evitando outros olhares.

- Bom, humm, felicidades!

Ela abaixou sobre ele e lhe deu um beijo novamente.

- Gui estarr muito ocupado no momento, trrabalhando durro, e eu só trrabalho meio perríodo no Grringotes parra melhorrarr meu inglês, então ele me trrouxe para ca por alguns dias parra conhecer sua família. Eu fiquei muito feliz em saberr que você viria - Aqui não tem muita coisa parra fazerr, só se vocÊ gostar de cozinhar e de frangos! Bem - aproveite seu café da manhã Arry!'

Com essas palavras ela se virou graciosamente e saiu do quarto, fechando a porta atrás dela.

Sr^a. Weasley fez um barulho parecido com 'tchah!'

- 'Mamãe odeia ela,' disse baixinho Gina

- 'Eu não odeo ela!' disse a Sr^a. Weasley cochichando. 'Eu só acho que eles foram muito apressados em assumir este compromisso, só isso!' 'Eles se conheceram há um ano,' disse Rony, que parecia esquisitamente embriagado e ficava olhando para a porta fechada.

- 'Bem, não faz muito tempo! Eu sei por que aconteceu, é claro. Isso aconteceu certamente por que Você-sabe-quem está voltando, as pessoas acham que podem morrer amanhã, então elas tomam algumas decisões que normalmente demorariam um bom tempo para tomar. É a mesma coisa que aconteceu da última vez que ele era poderoso, as pessoas fugiam com os namorados a torto e a direito'

- 'Incluindo você e o papai,' disse Gina.

- 'Sim, bem, seu pai e eu fomos feitos um para o outro, para que esperar?' Disse a Sr^a. Weasley. 'Quanto a Gui e Fleur... Bem... O que eles tem realmente em comum? Ele é trabalhador, uma pessoa humilde, enquanto ela...'

- 'Uma vaca,' disse Gina, concordando com a cabeça. 'Mas Gui não é tão humilde quanto você fala, ele gosta de um pouco de aventura, de um pouco de glamour... acho que foi por isso que ele foi com a exibida.

- 'Pare de chamar ela assim Gina,' disse a Sa. Weasley, quando Hermione e Harry começaram a gargalhar. 'Bem, é melhor eu ir... Harry, coma seus ovos enquanto eles estão quentes!'

Parecendo aflita, ela saiu do quarto. Rony, ainda parecendo bêbado; sacudiu a cabeça como um cachorro tentando tirar água das orelhas. 'Você não se acostumou com ela morando na sua casa?' Harry perguntou.

- 'Bem, você se acostuma...' Disse Rony, 'mas se ela pula inesperadamente em cima de você, como agora...'

- 'Isso é ridículo,' disse Hermione furiosa, se afastando de Rony o mais longe que podia e virando a cara para ele, se protegendo com os braços pois havia chegado na parede.

- 'Você não quer ela morando aqui para sempre, quer?' Gina perguntou incredulamente para Rony. Quando ele gaguejou, ela disse, - 'Bem, mamãe vai acabar com ela assim que ela puder, aposto qualquer coisa.'

- 'Como ela vai controlar isso?' perguntou Harry

- 'Ela contnua tentando trazer Tonks para jantar. Eu acho que ela pensa que Gui vai se interessar em Tonks. Eu também espero que isso aconteça, eu a

prefiro na família.' 'Sim, isso vai funcionar,' disse Rony sarcasticamente. 'Ouça, nenhum homem não iria olhar para Tonks enquanto Fleur está por perto. Quer dizer, Tonks é bonita quando não fica fazendo aquelas coisas estúpidas com o cabelo e com o nariz, mas...'

- 'Ela com a aparência horrorosa eh mais agradável que a exibida,' disse Gina.

- 'E ela é mais inteligente, ela é uma Aurora!' disse Hermione do canto do quarto.

- 'Fleur não é estúpida, ela foi boa o suficiente para entrar no torneio Tribuxo,' disse Harry.

- 'Não tão boa quanto você!' Disse Hermione amargamente.

- 'Eu aposto que você gosta do jeito que a exibida diz Arry, não gosta?' Perguntou Gina desdenhosa.

- 'Não,' disse Harry, desejando não ter falado nada, 'Eu só disse que, a exibida quer dizer - Fleur -'

- 'Eu preferiria ter Tonks na família,' disse Gina. 'Ao menos ela é engraçada!'

- 'Ela não tem sido muito engraçada,' disse Rony. 'Toda hora que eu olho para ela, ela está parecendo mais a Murta que geme.'

- 'Isso não é justo!' disse Hermione. 'Ela ainda não superou o que aconteceu... Você sabe... Quer dizer, ele era primo dela!'

O coração de Harry bateu mais forte. Eles tinham chegado no assunto de Sírius.

Ele pegou o garfo e começou a comer os ovos mexidos, esperando não receber nenhum convite para entrar na conversa.

- 'Tonks e Sírius souberam que eram paredes há pouco tempo!' Disse Rony. 'Sírius estava em Azkaban durante metade da vida dela e antes disso as famílias deles nunca haviam se encontrado.'

- 'Isso não tem nada a ver,' disse Hermione. 'Ela pensa que a morte dele foi culpa dela!'

- 'Por que ela pensa isso?' Perguntou Harry

- 'Bem, ela estava lutando com a Belatriz Lestrange, não estava? Eu acho que ela pensa que se ela tivesse acabado com a Belatriz, ela não teria matado o Sírius'

- 'Isso é estúpido' Disse Rony

- 'É a culpa de sobrevivente,' disse Hermione. ' Eu sei que Lupin está tentando acalmá-la, mas ela está realmente triste. Agora ela está tendo problemas com sua metamorfose!'

- 'Com a sua metamorfose?'

- 'Ela não consegue mais mudar sua aparência como antes,' explicou Hermione. 'Eu acho que seus poderes devem ter sido afetados pelo choque, ou algo assim.'

- 'Eu não acho que isso possa acontecer,' disse Harry.

- 'Eu não tenho certeza,' disse Hermione, ' mas eu suponho que se você está realmente deprimido...'

A porta se abriu novamente e a Sr^a. Weasley colocou sua cabeça para dentro.

- 'Gina,' ela cochichou, 'desça aqui e me ajude com o almoço.

- 'Mas eu estou conversando!' Disse Gina enfurecida.

- 'Agora!' disse a Sr^a. Weasley, e desapareceu.

- 'Ela só quer que eu desça para não ter que ficar sozinha com a exibida!' Disse Gina. Ela jogou seus longos cabelos vermelhos para imitar a Fleur e atravessou o quarto com os braços cruzados como se fosse uma bailarina.

- 'Seria melhor se você descesse rápido também,' Disse a Srª. Weasley enquanto ia saindo.

Harry aproveitou o silêncio para comer. Hermione estava examinando as caixas de Fred e Jorge, olhando de vez em quando para Harry.

Rony, que agora estava ajudando Harry a comer as torradas, estava olhando para a porta distraidamente.

- 'O que é isso?' Hermione perguntou, levantando o que parecia um pequeno telescópio.

- 'Não sei,' disse Rony, 'mas Fred e Jorge deixaram isso aqui, talvez ainda não esteja pronto para vender, então cuidado!'

- 'Sua mãe disse que a loja está indo bem,' disse Harry. 'Disse que Fred e Jorge levam geito para negócios.'

- 'Ela foi modesta,' disse Rony. 'Eles estão nadando em galeões! Eu mal posso esperar para ver o lugar. Nós ainda não fomos para o beco diagonal, pois mamãe disse que papai conseguiu segurança extra para ir para lá e agora ele está cheio de trabalho, mas isso é excelente!'

- 'E o Percy?' Perguntou Harry; o terceiro irmão mais velho dos Weasleys se separou do resto da família. 'Ele voltou a falar com seus pais?'

- 'Não,' disse Rony.

- 'Mas ele sabe que seu pai estava certo sobre a volta de Voldemort!'

- 'Dumbledore disse que as pessoas acham mais fácil as pessoas perdoarem quando o outro está errado do que quando está certo,' disse Hermione. 'Eu ouvi ele falando isso para sua mãe Rony,'

- 'Parece coisa da cabeça de Dumbledore,' disse Rony.

- 'Ele me dará aulas particulares neste ano,' disse Harry convencionalmente.

Rony engasgou com um pedaço de torrada e Hermione suspirou.

- 'E você nos escondeu isso?' disse Rony.

- 'Acabei de me lembrar disso,' disse Harry honestamente. 'Ele me falou ontem à noite em seu abrigo de vassouras.'

- 'Nossa... Aulas particulares com Dumbledore!' Disse Rony, parecendo impressionado. 'Queria saber por que ele...?'

Sua voz cessou. Harry viu ele e Hermione trocarem olhares. Harry abaixou seus talheres, seu coração batia mais rápido considerando que todos estavam sentados na cama. Dumbledore havia dito isso... Mas não havia explicado por que! Ele fixou seus olhos no garfo, que estava refletindo a luz do sol em seu colo, e disse,

- 'Eu não sei exatamente por que ele vai me dar aulas, mas acho que deve ser por causa da profecia.'

Nem Rony nem Hermione falaram. Harry teve a impressão de que os dois estavam congelados. Ele continuou, ainda conversando com seu garfo, 'vocês sabem, aquela que tentaram roubar no Ministério.'

- 'Ninguém sabe o que ela dizia, entretanto,' disse Hermione rapidamente. 'Ela foi esmagada.'

- 'Mas o Profeta diz -' Rony começou, mas Hermione fez 'Shhhhh!'

- 'O Profeta está certo,' disse Harry, olhando para os dois com grande esforço: Hermione pareceu assustada e Rony pasmou. 'Aquela bola de vidro que foi destruída não era a única coisa que guardava a profecia. Eu ouvi tudo no escritório de Dumbledore, ele foi a pessoa que ouviu a profecia, então ele pode me dizer. Ele disse que,' Harry respirou fundo, 'parece que eu sou o único que

pode acabar com Voldemort... E então, ele disse que um não pode viver enquanto o outro estiver vivo.'

Os três se olharam rapidamente em silêncio por um momento. Então surgiu um ruído alto

E Hermione desapareceu atrás de uma fumaça negra

- 'Hermione!' gritou Harry e Rony; a bandeja de café da manhã escorregou e caiu no chão espatifando-se.

Hermione surgiu, tossindo, fora da fumaça, segurando o telescópio que apresentando um reluzente olho roxo.

- 'Eu apertei isso e isso - isso me esmurrou!' ela disse indignada

Eles puderam observar um pequeno punho em uma grande mola pulando na extremidade do telescópio.

- Não se preocupe, disse Rony, que estava tentando claramente não rir, do reparo de retalhos pequenos mal-sucedidos de sua mãe. - Bem, não se culpe agora!

Hermione disse sussurrando Harry, oh, Harry...

Sentou-se na borda de sua cama outra vez.

- Nós quisemos saber, depois que voltamos. . . Claro, nós não quisemos dizer-lhe qualquer coisa, mas o que Lucius Malfoy disse sobre a profecia, sobre você e Voldemort, bem, nós pensamos que podia ser algo como isso. . . Oh, Harry. .

Olhou fixamente nele, a seguir sussurrado, Você está assustado?

- Não mais que antes disse Harry. Quando eu ouvi da primeira vez eu estava. . . Mas agora, parece que eu sempre soube que teria que enfrenta-lo no fim. . .

- Quando nós soubemos que Dumbledore foi buscá-lo em pessoa, nós pensamos que ele iria dizer ou mostrar-lhe algo sobre o que fazer com a profecia, disse Rony ansiosamente. E nós estaremos com você, não estaremos? Ele não estaria lhe dando lições se pensasse que você iria morrer, não desperdiçaria seu tempo - deve pensar que você tem uma possibilidade!

- O que é verdade disse Hermione. Será maravilhoso o que ele lhe ensinará, Harry! Mágica defensiva realmente avançada, provavelmente. . Contra-feitiços poderosos, contra azarações

Harry não escutou realmente. Um calor estava espalhando através dele que não tinha nada a ver com a luz solar; uma dor em seu peito pareceu dissolvê-lo.

Soube que Rony e Hermione estavam mais chocados do que ele estava, mas o mero fato que ainda estavam lá ao seu lado, falando palavras de apoio e conforto, não se escondendo dele como se estivesse contaminado ou fosse perigoso, valeu pena mais do que ele poderia dizer-lhes.

- ... E os encantamentos então concluiu Hermione. Bem, ao menos você sabe uma lição que você estará tendo este ano, o que é mais do que eu e Rony. Eu quero saber quando as corujas com nossos resultados virão...

- Não pode faltar muito agora... Foi há um mês disse Rony.

- Pendure isso, disse Harry, porque uma outra parte da conversa da última noite lhe voltou à mente. Eu acho que Dumbledore disse que as corujas com nossos resultados estariam chegando hoje!

- Hoje? Hermione gritou. Hoje? Mas porque você não - oh meu deus - você devia ter dito.

Pulando de pé.

- Eu estou indo ver se alguma coruja veio...

Mas quando Harry chegou ao andar de baixo dez minutos mais tarde, vestido inteiramente e carregando sua bandeja vazia do pequeno almoço, encontrou Hermione sentada à mesa da cozinha em uma grande agitação, e examinou a Sr^a. Weasley que parecia uma joaninha. Apenas não se mova a Sr^a. Weasley estava dizendo ansiosamente, para Hermione que tinha sua varinha em uma das mãos e uma

Cópia da Curandeira do Lar na outra, aberta em manchas roxas, em cortes, e em abrasões. Isto sempre esteve aqui antes, eu que apenas não pode compreendê-la.

Será que é essa a idéia que Fred e George tem de uma brincadeira, Certificando-se que ela nunca sairá disse Gina.

Mas tem que sair! Hermione rangiu. Eu não posso ficar com o olho assim para sempre!

Você não vai, claro, nós encontraremos um antídoto, não se preocupe disse a Sr^a. Weasley sorrindo.

- Gui me disse que Fred e George estão se divertindo muito! Fleur disse sorrindo serenamente.

- Sim, eu mal posso esperar para rir também Hermione falou.

Saltou e começou a andar em círculos pela cozinha, torcendo seus dedos.

- Sr^a. Weasley, a Sr^a. tem certeza que nenhuma coruja chegou esta manhã?

- Sim, querido, eu teria notado, disse a Sr^a. Weasley paciente. Mas ele só é nove horas, ainda há bastante tempo...

- Eu sei que devo ter misturado as Runas, murmurou Hermione freneticamente, Eu definitivamente devo ter bagunçado tudo. Ainda tem Defesa contra as Artes das Trevas que não fui nada bem. Pensei que em transfigurações pelo menos estava tudo certo, mais olhando bem...

- Hermione dá pra parar com isso? Você não é a única que estava nervosa! Rangi Rony Você ainda deve ter tido unss onze 'Excede as Expectativas' nos N.O.M's

- Não, não, não! Disse Hermione, agitando suas mãos histericamente. Eu fracassei em tudo, eu sei.

- E o que acontecerá se nós não conseguirmos? Perguntou Harry, e novamente foi Hermione quem respondeu.

- Nós vemos com a diretora da Grifinória, quais são nossas opções. Eu perguntei a Prof^a McGonagall no final do ano passado.

O estomago de Harry revirou-se. Desejou que tivesse comido menos.

- Em Beauxbatons, disse Fleur se queixando. Temos um modo diferente de ver as coisas. Pensamos que é melhor prestar os exames depois do sexto ano e não do quinto, mas de qualquer form...

As proxima palavras de Fleur foram abafadas por um grito. Hermione apontava para a janela da cozinha. Três pontos pretos eram visíveis no céu, ficando maior a cada segundo.

- São corujas, tenho certeza, disse Rony ansioso, pulando até a janela junto com Hermione.

- E são três, tem três delas, disse Harry correndo em direção a janela também.

- É deve ser uma para cada um de nós, disse Hermione num sussurro apavorado. Oh...Não...Não...Não...

Ela agarrou com força Rony e Harry.

As corujas estavam voando para o Três, bonitas corujas-das-torres, voando baixo agora em direção aos três, e todas elas seguravam um envelope.

- Ai não, guinchou Hermione.

A Sr^a. Weasley se espremeu entre eles e abriu a janela da cozinha. Um, Dois, Três, as corujas foram pousando em linha em frente dos seus pés, com os envelopes.

Harry correu a apanhar seu envelope. A carta de Harry estava na coruja do meio, ele começou a tentar tirar a carta da coruja desastrosamente. A sua esquerda, Rony tentava pegar a sua também; e a sua direita as mãos de Hermione agitavam-se tanto que faziam com que sua coruja balançasse.

A cozinha estava silenciosa, quando finalmente Harry conseguiu pegar sua carta.

Abriu o Envelope e desenrolou o pergaminho.

RESULTADO DOS SEUS NIVEIS EXTRAORDINARIOS EM MAGIA.

NOTAS PASSÁVEIS

Ótimo (O)

Excede as Expectativas (E)

Aceitavel (A)

NOTAS REPROVÁVEIS.

Passavel (P)

Deploravel (D)

Trasgo (T)

Harry Tiago Potter

AstRonyomia (A)

Trato de Criaturas Mágicas (E)

Feitiços (E)

Defesa contra as Artes das Trevas (O)

Adivinhação (P)

Herbologia (E)

História da Magia (D)

Poções (E)

Transfiguração (E)

Harry leu varias vezes suas notas, sua respiração agora voltava ao normal. Eu consegui, pensou ele, sempre soube que iria mal em Adivinhação, e também sabia que não passaria em História da Magia já que ele tinha desmaiado na hora do exame, mas ele conseguiu passar em todo o resto! Tinha se dado bem em Transiguração e Herbologia, tinha excedido as expectativas até em Poções! E o melhor de tudo, tinha conseguido um Ótimo em Defesa Contra as Artes das Trevas!

Ele olhou ao seu redor. Hermione estava olhando pra trás, e o Rony estava com um brilho nos olhos.

- Falhamos somente em adivinhação e História da Magia, quem se importa com isso? Disse feliz a Harry. Aqui... Deixa-me ver.

Harry olhou atentemente as notas de Rony: E não havia nenhum Otimo lá...

- Sempre soube que você teria nota maxima em Defesa Contra as Artes das Trevas, disse Rony, dando um soco no ombro de Harry. Nós fizemos tudo certo afinal, não é?

- Muito bom! Disse a Sr^a. Weasley cheia de orgulho, passando a mão nos cabelos de Rony. Sete N.O.M's mais do que Fred e Jorge juntos!

- Hermione? Perguntou Gina, já que Hermione ainda continuava de costas. Como você foi?

- Eu? Nada mal, falou Hermione com sua voz baixa.

- Ahh, para com isso, disse Rony puxando o pergaminho da mão de Hermione.

É - Dez 'Ótimos' e um 'Excede as Expectativas' de Defesa contra as Artes das Trevas. Ele olhou pra ela, ela estava meio feliz, meio chatiada. Você não está desapontada, está?

Hermione balançou a cabeça, e Harry riu.

- É somos alunos de N.I.E.M's agora! Disse Rony sorrindo. Mãe tem mais salsichas?

Harry no entanto olhou novamente para seus resultados. Eram tão bons quanto ele esperava. Sentiu-se apenas um pouco triste... Este era o fim de sua ambição de um dia se tornar Auror. Não conseguira a nota necessária em Poções. Ele já havia imaginado varias vezes que não conseguiria, mas agora que tinha certeza era pior, sentiu seu estomago se afundar quando olhou novamente para aquele pequeno (E) na frente das escritas POÇÕES.

Era estranho mesmo sendo um Comensal da Morte disfarçado que havia dito a Harry para ele seguir a carreira de auror, ele havia gostado da ideia, não conseguia pensar em outra coisa para se tornar. Além disso, parece que este é o destino certo para ele desde que ele ouviu a profecia no mês passado... Um não pode viver enquanto o outro estiver vivo... Ele não estaria cumprindo a profecia e se dando uma maior chance de sobrevivência se ele se unisse aos mais bem treinados bruxos que tem a missão de achar e matar Voldemort?

--Capítulo 6-- A Mudança de Draco

Harry permaneceu confinado na Toca no decorrer das semanas. Gastou a maioria de seus dias jogando quadribol ao lado do pomar dos Weasley (ele e Hermione contra Rony e Gina; Hermione era terrível e Gina boa, então eles estavam razoavelmente bem divididos) e suas noites comendo doses triplas de tudo que a Sr^a. Weasley colocava na sua frente.

Teria sido umas férias pacíficas e felizes se não tivessem sido pelos casos de desaparecimentos, acidentes estranhos e de mortes agora aparecendo quase diariamente no Profeta. Às vezes Gui e o Sr. Weasley traziam notícias nacionais antes mesmo de chegarem ao papel. Para desagrado da Sr^a. Weasley, as celebrações do décimo sexto aniversário de Harry foram estragados por notícias terríveis trazidas por Remus Lupin, que parecia magro e severo, seu cabelo literalmente em um tom cinzento, suas roupas mais esfarrapadas e remendadas que nunca.

- Houve outro par de ataques de dementadores - anunciou, quando a Sr^a. Weasley passou-o uma fatia grande de bolo de aniversário. - E acharam o corpo do Igor Karkaroff numa cabana ao norte. A marca negra estava sobre ele.

- Bem, francamente, estou surpreso que ele conseguiu permanecer vivo um ano depois de desertar dos Comensais de Morte, o irmão de Sírius, Régulo, só durou alguns dias... Até posso lembrar-me dele falou Lupin.

- Sim, bem - disse Sr^a. Weasley, olhando feio - talvez devemos conversar sobre algo diferente.

- Ouviu sobre Fortescue de Florean, Remus? - perguntou Gui, que estava sendo servido de vinho por Fleur - O homem que escapou.

- A sorveteria no Beco Diagonal? - Harry interrompeu, com uma sensação oca desagradável na boca do estômago. - Ele me dava sorvetes. O que é aconteceu com ele?

- Não está mais lá.

- Por que? - perguntou Rony, enquanto Sr^a. Weasley sugestivamente encarava Gui.

- Quem sabe? Deve tê-los preocupado de algum modo. Era um homem bom, Florean.

- Falando sobre o Beco Diagonal - disse Sr. Weasley - parece que o Sr. Olivaras está fora também.

- O fabricante de varinhas - perguntou Gina, parecendo assustada.

- Isso. A loja está vazia. Não há nenhum sinal de uma luta. Não sabemos se ele saiu voluntariamente ou foi seqüestrado.

- Mas e as varinhas - o que as pessoas farão para ter varinhas?

- Contentarão-se com outros fabricantes - disse Lupin - Mas Olivaras era o melhor, e se o outro lado o pegou não é tão bom para nós.

Depois deste aniversário particularmente triste, chegaram às cartas e listas de Hogwarts. A de Harry incluía uma surpresa: era o capitão de quadribol da Grifinória.

- Isso lhe dá status igual ao dos monitores! - falou Hermione alegremente. - Pode usar nosso banheiro especial e tudo!

- Olá-lá, lembro-me de quando Carlinhos usava uma destas - Rony falou, examinando o distintivo com alegria. - Harry, isto é tão maneiro, você é meu

Capitão... Isso se você ainda me quiser como goleiro da equipe, eu suponho haha.

- Bem, suponho que não podemos adiar uma viagem a Beco Diagonal por muito mais tempo - suspirou a Sr^a. Weasley, tirando os olhos da relação de livros de Rony.

- Iremos no sábado, contanto que seu pai não tenha que trabalhar outra vez. Eu não irei sem ele.

- Mamãe, honestamente... Você está pensando que Você-Sabe-Quem vai estar escondido atrás de um estante de livros na Floreios e Borrões? - brincou Rony.

- Fortescue e Olivaras estão fora, lembra deles? - disse a Sr^a. Weasley, já saindo da mesa. - Se você pensa que segurança não importa, pode ficar que eu cuidarei de suas coisas.

- Não, eu quero ir, quero ver a loja de Fred e Jorge! - Disse Rony apressadamente.

- Então mude esse seu pensamento rapaizinho, enquanto eu me decido se você é maduro ou não para vir com agente! - disse Sr^a. Weasley zangadamente, apanhando rapidamente seu relógio, todos os nove ponteiros que ainda apontavam em perigo mortal, e equilibrando no topo de uma pilha de toalhas e roupas passadas. - E isso vale para retornar a Hogwarts também!

Rony fitou Harry sem graça... Enquanto sua mãe colocava o cesto sob o braço e o levava como uma arma.

- Nossa... Nem pode mais fazer uma piada aqui dentro.

Mas Rony não tinha a intenção de ser petulante sobre Voldemort. O sábado amanheceu sem mais explosões da Sr^a. Weasley, embora parecia muito tensa durante o desjejum. Gui, era quem permaneceria em casa com Fleur (para o prazer de Hermione e Gina), passou uma sacola cheia de ouro através da mesa a Harry.

- Cadê o meu? - Exigira Rony imediatamente, seus olhos largos.

- Isso é do Harry, idiota - disse Gui. - Peguei na sua conta para você Harry, porque agora leva mais ou menos cinco horas para o público receber o seu ouro... Os duendes aumentaram a segurança. Há dois dias Arkie Philpott teve uma proibição fincada para cima seu... Bem, confie em mim, por este meio é mais fácil.

- Obrigado Gui - disse Harry, guardando seu ouro.

- Ele é sempre tão prestativo - disse Fleur, enquanto RonyRonyava próxima ao nariz de Gui. Gina imitou uma cena de vômito no prato de cereal. Harry engasgou-se com o seu e Rony que estava ao seu lado teve que golpear suas costas.

Estava um dia escuro e nublado. Um dos carros especiais do Ministério, em que Harry já havia andado, esperava-os no terreno em frente quando saíam da casa, cobertos em suas capas.

- É Papai, que bom poderemos usar estes outra vez - Rony falou apreciativamente, enquanto o carro andava luxuosamente pela Toca. Gui e Fleur despediam-se da janela da cozinha. Ele, Harry, Hermione, e Gina sentados com conforto do espaçoso banco de trás...

- Não posso pegar ele, só estamos aqui por causa do Harry... - disse Sr. Weasley sobre o seu ombro. Ele e Sr^a. Weasley estavam na frente com o motorista do Ministério; o assento fRonytal de passageiro fora obrigado a se esticar até ficar semelhante a um sofá de dois lugares.E devido ao estado

de segurança de nível superior, iremos para o Caldeirão Furado onde contaremos com uma segurança adicional.

Harry não disse nada; apenas imaginava como seriam suas compras. Estariam cercados por um batalhão de Aurores. Tinha guardado sua Capa de Invisibilidade na mochila e percebeu que se isso era suficientemente bom para Dumbledore, devia ser suficientemente bom para o Ministério, embora agora lhe veio o pensamento de que não era seguro que o Ministério soubesse de sua capa.

- Aqui estamos - disse o motorista, em um curto momento, falando pela primeira vez enquanto diminuía na rua Charing Cross e parava em frente ao Caldeirão Furado. - Vou esperar vocês aqui. Alguma idéia de quanto tempo irão levar?

- Umás duas horas, eu espero - disse Sr. Weasley. - Ah, bom, ele está aqui!

Harry imitou o Sr. Weasley e olhou pela janela; o seu coração pulou. Não havia nenhum Auror esperando lá fora da estalagem, mas em vez disso a forma preto-barbada gigantesca de Hagrid, o guarda-caça de Hogwarts, usando um casaco longo de pele de urso, sorrindo ao ver o rosto de Harry e sem ligar aos olhares assustados dos trouxas que passavam.

- Harry! - falou ele, varrendo Harry em um grande abraço, quase esmagando os ossos do garoto, no momento em que ele tinha pisado para fora do carro. - Bicuço... Er... Witherwings, eu quero dizer, você deve vê-lo Harry, ele está tão feliz de volta ao ar livre.

- Fico feliz com isso - disse Harry, tentando sorrindo enquanto massageava suas costelas que foram quase esmagadas. - Nós não sabemos qual seria a nossa segurança!

- Eu sei... Como os velhos tempos então? Veja, o Ministério queria enviar um punhado de Aurores, mas Dumbledore disse a eles que eu viria - Hagrid falou orgulhosamente, enchendo o peito e colocando a mão no bolso. - Vamos indo então gente - depois de Molly e Arthur.

O Caldeirão Furado estava, pela primeira vez, na memória de Harry, completamente vazio. Tom o dono do bar, seco e desdentado, olhou para cima esperançosamente quando entraram, mas antes que ele pode falar, Hagrid disse importante - somente atravessando hoje Tom, sei que você vai entender, negócios de Hogwarts, sabe.

Tom assentiu tristemente e retornou a limpar os óculos. Harry, Hermione, Hagrid, e o Weasleys passaram pelo bar e seguiram até um pátio fresco, onde o lixo é colocado. Hagrid levantou seu guarda-chuva cor-de-rosa e tocou um certo tijolo na parede, que abriu imediatamente formando um arco sobre uma rua pavimentada.

Passaram pela entrada e pararam, olhando ao redor.

O Beco Diagonal havia mudado. O colorido, que resplandecia em exposições de janela de livros, ingredientes de poções e cauderões estava difíceis de ver, escondidos atrás de grandes cartazes do Ministério da Magia que tinham sido pendurados. As maiorias destes cartazes roxos sombrios continham repetidas versões de conselhos de segurança, os mesmos conselhos que estavam nos panfletos que o Ministério tem enviado pelo verão, mas outros continham fotos preto e branco de Comensais de Morte que estavam a solta, e que se moviam nas imagens. Bellatrix Lestrange zombava na frente da farmácia mais próxima. Algumas janelas foram quebradas, incluindo as da sorveteria do Fortescue de Florean. Por outro lado, um número de cabines desgastadas tinha surgido para

cima ao longo da rua. O mais próximo, que fora erguido próximo a Floreios e Borrões, sob uma toldo listrado e sujo, continha um cartaz preso a ele:
AMULETOS

Eficiente Contra lobisomens!!

Um pequeno bruxo de aparência doentia chaqualhava braçadas de símbolos de prata em correntes.

- Um para sua menininha, senhora? - ele perguntou para a Sr^a. Weasley quando eles passaram, olhando maliciosamente para Gina. - Para proteger seu bonito pescoço?

- Se eu estivesse de plantão... - Disse Sr. Weasley, falando zangadamente sobre o vendedor dos amuletos.

- Sim, mas você não vai deter qualquer um agora meu caro, estamos com muita pressa - disse Sr^a. Weasley, nervosamente consultando uma lista. - Penso que nós faríamos melhor se fossemos a madame Malkin primeiro, Hermione quer novas vestes, e o tornozelo de Rony está aparecendo demais, e você deve precisar de novas vestes também Harry, você cresceu tanto - venham, todos.

- Molly, não faz sentido para todos nós irmos a Senhora Malkin - disse Sr. Weasley. - Por que esses três não vão com Hagrid, e nós podemos ir a Floreios e Borrões pegarmos os livros da escola?

- Eu não sei, disse que Sr^a. Weasley ansiosamente, claramente dividida entre um desejo de acabar as compras rapidamente e o desejo de ficar junto do grupo.

-Hagrid, o que você acha?

- Não se preocupe Molly, eles estarão bem comigo. - Hagrid disse tranquilizando-a, ascenando a mão do tamanho de um tampa de bueiro. A Sr^a. Weasley não pareceu inteiramente convencida , mas permitiu a separação, apressando-se em direção a Floreios e Borrões com seu marido e Gina enquanto Harry, Rony e Hermione seguiam com Hagrid para a loja da Senhora Malkin.

Harry notou que as pessoas que passavam pareciam atormantados, com olhares anciosos como o da Sr^a. Weasley, e que ninguém parava para conversar mais; os compradores andavam em grupos unidos, cuidando bem de suas compras. Ninguém pareceu estar comprando só.

- A loja ficará um pouco apertada com todos nós - disse Hagrid, parando fora da loja de Senhora Malkin e abaixando-se embaixo da janela. -Ficarei vigiando aqui fora, ok?

Então Harry, Rony, e Hermione entraram para as compras juntos. Pareceu, à primeira vista, estar vazio, mas no mesmo instante a porta fechou atrás deles, e eles ouviram uma voz familiar atrás de uma pratéleira de mantos de vestido.

..... Não sou uma criança, no caso de você não notar, Mãe. Sou perfeitamente capaz de fazer minhas compras sozinho.

Houve um ruído que Harry reconheceu como sendo da Senhora Malkin, a proprietária, dizendo, - Agora, querido, sua mãe está correta, nenhum de nós é considerado criança por estar andando com a mãe.

- Cuidado onde você está pondo esse alfinete!

Um rapaz adolescente com um rosto pontudo pálido e cabelo branco-loiro apareceu de atrás da pratéleira, usando um jogo bonito de mantos verde-escuros que resplandeciam com alfinetes ao redor da bainha e nas bordas das mangas. Andava a passos largos para o espelho e se examinou; alguns

momentos depois ele notou Harry, Rony e Hermione refletirem sobre o seu ombro. Seus olhos cinzentos leves estreitaram.

- Mãe, você perguntou-se que cheiro é esse, é que uma sangue ruim acabou de entrar - disse Malfoy.

- Eu não penso se há qualquer necessidade para uma linguagem como essa! - disse a Senhora Malkin, correndo de atrás da prateleira de roupas segurando um metro de enrolar e uma varinha. - E eu não quero varinhas tiradas em minha loja! - adicionou apressadamente, dando uma olhada em direção à porta, onde Harry e Rony estavam em posição com suas varinhas apontando para Malfoy. Hermione, que estava levemente atrás deles, cochichava não, honestamente, não deêm atenção a ele.

- Sim, como você ousaria fazer magia fora de escola, Malfoy zombado. Quem deixou seu olho roxo, Granger? Eu quero enviar a ele flores.

Isso é o bastante! Disse Senhora Malkin agudamente, olhando sobre o seu ombro e buscando apoio. Senhora - por favor - Narcissa Malfoy passou por atrás da prateleira de roupas.

- Guardem isso, disse friamente a Harry e para Rony. Se atacar meu filho outra vez, eu assegurarei que é a última coisa você fará.

- Sério? Disse Harry, dando um passo à frente e fitando aquele rosto lisamente arrogante, com toda sua palidez, assemelhando-se a sua irmã. Era tão alta quanto ela estava agora. Irá buscar alguns Comensais da Morte para nós?

Senhora Malkin guinchou e agarrou seu coração.

Realmente, você não deve acusar - coisa perigosa de se dizer - guardem as varinhas, por favor!

Mas Harry não abaixou sua varinha. Narcissa sorriu desagradavelmente.

- Vejo que ser o favorito de Dumbledore deu-lhe um sentido falso de segurança, Harry Potter. Mas Dumbledore não estará sempre aí para protegê-lo.

Harry olhou ridiculamente ao redor da loja. Olá-lá. . . Olha isso. . . Ele não está aqui agora! Então por que você não vem? Eles podem ser capazes de achar uma cela dupla para você e o perdedor do seu marido Malfoy fez um movimento zangado em direção a Harry, mas tropeçou no seu manto que estava comprido demais. Rony riu altamente.

Não ouse falar isso para minha mãe, Potter! Malfoy rosnou.

Tudo bem, Draco, disse Narcissa, contendo-o com seus dedos brancos finos sobre o seu ombro. Espere... Potter estará junto de seu amado Sírius antes de eu estar reunida com Lucius.

Harry levantou sua varinha mais alto.

Harry, não! Gemeu Hermione, agarrando o seu braço e tentando empurrá-lo para baixo. Pensa. . . Você não deve. . . Ficarás encrencado...

Senhora Malkin hesitou durante um momento, então pareceu decidir agir como se nada tivesse acontecido. Dobrou em direção a Malfoy, que ainda mirava em Harry.

Acho que esta manga esquerda pode subir um pouquinho mais, querido, deixa-me ajustá-la - Ai! Berrou Malfoy, dando tapa na mão. Cuidado onde põem seus alfinetes, mulher! A mãe - eu não quero mais estes - Puxou os mantos sobre a sua cabeça e os jogou sobre o chão aos pés da Senhora Malkin.

Está certo, Draco, disse Narcissa, com um desprezador olhar para Hermione, agora sei o tipo de escória que compra aqui. . . . Faremos melhor em Twilfitt e Tatting.

E com isso, os dois a passos largos saíram da loja, Malfoy tomou cuidado de golpear tão duro quanto ele podia em Rony no caminho fora.

- Bem, realmente? Disse Senhora Malkin, apanhando rapidamente os mantos caídos e movendo a ponta de sua varinha como um aspirador, de modo que retirou todo o pó.

Ficou toda distraída no ajuste de Rony e dos novos mantos de Harry; tentou vender mantos masculinos para Hermione em vez de feminino, e quando eles finalmente saíram para fora da loja ela estava com um ar alegre de vê-los pelas costas.

- Pegaram tudo? Perguntou Hagrid brilhantemente quando eles reapareceram ao seu lado.

- Exatamente, disse Harry. Viu os Malfoys?

- Sim, disse Hagrid, despreocupado. Mas eles não iriam querer problemas no meio do Beco Diagonal, Harry. Não se preocupe com eles.

Harry, Rony e Hermione trocaram olhares, mas antes que eles falassem algo, Hagrid arrumou a situação, o Sr. e Sr^a. Weasley e Gina apareceram, todos agarrados a embrulhos pesados de livros.

- Todos estão bem? perguntou a Sr^a. Weasley. Pegaram suas vestes? - Certo, nós podemos ir Apothecary e Eeylops no meio a George's Libertado - não fecha, agora.

Nem Harry nem Rony compraram quaisquer ingredientes na farmácia, já que eles não iriam mais estudar Poções, mas ambos compraram caixas grandes de nozes de coruja para Hedwiges e Pichi no Empório de Coruja de Eeylops. Então, como Sr^a. Weasley estava verificando seu relógio a todo minuto, seguiram mais longe ao longo da rua à procura de Weasley's Wizard Wheezes, a loja de logros de George e Fred..

Nós certamente não temos muito tempo Sr^a. Weasley disse. Então iremos dar uma olhada rápida e voltaremos para o carro. Devemos estar próximos, esse é o número noventa e dois. . . Noventa e quatro. .

O grupo parou em frente a um estúpido cartaz, que tampava a janela da fachada da loja de Fred E Jorge, onde havia uma exposição de fogos de artifício. Pessoas que passavam por perto olhavam por cima dos ombros, e alguns bastante atordoados olhando as pessoas que haviam parado ali, silênciosos. A janela do lado esquerdo estava repleta de um sortimento de mercadorias que revolviam, estouravam, reluziam, pulavam e guinchavam. Como não piscava, os olhos de Harry se encheram de água. A janela do lado direito foi coberta com um cartaz gigantesco, roxo como os do Ministério, mas exaltado com letras amarelas reluzentes:

POR QUE ESTÃO PREOCUPANDO-SE COM VOCÊ-SABE-QUEM?

DEVIAM ESTAR PREOCUPANDO-SE COM O U-NO-POO - (Você sem peido)

A SENSACÃO DE CONSTIPAÇÃO (Constipação = sensação de estomago preso.... prissão de ventre)

ISSO SEGURA A NAÇÃO!

Harry começou rir. Ouviu um tipo fraco de gemido ao lado dele e olhando ao redor viu a Sr^a. Weasley fitar, emudecida, o cartaz. Os seus lábios moveram silênciosamente e sussuraram o nome U-No-Poo.

- Serão assassinados em suas camas! Cochichou.

- Eles não vão! Disse Rony, que, como Harry, ria. Isto é brilhante!

E ele e Harry dirigiram-se para o meio na loja. Estava cheia de fregueses; Harry não conseguia andar perto das pratéleiras. Olhando ao redor ,viu caixas

amontoadas até o teto: Aqui estavam os Skiving Snackboxes (salgadinhos de coseira) que eles haviam aperfeiçoada em seu último ano inacabado em Hogwarts; Harry notou que os Nulga-sangra-nariz estava bem popular, com só uma caixa estocada na prateleira. Havia caixas cheias de varinhas falsas, que se transformavam meramente em frangos de borracha ou encurtavam quando agitadas, a maioria espancava os compradores descuidados em torno da cabeça e do pescoço, e caixas de penas que se autoborravam, verificadores de escrita, e variedades de penas com auto-resposta. Um espaço surgiu na multidão, e Harry dirigiu-se em direção ao balcão, onde um garoto de dez anos observava um homem de madeira, pequeno minúsculo lentamente subindo a passos à um jogo real de força, ambos de pé em uma caixa que se lê: carrasco reutilizável - soletra-o ou balançará!

Encantos de Devaneio Patenteados

Hermione tinha conseguido se espremer por perto do balcão e lia a informação nas costas de uma caixa suportando um quadro altamente colorido de uma jovem bonita que estava em uma prancha no convés de um navio de pirata. Um encantamento simples e você entrará em uma Devaneio altamente qualificado, com super qualidades, fácil de usar, compatível com a lição média de escola e praticamente indetectável (efeitos colaterais incluem expressão vaga e talvez baba). Permitido somente para maiores de dezesseis. - Sabe, disse Hermione, olhando para Harry, isso realmente é uma magia extraordinária!

Já que é assim, Hermione, disse uma voz atrás deles, pode ter um de graça.

Um Fred sorridente havia ficado entre deles, usando um jogo de mantos de magenta que chocou magnificamente com seu cabelo flamejante.

- Como vai você, Harry? Apertando sua mão E o que aconteceu ao seu olho, Hermione?

- Bati no telescópio, disse tristemente...

- Oh nossa, esqueci-me desses, disse Fred. Aqui - Puxou uma latinha para fora de seu bolso e passou a ela; desembulhou uma brilhante pasta amarela grossa.

Passe isso...E seu machucado será curado dentro de uma hora disse Jorge...

- Tivemos que achar um remover decente de machucado. Testamos a maioria de nossos produtos em nós.

Hermione pareceu nervosa. É seguro, não é? Ela perguntou.

- Claro que é, disse Fred corando. Venha aqui Harry, eu lhe mostrarei a loja Harry viu Hermione esfregar seu olho preto com pasta e seguiu Fred em direção ao fundo da loja, onde havia um cartaz sobre fraudes de trouxas.

- Fraudes de magia de Trouxas! Disse Fred alegremente, mostrando-os. Para os esquisitos, como Papai, você sabe, que ama materiais de Trouxas. Não tem uma grande venda, mas nós sempre firmamos negócio, eles são grandes novidades. . .

- Oh, aqui está George. ...

O gêmeo do Fred sacudiu a mão de Harry energeticamente.

- Mostrando-lhe a loja? Venha pelos fundos, Harry, é com isso que fazemos o dinheiro de verdade - se você furtar isso, pagará mais do que galeões! Alertou George a um pequeno garoto que tirou a mão apressadamente de dentro de um pote escuro.

MARK----FARÃO QUALQUER UM DOENTE!

George puxou uma cortina ao lado das fraudes de trouxas e Harry viu uma sala menor e mais escura. As embalagens dos produtos estavam arrumadas em prateleiras, de forma mais formal.

- Acabamos de desenvolver esta linha mais séria, disse Fred. - Engraçado como aconteceu. . .

Você não acreditaria quantas pessoas, pessoas regulares que trabalham no Ministério, não podem fazer um feitiço Escudo decente disse George. 'Claro, eles não o tiveram como professor Harry.

- Você tem razão. . . . Bem, pensamos que Chapéus de Escudo seriam um pouco engraçados demais, você sabe, e mais, desafiaria seu companheiro a azarar você enquanto estivesse usando. Mas o Ministério comprou quinhentos para todo seu pessoal de apoio! E nós ainda ficamos esperando mais pedidos! Então expandimos nosso alcance, fazendo Capas de Escudo, Luvas De Escudo... Quero dizer, eles não ajudariam muito contra as Maldições Imperdoáveis, mas para azarações menores. . .

- E então percebemos que nós faríamos parte de uma área inteira de Defesa Contra as Artes das Trevas, porque é fácil de ganhar dinheiro, George continuou entusiasmadamente. Isto está legal, veja. Pó de Escuridão Instantânea, nós importamos do Perú. Sempre á mão quando se quer fazer uma fuga rápida.

- E nossas armadilhas de detonar não param nas prateleiras, olhe disse Fred, apontando para uma série itens bizarros pretos de chifre que de fato tentavam correr para longe da vista dos garotos. Você solta um, e como um réptil ele irá correr, soltando um som muito alto quando encontrar, lhe dando um pouco de diversão, se você precisar.

- Manero, disse Harry, impressionado.

- Aqui, disse George, pegando um par e os jogando a Harry.

Uma bruxa jovem com cabelos loiro curto cutucou a sua cabeça ao redor da cortina; Harry viu que ela também usava mantos de magenta.

- Há um freguês aqui procurando um caudeirão de mentira, Sr. Weasley e Sr. Weasley, disse.

Harry achou-o muito estranho ouvir George e Fred sendo chamados de Sr. Weasley, mas eles seguiram caminhando.

- Certo, Verity, eu estou indo, George disse pRonytamente. Harry, pode pegar o que quiser ok? Sem nenhum custo.

- Eu não posso fazer isso! Disse Harry, que já estava com sua sacola de ouro para pagar as armadilhas de detonar.

- Você não paga aqui, disse Fred firmemente, guardando o ouro de Harry.

- Mas - Você nos deu nosso empréstimo de lançamento, e nós não esquecemos, George disse severamente. Pegue o que você quiser, e se as pessoas perguntarem onde você conseguiu, não esqueça de falar sobre nós.

George seguiu pela cortina para ajudar com os fregueses, Fred e Harry seguiram na parte principal da loja até achar Hermione e Gina que ainda estudavam aténtamente os Encantos de Devaneio Paténteado.

- As ladys ainda não encontraram nossas maravilhas para bruxas? Perguntou Fred.

- Sigam-me, senhoras. . . .

Perto da janela havia uma formação de produtos violentamente cor-de-rosa e ao redor havia um bando de meninas animadas que davam risadinhas entusiasmadamente.

Hermione e Gina que estavam atrás, pareciam receosas.

Vão lá disse Fred orgulhosamente. São as melhores poções do amor que você vai encontrar no mercado Gina levantou uma sobrancelha ceticamente. Funcionam? Ela perguntou.

Certamente funcionam, por até vinte e quatro horas de cada vez dependendo do peso do rapaz em questão.

- E atração da menina, disse George, reaparecendo repentinamente em seu lado.

- Mas nós não os venderemos para a nossa irmã, adicionou, tornando-se repentinamente severo, não quando ela é recebida por uns cinco garotos assim que chega aos lugares.

- O que você ouviu de Rony é uma mentira gorda e grande, Gina disse tranquilamente, inclinando-se para pegar um pote cor-de-rosa pequeno da prateleira. O que é isto?

- Garante dez segundos sem espinhas disse Fred. Excelente em tudo desde forunclo até catapóra preta, mas não muda de assunto. Então você está saindo com um rapaz chamado Dino Thomas?

- Sim, estou disse Gina. E faz tempo que eu terminei, e era definitivamente um rapaz, não cinco. O que são esses?

Apontava para um número de bolas redondas de felpa rosa escuro e roxas, que pulavam ao redor do fundo de uma jaula e soltavam chiados agudos.

- Sopros de pigmeu, disseram George. Bandos em miniatura, nós não os podemos criar rápido suficiente. Então, e sobre Michel Corner?

- Dei o fora nele, ele era um mau perdedor Gina disse, pôndo um dedo pelas barras da jaula e observando os Sopros de Pigmeu lutarem ao redor dele. São realmente bonitinhos!

- São realmente bonitinhos falou Fred sem muita atenção. Mas você troca de namorado um tanto rápido não?

Gina colocou as mãos nos quadris e virou para encará-lo. Havia algo muito semelhante com a expressão da Sr^a.Weasley em seu rosto que Harry foi surpreendido. Fred não recuou.

- Não é da sua conta. E eu “agradeço” rosnou ela zangadamente a Rony, que acabara de aparecer no cotovelo de George, trazendo uma mercadoria, se você não contar a esses dois sobre minha vida!”

- Isso custará três Galeões, nove Sicles, e um Nuque disse Fred, examinando as muitas caixas nos braços de Rony. Coloque ali em cima.

- Sou seu irmão!

- E isso é nosso material que você está comprando. Três Galeões, nove Sicles.

- Tirarei o Nuque como desconto.

- Mas eu não tenho três Galeões e nove Sicles!

- Seria melhor então você pensar em um jeito de guardar tudo isso nas prateleiras certas.

Rony derrubou várias caixas, xingou algo baixinho, e fez um gesto rude com a mão para Fred que infelizmente foi notado pela Sr^a. Weasley, que tinha escolhido justamente esse momento para aparecer.

- Se eu o vir fazer isso outra vez eu juro que irei azarar seus dedos, para ficarem sempre juntos, disse friamente.

- Mamãe, eu posso levar um Sopro de Pigmeu? Perguntou Gina imediatamente.

- Um o que? Disse Sr^a. Weasley receosamente.

- Olha, eles são tão doces. . .

A Sr^a. Weasley olhou de lado os Sopros de Pigmeu e Harry, Rony e Hermione momentaneamente tiveram uma vista livre para fora da janela. Draco apressava-se pela rua sozinho. Quando passou pela Wheezes dos Weasleys, ele deu uma olhada sobre o seu ombro e segundos mais tarde, ele desaparecia pela outra janela...

- Maravilha onde essa mumia vai? Perguntou Harry.

- Se ele tropeçar de novo eu quero estar vendo, disse Rony.

- Por Que, embora? Disse Hermione.

Harry não disse nada, estava pensando demais. Narcissa não deixaria seu filho precioso à solta, longe de sua visão assim, facilmente. Draco deve ter feito um esforço muito grande para sair sozinho.

Harry, conhecendo Malfoy, estava seguro que a razão não poderia ser inocente.

Deu uma olhada ao redor que. Sr^a. Weasley e Gina debruçavam-se sobre os Sopros de Pigmeu. Sr. Weasley examinava um pacote de logro para trouxas enquanto lia os cartões. George e Fred estavam atendendo os fregueses. Do outro lado do vidro, Hagrid estava de costas para eles, vigiando a rua.

- Entra aqui embaixo, rápido, disse Harry, puxando sua Capa de Invisibilidade para fora de e sua mochla.

- Oh - eu não sei, Harry, disse Hermione, olhando incertamente em direção a Sr^a. Weasley.

- Vem logo disse Rony.

Ela hesitou por um segundo, então abaixou-se sob a capa com Harry e Rony. Ninguém os notou desaparecer; estavam todos interessados demais nos produtos de Fred e George. Harry, Rony e Hermione espremeram-se pelo meio da loja para fora da porta tão rapidamente quanto eles podiam, mas com a mesma velocidade que eles chegaram até a rua, Malfoy havia desaparecido.

- Ele ia nessa direção, murmurou Harry o mais calmamente possível, de modo que Hagrid não os ouviria. Vamos.

Eles apressaram-se ao longo da rua, olhando para a esquerda e direita, pelas janelas das lojas e portas, até Hermione apontar adiante.

- Essa não é a...? Ela cochichou. Vira à esquerda.

- Que grande surpresa cochichou Rony.

Malfoy parou e olhou ao redor, então deslizou para a Travessa do Tranco, saindo da visão dos garotos.

- Rápido, ou nós o perderemos, disse Harry, apressando-se.

- Nossos pés estão pra fora! Disse Hermione ansiosamente, como se eles houvessem crescido muito; estava muito mais difícil esconder todos os três sob o capa hoje em dia.

- Não importa, disse Harry impientemente. Se apressa!

A Travessa do Tranco, uma rua pequena dedicada às Artes Escuras, pareceu completamente deserta. Procuravam em janelas quando passaram, mas nenhuma das lojas parecia ter qualquer freguês. Harry supôs era um pouco desconfiante e perigoso comprar artefatos das trevas - ou ao menos, ser vistos comprando-os.

Hermione deu um beliscão em seu braço.

- Ai!

- Shh! Olha! Está aí! Sussurrou na orelha de Harry.

Estavam parados em frente a única loja que Harry já havia visitado, a Borgin e Burkes, que vendia uma variedade larga de objetos sinistros. Alí entre os muitos crânios e garrafas velhas estava Malfoy de costas para eles, era possível ver o grande armário preto em que Harry uma vez tinha se escondido para evitar Malfoy e seu pai. A julgar pelos movimentos das mãos de Malfoy, ele conversava animadamente. O proprietário da loja, Sr. Borgin, com seu cabelo oleoso, estava debruçado, encarando Malfoy. Tinha uma expressão curiosa de ressentimento misturado a temor.

- Se ao menos nós poderemos ouvir o que eles dizem! Disse Hermione.

- Podemos! Disse Rony excitadamente. Sobe aí - droga! - Rony pegou uma das caixas que ainda carregava e falou sorrindo: Orelhas Extensíveis olhem!

- Fantástico! Disse Hermione. Rony desatou um longo barbante cor de carne e começou a guiá-lo em direção ao fundo da porta. Oh, espero que a porta não esteja Imperturbável.

- Não! Disse Rony sorrindo. Escuta!

Colocaram suas cabeças junto ao fio e escutaram com atenção, a voz de Malfoy podia ser ouvida em alto e bom som, como se fosse um rádio.

... . Sabe como prendê-lo?

- Talvez, disse Borgin, num tom que sugeriu relutância em passar a informação.

- Precisaréi vê-lo. Por que você não o traz a loja?

- Eu não posso, disse Malfoy. Ele tem que continuar em seu posto. Eu preciso apenas que você me diga como fazer.

Harry via Borgin lambendo os seus lábios nervosamente.

- Bem, sem ver ele, eu devo dizer que será um trabalho muito difícil, talvez impossível. Eu não posso garantir nada.

- Não? Disse Malfoy, e Harry soube, pelo seu tom, que Malfoy zombava. Talvez isto o fará mais confiante.

O que ele moveu em direção a Borgin ficou impossível de se ver devido ao armário que estava na frente. Harry, Rony, e Hermione chegaram mais para o lado tentando manter a visão, mas tudo que eles puderam ver foi Borgin, que parecia ter se assustado.

- Conte com qualquer um, disse Malfoy, e você será recompensado. Sabe Fenrir Greyback? É amigo de família. Ele dará tempo ao tempo desde que você esteja dando a devida atenção ao problema.

- Não haverá nenhuma necessidade para...

- Decidirei isso, disse Malfoy. Bem, é melhor eu ir. E não se esqueça de manter aquele guardado, eu precisarei.

- Talvez gostaria de levá-lo agora?

- Não, naturalmente eu não ira, você é estúpido? Como eu iria carregar isso rua abaixo? Somente não venda.

- Naturalmente que não. . . Senhor.

Borgin fez uma reverência tão grande quanto a que Harry uma vez tinha o visto dar a Lucius Malfoy.

- Nenhuma palavra sobre isso com ninguém, Borgin, e isso inclui minha mãe, entendeu?

- Naturalmente, naturalmente, murmurou Borgin, curvando-se outra vez.

Momentos depois, o sino sobre a porta tilintou altamente quando Malfoy saiu da loja parecendo muito contente consigo. Passou então por Harry, Rony e Hermione que sentiram a agitação de capa ao redor dos seus joelhos outra

vez. Dentro da loja, Borgin permaneceu congelado; seu sorriso untuoso tinha desaparecido; pareceu preocupado.

- Sobre o que era isso? Cochichou Rony, guardando as Orelhas Extensíveis.
- Não sei disse Harry, pensando muito. Ele quer algo concertado. . . E quer reservar algo dali. . . Pode ser o que ele apontou quando disse 'aquele'?
- Não, era atrás esse gabinete...
- Você dois permaneçam aqui, cochichou Hermione.
- O que você?

Mas Hermione teve já havia saído de sob a capa. Verificou seu cabelo no reflexo do vidro, então entrou marchado na loja, pondo o sino para tilintar outra vez.

Rony apressadamente pegou de volta as Orelhas Extensíveis e as apoiou sob a porta e passou um dos barbantes a Harry.

- Oi, manhã horrível, não é? Hermione disse sorrindo a Borgin, que não respondeu, mas lançou a ela um olhar desconfiado. Com facilidade, Hermione passou pela desordem de objetos em exposição.
- Este colar para venda? Ela perguntou, parando ao lado de uma vitrine.
- Se você pagar quinhentos Galeões disse Sr.Borgin friamente.
- Oh - er - não, eu não tenho esse tanto, disse Hermione, andando E... Que tal este amável - um - crânio?
- Dezesseis Galeões.
- Então é para venda, então? Não está. . . Reservado para alguém?

Sr. Borgin olhou para ela. Harry teve o sentimento sujo de que ele soube exatamente por que Hermione estava ali. Aparentemente Hermione percebeu, já que fez um barulho estranho e repentinamente jogou os cabelos para trás.

- Que coisa é essa - er - um rapaz que estava aqui agora pouco, Draco Malfoy, bem, ele é meu amigo, e quero dar a ele um presente de aniversário, mas se ele já reservou algo, eu obviamente não quero dar a mesma coisa, então... Han...

Era uma história bonita demais... E aparentemente Borgin pensou assim também.

- Fora, disse agudamente. Sai!

Hermione não esperou duas vezes, saiu apressada à porta com Borgin nos seus calcanhares. Quando o sino tilintou outra vez, Borgin bateu a porta atrás dela e colocou a placa de fechado...

- Ah bem, disse Rony, jogando a capa sobre as costas Hermione. Valeu a tentativa, mas era um pouco óbvio.
- Bem, na próxima vez você pode mostrar me como fazer, Mestre do Misterio! Ralhou a garota.

Rony e Hermione discutiram o durante todo o caminho para a loja dos Weasley Wizard Wheezes, onde foram forçados a parar para poderem entrar despercebidos, passando ao lado do olhar ansioso da Sr^a. Weasley e de Hagrid, que claramente tinham notado suas ausências. Uma vez na loja, Harry tirou fora a Capa de Invisibilidade, escondeu-a em sua mochila, e participou junto aos outros enquanto insistiam, em resposta as acusações da Sr^a. Weasleys, falando que eles tinham estado no quarto dos fundos desde o começo, e que ela não devia ter olhado direito.

--Capítulo 7-- O Clube do Slughorn

Harry gastou muito tempo de sua última semana de férias refletindo sobre o comportamento de Malfoy no Beco Diagonal. O que mais o perturbou foi o olhar de satisfação do Malfoy, pois nada naquele olhar poderia significar algo bom. Para seu desapontamento, entretanto, nem Rony nem Hermione pareceram se perturbar com aquilo; No mínimo, eles ficavam chatoados sempre que ele tocava no assunto, poucos dias depois.

- Sim, eu realmente acho que aquilo foi suspeito, Harry, falou Hermione um pouco impaciente. Ela estava sentada no peitoril da janela do quarto de Fred e Jorge com os pés em cima de algumas caixas de papelão e olhando por cima de seu novo exemplar, Tradução Avançada de Runas. Mas temos que aceitar que é possível existir várias explicações não?

- Talvez ele quebrou sua 'gloriosa mão' Disse Rony incerto, se esforçando para conseguir por em ordem o cabo de sua vassoura.

- Mas o que ele queria dizer sobre "Não se esqueça de manter isso em segredo...?" Falou Harry pela milésima vez. Me soou como se Borgin, além dos objetos quebrados ele queria pegar outros.

- Você acha? Disse Rony, agora tentando tirar uma sujeira do cabo de sua vassoura.

- Eu, sim disse Harry. Quando nem Rony nem Hermione responderam, ele disse mandei o pai de Malfoy para Azkaban, não acham que ele vai querer se vingar?

Rony olhou pra cima piscando. - Malfoy, se vingar? Mas o que ele poderia fazer sobre isso?

- Isso é o estranho, eu não faço a mínima idéia também disse Harry frustrado.

- Mas é algo para nós termos cuidado e ficarmos atentos. Já que o seu pai é um comensal da morte e... Harry parou de falar, seus olhos fixados na janela atrás de Hermione, e sua boca aberta. Um pensamento tinha acabado de lhe ocorrer.

- Harry? Disse Hermione com uma voz ansiosa. O que aconteceu? Sua cicatriz não está doendo de novo? Está? Hei Harry? Perguntou Rony nervoso.

- Malfoy é um comensal da morte, disse Harry lentamente. Se tornou um para substituir seu pai como comensal!

O Silêncio agora era total; mas Rony o interrompeu. - Malfoy? Ele só tem dezesseis anos, Harry! Você acha que Você-Sabe-Quem deixaria Malfoy se tornar um Comensal?

- Parece meio improvável, Harry, disse Hermione com uma voz repreensiva. O que te fez pensar nisso?

- Quando ele estava na Madame Malkin, ela relou em seu braço e ele o tirou de perto dela e saiu apressado da loja. Era seu braço esquerdo. Braço onde os Comensais da Morte são marcados com a Marca Negra.

Rony e Hermione olharam-se.

- Bom... Disse Rony, num tom nada convincente.

- Eu acho que ele apenas quis sair de lá, Harry disse Hermione.

- Ele mostrou para Borgin algo que não pudemos ver, disse Harry pressionado. Algo que o assustou seriamente. Era a marca, tenho certeza além do mais vocês viram como Borgin o examinou seriamente depois disso.

Rony e Hermione trocaram outro olhar.

- Não estou certa Harry...

- Eh, eu ainda não acho que Você-Sabe-Quem deixaria Malfoy se juntar a eles...

Harry ficou irritado, mas convencido de que estava certo. Ele saiu pegando suas vestes de quadribol e virou a esquerda do quarto. A Senhora Weasley iria deixá-las lavando para que amanhã elas estivessem limpas e bonitas para a viagem. Na escada trombou com Gina que estava voltando para seu quarto com uma pilha de roupa que tinham sido recentemente lavadas.

- Eu não iria na cozinha agora se fosse voce, Adivertiu-o. Há um clima pesado lá agora...

- Eu terei cuidado. Disse Harry sorrindo.

Quando Harry entrou na cozinha encontrou Fleur sentada, o lugar estava cheio de plantas para seu casamento, quando a Sr^a. Weasley colocou seu relógio sobre uma pilha de batatas, descascando-as olhando mau humorada.

- . . . Gui e eu decimos ter apenas duas damas de honra, Gina e Gabrielle ficarão muito bonitas juntas. Eu estou pensando em vesti-la com um tom de ouro claro - rosa ficaria naturalment horrível para Gina.

- Ah, Harry querido! Disse a Sr^a. Weasley alto, cortando o tedioso discurso de Fleur. Eu iria explicar sobre a segurança da viagem de amanhã para Hogwarts. Nós pegaremos carros do Ministério novamente, e haverá aurores esperando na estação.

- É Tonks que vai estar lá? Perguntou Harry entregando seu uniforme de Quadribol.

- Não, eu acho que não, ela tem andado muito ocupada pelo que Arthur me disse. Ela se meteu numa enrascada, aquela Tonks, disse Fleur concentrada, examinando seu reflexo fabuloso na parte de trás da colher de chá. Um grande erro se você me entende...

- Sim, é isso, obrigada, disse a Sr^a. Weasley cortando o assunto de Fleur outra vez. Você conversaria mais com o Harry, mas eu quero que ele suba para arrumar seu malão, por que depois do jantar não vai dar tempo e amanhã partiremos bem cedo.

De fato, sua partida na manhã seguinte foi um tanto estranha, mas normal. Os carros do Ministério chegaram até a frente da casa para esperá-los, as malas prontas, o gato de Hermione, Bichento, estava seguro em sua cesta; Edwiges, Pichí , e o pigmel novo de Gina, Arnold, nas gaiolas.

- Au revoir, gente, disse Fleur rouca, dando em Harry um beijo de despedida. Rony estava apressado, parecendo esperançoso, mas Gina colocou seu pé para fora e Rony caiu, enchendo de poeira os pés de Fleur. Furioso, envergonhado e respirando poeira, ele correu para o carro sem dizer até logo.

Não havia ninguém parecido com o Hadrig na estação King Cross esperando por eles. No entanto, haviam dois aurores com as barbas bem feitas dentro de ternos escuros de trouxas, vindo ao encontro do carro e depois marchando com eles até a estação sem dizer nada.

Rapido, rápido, atravessem a barreira, disse a Sr^a. Weasley, que pareceu um pouco chatéada com a pouca eficiencia dos aurores.

- Harry, vá você primeiro, com... Olhou indignada para um dos aurores, que correu e passou o braço pelo ombro de Harry, e dirigiu-o para a barreira que ficava entre as plataformas nove e dez.

Eu sei andar, obrigado, disse Harry irritado, empurrando o braço do auror para fora de seu ombro. Empurrou suas coisas até a barreira e ignorando seu companheiro - que continua em silêncio - um segundo depois, se viu na plataforma 9 3/4 onde o Expresso de Hogwarts soltava vapor por cima da multidão.

Hermione e os Weasley's juntaram-se a ele poucos segundos depois. Sem esperar e perguntar nada pro auror, Harry fez um sinal para Rony e Hermione para segui-lo para frente da plataforma e procurar uma cabine vazia.

- Nós não podemos, Harry, disse Hermione, olhando apreensiva. Rony e eu temos que ir para a cabine dos monitores, receber instruções e depois patrulhar os corredores, infelizmente.

- Ah, certo... Tinha me esquecido, disse Harry.

- Vamos logo para o trem, vocês tem que ir falta só um minuto, disse a Sr^a. Weasley, consultando seu relógio. Bem, tenham um ótimo ano, Rony...

Sr. Weasley, tem um minuto? Disse Harry, no momento em que se passava algo em sua mente.

- Naturalmente, disse o Sr. Weasley, que olhou surpreso, mas Harry andando não percebeu.

Harry havia tomado o devido cuidado, e tinha decidido não dizer há qualquer um, mas o Sr. Weasley era a pessoa ideal. Primeiro, porque trabalha no Ministério e está conseqüentemente na melhor posição para fazer umas investigações a mais. E segundo, porque pensou que, que não existia o risco do Sr. Weasley ficar com raiva. Podia ver a Sr^a. Weasley e o Auror grã-fino olhando para eles lá de trás, enquanto se afastavam.

- Quando nós estávamos no Beco Diagonal, Harry começou, mas o Sr. Weasley o fez para com um sinal.

- Será que vou descobrir onde você, Rony e Hermione se meteram quando desapareceram e supostamente estavam na sala nos fundos da loja de Fred e de Jorge?

- Como sabe...?

- Harry, por favor. Você está falando com o homem que criou Fred e George.

- Ok... Tá, está certo, nós não estávamos no quarto dos fundos. Muito bem, bom, agora ouça o pior. Bem, nós seguimos Draco Malfoy. Nós estávamos usando a minha Capa de Invisibilidade.

Você planejou tudo isso, ou foi uma coincidência?

Eu pensei que Malfoy ia fazer algo importante, disse Harry, não olhando para o Sr. Weasley que parecia irritado. Já que sua mãe estava junto, e eu quiz saber por que.

- Naturalmente você, disse o Sr. Weasley, calmamente. Bom? E o encontrou, e então?

- Entraram em Borgin e Burkes, disse Harry, E Começaram a falar alto lá dentro, pedindo para Borgin lhe ajudar a concertar alguma coisa. E disse que tinha algo para ele. Ela pediu algo, algum tipo de coisas muito estranha e também disse que ele ia estar mal se não a entregasse. Um par de algo. E...

Harry respirou profundamente.

- Há algo errado. Nós vimos o salto de Malfoy quando a Madame Malkin tentou tocar em seu braço esquerdo. Eu penso que ele tem a Marca Negra. Ele acha que poderá substituir o seu pai como um Comensal da Morte.

Sr. Weasley ficou olhando para uma parte de trás. Depois de um tempo disse, Harry, eu duvido que Você-Sabe-Quem permitiria um... Garoto de dezesseis anos apenas se tornar comensal.

- Mas todos sabem que Você-Sabe-Quem é capaz de fazer ou não? Perguntou Harry irritado. Sr. Weasley, é difícil, mas o senhor devia investigar não acha? Se Malfoy quiser algo tanto que está determinado a ameaçar Borgin, é provável que seja algo das Artes das Trevas, não é?

- Pra ser honesto ,Harry , eu duvido, disse o Sr. Weasley lentamente. Você vê, quando Lucio Malfoy foi preso, nós invadimos sua casa. Nós removemos tudo que pôde ter sido perigoso.

- Eu acho que faltou algo, disse Harry.

- Bem, talvez, disse o Sr Weasley, mas Harry podia ver que o Sr. Weasley não estava levando aquela conversa a sério.

Havia um apito atrás deles; quase todos estavam em seus lugares e as portas estavam fechando.

- Vamos é melhor ir, depressa disse Sr. Weasley, quando a Sr^a. Weasley gritou, Harry, o trêm , rápido!

Se apressou, e o Sr. e a Sr^a. Weasley o ajudaram colocar seu malão no trêm.

- Agora, você talvez venha para o natal... É, acho que Dumbledore vai deixar, nos veremos logo então, disse a Sr^a. Weasley pela janela, porque Harry bateu a porta e o trêm começou a se mover.

- Você pode ter certeza de que ficara bem e ...

O trêm agora atingia velocidade.

.....Seja um bom menino e... Ela estava movimentando-se de forma a ficar perto da janela de Harry.

..... Boa sorte!

Harry acenou até o trêm fazer um curva e o Sr. E a Sr^a. Weasley sumiram por ela, depois olhou em volta procurando se acomodar. Supôs que Rony e Hermione já estavam na cabine dos monitores, mas Gina estava no corredor, falando com alguns amigos. Ele foi em sua direção arrastando seu malão.

Todos olharam fixamente para ele quando se aproximou. Olharam para as portas ou janelas, mas não olharam para ele. Tinha pensado que teria de responder há uma enorme Chuva de perguntas, já que o profeta diário agora espalhava boatos sobre ele. Mas não apreciou essa nova sensação. Então bateu no ombro de Gina.

- Vamos tentar achar uma cabine?

- Eu não posso, Harry, eu disse que me encontraria com o Dino, disse Gina corando. Te vejo depois.

- Certo, disse Harry. Sentiu-se estranhamente perturbado, enquanto andava seu cabelo vermelho longo dançava atrás dela; tinha se tornado diferente, um só verão e ele tinha quase se esquecido de Gina, também ela não ficou muito ao redor dele, de Rony ou Hermione na escola. Então piscou e olhou ao seu redor.

Quando ouviu algumas pessoas conversando.

- Oi, Harry! Disse uma voz familiar atrás dele.

- Neville! Disse Harry, girando para ver um menino tentando chegar até ele.

- Olá, Harry, disse uma menina com longos cabelos e misteriosos olhos grandes, que estava atrás de Neville

- Luna, oi, como vai você?

- Muito bem, obrigada, disse Luna. Ela segurava uma caixa, com letras grandes que diziam que havia um par de Spectrespecs dentro.

O pasquim está bem, então? Perguntou Harry, que sentindo-se no dever já que, no ano anterior, o pasquim havia lhe dado uma entrevista exclusiva.

- Oh sim, está circulando muito bem, disse Luna feliz.

- Vamos procurar lugares pra gente, disse Harry, e os três saíram procurando por todo o trem, passando por todos os estudantes que os olhavam fixamente, mas nada diziam. No último vagão encontraram uma cabine vazia, e Harry entrou sentindo-se grato por tê-la achado.

- Eles ficaram olhando fixamente para nós. Disse Neville, que apontou para Luna e depois para si próprio. Porque nós estamos com você?

- Estavam olhando para você porque você estava no Ministério também, disse Harry, colocando seu malão no bagageiro. Nossa pequena aventura até lá saiu no profeta diário, você deve ter visto.

- Sim, eu pensei que minha avó ficaria irritada com toda essa publicidade, disse Neville, mas isso realmente a agradou. Diz que eu estou começando a parecer com meu pai. Até me comprou uma varinha nova, olhe!

Ele a pegou e mostrou a Harry.

- Feita de cerejeira com um pêlo de unicórnio, disse orgulhoso. Nós achamos que fomos um dos últimos a ver o Sr. Olivaras, já que ele desapareceu no dia seguinte... Ai, ai, Volta aqui, Trevo!

E mergulhou sob o assento para recuperá-lo, enquanto seu sapo tentava novamente escapar.

- Ainda teremos as reuniões da AD esse ano Harry? Perguntou Luna.

Tirou o pasquim descobrindo a caixa e apareceu algo muito colorido. Mas Harry não conseguiu ver o que era.

- Agora que não temos mais que nos livrar da Umbridge, não tem porque estarmos lá. Não é? Disse Harry olhando para baixo, enquanto Neville batia a cabeça no assento na hora em que foi levantar. Olhando decepcionado.

- Eu gostei da AD! Aprendi muitas coisas com você lá.

- Eu adorei muito as reuniões também, disse Luna serenamente. Era como ter amigos.

Esta era uma daquelas coisas incômodas, Harry sentiu uma mistura, um pouco de piedade, e ao mesmo tempo ficava encabulado. Antes que pudesse responder, entretanto, houve uma bagunça do lado de fora da cabine; um grupo de meninas do quarto ano cochichando entre si olhando atrás do vidro da porta.

- Vai pergunta pra ele!

- Não, pergunta você!

- A ah... Ok eu pergunto então!

E uma delas, uma menina corajosa, o olhava com seus olhos escuros grandes, um queixo proeminente, e cabelo preto e longo, empurrou a porta e entrou.

- Oi, Harry, eu sou Romilda, Romilda Vanedisse alto e confiável. Por que você não se junta com a gente na nossa cabine? Você não precisa se sentar com eles, ela falou num sussurro e indicou Neville que estava caído fora do assento outra vez procurando Trevo, e Luna que agora acabava com seu Spectrespecs, e olhava dementemente para um pequena coruja colorida.

- São meus amigos, disse Harry friamente.

- Oh, disse a menina, surpresa. Oh, Okay.

E se retirou passando através da porta que agora se encontrava novamente fechada.

- As pessoas esperam que você tenha amigos mais geniais que nós, disse Luna, parecendo estar encabulada.

- Vocês são bons, disse Harry logo. Nenhum deles estava no Ministério. Nenhum lutou comigo.

- Que é uma ótima coisa a se dizer, irradiou Luna. Então empurrou seu Spectrespecs para longe e começou a ler O pasquim.

- Nós não o enfrentamos disse Neville, emergindo para cima do assento, com pó em seus cabelos, e um Trevo inquieto em sua mão. Você. Você deve ouvir o que minha avó fala sobre você. Esse Harry Potter fazendo acontecer tudo isso com todo o Ministério da Magia contra. Daria qualquer coisa pra te-lo como neto.

Harry sorriu encabulado e mudou o assunto para a coruja assim que pode. Quando

Neville quis saber se estaria apto a fazer o N.I.E.M's de Transfiguração, com somente um Aceitável, Harry prestava atenção, mas não estava realmente escutando.

A infância de Neville tinha sido quase tão dura quanto a de Harry por causa de Voldemort, mas ele não tinha idéia de quão próximo ele ficou de ter o destino de Harry. A profecia servia para ambos, contudo, por suas próprias razões, Voldemort acabou escolhendo Harry.

Se Voldemort tivesse escolhido Neville, seria ele que ia se sentar do lado oposto a uma cicatriz em forma de raio? A mãe de Neville morreria para salvá-lo, assim como Lílian morreu por Harry? Certamente... Mas se ela não tivesse sido capaz de estar entre Voldemort e seu filho, não haveria nenhum escolhido agora? E então Harry seria beijado na estação pela sua própria mãe e não a mãe de Rony.

- Você está bem, Harry? Estava olhando engraçado, disse Neville.

Harry começou a se desculpar. - ... Eu...

- Você... O que?

- Que bicho te mordeu? Perguntou Luna de uma forma muito simpática, analisando Harry através de seus enorme óculos colorido.

Ela agitou as mãos no ar, como se fosse batêr em algo invisível e muito grande.

Harry e Neville, no entanto começaram a falar de Quadribol.

O Tempo lá fora era quente como havia sido todo o verão; com um pouco de nevoa, e alguns fracos raios de sol. Era durante o último tempo livre, quando o sol não era mais quase visível que Rony e Hermione entraram na cabine.

- Tomara que o carrinho passe logo para o almoço, estou famindo, disse Rony ansioso, sentando ao lado de Harry e apertando seu estômago. Oi, Neville. Oi, Luna. Adivinem? Ele disse, voltando a Harry. Malfoy não está fazendo seu trabalho como monitor. Ele está sentado na sua cabine com os outros Sonserinos, nós o vimos quando passamos.

Harry se sentou direito, interessado. Não é de Malfoy desperdiçar uma chance de demonstrar seu poder como monitor, poder do qual ele tinha abusado durante todo o ano passado.

- O que ele fez quando viu vocês?

- O de sempre, disse Rony indiferente, fazendo um gesto rude com as mãos. Nada inteligente, não é? Bem - é isso - ele fez novamente um gesto rude com as mãos - mas por que ele parou de intimidar os primeiro-anistas?

- Não sei, disse Harry, mas sua mente estava girando muito rápido. Lhe parecia que Malfoy não achava que existia coisa mais importante do que intimidar os alunos novatos.

- Talvez ele prefira o Esquadrão Inquisidor, disse Hermione. Talvez ser um monitor pareça-lhe muito pouco depois daquilo.

- Eu não acho que seja isso, disse Harry. Eu acho que ele está...

Mas antes que ele pudesse dar sua opinião, a porta da cabine foi aberta novamente e uma garota ofegante do terceiro ano caminhou para dentro.

- Eu devo entregar isso para Neville Longbottom e Harry P-Potter, ela gaguejou, quando seus olhos encontram os do Harry e ela corou. Ela estava segurando dois pedaços de pergaminho amarrados com fita violeta. Perplexos, Harry e Neville pegaram o pergaminho endereçado a cada um e a garota saiu tropeçando da cabine.

- O que é isso? Rony perguntou, enquanto Harry desenrolava o papel.

- Um convite disse Harry.

Harry,

Eu seria deleitado se você se juntasse a mim na hora do almoço na cabine C. Sinceramente...

Slughorn.

- Mas para que ele me quer lá? Perguntou Neville nervoso, como se ele estivesse esperando por uma detenção.

- Nenhuma idéia, disse Harry, que não estava totalmente convencido, pensando que ele não tinha nenhuma prova ainda que sua desconfiança estava certa. Ouça, ele disse, agarrado numa idéia repentina, vamos sob a Capa de Invisibilidade, então nós podemos dar uma boa olhada na maneira do Malfoy, ver o que ele está aprontando.

Esta idéia, entretanto, não foi nada boa: Os corredores estavam cheios de gente que esperavam o carrinho de doces para o almoço, se tornou impossível de passar enquanto vestiam o casaco. Harry arrumou-o repentinamente atrás de sua bolsa, refletindo no que faria só para evitar todo aquele movimento, que parecia ter se intensificado incrivelmente desde a última vez que ele andou no trêm. Todos os estudantes agora se empurravam em suas cabines para dar uma olhada melhor nele.

A excessão foi Cho Chang, que lançou-se para sua cabine quando viu Harry vindo. Enquanto Harry passava pela janela, ele a viu concentrada numa conversa com sua amiga Marieta, que usava uma camada bastante grossa de maquiagem que não escondia completamente a estranha formação de espinhas através de seu rosto. Com um sorriso um pouco forçado, Harry continuou.

Quando eles alcançaram a cabine C, eles viram que não eram os únicos convidados de Slughorn, entretanto julgando pela entusiasmada boas vindas de Slughorn, Harry era o mais calorosamente esperado.

- Harry, meu garoto! Disse Slughorn, pulando para seu campo de visão de modo que sua grande barriga coberta de veludo parecesse encher todo o espaço restante na cabine. Sua cabeça careca brilhante e o grande bigode prateado resplandeciam com tanto brilho na luz do sol quanto os botões de ouro de seu paletó. Bom te ver, bom te ver! E você deve ser o Sr. Longbottom!

Neville assentiu, olhando assutado. Em um gesto de Slughorn, sentaram-se opostos um ao outro nos dois únicos assentos vazios, que eram os mais próximos à porta.

Harry olhou de relance ao redor para os outros convidados. Ele reconheceu um Sonserino do mesmo ano que eles, um menino negro alto com olheiras fundas, olhos inclinados; havia também dois meninos do sétimo-ano que Harry não conhecia e, espremida no canto ao lado de Slughorn e com um olhar de como se não tivesse certeza como tinha chegado lá, Gina.

- Agora, vocês conhecem todo mundo? Slughorn perguntou a Harry e Neville.

- Blaise Zabini está no mesmo ano que vocês, naturalmente...

Zabini não fez nenhum sinal de reconhecimento ou cumprimento, nem Harry ou Neville: Os estudantes Grifinorianos e Sonserinos detestam-se no começo.

- Este é Cormac McLaggen, talvez vocês vieram através de? Não?

McLaggen, um largo, forte e cabeludo jovem, acenou a mão, e Harry e Neville acenaram a cabeça de volta para ele.

- E este é Marcus Belby, eu não sei será?

Belby, que era magro e tinha um olhar apreensivo, deu-lhes um sorriso estranho.

- E essa charmosa senhorita disse-me que os conhece! Slughorn terminou.

Gina fez caretas para Harry e Neville por trás de Slughorn.

- Bem agora, isto é o mais agradável, disse Slughorn comodamente. Uma chance para conhecer vocês todos um pouco melhor. Aqui, pegue um guardanapo. Eu empacotei meu próprio almoço; o carrinho, como eu o recordo, é cheio de licorice (* substância produzida através do licopódio, tipo de erva rasteira, matéria prima para fabricação de bebidas e certos comestíveis, também com funções medicinais *), e o sistema digestivo de um pobre homem velho não são lá essas coisas. Faisão, Belby?

Belby começou e aceitou o que olhou como a metade de um faisão frio.

- Eu estava justamente contando ao jovem Marcus aqui que eu tive o prazer de ensinar ao seu Tio Damocles, Slughorn disse a Harry e Neville, passando agora em torno de uma cesta de rolos. Um excelente bruxo, excelente, e sua Ordem de Merlim mais bem-merecida. Você vê muito seu tio, Marcus?

Desafortunadamente, Belby estava com a boca cheia de faisão; em sua pressa para responder Slughorn ele engoliu muito rápido, ficou roxo, e começou sufocar.

- Anapneo, disse calmamente Slughorn, apontando sua varinha para Belby, cujo caminho do ar na garganta pareceu se limpar de uma só vez.

- Não. . . Não muito ele, não, soluçou Belby, seus olhos lacrimejando.

- Bem, naturalmente, eu sei que ele é ocupado, disse Slughorn, olhando questionavelmente para Belby. Eu duvido que ele inventou a Poção Wolfsbane sem um considerável trabalho duro!

- Eu suponho . . . Disse Belby, que parecia ter medo de pegar um outro pedaço de faisão até estar certo de que Slughorn tinha terminado de falar com ele. Er

...

- Ele e meu pai não se dão muito bem, você vê, então eu não sei realmente muito sobre ele...

Sua voz enfraqueceu quando Slughorn deu-lhe um frio sorriso e em vez disso virou para McLaggen.

- Agora, você, Cormac, disse Slughorn, Eu espero saber que você vê muito seu Tio Tiberius, porque ele tem uma figura esplêndida de vocês dois caçando em, eu acho, Norfolk?

- Oh, sim, aquilo foi divertido, se foi, disse McLaggen. Nós fomos com Bertie Higgs e Rufus Scrimgeour - isso foi antes dele se tornar Ministro, obviamente!

- Ah, você conhece Bertie e Rufus também? Perguntou Slughorn irradiando, agora oferecendo uma pequena bandeja de tortas; de algum modo, Belby foi esquecido.

- Agora diga-me . . .

Era como Harry suspeitava. Todos pareciam ter sido convidados porque tiveram conexões com alguém bem-sucedido ou influente - todos exceto Gina Zabini, que foi interrogado depois de McLaggen, veio a ter uma celebridade belíssima como mãe, de quem Harry poderia desconfiar: tinha sido casada sete vezes, cada um de seus maridos morreram misteriosamente e deixou-lhe montes de ouro. Era Neville em seguida: foram dez minutos muito desconfortáveis. Os pais de Neville, Aurores bastante conhecidos, foram torturados até a insanidade por Bellatrix Lestrange e um par de Comensais da Morte colegas dela. No fim da entrevista de Neville, Harry teve a impressão que Slughorn reservava um julgamento de Neville, sobre se ele tinha algum do talento dos pais dele.

- E agora, disse Slughorn, deslocando-se pesadamente em seu lugar com o ar de que iria apresentar seu ato principal. Harry Potter! De onde começar? Eu sinto que apenas risquei a superfície (* no sentido de perguntar e saber *) quando nós nos encontramos durante o verão! Ele contemplou Harry por um momento como se ele fosse um grande e succulento pedaço de faisão, então disse, 'A Primeira Escolha,' eles estão chamando você assim agora!

Harry não disse nada. Belby, McLaggen e Zabini estavam fitando-o.

- Naturalmente, disse Slughorn, olhando Harry de perto, terá rumores por anos. ... Eu lembro quando - bem - depois daquela terrível noite - Lílian, Tiago - e você sobreviveu - e a palavra era que você tinha poderes além do normal - Zabini deu uma leve tosse que claramente quis indicar ceticismo. Uma voz nervosa surgiu por trás de Slughorn.

- Eh, Zabini, porque você é tão talentoso ... Ao contrário. . . .

- Oh querida! Riu Slughorn confortavelmente, olhando a procura de Gina, que olhava reluzente para Zabini perto da grande barriga de Slughorn. Você precisa ser cuidadoso, Blaise! Eu vi a performance dessa jovem senhorita para o mais malévolo um feitço quando eu passava pelo vagão dela! Eu não a desafiaria!

Zabini olhou meramente insolente.

- De qualquer forma, disse Slughorn, voltando para Harry. Semelhantes rumores neste verão. Naturalmente, não sabemos em quem acreditar, o Profeta Diário tem imperfeições, comete erros - mas parecia que havia um pouco de incerteza, dado ao número de testemunhas, de que absolutamente havia uma perturbação no Ministério e que você estava lá no meio disso tudo!

Harry, que não poderia de qualquer forma se ver fora disso sem mentir um pouco, fez um pequeno gesto com a cabeça mas ainda não disse nada. Slughorn sorriu de alegria para ele.

- Muito modesto, muito modesto, não me espanto que Dumbledore goste tanto de você.

- você estava lá, então? Mas o resto das histórias - tão sensacionais, naturalmente, ninguém sabe exatamente em que ou em quem acreditar - essa profecia fictícia, por exemplo.

- Nós nunca ouvimos a profecia, disse Neville, tornando-se rosa como um gerânio enquanto falava.

- Isso está certo, disse Gina com firmeza. Neville e eu estávamos ambos lá também, e toda essa besteira de 'Primeira Escolha' é apenas o Profeta Diário dizendo coisas acima do normal.

- Vocês dois estavam lá também, eram vocês? Perguntou Slughorn com grande interesse, olhando de Gina para Neville, mas ambos sentaram-se como um molusco (calados) antes do sorriso encorajador dele.

- Sim. . . Bem... É verdade que o Profeta frequentemente exagera, naturalmente. . . Slughorn disse, soando um pouco desapontado. Eu lembro da cara de Gwenog contando-me (Gwenog Jones, eu digo, Capitão do Holyhead Harpies)...

Ele soltou um longo giro de lembranças, mas Harry teve a impressão distinta que Slughorn não tinha terminado com ele, e que não tinha sido convencido por Neville e por Gina.

A tarde passou com mais anedotas sobre ilustríssimos bruxos que Slughorn conheceu, todos que participaram foram chamados para o que ele chamou de O Clube do Slug em Hogwarts. Harry não podia esperar para sair, mas não conseguia achar uma forma de fazer isso de forma educada. Finalmente o trêm emergiu para uma paisagem nebulosa e distante de um vermelho pôr-do-sol, e Slughorn olhou, piscando no crepúsculo.

- Gracioso, já está começando a escurecer! Eu não observei que tinham acendido as luzes! Seria melhor vocês irem e trocarem suas veste, todos vocês. McLaggen, você deve deixar cair e pedir emprestado aquele livro. Harry, Blaise - qualquer hora vocês devem passar . O mesmo vale para você, Senhorita, disse cintilante para Gina. Bem, hora de vocês irem, hora de vocês irem!

Assim que Harry colocou os pés no escuro corredor, Zabini lançou-lhe um olhar penetrante que Harry retornou com interesse. Ele, Gina e Neville seguiram Zabini pelo trêm.

- Estou feliz que isso tenha acabado, murmurou Neville. Homem estranho, não é?

- Sim, ele é um pouco, disse Harry, seus olhos em Zabini. Como você terminou lá, Gina?

- Ele viu-me enfeitiçar Zacharias Smith, disse Gina. Você lembra daquele idiota da Lufa-Lufa que estava na Armada de Dumbledore? Ele ficou me perguntando o que aconteceu no Ministério e por fim ele me irritou tanto que eu o enfeitei - quando Slughorn veio eu pensei que estava indo para a detenção, mas ele apenas pensou que era realmente um bom feitiço e me convidou para almoçar! Louco, né?

- A melhor razão para convidar alguém é que sua mãe é famosa, disse Harry, olhando de cara feia para a parte de trás da cabeça de Zabini, ou por causa de seu tio - Mas ele parou. Uma idéia ocorreu a Harry, uma perigosa mas realmente incrível idéia. ... Em poucos minutos, Zabini estaria entrando na cabine dos Sonserinos do sexto ano e Malfoy estaria sentado lá, pensando que estará sendo ouvido apenas pelos Sonserinos. ... Se Harry pudesse apenas entrar, sem ser percebido, atrás dele, o que ele não poderia ver e ouvir?

Verdade, havia pouco tempo até o fim da viagem - a Estação de Hogsmeade devia estar a menos de uma hora de distância, julgando pelas paisagens que passavam pela janela - mas ninguém mais parecia preparado para levar a suspeita de Harry a diante, então isso era difícil para ele e provar.

- Eu vejo vocês dois depois, disse Harry mal respirando, puxando sua Capa de Invisibilidade e cobrindo-se.

- Mas o que você? Perguntou Neville.

- Depois! Respondeu Harry, aproximando-se de Zabini tão silencioso quanto possível, pensando que o agito do trêm o ajudaria nesse trabalho.

Os corredores estavam quase completamente vazios agora. Quase todos haviam retornado as suas cabines para trocar suas vestes pelo uniforme da escola e empacotar suas coisas. Pensava que estava tão perto quando podia de Zabini, para não tocá-lo, mas Harry não foi rápido o suficiente para entrar na cabine quando Zabini moveu a porta. Zabini estava pronto para fechar a porta quando Harry colocou seu pé no caminho para evitar que ela fechasse.

- O que está errado com essa coisa? Disse Zabini nervoso enquanto esmagava o pé de Harry na porta de trilho.

Harry agarrou a porta e empurrou-a para abrir, duramente; Zabini, que ainda segurava-a com seu punho, tropeçou na bainha de Gregory Goyle, e no instante seguinte, Harry entrou na cabine, indo para o assento temporariamente vazio de Zabini, e subiu da prateleira de bagagens. Teve sorte que Goyle e Zabini estavam remungando um com o outro, desviando todos os olhares para eles, porque Harry tinha quase certeza que seus pés e tornozelos ficaram visíveis quando a capa escapuliu; teve certeza, quando por um terrível momento ele pensou ver os olhos de Malfoy seguir seu corpo enquanto ia para cima, fora da vista de todos. Mas então Goyle bateu a porta fechando-a e arremessou Zabini para fora de seu caminho; Zabini desmoronou em seu próprio assento com um olhar confuso, Vincente Crabbe voltou para sua revista em quadrinhos, e Malfoy, abafando o riso, colocou Zabini para fora de seu assento, colocando sua cabeça nas pernas de Pansy Parkinson. Harry estava desconfortável demais sob a capa para assegurar que cada polegada dele ficasse escondida, e assistiu Pansy acariciar o liso cabelo loiro de Malfoy, sorrindo satisfeita com fazia, quando pensa que ninguém teria amor para dar em seu lugar. As lanternas que balançaram do teto do vagão moldaram uma luz brilhante sobre a cena. Harry poderia ler cada palavra da história em quadrinhos de Crabbe, diretamente abaixo dele.

- Então, Zabini, disse Malfoy, o que Slughorn queria?

- Só tentar fazer uma boa ligação com as pessoas, disse Zabini, que ainda estava irritado com Goyle. Não que ele tenha conseguido muitas.

Esta informação não pareceu agradar Malfoy. Quem mais ele convidou? Ele exigiu.

- McLaggen da Grifinória, disse Zabini.

- Ah sim, seu tio tem um grande cargo no Ministério, disse Malfoy.

- Alguém mais, chamado Belby, da Corvinal;

- Ele não, ele é um burro! Disse Pansy.

- E Longbottom, Potter e aquela garota Weasley, terminou Zabini.

Malfoy sentou-se muito rapidamente, jogando a mão de Pansy pro lado.

- Ele convidou Longbottom?

- Bem, eu suponho que sim, Longbottom estava lá, disse Zabini indiferente.

- Em que Longbottom interessaria Slughorn?

Zabini deu de ombros.

- Potter, precioso Potter, obviamente ele queria dar uma olhada na 'Primeira Escolha,' zombou Malfoy, mas aquela garota Weasley! O que de especial ela tem?

- Muitos garotos gostam dela, disse Pansy, prestando atenção em Malfoy pelo canto dos olhos para sua reação. Mesmo você acha que ela é bonita, não você, Blaise, nós todos sabemos o quanto você é difícil de agradar!

- Eu não tocaria numa traidora suja do sangue bruxo como ela independente de como quer que ela parecesse, disse Zabini frio, e Pansy olhou-o feliz. Malfoy deitou-se novamente e permitiu que Pansy recomeçasse a cariciar seu cabelo.

- Bem, eu tenho pena do gosto do Slughorn. Talvez ele esteja um pouco caduco. É uma vergonha, meu pai sempre diz que ele foi um bom bruxo no seu tempo. Meu pai sempre se mostrou um pouco favorável a ele. Slughorn provavelmente não sabia que eu estava no trêm, ou.

Eu não iria aceitar o convite, disse Zabini. Ele me perguntou sobre o pai do Notts quando eu cheguei, fui o primeiro. Ele disse que eram velhos amigos, aparentemente, mas quando ele ouviu que Notts se complicou no Ministério ele não pareceu feliz, e Nott não foi convidado, foi? Eu não acho que o interesse de Slughorn seja os Comensais da Morte.

Malfoy olhou nervoso, mas forçou-se a dar um singular sorriso sem nenhum humor.

- Bem, quem se importa se ele está interessado? O que era ele, quando você foi lá pra baixo? Só um professor estúpido. Malfoy bocejou ostencivamente. Quer dizer, eu não estarei em Hogwarts no próximo ano, qual o problema para mim se um homem velho gosta de mim ou não?

- O que você quer dizer, com não estar em Hogwarts no próximo ano? Disse Pansy indignada, parando de acariciar Malfoy.

- Bem, você nunca saberá, disse Malfoy com um sorriso como de um fantasma. Meu poder será - er, bem - usado em coisas maiores e melhores.

Encolhendo-se na prateleira de bagagem sob a capa, o coração de Harry começou a batêr mais rápido. O que Rony e Hermione diriam sobre isso? Crabbe e Goyle estavam bajulando Malfoy; aparentemente eles não tinham nenhuma suspeita de qualquer plano para essas coisas melhores e maiores. Mesmo Zabini tinha se permitido um olhar de curiosidade que estragava seu tom arrogante. Pansy recomeçou vagarosamente a carícia nos cabelos de Malfoy, olhando confusa.

- Você quer dizer?

Malfoy encolheu os ombros.

- Minha mãe quer que eu complete meus estudos, mas pessoalmente, eu não acho isso importante nessa altura. Quer dizer, pensar sobre isso. ... Quando o Lord das Trevas voltou, ele está ligando para quantos NOM's ou NIEM's nós temos?

- Naturalmente ele não está. Isso será um tipo de serviço que ele pediu, vou mostrar minha devoção a ele.

- E você acha que estará pronto para fazer algo para ele? Perguntou Zabini ofensivo. Dezesseis anos de idade e nem tem todo o aprendizado ainda!?

- Eu disse, não disse? Talvez ele nem liga para o meu aprendizado da escola. Talvez o trabalho que ele quer que eu faça não seja algo que precise estar qualificado assim, disse rapidamente Malfoy.

Crabbe e Goyle estavam ambos sentados com suas bocas abertas como gárgulas.

Pansy estava olhando para Malfoy como se pensasse que nunca viu nada tão inspiradoramente medonho.

- Eu posso ver Hogwarts, disse Malfoy, saboreando claramente o efeito que ele criou enquanto olhava pela janela enegrecida. Seria melhor nós trocarmos nossas vestes agora.

Harry estava muito ocupado olhando para Malfoy, que não percebeu Goyle procurando por sua mala. Enquanto ele a puxava para baixo, ele bateu muito forte na cabeça de Harry. Ele souou um involuntário gemido de dor, e Malfoy olhou para cima da prateleira de bagagens, franzindo a testa.

Harry não estava com medo de Malfoy, mas ele não gostava muito da idéia de ter que se esconder sob sua Capa de Invisibilidade de um grupo de Sonserinos. Com os olhos lacrimejantes e a cabeça doendo, ele puxou sua varinha, tomando cuidado para não levantar a capa, e esperou, prendendo a respiração. Para sua sorte, Malfoy pareceu decidir que tinha imaginado o barulho; ele puxou suas vestes como os outros, fechou sua mala, e enquanto o trêm ia cada vez mais devagar para uma parada muito movimentada, pendurou uma capa de viagem nova ao redor de seu pescoço.

Harry podia ver o corredor encher-se e esperava que Hermione e Rony levassem as coisas dele para a plataforma; ele ficaria parado onde estava até a cabine ter-se esvaziado completamente. Por último, com uma guinada final, o trêm veio e parou completamente. Goyle abriu a porta e musculosamente como era, empurrou para fora de seu caminho uma multidão de segundo-anistas, ameaçando esmurrá-los; Crabbe e Zabini prosseguiram.

Vá você, Malfoy disse a Pansy, que estava esperando por ele com sua mão estendida como se esperasse que ele a pegasse. Eu quero checar uma coisa.

Pansy foi. Agora Harry e Malfoy estavam sozinhos na cabine. Estudantes estavam se infilmando na saída, indo para a plataforma escura. Malfoy moveu-se pela porta adentro e puxou as cortinas, então aquelas pessoas no corredor não puderam ser vistas. Então ele trancou sua mala e abriu-a novamente.

Harry olhou de cima da prateleira de bagagens, seu coração bateu um pouco mais rápido. O que Malfoy queria fazer escondido de Pansy? Será que sua mala tinha alguma coisa quebrada para consertar?

- Petrificus Totalus!

Sem cuidado, Malfoy ergueu sua varinha para Harry, que foi paralizado instantaneamente. Enquanto pensava devagar, ele caiu da prateleira de bagagens e se sentiu, agonizadamente, um baque com o chão, no pé do Malfoy; a Capa de Invisibilidade caiu por baixo dele, seu corpo foi totalmente revelado com suas pernas ainda curvadas numa posição que lhe dava cãibras. Ele não podia mover um músculo; ele só podia olhar para Malfoy, que riu.

- Eu pensei, ele disse radiante. Que eu tinha ouvido o estômago do Goyle roncar. E pensei ver um relampejo branco no ar depois de Zabini voltar...

Seus olhos pousaram sob Harry.

- Você não ouviu nada que possa me comprometer, Potter. Mas enquanto eu tiver você aqui... E ele pisou, duramente, no rosto de Harry. Harry sentiu seu nariz quebrar; sangue jorrando para todos os lados.

- Isso é por meu pai. Agora, vamos ver... Malfoy tirou a capa de baixo do corpo de Harry e jogou sobre ele.

- Eu não acho que vão te encontrar antes de chegarem em Londres, disse rápido.
 - Vejo você por aí, Potter... Ou não.
- E tomando cuidado para não encostar em Harry, Malfoy deixou a cabine.

--Capítulo 8--

Snape Vitorioso

Harry não podia mover um só músculo. Ele deitou-se ali embaixo da capa da invisibilidade sentindo o sangue escorrer de seu nariz, quente e áspero, por seu rosto, ouvindo as vozes e passos no corredor abaixo. Seu pensamento imediato foi que alguém iria vê-lo, iria checar os compartimentos antes que o trem partisse de novo. Mas de repente veio o pensamento de que mesmo que alguém olhasse, ninguém o veria, pois ele estava invisível. Sua melhor esperança era que alguém mais iria entrar e pisar nele.

Harry nunca odiou tanto Malfoy quanto agora deitado no chão ali, como uma absurda tartaruga de pernas para cima, sangrando doentamente por sua boca aberta. Que situação estúpida para ter-se metido sozinho... E agora os últimos passos estavam morrendo ao longe; todos estavam na plataforma escura; ele podia ouvir as pessoas falando lá fora.

Rony e Hermione pensariam que ele deixara o trem sem ele. Quando chegassem a Hogwarts e tomassem seus lugares no salão principal, olhassem para baixo e para cima na mesa da Grifinória procurando por Harry e finalmente se dessem conta de que ele não estava lá, ele já estaria, sem dúvida, a meio caminho para Londres.

Ele tentou fazer algum som, mesmo um grunhido, mas era impossível. Então ele lembrou-se que alguns bruxos até mesmo Dumbledore, podiam fazer sons sem falar, então ele tentou pegar sua varinha, que estava embaixo de sua mão, dizendo as palavras *accio varinha* de novo e de novo com sua boca fechada, mas nada aconteceu.

Ele pensou que poderia ouvir o murmúrio das árvores que circulavam o lago, não havia sinal de uma busca sendo feita ou mesmo de (ele desistiu de esperar por isso) vozes em pânico imaginando onde Harry Potter tinha ido. Um sentimento de desesperança se espalhou por ele enquanto ele imaginava o comboio de carruagens de *trestálios* subindo para a escola e risadas da carruagem em que se encontrava Malfoy, onde ele poderia estar contando de seu ataque a Harry para Crabbe, Goyle, Zabini e Pansy Parkinson.

O trem fez uma curva, fazendo com que Harry rolasse pra cima de si mesmo. Agora ele estava encarando a parte de baixo dos bancos ao invés do encosto. O chão começou a vibrar enquanto a engrenagem criava vida. O expresso estava indo embora e ninguém sabia que ele estava ainda ali... Então ele sentiu a capa da invisibilidade sair de cima dele e uma voz acima dele disse, - olá Harry.

Então houve um flash de luz vermelha e o corpo de Harry descongelou; ele conseguiu se colocar em uma posição dignamente sentado, limpou o sangue no rosto com as costas das mãos, e levantou a cabeça para olhar para Tonks, que estava segurando a capa da invisibilidade que havia acabado de puxar.

- É melhor nós sairmos daqui rápido, disse ela, enquanto a janela do trem começava a escurecer e eles começaram a se mover para a estação *venha, pule, bem!

Harry rapidamente pulou depois dela dentro do corredor. Ela abriu a porta do trem e saiu na plataforma, que parecia estar se mexendo no momento em que saíram do trem. Ele seguiu-a, escorregando um pouco na lama, eles saíram

bem em tempo para ver a grande engrenagem escarlaté em alta velocidade desaparecer de vista.

O ar frio da noite estava fazendo seu nariz arder. Tonks estava olhando-o; ele se sentiu embaraçado e com raiva que tivesse sido descoberto em uma posição tão ridícula. Silenciosamente ela lhe entregou a capa da invisibilidade.

- Quem fez isso?

- Draco Malfoy, disse Harry com raiva. Obrigada por... Bem...

- Sem problemas, disse Tonks sem sorrir. Pelo que Harry podia ver no escuro ela parecia miserável comparada com quando ele a tinha encontrado no Burrow. Eu posso arrumar o seu nariz se você ficar parado Harry não tinha pensado muito na idéia; ele pretendia visitar madame Pomfrey, a enfermeira, em quem ele tinha mais confiança em se tratando de machucados com magia, mas parecia rude dizer isso, então ele ficou parado e fechou os olhos, Episkey disse Tonks.

O nariz de Harry ficou muito quente, e então muito frio. Ele levantou uma mão e sentiu melhor. Parecia ter sido remendado.

- Muito obrigada!

- É melhor você colocar essa capa, e nós poderemos ir para a escola, disse Tonks, ainda sem sorrir. Enquanto Harry colocava a capa, ela levantou a varinha; uma criatura de quatro patas enorme saiu da varinha e foi direto para a escuridão.

- Era um patrono? Perguntou Harry, que tinha visto mensagens de Dumbledore como essa.

- Sim. Estou dizendo ao castelo que estou com você ou eles vão se preocupar.

- Venha, é melhor não duvidarmos.

Eles entraram na trilha que levava para a escola.

- Como você me achou?

- Eu soube que você não tinha saído do trêm, e eu sabia que você tem essa capa.

- Eu pensei que você pudesse estar se escondendo por alguma razão. Quando eu vi as malas no chão naquela cabine, eu pensei e fui checar.

- Mas o que você está fazendo aqui, mesmo? Perguntou Harry.

- Eu estou em hogsmead agora, para dar mais proteção para a escola disse Tonks.

- É só você que está aqui, ou?

- Não, Proudfoot, Savage e Dawlish estão aqui também.

- Dawlish, aquele auror que Dumbledore atacou no ano passado?

- Isso mesmo.

Eles entraram na escuridão, na deserta trilha, seguindo as recém deixadas marcas das carruagens. Harry olhou diversas vezes para Tonks debaixo da capa. Pelo que se lembrava ela tinha sido muito inquisitiva (a ponto de ser irritante de vez em quando), ela dava risada fácil, ela fazia piadas. Agora ela parecia mais velha e muito mais séria. Era isso tudo efeito do que havia acontecido no Ministério?

Ele refletiu desconfortavelmente no que Hermione dissera, que ele devia dizer algo confortante sobre Sírius para ela, que não era culpa dela, afinal, mas ele não conseguiu fazê-lo. Ele não a culpava pela morte de Sírius; isso não era mais a culpa dela do que de qualquer outro (e muito menos que a dele), mas ele não gostava de falar de Sírius se pudesse evitar. Então eles caminharam pela noite fria em silêncio, a longa capa de Tonks raspando no chão atrás deles;

sempre tendo viajado por ali em carruagens, Harry nunca tinha percebido como Hogwarts era longe da estação de Hogsmead. Com grande alívio finalmente viu os altos pilares nos dois lados dos portões, cada topo com um leão alado. Ele estava com frio, com fome e ele estava bem próximo de deixar essa nova, seca Tonks para trás. Mas quando ele colocou a mão no portão, ele estava trancado.

- Alorromora, ele disse baixo, apontando sua varinha para a fechadura, mas nada aconteceu.

- Esse não vai funcionar disse Tonks. Dumbledore trancou-os pessoalmente.

Harry olhou em volta. - Eu poderia pular o muro ele sugeriu.

- Não, não poderia disse Tonks secamente. Feitiços anti-intrusos em todos. A segurança aumentou muito nesse verão. Bem, então, disse Harry, começando a se sentir irritado por sua falta de esperança. - Eu suponho que terei que dormir aqui fora e esperar pela manhã.

- Alguém pode vir aqui, para você disse Tonks, olhe: Uma lanterna se acendeu nas portas do castelo. Harry estava tão agradecido por isso, que achou que podia até encorajar as críticas de Filch por seus atrasos e como seus reguladores de tempo poderia ajudar com a regular aplicação das normas da escola. Isso foi até a luz amarela estar a dez passos de distância deles, e ele tirar a capa e Harry visse, que reconhecia o nariz comprido e torto, o cabelo negro e sebooso de Severo Snape.

- Bem, bem, bem zombou Snape, tirando a capa e destrancando a fechadura e os portões se abriram. Gentil da sua parte de aparecer, Potter, logicamente você achou que as carruagens da escola destoariam de sua aparência.

- Eu não poderia mudar. Eu não tinha meu - Harry começou, mas Snape cortou-o.

- Não precisa esperar, Nimphadora, Potter está bastante, ah, seguro, em minhas mãos.

- Eu pensava que Hagrid receberia a mensagem disse Tonks, desanimada.

- Hagrid estava atrasado para a festa de início de ano, como Potter aqui, então eu peguei isso no lugar dele. E incidentalmente, disse Snape, indo para trás, para Harry passar, eu estava interessado em ver seu novo patrono.

Ele fechou os portões na cara dela, com um estrondo alto e bateu na fechadura com sua varinha de novo, então eles fizeram um clique e voltaram ao lugar.

- Eu acho que você estava melhor com a velha disse Snape, a malícia em sua voz.

- A nova parece fraca.

Enquanto Snape voltava, a luz foi até o rosto dela e Harry viu uma mistura de choque e raiva, então ela entrou na escuridão mais uma vez.

- Boa noite Harry disse por cima do ombro, enquanto começava a caminhar para a escola com Snape obrigada por... tudo...

- Nos vemos, Harry...

Snape não falou por um minuto se quer. Harry sentiu como se seu corpo estivesse gerando ondas de poder que parecia inacreditável que Snape não pudesse sentir queimando-o. Ele tinha se lembrado de Snape de seu primeiro encontro, mas Snape tinha se colocado para sempre e irrevogavelmente contra a possibilidade de perdão a Harry por sua atitude para com Sírius. De qualquer forma, Dumbledore disse, Harry tinha tempo para pensar durante o verão, e tinha concluído que a insistência de Snape que Sírius ficava escondido seguramente enquanto o resto da Ordem da Fênix estava fora lutando contra

Voldemort, provavelmente tinha sido um forte fator na pressa de SÍrius ir até o Ministério na noite em que morreu.

Harry teve essa noção, por que era capaz de culpar Snape, que se sentia satisfeito, também por que sabia que se alguém não lamentava a morte de SÍrius, esse era o homem ao seu lado, no escuro.

- 50 pontos a menos para a Grifinória por causa do atraso, eu acho disse Snape.

- E, deixe-me ver, e menos 20 pontos por seu ataque trouxe. Sabe, eu não acredito que nenhuma casa começou com pontos negativos tão cedo: nós nem começamos o pudim.

A fúria e a o ódio borbulhando dentro de Harry parecia ser branco-quente, mas ele preferia seguir imobilizado o caminho todo de volta para Londres do que dizer a Snape por que estava atrasado.

- Eu suponho que você queria fazer uma entrada, não queria? Snape continuou. E com nenhum carro voador por perto você decidiu que entrar no salão principal no meio da festa criaria um efeito dramático. Ainda assim, Harry se manteve em silêncio, ele pensou que sua testa ia explodir.

Ele sabia que Snape havia vindo para incomodá-lo por alguns minutos enquanto ele poderia atormentar Harry sem ninguém mas ouvindo.

Eles pisaram nos degraus do castelo e as grandes portas de carvalho estavam abertas para o vasto salão de entrada. Uma bagunça de conversas e tilintar de pratos vinham através das portas do salão principal. Harry imaginou se poderia colocar a capa de volta sem que ninguém visse, até sentar no seu lugar na mesa da Grifinória (que, inconvenientemente era a mais longe da entrada do salão) sem ser notado. Como se tivesse lido a mente de Harry, Snape disse - nada de capa.

- Você pode entrar assim todos vão ver você, que é o que você queria, eu tenho certeza.

Harry virou e caminhou direto pelas portas abertas: qualquer coisa para se afastar de Snape. O salão principal com suas quatro longas mesas das casas e os funcionários sentados no fundo da sala, estava decorado, como normal, com velas flutuando que fazia os pratos brilharem. Esse era um charmoso brilho para Harry, entretanto, estava caminhando tão rápido que estava passando a mesa da lufa-lufa tão rápido antes mesmo que as pessoas comessem a encará-lo, e quando estavam se levantando para dar uma boa olhada nele, ele havia visto Rony e Hermione, que faziam um lugar entre eles para Harry sentar.

- Onde você... Nossa, o que houve com o seu rosto? Disse Rony, olhando para ele com todos os outros.

- Por quê? O que há de errado com ele? Disse Harry, pegando uma colher e olhando o seu reflexo distorcido.

- Você está coberto de sangue! Disse Hermione. Vem cá...

Ela pegou sua varinha, disse tergeio e o sangue seco sumiu.

- Obrigado disse Harry, sentindo seu rosto limpo agora. Como está o meu nariz?

- Normal disse Hermione ansiosa por quê? Não deveria? Harry, o que aconteceu? Nós estávamos aterrorizados!

- Digo para vocês depois, disse Harry rapidamente em uma voz significativa. Ele estava bem consciente de que Gina, Neville, Dino, e Simas estavam

ouvindo; até mesmo Nick quase sem cabeça o fantasma da Grifinória tinha vindo voando para escutar.

- Mas, disse Hermione.

- Agora não, Hermione disse Harry. Ele esperava que eles pensassem que ele estava envolvido em algo realmente heróico, preferivelmente algo com comensais da morte e um dementador. Claro, Malfoy iria espalhar a história da melhor maneira possível, mas sempre havia a chance de não chegar a muitos ouvidos da Grifinória.

Ele pegou depois de Rony um pouco de frango e algumas batatas, mas antes que ele pudesse pega-las, elas tinham desaparecido, para serem trocados por pudins.

- Você perdeu o sorteio, mesmo disse Hermione, enquanto Rony comia uma grande bomba de chocolate.

- Foi dito algo interessante? Perguntou Harry, pegando um pouco de torta.

- Mais o normal, mesmo... Avisando a todos nós das faces do inimigo, sabe.

- Dumbledore mencionou Voldemort?

- Ainda não, mas ele sempre guarda o discurso em si para o fim. Pode ser longo, agora.

- Snape disse que Hagrid estava atrasado para a festa.

- Você viu Snape? Como? Disse Rony, entre mordidas à bomba.

- Passei por ele disse Harry evasivamente.

- Hagrid estava apenas alguns minutos atrasado, disse Hermione olhe, ele esta olhando para você, Harry.

Harry olhou para cima, para a mesa dos funcionários e deu com Hagrid, que estava sorrindo para ele. Hagrid nunca havia se comportado com a dignidade da professora McGonagall, diretora da Grifinória, o topo da cabeça subiu de algum lugar entre a cabeça e o ombro de Hagrid, como eles estavam sentados lado a lado, e que estava com olhar desaprovador para o entusiasmo de Hagrid. Harry estava surpreso por ver a professora de adivinhação, professora Trelawney, sentada no outro lado de Harry; ela raramente deixava o seu quarto na torre, e ele nunca tinha visto ela na festa de inicio de ano antes. Ela tinha o mesmo olhar esquisito de sempre, brilhando com suas contas e um xale diáfano, seus olhos magnificamente aumentados para enormes, por seus óculos. Sempre a tendo considerado um pouco fraude, Harry ficou chocado as descobrir que no fim dos tempos de adivinhação que foi ela quem fez a previsão de que Lord Voldemort iria matar os pais de Harry e atacá-lo. Saber disso, fez com que Harry sentisse ainda menos vontade de ficar perto dela, nesse ano ele podia desistir de adivinhação.

Seus enormes olhos se viraram na direção dele; ele apressadamente olhou para a mesa da Sonserina. Draco Malfoy estava imitando o nariz de Harry se despedaçar e arrancava aplausos e risadas. Harry voltou sua atenção para sua torta, seu interior queimando de novo. O que ele daria para lutar corpo-a-corpo com Malfoy...

- Então, o que o professor Slughorn queria? Perguntou Hermione.

Para saber o que realmente aconteceu com o ministro disse Harry.

- Ele e todo mundo, choramingou Hermione. As pessoas estavam nos interrogando sobre isso no trêm, não estavam Rony?

- Sim! Disse Rony. Todos querendo saber se você realmente é o escolhido.

- Tem havido muita conversa sobre isso, até mesmo entre os fantasmas interrompeu rapidamente Nick quase sem cabeça, inclinado à gola de rufus

para segurar sua cabeça, conectada ao corpo por apenas um pedacinho de pele. Eu estou considerando algo sobre a autoridade de Potter; é bom saber que somos amigos. Eu assegurei a comunidade de fantasma que não vou dar qualquer informação sobre você. 'Harry Potter sabe que pode confiar em mim com completa confiança' eu disse a eles. ' Eu preferia morrer a trair sua confiança.

- Isso não diz muita coisa, observando que você já esta morto observou Rony.

- Mais uma vez, você mostrou toda a sensibilidade de um machado cego disse Nick, em tom afrontado, e ele girou no ar indo para o fim da mesa da Grifinória, exatamente quando Dumbledore levantou-se na mesa dos funcionários. E a conversa por todo salão foi morrendo rapidamente.

- A melhor das noites para vocês! Ele disse sorrindo brandamente, seus braços abertos como se fosse abraçar o salão inteiro.

- O que aconteceu com a mão dele? Sussurrou Hermione.

Ela não era a única que tinha notado. A mão direita de Dumbledore estava enegrecida e com aspecto de morta como na noite em que fora tirar Harry dos Dursleys. Sussurros pelo salão todo; Dumbledore interpretando-os da maneira correta, meramente sorriu e puxou sua capa roxa e dourada para junto da injúria.

- Nada para se preocuparem ele disse rapidamente. Agora... Para nossos novos estudantes: boas vindas, para os antigos: bem-vindos de volta a mais um ano que vos espera com muita educação mágica...

- A mão dele estava assim quando eu o vi no verão Harry murmurou para Hermione.

- Eu achei que estaria curada por agora... Ou madame Pomfrey poderia ter dado um jeito.

- Parece que esta morta disse Hermione com a voz enojada mas há alguns machucados que voce não pode curar... Velhas magias... E há venenos sem antídoto...

- E Sr. Filch, nosso zelador, me pediu para dizer que todas as Gemialidades Weasley estão banidas.

- Os interessados em jogar quadribol pela sua casa, devem dar seus nomes para os diretores de suas casas como o usual. Nós estamos também procurando por novos comentaristas de quadribol, que deverão fazer da mesma forma.

- Nós estamos dando as boas vindas também ao novo membro da escola nesse ano, professor Slughorn - Slughorn levantou-se, sua cabeça calva refletindo as luzes das velas, sua grande barriga fazendo cintura na mesa - é um grande colega meu que concordou em assumir o posto de mestre de poções.

- Poções?

- Poções?

A palavra ecoou por todo o salão principal enquanto as pessoas imaginavam se tinha entendido direito.

- Poções? Disseram Rony e Hermione ao mesmo tempo se virando para encarar Harry mas você disse....

- Professor Snape, enquanto isso, disse Dumbledore aumentando a voz para ser ouvido no meio no burburinho, irá estar dando aula de defesa contra as artes das trevas.

- Não! Disse Harry, tão alto que muitas cabeças se viraram em sua direção. Ele não se importou; ele estava encarando a mesa dos professores, abobalhado. Como Snape poderia dar defesa contra arte das trevas depois de tanto tempo? Não era sabido que Dumbledore não confiava em Snape para isso?

- Mas Harry, você disse que Slughorn estava vindo para ensinar defesa contra artes das trevas? Disse Hermione.

- Eu achei que ele ia! Disse Harry, examinando todo o cérebro para lembrar quando Dumbledore havia dito isso a ele, mas ele não conseguia lembrar o que Dumbledore tinha dito que Slughorn iria ensinar.

Snape, que estava sentado à direita de Dumbledore, não se levantou à menção de seu nome; ele meramente levantou a mão para agradecer os aplausos que recebia da mesa da sonserina, ainda assim, Harry podia detectar um olhar de triunfo nos olhos de Snape.

- Bem, ai esta algo bom! Disse ele com selvageria. Snape vai ter ido embora no fim do ano.

- Como assim? Perguntou Rony.

- Esse emprego é enfeitado. Ninguém durou mais que um ano. Quirrel morreu exercendo-o... Pessoalmente, vou manter meus dedos cruzados para outra morte...

- Harry! Disse Hermione chocada e com cara de quem desaprova.

- Talvez, ele apenas volte a dar poções no fim do ano disse Rony racionalmente.

- Esse Slughorn talvez não fique mais tempo que moody ficou.

Dumbledore limpou a garganta. Harry, Rony e Hermione não eram os únicos que estavam falando; todo o salão principal emergiu em uma balburdia de vozes conversando sobre a novidade: Snape finalmente tinha conseguido satisfazer seu desejo. Parecia óbvio que a natureza sensacional das novidades concedidas, Dumbledore não disse mais nada sobre os empregados, mas esperou alguns segundos para ter certeza de que o silêncio era absoluto antes que continuasse.

- Agora, como todos nesse salão sabem, Lord Voldemort e seus companheiros estão cada vez mais alargando e ganhando terreno.

O silêncio parecia tenso enquanto Dumbledore falava. Harry olhou para Malfoy, que não estava olhando para Dumbledore, mas fazendo seu garfo pairar no ar com sua varinha, como se pensasse que esse era o assunto mais indigno de atenção no mundo.

- Eu não posso enfatizar forte o bastante como a presente situação é perigosa, e quanto cuidado todos nós em Hogwarts vamos precisar, para nos mantermos seguros.

- As proteções mágicas do castelo foram fortificadas durante o verão, nós estamos protegidos por novas e mais poderosas mágicas, mas ainda devemos aguardar inescrupulosamente contra estudantes que possam ser descuidados ou até mesmo da parte dos empregados. Eu peço a vocês que obedeçam a cada imposição de seus professores em parte de segurança, mas há uma regra que vocês devem prestar muita atenção, em particular, a regra que depois de certas horas, vocês não podem ficar na rua. Eu imploro a vocês, notifiquem-nos de qualquer coisa estranha ou suspeita que percebam dentro ou fora do castelo. Eu confio em vocês para se conduzirem, sempre, a vocês e aos outros com muito cuidado.

Dumbledore passou os olhos azuis pelos estudantes mais uma vez antes de sorrir de novo.

- Mas agora, suas camas os esperam, quentes e confortáveis como vocês podem desejar, e eu sei que sua maior prioridade é estar bem descansados para suas lições amanhã. E vamos todos dizer boa noite. PIP, PIP!

Com o barulho usual os bancos se moveram para trás e centenas de estudantes começaram a sair do salão principal até seus dormitórios. Harry que estava sem pressa para sair com todos, nem de chegar perto de Malfoy para ouvir a história do nariz estourado, se deixou ficar para trás, pretendendo subir as escadas em seu ritmo, deixando a maioria dos grifinórios a sua frente. Hermione foi à frente com as pessoas do primeiro ano, mas Rony ficou com Harry.

- O que realmente aconteceu com o seu nariz? Ele perguntou, quando estavam bem para trás das pessoas que saíam do salão principal e fora do campo de audição de qualquer outro. Harry contou-lhe. Essa era uma marca da amizade deles, Rony não ria.

- Ei vi Malfoy imitando alguma coisa com um nariz ele disse sombriamente.

- Sim, bem, esqueça isso, disse Harry rapidamente. Ouça o que ele disse antes de descobrir que eu estava lá...

Harry esperava que Rony ficasse pasmo com a ostentação de Malfoy. Com o que Harry considerou teimosia, de qualquer forma, Rony estava inexpressivo.

- Qual é, Harry, ele estava apenas se mostrando para Parkinson... que tipo de missão você sabe quem teria dado a ele?

- Como você sabe que Voldemort não precisa de alguém em Hogwarts? Não seria a primeira vez.

- Eu esperava que parasse de dizer esse nome, Harry, disse uma voz atrás deles.

Harry olhou por cima do ombro e viu Hagrid sacudindo a mão.

- Dumbledore diz esse nome disse Harry tedioso.

- Sim, mas é Dumbledore, não é? Disse Hagrid misteriosamente. Então por que demorou tanto para chegar aqui, Harry, eu estava preocupado.

- Fiquei para trás no trêm disse Harry. Por que você estava atrasado?

- Eu estava com Grope disse Hagrid feliz. Perdi a noção do tempo. Ele esta com uma casa nova nas montanhas agora, Dumbledore arrumou para ele – uma caverna grande, bem legal. Ele esta muito mais feliz do que quando estava na floresta. Nós estamos nos divertindo muito.

- Serio?? Disse Harry, cuidando para não encarar Rony nos olhos; da outra vez que ele havia visto o meio irmão de Hagrid. Um gigante com grande talento para arrancar árvores do chão, seu vocabulário tinha 5 palavras, duas das quais era incapaz de pronunciar corretamente.

- Oh, sim, ele esta bem melhor disse Hagrid orgulhoso. Você ficará pasmo. Eu estou pensando em treiná-lo para ser meu assistente.

Rony riu alto, mas tratou de transformar em um ataque de tosse. Agora eles estavam na frente das portas da frente.

- De qualquer forma, vejo vocês amanhã. Primeiro tempo depois do almoço. Venham mais cedo e vocês poderão dar um olá à Bicuço - quer dizer, Witherwings!

Segurando uma arma ele saiu para a rua, dentro da escuridão.

Harry e Rony se entreolharam. Harry podia dizer que Rony estava experimentando o mesmo sentimento de estar caindo que Rony.

- Você não vai fazer Trato com as criaturas mágicas, vai?

- Rony balançou a cabeça. E você também não, vai?

Harry também balançou a cabeça.

- E Hermione, disse Rony. Ela não esta, esta?

Harry balançou a cabeça de novo. Exatamente o que Hagrid queria dizer quando percebesse que seus três alunos favoritos haviam desistido de sua matéria, ele nem queria pensar.

--Capítulo 9--
O PRINCIPE MESTIÇO

Harry e Rony encontraram Hermione no Salão Comunal antes do café da manhã do dia seguinte. Torcendo para que acreditassem em sua teoria, Harry não perdeu tempo contando para Hermione o que ele ouviu Malfoy falando no trêm.

- Mas ele estava claramente se mostrando para Parkinson, não estava? Entrevi Rony rapidamente, antes que Hermione pudesse falar qualquer coisa.

- Bem, ela falou. Eu não sei... Poderia ser que Malfoy quer se mostrar mais importante do que ele realmente é... Mas seria uma grande mentira para contar...

- Exatamente, disse Harry, mas ele não pôde continuar, pois tinha muita gente tentando ouvir a conversa, sem contar as que estavam o observando e sussurrando.

- É uma falta de educação apontar, disse Rony para um garoto do primeiro ano quando eles entravam parados na fila do buraco do quadro. O garoto, que estava murmurando algo para seu amigo sobre Harry, ficou roxo e correu pelo buraco alarmado. Rony riu.

- Adoro ser do sexto ano. E nós vamos ter mais tempo livre esse ano. Períodos inteiros quando poderemos simplesmente sentar e relaxar.

- Nós vamos precisar desse tempo para estudar, Rony! Disse Hermione, quando eles começaram a andar pelo corredor.

- Sim, mas não hoje, disse Rony. Hoje vai ser um dia de sono, eu acredito.

- Calma aí, disse Hermione parando um garoto do segundo ano, que estava tentando passar por ela com um disco verde em suas mãos.

- Frisbees dentados estão proibidos, entregue-me, ela mandou. O garoto a entregou o Frisbee, passou por baixo do braço de Hermione e foi atrás de seus amigos. Rony esperou que ele sumisse, depois pegou o brinquedo das mãos de Hermione.

- Beleza, sempre quis ter um desses!

A atitude de Hermione foi sucedida por vários risos. Lila Brown aparentemente achou que o comentário de Rony foi engraçado. Ela continuou a rir quando passou por eles, olhando para Rony por cima de seu ombro. Rony pareceu contente com si mesmo.

O teto do Salão Principal estava serenamente azul e marcado com fracas e finas nuvens, como nos quadrados de céu visíveis pelas altas janelas. Enquanto eles estavam comendo, Harry e Rony contaram a Hermione sobre a conversa embaraçosa que eles tiveram com Hagrid na tarde anterior.

- Mas ele não podia realmente pensar que nós iríamos continuar Trato das Criaturas Mágicas! Ela falou, parecendo confusa. Quero dizer, quando que qualquer um de nós mostrou qualquer entusiasmo?

- É isso, não é? Disse Rony, engolindo um ovo frito inteiro. Nós éramos os únicos que fazíamos esforço nas aulas porque gostávamos de Hagrid. Mas ele pensa que nós gostávamos da estúpida matéria. Você acredita que alguém vá tentar o N.I.E.M.?

Nem Harry nem Hermione responderam. Não havia necessidade. Eles sabiam perfeitamente bem que ninguém do sexto ano iria querer continuar Trato das Criaturas Mágicas. Eles evitaram os olhos de Hagrid e devolveram o aceno

pela metade quando ele saiu da mesa dos professores, dez minutos depois. Depois que eles comeram, permaneceram em seus lugares, esperando a Professora McGonagall sair da mesa dos professores. A distribuição dos horários era mais complicada esse ano, pois ela precisava primeiro confirmar se todos haviam conseguido as notas mínimas em seus N.O.M.s. para poderem continuar em seus N.I.E.M.s.

Hermione foi imediatamente aceita para continuar Feitiços, Defesa Contra as Artes das Trevas, Transfiguração, Herbologia, Aritmancia, Runas Antigas e Poções, e correu para um primeiro período de Runas Antigas sem mais demora. Neville levou mais tempo para confirmar. Seu rosto redondo estava ansioso quando Professora McGonagall olhava para sua aplicação e consultava seus resultados nos N.O.M.s.

- Herbologia, tudo bem, ela disse. - Professora Sprout vai ficar satisfeita em ver você de volta com um 'Excelente' N.O.M., e você foi qualificado para Defesa Contra as Artes das Trevas com um 'Excede Expectativas'. Mas o problema é em Transfiguração. Me desculpe Longbottom, mas 'Aceitável' não é o suficiente para continuar no N.I.E.M. Eu acho que você não será capaz de lidar com os trabalhos do curso.

Neville virou sua cabeça. A Professora McGonagall o observava pelos seus óculos quadrados.

- Por que você quer continuar com Transfiguração? Eu nunca tive a impressão de que você realmente gostasse da matéria.

Neville parecia miserável e murmurou algo como minha avó quer.

- Humph, fez McGonagall. É hora de sua avó aprender a ter orgulho do neto que tem, não do que ela acha que tem, principalmente depois do que aconteceu no Ministério.

Neville ficou vermelho e piscou confuso. McGonagall nunca lhe fez nenhum elogio antes.

- Me desculpe, Longbottom, mas eu não posso te deixar na minha classe para N.I.E.M. Porém, posso ver que você tem um 'Excede Expectativas' em Feitiços

- Por que não tentar um N.I.E.M. nisso?

- Minha avó acha que Feitiços é uma opção fraca, murmurou Neville.

- Pegue Feitiços, disse McGonagall. E eu falarei à Augusta que só por que ela falhou o N.O.M. dela em Feitiços não quer dizer que a matéria é completamente inútil. Sorrindo levemente para o olhar de feliz incredulidade no rosto de Neville, a Professora McGonagall virou para Parvati Patil, cuja primeira pergunta foi se Firenze, o centauro charmoso, ainda ensinava Divinação.

- Ele e Professora Trelawney estão fazendo turnos, disse McGonagall, com uma mostra de desapontamento em sua voz. Era sabido que ela desprezava Adivinhação. - O sexto ano terá aulas com a Professora Trelawney.

Parvati partiu para Adivinação cinco minutos depois parecendo levemente deprimida.

- Então, Potter, Potter..., disse McGonagall, observando suas anotações enquanto virava para Harry. - Feitiços, Defesa contra as Artes das Trevas, Herbologia, Transfiguração... tudo certo. Devo dizer, estou satisfeita com sua nota em Transfiguração, Potter, muito satisfeita. Agora, por que você não se inscreveu para continuar em Poções? Pensava que fosse a sua ambição se tornar um Auror.

- E era, mas você me disse que eu precisava de um Excelente no meu N.O.M., Professora.

- E era isso que você precisava, quando Professor Snape ministrava essa aula. O Professor Slughorn, porém, estaria completamente satisfeito em aceitar estudantes N.I.E.M. com Excede Expectativas em seus N.O.M.s. Você gostaria de continuar com Poções?

- Sim, disse Harry, - Mas eu não comprei o livro, nem os ingredientes, nem nada.

- Tenho certeza de que o Professor Slughorn será capaz de te emprestar o que for necessário, disse a Professora McGonagall. - Muito bem, Potter, aqui está o seu horário. Ah, e por sinal - vinte esperançosos alunos já se inscreveram para o Time de Quadribol da Grifinória. Vou te entregar a lista e você poderá realizar os testes quando quiser.

Alguns minutos depois, Rony estava livre para fazer as mesmas matérias que Harry, e os dois deixaram a mesa juntos.

- Olha, disse Rony, satisfeito, olhando seu horário. - Nós temos um tempo livre agora... e um outro depois do intervalo... e outro depois do almoço... maravilha!

Eles voltaram ao Salão Comunal, que estava vazio à exceção de Katie Bell, a única remanescente do time original da Grifinória a qual Harry se juntou no primeiro ano.

- Achei que você iria consegui-lo, meus parabéns, ela lhe disse, apontando para o emblema de capitão no peito de Harry. Me avise quando você for fazer os testes!

- Não seja estúpida, disse Harry. Você não precisa fazer o teste, eu vi você jogar por cinco anos...

- Você não deve começar desse jeito, ela avisou. Por tudo que você sabe, tem alguém bem melhor que eu lá fora. Bons times já se arruinaram porque seus capitães se mantiveram vendo somente os antigos rostos, ou chamando seus amigos...

Rony parecia um pouco desconfortável e começou a brincar com o Frisbee Dentado que Hermione tirou do quartanista. Ele girava pelo Salão Comunal, rugindo e tentando morder a tapeçaria. Os olhos amarelos de Crookshank o seguiram e ele miou quando o Frisbee chegou muito perto.

Uma hora mais tarde eles relutantemente saíram do Salão Comunal iluminado pelo sol para a sala de aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, quatro andares abaixo. Hermione já estava fazendo fila na porta, carregando vários livros pesados e parecendo cansada.

- Nós temos tanto exercício para Runas, ela falou ansiosa, quando Harry e Rony se uniram a ela. - Um trabalho de 40 centímetros, duas traduções, e eu tenho que ler esses aqui para quarta!

- Que vergonha, disse Rony!

- Espera só, disse Hermione. - Aposto que Snape vai nos dar montes.

A porta da sala de aula abria quando ela falava e Snape foi para o corredor, sua face amarelada formada mais que nunca por duas cortinas de cabelos pretos.

O silêncio caiu sobre a fila imediatamente.

- Para dentro, ele falou.

Harry olhou a seu redor ao entrar. Snape já tinha imposto sua personalidade sobre a sala. Ela estava mais escura que de costume, pois cortinas tinham sido

abaixadas sobre as janelas, e estava sendo iluminada por uma vela. Novas fotos estavam nas paredes, muitas das quais mostrando pessoas que pareciam estar sofrendo, portando horríveis ferimentos ou com partes dos corpos estranhamente torcidas. Ninguém falou enquanto estavam sentando, olhando ao redor para as escuras e repugnantes figuras.

- Eu não lhes pedi para pegarem seus livros, disse Snape, fechando a porta e se movendo para ver a sala por trás de sua mesa. Hermione rapidamente deixou cair sua cópia de Enfrentando o Sem-Rosto de volta em sua mochila e a guardou em baixo da cadeira.

- Eu quero falar com vocês e quero toda sua atenção. Seus olhos negros passaram por seus rostos, esperando uma fração de segundo a mais quando viu Harry do que para qualquer outro.

- Vocês tiveram cinco professores nessa matéria até agora, eu acredito.

Você acredita... como se você não tivesse visto todos virem e irem, Snape, torcendo para que você fosse o próximo, Harry pensou.

- Naturalmente, esses professores todos tiveram seus próprios métodos e prioridades. Dada a confusão, estou surpreso que tantos de vocês conseguiram um N.O.M. nessa matéria. Estarei ainda mais surpreso se todos conseguirem fazer os trabalhos de N.I.E.M., que serão bem mais avançados.

Snape andou pelo quanto do quarto, falando agora numa voz mais baixa; a classe esticou seus pescoços para mantê-lo em vista. A Arte das Trevas, disse Snape, são muitas, variadas, sempre mudando e eternas. Enfrentá-las é como enfrentar um monstro de várias cabeças que, cada vez que um pescoço é separado, surge uma nova cabeça ainda mais violenta e astuta que antes. Você está lutando contra aquilo que é indefinido, mutante, indestrutível.

Harry olhou para Snape. Uma coisa era respeitar as Artes das Trevas como um inimigo perigoso, e outra era falar sobre elas, como Snape estava fazendo, com uma tonalidade fanática em sua voz.

- Suas defesas, disse Snape, um pouco mais alto, - devem então ser tão flexíveis e criativas como as artes que vocês querem destruir. Essas imagens - ele indicou algumas enquanto passava por elas - dão uma pequena representação do que acontece com aqueles que sofrem, por exemplo, a Maldição Cruciatos - ele apontou para uma bruxa que estava claramente trêmendo de dor - recebem o Beijo do Dementador - um bruxo deitado no chão e com os olhos brancos, ombros contra a parede - ou provocam a agressão de um Inferius - uma massa sangrenta no chão.

- Um Inferius foi visto então? Perguntou Parvati. Patil num tom alto, está definido, ele está os usando?

- O Lorde das Trevas já utilizou Inferi no passado, disse Snape, o que significa que você deveria assumir que ele pode usá-los de novo. Agora...

Ele começou a andar novamente pelo outro lado da sala em direção à sua mesa, e de novo eles o olharam enquanto ele andava, sua roupa negra levantando pelas suas costas.

- Vocês são, eu acredito, novatos no uso de encantos não-verbais. Qual a vantagem de encantos não-verbais?

A mão de Hermione apareceu no ar. Snape levou um tempo olhando ao seu redor para todos, até ter certeza que não tinha outra opção, antes de falar.

- Muito bem - Senhorita Granger?

- Seu adversário não terá nenhum aviso sobre que tipo de magia você irá utilizar, disse Hermione, o que lhe dará uma vantagem de uma fração de segundo.

- Um resposta copiada quase palavra por palavra do Livro de Feitiços, Série 6, disse Snape (Malfoy riu de um canto), mas correta na essência. Sim, aqueles que progredem em usar mágica sem falar os encantamentos ganham um elemento de surpresa ao fazer feitiços. Nem todo bruxo pode fazê-lo, claro; é uma questão de concentração e poder mental que alguns - olhou profundamente para Harry mais uma vez - não possuem.

Harry sabia que Snape estava pensando nas aulas desastrosas de Oclumência do ano anterior. Ele se recusava a baixar seus olhos e olhava nos de Snape, até ele virar os seus.

- Vocês irão se dividir em pares. Snape continuou - Um irá tentar azarar o outro sem falar. E o outro irá tentar repelir a azaração no mesmo silêncio. Comecem: Apesar de Snape não sabê-lo, Harry ensinou pelo menos metade da classe (todos que tinham sido membros do E.D.) como realizar um Feitiço de Escudo no ano anterior. Porém, nenhum tinha o realizado sem falar. Uma razoável quantidade de trapaça aconteceu; muitos estavam meramente sussurrando o encantamento ao invés de pronunciá-lo alto. Como sempre, dez minutos depois do início Hermione conseguiu repelir a azaração da perna bamba murmurado de Neville sem pronunciar o contra-feitiço, um feito que daria certamente vinte pontos para a Grifinória com qualquer professor razoável, pensou Harry amargamente, mas que Snape ignorou. Ele passava por eles enquanto praticavam, parecendo o morcego crescido de sempre, ansioso por ver Harry e Rony lutando pela tarefa.

Rony, que deveria estar azarando Harry, estava roxo. Seus lábios apertados para tirar dele a tentação de murmurar o encantamento.

Harry tinha sua varinha levantada, esperando inquieto para repelir a azaração que parecia improvável de aparecer.

- Patético, Weasley, disse Snape, depois de algum tempo. - Aqui - deixe eu te mostrar. Ele virou sua varinha para Harry tão rapidamente que Harry agiu instintivamente; esqueceu todo pensamento de um encantamento não-verbal e gritou Protergo!

Seu Feitiço de Escudo foi tão forte que Snape perdeu o equilíbrio e bateu numa mesa. A sala toda olhou e agora observava Snape se endireitar, irritado.

- Você se lembra de que nós estamos praticando feitiços não-verbais, Potter?

- Sim, disse Harry, rígido.

- Sim, senhor.

- Não precisa me chamar de senhor, Professor. As palavras escaparam antes do que ele percebesse do que estava falando. Várias pessoas se engasgaram, inclusive Hermione. Atrás de Snape, porém, Rony, Dimas e Simas riam apreciadamente.

- Detenção, sábado à noite, no meu escritório, disse Snape. - Eu não aceito insulto de ninguém, Potter... nem mesmo do Escolhido.

- Brilhante, Harry! Gargalhou Rony, quando estavam a salvo no intervalo, pouco depois.

- Você realmente não devia tê-lo dito, disse Hermione, olhando nervosa para Rony. O que fez você fazer aquilo?

- Ele tentou me azarar, caso vocês não tenham percebido, reclamou Harry. Já tive demais daquilo nas aulas de Oclumência! Por que ele não usa outro porco

da guinéia para mudar um pouco? O que Dumbledore está fazendo, deixando ele ensinar DcAdT? Vocês o ouviram falando das Artes das Trevas? Ele as adora! Tudo aquilo de mutante, indestrutível...

- Bem, disse Hermione. - Achei que ele soava um pouco como você.

- Como eu?

- Sim, quando você estava nos contando como é enfrentar Voldemort. Você disse que não era só memorizar um punhado de encantamentos, você disse que era só você e seu cérebro e sua coragem - bem, não era isso que Snape estava dizendo? Que realmente acaba sendo a bravura e a velocidade da mente?

Harry estava tão desarmado pelo fato de que ela considerou suas palavras tão preciosas para se memorizar quanto as do Livro de Feitiços, que ele não discutiu.

- Harry! Ei, Harry!

Harry olhou a seu redor; Jack Sloper, um dos batedores do Time de Quadribol da Grifinória do ano anterior estava correndo em sua direção segurando um rolo de pergaminho.

- Isso é para você. disse Sloper. - Escuta, eu ouvi dizer que você é o novo capitão. Quando é que ocorrerão os testes?

- Ainda não tenho certeza, disse Harry, pensando se Sloper teria a sorte de conseguir voltar para o time.

- Eu te aviso quando decidir.

- Ahh. Certo. Eu estava esperando que fosse nesse fim de semana. Mas Harry não estava ouvindo; ele tinha acabado de reconhecer a fina, oblíqua letra no pergaminho. Deixando Sloper no meio da frase, ele partiu com Rony e Hermione, abrindo o rolo ao caminhar.

Querido Harry,

Eu gostaria de começar nossas aulas particulares nesse sábado. Por gentileza, venha ao meu escritório às 20 horas. Espero que você esteja se divertindo em seu primeiro dia de volta na Escola.

Sinceramente,

Alvo Dumbledore

P.S. Eu gosto de Acid Pops.

- Ele gosta de Acid pops? disse Rony, que leu a mensagem sobre o ombro de Harry e parecia perplexo.

- É a senha para passar pela gárgula do lado de fora do seu escritório, disse Harry baixo.

- Há! Snape não vai ficar nada satisfeito... Não vou poder ficar na detenção dele!

Ele, Rony e Hermione passaram o intervalo inteiro pensando no que Dumbledore iria ensinar para Harry. Rony achava que seriam azarações espetaculares e feitiços do tipo que Comensais não conheceriam.

Hermione disse que tais coisas eram ilegais, e achava que era mais provável que ele ensinasse para Harry Mágica Avançada de Defesa.

Após o intervalo, ela foi para Aritmancia enquanto Harry e Rony voltaram para o Salão Comunal onde eles relutantemente começaram a fazer o dever de casa de Snape. Isso se mostrou tão difícil que eles ainda não tinham terminado quando Hermione se juntou a eles para o tempo livre após o almoço (apesar

dela ter ajudado a progredir muito mais rapidamente). Eles tinham acabado de terminar quando bateu o sinal para o tempo duplo de Poções e eles começaram o caminho

familiar para o calabouço que foi, por tanto tempo, de Snape.

Quando eles chegaram no corredor eles viram que somente uma dúzia de pessoas progrediram para o nível N.I.E.M. Crabbe e Goyle evidentemente falharam em conseguir o N.O.M. necessário, mas quatro da Sonserina conseguiram, incluindo Malfoy. Quatro da Corvinal estavam lá, e um da Lufalufa, Ernie Macmillan, de quem Harry gostava apesar de sua maneira pomposa.

- Harry, chamou pomposamente Ernie, levantando sua mão enquanto se aproximava, Não tive a oportunidade de falar com você em Defesa Contra as Artes das Trevas de manhã. Boa aula, pensei, mas Feitiços de Escudo são velhos, claro, para nós da E.D. E como vão vocês, Rony - Hermione?

Antes que eles pudessem falar bem, a porta do calabouço se abriu e a barriga de Slughorn apareceu antes que ele para fora da porta. Enquanto entravam na sala, seu grande bigode se curvou acima de sua boca, e ele saudou Harry e Zabini com entusiasmo.

O calabouço estava, muito estranhamente, já cheio de gases e cheiros estranhos. Harry, Rony e Hermione cheiraram interessadamente enquanto passavam por grandes, borbulhantes caldeirões. Os quatro da Sonserina pegaram uma mesa juntos, e assim fizeram os da Corvinal.

Isso deixou Harry, Rony e Hermione para dividirem uma mesa com Ernie. Eles escolheram a mais próxima do caldeirão dourado que estava emitindo um dos mais sedutores aromas que Harry jamais inalou: de alguma maneira lembrava-o ao mesmo tempo de uma torta melada, da madeira de um cabo de vassoura, e algo como uma flor que ele acreditava ter cheirado na Burrow. Ele percebeu que estava aspirando muito devagar e profundamente, e que a fumaça parecia estar enchendo-o como uma bebida. Um grande contentamento apareceu sobre ele; ele

sorriu para Rony, que sorriu de volta, preguiçoso.

- Agora, disse Slughorn, cujas linhas massivas estavam trêmendo atrás dos vapores. - Balanças para fora, todo mundo, e seus kits de poções, e não se esqueçam de suas cópias do Livro Avançado de Poções...

- Senhor? chamou Harry, levantando a mão.

- Harry, meu garoto?

- Eu não tenho um livro, nem Balanças nem nada - nem Rony tem - nós não sabíamos que poderíamos fazer o N.I.E.M., entende?

- Ahh, sim, a Professora McGonagall mencionou... não se preocupe, meu garoto, não tem por que se preocupar. Você pode usar os ingredientes do armário da sala por hoje, e eu tenho certeza de que podemos lhes emprestar umas balanças, e tenho uma caixa de livros velhos aqui, que servirão até vocês escreverem para Floreios e Borrões...

Slughorn andou para um armário no canto e, depois de um momento, voltou com duas velhas cópias do Livro Avançado de Poções por Libatius Borage, os quais ele deu para Harry e Rony com duas balanças.

- Agora, disse Slughorn, voltando para frente da sala e inflando seu peito de modo que os botões da sua camisa ameaçavam pular para fora. - Preparei algumas poções para vocês darem uma olhada, só por curiosidade, vocês sabem. São o tipo de coisa que vocês precisam ser capazes de fazer depois de completarem seus N.I.E.M.s. Vocês já devem ter ouvido falar nelas, mesmo

que vocês nunca as tenham feito ainda. Alguém pode me dizer o que essa aqui é?

Ele indicou o caldeirão perto da mesa da Sonserina. Harry se levantou um pouco de sua cadeira e viu o que parecia simplesmente água fervendo dentro dele.

A mão bem treinada da Hermione atingiu o ar antes que a de qualquer outro; Slughorn apontou para ela.

- É Veritaserum, uma incolor e inodora poção que força quem bebe a falar a verdade, disse Hermione.

- Muito bem, muito bem! disse Slughorn, feliz.

- Agora, continuou, apontando para o caldeirão perto da mesa da Corvinal, Essa é bem conhecida... Tem aparecido nos folhetos do Ministério ultimamente... Quem poderia...?

A mão de Hermione foi a mais rápida de novo.

- É a poção Polissuco, senhor, ela disse.

Harry também reconheceu a substância lentamente borbulhante, parecida com lama no segundo caldeirão, mas não ficou triste por Hermione ter recebido o crédito pela resposta. Foi ela, na verdade, que conseguiu fazê-la, no segundo ano.

- Excelente, excelente! Agora essa aqui... sim querida? perguntou Slughorn, agora perplexo, enquanto a mão de Hermione socava o ar mais uma vez.

- É Amortentia!

- Realmente, é. Parece quase uma tolice perguntar, disse Slughorn, que parecia muito interessado, mas eu acredito que você saiba o que ela faz?

- É a mais poderosa poção do amor no mundo! disse Hermione.

- Certo! Você a reconheceu, eu suponho, por seu distinto brilho de pérola?

- E pela fumaça subindo em suas espirais características, confirmou Hermione, entusiasmada.

- E ela deve cheirar diferentemente para cada um, dependendo do que nos atrai, e eu posso sentir grama recentemente cortada, pergaminho novo e...

Mas ela ficou levemente rosada e não completou a frase.

- Posso perguntar seu nome, minha querida? perguntou Slughorne, ignorando a vergonha de Hermione.

- Hermione Granger, senhor.

- Granger? Granger? Por acaso você tem algum parentesco com Hector Dagworth-Granger, que fundou a Extraordinária Sociedade dos Fazedores de Poções?

- Não. Eu acredito que não, senhor. Eu nasci Trouxa, você sabe.

Harry viu Malfoy se aproximar de Nott e sussurrar algo; ambos riram, mas Slughorn não se importou; ao contrário, abriu um sorriso e olhou de Hermione para Harry, sentado próximo dela.

- Há! Uma das minhas melhores amigas é nascida trouxa, e ela é a melhor do nosso ano! Acredito que esta seja a amiga da qual você me contou, Harry?

- Sim, senhor, confirmou Harry.

- Bem, bem, você recebeu vinte pontos para a Grifinória, Senhorita Granger, disse Slughorn.

Malfoy parecia do mesmo jeito que quando Hermione o socou na cara.

Hermione se virou para Harry com uma expressão radiante e sussurrou, - Você realmente lhe falou eu era a melhor do ano? Oh, Harry!

- Bem, o que há de impressionante sobre isso? murmurou Rony, que parecia chatéado por algum motivo.

- Você é a melhor do ano - Eu o diria isso se ele me perguntasse.

Hermione sorriu, mas fez um gesto de `shh', então eles poderiam ouvir o que Slughorn estava dizendo. Rony parecia levemente insatisfeito. - Amortentia não cria realmente amor, é claro. É impossível manufaturar ou imitar amor. Não, isso irá simplesmente causar uma forte obsessão ou atração. É provavelmente a mais perigosa e poderosa poção nessa sala - sim, ele disse, afirmando com a cabeça gravemente para Malfoy e Nott, ambos os quais estavam sorrindo descrentes.

- Quando vocês tiverem visto tanto da vida quanto eu vi, vocês não subestimarão o poder do amor obsessivo...

- E agora, disse Slughorn, é hora de começar a trabalhar.

- Senhor, você não nos disse o que tem nesse, disse Ernie Macmillian, apontando para um pequeno caldeirão preto em cima da mesa de Slughorn. A poção dentro estava pulando e caindo; era da cor de ouro derretido, e grandes gotas estavam pulando como peixes dourados sobre a superfície, mas nenhuma gota caiu.

- Ha, fez Slughorn de novo. Harry tinha certeza que Slughorn não tinha esquecido dessa poção, mas estava esperando para ser perguntado sobre ela para ter um efeito mais dramático.

- Sim. Aquilo. Bem, aquela, senhores e senhoras, é uma interessante poção chamada Felix Felicis. Eu acredito, ele se virou para Hermione, que se engasgou, que você saiba o que Felix Felicis faz, Senhorita Granger?

- É sorte líquida, disse Hermione excitada. Ela te deixa sortudo!

A sala inteira parecia estar sentando melhor, mais reto. Agora, tudo que Harry podia ver de Malfoy era a parte de trás do cabelo liso e louro de sua cabeça porque ele estava finalmente dando toda sua atenção para Slughorn.

- Correto, pegue outros dez pontos para a Grifinória. Sim, é uma poção interessante, a Felix Felicis, disse Slughorn. Incrivelmente traiçoeira de se fazer, e desastrosa se errar. Porém, se feita corretamente, como essa aqui, você vai descobrir que todas suas ações vão tender ao sucesso... pelo menos até o efeito acabar.

- Por que as pessoas não a bebem o tempo todo, senhor? Terry Boot perguntou, curioso.

- Porque, se tomada em excesso, ela causa estupidez, falta de cuidado e segurança demais, disse Slughorn.

- Muito de uma coisa boa, você sabe... extrêmamente tóxico em grandes quantidades, mas se tomado em pequenas e muito raramente...

- Você já a tomou, senhor? perguntou Michael Córner com grande interesse.

- Duas vezes na minha vida, respondeu Slughorn. Uma quando eu tinha 24 anos, outra quando eu tinha 57. Duas colheres tomadas no café da manhã. Dois dias perfeitos. Ele olhava pensativo para longe. Se ele estava fingindo ou não, Harry pensou, o efeito ficou bom.

- É isso, continuou Slughorn, aparentemente retornando a Terra, - É o que eu estarei oferecendo como prêmio dessa aula.

Havia um silêncio no qual toda bolha e gota das poções ao redor parecia extrêmamente barulhenta.

- Uma pequena garrafa de Felix Felicis, continuou, pegando uma minúscula garrafa com uma tampa de seu bolso e mostrando-a para todos. O suficiente

para doze horas de sorte. Do amanhecer até o entardecer, o vencedor será sortudo em tudo que ele tentar.

- Agora, eu devo lhes avisar que Felix Felicis é um poção proibida em competições organizadas... esportes, por exemplo, provas, ou eleições. Então o vencedor deve usá-la num dia normal somente... e perceberá que esse dia normal se tornará extraordinário!

- Então, continuou, repentinamente, quem de vocês receberá esse prêmio fabuloso? Bem, virando para a página dez do livro. Nós temos um pouco mais de uma hora sobrando, o que deveria ser tempo suficiente para vocês tentarem completar a Poção do Morto Vivo. Eu sei que é mais complexa do que tudo que vocês já tentaram, e eu não espero uma poção perfeita de ninguém. A pessoa que fizer a melhor, porém, ganhará o pequeno Felix aqui. Podem começar!

A sala começou a se mover agora que todos pegavam seus caldeirões para suas frentes e alguns fortes barulhos enquanto estavam adicionando pesos nas suas balanças, mas ninguém falava nada. A concentração dentro da sala era inquestionável. Harry viu Malfoy olhando fervorosamente pelo seu livro. Não podia ser mais claro que ele realmente queria esse dia de sorte. Harry se curvou levemente sobre o velho livro que Slughorn lhe emprestou.

Para sua infelicidade ele viu que o antigo dono tinha escrito sobre as páginas, de modo que as margens estavam pretas como as letras.

Curvando-se mais baixo para decifrar os ingredientes (mesmo ali o antigo dono tinha feito anotações e riscado palavras) Harry correu para o armário de ingredientes para encontrar o que precisava. Enquanto ele corria de volta para seu caldeirão, ele viu Malfoy cortando suas raízes de Valeria tão rápido quanto possível.

Todos estavam olhando para ver o que o resto da sala estava fazendo; essa era tanto uma vantagem quanto uma desvantagem de Poções, que era difícil manter seu trabalho privado. Dentro de dez minutos a sala toda estava cheia de uma fumaça azulada. Hermione, é claro, parecia ser a que mais progrediu. Sua poção lembrava o líquido leve, preto mencionado como ideal na metade.

Tendo terminado de cortar suas raízes, Harry se curvou sobre seu livro de novo. Era realmente irritante, ter que tentar decifrar as instruções sobre todas as inscrições estúpidas do dono anterior, quem, por algum motivo, teve o trabalho de cortar o grão de sopophorous e escreveu uma informação alternativa: esmagar com parte larga da faca de prata solta mais suco do que cortar.

- Senhor, acho que você conheceu meu avô, Abraxas Malfoy? Harry olhou para frente; Slughorn estava passando pela mesa da Sonserina.

- Sim, disse Slughorn, sem olhar para Malfoy, Eu fiquei triste ao ouvir que ele tinha morrido, apesar de não ter sido totalmente inesperado, febre de dragão na idade dele...

E ele andou para longe. Harry voltou para seu caldeirão, rindo. Ele sabia que Malfoy esperava ser tratado como Harry ou Zabini; talvez ainda um tratamento preferencial, do tipo que ele aprendeu a receber de Snape. Parecia como Malfoy teria que utilizar somente seu talento para ganhar o Felix Felicis. O grão de sopophorous estava se mostrando difícil de cortar.

Harry se virou para Hermione. - Posso pegar sua faca de prata emprestada?

Ela lhe entregou a faca, mas sem tirar os olhos da poção, que estava ainda roxo escuro, apesar de que pelo livro deveria estar um lilás claro a essa hora.

Harry esmagou seus grãos com a parte larga da faca. Para sua surpresa, imediatamente apareceu tanto líquido que ele ficou espantado que o grão pudesse ter tanto dentro dele. Rapidamente jogando tudo no caldeirão ele viu, para sua surpresa, que a poção se tornou exatamente o tom de lilás descrito no texto.

Sua raiva com o dono anterior sumiu, Harry agora olhava as instruções. Pelo livro, ele tinha que misturar no sentido anti-horário até a poção estar clara como água. Pelo que foi escrito à mão, porém, ele tinha que dar um giro no sentido horário a cada 7 no anti-horário. Poderia o dono estar certo duas vezes?

Harry girou no sentido anti-horário, segurou sua respiração, e rodou uma vez no sentido horário. O efeito foi imediato. A poção ficou rosa pálido.

- Como você fez isso? demandou Hermione, que estava com o rosto vermelho e cujo cabelo estava ficando cada vez mais desarrumado com a fumaça do caldeirão.

- Dê um giro no sentido horário.

- Não, não, o livro fala anti-horário! ela reclamou.

Harry se virou e continuou a fazer o que estava fazendo. Sete giros no anti-horário, um no horário, sete no anti-horário, um no horário...

Do outro lado da mesa, Rony estava amaldiçoando baixo; sua poção estava azul. Harry olhou ao redor. Até onde ele via, ninguém conseguiu fazer uma poção clara

como a dele. Ele ficou feliz e satisfeito, o que nunca tinha acontecido antes nesse calabouço.

- E. acabou! chamou Slughorn. Parem de mexer, por favor!

Slughorn se moveu lentamente pelas mesas, olhando nos caldeirões.

Ele não fez nenhum comentário, mas ocasionalmente dava nas poções um giro ou as cheirava.

Finalmente, ele chegou na mesa de Harry, Hermione, Rony e Ernie.

Sorriu para a substância escura de Rony. Passou pela poção azul escuro de Ernie. Deu um tom de aprovação ao passar pela de Hermione. Mas então ele viu a de Harry, e uma imensa felicidade apareceu no seu rosto.

- Claramente o vencedor! gritou no calabouço.

- Excelente, excelente, Harry! Meu Deus, está claro que você herdou o talento da sua mãe. Ela tinha uma mão perfeita em Poções, a Lily!

- Aqui está, então uma garrafa de Felix Felices, como prometido, e use-a bem!

Harry colocou a pequena garrafa com o líquido dourado em seu bolso interno, sentindo uma estranha combinação de prazer no olhar furioso nos rostos da Sonserina e culpa no rosto desapontado de Hermione. Rony estava bobo.

- Como você fez aquilo? ele sussurrou para Harry quando saíram do calabouço.

- Tive sorte, eu acho, disse Harry, porque Malfoy estava perto.

Uma vez que estavam seguros na mesa da Grifinória para jantar, porém, ele se sentiu seguro o suficiente para lhes contar. A face de Hermione ficou cada vez mais nervosa para cada palavra que ele pronunciava.

- Eu suponho que vocês pensem que eu trapaceei? ele terminou, respondendo à expressão dela.

- Bem, não era exatamente o seu trabalho, era? ela perguntou.

- Ele somente seguiu instruções diferentes das nossas, disse Rony. Poderia ter sido uma catástrofe, não poderia? Mas ele se arriscou e deu certo.

Ele deu um suspiro: - Slughorn poderia ter me dado o livro, mas não, eu pego o que ninguém nunca escreveu sobre. Vomitado sobre, pela aparência da página 52, mas...

- Espere aí, disse uma voz perto da orelha esquerda de Harry, e ele sentiu uma pequena porção do cheiro que ele notou no calabouço de Slughorn. Ele olhou ao redor e viu que Gina tinha se unido a eles. - Eu ouvi certo? Você está recebendo instruções de alguém escreveu num livro, Harry?

Ela parecia alarmada e nervosa. Harry sabia o que estava na cabeça dela na hora.

- Não é nada, ele tentou acalmá-la. - Não é como, você sabe, o diário de Riddle. É só um velho livro de aulas em que alguém escreveu.

- Mas você está fazendo o que ele manda?

- Eu só tentei algumas das dicas escritas nas margens, honestamente, Gina, não tem nada engraçado...

- Gina tem razão, disse Hermione, se levantando. - Nós temos que checar se não tem nada de errado sobre isso. Quero dizer, todas essas instruções estranhas, quem sabe?

- Hey! disse Harry indignado, enquanto ela puxava a cópia do Livro Avançado de Poções da mochila dela e levantou sua varinha.

- Specialis Revelio! ela falou, encostando-o levemente na capa.

Nada aconteceu. O livro simplesmente se manteve ali, parecendo velho e sujo e acabado.

- Acabou? perguntou Harry irritado. Ou você esperava ver, se ele dá alguns saltos mortais?

- Parece tudo certo, disse Hermione, ainda observando o livro com suspeitas. - Quero dizer, ele realmente parece... somente um livro-texto.

- Bom. Então eu quero ele de volta, disse Harry, tirando-o da mesa, mas ele caiu da sua mão e ficou aberto no chão. Ninguém mais estava olhando. Harry se curvou para pegar o livro de volta, mas quando o fez, viu algo escrito perto da parte de baixo da capa de trás do livro, na mesma pequena, apertada letra que as instruções que o fizeram ganhar a garrafa de Felix Felicis, agora seguramente guardada dentro de um par de meias em sua mala no quarto.

-- Capítulo 10 -- A Penseira

Para o resto das lições de Poções da semana, Harry continuou seguindo as instruções do Príncipe de mestiço, no entanto, elas divergiam do Libatius Borage, assim pela quarta lição dele, Slughorn estava delirando sobre habilidades de Harry, dizendo que ele raramente tinha ensinado qualquer um tão talentoso. Nem Rony nem Hermione foram deleitados por tais elogios. Embora Harry tenha oferecido o livro para compartilhar com ambos, Rony teve mais dificuldade em decifrar o manuscrito que Harry, e não pôde continuar pedindo para que Harry lesse em voz alta ou poderiam levantar suspeitas. Hermione, enquanto isso, estava resolutamente agarrada no que ela chamada instruções oficiais, mas ficando crescentemente mal-humorada, pois elas lhe rendiam piores resultados que o Príncipe.

Harry desejou saber nem que fosse vagamente, o quê o Príncipe Mestiço tinha sido. Embora a quantia de lição de casa que eles tinham, tivesse determinado a proibição de ele ler toda a cópia de Fabricação de Poções Avançada, ele tinha folheado o livro o suficiente para ver que havia uma página, na qual o Príncipe não tinha feito notas adicionais, apenas, nenhuma delas relacionava-se ao modo de fazer. Aqui e lá estavam direções que se pareciam feitiços que o Príncipe havia usado para compor a ele mesmo.

Ou ela disse irritadamente Hermione, ouvindo por acaso Harry evidenciando algumas coisas a Rony na sala comum no sábado à noite. Poderia ter sido uma menina. Eu acho que esta letra parece mais com a de uma menina que de um menino.

O Príncipe Mestiço, ele foi chamado, Harry disse. Quantas meninas foram chamadas os Príncipes?

Hermione parecia não ter nenhuma resposta em mente. Ela somente olhou zangada e voltou à sua leitura de Os Princípios de Rematêrialização, longe de Rony que estava tentando ler o tal livro de cabeça para baixo.

Harry olhou para seu relógio, e apressadamente repôs a cópia velha de Poções Avançada em sua bolsa.

Cinco pras oito, melhor eu ir, ou estarei atrasado para Dumbledore.

Oooh! arfou Hermione, olhando para ele. Boa sorte! Nós vamos esperar, nós queremos saber o que ele lhe ensina!

Espero que tudo vá bem, disse o Rony, e a dupla assistiu Harry sumir pelo buraco de retrato.

Harry caminhou por corredores desertos, entretanto ele teve que andar apressadamente por trás de uma estátua, quando Professora Trelawney apareceu em um canto, murmurando a si mesma arrastando um pacote de cartas de jogo de aspecto sujo, lendo as enquanto caminhava.

Dois de espadas: conflito ela murmurou, enquanto passava pelo lugar onde o Harry abaixou-se, escondido. Sete de espada: um presságio doente, Dez de espada: violência. Valete de espadas: um escuro homem jovem, possivelmente preocupado, um que repugna o questionador.

Ela parou como morta, exatamente no outro lado da estátua de Harry.

Bem, isso não pode estar certo, ela disse, aborrecida, e Harry ouviu o vigoroso arrastar de pés dela novamente, partindo, deixando nada mais do que uma brisa com cheiro de licor cozinhando atrás dela. Harry esperou até que

estivesse bastante seguro de que ela tinha ido, então se apressou novamente, até que alcançou a mancha no chão do sétimo corredor onde uma única gárgula estava contra a parede.

Estouros ácidos, disse Harry, e a gárgula saltou para o lado; a parede atrás dela deslizou separadamente, e uma escadaria de pedra em espiral foi revelada, sobre a qual Harry pisou, de forma que ele foi levado em suaves círculos até a porta com a aldrava de metal que conduzia ao Escritório de Dumbledore.

Harry bateu.

- Entre, disse voz de Dumbledore.

- Boa noite, senhor, disse Harry, enquanto entrava no escritório do diretor.

- Ah, boa noite, Harry. Sente-se disse Dumbledore, sorrindo. Eu espero que você

tenha tido uma agradável primeira semana de volta a escola? Sim, obrigado, senhor, disse Harry.

- Você deveria ter estado ocupado, uma detenção debaixo de seu cinto já! Er, começou Harry desajeitadamente, mas Dumbledore não parecia muito duro.

- Eu combinei com Professor Snape que você cumprirá sua detenção sábado que vem.

- Certo! disse Harry, que tinha assuntos mais urgentes em sua mente que a detenção de Snape, e deu então uma olhada rápida ao seu redor em busca de alguma indicação do que Dumbledore estava planejando ver hoje à noite com ele. O escritório circular estava da mesma maneira de sempre; os delicados instrumentos prateados estavam em mesas com pernas em fuso, fumaçando e zumbindo; retratos dos antigos diretores e diretoras cochilavam em suas armações, e a magnífica fênix de Dumbledore, Fawkes, de pé em seu poleiro atrás da porta, olhando para Harry com interesse luminoso. Isso o fez nem mesmo perceber que Dumbledore tinha desocupado um espaço para prática de duelos.

- Então, Harry, disse Dumbledore, em uma voz eficiente. Você deseja saber, eu estou certo disso, o que eu tenho planejado para você nessas - numa palavra melhor - lições?

- Sim, senhor.

- Bem, eu decidi que está na hora, agora que você saiba o que levou Lord Voldemort a tentar te matar a quinze anos atrás, de ser passado para você algumas informações. Houve uma pausa.

- Você disse, ao fim do último período, que ia me contar tudo, disse o Harry.

Era difícil manter a nota de acusação em sua voz. - Senhor, ele somou.

- E assim eu fiz, disse placidamente Dumbledore. Eu lhe contei tudo o que eu sei. - A partir deste ponto, nós estaremos deixando a firme fundação dos fatos e viajaremos, juntos, pelos pântanos escuros da memória, em moitas das mais selvagens conjecturas. Da qui em diante, Harry, eu posso estar tão desgraçadamente errado quanto Humphrey Belcher, que acreditava que o tempo estava perfeito para um caldeirão de queijo.

- Mas você acha que tem razão? disse Harry.

- Naturalmente sim, mas como eu já provei a você, eu cometo erros próximos aos do homem. Na realidade, sendo - me perdoe - sendo mais hábil que a maioria dos

homens, meus enganos tendem a ser correspondentemente maiores.

- Senhor, disse Harry numa nova tentativa, O que você vai me falar tem qualquer coisa que ver com a profecia? Isso irá me ajudar a... sobreviver?

- Tem uma relação muito grande com a profecia, disse Dumbledore, tão casualmente quanto se Harry tivesse lhe perguntado pelos próximos dias, e eu certamente espero que lhe ajude a sobreviver.

Dumbledore caminhou ao redor da escrivaninha, passando Harry, que se recolheu ávido ao seu assento, para assistir Dumbledore inclinando-se em cima do gabinete ao lado da porta. Quando Dumbledore desceu, ele estava segurando uma bacia de pedra rasa familiar, grafada ao redor com estranhas marcas na sua beira. Ele colocou a Penseira na escrivaninha em frente a Harry.

- Você parece preocupado.

Harry realmente olhava a Penseira com alguma apreensão. As experiências prévias dele com o estranho dispositivo que armazenava e revelava pensamentos e recordações, mesmo que altamente instrutivo, tinham sido também incômodas. A última vez que ele perturbara seus conteúdos, tinha visto muito mais que ele teria desejado. Mas Dumbledore estava sorrindo.

- Agora, você entra na Penseira comigo... e, mais ainda extraordinariamente, com permissão.

- Aonde nós vamos, senhor?

- Para uma viagem a memória de Bob Ogden, disse Dumbledore, enquanto puxava do seu bolso uma garrafa cristalina que continha uma substância branco prateada rodando.

- Quem era Bob Ogden?

- Ele foi empregado pelo Departamento de Lei Mágica Obrigatória, disse Dumbledore. Ele morreu há um tempo atrás, mas não antes de eu o encaixar e persuadi-lo a confiar estas recordações a mim. Nós estamos a ponto de o acompanhar em uma visita que ele fez, no exercício de seus deveres. Se você estiver pronto, Harry...

Mas Dumbledore estava tendo dificuldade para tirar a rolha da garrafa cristalina: a mão ferida dele parecia endurecida e dolorosa.

- Deixa - deixa eu, senhor?

- Não se preocupe, Harry - Dumbledore apontou a varinha dele para a garrafa e a cortiça voou fora.

- Senhor - como você machucou sua mão? Harry perguntou novamente, olhando para os dedos enegrecidos com uma mistura de repulsão e piedade.

- Agora não é o momento para esta história, Harry. Não já. Nós temos um compromisso com Bob Ogden.

Dumbledore inclinou o conteúdo prateado da garrafa na Penseira onde eles rodaram e cintilaram, nem líquido nem gás. - Depois de você, disse Dumbledore, enquanto gesticulava para a tigela. Harry curvou-se, puxando uma respiração funda, e mergulhou a face na substância prateada. Ele sentia os pés dele deixarem o chão do escritório; ele estava caindo, girando na escuridão e então, repentinamente, ele estava piscando deslumbrando a luz solar. Antes de os olhos deles se ajustarem, Dumbledore pousou ao lado dele.

Eles estavam se levantando em uma pista rural limitada por cercas altas, sob um luminoso céu de verão, azul como um miosótis. Uns dez pés à frente deles estava um homem baixo, rechonchudo que usava óculos enormemente grossos que reduziam os olhos dele a molelike specks. Ele estava lendo um poste itinerário de madeira, que se ressaltava da amoreira preta no lado

esquerdo da estrada. Harry soube que este deveria ser Ogden; ele era a única pessoa em visão, e ele também estava usando tão freqüentemente o sortimento estranho de roupas escolhido pela inexperiência de bruxos em tentar se parecer Trouxa: neste caso, um casaco de túnica em cima de uma peça de banho listrada. Antes que Harry tivesse tempo para fazer mais qualquer registro do aparecimento estranho dele, Ogden já havia partido por um caminho abaixo a pista.

Dumbledore e Harry seguiram. Como eles passaram o sinal de madeira, Harry olhou para seus dois braços. O que apontava o lado de trás, do qual eles tinham vindo, dizia: Great Hangleton, cinco milhas. O braço que aponta a frente de Ogden dizia: Little Hangleton, uma milha.

Eles caminharam por um curto caminho com nada mais para ver do que as cercas, o céu azul largo em cima e assobiando, a figura coberta pela túnica à frente.

Então a pista encurvou à esquerda para fora, inclinando abruptamente em uma ladeira, de modo que eles em uma visão súbita e inesperada, um vale inteiro se deitou em frente a eles. Harry poderia ver uma vila, sem dúvida Little Hangleton, se aconchegando entre duas colinas íngremes, sua igreja e cemiterio claramente visíveis. Além do vale, fixada na ladeira oposta, estava uma casa de solar bonita cercada por uma expansão larga de gramado verde aveludado.

Ogden iniciou um trote relutante devido ao íngreme declive de descida da ladeira. Dumbledore alongou seu passo largo, e Harry se apressou para manter.

Ele pensou que Little Hangleton devia ser o destino final deles e desejava saber, o que acontecera na noite que eles tinham achado Slughorn, por que eles tiveram que chegar a tal distância. Porém, ele descobriu logo que ele estava enganado pensando que eles iam para a aldeia. A pista encurvou à direita e quando eles dobraram o curva, viram a extrêmitade da túnica de Ogden desaparecer por uma abertura na cerca viva.

Dumbledore e Harry o seguiram sobre um rastro estreito limitado por cercas vivas

mais altas e mais selvagens que as anteriores. O caminho era curvilíneo, rochoso, e difícil, se inclinando abaixo na colina, e parecia estar rumo a um pequeno remendo de árvores escuras pouco abaixo deles. Bastante seguro, o rastro abriu logo ao homem, e Dumbledore e Harry pararam atrás de Ogden que também estava parado e tinha puxado sua varinha.

Apesar do céu sem nuvens, lançaram à frente profundamente entre árvores velhas, sombras escuras, frescas, e em alguns segundos, em frente aos olhos de Harry se discerniu o edifício meio escondido entre a confusão de calções de banho.

Parecia a ele um local muito estranho de se escolher para uma casa, ou então uma decisão estranha deixar o crescimento de árvores perto, bloqueando toda a luz e a visão do vale abaixo. Ele desejou saber se estava habitado; suas paredes eram azulejos musgosos e tantos tinham caído do telhado que as vigas eram visíveis em vários lugares. Urtigas cresceram ao redor da casa, seus galhos alcançavam as janelas, que eram minúsculas e cobertas com sujeira. Da mesma hora que ele tinha concluído que possivelmente ninguém poderia viver lá, uma das

janelas foi aberta com um ruído, e uma fina faixa de vapor ou fumaça surgiu, como se alguém estivesse cozinhando.

Ogden avançou quietamente e, parecia a Harry, bastante cauteloso. Como as sombras escuras das árvores deslizando em cima dele, ele parou novamente, enquanto encarava a porta da frente na qual, alguém tinha fixado uma cobra morta.

Então havia um sussurro, e um homem em trapos derrubados da mais próxima árvore, surgiu bem em frente de Ogden que saltou tão rápido para trás, que se atrapalhou nas pontas da túnica e tropeçou.

- Você não é bem-vindo.

O homem que surgia ante deles tinha cabelo grosso tão coberto com sujeira que poderia ter tido qualquer cor. Vários dos dentes dele estavam apodrecendo. Seus olhos eram pequenos e escuros e fitaram em direções opostas. Ele poderia ter parecido cômico, mas não; o efeito era amedrotante, e Harry não pôde culpar Ogden por retroceder vários passos antes de falar.

- Er - bom dia. Eu sou do Ministério de Magia

- Você não é bem-vindo.

- Er-eu sinto muito-eu não o entendo, disse Ogden nervosamente.

Harry pensou que Ogden estava sendo extrêmamente bobo; o estranho estava se fazendo muito claro na opinião de Harry, particularmente como se ele estivesse brandindo uma vara em uma mão e uma faca curta e bastante sangrenta na outra.

- Você o ouve, certamente, Harry? disse Dumbledore quietamente. Claro que, sim disse Harry, ligeiramente atordoado. Por que Ogden não pode?

Mas como os olhos dele acharam a cobra morta novamente na porta, ele prontamente entendeu.

- Ele está falando língua de cobra?

- Muito bom, disse Dumbledore, enquanto acenava com a cabeça e sorria.

O homem em trapos estava avançando agora para Ogden, faca curta em uma mão, vara na outra.

- Agora, olha... Ogden começou, mas muito tarde: houve um estrondo, e Ogden estava no chão, apertando seu nariz, enquanto um pus amarelado sórdido esguichava entre os dedos.

- Morfin! disse uma voz alta.

Um homem ancião tinha vindo, se apressando para fora da cabana, batendo a porta atrás dele de forma que a cobra morta balançou patéticamente. Este homem era mais baixo que o primeiro, e tinha proporções esquisitas; os ombros lhe eram muito largos e os braços muito longos, os olhos marrons luminosos, cabelos curtos, e face enrugada, lhe davam o olhar de um macaco poderoso, velho. Ele parou ao lado do homem com a faca que estava cacarejando agora, rindo com a visão de Ogden no chão.

- Ministério, é? disse o homem mais velho, enquanto olhava para Ogden.

- Corrija! disse Ogden furiosamente, enquanto tocava de leve a face.

- E você, eu levo isto, é Sr. Gaunt?

- Claro disse Gaunt. Ele fez isso na sua face?

- Sim, ele fez! Ogden afirmou.

- Deveria ter feito sua presença conhecida, não? Disse Gaunt agressivamente. Esta é propriedade privada. Não podes entrar aqui sem esperar que meu filho se defenda.

- O defenda contra o que, homem? disse Ogden, enquanto levantava-se. Intrusos. Trouxas e sujos.

Ogden apontou a varinha ao próprio nariz, que ainda estava emitindo grandes quantias do que se parecia pus amarelo e o fluxo parou imediatamente.

Senhor Gaunt falou de canto de boca para Morfin.

- Entre em casa. Não discuta.

Assim, Harry reconheceu a língua de cobra; até mesmo enquanto ele podia entender o que estava sendo dito, ele distingia o assobio estranho que era tudo o que Ogden poderia ouvir. Morfin parecia estar no ponto de discordar, mas quando o pai dele lhe lançou um olhar ameaçador, mudou de idéia, e foi entrando na cabana com um andar rolante estranho e batendo a porta da frente atrás dele, a cobra balançou tristemente novamente.

- É seu filho que eu estou aqui para ver, Sr. Gaunt, disse Ogden, tirando o último vestígio do pus da frente do casaco. Morfin, não era?

- Ah, isso, era Morfin, disse o homem velho indiferentemente.

- Você é puro-sangue? ele perguntou, repentinamente agressivo.

- Não interessa disse friamente Ogden, e Harry sentia o respeito dele pelas atitudes de Ogden. Aparentemente, Gaunt sentia-se bastante diferente.

Ele olhou Ogden e até murmurou, o que era suposto claramente um tom ofensivo, - Agora eu venho a pensar nisto, eu vi narizes como o seu na aldeia. Eu não duvido se seus filhos estiverem soltos entre eles, disse Ogden. Talvez nós poderíamos continuar esta discussão ai dentro?

- Aqui dentro?

- Sim, Sr. Gaunt. Eu já lhe falei. Eu estou aqui por Morfin. Nós lhe enviamos uma coruja.

- Eu não uso corujas, disse Gaunt. Eu não abro cartas.

- Então você não pode reclamar que não tenha recebido nenhuma advertência de visita disse rapidamente Ogden. Eu estou aqui seguindo uma quebra séria de lei

de Magia que aconteceu aqui nas primeiras horas desta manhã.

- Certo, certo, certo! disse Gaunt. Entre nesta casa de sangria, então, fará muito bem!

A casa parecia conter três quartos minúsculos. Duas portas começavam o quarto principal que servia como cozinha combinada com sala de estar. Morfin estava sentando em uma poltrona imunda ao lado do fogão de lenha, enquanto girando uma cobra viva entre seus dedos finos e sussurrando suavemente a ela em Ofidiologuês:

- Hissy, hissy, pequena cobrinha, Escorregue no chão. Você é bom para Morfin. Ou ele o pregará à porta.

Havia um barulho saindo do canto ao lado da janela aberta, e Harry percebeu que havia alguém no outro quarto, uma menina vestimenta de cinza era da cor exata da pedra suja da parede atrás dela. Ela estava se levantando ao lado de uma panela cozinhando em vapor em um fogão preto encardido, e estava arrumando na estante, panelas, potes esquilidos e panos sobre isto. O cabelo dela estava fino e sombrio e ela tinha uma planície, empalidecida na face bastante pesada. Os olhos dela, como o do irmão dela, fitaram em direções opostas. Ela olhava um pouco mais suavemente que os dois homens, mas Harry pensou que nunca tinha visto uma pessoa com o aspecto mais derrotado.

Minha filha, Merope, disse rancorosamente Gaunt, quando Ogden olhou de modo inquiridor para ela.

- Bom dia, disse Ogden.

Ela não respondeu, mas com um relance amedrontado ao pai, voltou ao quarto e continuou trocando as painéis na estante atrás dela.

- Bem, Sr. Gaunt, disse Ogden, indo direto ao ponto, nós temos razão para acreditar que seu filho, Morfin, executou magia em frente a um Trouxa ontem à noite.

Havia um tinido ensurdecedor. Merope tinha derrubado uma das painéis.

- Pegue! Gaunt berrou a ela. Isso é, fica grudada no chão como se fosse uma desprezível trouxa, pra que serve sua varinha, seu inútil saco de muco?

- Sr. Gaunt, por favor! disse Ogden em uma voz chocada, como Merope que já tinha apanhado a painél, visivelmente corada, perdido sua atenção novamente na painél, tirou a varinha do bolso, apontou à painél, e murmurou um feitiço precipitado, inaudível que fez a painél atirar pelo chão longe dela, batêr na parede oposta, e rachar em dois.

Morfin deixou sair uma risada que parecia com um cacarejo furioso. Gaunt gritou, - - Conserte isso, sua insensata, conserte!

Merope tropeçou pelo quarto, mas antes de ela teve tempo para elevar a vara dela, Ogden tinha erguido sua também e disse firmemente, Reparo. A painél se reparou imediatamente.

Gaunt parou um momento como se fosse gritar com Ogden, mas pareceu pensar melhor. Ao invés, ele zombou da filha dele, Agradável o afortunado homem do Ministério aqui, não é? Talvez ele a leve embora, talvez ele não ligue para sátiras sujas...

Sem olhar para qualquer pessoa ou agradecer Ogden, Merope apanhou a painél e a devolveu, com as mãos trêmedo, para sua estante. Ela ficava parada então, contra a parede entre a janela imunda e o fogão, como se não desejasse nada além de afundar na pedra e desaparecer.

- Sr. Gaunt, Ogden começou novamente, como disse eu: a razão para minha visita.

- Eu o ouvi na primeira vez! gritou Gaunt. E o que tem? Morfin deu ao Troxa um pouco do que estava buscando - o que diz sobre isto, então?

- Morfin quebrou a lei de magia disse severamente Ogden.

- Morfin quebrou lei de magia Gaunt imitava Ogden, enquanto fazendo isto de um modo pomposo e canato. Morfin cacarejou novamente. Ele ensinou para um Trouxa imundo uma lição que é agora ilegal, é?

- Sim, disse Ogden. Receio que sim.

Ele puxou de um bolso interior um rolo de papel pequeno de pergaminho e demonstrou isto.

- O que isso então, a sentença dele? disse Gaunt, subindo sua voz furiosamente. É uma convocação ao Ministério para uma audição... Convocação! Convocação? Quem você pensa que é, chamando meu filho para convocação em qualquer lugar?

- Eu sou chefe do Esquadrão de Execução de Lei Mágica, disse Ogden.

- E você pensa que nós somos gente baixa, pensa? iriitou-se Gaunt, avançando em Ogden, com um dedo amarelo sujo apontado ao tórax dele. Ralé que irá correndo ao Ministério quando ele chama? Você sabe com quem você está falando, seu pequeno sangue ruim imundo, você sabe?

- Eu tinha a impressão que eu estava falando Sr. Gaunt, disse Ogden, parecendo cauteloso, mas manetndo sua postura.

- Isso é certo! rugiu Gaunt. Por um momento, Harry pensou que Gaunt estava fazendo um gesto de mão obsceno, entretanto percebeu que ele estava mostrando para Ogden o anel feio, enegrecido que usava no dedo mediano, tirando-o ante os olhos de Ogden. Veja isto? Veja isto? Sabe o que é? Sabe de onde veio? Há séculos tem estado em nossa família que é em seu ramo mais distante, puro-sangue todo o modo! Sabe quanto representa isto, o brasão de Peverell gravado na pedra?

- Eu realmente não tenho nenhuma idéia, disse Ogden, piscando enquanto o anel passava dentro de uma polegada do nariz dele, Mas é bastante fora do assunto, Sr. Gaunt, seu filho cometeu...

Com um uivo de raiva, Gaunt correu para a filha dele. Durante um segundo, Harry pensou que ele ia a estrangular, a mão dele voou à garganta dela; em um momento, ele a estava arrastando ao redor para Ogden por uma corrente de ouro no pescoço dela.

- Veja isto! ele berrou a Ogden, balançando o medalhão de ouro pesado trancado a ela, enquanto Merope sufocada, ofegava.

- Eu vejo, eu vejo! disse Ogden apressadamente.

- Slytherins! Gritou Gaunt. Salazar Slytherin! Nós somos os últimos descendentes vivos dele, o que isso diz a você, eh?

- Sr. Gaunt, sua filha! disse Ogden em alarme, mas Gaunt já tinha libertado Merope; ela cambaleou longe, para o canto da sala, massageando o pescoço e tragando ar.

- Assim! disse Gaunt triunfalmente, como se tivesse provado há pouco um ponto de vista complicado além de toda possível disputa. Não venha você falando conosco como se fossemos sujeira em seus sapatos! Gerações de puro sangue, feiticeiros tudo o mais que você pode dizer, eu não duvido!

E ele cai no chão aos pés de Ogden. Morfin cacarejou novamente. Merope, se precipitou ao lado da janela, a cabeça dela se curvou e a face escondida pelo cabelo negro, não disse nada.

- Sr. Gaunt disse bravamente Ogden, Eu não tenho medo de seus antepassados, e os meus não têm qualquer coisa a ver com o assunto em discussão. Eu estou aqui por causa de Morfin, Morfin e o Trouxa que ele molestou ontem à noite. Nossa informação, ele olhou no seu rolo de papel de pergaminho, é aquele Morfin executou um traga má sorte ou enfeitiçou o Trouxa, fazendo o estourar em urticárias altamente dolorosas.

Morfin deu risada.

- Quietos, menino! rosnou Gaunt em Parseltongue, e Morfin fez silêncio novamente.

- E então, se ele tivesse feito isso? Gaunt disse arrogantemente para Ogden. Eu espero que você tenha limpado a face imunda do Trouxa, e sua memória...

- Esse não é o ponto, Sr. Gaunt? disse Ogden. Este foi um ataque não provocado em um indefeso...

- Ar, eu logo percebi, um amante dos Trouxas no momento que eu o vi, zombou Gaunt, e ele se jogou no chão novamente.

- Esta discussão não está nos levando a lugar algum, disse Ogden firmemente. Está claro pela atitude de seu filho que ele não sente nenhum remorso pelas ações dele. Ele olhou novamente ao rolo de papel de pergaminho. Morfin

assistirá a uma audição no dia 14 de setembro respondendo ao ato de usar magia em frente a um Trouxa e causar dano e afligir o mesmo Trouxa...

Ogden parou. O som, de trote de cavalos e vozes altas, risonhas estava atravessando a janela aberta. Aparentemente a pista sinuosa para a aldeia passava muito perto do lugar onde a casa estava. Gaunt gelou, escutando, com os olhos bem abertos. Morfin assobiou e dirigiu a face em direção aos sons, a expressão faminta. Merope elevou a cabeça. Sua face, Harry viu, era rigidamente branca.

- Meu Deus, isso é um terço! Falou a voz de uma menina, claramente audível pela janela aberta como se ela tivesse no quarto ao lado deles. Seu pai não pode estar naquela choupana, Tom?

- Não é nossa, disse a voz de um homem jovem. Tudo no outro lado do vale pertence a nós, mas aquela cabana pertence a um velho chamado Gaunt, e as crianças dele. O filho é bastante furioso, você deveria ouvir algumas das histórias que eles contam na aldeia.

A menina riu. O som, barulhos do trote iam crescendo mais altos e mais alto.

Morfin saiu da poltrona dele. - Mantenha seu assento, disse cuidadosamente o pai

dele, em Parseltongue.

- Tom, disse a voz da menina novamente, agora tão perto que eles tinham impressão claramente de estar ao lado da casa, Eu poderia estar errada, mas alguém pregou uma cobra àquela porta?

- Bom, você tem razão! disse a voz do homem. Isso deve ser o filho, eu lhe falei ele não tem razão na cabeça. Não olhe para isto, Cecília, querida.

O barulho e sons de trote eram agora novamente crescentes e lânguidos.

- Querida, sussurrou Morfin em Ofidiologuês, enquanto olhava para a irmã dele. Querida, ele a chamou. Você não o teria de qualquer maneira.

Merope estava tão branca, que Harry sentia que ela ia desfalecer.

- O que é isso? Disse Gaunt nitidamente, também em Ofidiologuês, olhando do filho dele à filha. O que disse você, Morfin?

- Ela gosta de olhar para aquele Trouxa, disse Morfin, uma expressão vitoriosa na face, encarou a irmã, que agora parecia apavorada. Sempre no jardim quando ele passa, ela fica o examinando pela cerca viva. E ontem à noite... Merope trêmeu, sacudindo a cabeça, suplicantemente, mas Morfin foi em irredutível. Se pendurando na janela a espera que ele se aproxime da casa, não era?

- Penduranda na janela para olhar para um Trouxa? disse Gaunt quietamente.

Os três Gaunts pareciam ter esquecido de Ogden que estava parecendo confuso e irritado a esta erupção renovada de assobiar incompreensíveis.

- É verdade? disse Gaunt em uma voz mortal, enquanto avançando um passo ou dois para a menina apavorada. Minha filha - descendente do puro sangue de Salazar Slytherin - desejando um Trouxa imundo, sangue sujo?

Merope trêmeu balançando a cabeça, enquanto se apertava contra a parede, aparentemente incapaz falar.

- Mas eu o peguei, Pai, cacarejou Morfin. Eu o enfeiticei ele não parecia tão bonito com urticárias por toda parte, parecia, Merope?

- Você me repugna, você, pequena traidora de sangue imundo! rugiu Gaunt, perdendo o controle, as mãos fecharam ao redor do garganta da filha. Harry e Ogden gritaram Não! ao mesmo tempo; Ogden elevou a varinha e chorou, Relaskio!

Gaunt foi lançado para trás, longe da filha; tropeçou em uma cadeira e caiu duro. Com um rugido de raiva, Morfin saltou da cadeira dele e correu a Ogden, enquanto brandia a faca sangrenta e feitiços incendiavam indiscriminadamente da varinha dele.

Ogden correu para salvar sua vida. Dumbledore indicou que eles deveriam seguir e Harry obedeceu, os gritos de Merope ainda ecoam nas suas orelhas. Ogden correu para cima do caminho e alcançou a pista principal, os braços dele em cima da cabeça, onde colidiu com o cavalo castanho lustroso montada por um homem jovem muito bonito, de cabelo escuro. Ambos, ele e a bonita menina, que montava ao lado dele em um cavalo cinza reagiram com risadas ao ver Ogden que saltou fora do alcance do flanco do cavalo e caiu novamente, com o casaco de túnica, cobrindo-lhe a cabeça, fazendo-o correr a esmo para a pista.

- Eu acho que já está bom, Harry, disse Dumbledore. Ele levou Harry pelo cotovelo e arrastou. Logo após, ambos estavam planando levemente pela escuridão, até que pousaram em cheio com os pés, no escritório de Dumbledore novamente.

- O que aconteceu à menina na cabana? disse Harry imediatamente, assim que Dumbledore acendeu abajures extras com um estalido de sua varinha. Merope, era o nome dela, não era?

- Oh, ela sobreviveu, disse Dumbledore, sentando-se atrás da escrivaninha e indicando que Harry também deveria se sentar. Ogden aparatou para o Ministério e voltou com reforços dentro de quinze minutos. Morfin e o pai dele tentaram lutar, mas foram dominados, afastados da cabana, e conseqüentemente condenados pelo Ministério. Morfin que já teve um registro de ataques a trouxas foi condenado á três anos em Azkaban. Marvolo que tinha prejudicado vários empregados do Ministério, inclusive Ogden recebeu seis meses.

- Marvolo? Harry repetiu maravilhado.

- Isso é certo, disse Dumbledore, enquanto sorria em aprovação. Eu estou alegre de o ver atênto.

- Aquele homem velho era...?

- O avô de Voldemort, sim, disse Dumbledore. Marvolo, o filho dele, Morfin, e a filha dele, Merope, foi o último do Gaunts, uma família de bruxos muito antiga marcada por uma veia de instabilidade e violência que floresceram pelas gerações devido ao hábito deles de se casarem com os próprios primos. A falta de senso se uniu a uma grande preferência pela grandeza, pela qual o ouro familiar foi desperdiçado várias gerações antes que Marvolo nascesse. Ele, como você viu, foi criado em esqualidez e pobreza, com um temperamento muito sórdido, uma quantia fantástica de arrogância e orgulho, e um par de heranças familiares que ele entesourou da mesma maneira que o filho dele, e muito mais que a filha.

- Assim Merope, disse o Harry, apoiando-se na cadeira e falando a Dumbledore, assim Merope era... Senhor, isso significa que ela era... a mãe de Voldemort?

- Significa, disse Dumbledore. Acontece que nós também tivemos uma visão rápida do pai de Voldemort. Eu desejo saber se você notou?

- O trouxa que Morfin atacou? O homem no cavalo?

- Muito bom, realmente, disse Dumbledore, irradiando. Sim, ele era Tom Riddle sênior, o trouxa bonito que ia montar perto da cabana Gaunt e para quem Merope Gaunt confiou em segredo, paixão ardente.
- E eles terminaram casando? Harry disse em descrença, incapaz imaginar duas pessoas menos prováveis para se apaixonar.
- Eu penso você está esquecendo, disse Dumbledore, Aquela Merope era uma bruxa.
- Eu não acredito que os poderes mágicos dela foram mostrados da melhor forma enquanto ela estava sendo aterrorizada pelo pai. Uma vez que Marvolo e Morfin estavam seguramente em Azkaban, ela estava só e livre pela primeira vez na vida, então, eu estou certo, ela pôde dar rédea cheia às habilidades dela e delinear a fuga da vida desesperada que ela tinha conduzido durante dezoito anos.
- Você não pode pensar em qualquer medida que Merope poderia ter tomado para fazer Tom Riddle esquecer da companheira trouxa, e se apaixonar por ela?
- A Maldição de Imperius? Harry sugeriu. Ou um filtro amoroso?
- Muito bom. Pessoalmente, eu sou inclinado para pensar que ela usou um filtro amoroso. Eu acho que teria parecido mais romântico a ela, e eu não penso que teria sido muito difícil, algum dia quente, quando Riddle estava montando só, pode tê-lo persuadido a tomar uma água. Em todo caso, dentro de alguns meses da cena testemunhamos há pouco, a aldeia de Little Hangleton desfrutou um trêmendo escândalo. Você pode imaginar a fofoca que causou quando o filho do escudeiro escapou com a filha do velho Gaunt, Merope.
- Mas o choque dos aldeões não era nada comparado ao de Marvolo. Ele voltou de Azkaban, esperando achar a filha esperando seu retorno com submissão e uma refeição quente pronta na mesa. Ao invés, ele achou uma polegada clara de pó e a nota dela de adeus, explicando o que ela tinha feito.
- De tudo aquilo eu pude descobrir, ele nunca mencionou adiante o nome dela ou a existência daquele tempo. O chocante abandono dela pode ter contribuído para a sua morte precoce, ou talvez ele simplesmente nunca tenha aprendido a se alimentar.
- Azkaban tinha debilitado muito Marvolo, e ele não viveu para ver Morfin voltar à cabana.
- E Merope? Ela... ela morreu, não foi? Voldemort não foi deixado em um orfanato?
- Realmente. Sim disse Dumbledore. Nós temos que fazer uma certa adivinhação aqui, embora eu não ache que é difícil deduzir o que aconteceu. Você vê, dentro de alguns meses do matrimônio fugitivo deles, Tom Riddle reapareceu na casa de solar em Little Hangleton sem a esposa dele. O rumor correu na vizinhança era que ele tinha sido enganado. O que ele quis dizer, eu estou seguro, é que ele tinha estado sob encantamento que agora tinha acabado, entretanto eu creio que ele não ousou usar essas palavras precisas por medo de ser julgado insano. Quando eles ouviram o que ele estava dizendo, porém, os aldeões julgaram que Merope tinha mentido a Tom Riddle, fingindo que ela ia ter o bebê dele, e que ele tinha se casado por isto.
- Mas ela teve o bebê dele.
- Mas não até um ano depois que eles estivessem casados. Tom Riddle a deixou quando ela ainda estava grávida.

- O que deu errado? Harry perguntou. Por que o filtro amoroso deixou de trabalhar?

- Novamente, são conjecturas, disse Dumbledore, mas eu acredito que Merope que estava profundamente apaixonada pelo marido, não pudesse agüentar continuar o escravizando através de meios mágicos. Eu acredito que ela fez a escolha para deixar de lhe dar a poção. Talvez, boba como era ela, ela tenha se convencido que ele teria se apaixonado. Talvez ela tenha pensado que ele ficaria por causa do bebê. Nesse caso, ela estava errada em ambas as contas. Ele a deixou, nunca a viu novamente, e nunca se preocupou em descobrir o que restou o filho.

O céu lá fora era preto como tinta e os abajures no escritório de Dumbledore pareciam arder mais brilhantemente que antes.

- Eu acho que está bom para esta noite, Harry, disse Dumbledore depois de um momento ou dois.

- Sim, senhor, disse o Harry.

Ele levantou, mas não partiu.

- Senhor... é importante saber tudo isso sobre o passado de Voldemort?

- Muito importante, eu penso, disse Dumbledore.

- E isto... é tem algo relacionado com a profecia?

- Tem tudo a ver com a profecia.

- Certo disse Harry, um pouco confuso, mas reassegurou-se.

Ele virou para ir, então outra pergunta lhe ocorreu, e ele retrocedeu novamente.

- Senhor, me permite contar para o Rony e para Hermione tudo que você me falou?

Dumbledore o considerou por um momento, então disse, - Sim, eu penso que Sr. Weasley e Senhorita Granger provaram ser merecedores de confiança. Mas Harry, eu vou lhe pedir que lhes peça que não repitam nada disto a qualquer outra pessoa. Não seria uma idéia boa saberem por ai de quanto eu sei, ou suspeito, sobre os segredos de Lord Voldemort.

- Não, senhor. Eu terei certeza, só Rony e Hermione. Boa noite.

Ele se virou novamente, e quase estava à porta quando ele viu. Sentado entre as pequenas mesas com pernas de fuso que apoiaram tantos instrumentos pratéados

delicados, havia um anel de ouro feio, com um grande e rachada pedra preta.

- Senhor, disse Harry, enquanto encarava. Aquele anel...

- Sim? disse Dumbledore.

- Você estava usando isso quando nós visitamos Professor Slughorn naquela noite.

- Sim estava Dumbledore concordou.

- Mas não é este... senhor, não é o mesmo anel que Marvolo Gaunt mostrou para Ogden?

Dumbledore dobrou a cabeça. - O mesmo sim.

- Mas como veio...? Você sempre teve isto?

- Não, eu adquiri isto muito recentemente, disse Dumbledore. Alguns dias antes de eu o ir buscar de sua tia e tio, na realidade.

Isso estaria mais ou menos próximo a quando você machucou sua mão, então, senhor?

- Ao redor daquele tempo, sim, Harry.

Harry hesitou. Dumbledore estava sorrindo.

- Senhor, como exatamente...?

- Muito tarde, Harry! Você ouvirá a história outra hora. Boa noite.
- Boa noite, senhor.

-- Capítulo 11 -- Ajudando Hermione

Assim como Hermione havia previsto, o tempo de folga dos sextanistas não eram horas para relaxar como Rony havia imaginado, mas sim tempo para ficar em dia com a enorme quantidade de tarefas que tinham. Não somente estavam estudando como se tivessem exames todos os dias, mas a dificuldade das lições em si exigiam agora muito mais deles do que antes. Harry mal compreendera metade do que a Professora McGonagall lhes havia dito nesses dias; até mesmo Hermione teve de pedi-la para que repetisse instruções uma ou duas vezes. Inacreditavelmente, e para o crescente ressentimento de Hermione, a matéria favorita de Harry tinha, inesperadamente, se tornado Poções, graças ao Príncipe Mestiço. Feitiços não-verbais eram agora muito aguardados, não apenas em Defesa contra a Arte das Trevas, como também em Feitiços e Transfiguração.

Harry freqüentemente olhava para seus colegas ao redor da sala comunal ou na hora das refeições e via-os com o rosto roxo e repuxando como se tivessem sofrido uma overdose de Un-No-Poo; mas ele sabia que eles apenas estavam se esforçando para que os feitiços funcionassem sem que fosse preciso dizer os encantamentos em voz alta. Era um alívio não precisar ir mais às estufas; os alunos estavam trabalhando com plantas mais perigosas do que nunca em Herbologia, mas pelo menos ainda estavam avisados que podiam gritar caso um tentáculo venenoso aparecesse por trás deles. Uma das evidências da enorme dedicação e das frenéticas horas de prática aos encantos não-verbais dos alunos era que Harry, Rony e Hermione estavam longe de ter tempo livre para ir visitar Hagrid. Ele não estava comparecendo às refeições no Salão Principal, o que era um mau sinal, e nas poucas ocasiões que os garotos passavam por ele nos corredores ou nos jardins, Hagrid estava misterioso demais para notá-los ou ouvir seus cumprimentos.

- Nós temos que nos explicar disse Hermione, olhando para a imensa cadeira vazia na mesa principal durante o café da manhã que se seguira.

- Nós temos que treinar quadribol esta manhã! Retrucou Rony. E vamos supostamente praticar aquele Feitiço Aguamenti do Flitwick! De qualquer maneira, explicar o quê? Como vamos contar que odiamos essa matéria idiota?

- Nós não odiamos disse Hermione.

- Fale por si mesma, eu ainda não esqueci dos esplosivins, disse Rony obscuramente.

- E vou te dizer agora, nós escapamos por pouco.

- Eu odeio ficar sem falar com Hagrid, disse Hermione, parecendo chatéada.

- Iremos até lá depois do quadribol, Harry assegurou-lhe. Ele também sentia falta de Hagrid, embora, como Rony, pensava que estavam melhores sem Grope em suas vidas. Mas os testes devem levar toda a manhã, muitas pessoas se inscreveram. Ele se sentiu ligeiramente nervoso de ter que enfrentar o primeiro obstáculo de ser capitão. Eu não sei o motivo dessa popularidade tão repentina do time.

- Ah, Harry, disse Hermione, repentinamente impaciente. Não é o quadribol que é popular, e sim você! Você nunca foi tão interessante, e francamente, nunca foi tão fantástico como agora. Rony abocanhou um grande pedaço de salmão. Hermione dedicou-lhe um olhar de desdenho antes de voltar-se para Harry. Todo mundo sabe que agora você está dizendo a verdade, não é? Toda a

comunidade mágica teve de admitir que você estava certo sobre Voldemort ter voltado, e que você realmente encontrou com ele nos últimos dois anos, escapando nas duas vezes. E agora estão te chamando de O Escolhido - bem, vamos lá, vai dizer que você não consegue ver porquê as pessoas estão fascinadas por você?

Harry encontrou o Salão Principal subitamente quente, ainda que o teto continuasse parecendo frio e chuvoso.

- E você estava envolvido com aquela perseguição do Ministério quando eles estavam tentando pintá-lo como inseguro e mentiroso. Ainda dá pra ver as marcas nas costas de sua mão de quando aquela mulher diabólica te fez escrever com seu próprio sangue, mas você continuou firme com a sua história...

- Ainda dá pra ver onde aqueles cérebros se apossaram de mim no Ministério, veja, disse Rony, agitando suas luvas para trás.

- E você amadureceu muito nesse verão e não doeu nada, Hermione terminou, ignorando Rony.

- Eu sou alto disse Rony sem motivo aparente.

O correio matinal chegara, escancarando as janelas protegidas da chuva e assim provocando a dispersão de todos devido às gotas de água que caíam. A maioria dos alunos recebeu mais correspondência do que o habitual; parentes ansiosos estavam aflitos para saber de seus filhos e tranquilizá-los, por sua vez, de que tudo estava bem em casa. Harry não recebera nenhuma carta desde o começo do ano; seu único correspondente fixo estava agora morto e, embora ele esperasse que Lupin pudesse escrever a ele ocasionalmente, estava bastante desapontado. Harry ficou bastante surpreso, portanto, de ver Edwiges surgir coberta de neve branca por entre todas as corujas cinzas e marrons. Ela aterrissou de frente para Harry, carregando um grande pacote quadrado. Um momento mais tarde, um pacote idêntico pousou em frente a Rony, esmagando sua minúscula e exausta coruja, Pítchi.

- Ha! Disse Harry, desembulhando o pacote para revelar um novo exemplar do Livro Avançado de Poções da Floreios & Borrões. Oh, ótimo, disse Hermione, satisfeita. Agora você pode devolver aquele outro rabiscado.

- Você está louca? Falou Harry. Vou continuar com ele! Veja, eu estive pensando... O garoto puxou a velha cópia do Livro Avançado de Poções da mochila e deu um tapa com a varinha na sua capa, dizendo, Dijiindo! A capa se soltou.

Fez a mesma coisa com o recém-adquirido livro (Hermione pareceu escandalizada). Trocou, então, as capas, dizendo, Reparo! Lá estava o livro do Príncipe, disfarçado como se fosse novo, e lá estava a cópia fresca da Floreios & Borrões, parecendo completamente desgastada.

- Devolverei a Slughorn o livro novo (com a capa velha), ele não pode se queixar, isto me custou nove Galeões.

Hermione pressionou os lábios, parecendo zangada e com um olhar de desaprovação, mas foi distraída por uma terceira aterrissagem de coruja, agora lhe trazendo seu exemplar do Profeta Diário. Folheou-o rapidamente e voltou à página principal.

- Algum conhecido morto? Perguntou Rony com uma voz casual; ele fazia a mesma pergunta toda vez que Hermione abria o jornal.

- Não, mas houve mais ataques de dementadores, disse Hermione. E uma prisão.

- Excelente, de quem? Perguntou Harry, pensando em Bellatrix Lestrange.
- Stan Shunpike, respondeu Hermione.
- Quê? Disse Harry.
- Stanley Shunpike, o popular condutor do transporte para bruxos Nôitibus, foi preso pela suspeita de envolvimento nas atividades de Comensais da Morte. Mr. Shunpike, 21 anos, foi colocado sob custódia noite passada, depois de uma batida em sua casa em Clapham...
- Stan Shunpike, um Comensal da Morte? Disse Harry, lembrando-se da primeira vez que se encontraram, há três anos atrás. Sem chance!
- Ele provavelmente estava sob o feitiço Imperius, falou Rony, razoável.
- Nunca haverá como saber...
- Não me parece que foi isto, disse Hermione, que continuava lendo. Aqui diz que ele foi preso depois de uma conversa sobre os planos secretos dos Comensais da Morte num pub. Ela olhou para cima com uma expressão conturbada no rosto.
- Se ele estava sob o feitiço Imperius, mal poderia bisbilhotar ao seu redor, poderia?
- Parece que ele queria dizer mais do que realmente sabia, disse Rony. Não foi ele que disse que estava preste a se tornar Ministro da Magia enquanto tentava impressionar aquela veela?
- Sim, ele mesmo disse Harry. Sinceramente, eu não sei o que eles estavam planejando, levando Stan.
- Eles provavelmente queriam ver se eles estão fazendo realmente alguma coisa disse Hermione, franzindo a testa. As pessoas são impressionantes - você viu os pais das gêmeas Patil querendo que elas fossem para casa? E Eloise Midgen já se foi.
- Seu pai veio buscá-la noite passada.
- O quê? Disse Rony, Mas Hogwarts é muito mais segura que as casas deles! Nós temos Aurores, e todos os feitiços extras, e nós temos Dumbledore!
- Eu não acho que o tenhamos a todo o momento disse Hermione tranquilamente, olhando de relance por cima do Profeta para a mesa principal.
- Vocês não observaram? Seu assento está tão vazio quanto o de Hagrid na semana passada. Harry e Rony olharam para a mesa principal. A cadeira do diretor estava decididamente vazia. Agora Harry começava a pensar naquilo, ele não vira Dumbledore desde a lição particular, uma semana atrás.
- Eu acho que ele deixou a escola para fazer alguma coisa para a Ordem, disse Hermione com uma voz baixa. Quero dizer... Todos parecem sérios, não parecem?

Harry e Rony não responderam, mas Harry sabia que estavam pensando a mesma coisa.

Havia ocorrido um horrível acidente um dia antes, quando Anna Abbott deixou Herbologia para saber que sua mãe fora encontrada morta. Eles não tornaram a ver Anna depois daquilo.

Quando os garotos deixaram a mesa da Grifinória, cinco minutos depois, para ir até o campo de quadribol, passaram por Lila Brown e Parvati Patil. Lembrando-se do que Hermione havia dito sobre o desejo dos pais das gêmeas Patil de que as filhas deixassem a escola, Harry não ficou surpreso de ver que as duas melhores amigas sussurravam, parecendo aflitas. O que o surpreendeu foi que, quando Rony emparelhou com elas, Parvati repentinamente cutucou Lila, que olhou ao redor e sorriu amplamente para

Rony. Rony piscou para ela e retribuiu o sorriso, incerto. Seu caminhar instantaneamente se tornou mais pomposo. Harry resistiu a tentação de rir, lembrado-se de que Rony se conteve da vez em que Malfoy quase quebrara seu nariz; Hermione, contudo, pareceu fria e distante durante todo o caminho para o estádio; lá partiu para encontrar um lugar nas arquibancadas, sem desejar boa sorte a Rony.

Como Harry já esperava, os testes tomaram a maior parte da manhã. Metade da casa da Grifinória pareceu ter se entusiasmado: de alunos de primeiro ano que apareceram com as velhas e terríveis vassouras da escola, até alunos do sétimo ano, os quais agiam como se fossem bem melhores do que o resto, parecendo até intimidantes. O último incluía um grande e despenteado garoto, o qual Harry reconheceu imediatamente do Expresso de Hogwarts.

- Nós nos conhecemos no trêm, na cabine do Slug, ele disse, confiante, se separando da multidão para poder apertar a mão de Harry. Cormac McLaggen, goleiro.

- Você não tentou entrar para o time ano passado, tentou? Perguntou Harry, notando a largura de McLaggen e pensando que ele provavelmente poderia bloquear todos os três gols sem nem sequer se mover.

- Eu estive no hospital quando os testes aconteceram disse McLaggen. Comi ovos de doxy por causa de uma aposta...

- Certo disse Harry. Bem... Se você esperar ali... Ele apontou para a borda do campo, perto de onde Hermione estava sentada. Harry pensou ter visto uma ponta de aborrecimento passar pelo rosto de McLaggen e quis saber se o que ele esperava era um tratamento especial pelo fato de ambos serem os favoritos do Slug.

Harry decidiu começar com um teste básico, pedindo a todos os pretendentes a entrar para o time que se dividissem em grupos de dez e voassem ao redor do campo. Foi uma boa decisão: o primeiro dez foi composto de alunos do primeiro ano, e não puderam voar sem que caíssem no chão logo depois. Somente um garoto conseguiu permanecer no ar por mais que alguns segundos, e levou um susto ao bater prontamente em um dos aros do gol. O segundo grupo compreendia dez das garotas mais bobas que Harry já tinha visto, as quais, quando ele apitou, caíram na risada e ficaram se cutucando.

Romilda Vance estava entre elas. Quando Harry disse-lhes para que saíssem do campo, elas ficaram alegremente quietas e foram sentar-se nas arquibancadas junto com os outros. O terceiro grupo fez um giro incompleto ao redor do campo.

A maioria do quarto grupo chegou sem vassouras. Os do quinto grupo eram da Lufa-lufa. Se há mais alguém aqui que não seja da Grifinória, Harry rugiu, começando a se irritar seriamente, vá embora agora, por favor! Houve uma pausa, e dois pequenos alunos da Corvinal correram para fora do campo, soltando bufos e gargalhadas.

Após duas horas, muitas queixas e diversas irritações envolvendo uma Comet 260 estragada e diversos dentes quebrados, Harry havia encontrado três artilheiras: Katie Bell, de volta à equipe após um teste excelente; um novo achado que se chamava Demelza Robins, que era particularmente boa em evitar balaços; e Gina Weasley, que manteve a dianteira em toda a competição e marcou dezessete gols. Embora estivesse satisfeito com suas escolhas, Harry teve que gritar asperamente com muitos companheiros, agora estava numa batalha semelhante com os batedores rejeitados.

- Esta é a minha decisão final, e se não saírem do caminho como os goleiros, eu vou azarar vocês! Ele gritou.

Nenhum de seus batedores escolhidos tiveram o brilhantismo de Fred e George, mas ele estava razoavelmente satisfeito com eles: Jimmy Peakes, um menino curto, mas de compleição larga do terceiro-ano, que agitou o bastão furiosamente acertando um balaço que fez brotar uma protuberância do tamanho de um ovo na parte traseira da cabeça de Harry, e Ritchie Coote, que não era muito forte, mas apontava bem.

Juntaram-se agora à Katie, Demelza, e Gina nas arquibancadas para prestar atenção à seleção do último membro da equipe.

Harry tinha deixado deliberadamente a seleção dos goleiros por último, esperando por um estádio mais vazio e menos pressão da torcida. Infelizmente, todos os jogadores rejeitados e um número de gente que tinha vindo para o campo prestar atenção depois do almoço tinham formado uma multidão agora, de modo que estava maior do que antes.

Enquanto cada goleiro voou até os aros para as defesas, a multidão rugia e gritava em igual medida. Harry olhou de relance para Rony, que sempre havia demonstrado problemas com os nervos; Harry tinha esperado que ganhar a final do último ano pudesse tê-lo curado, mas aparentemente não: Rony estava num tom delicado de verde.

Nenhuns dos primeiros cinco pretendentes defenderam mais de dois gols cada. Para o grande desapontamento de Harry, Cormac McLaggen defendeu quatro faltas de cinco. No último, entretanto, disparou fora no sentido completamente errado; a multidão riu e vaiou, e McLaggen retornou ao chão rangendo os dentes.

Rony olhou pronto parecendo prestes a desmaiar quando montou sua Cleansweep 11.

- Boa sorte! Gritou uma voz das arquibancadas. Harry olhou ao redor, esperando ver Hermione, mas era Lila. Ele gostaria de ter escondido seu rosto em suas mãos, como fez um momento mais tarde, mas pensou que como capitão ele deveria se mostrar ligeiramente mais confiante, e assim girou para ver o teste de Rony.

Contudo não precisava ter-se preocupado: Rony defendeu um, dois, três, quatro, cinco faltas seguidas. Encantado, e resistindo aos aplausos da multidão com dificuldade, Harry foi até McLaggen para dizer-lhe que infelizmente, Rony o tinha batido, mas encontrou apenas a cara vermelha de McLaggen avançando em sua direção. Deu um passo para trás rapidamente.

- Sua irmã não o testou realmente, disse McLaggen de modo ameaçador. Havia uma veia que pulsava em sua têmpora como Harry via freqüentemente no tio Válter.

- Ela deu-lhe defesas fáceis. Besteira disse Harry friamente. Aquele foi o que ele quase perdeu...

McLaggen se aproximou de Harry, que agora estava no solo. - Dê-me outra chance.

- Não disse Harry. Você teve sua chance. Você defendeu quatro. Rony defendeu cinco. Rony é o goleiro, ele ganhou honestamente. Saia de minha frente.

Harry pensou por um momento que McLaggen fosse o esmurrar, mas ele se satisfez com um sorriso feio e tempestuoso e se afastou, rosando o que soava

como ameaças soltas no ar. Harry girou ao redor para encontrar sua nova equipe sorrindo de alegria.

- Muito bem, resmungou. Você voou realmente bem!

- Você foi brilhante, Rony!

Desta vez era realmente Hermione que gritava para eles das arquibancadas; Harry viu Lila diminuir o ritmo, de braço dado com Parvati, uma expressão levemente irritada. Rony ficou extremamente contente com ele mesmo e mais alto do que o usual enquanto sorriu para a equipe e para Hermione.

Após marcar o primeiro treino completo para a próxima quinta-feira, Harry, Rony e Hermione se despediram do resto da equipe e dirigiram-se em direção à cabana de Hagrid. Um sol aquoso agora tentava aparecer através das nuvens e havia parado de choviscar finalmente. Harry sentiu-se extremamente faminto; esperou que tivesse algo para comer na casa de Hagrid.

- Eu pensei que não iria pegar a quarta falta, Rony disse feliz. Arremesso complicado de Demelza, você viu, teve um pouco de curva nela...

- Sim, sim, você foi magnífico, disse Hermione, olhando distraidamente.

- Eu era melhor do que esse McLaggen de qualquer maneira, disse Rony com uma voz altamente satisfeita. Você o viu virar a vassoura na direção errada em sua quinta falta? Ele pareceu confuso...

Para a surpresa de Harry, Hermione corou profundamente quando ouviu estas palavras. Rony não observou nada; estava demasiado ocupado descrevendo cada uma de suas outras faltas em detalhes apaixonados.

O hipogrifo cinzento e grande, Bicuço, estava em frente à cabana de Hagrid. Estalou seu bico afiado como navalha por causa da aproximação e girou sua cabeça enorme para eles.

- Oh meu Deus! Disse Hermione nervosa. Ele ainda é um bocado assustador, não é?

- Sai dessa! Você montou nele, não montou? Rony disse. Harry deu um passo à frente e fez uma reverência para o hipogrifo mantendo o contato visual e sem piscar. Após alguns segundos, Bicuço afundou-se em grande reverência.

- Como você está? Harry perguntou em uma voz baixa, acariciando suas plumas, fazendo-o mover a cabeça levemente. Senti sua falta. Mas você está bem aqui com Hagrid, não está?

- Olá! Disse uma voz alta. Hagrid estava vindo da lateral de sua cabana desgastada em um avental florido grande e carregando um saco de batatas. Seu cão enorme, Canino, estava em seu encalço; Canino deu um latido alto e parou à frente.

- Saiam daqui! Ou ele comerá seus dedos - oh. Ele é perigoso.

Canino estava pulando em cima de Hermione e Rony, tentando lambe suas orelhas.

Hagrid foi até a porta que estava rachada, abriu e entrou com um estrondo em sua cabana, batendo a porta atrás dele.

- Oh Hagrid! Hermione disse, olhando abatida.

- Não se preocupe com ele, disse Harry friamente. Andou até a porta e bateu alto.

- Hagrid! Abra, nós queremos falar com você!

Não havia nenhum som no interior da cabana.

- Se você não abrir a porta, nós a explodiremos! Harry disse, puxando sua varinha.

- Harry! Hermione disse, parecendo chocada. Você não pode fazer isso!

- Sim, eu posso! Disse Harry. Saia do caminho...

Mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, a porta abriu outra vez como

Harry sabia que abriria, e Hagrid olhava bravo para ele, apesar do avental florido, positivamente alarmante.

- Eu sou um professor! Rugiu para Harry. Um professor, Potter! Como você ameaça derrubar a porta da minha cabana?!

- Me desculpe, senhor disse Harry, enfatizando a última palavra quando guardou sua varinha dentro de suas vestes. Hagrid olhou chocado. Desde quando tem o costume de me chamar de 'senhor'?

- Desde quando tem o costume de me chamar de 'Potter'?

- Oh, muito inteligente. Resmungou Hagrid. Muito cômico! Então, é mais inteligente do que eu, não é? Está certo, entre então, pequeno mal agradecido...

Resmungando no escuro, afastou-se para trás e deixou-os passar. Hermione entrou logo após Harry, olhando um pouco temerosa.

- Bom? Hagrid disse irritado, assim que Harry, Rony, e Hermione se sentaram em torno de sua enorme mesa de madeira. Canino colocou sua cabeça imediatamente em cima do joelho de Harry e babou em cima de suas vestes.

- O que é isso? Sentiu-se preocupado comigo? Pensou que eu estava solitário ou abandonado?

- Não. Disse Harry de uma vez. Nós queríamos vê-lo.

- Nós sentimos sua falta! Hermione disse trêmendo.

- Sentiram minha falta, é? Bufou Hagrid. Sim, claro! Ele parou, preparou um chá em sua chaleira de cobre enorme, murmurando de vez em quando. Finalmente bateu três canecas parecendo baldes sob medida de um chá marrom na frente deles e bolachas que pareciam rochas. Harry estava com muita fome, mas conhecia a comida de Hagrid e examinou primeiramente.

- Hagrid, disse Hermione tímida, quando ele foi para a pia e começou descascar suas batatas com uma brutalidade que sugeria que cada uma tinha cometido um erro pessoal grande, Nós queríamos realmente continuar com Trato das Criaturas Mágicas, sabe.

Hagrid deu outra grande bufada. Harry preferivelmente pensou que haveria algumas lágrimas misturadas às batatas, e se ficou intimamente grato por que não permaneceriam para o jantar.

- Nós queríamos! Hermione disse. Mas nenhuns de nós poderia colocá-lo em nossos horários!

- É. Certo. Disse Hagrid outra vez. Havia um som engraçado de algo pesado caindo, e olharam todos ao redor: Hermione se esquivou rapidamente, e Rony pulou fora da sua cadeira e apressado em torno da mesa para longe do tambor grande que estava num canto, e que tinham apenas observado. Estava cheio de bichos como larvas com longos pés, limo, brancos, e artificiais.

- O que são eles, Hagrid? Harry perguntou, tentando soar mais interessado do que revoltado, mas colocando suas bolachas de rocha todas nos bolsos.

- Só larvas gigantes disse Hagrid.

- E crescem aonde...? Rony perguntou, olhando apreensivo.

- Elas não crescem em nada Disse Hagrid. Eu as consegui dando comida a Aragogue. E sem aviso, desatou a chorar.

- Hagrid! Hermione gritou, levantando-se, dando rapidamente a volta à mesa, de modo a evitar o tambor das larvas, colocando um braço em volta de seus ombros que balançavam. O que é isso?

- É... Ele... Hagrid engoliu em seco, seus olhos de besouros-pretos lacrimejaram, enquanto ele esfregava sua cara com o avental. É... Aragogue... Eu acho que está morrendo... Começou a adoecer este verão, e ele não está melhorando... Eu não sei o que eu farei sem ele... Se... Nós estamos juntos a tanto tempo...

Hermione bateu no ombro de Hagrid, olhando completamente perdida, sem saber o que dizer. Harry sabia como ele se sentia. Ele sabia que Hagrid tinha o vício de confundir um perigoso dragão com um ursinho inofensivo, sem falar nos escorpiões gigantes que queimavam, sugavam e tinham espinhos, e na tentativa de ensinar seu brutal meio-irmão gigante, mas este talvez fosse a mais incompreensível de todas suas fantasias de monstros: a aranha gigantesca que fala, Aragogue, que residia embrenhada na floresta proibida, e da qual ele e Rony tinham escapado há somente quatro anos aproximadamente.

- Há alguma coisa que nós podemos fazer? Hermione pediu, ignorando as caretas de Rony e sacudindo a cabeça freneticamente.

- Eu não acho que há Hermione, engasgou Hagrid, tentando conter a enchente de lágrimas. Veja, o resto de sua raça... A família de Aragogue... Estão aproveitando enquanto há tempo... Só um pouco inquietos...

- Sim, eu penso que nós vimos um pouco desse lado deles, disse Rony em um tom baixo.

- ... Eu não calculo que seja seguro a qualquer um, mas eu estou perto da colônia no momento Hagrid terminou, fungando seu nariz duro no avental e olhando acima.

- Mas agradeço a oferta, Hermione... Isso significa muito para mim.

Após isso, a atmosfera se amenizou consideravelmente, porque embora nem Harry nem Rony mostrassem inclinação para ir alimentar a uma aranha homicida e gigantesca com as larvas gigantes, Hagrid pareceu concordar que eles só queriam fazer seu usual ego voltar ao normal mais uma vez.

- Ar, eu fiquei sabendo que seria difícil me espremer em seus horários. Ele disse bruscamente, servindo-os de mais chá. Mesmo se vocês usassem o Vira-Tempo...

- Nós não poderíamos fazer isso disse Hermione. Nós despedaçamos o estoque inteiro de Vira-Tempos do Ministério quando estivemos lá no último verão. Estava no Profeta Diário.

- Bem, então Disse Hagrid, não havia maneira de vocês resolverem isso... Sinto muito, eu estive... – E ainda estou - Eu somente estive preocupado com Aragogue. E eu estive pensando, se a Professora Grubbly-Plank ainda estivesse ensinando...

Neste momento os três mentiram catégoricamente sobre a Professora Grubbly-Plank, que havia substituído Hagrid algumas vezes, dizendo que era uma professora terrível, que os resultados do tempo com Hagrid os levava pra longe das premissas de um crepúsculo, e ele olhou totalmente cheio de si.

- Eu estou morrendo de fome, disse Harry, uma vez que a porta se tinha fechado atrás deles e estavam se apressando através da escuridão dos jardins desertos; tinha abandonado o bolo de pedra após um ruído ameaçador de uma rachadura em seus dentes molares.

- E ainda tenho aquela detenção com Snape hoje à noite, e não tenho muito tempo para o jantar...

Enquanto eles estavam indo para o castelo encontraram Cormac McLaggen entrando no Salão Principal. Ele fez duas tentativas de passar pelas portas; fora ricocheteado do quadro na primeira tentativa. Rony meramente gargalhou e caminhou para dentro do Salão após ele, mas Harry travou o braço de Hermione e prendeu-a para trás.

- Que? Disse Hermione defensivamente.

- Se você me perguntasse, disse Harry quietamente, McLaggen parecia confuso esta manhã. E ele estava em pé exatamente em frente ao lugar onde você estava sentada.

Hermione corou. - Oh, tudo bem então, eu fiz aquilo, ela sussurrou. Mas você deveria ter ouvido a maneira que falava sobre Rony e Gina! De qualquer forma, ele tem um temperamento asqueroso, você viu como ele reagiu por não estar dentro... Você não iria querer alguém como ele na equipe.

- Não. Disse Harry. Não, eu suponho que é verdade. Mas isso não é desonesto, Hermione? Quero dizer, você é uma monitora, não é?

- Oh, fique quieto, ela vociferou, enquanto ele dava um sorriso forçado.

- O que vocês dois estão fazendo? Reclamou Rony, reaparecendo na entrada do Salão Principal e olhando suspeito.

- Nada, disseram Harry e Hermione juntos, e apressaram-se atrás de Rony. O cheiro da carne assada fez o estômago de Harry doer de fome, mas tinham dado apenas três passos em direção à mesa da Grifinória quando o professor Slughorn apareceu na frente deles, obstruindo seu trajeto.

- Harry, Harry, justamente o homem que eu esperava ver! Ele disse alegremente, girando as extremidades de seu bigode de morsa e estufando sua barriga enorme.

- Eu esperava encontrá-lo antes do jantar! Que você diz de jantar hoje à noite em meus aposentos preferivelmente? Nós estamos tendo uma pequena festa, apenas algumas estrelas em ascensão, eu chamei McLaggen e Zabini, a encantadora Melinda Bobbin... Eu não sei se você a conhece! Sua família possui uma grande rede de farmácias... E, naturalmente, eu espero muito que a senhorita Granger me favoreça vindo também. Slughorn fez a Hermione uma reverência enquanto terminava de falar. Era como se Rony não estivesse presente; Slughorn não lançou se quer um olhar a ele.

- Eu não posso ir, professor, disse Harry de uma vez. Eu tenho uma detenção com o professor Snape.

- Oh, meu caro! Slughorn disse, sua cara esmorecendo comicamente. Meu querido, eu estava contando com você, Harry! Bem, agora, eu terei que apenas ter uma palavra com Severus e explicar a situação. Eu estou certo que eu poderei persuadi-lo a adiar sua detenção. Sim, eu verei ambos mais tarde! E apressou-se para fora do Salão.

- Não há nenhuma chance de persuadir Snape, disse Harry, no momento em que Slughorn ficou fora do alcance da voz. Esta detenção já foi cancelada uma vez; Dumbledore pediu a Snape, mas não o fará para ninguém mais.

- Oh, eu gostaria que você pudesse vir, eu não quero ir sozinha! Hermione disse ansiosamente; Harry percebeu que ela estava pensando em McLaggen.

- Eu duvido que você estará sozinha, Gina provavelmente foi convidada, completou Rony, que não via com bons olhos o desprezo de Slughorn.

Após o jantar voltaram rapidamente à torre da Grifinória. O salão comunal estava muito cheio, porque a maioria dos alunos tinha terminado o jantar àquela hora, mas os três conseguiram encontrar uma mesa livre e se sentaram; Rony, que estava de mau humor desde o encontro com Slughorn, balançou os braços e fitou o teto com uma carranca. Hermione alcançou uma cópia do Profeta Noturno, que alguém havia abandonado em uma cadeira.

- Algo novo? Disse Harry.

- Não realmente. Hermione tinha aberto o jornal e fazia a leitura das páginas internas.

- Oh, olha, seu pai aqui, Rony, ele está ok! Acrescentou rapidamente, porque Rony tinha olhado ao redor alarmado.

- Diz apenas que está revistando a casa dos Malfoy.

A segunda busca à casa dos Comensais da Morte parece não ter rendido nenhum resultado. Arthur Weasley, do escritório de Detenção e Apreensão de Contra-feitiços Defensivos e Objetos Protetores diz que sua equipe tem agido em cima de uma denúncia confidencial.

- Sim, a minha! Harry disse. Eu lhe disse na estação sobre Malfoy e essa coisa que estava tentando fazer Borgin arrumar! Bem, se não estiver em sua casa, deve ter trazido o que quer que seja a Hogwarts com ele...

- Mas como ele pode ter feito isso, Harry? Disse Hermione, abaixando o jornal com um olhar surpreendido. Todos nós fomos revistados quando chegamos, não fomos?

- Vocês foram? Disse Harry, tentando se lembrar. Eu não fui!

- Oh não, naturalmente você não foi, me esqueci que você chegou atrasado. Bem, Filch passou sobre todos nós com sensores de segredo quando chegamos ao saguão de entrada. Todo o objeto suspeito seria encontrado, Eu soube que Crabbe teve uma cabeça encolhida confiscada.

- Como você vê, Malfoy não pode ter trazido qualquer coisa perigosa! Parando momentaneamente, Harry observou Gina Weasley jogando com Arnold o Pygmy Puff por um momento antes de ver uma maneira de argumentar.

- Alguém lhe enviou pelo correio coruja, então, disse. Sua mãe ou alguém.

Todas as corujas estão sendo verificadas também, disse Hermione. Filch disse-nos que assim que ele terminar com aqueles sensores de segredos, todos os lugares seriam revistados.

Realmente perplexo Harry não encontrou nada mais para dizer. Não pareceu haver nenhuma maneira pela qual Malfoy poderia ter trazido um objeto perigoso ou suspeito para a escola. Olhou esperançosamente para Rony, que estava sentado com seus braços dobrados, olhando fixamente para Lila Brown.

- Você pode imaginar uma maneira de Malfoy...?

- Oh, deixe isso pra lá, Harry, disse Rony.

- Escute, não é minha culpa que Hermione e eu fomos convidados por Slughorn para seu clube estúpido, nenhum de nós quis ir, você sabe! Harry disse, explodindo.

- Bem, porque eu não sou convidado para nenhum clube. Disse Rony, se levantando outra vez. Acho que vou para a cama.

E saiu porta afora rumo aos dormitórios, deixando Harry e Hermione olhando fixamente suas costas.

- Harry? Disse a nova artilheira, Demelza Robins, aparecendo de repente em seu ombro. Eu tenho uma mensagem para você.

- Do Professor Slughorn? Harry perguntou, se sentando esperançosamente.

- Não... Do professor Snape. Disse Demelza.

O coração de Harry se afundou.

Diz que você deve vir hoje à noite a seu escritório às oito e meia cumprir sua detenção... Hum... Não importa quantos convites de festas de você tenha recebido. E ele quer que você saiba que estará classificando vermes podres para serem usados em poções e... E ele disse que não há necessidade de trazer luvas protetoras...

- Certo, disse Harry rigidamente. Muito obrigado Demelza.

--Capítulo 12-- Prata e Opala

- Onde estava Dumbledore, e o que ele estava fazendo?

Harry tinha visto o diretor somente duas vezes nas últimas semanas. Ele raramente aparecia para as refeições, e Harry estava certo que Hermione tinha razão em pensar que ele estava deixando a escola por alguns dias. Será que Dumbledore havia esquecido das aulas que ele deveria supostamente dar a Harry?

Dumbledore tinha dito que as aulas tinham algo a ver com a profecia; Harry havia se sentido melhor, consolado, e agora ele se sentia ligeiramente abandonado.

Na metade de Outubro veio a primeira visita a Hogsmeade. Harry havia se perguntado se estas viagens ainda seriam permitidas, dado o cada vez maior número de medidas de segurança ao redor da escola, mas ficou entusiasmado ao saber que elas ainda aconteceriam; era sempre bom sair das terras do castelo por umas poucas horas.

Harry havia acordado cedo na manhã da viagem, que estava tempestuoso, e matava o tempo até a hora do café da manhã lendo sua cópia de seu livro de Fazendo Poções Avançado. Ele normalmente não se deitava na cama para ler seus livros da escola; esse tipo de comportamento, como Rony disse corretamente, seria indecente para qualquer um exceto para Hermione, que era esquisita a seu próprio modo. Harry sentiu, no entanto, que a cópia do livro de poções do Príncipe Mestiço pouco poderia ser qualificada como um livro-texto. O quanto mais Harry estudava o livro, mais ele percebia o quanto havia ali, não só as anotações e dicas das poções estavam lhe dando uma ótima reputação com Slughorn, mas também pequenos truques e feitiço escritos nas margens, que Harry estava certo que, julgando pelos rabiscos e revisões, o próprio Príncipe havia inventado.

Harry já havia tentado uns poucos dos feitiços que o próprio Príncipe havia inventado. Um feitiço que fazia com que as unhas dos pés crescessem muito rapidamente (ele tinha usado este em Crabbe no corredor, com resultados muito divertidos); um feitiço que grudava a língua no céu da boca (este ele havia usado duas vezes, para aplausos gerais, em um desligado Argus Finch); e, talvez o mais útil de todos, Muffliato, um encanto que enchia as orelhas de alguém que estava perto com um zumbido indefinido, para que as conversas pudessem continuar na sala sem que ninguém pudesse escutar por acaso. A única pessoa que não achou os encantos divertidos havia sido Hermione, que mantia uma rígida expressão de desaprovação e se recusava a conversar se Harry houvesse usado o feitiço em alguém por perto.

Sentando em cima da cama, Harry virou o livro para que pudesse examinar mais de perto as instruções escritas para um feitiço que pareciam ter causado ao Príncipe alguma dificuldade. Havia muitos rabiscos e alterações, mas finalmente, escrito no pé de uma página, um garrancho:

Levicorpus (nvbl)

Enquanto o vento e a chuva batiam nas janelas, e Neville roncava ruidosamente, Harry olhava as letras entre parênteses. Nvbl . . Aquilo deveria significar não falado. Harry duvidava se conseguiria fazer este feitiço; ele ainda estava tendo dificuldade com encantos não falados, alguma coisa que Snape havia tido pressa em comentar em toda aula de Defesa Contra as Artes das

Trevas. Por outro lado, o Príncipe havia provado ser um melhor professor que Snape.

Apontando sua varinha para nada em particular, ele o deu um pancada de leve e disse Levicorpus dentro de sua cabeça. Aaaaaaargh!

Houve um relâmpago de luz e o quarto se encheu de vozes: todo mundo tinha acordado quando Rony deixou escapar um grito. Harry deixou cair o livro em pânico; Rony estava balançando de cabeça para baixo no meio do ar como se um gancho invisível o tivesse içado para cima pelo tornozelo.

- Desculpa disse Harry, enquanto Dino e Simas davam gargalhadas, e Neville se levantava do chão, tendo ele caído da cama. Espera aí - vou descer você.

Ele procurou às cegas o livro de Poções e folheou em pânico, tentando achar a página certa; finalmente ele achou e decifrou a palavra escrita bem pequena no rodapé da página: Rezando para que aquela fosse a palavra que desfizesse o encanto, Harry pensou Liberacorus! Com todo seu pensamento. Houve outro relâmpago de luz, e Rony caiu em cima de seu colchão.

- Desculpa disse Harry fracamente, enquanto Dino e Simas continuavam a dar gargalhadas.

- Amanhã disse Rony numa voz abafada, eu preferiria que você usasse o despertador.

Após terem se vestido, se embrulhando com muitos dos suéteres de malha da Sr^a. Weasleys e carregando, capas, cachecóis, e luvas, Rony havia se recuperado do choque e havia decidido que o novo feitiço de Harry era extremamente divertindo; e assim ele não se demorou a contar para Hermione a história assim que eles se sentaram para o café da manhã.

- ... E então houve outro relâmpago, de luz e eu cai na cama outra vez! Rony relatou, se servindo de salsichas.

Hermione não havia dado nenhum sorriso durante a história, e agora virava para Harry com uma expressão de total indignação.

- Tem alguma possibilidade deste feitiço ser outro daquele livro de Poções? Ela perguntou.

Harry franziu as sobrancelhas.

- Sempre tirando a pior conclusão, né?

- Era?

- Bem... Era, mas e daí?

- Então você apenas decidiu experimentar outro feitiço desconhecido, escrito a mão e ver o que iria acontecer?

- O que importa se foi escrito a mão disse Harry, preferindo não responder ao resto da pergunta.

- Por que provavelmente não foi permitido pelo Ministério da Magia disse Hermione. E também ela acrescentou, e Harry e Rony reviraram os olhos, PORQUE eu estou começando para pensar que o caráter DO PRÍNCIPE é um pouco duvidoso...

Ambos Harry e Rony riram.

- Foi só uma brincadeira disse Rony, colocando ketchup por cima das salsichas.

- Apenas uma brincadeira, Hermione, é tudo!

- Balançar as pessoas de cabeça para baixo pelo tornozelo disse Hermione. Quem gasta seu tempo e energia para fazer encantos como esse?

- Fred e Jorge disse Rony, é o tipo de coisa que eles fazem, e...

- Meu pai disse Harry. Ele tinha acabado de se lembrar.

- O que disse Rony e Hermione juntos.
 - Meu pai usava esse feitiço disse Harry. Eu - o Lupin me disse.
- Esta última parte não era verdade; realmente, Harry tinha visto seu pai usar o feitiço em Snape, mas ele nunca tinha dito a Rony e Hermione acerca daquela excursão a Pensadeira. Agora, no entanto, uma maravilhosa possibilidade ocorreu a ele. O Príncipe De sangue Mestiço poderia ser...?
- Talvez seu pai o tenha usado Harry, disse Hermione, mas ele não foi o único.
 - Nós vimos um bando de pessoas o usando, no caso de você ter esquecido.
 - Balançando as pessoas no ar. Fazendo elas flutuarem, perdidas, incapazes.
- Harry a fitou. Com uma sensação de como estivesse afundando, ele se lembrava do comportamento dos Comensais da Morte na Copa de Quadribol. Rony veio em sua ajuda.
- Foi diferente ele disse robustamente. Eles os estavam maltratando. Harry e seu pai estavam fazendo uma brincadeira. Você não gosta do Príncipe, Hermione, ele acrescentou, apontando uma salsicha para ela severamente, porque ele é melhor do que você em poções.
 - Não tem nada a ver com isso disse Hermione, ficando vermelha. Eu só acho muita irresponsabilidade começar a dizer feitiços quando você nem sabe para que eles servem, e pare de falar do príncipe como se fosse um título, é apenas um apelido estúpido, e isso não me faz pensar que ele era uma pessoas muito legal!
 - Eu não vejo onde você quer chegar disse Harry enfusivamente . Se ele fosse um Comensal da Morte ele certamente não iria contar vantagem de ser um Mestiço, certo?
- Ao mesmo tempo em que dizia isso, Harry se lembrou que seu pai era Sangue Puro, mas afastou o pensamento da cabeça; ele iria se preocupar com isso mais tarde .
- Os Comensais da morte não podem ser todos sangue-puro, não há bruxos puro-sangue suficiente, disse Hermione teimosamente. Eu acho que a maioria deles é mestiço, fingindo serem puros. São somente os nascidos trouxas que eles odeiam, eles ficariam muito felizes em deixar você e Rony participarem.
 - Não tem como eles me deixarem ser um Comensal da Morte disse Rony, deixando um pedaço de salsicha voar do garfo que agora ele abanava para Hermioni e acertar Ernie Macmillan na cabeça. Toda minha família são traidores por sangue!
 - Isto é tão ruim quanto ter nascido trouxa!
 - E eles teriam adorado me ter disse Harry sacarsticamente. Nós seríamos melhores parceiros se eles não tivessem tentado me pegar.
- Isso fez Rony rir, e até Hermioni deu um sorrisinho, e uma distração chegou na forma de Gina.
- Ei Harry, pediram pra mim te entregar isso.
- Era um pergaminho com o nome de Harry escrito em uma familiar fina e bem escrita letra.
- Obrigado Gina. . . É a próxima aula com Dumbledore! Harry disse para Rony e Hermione, abrindo rapidamente e lendo o que estava escrito. Segunda-feira a noite Ele se sentiu de repente iluminado e feliz.
 - Quer ir com a gente para Hogsmeade, Gina? Ele perguntou.
 - Eu estou indo com Dino - vejo você por ai, ela respondeu, acenando pra eles enquanto saía.

Filch estava parado na porta principal como de hábito, checando o nome das pessoas que tinham permissão para ir para Hogsmead. O processo demorou mais que o normal, pois Filch revistava cada um com seu Sensor de Segredos.

- O que importa se estamos contrabandeando coisas das trevas para fora perguntou Rony, fitando o sensor com apreensão. Certamente eles deveriam checar o que estamos trazendo para dentro.

Sua vez ganhou umas checadas a mais do sensor, e ele estava ainda se encolhendo enquanto desciam a ladeira para o lado de fora contra o vento e chuva com neve.

Andar até Hogsmead não foi agradável. Harry embrulhou o cachecol em volta da parte de baixo do rosto; a parte exposta logo ficou fria e dormente. A estrada até a aldeia estava cheia de estudantes com os corpos dobrados para evitar o vento. Mais de uma vez Harry se perguntou se não teriam aproveitado mais se tivessem ficado na quente sala comunal, e quando eles finalmente alcançaram Hogsmeade e viram que a Zonko estava fechada, Harry confirmou que esta viagem não estava destinada a ser divertida. Rony apontou, com sua grossa luva, em direção a Dedos de Mel, que estava milagrosamente aberta, e Harry e Hermione entraram dentro da loja cheia.

- Graças a Deus trêmeu Rony quando eles foram envolvidos pelo calor, do aquecimento central. Vamos ficar aqui toda a tarde!

- Harry, meu garoto! Disse uma estrondosa voz atrás deles.

- Oh não resmungou Harry. O três se viraram para ver o Professor Slughorn, que estava vestindo um chapéu peludo enorme e um sobre-tudo com pele que combinava nada, empunhando um saco grande de abacaxi cristalizado, e ocupando pelo menos um quarto da loja.

- Harry, já são três dos meus pequenos jantares que você já perdeu! Disse Slughorn, cutucado-o levemente no peito. Eu não vou desistir, meu garoto, estou determinado em ter você! A Srta. Granger adora eles, não adora?

- Sim disse Hermione sem poder fazer nada, eles são realmente...

- Então por que você não vai, Harry? Exigiu Slughorn.

- Bem, eu tenho tido treinos de quadribol, professor disse Harry, que havia dado esta desculpa para todas as vezes que Slughorn o havia convidado, por meio de um pequeno e roxo convite. Esta estratégia deveria dizer que Rony não seria deixado de lado, e eles normalmente faziam piadas com Gina, imaginando Hermione mandando calar a boca Mclaggen e Zabini.

- Bem, eu realmente espero que você vença seu primeiro jogo, depois de tanto trabalho duro! Disse Slughorn. Mas um pouco de recreação não machuca ninguém.

- Agora, que tal Segunda a noite, você não pode achar possível treinar com este tempo...

- Eu não posso, professor, tenho - er - um encontro com Professor Dumbledore nesta noite.

- Sem sorte outra vez lamentou Slughorn dramaticamente. Ah, bom. . . Você não pode me evitar para sempre, Harry!

E com um movimento real de onda, ele gingou para fora da loja, dando pouca atenção a Rony como se ele fosse um enfeite da Dedos de Mel.

- Eu não acredito que você recusou mais um disse Hermione, sacudindo a cabeça.

Eles até que não são ruins, sabe. . . É até bastante divertido às vezes. . . .

Mas então ela percebeu a expressão de Rony Oh, olhe - eles têm delícia de açúcar - aquelas que duram horas!

Feliz por Hermioni ter mudado de assunto, Harry mostrou muito mais interesse pelas delícias de açúcar do que normalmente faria, mas Rony continuou parecendo mal-humorado e simplesmente bufou quando Hermione o perguntou onde ele queria ir depois.

- Vamos ao Três Vassouras disse Harry. Estará quente lá!

Eles embrulharam seus nos cachecóis e deixaram a loja de doces. O vento gelado era como facas cortando seus rostos depois do calor açucarado da Dedos de Mel. Na rua quase não havia ninguém. Ninguém estava se demorando em conversas, só andando rapidamente até seus destinos. Exceto dois homens um pouco a frente deles, acabando de sair do Três Vassouras. Um era muito alto e magro; o olhar vesgo por trás dos óculos, Harry reconheceu como o garçom do outro bar de Hogsmead, o Cabeça de Javali. Como Harry, Rony, e Hermione começaram a se aproximar, o garçom apertou mais seu cachecol firmemente ao redor de seu pescoço e foi embora, deixando o homem baixo se virar com o que tinha nos braços. Eles estavam apenas a alguns passos dele quando Harry percebeu quem era o homem.

- Mundungus!

O homem agachado, com o rebelde cabelo se levantou rapidamente e deixou cair uma mala antiga, que se abriu, revelando o que parecia ser os conteúdos inteiros de uma loja de objetos usados.

- Oh, como ta, Harry disse Mundungus Fletcher, com uma inconvincente tentativa de parecer relaxado . Bem, não me deixem atrapalhar vocês.

E ele começou a se arrastar pelo chão para pegar os conteúdos da mala parecendo um homem com pressa de sair logo.

- Você está vendendo estas coisas perguntou Harry, vendo Mundungus agarrar um objeto encardido da terra.

- Oh, bem, preciso continuar vivo, disse Mundungus. Me dá isso. Rony parou e pegou alguma coisa de prata.

- Espere! Rony disse lentamente. Isso me parece familiar...

- Muito Obrigado disse Mundungus, tirando o cálice das mãos de Rony e colocando de novo na mala. Bem, até mais... AI!

Harry havia prensado Mundungus contra a parede do bar pela garganta. Segurando-o rápido com uma mão e com a outra pegando sua varinha.

Harry Hermione grunhiu.

- Você tiro isso da casa do Sírius, disse Harry, que estava quase nariz com nariz com Mundungus e estava respirando um cheiro desagradável de tabaco velho e vencido. Tem o brasão da família nisso.

- Eu... Não... Que? Mundungus sussurrou, que estava ficando cada vez mais roxo.

- Que você fez, voltou na noite em que ele morreu e limpou o lugar? Grunhiu Harry.

- Eu... Não...

- Dê-me isso...

- Harry, você não deve! Hermione gritou, quando Mundungus começou a ficar azul.

Houve um estalo, e Harry sentiu sua mão voar da garganta de Mundufngus. Arfando e rufando, Mundungus agarrou sua caixa que havia caído, e então CRACK... Ele desapareceu.

Harry gritou com toda sua voz, onde no momento atrás estava Mundungus.

- VOLTE, VOCÊ ROUBOU!

- Não há porque, Harry. Tonks tinha aparecido de algum lugar, seu cabelo molhado pela chuva.

- Mundungus provavelmente esta em Londres agora. Não há porque gritar.

- Ele está contrabandeando as coisas do Sírius! Roubou isto!

- Sim, mas mesmo assim, disse Tonks, que pareceu perfeitamente despreocupada com essa informação. Você deveria sair do frio.

Eles atravessarem a porta do Três Vassouras. Quando eles estavam dentro, Harry estourou.

- Ele estava contrabandeando as coisas do Sírius.

- Eu sei, Harry, mas, por favor, não grite, as pessoas estão olhando, sussurrou Hermione. Vão e sentem-se, eu vou pegar as bebidas.

Harry ainda estava fumegando quando Hermione voltou para a mesa poucos minutos depois trazendo três garrafas de cerveja amanteigada.

- A Ordem não pode controlar o Mundungus? Harry exigiu dos outros dois em um sussurro furioso. Eles não podem pelo menos impedir que ele roube as coisas quando estiver no quartel.

- Shh! Disse Hermione desesperadamente, dando uma olhada para ter certeza que ninguém estava escutando; havia um par de warlocks que estavam sentados perto que fitavam Harry com grande interesse, e Zabini estava recostado contra um pilar não muito longe. Harry, eu fiquei chatéada também, eu sei que são suas coisas que ele está roubando.

Harry olhou para sua cerveja amanteigada; ele momentaneamente tinha esquecido que tinha herdado número doze, do largo Grimmauld.

- Sim, são minhas coisas! Ele disse. Sem duvida porque ele não ficou feliz em me ver! Bem, eu vou dizer a Dumbledore o que está acontecendo, ele é o único que assusta Mundungus.

- Boa idéia, Hermione sussurrou, claramente satisfeita que Harry houvesse concordado em se acalmar. Rony o que você está olhando?

- Nada disse Rony, tirando seu olhar do bar, mas Harry sabia que ele estava olhando a bonita e atrativa, Madame Rosmerta, por quem ele sempre teve uma queda.

- Eu espero que nada mais esteja pegando fogo nas minhas costas, disse Hermione asperamente.

Rony ignorou a zombaria, bebendo um pouco sua cerveja amanteigada no que ele considerava ser digno de silêncio. Harry estava pensando em Sírius, e como ele havia odiado aqueles cálices de prata de qualquer modo. Hermione tamboreou os dedos na mesa, seu olhar indo de Rony até o bar. Quando Harry tomou o último gole de sua garrafa, ela disse, Vamos chamar isso de dia e voltar para a escola?

Os outros dois concordaram; essa não tinha sido uma boa viagem e o tempo piorava a medida que passava. Mais uma vez eles colocaram seus cachecóis firmemente ao redor do pescoço e suas luvas, então seguiram Katie Bell e uma amiga para fora do bar e voltaram para a Rua Principal. Os pensamentos de Harry foram até Gina enquanto eles caminhavam de volta a Hogwarts pela lama congelada.

Eles não haviam se encontrado com ela, porque ela e Dino estavam aquecidos na casa de chá de Madame Puddifoot, abraçados como um casal feliz. Harry balançou a cabeça e continuou.

Foi um pouco antes de Harry perceber as vozes de Katie e sua amiga que estava sendo levada até eles pelo vento que as duas estavam tendo uma discussão sobre algo que Katie carregava.

- Não tem nada a ver com você, Leanne!

Harry ouviu Katie dizer.

Eles viraram uma esquina, a neve vinha forte, manchando os óculos de Harry. Foi quando ele levantou uma luva para limpar os óculos que, Leanne tentou agarrar a alça do pacote que Katie estava segurando; Katie puxou e o pacote caiu no chão.

Então, Katie subiu no ar, não como havia acontecido com Rony, suspenso pelo tornozelo, mas graciosamente, seus braços estendidos, como se ela fosse voar. Ainda que houvesse algo errado, um pouco de estranho naquilo...

O cabelo dela balançava ao redor de seu rosto por causa do vento, mas seus olhos estavam fechados e seu rosto parecia sem expressão. Harry, Rony, Hermione, e Leanne todos permaneceram parados no caminho, assistindo.

Então, seis pés acima do chão, Katie soltou um grito terrível. Seus olhos se abriram de repente, mas o que quer que fosse que ela pudesse ver, ou o que fosse o que ela estivesse sentindo, estava claramente causando uma angústia terrível.

Ela gritou e gritou; Leanne começou a gritar também e tentou agarrar os tornozelos de Katie, tentando arrastar ela de volta ao chão. Harry, Rony, e Hermione apressaram-se para ajudar, mas antes que agarrassem as pernas de Katie, ela subiu acima deles; Harry e Rony tentaram agarrar as pernas dela, mas ela estava se mexendo tanto que eles quase não conseguiram desce-la.

Então eles a deitaram no chão onde ela trêmia e gritava, aparentando não conseguir reconhecer eles. Harry olhou ao redor; a paisagem parecia deserta.

- Fiquem aii! Ele gritou para outros acima do vento uivador. Eu vou procurar ajuda!

Ele começou a correr em direção à escola; Ele nunca viu alguém se comportar como Katie havia acabado de fazer e não pôde pensar no que causou isto; Ele estalou em uma curva na pista e colidiu com que pareceu ser um enorme urso de pé.

- Hagrid! Ele arquejou, se levantando de onde ele havia caído.

- Harry! Disse Hagrid, que tinha neve presa em suas sobrelanceias e barba, e estava vestindo seu grande, felpudo casaco de pele. Só visitando Grawp, ele está ficando realmente bom...

- Hagrid, alguém está machucado lá tras, ou amaldiçoado, ou algo assim...

- Que? Disse Hagrid, curvando-se mais baixo para ouvir o que Harry estava dizendo acima do vento uivante.

- Alguém foi amaldiçoado! Harry berrou...

- Amaldiçoado? Quem foi amaldiçoado, Rony? Hermione?

- Não, não são eles, é Katie Bell. Por aqui . . .

Juntos eles correram de volta ao longo da pista. Não demorou nada para eles encontrarem o pequeno grupo das pessoas ao redor Katie, que estava ainda se retorcendo e gritando no chão; Rony, Hermione, e Leanne ainda tentavam matê-la quieta.

- Afastem-se! Hagrid gritou. Deixa eu vê ela!

Aconteceu alguma coisa com ela! Disse Leanne soluçando. Eu não sei o que!

Hagrid olhou fixamente para Katie por um segundo, então sem uma palavra, curvou-se e a pegou nos braços, e correu em direção ao castelo com ela. Em poucos segundos, os gritos penetrantes de Katie diminuíram e o único som era o rugido do vento.

Hermione se apressou para a amiga de Katie e pôs um braço ao redor dela.

- É Leanne, não é?

A menina balançou a cabeça.

Isso aconteceu de repente? Ou...

- Foi quando aquele pacote rasgou, Leanne soluçou, apontando para o agora molhado embrulho no chão, que havia se aberto e revelava um brilho esverdeado.

Rony curvou-se, sua mão estava estendida, mas Harry puxou seu braço de volta.

- Não toque nisto!

- Ele se abaixou. Um colar ornato de opala era visível, caindo do embrulho.

- Eu já vi isto antes, disse Harry, olhando fixamente para a coisa. Estava na vitrine do Borgin e Burkes anos atrás. A etiqueta disse que era amaldiçoado. Katie deve ter tocado isto. Ele olhou para Leanne, que começou a trêmer incontrolavelmente. Como Katie conseguiu isto?

- Bem, é por isso que nós estávamos discutindo. Ela voltou do banheiro do Três Vassouras segurando isto, disse que era uma surpresa para alguém em Hogwarts e ela tinha que entregar isto. Ela parecia estranha quando disse isto.

- ... Oh não, oh não, eu aposto que ela foi amaldiçoada com a maldição Imperius e eu não percebi!

Leanne trêmeu com renovados soluços. Hermione bateu levemente em seu ombro.

- Ela não disse quem deu isto para ela, Leanne?

- Não . . . Ela não diria a mim . . . E eu disse que ela estava sendo estúpida levando isto para a escola, mas ela não me escutou e . . . E então eu tentei tirar isto dela . . . E - e - Leanne soltou um gemido de desespero.

- Seria melhor se nós a levassemos para a escola, Hermione disse, seu braço ainda ao redor de Leanne. Nós poderemos descobrir como ela está. Vamos...

Harry hesitou por um momento, então puxado seu cachecol do seu pescoço e, ignorando o gemido de Rony, cuidadosamente cobriu o colar com ele e o pegou.

- Nós precisaremos mostrar isto para Madame Pomfrey, ele disse.

Enquanto eles seguiam Hermione e Leanne pela estrada, Harry estava pensando furiosamente. Eles haviam acabado de entrar nas terras da escola quando ele falou, incapaz de manter seus pensamentos para ele mesmo.

- Malfoy sabe sobre este colar. Estava no Borgin e Burkes quatro anos atrás, eu vi ele dando uma boa olhada nisto enquanto eu estava me escondendo do pai dele.

- Isto é o que ele estava comprando aquele dia quando nós seguimos ele! Ele se lembrou disto e ele voltou para pega-lo!

- Eu - eu não sei, Harry, disse Rony indecisamente. Muitas pessoas vão ao Borgin e Burkes . . . E aquela menina não disse que Katie conseguiu isto no banheiro das meninas?

- Ela disse que ela voltou do banheiro com isto, ela necessariamente não pegou isto no banheiro.

- McGonagall! Disse Rony apressadamente.

Harry olhou para cima. Com certeza, a Professor McGonagall estava descendo rapidamente os degraus de pedra para falar com eles.

- Hagrid diz vocês quatro viram o que aconteceu com Katie Bell - para o meu escritório, por favor! O que você é esta segurando, Potter?

- É a coisa que ela tocou, disse Harry.

- Bom senhor, disse Prof McGonagall, parecendo alarmada enquanto ela tomava o colar de Harry. Não, não, Filch, eles estão comigo! Ela apressadamente adicionou, quando Filch veio andando apressadamente através do corredor de entrada segurando seu Sensor de segredo no alto. Leve este colar para Prof. Snape rápido, mas não toque, mantenha embrulhado no cachecol!

Harry e os outros seguiram prof. McGonagall para cima, para o escritório dela. As janelas estavam cobertas de neve, e o quarto era frio apesar do fogo que crepitava na lareira. A Prof McGonagall fechou a porta e contornou sua escrivaninha para olhar para Harry, Rony, Hermione, e a ainda soluçante Leanne.

- Bem? Ela nitidamente disse. O que aconteceu?

Devagar, e com muitas pausas enquanto ela tentava controlar o choro, Leanne disse a Professor McGonagall como Katie foi para o banheiro no Três Vassoura e retornou com o pacote, como Katie parecia um pouco estranha, e como elas discutiram sobre a imprudência de concordar em entregar objetos desconhecidos, a discussão fazendo com que lutassem pelo pacote, que caiu aberto. Neste momento, Leanne estava tão descontrolada que, não conseguia dizer mais nenhuma palavra.

- Certo, disse Prof McGonagall, não indelicadamente, suba para a Ala Hospitalar, por favor, Leanne, e peça a Madama Pomfrey para lhe algo para choque.

Quando ela deixou o quarto, a Prof McGonagall voltou-se para Harry, Rony, e Hermione.

- O que aconteceu quando Katie tocou o colar?

- Ela subiu no ar, disse Harry, antes que Rony ou Hermioni pudessem falar, e então começou a gritar, e a temer. Professora, posso ver o Prof Dumbledore, por favor?

- O diretor está fora até segunda-feira, Potter, disse Prof McGonagall, parecendo surpresa.

- Fora? Harry repetido furiosamente.

- Sim, Harry, fora! Disse Prof McGonagall. Mas qualquer coisa que você tenha que dizer sobre este terrível acontecimento pode ser dito para mim, eu estou certa!

Por um segundo, Harry hesitou. A Prof McGonagall não passava confiança; Dumbledore, mesmo sendo mais intimidante, parecia mais provável a aceitar uma teoria, ainda, mesmo incerta. Isto era um caso de vida ou morte, entretanto, e não um momento para se gastar rindo.

- Eu acho que Draco Malfoy deu a Katie este colar, Professora.

Ao lado dele, Rony esfregou seu nariz em aparente constrangimento; do outro, Hermione cruzou seus pés como se bastante ansiosa para pôr um pouco de distancia entre ela mesma e Harry.

- Isto é uma acusação muito séria, Potter, disse Prof McGonagall, depois de uma pausa chocada. Você tem alguma prova?

- Não, disse Harry, mas... E ele contou a ela sobre quando seguiu Malfoy até o Borgin e Burkes e a conversa que eles haviam escutado entre ele e o Sr. Borgin.

Quando ele terminou de falar, Prof McGonagall pareceu ligeiramente confusa.

- Malfoy levou algo para Borgin e Burkes para conserto?

- Não, Professora, ele só queria que Borgin dissesse a ele como remendar algo.

- Não estava com ele. Mas isto não importa, o importante é que ele comprou alguma coisa no mesmo dia, e eu acho que era aquele colar.

- Você viu Malfoy deixando a loja com um pacote semelhante?

- Não, Professora, ele disse ao Borgin que mantivesse isto na loja para ele...

- Mas Harry, Hermione interrompeu, Borgin perguntou se ele queria levar com ele, e Malfoy disse não...

- Porque ele não quis tocar, obviamente! Disse Harry furiosamente.

- O que ele realmente disse era, 'Como iria eu parecer levando isto pela rua?' Disse Hermione.

- Bem, ele pareceria um pouco gozado levando um colar, interrompeu Rony.

- Oh, Rony, disse Hermione desprezivamente, estaria embrulhado, então ele não teria que tocar é bastante fácil esconder dentro de uma capa, então ninguém veria! Eu penso que o que quer que ele tenha reservado em Borgin e Burkes era barulhento ou grande, algo que ele sabia que chamaria atenção para ele se carregasse pela rua - e em todo caso, ela continuou agressivamente, antes que Harry pudesse interromper, Eu perguntei ao Borgin sobre o colar, não se lembra?

- Quando eu entrei tentando descobrir o que Malfoy havia pedido a ele para guardar, eu vi isto lá. E Borgin apenas me disse o preço, não disse se já estava vendido ou qualquer coisa...

- Bem, você estava sendo realmente óbvia, ele percebeu o que você estava fazendo em mais ou menos cinco segundos, claro que ele não iria dizer a você de qualquer maneira, Malfoy poderia ter procurado por isto desde...

- Isto é o suficiente! Disse Prof McGonagall, quando Hermione abriu sua boca para replicar, parecendo furiosa. Harry, eu aprecio que você tenha me contado isso, mas nós não podemos culpar o Sr. Malfoy puramente porque ele visitou a loja onde este colar poderia ter sido comprado. O mesmo aconteceu com centenas de pessoas.

- É isso que eu disse - murmurou Rony.

- E em todo caso, nós pusemos medidas de segurança em 1º lugar neste ano. Eu não acredito que aquele colar possivelmente poderia ter entrado nesta escola sem o nosso conhecimento.

- Mas...

- E mais, disse Prof McGonagall, com um ar de terrível finalidade, Sr. Malfoy não estava em Hogsmeade hoje.

- Como a sra sabe, Professora?

- Porque ele estava tendo detenção comigo. Ele agora irá fazer sua Lição de Transfiguração duas vezes. Então, obrigado por dizer a mim suas suspeitas, Potter, ela disse dispensando eles, mas eu preciso ir até a ala hospitalar agora para verificar Katie Bell. Bom dia para vocês todos.

Ela segurou aberta a porta do escritório. Eles não tiveram nenhuma escolha a não ser sair por ela sem nenhuma palavra.

Harry estava bravo com os outros dois por terem ficado do lado de McGonagall; Não obstante, ele sentiu vontade de discutir mais uma vez com eles o que havia acontecido.

- Então para quem você acha que Katie deveria dar o colar? Perguntou Rony, enquanto eles subiam os degraus para a Sala Comunal.

- Só Deus sabe, disse Hermione. Mas quem quer que fosse escapou de uma.

- Ninguém poderia ter aberto aquele pacote sem tocar no colar.

- Podia ter sido para varias pessoas, disse Harry. Dumbledore - Os Comedores da Morte adorariam livrar-se dele, ele deve ser um de seus principais objetivos. Ou Slughorn - Dumbledore acha que Voldemort realmente o queria e eles não podem estar contentes que ele apóia é o Dumbledore. Ou... Ou você, disse Hermione, olhando preocupada.

- Não poderia ser, Harry disse, ou Katie teria se virado no caminho e o dado para mim, não é? Eu estava atrás dela o tempo todo desde que saímos do Três Vassouras. Teria muito mais sentido entregar o pacote fora de Hogwarts, com Filch revistando todo mundo que entra e sai. Eu me pergunto por que Malfoy disse que ela trouxesse isto para dentro do Castelo?

- Harry, Malfoy não estava em Hogsmeade! Disse Hermione, realmente mostrando-se frustrada.

- Ele deve ter usado um cúmplice, então, disse Harry. Crabbe ou Goyle...

- Ou, vamos pensar sobre isto, outro Comedor da Morte, ele deve ter melhores aliados que Crabbe e Goyle agora que ele se juntou a eles...

Rony e Hermione trocaram olhares que claramente diziam que não tinha porque discutir isso com ele.

- Dilligrout, disse Hermione firmemente quando eles alcançaram o retrato da mulher Gorda...

O retrato abriu-se para admitir que eles entrassem na Sala Comunal. Estava bastante cheia e cheirado a roupa úmida; Muitas pessoas pareciam ter voltado de Hogsmeade cedo por causa do tempo ruim. Não existia nenhum sinal de medo ou especulação, porém: Claramente, as notícias do que havia acontecido com Katie ainda não havia vazado.

- Não foi um ataque muito bem planejado se você, realmente, pensar sobre isso, disse Rony, casualmente tirando um dos alunos do 1º ano de uma das poltronas perto do fogo de forma que ele podia se sentar. A maldição nem mesmo chegou ao castelo. Não é o que você chamaria de casual.

- Você esta certo, disse Hermione, tirando Rony da cadeira com seu pé e oferecendo para o garoto do primeiro ano novamente. Não foi bem pensado mesmo.

- Mas desde quando Malfoy é um dos grandes pensadores do mundo? Perguntou Harry.

Nem Rony nem Hermione respondeu.

--Capítulo 13-- O Segredo de Riddle

No dia seguinte, Katie foi removida para o Hospital St. Mungus para Acidentes e Danos Mágicos e em pouco tempo a notícia que ela tinha sido enfeitiçada tinha se espalhado por toda a escola. Entretanto, os detalhes estavam confusos e ninguém além de Harry, Rony, Hermione e Leanne pareciam saber que a própria Katie não tinha sido o objetivo principal.

- Oh, e Malfoy sabe, claro, Harry disse para Rony e Hermione que continuaram a nova política de fingir surdez sempre que Harry mencionava a teoria dele de Malfoy ser um Comensal da Morte.

Harry gostaria de saber se Dumbledore voltaria de onde quer que ele tivesse ido, a tempo da lição de segunda-feira à noite, mas não tendo nenhuma palavra ao contrário, ele se apresentou do lado de fora do escritório de Dumbledore, às oito, bateu e o mandaram entrar. Lá, Dumbledore estava sentado com um olhar incomumente cansado; a mão dele estava negra e queimando como sempre, mas ele sorriu quando gesticulou a Harry para se sentar. A Penseira estava novamente sobre a escrivaninha, lançando brilhos pratéados de luz no teto.

- Você esteve ocupado enquanto eu estive fora, Dumbledore disse. Eu acredito que você testemunhou o acidente de Katie.

- Sim, senhor. Como ela está?

- Ainda muito indisposta, embora tenha tido relativamente sorte. Ela parece ter escovado o colar temendo a menor possibilidade de descascar; havia um buraco minúsculo na luva dela.

- Se ela tivesse colocado ele ou, até mesmo, segurado isto na mão dela sem luvas, ela teria morrido, talvez imediatamente. Afortunadamente, o Professor Snape pôde fazer bastante para prevenir uma expansão rápida da maldição.

- Por que ele? Perguntou Harry depressa. Por que não a Madame Pomfrey?

- Impertinente, disse uma voz suave de um dos retratos na parede e Phineas Nigellus Black, o tataravô de Sírius, elevou a cabeça dos braços onde ele tinha parecido estar dormindo. Eu não teria permitido um estudante questionar o modo de Hogwarts operar nos meus dias.

- Sim, obrigado, Phineas, disse Dumbledore penosamente. Professor Snape sabe muito mais sobre as Artes das Trevas que Madame Pomfrey, Harry. De qualquer maneira, o pessoal do St. Mungus está me enviando relatórios de hora em hora, e eu tenho esperanças que Katie tenha uma recuperação completa em pouco tempo.

- Onde esteve essa semana, senhor? Perguntou Harry, desconsiderando o forte sentimento que poderia estar testando a sorte dele, um sentimento aparentemente compartilhado por Phineas Nigellus que assobiou suavemente.

- Eu não direi tudo agora, disse Dumbledore. Entretanto, lhe contarei em partes, claro.

- Contará? Perguntou Harry, assustado.

- Sim, eu espero que sim, disse Dumbledore retirando vários fios pratéados de memória de dentro de sua têmpora com a ponta da varinha.

- Senhor. Disse Harry experimentalmente. Eu encontrei Mundugus em Hogsmead.

- Há sim, já estou atento que Mundugus tem tratado sua herança com um leve toque de cobiça. Disse Dumbledore um pouco carrancudo. Ele seguiu você

desde que você o abordou fora do Três Vassouras; Eu realmente penso que ele tem medo de ficar frente a frente comigo. Entretanto, descansa seguro que não irá se desfazer de nenhuma das velhas posses de Sírius.

- Aquele velho mestiço ranhoso tem roubado a herança dos Black? Disse Phineus Nigellus, extravagante; deslocando-se lateralmente do seu quadro, decisivamente para visitar seu quadro em Grimmauld Place, número 12.

- Professor, disse Harry após uma pequena pausa, A professora McGonagall lhe falou o que eu contei a ela depois de Katie ser atacada? Sobre Draco Malfoy?

- Ela me contou sobre suas suspeitas, sim. Disse Dumbledore.

- E o senhor...?

- Eu devo tomar todas as medidas apropriadas para investigar qualquer um que possa ter posto a mão no acidente de Katie, disse Dumbledore. Mas o que me preocupa agora, Harry, é a nossa lição.

Harry sentiu-se ressentido com isso: Se essas lições fossem assim tão importantes, porque havia um grande espaço de tempo entre a primeira e a segunda? Entretanto, ele não falou nada mais sobre Draco, mas assistiu Dumbledore colocando novos pensamentos recentes na Penseira e recomeçando a rodopiar na bacia de pedra, mais uma vez, Dumbledore a segurava entre suas mãos de dedos longos.

- Você lembrará, estou certo, do nosso último conto sobre o começo de Lord Voldemort, no ponto onde o bonito trouxa, Tom Riddle, tinha abandonado sua esposa bruxa, Merope, e retornou para a casa de sua família em Little Hangleton. Merope foi esquecida em Londres, esperando um bebê que um dia se tornaria, Lord Voldemort.

- Como você sabe que ela estava em Londres, senhor?

- Por causa da evidência de Caractacus Burke, disse Dumbledore que, por uma estranha coincidência, ajudou a achar a mesma loja de onde veio o colar sobre o qual nós discutimos a pouco.

Ele remexeu o conteúdo da Penseira como Harry tinha o visto fazer antes, mais como um garimpeiro peneirando por ouro. Por cima da superfície, a massa pratéada subindo um pouco, o velho homem revolvendo lentamente na Penseira, pratéado como um fantasma, mas muito mais sólido, com uma mecha de cabelo cobrindo completamente os olhos dele.

- Sim, nós adquirimos isto em circunstâncias curiosas. Foi trazido por uma jovem bruxa antes do Natal, oh, há muitos anos atrás. Ela disse que precisava do ouro, bem, mas isso era óbvio. Coberta com trapos e bem longe de ser bonita... Esperando um bebê, veja. Ela disse que o medalhão tinha sido de Slytherin. Bem, nós ouvíamos aquele tipo de história todo o tempo, ' Oh, isto era de Merlin, está era a chaleira favorita dele, ' mas quando eu olhei, a marca dele estava certa, e alguns feitiços simples eram o bastante para eu saber a verdade. Claro que, isso o fez bastante precioso. Ela não parecia ter qualquer idéia quanto ao preço. Feliz por receber dez Galeões por isso. Foi a melhor pechincha que nós fizemos!

Dumbledore deu a penseira uma remexida mais vigorosa e Caractacus Burke desceu através da massa de memória rodante de onde ele tinha vindo.

- Ele só lhe deu dez Galeões? Disse Harry indignado.

- Caractacus Burke não era afamado pela a generosidade dele, Dumbledore disse.

Assim nós soubemos que, próximo ao fim da gravidez dela, Merope estava só em Londres, passando necessidade e desesperada por ouro, desesperada o bastante para vender seu único e mais valioso bem, o medalhão que era uma herança da família Marvolo.

- Mas ela poderia fazer magia! Disse Harry impaciente. Ela poderia ter comida e tudo para ela por magia, não é?

- Ah, Dumbledore disse, talvez ela pudesse. Mas eu acredito, estou adivinhando novamente, mas estou seguro que tenho razão - que quando o marido dela a abandonou, Merope deixou de usar magia. Eu penso que ela não quis ser mais uma bruxa. Claro que, também é possível que a rejeição do amor dela e o desespero ajudaram a bloquear os poderes dela; isso pode acontecer. Em todo caso, como você pode ver, Merope recusou a usar a varinha dela até mesmo para salvar a própria vida.

- Ela não iria viver nem mesmo pelo filho dela?

Dumbledore ergueu as sobrancelhas. Você poderia estar sentindo pena de Lorde Voldemort?

- Não, Harry disse depressa, mas ela teve uma escolha, ela não fez, não foi como minha mãe...

- Sua mãe teve uma escolha também, Dumbledore disse com suavidade. Sim, Merope Riddle escolheu morrer apesar do filho que precisava dela, mas não a julgue muito severamente, Harry. Ela estava muito debilitada por muito tempo de sofrimento e ela nunca teve a coragem de sua mãe. E agora, se você me acompanhar...

- Onde nós vamos ? Harry perguntou, quando Dumbledore se uniu à frente da escrivania.

- Neste tempo, Dumbledore disse, nós vamos entrar em minha memória. Eu acho que você encontrará detalhes ricos e satisfatoriamente precisos. Depois de você, Harry...

Harry se agachou para a Penseira; a face dele quebrou a superfície lisa da memória e então ele estava caindo pela escuridão novamente. . . . Segundos depois, os pés dele batêram em solo firme; ele abriu os olhos e achou que ele e Dumbledore estavam numa antiquada e movimentada rua de Londres.

- Lá estou eu, disse Dumbledore alegremente apontando à frente deles para uma figura alta que cruzava a rua na frente de uma carrocinha de leiteiro.

Um Alvo Dumbledore mais jovem de cabelos e barba longos e ruivos. Tendo alcançado o lado deles na rua, ele subiu para o passeio e ganhou muitos olhares curiosos devido ao terno vistoso de corte de veludo cor de ameixa que ele estava usando.

- Terno discreto, senhor, Harry disse, antes que conseguisse evitar, mas Dumbledore somente riu quando eles seguiram a versão mais jovem dele a uma pequena distância e atravessaram um portão duplo de ferro, finalmente entrando num pátio vazio e quadrado em frente a um edifício muito feio, cercado de grades altas. Ele subiu alguns degraus até à porta dianteira e bateu uma vez. Depois de um momento ou dois, a porta foi aberta por uma menina desprezível usando um avental.

- Boa tarde. Eu tenho um compromisso com a Sr^a. Cole que, eu acredito, é a encarregada aqui ?

- Oh, disse a menina com um olhar confuso olhando a aparência excêntrica de Dumbledore. Um. . Só um momento. . . SR^a. COLE ! Ela gritou por cima do ombro dela.

Harry ouviu uma voz distante gritando algo em resposta. A menina deixou Dumbledore entrar. - Entre, ela virá ao seu encontro.

Dumbledore pisou num corredor ladrilhado preto e branco; o lugar inteiro era velho, mas muito limpo. Harry e o Dumbledore mais velho o seguiram. Antes que a porta dianteira tivesse fechado atrás deles, uma mulher fraca, de olhar hostil veio correndo até eles. Ela tinha um rosto comprido que aparecia mais ansioso que indelicado, estava discutindo sobre o ombro com outro ajudante de avental, ela caminhou junto a Dumbledore.

-...E levou o iodo para Martha, Billy Stubbs estava tirando a casca de suas feridas e Eric Whalley estava sujando todo o seu lençol - E além de tudo, ainda tem a catapora, ela não falava para ninguém em particular, então ela pôs seus olhos em Dumbledore e parou mortificada com seus passos.

- Boa Noite, disse Dumbledore oferecendo-lhe a mão. A Sr^a. Cole ficou de queixo caído.

- Meu nome é Alvo Dumbledore. Eu lhe mandei uma carta pedindo um encontro e você amavelmente me convidou aqui hoje.

- A Sr^a. Cole piscou. Aparentemente decidindo que Dumbledore não era uma alucinação, ela disse fracamente, - Ah sim, bem - bem então - seria melhor você vir ao meu quarto. Sim.

Ela conduziu Dumbledore a um pequeno quarto que parte parecia uma Sala de Estar, a outra parte um escritório. Era tão miseráveis quanto o corredor e a mobília era velha e acabada. Ela convidou Dumbledore a se sentar em uma cadeira raquítica, sentando ela mesma atrás de uma escrivaninha atravancada, olhando para ele nervosamente.

- Estou aqui, como eu lhe falei em minha carta, para discutir sobre Tom Riddle e os planos para o seu futuro, disse Dumbledore.

- Você é da família? Perguntou Sra Cole.

- Não, sou um professor, disse Dumbledore. Vim aqui para oferecer a Tom um lugar em minha escola.

- Que escola é, então?

- Ela se chama Hogwarts, disse Dumbledore.

- Então por que o senhor está tão interessado em Tom?

- Nós acreditamos que ele tem qualidades que estamos procurando.

- Você quer dizer que ele ganhou uma bolsa escolar? O que ele fez pra isso? Ele nunca conseguiu uma.

- Bem, o nome dele foi gravado em nossa escola no momento em que ele nasceu...

- Quem o registrou? Os pais dele?

Não havia nenhuma dúvida que a Sr^a. Cole era uma inconvenientemente, uma mulher cortante. Aparentemente, Dumbledore também pensou, pois Harry o viu retirar a varinha para fora do bolso do terno aveludado dele, retirando, ao mesmo tempo, um pedaço de papel perfeitamente em branco de cima da escrivaninha da Sr^a. Cole.

- Aqui, disse Dumbledore, que movimentou a varinha dele uma vez quando ele passou o pedaço de papel para ela, eu penso que isto deixará tudo claro.

- Os olhos da Sr^a. Cole saíram fora de foco e ela contemplou atêntamente ao papel em branco por um momento.

- Isso parece estar perfeitamente em ordem, ela disse calmamente e devolvendo o papel. Então, os olhos dela caíram em uma garrafa de gim e dois copos que certamente não estavam ali alguns segundos antes.

- Er - eu posso lhe oferecer um copo de gim? Ela disse em uma voz refinada.
- Muito obrigado, Dumbledore disse radiante.
- Ficou logo claro que a Sr^a. Cole não era nenhuma principiante quando pegou a garrafa para beber. Virando uma dose generosa para ambos, ela pegou o próprio copo para um trago. Estalando os lábios dela francamente, ela sorriu pela primeira vez a Dumbledore, e ele não vacilou em tirar vantagem disso.
- Eu gostaria de saber se você poderia me contar qualquer coisa da história de Tom Riddle? Eu penso que ele nasceu aqui no orfanato?
- Isso é certo, disse a Sr^a. Cole se servindo de mais gim. Eu me lembro disto claramente, como qualquer coisa, porque eu havia começado aqui há pouco.
- Era véspera do ano novo, mais amargamente frio, nevando, você sabe. Noite horrível. E, esta menina, não muito mais velha que eu era na ocasião, veio cambaleando nos degraus dianteiros. Bem, ela não foi à primeira. Nós a alojamos e ela teve o bebê em uma hora. E ela estava morta na outra hora. Sr^a. Cole cabeceou e tomou outro trago generoso de gim.
- Ela disse qualquer coisa antes de morrer? Perguntou Dumbledore. Qualquer coisa sobre o pai do menino, por exemplo?
- Agora, como acontece, ela disse, disse a Sr^a. Cole que parecia estar desfrutando bastante agora do gim na mão dela e uma audiência ansiosa pela história. Eu me lembro que ela disse para mim, ' eu espero que ele se pareça com o pai dele, ' e eu não mentirei, ela tinha razão em esperar isto, porque ela não era nenhuma beleza - e então ela me falou que ele seria chamado Tom, como o pai dele, e Marvolo, como o pai dela - sim, eu sei, nome engraçado, não é? Nós desejamos saber se ela veio de um circo - e ela disse que o sobrenome do menino devia ser Riddle. E ela morreu em seguida sem outra palavra.
- Bem, nós o nomeamos da maneira que ela nos disse, parecia tão importante para a pobre menina, mas nem Tom, nem Marvolo, muito menos Riddle vieram procurando por ele, nem nenhuma família, então, ele veio para o orfanato e tem estado aqui desde então.
- Ela se serviu, quase se preparando, para outra saudável dose de gim. Ela corara. Então ela disse, - Ele é um garoto engraçado.
- Sim, disse Dumbledore. Eu achei que ele poderia ser.
- Ele era um bebê engraçado também. Era muito difícil ele chorar, você sabe. Então, quando envelheceu ele ficou... Estranho.
- Estranho de que modo? Perguntou Dumbledore gentilmente.
- Bem, ele...
- Mas Sr^a. Cole parou de repente, e não havia nada obscuro ou vago sobre o olhar inquisitorial que ela atirou em Dumbledore em cima do copo de gim dela.
- Ele definitivamente tem um lugar na sua escola, não é?
- Definitivamente, disse Dumbledore.
- E não há nada que eu diga que possa reverter essa situação?
- Não, disse Dumbledore.
- Você vai levá-lo embora, certo?
- Certo, repetiu Dumbledore gravemente.
- Ela piscou, olhando pra ele, decidindo se confiaria nele ou não. Aparentemente ela decidiu que confiaria, pois ela disse em uma pressa súbita, Ele assusta as outras crianças.
- Você acha que ele está perturbado? Perguntou Dumbledore.

- Eu acho que ele deva estar, disse Sr^a. Cole, sendo ligeiramente carrancuda, mas é muito difícil pegá-lo no ato. Houveram incidentes... Coisas sórdidas... Dumbledore não a pressionou, embora o Harry pudesse jurar que ele estava interessado. Ela ainda levou tempo, bebeu outro gole de Gim e as bochechas róseas dela ficaram ainda mais róseas.

- O coelho de Billy Stubbs. . . Bem, o Tom disse que ele não fez isto e eu não vejo como ele pôde fazer, mas mesmo assim, o coelho não se pendurou nas vigas, se pendurou?

- Eu não deveria pensar assim, não, Dumbledore disse baixinho.

- Mas eu sou uma dançarina se eu sei como ele conseguiu fazer isto lá. Tudo que eu sei é que ele e Billy tinham discutido um dia antes. E então - a Sr^a. Cole tomou outro gole de gim que espirrou um pouco no queixo dela neste momento

- na excursão de verão - nós os levamos para sair, você sabe, uma vez por ano, para a zona rural ou para o litoral - bem, Amy Benson e Dennis Bishop nunca estavam totalmente certos depois e tudo que nós sabemos deles é que eles tinham entrado em uma caverna com Tom Riddle. Ele jurou só ter ido explorar, mas algo aconteceu lá, eu estou segura disto. E, bem, houve muitas coisas, coisas engraçadas. . .

Ela deu uma olhada novamente a Dumbledore, e embora as bochechas dela estivessem enxaguadas, o olhar dela era fixo. Eu não acho que muitas pessoas ficarão tristes em vê-lo pelas costas.

- Você entende, eu estou certo, que nós não o estaremos mantendo permanentemente. Disse Dumbledore. Ele terá que voltar aqui, pelo menos, todos os verões.

- Oh, bem, isso é melhor que um golpe no nariz com uma soqueira enferrujada. Disse a Sr^a. Cole com um soluço. Ela trocou os pés e Harry ficou impressionado por ver que ela estava bastante segura, embora já tivessem sido dois terços da garrafa de gim agora. Eu suponho que você gostaria de vê-lo?

- Muito, disse Dumbledore subindo.

Ela o conduziu para fora do escritório e subindo os degraus de pedra, dando instruções e advertências aos ajudantes e crianças pelos quais ela passou. Os órfãos, Harry viu, estavam todos usando o mesmo tipo de túnica cinzenta. Eles pareciam razoavelmente bem, mas não havia nenhuma dúvida que este era um lugar horrendo no qual crescer.

- Aqui estamos nós, disse a Sr^a. Cole, quando eles viraram e pararam ao lado de fora da primeira porta em um longo corredor. Ela bateu duas vezes e entrou.

- Tom? Você tem uma visita. Este é Sr. Dumberton - ou melhor, Dunderbore. Ele veio lhe falar - bem, eu o deixarei fazer isto.

Harry e os dois Dumbledores entraram no quarto, e a Sr^a. Cole fechou a porta atrás deles. Era um quarto vazio e pequeno com nada mais que um guarda roupa velho e uma cama de armar de ferro. Um menino estava sentando em cima das mantas cinzas, as pernas dele esticadas para fora e segurando um livro.

Não havia nenhum sinal de magreza na face de Tom Riddle. Merope agonizante teve seu desejo realizado: Ele era o bonito pai em miniatura, alto para onze anos, cabelos escuros e pálido. Os olhos dele estreitaram ligeiramente com o aparecimento excêntrico de Dumbledore. Houve o silêncio por um momento.

- Como você está, Tom? Disse Dumbledore, caminhando para frente e oferecendo a mão a ele.

O garoto hesitou, então levantou, eles apertaram as mãos. Dumbledore preparou a cadeira de madeira dura ao lado de Riddle, então de forma que o olhou bastante como um paciente de hospital em visita.

- Eu sou o Professor Dumbledore.

- Professor? Repetiu Riddle. Ele parecia cauteloso. É como Médico? O que está fazendo o que aqui? Ela o deixou entrar para poder me examinar.

Ele estava apontando à porta pela qual Sr^a. Cole a pouco tinha partido.

- Não, não, disse Dumbledore, sorrindo.

- Eu não acredito em você, disse Riddle. Ela quer que eu seja examinado, não quer? Fale a verdade!

Ele falou as últimas três palavras com uma força tocante, que estava quase como um trovão.

-Quem é você? -Eu já lhe disse. Meu nome é Professor Dumbledore e eu trabalho em uma escola chamada Hogwarts. Eu venho para oferecer-lhe uma vaga na minha escola - sua nova escola, se você quiser vir. A reação de Riddle foi surpreendente. Saltou da cama, para ficar longe de Dumbledore, parecia furioso. Você não conseguirá me enganar. Do Asilo, é de onde você é. Professor, sim, claro - bem, eu não vou, viu? Aquele gato velho, ele sim deveria estar no Asilo. Eu nunca fiz qualquer coisa a pequena Amy Benson ou Dennis Bishop, e você pode lhes perguntar, eles lhe falarão!

-Eu não sou do Asilo, disse Dumbledore pacientemente. Eu sou professor e se você se sentar calmamente, eu lhe falarei mais sobre Hogwarts. Claro, se você não decidir ir para a escola, ninguém lhe forçará.

- Eu gostaria de vê-los tentar, zombou Riddle. - Hogwarts, disse Dumbledore como se não tivesse ouvido as últimas palavras de Riddle, - é uma escola para pessoas com habilidades especiais - - Eu não sou louco! - Eu sei que você não está louco. Hogwarts não é uma escola para pessoas loucas. É uma escola de magia. Houve silêncio.

Riddle ficou gelado, a face inexpressiva, mas os olhos dele estavam indo de um olho para outro de Dumbledore, como se tentasse pegar um deles mentindo.

- Magia? Ele repetiu em um sussurro.

- É disse Dumbledore.

- É... É magia, o que eu posso fazer?

- O que é que você pode fazer?

- Todo tipo de coisas, Riddle respirou. Um rubor de excitação estava lhe subindo pelo pescoço e nas bochechas dele; ele olhou febrilmente. Eu posso mover arquivos sem os tocar. Eu posso fazer animais fazerem o que eu quero que eles façam, sem os treinar. Eu posso fazer coisas ruins acontecer às pessoas que me aborrecem. Eu posso lhes causar dor se eu quiser. As pernas dele estavam trêmedo. Ele tropeçou e se sentou novamente na cama e encarando as mãos dele, a cabeça curvada como que em oração.

- Eu soube que eu era diferente, ele sussurrou aos próprios dedos que tremiam. Eu soube que eu era especial. Sempre, eu soube que havia algo...

- Bem, você estava bastante certo, disse Dumbledore, já não estava sorrindo mas olhando Riddle atentemente.

- Você é um mago . Riddle ergueu a cabeça. A face dele estava transfigurada: Havia uma felicidade selvagem nisto, contudo por alguma razão não melhorou

a expressão dele; pelo contrário, as características finamente esculpidas dele pareciam mais ásperas, de alguma maneira, a expressão dele quase bestial.

- Você também é um mago?

- Sim, eu sou.

- Prove, Riddle disse imediatamente, no mesmo tom dominante que tinha usado quando ele tinha dito -Conte a verdade. Dumbledore ergueu as sobrancelhas.

- Se, eu fizer isto, você estará aceitando seu lugar em Hogwarts?

- Claro que eu vou!

- Então você me tratará como Professor ou senhor. A expressão de Riddle endureceu por um momento passageiro antes que ele dissesse, em uma irreconhecível voz cortes:

- Eu sinto muito, senhor. Eu quis dizer - por favor, Professor, você poderia mostrar para mim?

Harry tinha certeza que Dumbledore ia recusar, que ele contaria a Riddle que haveria bastante tempo para demonstrações práticas em Hogwarts, que eles estavam em um edifício cheio de trouxas e deviam ser mais cautelosos. Para a grande surpresa dele, porém, Dumbledore tirou a varinha do bolso interior da jaqueta do terno dele, apontou para o guarda roupa no canto e deu com a varinha um estalido casual. O guarda-roupa explodiu em chamas. Riddle saltou; Harry não o poderia culpar por quase uivar em choque e ira; todos seus bens mundanos deviam estar lá. Mas quando Riddle se afastou de Dumbledore, as chamas desapareceram e deixando o guarda-roupa completamente intacto. Riddle olhou do guarda roupa para Dumbledore; então, com uma expressão ávida, ele apontou à varinha.

- Onde eu posso adquirir uma dessas?

- Tudo a seu tempo, disse Dumbledore, eu penso que há algo tentando sair de seu guarda roupa .E, seguramente, uns ruídos baixos poderiam ser ouvidos de dentro dele. Pela primeira vez, Riddle olhou assustado.

- Abra a porta, disse Dumbledore. Riddle vacilou, então cruzou o quarto e abriu a porta de guarda-roupa. Na prateleira mais alta, sobre um monte de roupas puídas, estava balançando uma caixa de papelão pequena e sacudindo tanto como se houvesse vários ratos frenéticos presos dentro dela. – Tire, disse Dumbledore. Riddle tirou a caixa que trêmia.

Ele olhou nervoso. - Há qualquer coisa naquela caixa que você não deveria ter? Perguntou Dumbledore. Riddle lançou para Dumbledore um longo, claro e calculista olhar.

- Sim, eu acho que sim, senhor, ele disse finalmente, numa voz inexpressiva.

- Abra isto, disse Dumbledore. Riddle abriu a tampa e virou o conteúdo sobre a cama dele sem os olhar. Harry, que tinha esperado algo muito mais excitante, viu uma bagunça de objetos pequenos, cotidianos: um ioio, um dedal pratéado, e uma gaita manchada entre eles. Uma vez livre da caixa, eles deixaram de trêmer e ainda se deitaram nas mantas velhas.

- Você os devolverá aos donos deles com suas desculpas. Dumbledore disse calmamente, repondo a varinha na jaqueta dele. Eu saberei se foi feito. E advirto: Furto não é tolerado em Hogwarts. Riddle não parecia nem remotamente envergonhado; ele ainda estava encarando Dumbledore friamente. Afinal ele disse em uma voz inexpressiva.

- Sim, senhor.

- Em Hogwarts, disse Dumbledore, nós não só lhe ensinamos a usar magia, mas a controlar. Você tem inadvertidamente, eu estou seguro, usado seus poderes de certo modo. Isso não é nem ensinado nem tolerado em nossa escola. Você não é o primeiro, nem você será o último, a usar sua magia para ajudar você. Mas você deveria saber que Hogwarts pode expulsar os estudantes, e o Ministério de Magia - sim, há um Ministério - ainda castigará mais severamente os transgressores da lei. Todos os magos menores têm que aceitar que, entrando em nosso mundo, eles cumprem nossas leis.

- Sim, senhor, Riddle disse novamente. Era impossível saber o que ele estava pensando; a face dele permanecia bastante inexpressiva quando ele repôs, no pequeno esconderijo, os objetos roubados na caixa de papelão. Quando ele tinha terminado, virou para Dumbledore e disse maldoso:

- Eu não tenho dinheiro.

- Isso será corrigido facilmente, Dumbledore disse, tirando uma bolsa de couro com dinheiro do bolso. Há uma bolsa em Hogwarts para os que precisam de ajuda para comprar livros e uniformes. Você poderia ter que comprar algum de seu livros de feitiços e os outros de segunda mão, mas...

- Onde você compra livros de feitiços? Interrompeu Riddle que tinha guardado a bolsa de dinheiro pesada sem agradecer a Dumbledore e estava examinando um Galeão de ouro grosso agora.

- No Beco Diagonal, disse Dumbledore. Eu tenho sua lista de livros e material escolar comigo. Eu posso lhe ajudar a achar tudo.

- Você está vindo comigo? Perguntou Riddle observando.

-Certamente, se você...

-Eu não preciso de você, disse Riddle. Eu faço as coisas que eu quero, eu vou para Londres quando eu quiser. Como você chega neste beco Diagonal, senhor? Ele adicionou, captando o olhar de Dumbledore. Harry pensou que Dumbledore insistiria em acompanhar Riddle, mas mais uma vez teve uma surpresa. Dumbledore entregou a Riddle o envelope com sua lista de matérias e depois explicar exatamente como chegar do Orfanato ao Caldeirão Furado, ele disse:

-Você tem possibilidade de ser visto, devido aos trouxas que te rodeiam, as pessoas não-mágicas, mas não será. Peça para o Tom o barman - é bastante fácil de se lembrar, como ele saberá seu nome... Riddle deu um estrêmeção irritável, como se tentando espantar uma mosca.

- Você repugna o nome Tom?

- Há muito Toms, murmurou Tom. Então, como se ele não pôde suprimir a pergunta, como se tivesse estourado de sua boca, ele perguntou, Meu pai era um bruxo? Ele se chamava Tom Riddle também, me falaram. Eu estou amedrontado...

- Eu não sei, disse Dumbledore com sua voz gentil.

- Minha mãe não pode ter sido bruxa, ou ela não teria morrido, disse Riddle mais para ele mesmo do que pra Dumbledore. Deveria ter sido ele. Então, quando eu tiver todos meus materiais... Quando eu irei a esta Hogwarts? - Todos os detalhes estão no segundo pedaço de pergaminho em seu envelope, disse Dumbledore. Você partirá da Estação King's Cross no dia primeiro de setembro. Há uma passagem de trêm lá também. Riddle acenou com a cabeça. Dumbledore pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão de novo. Pegando-a Riddle disse-lhe, Eu posso falar com as cobras. Eu descobri quando nós fomos

viajar pelo país, elas me acharam, elas sussurram pra mim. Isso é normal para um bruxo?

Harry poderia jurar que ele tinha guardado a menção deste poder estranho até aquele momento, determinado a impressionar.

- É incomum, disse Dumbledore, após um momento de hesitação, mas não desconhecido. O tom dele era casual, mas os olhos dele moveram curiosamente sobre a face de Riddle. Eles ficaram durante um momento, homem e menino, encarando um ao outro. Então quando o aperto de mão foi quebrado; Dumbledore estava à porta. Adeus, Tom. Nos veremos em Hogwarts.

- Então foi assim que aconteceu, disse o Dumbledore de cabelos brancos ao lado de Harry e um segundo depois, eles estavam flutuando mais uma vez para a escuridão antes de pousar no escritório atual. Sente-se, disse Dumbledore pousando ao lado dele.

Harry obedeceu, a mente dele ainda cheia do que ele há pouco tinha visto.

- Ele acreditou nisto muito mais rápido do que eu - eu quero dizer, quando você lhe falou que ele era um bruxo, disse Harry, eu não acreditei em Hagrid de primeira quando ele me disse.

- Sim, Riddle estava perfeitamente pronto para acreditar que ele era - usando a palavra dele - 'especial,' disse Dumbledore.

- Você soube - então? Perguntou Harry.

- Se eu soube que eu tinha conhecido o bruxo das trevas mais perigoso de todos os tempos? Disse Dumbledore. Não, eu não tive nenhuma idéia que ele ao crescer seria o que ele é. Porém, eu fiquei certamente intrigado por ele. Eu voltei a Hogwarts pretendendo manter um olho nele, algo que eu deveria ter feito em todo caso, determinado que ele estava só e sem amigos, mas já que eu sentia que deveria fazer por causa de outros'. Os poderes dele, como você ouviu, foi desenvolvido surpreendentemente para um bruxo jovem e - de forma interessante e sinistra - ele já tinha descoberto que tinha alguma controle sobre eles e começado a usá-los conscientemente. Ele já estava pronto para usar magia contra outras pessoas, amedontar, castigar, controlar. As pequenas histórias do coelho estrangulado e o menino jovem e menina que ele atraiu em uma caverna eram muito sugestivas. . .

- Eu os posso machucar se eu quiser. . . 'E ele era Ofidioglota, entrevistou Harry.

- Sim, realmente; uma habilidade rara e um supostamente conectado com as Artes das trevas, embora como nós sabemos, há Ofidioglotas entre as trevas e o bem também. Na realidade, a habilidade dele para falar com serpentes não me fez tão intranquilo quanto os instintos óbvios dele para crueldade, segredo, e dominação. O tempo está nos fazendo de bobos, disse Dumbledore, indicando o céu escuro além das janelas, novamente. Mas antes de nos despedirmos, eu quero chamar sua atenção a certas características da cena que nós há pouco testemunhamos, porque elas têm um grande porte nos assuntos que nós estaremos discutindo em reuniões futuras.

- Primeiramente, eu esperei que você notasse a reação de Riddle quando eu mencionei que outro compartilhou o primeiro nome dele, 'Tom'? Harry concordou. Lá ele mostrou o desprezo dele por qualquer coisa que o prendia a outras pessoas, qualquer coisa que o fazia comum. Até mesmo, então, ele desejou ser diferente, único, notório. Ele alterou o nome dele, como você sabe, dentro de alguns poucos anos daquela conversação e criou a máscara de Lorde Voldemort' atrás do qual ele ficou muito tempo escondido. Eu confio que

você também notou que aquele Tom Riddle já era altamente independente, reservado, e, aparentemente, sem amigos? Ele não quis ajuda ou companhia na viagem dele para o Beco Diagonal. Ele preferiu ir sozinho. O adulto Voldemort é o mesmo. Você ouvirá muitos dos Comensais da Morte reivindicando que eles são de confiança dele, próximos e que o compreendem. Eles estão iludidos.

- Lorde Voldemort nunca teve um amigo, nem eu acredito que ele alguma vez quis um. E, por último - eu espero que você não tenha muito sono para prestar atenção a isto, Harry - o Tom Riddle jovem sempre gostou de colecionar troféus. Você viu a caixa de artigos roubados que ele tinha escondido no quarto dele. Estes foram levados de vítimas do comportamento perseguidor dele, recordações, de partes particularmente desagradáveis de magia. Tenha em mente esta tendência, pois isto, particularmente, será importante depois. E agora, realmente é tempo de ir para a cama. Harry seguiu os passos dele. Como ele caminhou para o outro lado da sala, os olhos dele recaíram na pequena mesa na qual o anel de Marvolo Gaunt tinha estado nos últimos tempos, mas o anel não estava mais lá.

- Sim, Harry? Disse Dumbledore para Harry que estava vindo e parou.

- Mas eu pensei que você poderia ter a gaita ou algo do tipo.

Dumbledore sorriu para ele, perscrutando no topo no hall os espetáculos da Lua.

- Muito astuto, Harry, mas a gaita era somente a gaita. E, com aquela nota enigmática, ele acenou, Harry entendeu e se despediu.

--Capítulo 14-- **Felix Felicis**

A primeira aula de Harry na manhã seguinte era Herbologia. Ele não pode falar com Rony e Hermione sobre sua aula com Dumbledore no café da manhã por medo de ser ouvido, mas ele contou para eles enquanto eles passavam pelo jardim para ir para as estufas. O vento forte do fim de semana havia parado; a mistura estranha estava de volta e eles levaram um pouco mais de tempo que o normal para achar a estufa certa.

- Nossa, bem assustador, a criança Você-Sabe-Quem, disse Rony em voz baixa, enquanto eles se posicionavam em torno do tronco retorcido de Snargaluffs que formavam o projeto desse semestre, e começavam a colocar suas luvas de proteção.

- Mas eu ainda não entendo para que Dumbledore está te mostrando tudo isso.

- Quer dizer, é muito interessante e tal, mas qual o objetivo?

- Não sei, disse Harry, colocando sua proteção de gengivas. Mas ele sempre diz que é muito importante e vai me ajudar a sobreviver.

- Eu acho fascinante, disse Hermione com determinação. Faz muita lógica saber o quanto você puder sobre Voldemort. De que outro modo você vai descobrir as suas fraquezas?

- Então, como foi a festinha de Slughorn? Harry perguntou cerradamente pelo protetor de gengiva.

- Oh, foi até legal, sério, disse Hermione, agora colocando os óculos de proteção. Quer dizer, ele se liga demais a ser famoso às vezes, e ele simplesmente bajula o McLaggen porque ele tem muitos contatos, mas ele nos deu comida muito boa e nos apresentou para Gwenog Jones.

- Gwenog Jones? Disse Rony, seus olhos se enchendo debaixo dos óculos. A Gwenog Jones? Capitã dos Holyhead Harpies?

- Isso mesmo, disse Hermione. Pessoalmente, eu a achei muito cheia de si mesma, mas...

- Muita conversa por aqui! Disse a animada Professora Sprout, acabando com a confusão e parecendo zangada. Vocês estão ficando para trás, todos já começaram, e Neville já conseguiu a sua primeira vagem!

Eles olharam em volta; bem convencidos, lá estava Neville com o lábio sangrando e alguns arranhados em seu rosto, mas agarrado a um objeto verde e feio que pulsava, aproximadamente do tamanho de uma laranja.

- Okay, Professora, vamos começar agora! Disse Rony, falando baixo, assim que ela se virou, nós devíamos ter usado o Muffliato, Harry.

- Não, não devíamos! Disse Hermione de uma vez, soando, como sempre, totalmente contra o pensamento do Príncipe Mestiço e dos seus ensinamentos,

- Ah, vamos lá... É melhor começarmos...

Ela deu aos outros dois um olhar apreensivo; todos inspiraram profundamente e se viraram para os troncos nodosos na frente deles.

Ela criou vida de uma vez só; cabos de videira longos, pontudos e espinhosos voaram do topo e saíram ricocheteando pelo ar. Uma se entrelaçou no cabelo de Hermione, e Rony acabou com ela com uma tesoura de podar; Harry obteve sucesso em prender um par de vagens e os amarrar juntos; um buraco aberto naquele emaranhado de tentáculos; Hermione enfiou seu braço nesse buraco, que fechou como uma armadilha sobre seu cotovelo; Harry e Rony puxaram e socaram as videiras, forçando o buraco a se abrir novamente, e Hermione tirou

seu braço, apertando em suas mãos uma vagem igual à de Neville. De uma vez, as videiras espinhosas voltaram para dentro, e o tronco ficou ali parado parecendo um inocente pedaço de madeira morta.

- Sabe, eu acho que não vou querer ter desses no meu jardim quando eu tiver o meu próprio lugar, disse Rony, puxando seus óculos de proteção para sua testa e limpando o suor de seu rosto.

- Me passe uma tigela, disse Hermione, segurando a vagem pulsante em seus braços; Harry entregou a tigela e ela jogou a vagem nela com certo ar de desgosto.

- Não seja medrosa, puxe-os para fora, eles são melhores quando estão frescos!

Chamou a Professora Sprout.

- De qualquer forma, disse Hermione, continuando a sua conversa interrompida como se nenhum pedaço de madeira tivesse acabado de atacá-los, Slughorn vai dar uma festa de Natal, Harry, e não tem como você fugir dele porque ele me pediu para verificar suas tardes livres, para ele ter certeza de fazer a festa em uma noite que você possa comparecer.

Harry gemeu. Enquanto isso, Rony, que tentava estourar a vagem na tigela com as duas mãos, espremendo o máximo que podia, disse com raiva, E essa é outra festa só para os favoritos do Slughorn, não é? Somente para o Clube do Slug!

- Sim, Hermione respondeu.

A vagem escapou por entre os dedos de Rony e bateu no vidro da estufa, passando por trás da cabeça da Professora Sprout e derrubando seu chapéu velho e remendado. Harry foi recapturá-la; e quando ele voltou, Hermione dizia,

- Olhe, eu não inventei o nome 'Clube do Slug'...

- 'Clube do Slug,' repetiu Rony com uma voz de zombaria típica de Malfoy. É patético. Bem, eu espero que você aproveite a sua festa. Por que você não tenta ir com McLaggen, aí Slughorn poderia fazer de vocês o Rei e a Rainha do Slug?

- É permitido levar convidados, disse Hermione, que, por alguma razão, ficara vermelha, brilhante e ardente, e eu ia pedir para que você fosse, mas se é tão patético quanto você pensa não o aborrecerei!

Harry desejou que a vagem tivesse voado mais longe, para que agora ele não estivesse sentado ali com os dois. Sem ser notado por nenhum dos dois, ele se virou para a tigela e tentou abrir a vagem do jeito mais barulhento e energético que ele conseguia imaginar, mas mesmo assim ele ainda podia ouvir cada palavra da conversa deles.

- Você ia me chamar? Perguntou Rony, com uma voz completamente diferente.

- Sim, disse Hermione com raiva. Mas você obviamente prefere que eu vá com McLaggen...

Houve uma pausa, enquanto Harry continuava tentando abrir a vagem com uma espátula.

- Não, eu não prefiro Rony disse, em uma voz muito baixa. Harry perdeu a vagem, bateu a tigela e ela se quebrou.

- Reparo, ele disse rápido, juntando os pedaços com sua varinha, e a tigela ficou inteira novamente. O estrondo, porém, pareceu ter lembrado Rony e Hermione da presença dele. Hermione parecia agitada e imediatamente começou a folhear exageradamente a sua cópia de 'Árvores Carnívoras do

Mundo' para descobrir o modo correto de fazer suco de vagem de Snargaluff; Rony, por outro lado, parecia constrangido, mas também bastante satisfeito.

- Veja isso, Harry, Hermione disse. Diz que é necessário perfurá-los com algo afiado... Harry passou a ela a vagem na tigela; ele e Rony colocaram sobre os olhos os óculos de proteção e viraram-se, mais uma vez, para o tronco.

Ele realmente se surpreendeu, pensou Harry, enquanto lutava contra um ramo espinhoso com a intenção de estrangulá-lo; ele já tivera um pressentimento que isso pudesse acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas Harry não estava certo de como se sentia sobre o assunto... Ele e Cho ficavam agora envergonhados quando trocavam olhares ou conversavam sozinhos; o que aconteceria se Rony e Hermione começassem a sair juntos? Será que a amizade do trio sobreviveria a isso?

Harry lembrou-se das semanas no terceiro ano em que eles não estavam se falando; ele não gostara nada de tentar aproximar os dois novamente. E então, o que aconteceria se isso os separasse? E se ambos se tornassem igual Gui e Fleur e ele se sentisse dolorosamente envergonhado por estar na presença deles, de modo que tivesse que se afastar?

- Legal! Gritou Rony, puxando uma segunda vagem do tronco exatamente como Hermione fizera para pegar a primeira, de forma que a tigela se encheu de vagens parecendo lombrigas verdes se contorcendo.

O resto da aula passou sem comentários sobre a festa de Slughorn. Embora Harry observasse os dois amigos mais atentemente durante os próximos dias, Rony e Hermione não pareceram diferentes, a não ser pelo fato de estarem um pouco mais educados um com o outro do que o normal. Harry supôs que teria de esperar para ver o que aconteceria sob influência da cerveja amanteigada no quarto vagamente iluminado de Slughorn na noite da festa. Todavia, enquanto isso, ele tinha preocupações mais urgentes. Katie Bell ainda estava no Hospital St. Mungus sem previsão de alta, o que significava que o promissor time da Grifinória, tão cuidadosamente treinado por Harry, era um time desfalcado.

Ele não substituiu Katie, na esperança de que ela voltasse, mas a primeira partida deles contra a Sonserina estava se aproximando e ele teve de aceitar, finalmente, que ela não voltaria a tempo de jogar. Harry não pensou que poderia fazer outro teste com todos observando. Com um sentimento depressivo de que ele tinha pouco a fazer com Quadribol, encurralou Dino Thomas após a aula de Transfiguração um dia. A maioria da classe já tinha saído, embora diversos pássaros amarelos zumbissem em torno da sala, todas criações de Hermione; ninguém tinha conseguido conjurar mais que uma pena no ar fino.

- Você ainda se interessa em ser artilheiro?

- O que? Claro, naturalmente! Dino disse excitado. Harry viu Simas Finnegan guardar seus livros na mochila, olhando desagradavelmente para eles. Uma das razões porque Harry preferia não ter que pedir a Dino para jogar era que ele conhecia Simas e Harry não gostaria que ele jogasse. Por outro lado, teve que fazer o que era melhor para a equipe, e Dino esteve na dianteira de Simas nos pênaltis.

- Bem então, você está dentro, disse Harry. Treino hoje à noite, sete horas.

- Certo, disse Dino. Beleza, Harry! Nossa, eu não posso esperar para contar para Gina! Correndo para fora da sala, deixando Harry e Simas sozinhos, um

momento incômodo que não melhorou quando um dos pássaros caiu na cabeça de Simas.

Simas não era a única pessoa que não gostou da escolha do substituto de Katie.

Havia um murmúrio no salão comunal sobre o fato que Harry tinha escolhido agora dois de seus companheiros de quarto para a equipe. Porque Harry tinha resistido a alguns cochichos muito mais maldosos do que este em sua carreira da escola, não foi incomodado particularmente, mas de qualquer forma, a pressão estava aumentando para que eles tivessem uma vitória no campeonato logo no encontro contra Sonserina. Se a Grifinória ganhasse, Harry soube que a casa inteira se esqueceria de que o tinham criticado e iriam jurar que sempre souberam que era um grande capitão. Se perdessem...

Bem, Harry pensou vagamente, ele tinha resistido ainda a umas fofocas mais maldosas... Harry não teve nenhuma razão para lamentar sua escolha uma vez que viu Dino à noite; ele jogou muito bem com Gina e Demelza. Os batedores, Peakes e Coote, começavam a ficar melhor a cada hora. O único problema era Rony. Harry sabia, ao longo do ano, que Rony era um jogador inconsistente que sofria dos nervos e de uma falta da confiança, e infelizmente, isso apareceu no jogo da abertura da estação que trouxe para fora todas suas velhas inseguranças. Após deixar passar uma dúzia de gols, a maioria deles marcados por Gina, sua técnica tornou-se mais selvagem e mais selvagem, até que finalmente acertou o nariz de Demelza.

- Foi um acidente, sinto muito, Demelza, realmente sinto! Rony desceu ziguezagueando atrás dela para o chão, gotejando o sangue em toda parte. Eu apenas...

- Se apavorou. Disse Gina irritadamente, pousando ao lado de Demelza e examinando sua boca. Você é burro, Rony, olha o estado dela!

- Eu posso arrumar isso, disse Harry, pousando ao lado das duas meninas, apontando sua varinha para a boca de Demelza, e dizendo 'Episkey'. E Gina, não chame Rony de burro, você não é o capitão desta equipe...

- Bem, você me pareceu um pouco ocupado para chamar Rony de burro e eu pensei quem alguém deveria...

Harry forçou-se a não rir. - No ar, todos...

No geral, esse foi um dos piores treinos que eles haviam tido no semestre, embora Harry não sentisse que a honestidade era a melhor política quando eles estavam tão perto do jogo. Trabalho bom, todos. Eu acho que nós vamos esmagar a Sonserina disse incentivando-os, e os artilheiros e os batedores deixaram o vestiário razoavelmente felizes consigo mesmos.

- Eu joguei como um saco de esterco de dragão, disse Rony em uma voz roca quando a porta tinha balançado e fechado atrás de Gina.

- Não... Você não jogou, disse Harry firmemente. Você é o melhor goleiro que eu testei, seu único problema é que você fica nervoso. Ele prosseguiu num implacável fluxo de incentivo todo o caminho de volta para o castelo, e quando eles alcançaram o segundo andar, Rony estava olhando mais alegre. Quando Harry empurrou a tapeçaria para fazer seu usual caminho mais curto para a Torre da Grifinória, entretanto, encontraram-se olhando para Dino e Gina, que estavam travados em um abraço apertado e beijando-se ferozmente como se estivessem colados. Era como se algo grande e escamoso estourasse no estômago de Harry, agarrando-se em seus interiores: o sangue quente pareceu inundar seu cérebro, de modo que todo o pensamento fosse extinto, substituído

por um impulso selvagem de transformar Dino em uma geléia. Lutando com esta loucura repentina, ouviu a voz de Rony como se viesse de muito longe.

- Olá! Dino e Gina se distanciaram e olharam ao redor.

- Que? Gina disse.

- Eu não quero encontrar minha própria irmã beijando pessoas em público!

- Este era um corredor deserto até você chegar! Gina disse. Dino estava olhando constrangido. Deu a Harry um sorriso forçado que Harry não retornou, porque o monstro recém-nascido dentro dele estava rugindo para a demissão imediata de Dino da equipe.

- Você vai! Gina disse. Eu quero dar uma palavrinha com meu caro irmão! Dino saiu, olhando como se não fosse bom sair de cena.

- Certo, disse Gina, lançando seu cabelo vermelho longo fora de sua cara e fitando Rony, Vamos conversar direito uma vez por todas. Não é da sua conta se eu saio ou o que eu faço com eles, Rony...

- É sim! Rony disse, soando irritado. Você pensa que eu não ouço os outros falando da minha irmã?

- Que? Gina gritou, tirando sua varinha. O que, exatamente?

- Não é nada, Gina - disse Harry automaticamente, embora o monstro rugisse sua aprovação às palavras de Rony.

- É sim! Disse, alargando-se em cima de Harry. Apenas porque você nunca beijou nenhuma garota em sua vida, apenas porque o melhor beijo que você recebeu foi de nossa Tia Muriel...

- Cala a boca! Rony gritou, seu rosto mudando do normal para o vermelho rapidamente.

- Não... Não calo! Gina gritou, ao lado dele. Eu o vejo com a Fleur, esperando ela beijá-lo no rosto cada vez que você a vê, você é patético!

- Se você saísse e começasse a namorar um pouco como eu, você não se ocuparia tanto em me vigiar!

Rony tinha retirado sua varinha também; Harry se postou rapidamente entre eles.

- Você não sabe o que está falando! Rony rugiu, tentando acertar Gina atrás de Harry, que estava agora na frente dela com seus braços abertos.

- Apenas porque eu não o faço em público!

Gina deu uma grande gargalhada, tentando empurrar Harry para longe. - Você tem beijado Píchi, tem? Ou talvez tenha beijado num retrato de Tia Muriel?

- Você... Um raio de luz alaranjada voou sob o braço esquerdo de Harry e não acertou Gina por centímetros; Harry empurrou Rony de encontro à parede.

- Não seja estúpida...

- Harry beijou Cho Chang! Gina gritou, soando atordoada. E Hermione beijou Victor Krum, você é o que age como se fosse algo para se repugnar, Rony, e isso é porque você tem tanta experiência quanto uma garotinha de doze anos! E com esta frase, se afastou.

Harry olhou rapidamente para Rony; seu o olhar era assassino. Ambos permaneceram lá, respirando pesadamente, até a Madame Nor-ra, a gata de Filch, aparecer em um canto, quebrando a tensão.

- Vamos, disse Harry, porque o som dos pés de Filch alcançou suas orelhas.

Apressaram-se escadas acima e ao longo de um corredor do sétimo andar.

- Ha! Rony grunhiu para que uma aluna pequena saltasse para o lado e deixasse cair um frasco de ovas de sapo. Harry ouviu de longe o som de quebrar o vidro; sentiu-se desorientado, atordoado; como se tivesse sido

golpeado. É só porque é irmã de Rony, ele pensou. Você apenas não gostou de vê-la beijando alguém porque é irmã de Rony... Mas escondida em sua mente veio uma imagem daquele mesmo corredor deserto com ele beijando Gina ao invés de Dino... O mostro em seu estômago ronronou... Mas então viu que se Rony os visse e apontasse sua varinha para Harry, eles talvez deixassem de ser amigos... Eu achava que você era meu amigo...

- Você pensa que Hermione ficou com Krum?

- Krum? Rony parou abruptamente, porque se aproximaram da Mulher Gorda. Harry se sentiu culpado e trancou sua imaginação para um corredor deserto onde não haveria Rony, em que ele e Gina estavam completamente sozinhos...

- Que? Disse confuso. Oh... É... A resposta honesta era sim, mas não quis dá-la. Entretanto, Rony pareceu se satisfazer com a resposta do olhar de Harry.

- Massa de Grãos, disse friamente à Mulher Gorda, entraram através do buraco do retrato para a Sala Comunal.

Nenhuns deles mencionou Gina ou Hermione outra vez; se deitaram na cama em silêncio, cada um absorto em seus próprios pensamentos.

Harry permaneceu acordado por muito tempo, olhando acima no dossel de sua cama e tentando convencer-se que seus sentimentos por Gina eram inteiramente de amizade. Eles tinham vivido como irmão e irmã todo o verão, jogando Quadribol, irritando o Rony e rindo sobre Fleur. Ele conhecia Gina há anos agora... Era natural se sentir protetor... Natural que queira olhar para ela... Que queira bater no membro do time que a beijava... Não... Teria que se controlar... Rony deu um ronco alto. É a irmã do Rony, Harry disse a si mesmo firmemente. Irmã de Rony. Ele não arriscaria sua amizade com Rony por coisa alguma.

Procurou se deitar de uma forma mais confortável e esperou o sono vir, tentando ao máximo impedir que seus pensamentos fossem para perto de Gina.

Harry acordou na manhã seguinte sentindo-se entorpecido e aturdido por uma série dos sonhos em que Rony o perseguia com um bastão de Quadribol, mas pelo meio-dia ele trocou o Rony de seus sonhos pelo Rony de verdade, que estava mal humorado não somente por causa de Gina e seu namorado, mas também indiferente e confuso em relação a Hermione. Além do mais, Rony pareceu ter-se tornado, de noite, tão sensível e pronto para chicotear como um Explosivin.

Harry gastou o dia tentando manter a paz entre Rony e Hermione sem nenhum sucesso; finalmente, Hermione partiu para a cama no andar de cima, e Rony foi para os dormitórios após se irritar com os diversos alunos do primeiro ano que ficavam parando para olhá-lo. Ao desânimo de Harry, o novo perfil agressivo de Rony não se desgastou. Isso coincidiu com um mergulho mais profundo e uniforme em suas habilidades, que o fizeram ainda mais agressivo, de modo que durante a prática final de Quadribol antes do jogo de sábado, ele não pegou um único gol que os artilheiros marcaram, mas gritou para todos, deixando Demelza Robins aos prantos. Você some e me deixa sozinho! Peakes gritou, a uma altura de aproximadamente dois terços da de Rony, carregando um bastão pesado.

- Chega!

Harry gritou, pois tinha visto Gina girando no sentido de Rony e, recordando sua reputação como jogadora do Bastão-Bogey, correu para intervir antes que as coisas saíssem do controle.

- Peakes, vá e pegue os Balaços. Demelza, você jogou realmente bem hoje, Rony...

Esperou até que o restante da equipe estivesse fora do alcance antes de dizer...

- Você é meu melhor goleiro, mas se continuar a tratar mal o time, eu estou pensando em tirá-lo da equipe. Harry pensou por um momento que Rony iria batê-lo nele, mas então algo muito pior aconteceu: Rony pareceu desistir de toda, de todo o trabalho e disse, Eu desisto. Eu sou patético.

- Você não é patético, e você não está se concentrando, vai desistir! Harry disse ferozmente, segurando Rony pela parte da frente de suas vestes. Você pode segurar qualquer gol quando está confiante, são as suas emoções que você tem que controlar.

- Você acha que tenho problema mental. É, talvez eu seja um demente!

Eles se encararam por um momento, então Rony agitou sua cabeça cansadamente.

- Eu sei que você não tem tempo para encontrar um outro goleiro, eu irei jogar amanhã. Mas se nós perdemos, e nós vamos perder, eu estarei fora da equipe. Nada que Harry disse fez alguma diferença. Ele tentou de todas as maneiras aumentar a confiança de Rony durante o jantar, mas ele estava muito ocupado sendo sarcástico e rude com Hermione para notar.

Harry persistiu da mesma maneira na sala comunal, mas a afirmação dele que o time inteiro ficaria devastado se Rony saísse foi minada, um pouco, pelo fato do resto do time estar sentando em um canto distante, murmurando claramente contra Rony e lhe lançando olhares atravessados.

Finalmente, Harry tentou ficar bravo novamente na esperança de provocar em Rony um desafio, esperando que fosse uma atitude salvadora, mas esta estratégia não pareceu funcionar mais que o encorajamento; Rony foi para cama tão abatido e desesperado como sempre. Harry permaneceu acordado durante um longo tempo na escuridão. Ele não queria perder a partida de estreia; não só por ser a primeira dele como Capitão, mas porque ele estava determinado a derrotar Draco Malfoy no quadribol, já que ele ainda não pôde provar suas suspeitas sobre ele.

Se Rony jogasse como ele tinha feito nos últimos treinos, as chances deles de ganharem eram muito poucas... Se houvesse algo que ele pudesse fazer para Rony se concentrar... Fazer com que ele jogasse com o melhor de sua forma... Algo que assegurasse que Rony teria um dia realmente bom... E a resposta chegou a Harry em um golpe súbito e glorioso de inspiração.

O café da manhã estava mais movimentado que o normal na manhã seguinte; os Sonserinos assobiavam e gritavam ruidosamente enquanto cada membro do time da Grifinória entrava no Salão Principal. Harry olhou para o teto e viu um céu azul claro, pálido: um bom presságio.

A mesa de Grifinória, uma massa sólida de vermelho e dourado, se alegrou quando Harry e Rony se aproximaram. Harry sorriu e acenou; Rony deu um sorriso fraco e balançou a cabeça.

- Se anime, Rony! Chamou Lilá. Eu sei que você será brilhante! Rony a ignorou - Chá? Harry lhe perguntou. Café? Suco de abóbora?

- Qualquer coisa, Rony disse sem entusiasmo, dando uma mordida mal-humorada na torrada. Alguns minutos depois, Hermione, que tinha ficado tão cansada do recente comportamento desagradável de Rony que não tinha vindo para o café da manhã com eles, parou ao deles na mesa.

- Como vocês estão se sentindo? Ela perguntou, os olhos fixos na nuca de Rony.
- Bem, Harry disse enquanto se concentrava em dar a Rony um copo de suco de abóbora. Aqui está, Rony. Beba. Rony tinha levado copo aos lábios dele quando Hermione disse nitidamente.
- Não beba isso, Rony!
- Harry e Rony olharam para ela.
- Por que não? Disse Rony. Hermione agora estava encarando Harry como se ela não pudesse acreditar nos próprios olhos.
- Você colocou algo naquela bebida.
- Desculpe? Disse Harry.
- Você me ouviu. Eu vi. Você colocou algo na bebida de Rony. Você ainda está com a garrafa na sua mão direita!
- Eu não sei do que você está falando, Harry disse, guardando a pequena garrafa rapidamente no bolso.
- Rony, eu te aconselho, não beba isto! Hermione disse novamente, mas Rony apanhou o copo, tomou um gole e disse, Pare de mandar em mim, Hermione. Ela o olhou escandalizada. Se abaixando de forma que só Harry poderia ouvir, ela disse, Você poderia ser expulso por isso. Eu nunca creditaria isso a você, Harry!
- Olhe quem está falando, ele sussurrou de volta. Tem confundido alguém ultimamente? Ela foi para longe deles na mesa. Harry a viu ir sem pesar. Hermione nunca, realmente, tinha compreendido o quão sério um jogo de Quadribol era. Então, ele deu uma olhada para Rony que estava estalando os lábios. Quase na hora disse jovialmente. A grama gelada amassou sob os pés deles quando foram para o campo.
- Que sorte. O clima estar bom, né? Harry perguntou para Rony. Sim, Rony disse, pálido e com uma aparência doentia. Gina e Demelza já estavam com seus uniformes de Quadribol e esperando no vestiário.
- Condições ideais, disse Gina, ignorando Rony. E adivinha? Vaisey, aquele artilheiro da Sonserina, - ele levou um balaço na cabeça ontem durante o treino e está muito dolorido para poder jogar! E o melhor é que Malfoy está doente também!
- O que? Disse Harry, girando para a encarar. Ele está doente? O que há de errado com ele?
- Não faço idéia, mas é ótimo para nós, disse Gina alegre. Harper está jogando no lugar dele; ele está no mesmo ano que eu e é um idiota. Harry sorriu vagamente, mas quando ele puxou as vestes escarlatés dele, sua mente estava bem longe do quadribol. Malfoy uma vez disse que não poderia jogar devido a um ferimento, mas naquela ocasião tinha tido certeza que a partida inteira foi marcada para uma data mais que conveniente para a Sonserina. Por que agora ele estava satisfeito em ser substituído? Ele estava realmente doente, ou ele estava fingindo?
- Suspeito, não é? Ele disse a Rony. Malfoy não jogar?
- Sorte, eu chamo isto, Rony disse, parecendo ligeiramente mais animado. E com Vaisey fora também, ele é o melhor artilheiro do time deles, eu não imaginei...
- Hei! Ele disse, de repente, e parou a meio caminho de colocar as luvas de goleiro e encarar Harry.
- O que?

- Eu... Você... Rony tinha perdido a voz, parecia assustado e excitado. Minha bebida... Meu suco de abóbora... Você não colocou...? Harry ergueu as sobrancelhas dele, mas não disse nada, exceto, Nós estaremos começando em, aproximadamente, cinco minutos, é melhor você calçar suas botas.

Eles caminharam para fora sob o barulho de rugidos tumultuosos e vaias. Um lado do estádio era totalmente vermelho e dourado; o outro, um mar de verde e pratéado. Muitos alunos da Lufa-Lufa e da Corvinal tinham ido ver a partida também. Entre todos gritando e batendo palmas, o rugido do famoso chapéu de leão de Luna Lovegood podia ser ouvido distintamente. Harry alcançou Madame Hooch, a árbitra que estava pronta para lançar as bolas da caixa.

- Capitães dêem um aperto de mão, ela disse e Harry teve sua mão esmagada pelo novo Capitão da Sonserina, Urquhart. Montem em suas vassouras. Quando eu apitar... Três... Dois... Um... O apito soou, Harry e os outros impulsionaram no solo duro e congelado e eles voaram. Harry planou ao redor do perímetro do campo, olhando a procura do pomo de ouro e mantendo um olho em Harper, que estava zigue-zagueando logo abaixo dele. Então, uma voz diferente da do comentarista habitual, começou. Bem, lá vão eles e eu acho que nós todos fomos surpreendidos ao ver o time que Potter reuniu este ano. Muitos pensaram, devido ao desempenho horroroso de Ronald Weasley como goleiro ano passado, que ele seria retirado do time, mas claro que uma amizade pessoal íntima com o Capitão ajuda... Estas palavras foram saudadas com zombarias e aplausos no fim pelos sonserinos. Harry deu uma volta com sua vassoura para olhar para o pódio do comentarista. Um visitante loiro aguçado com um nariz virado para cima estava lá, falando no megafone mágico que tinha uma vez sido de Lino Jordan; Harry o reconheceu, Zacharias Smith, um jogador de Lufa-Lufa de quem ele desgostava.

- Oh, e aqui vem a primeira tentativa da Sonserina de fazer um gol, é Urquhart que lidera o lance e...

O estômago de Harry revirou.

-Weasley defendeu, bem, algumas vezes a pessoa tem sorte, eu suponho...

- Pode ter certeza, Smith, ele tem, Harry murmurou, sorrindo, mergulhando entre os artilheiros procurando em volta por alguma aparição do pomo de ouro. Com uma hora do jogo, Grifinória estava na frente com sessenta pontos a zero, Rony tinha feito algumas defesas verdadeiramente espetaculares, algumas com a ponta das luvas dele, e Gina tinha marcado quatro dos seis gols da Grifinória. Zacharias tinha parado de dizer em voz alta que o dois Weasleys só estavam no time porque Harry gostava deles, e começou a falar de Peakes e Coote. Bem, Coote não é realmente a escolha habitual para um batêdor, Zacharias disse orgulhoso, Eles normalmente são mais musculosos...

- Rebata um balaço nele! Harry disse para Coote quando ele passou zunindo, mas Coote sorriu amplamente e escolheu apontar o próximo balaço para Harper, que estava passando por Harry na direção oposta. Harry ficou feliz ao ouvir o barulho que significava que o balaço tinha encontrado seu alvo. Parecia que a Grifinória não faria nada errado. Eles marcaram de novo e de novo, e de novo e de novo, ao fim de outro lance, Rony defendeu os gols com aparente facilidade.

Ele estava realmente sorrindo agora, e quando a multidão saudou uma defesa particularmente boa, o bom e velho Weasley é Nosso Rei soou, e Rony tentou gritar do alto.

- Ele acha que hoje ele é alguém especial, não é? Disse uma voz maliciosa, e Harry quase caiu da vassoura quando Harper colidiu dura e deliberadamente com ele. Seu traidor do próprio sangue... Madame Hooch estava virada e, embora os torcedores da Grinfória gritassem de raiva, até que ela desse uma olhada, Harper já estava longe.

Com o ombro doendo, Harry voou atrás dele, determinado a acertá-lo por trás...

- E eu acho que Harper da Sonserina viu o pomo! Disse Zacharias Smith pelo seu megafone. Sim, ele viu algo que Potter não viu, certamente! Smith realmente era um idiota, pensou Harry, ele não os tinha visto colidir? Mas no momento seguinte, o estômago dele despencou - Smith tinha razão e Harry estava errado: Harper não estava voando para cima ao acaso, ele tinha visto o que Harry não viu: O pomo estava acelerando no alto sobre eles, refletindo contra o céu azul claro. Harry acelerou; o vento assobiando nas suas orelhas de forma que isso abafou todo o som dos comentários de Smith ou a multidão, mas Harper ainda estava à frente dele, e a Grifinória estava só cem pontos na frente; se Harper chegasse lá primeiro a Grifinória perderia... E agora Harper estava próximo disto, a mão dele estendida...

- Oi, Harper! Harry gritou em desespero. Quanto Malfoy pagou para você vir em vez dele? Ele não soube o que o fez dizer isso, mas Harper reduziu; ele apalpou o pomo e o deixou deslizar pelos dedos. Harry se esticou para a minúscula e trêmula bola e a pegou.

- Sim! Harry gritou. Dando voltas, ele retornou ao solo, o pomo seguro alto na mão dele. Quando a multidão percebeu o que tinha acontecido, deram um grito tão alto que foi quase impossível ouvir o apito final.

- Gina, aonde você vai? Gritou Harry, que tinha pousado no meio do campo para encontrar com o resto do time, mas Gina voou para além deles até que, com um estrondo alto, ela colidiu com o pódio de comentaristas. A multidão gritou e riu, o time de Grinfória atérrissou ao lado dos destroços de madeira debaixo do qual Zacharias estava se mexendo. Harry ouviu Gina dizendo a uma Professora McGonagall enfurecida.

- Esqueci de frear, Professora, desculpe.

Rindo, Harry se livrou do resto do time e abraçou Gina, mas a largou bem depressa. Evitando o olhar dela, ele cumprimentou Rony com tapinhas nas costas, toda a inimizade esquecida, o time da Grinfória andando lado a lado e acenando para os torcedores. A atmosfera no vestiário era incrível. Festa no Salão Comunal! Disse Simas. Dino gritou exuberante. Venha, Gina, Demelza! Rony e Harry foram os últimos a deixar o vestiário. Eles estavam saindo quando Hermione entrou. Ela estava torcendo o cachecol da Grinfória nas mãos e parecia chatéada, mas determinada.

- Eu quero dar uma palavra com você, Harry. Ela respirou fundo.

- Você não deveria ter feito isto. Você ouviu Slughorn, é ilegal.

- O que você vai fazer? Nos entregar? Exigiu Rony. Do que é você dois estão falando afinal? Perguntou Harry, se virando para retirar o uniforme de modo que nenhum dos dois o visse sorrindo.

- Você sabe perfeitamente bem sobre o que nós estamos falando! Disse Hermione estridentemente. Você colocou a poção da sorte no suco de Rony no café da manhã!

- Felix Felicis!

- Não, eu não coloquei, Harry disse, virando para ficar de frente para eles.

- Sim, você colocou Harry, e é por isso que tudo deu certo, faltaram jogadores da Sonserina e Rony defendeu tudo!

- Eu não coloquei! Disse Harry sorrindo amplamente. Ele enfiou a mão dentro do bolso de jaqueta e tirou a garrafa minúscula que Hermione tinha visto na mão dele de manhã. Estava cheia da poção dourada e a cortiça ainda estava lacrada firmemente com cera. Eu queria que Rony pensasse que eu tinha feito isto, assim eu fingi quando eu soube que você estava olhando. Ele olhou Rony.

- Você defendeu tudo porque você se sentia afortunado. Você fez tudo por você. Ele guardou a poção novamente.

- Realmente, não havia nada no suco de abóbora? Rony disse, surpreendido. Mas o bom tempo... E Vaisey não poder jogar... Honestamente, eu não tomei nada da poção da sorte? Harry balançou a cabeça, negando. Rony abriu a boca por um momento, então virou para Hermione e imitou a voz dela.

- 'Você colocou Felix Felicis esta manhã no suco de Rony e é por isso ele defendeu tudo!' Veja! Eu posso defender gols sem ajuda, Hermione!

- Eu nunca disse que você não podia Rony, você também pensou que ele tinha colocado a poção! Mas Rony já tinha aberto a porta e saído com a vassoura em cima do ombro dele.

- Er, Harry disse no súbito silêncio; ele não esperava que o plano dele terminasse assim, Vamos para a festa, então?

- Vai você! Disse Hermione, pestanejando por entre lágrimas. Eu estou cansada do Rony, no momento, eu não sei o que é que eu fiz... E ela também saiu tempestuosamente para fora do vestiário. Harry caminhou lentamente através dos terrenos do castelo pela multidão, muitos dos quais gritaram parabéns a ele, mas ele sentia uma grande sensação de vazio; ele estava seguro que se Rony ganhasse a partida, ele e Hermione seriam novamente amigos. Ele não viu como poderia explicar a Hermione que o que ela tinha feito para ofender Rony, possivelmente era o beijo em Victor Krum, mesmo que a ofensa tenha acontecido há tanto tempo.

Harry não viu Hermione na festa de comemoração da Grinfória que estava no auge quando ele chegou. Alegrias renovadas e palmas saudaram o aparecimento dele, ele foi logo cercado por uma turma de pessoas que o felicitavam. Apesar de evitar os irmãos Creevey que quiseram uma análise da partida minuto a minuto e um grupo grande de meninas que o cercaram e riam dos comentários mais estúpidos dele e piscavam, passou algum tempo antes que ele pudesse tentar achar Rony.

Afinal, ele se desembaraçou de Romilda Vance que estava dando indiretas que gostaria de ir a festa de Natal de Slughorn com ele. Quando ele estava indo para a mesa de bebidas, ele se dirigiu diretamente para Gina que estava com Arnold, o Anão Felpudo, no ombro dela e Bichento miando esperançosamente aos seus pés.

- Procurando Rony? Ela perguntou e sorriu maliciosamente. Ele está ali, o hipócrita imundo.

Harry olhou para canto no qual ela estava indicando. Lá, para completa visão da sala comunal, Rony estava abraçado tão próximo a Lilá Brown que era difícil saber que mão era de quem.

- Parece que ele está comendo o rosto dela, não é? Disse Gina sem emoção. Mas eu imagino que ele deva conseguir melhorar a técnica de alguma maneira. Ótimo jogo, Harry. Ela bateu levemente no braço dele; Harry sentiu o estômago afundando, entretanto, ela caminhou para se servir de mais cerveja

amanteigada. Bichento trotou atrás dela, os olhos amarelos dele fixos em Arnold. Harry foi para longe de Rony que não viu que ele estava perto, ao mesmo tempo em que o buraco do retrato estava se fechando.

Com uma sensação de pesar, ele pensou ter visto uma juba de cabelo castanho antes que quadro se fechasse. Ele foi adiante, evitando Romilda Vance novamente e empurrou o retrato da Mulher Gorda. O corredor do lado de fora parecia vazio.

- Hermione? Ele a achou na primeira sala de aula destrancada que ele tentou. Ela estava sentada na escrivaninha do professor, sozinha com exceção de um círculo pequeno de pássaros amarelos que cantavam em volta da cabeça dela que ela tinha claramente acabado de conjurar. Harry não pôde deixar de admirar o trabalho do feitiço dela. Oh, oi, Harry, ela disse em uma voz frágil. Eu só estava praticando.

- Sim... Eles são - er - realmente bons... Disse Harry. Ele não tinha nenhuma idéia do que dizer a ela. Ele estava desejando saber se havia alguma chance dela não ter notado Rony e ter deixado a sala somente porque a festa estava um pouco desordeira, quando ela disse, em um voz incomum.

- Rony parece estar desfrutando das comemorações.

- Er... Ele estava? Disse Harry.

- Não finja que você não o viu, Hermione disse. Ele não estava escondendo exatamente, não é?

A porta atrás deles se abriu com estrondo. Para o horror de Harry, Rony entrou rindo, puxando Lilá pela mão.

- Oh, ele disse e estreitando os olhos à vista de Harry e Hermione. Ops! Disse Lilá e se retirou da sala dando risada. A porta se fechou com um estrondo atrás dela. Houve um horrível, denso e constrangedor silêncio. Hermione estava encarando Rony que se recusou a olhar, mas disse com uma mistura estranha de desafio e falta de jeito.

- Oi, Harry! Queria saber onde você estava!

Hermione saiu de trás da escrivaninha. Os pequenos pássaros dourados continuavam cantando em círculos ao redor da cabeça dela de forma que ela se parecia um modelo estranho e plumoso do sistema solar.

- Você não deveria deixar Lilá esperando, ela disse em voz baixa. Ela vai querer saber onde você foi.

Ela caminhou lentamente até a porta. Olhou de Harry para Rony, que estava aliviado que nada pior tivesse acontecido.

- Oppugno! Veio um grito agudo da porta. Harry girou para ver Hermione que apontava a varinha dela para Rony, a expressão selvagem: os pequenos pássaros estavam se acelerando como balas douradas gordas na direção de Rony, que gemeu e cobriu o rosto com as mãos, mas os pássaros atacaram, bicaram e arranharam cada pedaço de carne que eles acharam.

- Gerremoffme! Ele gritou, mas com um último olhar de ódio vingativo, Hermione abriu porta furiosamente e desapareceu por ela. Harry pensou ter ouvido um soluço antes de a porta batêr.

--Capítulo 15-- **O Voto Inquebrável**

A neve estava caindo mais uma vez contra as janelas frias; o natal estava se aproximando rapidamente. Hagrid já havia providenciado as doze usuais árvores de natal para o Saguão de Entrada; guirlandas de visco (azevinho) e fitas tinham sido trançadas ao redor dos corrimãos dos degraus; velas de chama eterna ardiam dentro dos capacetes das armaduras e grandes ramos de visco tinham sido pendurados em intervalos ao longo dos corredores. Grupos numerosos de meninas tendiam a convergir debaixo dos ramos de visco toda vez que Harry passava, o que causava bloqueios nos corredores; sua sorte, porém, era que os freqüentes passeios noturnos de Harry tinham lhe dado um extraordinário conhecimento das passagens secretas do castelo, de forma que ele, sem muita dificuldade, andava por rotas livres de visco entre as aulas.

Rony, que não via necessidade destes desvios por ciúmes em lugar de alegria, simplesmente reagiu com risadas. Mesmo assim, Harry preferiu este riso, era melhor ter o Rony engraçado do que o modelo mal-humorado e agressivo que Harry vinha suportando durante as últimas semanas; Rony melhorava, mas a um alto preço.

Primeiramente, Harry teve que agüentar a presença freqüente de Lilá Brown, que parecia considerar qualquer momento que não estivesse beijando Rony como desperdiçado; e depois, Harry se achou o melhor amigo de duas pessoas que pareciam que improvavelmente falariam novamente um ao outro.

Rony, cujo antebraço ainda tinha arranhões e cortes do ataque do pássaro de Hermione, estava com um tom defensivo e ressentido.

- Ela não pode reclamar, falou para Harry. Ela beija Krum. Ela acha que eu não beijo ninguém também. Bem, é um país livre. Eu não fiz nada de errado.

Harry não respondeu, mas fingiu estar absorvido no livro que supostamente teria que ler para a aula de Feitiços da manhã seguinte (o Quinto Elemento: Uma descoberta). Estava determinado a permanecer amigo de Rony e Hermione, por isso estava passando muito tempo com a boca bem fechada.

- Eu nunca prometi nada para Hermione, Rony resmungou. Quero dizer... Certo, eu ia com ela para a festa de Natal de Slughorn, mas ela nunca disse... Apenas amigos... Eu sou uma pessoa livre...

Harry virou uma página do Quinto Elemento atênto, ainda ouvindo Rony. A voz dele arrastava-se como murmúrios, entretanto, pouco audível, abafada pela crepitação alta do fogo, Harry pescou as palavras Krum e não pode reclamar novamente.

O horário de Hermione estava tão cheio que Harry só podia falar direito com ela pela noite. Rony estava, em todo caso, firmemente distraído com Lilá, que não notou o que Harry estava fazendo. Hermione se recusou a sentar na sala comunal enquanto Rony estava lá, Assim Harry geralmente se unia a ela na biblioteca em conversas sussurradas.

- Ele é perfeitamente livre para beijar quem ele gosta, disse Hermione, enquanto a bibliotecária, Senhora Pince, rondou as estantes atrás deles. Eu realmente não me importo mais.

Ela elevou a pena dela e pontilhou um 'i' tão ferozmente que perfurou um buraco no pergaminho. Harry não disse nada. Ele pensou que a voz dele seria

desnecessária. Ele se curvou um pouco sobre o Fabricação Avançada de Poções e continuou fazendo notas em Elixir Perpétuos, enquanto pausava para decifrar as úteis dicas do príncipe, sendo auxiliado pelo texto de Libatius Borage, ocasionalmente.

- E aproveitando, disse Hermione, depois de alguns momentos, você precisa ter cuidado.

- Pela última vez, disse Harry, falando em um tom ligeiramente rouco após três quartos de hora de silêncio, eu não vou devolver este livro. Eu aprendi mais com o príncipe mestiço do que Snape ou Slughorn me ensinariam...

- Eu não estou falando sobre seu príncipe estúpido, disse Hermione, dando para o livro um olhar sórdido como se ele tivesse sido rude com a ela. Estou falando sobre hoje cedo. Entrei no banheiro das meninas, logo antes de vir pra cá e lá havia uma dúzia de meninas, inclusive Romilda Vance, tentando decidir como utilizar em você um filtro amoroso. Tudo que elas estão esperando conseguir é que você as leve à festa de Slughorn, e elas parecem ter comprado de Fred e George poções do amor, eu tenho medo de que ela realmente funcione...

- Por que você não as confiscou então? Harry exigiu, parecia extraordinário que a mania de Hermione em apoiar as regras a abandonasse nesta situação.

- Elas não estavam com as poções no banheiro, disse Hermione desdenhosa. Elas estavam discutindo táticas. Como eu duvido, o príncipe mestiço - e ela deu para o livro outro olhar desdenhoso - poderia inventar um antídoto imediatamente para uma dúzia de filtros amorosos diferentes. Assim, eu convidaria alguém para ir com você, isso pararia todas que estão pensando que ainda tem uma chance.

- Amanhã a noite, elas estarão desesperadas.

- Não há ninguém que eu queira convidar, resmungou Harry, que estava tentando não pensar em Gina por mais que ela pudesse ajudar, apesar do fato de ela continuar semeando os sonhos de Harry, de modo que ele se sentia aliviadamente grato que Rony não pudesse executar Legilimência.

- Bem, só tenha cuidado com o que você bebe, porque Romilda Vance vai tentar executar seu plano, disse Hermione severamente.

Ela se debruçou em cima do rolo longo de pergaminho, no qual estava escrevendo seu rascunho de Aritmancia, e continuou arranhando com sua pena. Harry a assistia com a mente bem longe dali.

- Espere um momento, ele disse lentamente. Eu pensei que Filch tinha proibido qualquer coisa comprada dos Artigos de Feitiçaria Weasley?

- E quando qualquer um se importou com o que Filch proíbe? Hermione perguntou, ainda concentrada na composição dela.

- Mas eu pensei que todas as corujas eram rastreadas. Assim como estas garotas puderam trazer filtros amorosos à escola?

- Fred e George os enviam disfarçados como perfumes e poções de tosse, disse Hermione. Faz parte do serviço de entrega por Corujas deles.

- Você sabe muito sobre isto.

Hermione lhe deu o olhar sórdido que tinha dado há pouco para o livro de Fabricação Avançada de Poções.

- Estava tudo na parte de trás das garrafas que eles e Gina me mostraram no verão, ela disse friamente, eu não passo pondo poções nas bebidas de pessoas... Ou pretendendo, o que é ruim da mesma maneira...

- Sim, bem, não importa, disse o Harry depressa. O ponto é, Filch está sendo enganado, não? Estas meninas estão trazendo materiais proibidos a escola, disfarçados como qualquer outra coisa! Assim por que Malfoy não poderia ter trazido o colar?

- Oh, Harry... De novo não...

- Vamos... Por que não? Harry exigiu.

- Olhe, suspirou Hermione, Sensores de Segredo descobrem amuletos de má sorte, maldições, e encantamentos, não é? Eles são usados para achar magia negra e seus objetos. Eles teriam apanhado uma maldição poderosa, como a do colar, em segundos. Mas algo que é posto em garrafa errada não, de qualquer maneira filtros amorosos não são nenhuma magia negra perigosa...

- Fácil para você, dizer isso murmurou Harry, enquanto pensava em Romilda Vance.

- Estaria fora do alcance de Filch perceber que isto não era uma poção de tosse, ele não é um feiticeiro muito bom, eu duvido que ele possa conhecer uma poção de...

Hermione parou estarecida; Harry tinha ouvido também. Alguém tinha se movido atrás deles entre as estantes escuras. Eles esperaram, e momentos depois, viram o semblante de Senhora Pince como um vulto aparecendo no canto do corredor, suas bochechas afundadas, a pele como pergaminho, e o nariz curvo longo dela iluminavam-se fracamente pelo abajur que ela estava carregando.

A biblioteca está agora fechada, ela disse, Você deve devolver qualquer coisa que você pegou emprestada... O que você faz com este livro, menino depravado?

- Não é da biblioteca, é meu! Disse Harry apressadamente, enquanto arrebatava seu Livro de Poções Avançadas da mesa, ela se apressou e o pegou com uma mão de garras.

- Deteriorado! Ela assobiou. Profanado, sujo!

- É apenas um livro que foi rabiscado! Disse Harry, enquanto arrancava o livro dela.

Ela olhou como se fosse ter um ataque epilético; Hermione, que tinha empacotado as coisas dela apressadamente, agarrou Harry pelo braço e o fez marchar para fora da biblioteca.

- Ela o proibirá de ir à biblioteca se você não tiver cuidado. Por que você tinha que trazer aquele livro estúpido?

- Não é minha culpa que ela está latindo furiosa, Hermione. Ou você pensa que ela não escutou que estávamos sendo rudes com Filch? Eu sempre achei que havia algo entre eles...

- Oh, ha ha...

Desfrutando o fato que eles pudessem falar normalmente de novo, eles retornaram ao longo dos corredores desertos iluminados pelos abajures para a sala comunal, discutindo se Filch e Senhora Pince poderiam estar secretamente apaixonados.

- Bugigangas disse Harry à Senhora Gorda, isto que é a contra-senha nova, festiva.

- O mesmo para você, disse a senhora gorda com um sorriso mau, e ela girou para admitir a entrada.

- Oi, Harry! Disse Romilda Vance, no momento em que ele apareceu pelo buraco de retrato. Aceita um gelinho?

Hermione o deu um olhar de aviso sobre os ombros.

- Não, obrigado, disse Harry depressa. Não gosto muito.

- Bem, leve estas de qualquer maneira, disse Romilda, enquanto empurrava uma caixa nas mãos dele. Caldeirões de chocolate, têm sabores neles. Meus avós os enviaram a mim, mas eu não gosto.

- Oh - certo - muito obrigado. Disse Harry que não pôde pensar em mais nada para dizer. Er—eu estava vindo pra cá com...

Ele se apressou atrás de Hermione, seguindo a voz dela.

- Lhe falei, disse sucintamente Hermione, Quanto mais cedo você convidar alguém, mais cedo elas vão deixá-lo em paz e você pode...

Mas de repente a face dela ficou branca; ela tinha visto há pouco Rony e Lilá sentados na mesma poltrona.

- Bem, boa noite, Harry disse Hermione, entretanto eram só sete horas da noite, e ela foi para o dormitório feminino sem nenhuma outra palavra.

Harry foi para cama confortando-se que havia mais um único dia de lições, e após a festa de Slughorn, ele e Rony partiriam juntos para a Toca. Parecia impossível agora que Rony e Hermione fizessem as pazes antes dos feriados, mas talvez, de alguma maneira, o afastamento lhes daria tempo para se tranquilizar e pensar melhor nos seus comportamentos...

Mas as esperanças dele não eram muitas, e diminuíram ainda mais depois de suportar uma aula de Transfiguração com os dois no dia seguinte. Eles tinham entrado em um tópico extrêmamente difícil de transfiguração humana; trabalhando em frente a espelhos, onde tentavam mudar a cor das próprias sobrancelhas.

Hermione riu indelicadamente quando Rony desastrado, em sua primeira tentativa, conseguiu se dar um enorme bigode espetacular de alguma maneira; Rony retaliou fazendo uma imitação cruel, mas precisa de Hermione, quando ela mexia-se no assento toda vez que Professora McGonagall fazia uma pergunta. Lilá e Parvati acharam muito divertido, e Hermione reduziu-se a beira de lágrimas novamente.

Ela correu para fora da sala de aula ao toque do sino, deixando para trás suas coisas; Harry, decidindo que a necessidade dela era maior que a de Rony agora, recolheu os pertences dela e a seguiu.

Quando ele a alcançou finalmente, ela entrou no banheiro feminino do andar de baixo. Foi acompanhada por Luna Lovegood que estava batendo levemente em suas costas.

- Oh, oi, Harry, disse Luna. Você sabe que uma de suas sobrancelhas esta amarela?

- Oi, Luna. Hermione, você deixou seus materiais...

Ele ofereceu os livros dela.

- Oh, sim, disse Hermione, em uma voz sufocada, carregando suas coisas e se virando depressa para esconder o fato que estava esfregando os olhos com sua lapiseira. Obrigado, Harry. Bem, melhor eu voltar...

E ela se apressou, sem dar qualquer tempo a Harry para oferecer palavras de conforto, entretanto ele devia admitir que não havia pensado em nada.

- Ela está um pouco transtornada, disse Luna. Eu achava no princípio que era a Murta que Geme, mas encontrei Hermione. Ela disse algo sobre Rony Weasley...

- Sim, eles tiveram um desentendimento, disse Harry.

- Ele às vezes diz coisas engraçadas, não? Disse Luna quando partiram juntos ao corredor. Mas ele pode ser um pouco indelicado. Eu notei ano passado.

- Eu suponho, disse Harry. Luna estava demonstrando a destreza habitual de falar verdades incômodas; ele nunca tinha conhecido qualquer pessoa como ela. Você está tendo um bom período?

- Oh, está tudo certo, disse Luna. Um pouco só sem Gina por perto, entretanto. Ela parou dois meninos em nossa aula de Transfiguração, depois me chamando de Loony outro dia...

- Você gostaria de vir hoje à noite à festa de Slughorn comigo?

As palavras estavam fora da boca de Harry antes de ele as pudesse parar; ele se ouviu as dizer como se fosse a sua fala mais estranha.

Luna virou os olhos protuberantes a ele, surpresa.

- A festa de Slughorn? Com você?

- Sim, disse Harry, é comum convidar alguém, pensei que você poderia gostar... Eu quero dizer... Ele não estava conseguindo deixar suas intenções perfeitamente claras. Eu quero dizer, como amigos, você sabe. Mas se você não quiser... Como que já esperasse ela não querer.

- Oh não, eu amaria ir com você, como amigos! Disse Luna, irradiando como nunca ele tinha visto antes. Ninguém nunca me convidou a uma festa antes, como um amigo! Você tingiu sua sobancelha, para a festa? Eu deveria tingir a minha também?

Não, Harry disse firmemente, Isso foi um engano. Eu pedirei que Hermione conserte isto para mim. Assim te encontro então no corredor de entrada às oito horas.

- AHA! Gritou uma voz, e ambos saltaram; aparecia de repente Pirraça, que estava pendurando de cabeça para baixo em um lustre e estava sorrindo maliciosamente para eles.

- Potty convidou Loony para ir a festa ! Potty ama Loony! Potty aaaaama Looooony!

E ele zuniu gargalhando corredor afora e gritando, Potty ama Loony!

- Obrigada por manter as coisas privadas, disse Harry. E certamente, num instante toda a escola parecia saber que o Harry Potter levaria Luna Lovegood à festa de Slughorn.

- Você poderia ter levado qualquer uma! Disse Rony em descrença no jantar.

- Qualquer uma! E você escolheu Luna Lovegood?

- Não chame ela assim, Rony! Disse Gina, parando atrás de Harry unindo-se ao amigo. Eu estou realmente alegre por você levá-la Harry, ela está tão entusiasmada.

E ela mudou de mesa para sentar-se com Dino. Harry tentou se sentir contente em saber que Gina estava alegre por ele estar levando Luna à festa, mas não podia administrar isto totalmente. Longe deles na mesa, Hermione estava sentada só, brincando com seu guisado. Harry notou Rony olhando furtivamente para ela.

- Você poderia dizer que está arrependido, sugeriu Harry abruptamente.

- O que, e ser atacado por outro rebanho de canários? Rony murmurou.

- Por que você teve que imitá-la?

- Ela riu do meu bigode!

- Eu também ri, era a coisa mais estúpida que já vi.

Mas o Rony não parecia ter ouvido; Lilá tinha chegado há pouco com Parvati. Se apertando entre o Harry e Rony. Lilá arremessou os braços ao redor do pescoço de Rony.

- Oi, Harry, disse Parvati que, como Harry, olhou um pouco envergonhada e enfadada com o comportamento dos dois amigos.

- Oi, disse Harry, Como você está? Você vai ficar Hogwarts, então? Eu ouvi que seus pais queriam que você partisse.

- Eu consegui os convencer a ficar disse Parvati. Aquela Katie realmente os apavorou, mas como não ocorreu qualquer coisa desde... Oh, ola, Hermione! Parvati irradiou positivamente. Harry poderia contar que ela estava se sentindo culpada por ter rido de Hermione em Transfiguração. Ele deu uma olhada e viu que Hermione estava de volta radiante, até mesmo mais brilhante. Meninas às vezes eram muito estranhas.

- Oi, Parvati! Disse Hermione, enquanto ignorava Rony e Lilá completamente. Você vai hoje à noite para a festa de Slughorn?

- Nenhum convite, disse Parvati tristemente. Eu amaria ir, no entanto... Parece que vai ser realmente boa... Você vai, não é?

- Sim, eu vou encontrar Cormac as oito, e nós vamos...

Houve um barulho como uma rolha que está sendo retirada de uma pia bloqueada, e Rony apareceu. Hermione agiu como se ela não tivesse visto ou ouvido qualquer coisa.

- Nós estamos indo a festa juntos.

- Cormac? Disse Parvati. Cormac McLaggen, você quer dizer?

- Este mesmo disse Hermione docemente. O que *quase* - ela pôs muita ênfase na palavra – tornou-se goleiro de Grifinoria.

- Você está saindo com ele, então? Parvati perguntou, olhos arregalados.

- Oh - sim - você não soube? Disse Hermione, com uma risadinha não-pertencente-a-Hermione.

- Não! Disse Parvati, enquanto parecendo impaciente por esta fofoca. Uau, você gosta de jogadores de Quadribol, não? Primeiro Krum, então McLaggen...

- Eu realmente gosto de * bons * jogadores de Quadribol, Hermione a corrigiu, enquanto sorria. Bem, nos vemos... Vou indo me preparar para a festa...

- Ela partiu. Imediatamente Lilá e Parvati se consultaram mutuamente para discutir este novo acontecimento, em tudo que elas tinham ouvido falar alguma vez de McLaggen, nunca teriam adivinhado sobre Hermione. Rony parecia estranhamente branco e não disse nada. Harry foi levado a ponderar em silêncio, o que as meninas faziam em resposta.

Quando ele chegou no corredor de entrada às oito horas da noite, ele achou um número extraordinariamente grande de meninas que espreitavam, todos pareciam estar encarando recentemente quando chegou Luna. Ela estava usando um conjunto de lantejoulas prateadas que estava atraindo uma certa quantia de risadinhas dos espectadores, mas em todo caso ela parecia bastante agradável. Harry estava alegre, ela tinha deixado seus brincos de rabanete, o colar com o copo de cerveja amanteigada, e o espectroscópio dela.

- Oi ele disse. Vamos?

- Oh sim, ela disse felizmente. Onde é a festa?

- No escritório de Slughorn, disse Harry, enquanto a conduzia pela escadaria marmórea longe de todos o fitando e murmurando.

- Você ouviu, é provável que um vampiro esteja vindo?

- Rufus Scrimgeour? Luna perguntou.

- Eu - O que? Disse Harry, desconcertado. Você quer dizer o Ministro da Magia?

- Sim, ele é um vampiro, disse Luna inteirada do assunto. Papai escreveu um artigo muito longo sobre isto, quando Scrimgeour assumiu o lugar de Cornelius Fudge, mas ele foi forçado a não publicar por alguém do Ministério. Obviamente, eles não quiseram que a verdade vazasse!

Harry, pensou que fosse improvável Rufus Scrimgeour ser vampiro, mas acostumado com as visões estranhas do pai de Luna acerca dos fatos, não respondeu; eles já estavam se aproximando do escritório de Slughorn, e os sons de risada, música, e conversação alta, estavam crescendo mais a cada passo que eles davam.

Se tinha sido construído assim, ou se ele tivesse usado algum artifício mágico para fazê-lo, o escritório de Slughorn era muito maior que os escritórios de professor habituais. Tinham sido drapejados, o teto e paredes com esmeralda, rubis, e toques de ouro, de forma parecida a uma vasta tenda. O quarto era abarrotado e sufocante, uma luz vermelha fixa a um abajur dourado fazia parte do elenco, ornado, oscilando no centro do teto no qual fadas de verdade estavam trêmulando, como pontos brilhantes de luz. Um som alto, acompanhado pelo que parecia bandolins soando em um canto distante; uma neblina de fumaça, vinda de um tubo pendurado em cima de vários feiticeiros anciãos que conversavam ao fundo, e vários duendes estavam servindo do modo deles pela imensidão de joelhos, obscurecidos pelas travessas pratéadas pesadas de comida que eles estavam carregando, de forma que eles se parecia pequenas mesas perambulando.

- Harry, meu garoto! Slughorn falava, quase assim que Harry e Luna apareceram pela porta. Entre tantas pessoas eu gostaria de encontrar você!

Slughorn estava usando um chapéu aveludado ornado com bolas para combinar com sua jaqueta. Agarrou o braço de Harry tão firmemente que poderia ter desparatado com ele, Slughorn o conduziu cheio de intentos na festa; Harry agarrou a mão de Luna e a arrastou junto com ele.

- Harry, eu gostaria que você conhecesse Eldred Worple, um antigo aluno meu, o autor de Os Irmãos consangüíneos: Minha Vida Entre os Vampiros - e, claro que, o amigo dele Sanguini.

Worple que era pequeno e robusto, um homem grande, agarrou a mão de Harry e a sacudiu entusiasticamente; o vampiro Sanguini era alto e emagrecido com as sombras escuras debaixo dos olhos, somente acenou com a cabeça. Ele olhou bastante enfadado. Um grupo de meninas estava se levantando perto dele, parecendo curioso e entusiasmado.

- Harry Potter, eu simplesmente estou encantado! Disse Worple, enquanto investigava discretamente a testa de Harry. Eu estava dizendo ao Professor Slughorn outro dia, Onde está a biografia de Harry Potter que todos nos estamos esperando?

- Er, disse Harry, o que você disse?

- Modesto da mesma maneira que Horace descreveu! Disse Worple. Mas, seriamente, a maneira dele de falar mudou; ficou repentinamente em um tom de negócios, seria um prazer escrever isto. As pessoas almejam saber mais sobre você, querido, almejam! Se você estiver preparado para me conceder algumas entrevistas, digo sessões de quatro ou cinco horas, nós poderíamos ter um livro pronto dentro de meses. E tudo com muito pouco esforço de sua parte, eu o asseguro — pergunte para Sanguini se não for totalmente —

Sanguini, fique aqui! Worple disse, repentinamente duro, para o vampiro que estava dirigindo-se para perto do grupo de meninas, com um olhar bastante faminto. Aqui, distraia-se com isto, disse Worple, enquanto agarrava um duende que passava e deu na mão de Sanguini antes de voltar a dar atenção para Harry. Meu querido, o ouro que poderíamos fazer, você não tem idéia.

- Eu definitivamente não estou interessado, disse Harry firmemente, e vi há pouco uma amiga minha, com licença. E puxou Luna depois dele na multidão; ele realmente tinha só visto uma longa juba de cabelo marrom desaparecer entre o que se parecia dois membros dos Irmãos Estranhos.

- Hermione! Hermione!

- Harry! Ai está você, graças! Oi, Luna!

- O que aconteceu? Harry perguntou, para Hermione que parecia distintamente desordenada, como se tivesse com uma moita de Armadilha de Diabo.

- Oh, eu há pouco escapei — eu quero dizer, eu deixei Cormac, ela disse.

Debaixo do visco, ela somou em explicação, quando Harry continuou olhando para ela questionando-a.

- Você estava vindo com ele, ele lhe falou severamente.

- Eu pensei que isso aborreceria Rony, disse Hermione desapontada. Eu pensei durante algum tempo em Zacharias Smith, mas, em geral...

- Você considerou o Smith? Disse Harry, revogando.

- Sim, considerei, e estou começando a desejar tê-lo escolhido, McLaggen faz Gripe parecer um cavalheiro. Estranho, só vim perceber quando estávamos vindo, ele é tão alto... Os três dirigiram-se para o outro lado do salão, atropelando duendes no caminho, percebendo que Professora Trelawney estava por lá sozinha.

- Oi, disse Luna educadamente a Professora Trelawney.

- Boa noite, minha querida, disse Professora Trelawney, enquanto focalizava Luna com alguma dificuldade. Harry podia sentir o cheiro de licor novamente.

- Eu não a vi ultimamente em minhas aulas...

- Não, eu estou com Firenze este ano, disse Luna.

- Oh, claro, disse Professor Trelawney brava, rindo como bêbado. Ou Dobby, prefiro pensar nele. Você poderia ter pensado, ou não, que agora que voltou a escola Professor Dumbledore liberaria este cavalo? Mas não... Nós compartilhamos aulas. . . É um insulto, francamente, um insulto. Você sabe...

Professora Trelawney parecia bastante alterada para ter reconhecido Harry.

Debaixo das críticas furiosas dela a Firenze, Harry chamou Hermione a um canto e disse, Deixe eu te perguntar. Você está planejando falar com Rony que você interferiu nas provas de goleiro?

- Hermione elevou as sobrancelhas dela. Você realmente acha que fiz isso?

Harry olhou seriamente para ela.

- Hermione, você pode perguntar para McLaggen.

- Há diferenças, disse Hermione com dignidade. Eu não tenho nenhum plano para contar para Rony, ou qualquer coisa sobre que possa, ou não ter acontecido no teste para a seleção de goleiro.

- Bom, disse o Harry fervorosamente. Porque se ele falhar novamente, nós perderemos a próxima partida.

- Quadribol! Disse Hermione furiosamente. É com isso que todos os meninos se preocupam? Cormac não me perguntou uma única coisa, não, eu há pouco fui tratada como 'A Grande Salvação Feita por Cormac McLaggen' interrompendo-se. Oh não, ai vem ele! Ela se moveu tão rápido que era como

se tivesse desaparecido; em um momento tinha passado entre duas bruxas rindo e desaparecido.

- Viu Hermione? McLaggen perguntou, forçando-se pela multidão.

- Não, desculpe, disse Harry, e ele se virou para conversar com Luna depressa, esquecendo durante um segundo com quem ela estava falando.

- Harry Potter! Disse Professora Trelawney em tons fundos, vibrantes, notando-o pela primeira vez.

- Oh, oi, disse Harry sem entusiasmo.

- Meu querido! Ela disse em um sussurro. Os rumores! As histórias! 'O Escolhido!' Claro que, eu já sabia há tempo... Os presságios nunca eram bons, Harry. . . Mas por que você não se inscreveu em Adivinhação? Para você, entre todas as pessoas, o assunto é da extrema importância!

- Ah, Sibila, todos nós pensamos que nosso assunto é mais importante! Disse uma voz alta, e Slughorn apareceu a Professora Trelawney pelo outro lado, a face dele muito vermelha, o chapéu aveludado um pouco oblíquo, um copo de mead em uma mão e um enorme pedaço de torta na outra. Mas eu não acho que haja algo tão natural quanto Poções! Disse Slughorn, dirigindo a Harry, um aficionado olhar.

- Instintivo, você sabe, como a mãe dele! Eu só ensinei alguns tipos de habilidade, e eu já posso lhe falar, Sibila — quando apareceu Severus — para o horror de Harry. Slughorn lhe passou o braço e parecia puxar o magro Snape pelo ar para perto deles. Deixe de se esconder e venha, Severus! Dizia Slughorn alegremente. Eu estava falando sobre capacidade excepcional de Harry em fabricar poções! Algum crédito você tem que ter, claro, você o ensinou durante cinco anos!

Acanhado, com os braços de Slughorn ao redor dos ombros dele, Snape olhou para baixo de seu nariz curvo para Harry, os olhos pretos estreitaram.

- Engraçado, eu sempre tive a impressão que nunca consegui ensinar qualquer coisa para Potter.

- Bem, então, é habilidade natural! Slughorn gritou. Você deveria ter visto o que ele fez na primeira lição, Esboço de Morte Viva — nunca vi um resultado melhor de um estudante numa primeira tentativa, acho que nem você, Severus.

- Serio? Disse Snape, os olhos dele ainda grudados em Harry que sentia uma certa inquietação, calado. A última coisa que ele queria era Snape começando a investigar a fonte do brilho recém descoberto dele em Poções.

- Que outras matérias você está cursando, Harry? Slughorn perguntou.

- Defesa Contra as Artes das Trevas, Feitiços, Transfiguração, Herbologia...

- Em resumo, todos os assuntos requeridos para um Auror, disse Snape zombando languidamente.

- Sim, bem, é isso o que eu gostaria de fazer, disse Harry desafiadoramente.

- E um grande você será! Slughorn prosperou.

- Eu não penso que você deveria ser um Auror, Harry, disse Luna inesperadamente.

Todo mundo olhou para ela. O Aurores fazem parte da Conspiração de Rotfang, eu pensei que todo mundo soubesse isso. Eles estão planejando derrubar o Ministério de Magia usando combinação de Magia Negra e outras armas.

Harry respirou fundo e baixou a cabeça. Pensou se realmente, tinha valido a pena trazer Luna. Emergiu, tossindo, sem jeito, mas ainda sorrindo, ele viu algo

que reanimou seu espírito: Draco Malfoy sendo arrastado pela orelha em direção a eles por Argus Filch.

- Professor Slughorn, ofegou Filch, o ar de queixas e a luz maníaca da descoberta nos olhos inchados dele, eu peguei este menino espreitando um corredor do andar superior. Ele diz ter sido convidado a sua festa e ter partido atrasado. Você realmente o convidou?

Malfoy se livrou das garras de Filch, parecendo furioso. Não, eu não fui convidado! Ele disse furiosamente. Eu estava tentando entrar, feliz agora?

- Não, não estou! Disse Filch, numa declaração de extrêma vantagem estampada em sua face. Você está em apuros, isso sim! As ordens superiores mandam não rondar por aí, a menos que você tenha permissão, não é?

- Certo, Argus está certo disse Slughorn, É Natal, e não é um crime querer vir a uma festa. Então, nós esqueceremos qualquer castigo; você pode ficar, Draco. A expressão de furiosa decepção de Filch era perfeitamente compreensível; mas por que, Harry queria saber, observando Malfoy, ele parecia quase igualmente infeliz? E por que Snape olhava Malfoy como se estivesse bravo e... Seria possível? Levemente amedrontado?

Mas antes de Harry registrar o que ele tinha visto, Filch tinha se virado e saído, resmungando ruidosamente; Malfoy recompôs o rosto com um sorriso e estava agradecendo a Slughorn por sua generosidade e o rosto de Snape exibía novamente uma calma inescrutável.

- Não é nada, nada, Slughorn disse, renunciando aos agradecimentos de Malfoy.

- Eu conheci seu avô, afinal de contas...

- Ele sempre falou muito bem sobre você, senhor, Malfoy disse depressa. Disse que você era o melhor para fazer poções que ele havia conhecido... Harry encarou Malfoy. Não era vê-lo puxando saco que o intrigava; ele tinha visto Malfoy fazer isso por muito tempo com Snape. Era o fato de Malfoy ter, afinal de contas, um olhar um pouco doente.

Era a primeira vez em que ele tinha visto Malfoy agir como um idoso; agora ele reparou que Malfoy tinha sombras escuras debaixo dos olhos e uma cor distintamente cinzenta de pele.

- Eu gostaria de ter uma palavra com você, Draco, Snape disse de repente.

- Agora, Severus, Slughorn disse soluçando novamente, Por Cristo, não seja muito duro.

- Eu sou o Diretor da Casa dele e eu decidirei quão duro, ou caso contrário, gentil, devo ser, Snape disse. Siga-me, Draco. Eles partiram, Snape à frente com Malfoy parecendo ressentido. Harry esperou um momento, então disse.

- Eu voltarei daqui a pouco, Luna - bem -banheiro.

- Certo, ela disse distraída e ele pensou tê-la ouvido, quando se apressou para longe da multidão, retomar o assunto da Conspiração de Rotfang com a Professora Trelawney que parecia extrêmadamente interessada. Era fácil, uma vez fora da festa, retirar a Capa da Invisibilidade do bolso e colocá-la por cima, no corredor completamente vazio. O mais difícil era achar Snape e Malfoy.

Harry correu pelo corredor, o ruído dos pés disfarçados pela música e pela conversa alta que ainda saía do escritório de Slughorn atrás dele. Talvez Snape tivesse levado Malfoy ao escritório dele nos calabouços... Ou talvez ele o estivesse escoltando para o Salão Comunal da Sonserina... Harry encostava a orelha de porta em porta pelo corredor até que, com um grande sobressalto

de excitação, ele se abaixou para o buraco da fechadura da última sala de aula no corredor e ouviu vozes...

-... Não pode cometer erros, porque se você for expulso...

- Eu não tive nada a ver com isto, certo?

- Eu espero que você esteja contando a verdade, porque isso foi tolo e desajeitado. Você já é suspeito de ter uma mão nisto.

- Quem suspeita de mim? Disse Malfoy furiosamente. Da última vez, eu não fiz nada, certo? Aquela garota, Bell, deve ter algum inimigo e não sabe - não me olhe como se eu gostasse disso! Eu sei o que você está fazendo, eu não sou estúpido, mas não trabalhará - eu posso parar você! Houve uma pausa e, então, Snape disse baixo.

- Ah... Tia Bellatrix tem lhe ensinado Oclumência, eu vejo. Que pensamentos você estará tentando esconder do seu mestre, Draco?

- Eu não estou tentando esconder nada dele, eu só não o quero se intrometendo!

Harry apertou ainda mais a orelha contra a fechadura... O que teria acontecido para fazer Malfoy falar com Snape assim - Snape, para quem ele tinha sempre mostrado respeito e tinha até mesmo gostado?

- Então, é por isso que você tem me evitado? Você temeu minha interferência? Você percebeu isso, tendo faltado e não veio a meu escritório quando eu tinha lhe dito repetidamente para ir lá, Draco...

- Então, me ponha em detenção! Informe para Dumbledore! Zombou Malfoy. Houve outra pausa. Então Snape disse, Você sabe perfeitamente que eu não posso ou desejo fazer qualquer uma dessas coisas.

- Você agiria melhor parando de me dizer para ir ao seu escritório!

- Escute-me, Snape disse, a voz dele tão baixa agora que Harry teve que encostar a orelha dele bem forte contra a fechadura para ouvir. Eu estou tentando ajudar. Eu jurei à sua mãe que eu o protegeria. Eu fiz o Voto Inquebrável, Draco...

- Vocês terão que quebrar isto, então, porque eu não preciso de sua proteção! É meu trabalho, ele deu isto para mim e eu estou fazendo, eu tenho um plano e vou cumprir, só está levando um pouco mais de tempo que eu pensei que iria!

- Qual é seu plano?

- Não é da sua conta!

- Se você me contar o que você está tentando fazer, eu posso ajudar...

- Eu tenho toda a ajuda de que preciso. Obrigado, eu não estou só!

- Você estava sozinho, certamente, esta noite, na qual foi tolo ao extremo, vagando pelos corredores sem vigia ou auxílio, estes são erros elementares...

- Eu teria Crabbe e Goyle comigo se você não os tivesse posto em detenção!

- Controle sua voz! Snape gritou para Malfoy que tinha subido sua voz excitadamente.

- Se seus amigos Crabbe e Goyle pretendem passar pelo menos um N.O.M. de Defesa Contra as Artes das Trevas, eles precisarão trabalhar melhor do que eles estão fazendo...

- O que importa? Disse Malfoy. Defesa Contra as Artes das trevas – parece piada, não é, um ato? Como se algum de nós precisasse dessa Defesa...

- Este passo é crucial para nosso sucesso, Draco! Disse Snape. Onde você acha que eu teria chegado em todos estes anos se eu não soubesse agir? Agora me escute! Você está sendo descuidado, vagando à noite, se for pego, e se você está colocando sua confiança em assistentes como Crabbe e Goyle.

- Eles não são os únicos, tenho outras pessoas a meu lado, pessoas melhores!
- Então por que não confia em mim, e eu posso...
- Eu sei como você é! Você quer roubar minha glória! Houve outra pausa, então Snape disse friamente, Você está falando como uma criança. Eu entendo totalmente que a prisão de seu pai o transtornou, mas...

Harry teve um segundo apenas para alertar-se; ele ouviu os passos de Malfoy no outro lado da porta e se arremessou para fora no momento em que a porta estourou abrindo. Malfoy estava descendo o corredor, para além da porta aberta do escritório de Slughorn, e sumiu por um canto distante, longe da vista. Quase não ousando respirar, Harry permaneceu abaixado até Snape deixar lentamente a sala de aula. Com uma expressão desconcertada, ele voltou à festa. Harry ficou no chão, escondeu-se perto de uma armadura, com a mente em uma grande corrida.

--Capítulo 16--
Um Natal Muito Gelado

- Então, Snape estava se oferecendo para ajudá-lo? Ele estava definitivamente se oferecendo para ajudá-lo?
- Se você me perguntar isso mais uma vez, disse Harry, Eu vou atirar esses brotos em você.
- Eu só estou checando! Disse Rony. Eles estavam sentados sozinhos na pia da cozinha d'A Toca, descascando um monte de brotos para a Srª. Weasley. A neve caía através da janela aberta.
- Sim, Snape estava se oferecendo para ajudá-lo! Disse Harry. Ele disse que fez uma promessa para a mãe do Malfoy de protegê-lo, que ele havia feito um Voto Inquebrável ou algo assim.
- Um Voto Inquebrável? Disse Rony, parecendo espantado. Não, ele não poderia...
- Você tem certeza?
- Sim, tenho certeza, disse Harry. Por que, o que isso significa?
- Bem, você não pode quebrar um Voto Inquebrável...
- Eu mesmo já havia pensado nisso, que engraçado. O que acontece se você quebrá-lo?
- Você morre, disse Rony simplimente. Fred e George tentaram me pegar para fazer um com eles quando eu tinha mais ou menos cinco anos. Eu estava quase fazendo, eu estava de mãos dadas com Fred e tudo mais quando papai nos encontrou. Ele ficou furioso, disse Rony, com um olhar amedrontado nos olhos. A única vez que vi papai tão bravo quanto a mamãe, Fred diz que o lado esquerdo do seu traseiro nunca mais foi o mesmo.
- Sim, bem, deixando de lado o traseiro de Fred...
- Ah, eu imploro por seu perdão disse a voz de Fred assim que os gêmeos entraram na cozinha.
- Aaah, Jorge, olha isso. Eles estão usando faca e tudo. Coitado deles.
- Eu terei dezesete em pouco mais de dois meses, disse Rony irritado, e então eu poderei fazer isso com mágica!
- Mas de qualquer forma, disse Jorge sentando-se à mesa da cozinha e colocando seus pés sob ela, nós podemos assistir a demonstração do uso correto da... Opa uma margarida!
- Você me obrigou a aquilo! Disse Rony nervoso, sugando um corte no seu polegar.
- Espera só, quando eu fizer dezesete...
- Tenho certeza que você irá facinar a todos nós com habilidades mágicas até agora insuspeitáveis, bocejou Fred.
- E falando em habilidades mágicas insuspeitáveis, Ronyald, disse Jorge, o que é essa história que ouvimos da Gina sobre você e uma senhorita chamada, se nossa fonte de informações estiver certa, Lilá Brown?
Rony corou um pouco, mas estava com um olhar de satisfação quando voltou aos brotos. Cuide da vida de vocês.
- Que vai muito bem, disse Fred. Eu realmente não quero saber o que você pensa delas. Não, o que queremos saber é... Como isso aconteceu?
- O que você quer dizer?

- Ela sofreu um acidente ou algo assim?
 - O quê?
 - Bem, ela pode ter danos cerebrais bastante sérios. Tome cuidado!
- A Srª. Weasley entrou na cozinha justamente a tempo de ver Rony apontando sua faca para Fred, que transformou-a num avião de papel com um simples balançar de varinha.
- Rony! Ela disse furiosa. Eu não quero te ver apontando essa faca novamente pra ninguém!
 - Não vou, disse Rony, Você vai ver, ele disse a Fred sob sua respiração, enquanto voltava para a montanha de brotos.
 - Fred, Jorge, eu sinto muito, queridos, mas Remus está chegando hoje, então Gui terá que ficar com vocês dois.
 - Sem problemas, disse Jorge.
 - Então, como Carlinhos não virá para casa, é só deixar Harry e Rony no sótão, e Fleur fica com Gina.
 - O que vai acontecer com o Natal da Gina!? Murmurou Fred. Todos deveriam ficar confortáveis.
 - Bem, elas terão uma cama para dormir de qualquer maneira, disse Srª. Weasley, soando ligeiramente arrasada.
 - Percy não vai mostrar sua cara feia por aqui, então? Perguntou Fred.
- Srª. Weasley antes de sair respondeu.
- Não, ele está ocupado, eu espero, no Ministério.
 - Ou ele é o maior idiota do mundo, disse Fred, enquanto Srª. Weasley deixava a cozinha. Um dos dois. Bem, vamos indo, então Jorge.
 - O que vocês dois vão fazer? Perguntou Rony. Vocês não poderiam nos ajudar com essas batatas? Vocês só precisam balançar suas varinhas e nós estaremos livres também!
 - Não, eu não acho que podemos fazer isso, disse Fred sério. É uma lição muito importante, aprender a descascar brotos sem magia, talvez você perceba o quanto é difícil para os trouxas e abortos.
 - E se você quer que as pessoas te ajudem, Rony, adicionou Jorge, jogando o avião de papel nele, Não deveria apontar facas pra elas. Só uma pequena dica.
 - Nós vamos para a vila, tem uma garota muito bonita trabalhando na Papelaria que acha que meus Cartões de Tricks são fabulosos... Quase como magia de verdade!
 - Droga, disse Rony sombrio, assistindo Fred e Jorge saírem pelo jardim cheio de neve. Nós poderíamos fazer isso em dez segundos e então ir também.
 - Eu não poderia, disse Harry. Eu prometi a Dumbledore que eu não sairia enquanto estivesse aqui.
 - Ah, sim, disse Rony. Ele descascou mais um pouco de brotos e disse, Você vai contar para Dumbledore o que você ouviu entre Snape e Malfoy?
 - Sim, disse Harry. Eu vou falar com todo mundo que possa por um fim nisso, e Dumbledore é o primeiro da lista. Eu acho que vou ter uma outra palavrinha com seu pai também.
 - Você não ouviu o que Malfoy está fazendo?
 - Eu não poderia ouvir, poderia? Essa é a questão, ele se recusou a contar ao Snape.
- Houve silêncio por um ou dois segundos, então Rony disse, - 'Claro que você sabe o que todos dirão, papai e Dumbledore e todos. Eles dirão que Snape não

está realmente tentando ajudar Malfoy, ele só está tentando descobrir o que Malfoy tem que fazer.

- Eles não o escutaram, disse Harry apreensivo. Ninguém é um ator tão bom assim, nem mesmo Snape.

- Sim. . . Eu só estou falando o que eu penso, disse Rony.

Harry voltou a olhá-lo, temeroso. Você acha que eu estou certo, não acha?

- Sim, eu acho! Disse Rony afobado. Sério, eu acho! Mas todos eles estão convencidos que Snape está na Ordem, não estão?

Harry não disse nada. Já tinha lhe ocorrido que esta seria a objeção mais séria a sua evidência; Ele podia ouvir Hermione dizendo: Obviamente, Harry, ele queria ajudar então tentou convencer Malfoy a contar pra ele o que estava fazendo. . .

Isso era pura imaginação, de qualquer forma, enquanto ele não tivesse oportunidade de contar a Hermione o que ele ouviu. Ela desapareceu da festa do Slughorn antes dele voltar, ou pelo menos foi isso que McLaggen lhe contou, e ela já tinha ido para a cama na hora que ele voltou pra Sala Comunal da Grifinória.

Quando ele e Rony saíram cedo para A Toca no dia seguinte, ele mal teve tempo de desejar um feliz Natal e contar a ela que ele tinha notícias muito importantes para quando voltassem do feriado. Ele não tinha certeza que ela o ouviria se ele contasse naquele momento, é o que pensava; Rony e Lilá estavam se despedindo romanticamente um do outro justamente perto de onde estavam.

Mesmo assim, nem Hermione poderia negar uma coisa: Malfoy estava definitivamente planejando algo, e Snape sabia o que, então Harry achou completamente justo dizer Eu te conto depois, já que tinha feito Rony esperar bastante.

Harry não teve a chance de falar com o Sr.Weasley, que estava trabalhando muito no Ministério, até a noite da Véspera do Natal. Os Weasleys e seus convidados estavam sentados na sala de estar, que Gina decorou de forma baste exagerada, era como sentar num local onde ocorreu uma explosão de papel-decorativo. Fred, Jorge, Harry, e Rony eram os únicos que sabiam que o anjo no topo da árvore era até pouco tempo um gnomo de jardim que mordeu Fred no tornozelo enquanto ele apanhava cenouras para a noite de Natal. Estupefado, pintado de ouro, vestido com um fufu minúsculo e com pequenas asas colodas atrás, ele olhava com raiva para todos eles, o anjo mais feio que Harry já viu, com uma grande cabeça careca como uma batata e pés cabeludos.

Todos eles foram obrigados a escutar por uma transmissão de Natal a cantora favorita da Sr^a. Weasley, Celestina Warbeck, cuja voz estava gorgendo através de um rádio grande e sem-fio. Fleur, que pareceu achar Celestina muito maçante, estava falando muito alto num canto, então a Sr^a. Weasley apontou sua varinha para o controle do volume, e Celestina ficou cada vez mais ruidosa e ruidosa.

Quando começou uma música de jazz chamada A Cauldron Full of Hot, Strong Love, Fred e Jorge começaram uma partida de Snape Explosivo com Gina. Rony continuava a lançar olhares secretos em Gui e Fleur, como se esperasse cair sob eles.

Enquanto isso, Remus Lupin, que estava mais magro e mais abatido que nunca, estava sentado ao lado do fogo, encarando as chamas profundas como se não pudesse ouvir a voz de Celestina.

Oh, come and stir my cauldron,
And if you do it right,
I'll boil you up some hot stony love
To keep you warm tonight.

- Nós dançamos isso quando tínhamos dezoito anos! Disse Sr^a. Weasley, limpando os olhos dela com o tricô. Você lembra, Arthur?

- Mphf? Disse Sr. Weasley, que estava com a cabeça balançando para fora da poltrona onde descansava. Oh sim... Canção maravilhosa...

Com algum esforço, ele se sentou um pouco mais reto e olhou para Harry, que estava sentado próximo a ele.

- Me desculpe por isso, ele disse, apontando com a cabeça a direção do rádio, enquanto Celestina voltava ao refrão. Já está acabando.

- Sem problemas, disse Harry, sorrindo. Tem estado ocupado no Ministério?

- Muito, disse Sr. Weasley. Eu não consideraria assim se nós estivéssemos pegando alguma coisa, mas das três apreensões que fizemos nos últimos dois meses, eu duvido que ao menos um deles é um Comensal da Morte de verdade. Mas não conte isso a ninguém, ele disse rápido, parecendo muito mais acordado.

- Eles ainda não estão mantendo Stan Shunpike preso, estão? Perguntou Harry.

- Eu tenho receio disso, disse Sr. Weasley. Eu sei que Dumbledore tentou apelar diretamente para Scrimgeour sobre Stan. ... Eu digo, qualquer um que tenha conversado com ele ultimamente dirá que ele é tão Comensal da Morte quanto essa poltrona. . . Mas os superiores preferem ver como se ele tivesse fazendo algum progresso, e 'três prisões' soa melhor que 'três prisões erradas e libertação'.

- . . . Mas de novo, isso é realmente secreto...

- Eu não direi nada, disse Harry. Ele hesitou por um momento, pensando em como contar o que ele queria dizer; enquanto ele estava concentrado em seu pensamento, Celestina Warbeck começou uma canção chamada You Charmed the Heart Right Out of Me.

- Sr. Weasley, você se lembra do que te contei na estação quando estava embarcando para a escola?

- Eu chequei, Harry, disse Sr. Weasley de uma vez. Eu fui e procurei na casa dos Malfoy. Não havia nada, quebrado ou inteiro, que não deveria estar lá.

- Sim, eu sei, eu vi no Profeta Diário que você verificara. . . Mas essa é uma coisa diferente. ... Bem, algo mais...

E ele contou ao Sr. Weasley tudo que ele ouviu entre Malfoy e Snape. Enquanto Harry falava, ele viu a cabeça de Lupin se voltar um pouco para ele, absorvendo cada palavra. Quando ele terminou, houve silêncio, exceto pela canção de Celestina.

Oh, my poor heart, where has it gone? It's left me for a spell...

- Lhe ocorreu, Harry, disse Sr. Weasley, que Snape estava simplesmente fingindo?

- Fingindo oferecer ajuda, de modo que Malfoy soltasse o que ele sabia? Disse rapidamente Harry. Eh, eu imaginei que você diria isso. Mas como nós saberemos?

- Esse negócio não é nosso para sabermos, disse inesperadamente Lupin. Agora ele estava de costas para o fogo e fitando Harry através do Sr. Weasley.
- É de Dumbledore. Dumbledore confia em Severus, e Snape pensa que é bom o bastante para todos nós.

- Mas, disse Harry, se só falássemos, se só falássemos a Dumbledore sobre Snape?

- Muitas pessoas já o fizeram, muitas vezes. E vem a questão de confiar ou não no julgamento de Dumbledore. Eu então, conseqüentemente, confio em Severus.

- Mas Dumbledore pode errar, argumentou Harry. Ele mesmo diz isso. E você? Ele olhou diretamente nos olhos de Lupin, você gosta sinceramente de Snape?

- Eu nem gosto nem desgosto de Severus, disse Lupin. Não, Harry, eu estou falando a verdade, ele completou, enquanto Harry fazia uma expressão bastante cética. Nós talvez nunca seremos bons amigos; depois de tudo que aconteceu entre Tiago, Sírius e Severus, ainda há muito rancor nisso tudo. Mas eu não esqueci que durante o ano que ensinei em Hogwarts, Severus fez a Poção Wolfsbane (para os lobisomens) para mim todo mês, fez-a perfeita, então eu não tive de sofrer como sempre durante a lua cheia.

- Mas ele 'acidentalmente' deixou escapar que você é um lobisomem, então você teve de ir embora! disse Harry nervoso.

Lupin suspirou. - A notícia escaparia de qualquer forma. Nós dois sabemos que ele queria meu emprego, mas ele poderia ter-me causado danos muito piores alterando a poção. Mas ele me manteve saldável. Eu devo ser grato.

- Talvez ele não sabotasse a poção com Dumbledore de olho nele! Disse Harry.

- Você está determinado a detestá-lo, Harry, disse Lupin com um sorriso fraco. E eu entendo, Tiago sendo seu pai, Sírius seu padrinho, você herdou um velho preconceito. Mas de qualquer forma, diga a Dumbledore o que você contou a Arthur e a mim, mas não espere que ele tenha o mesmo ponto de vista que você nesse ponto, não espere que ele se surpreenda com o que você vai contar. Pode ter sido por ordens de Dumbledore que Severus questionou Draco.

. . . and now you've torn it quite apart I'll thank you to give back my heart!

Celestina terminou sua música com uma nota muito longa e grave, além de aplausos vindos da transmissão de rádio, que a Sr^a. Weasley acompanhou com muito entusiasmo.

- Isso enfim acabou. Disse Fleur chatéada. Graças a Deus, estava horrível!

- Nós teremos uma bebida tomada antes de dormir, então? Perguntou Sr. Weasley em voz alta, ficando de pé. Quem quer gemada?

- Como tem passado ultimamente? Harry perguntou a Lupin, enquanto Sr. Weasley apressava-se para buscar gemada e todos se distraíam com uma conversa.

- Oh, eu tenho estado escondido, disse Lupin. Quase literalmente. É por isso que não pude lhe escrever, Harry, enviando cartas para você eu teria me denunciado.

- O que isso significa?

- Eu tenho vivido entre meus companheiros, meus semelhantes. Disse Lupin. Lobisomens. Ele acrescentou, ao olhar de incompreensão de Harry. Quase todos estão do lado de Voldemort. Dumbledore queria um espião e aqui estou.

. . . pronto para fazê-lo.

Ele soou um pouco amargo, e talvez tenha realmente sido, porque ele desfarsou sorrindo mais calorosamente que nunca. Eu não estou me queichando, esse é um trabalho necessário e quem poderia fazê-lo melhor que eu? Entretanto, foi difícil ganhar a confiança deles. Eu carrego sinais de ter tentado uma vida amistosa entre os bruxos, você sabe, eles se mantêm afastados da sociedade normal e vivem como marginais, roubando e às vezes matando para poder comer.

- Por que gostam de Voldemort?

- Eles acham que, sob suas regras, terão uma vida melhor, disse Lupin. E é duro discutir com Greyback fora de lá...

- Quem é Greyback?

- Você nunca ouviu falar dele? As mãos de Lupin se fecharam no seu punho. Fenrir Greyback é, talvez, o lobisomem mais selvagem que já teve até hoje. Ele considera sua missão de vida morder e contaminar quantas pessoas possíveis; ele quer criar lobisomens suficientes para superar o número de bruxos. Voldemort lhe prometeu presas no retorno para seus serviços. Greyback especializa-se em crianças... Morda os jovens, ele diz, e leve-os para longe de seus pais, para serem criados odiando os bruxos normais. Voldemort disse que lhe daria os filhos e filhas das pessoas, era quase uma ameaça, o que sempre produz bons resultados.

Lupin parou e depois disse, Foi Greyback que me mordeu.

- O quê? Disse Harry atônito. Quando? Você quer dizer, quando você era uma criança?

- Sim. Meu pai o ofendeu. Eu não soube, por um tempo muito longo, a identidade do lobisomem que me tinha atacado. Eu sempre senti pena dele, pensando que ele não tinha tido controle, sabendo então como era se transformar. Mas Greyback não é assim. Na lua-cheia, ele se posiciona perto de suas vítimas, assegurando-se que esteja perto o bastante para golpeá-las. Ele planeja isso tudo. E este é o homem que Voldemort está usando para comandar os lobisomens. Eu não posso fingir que meu tipo de argumento racional está fazendo muito avanço contra a insistência de Greyback que nós lobisomens merecemos sangue, que nós merecemos nos vingar das pessoas normais.

- Mas você é normal! Disse Harry ferozmente. Você só teve um... Um problema!

Lupin chorou de tanto rir. - Às vezes você me lembra muito Tiago. Ele chamava essa questão de 'probleminha cabeludo de companhia'. Muitas pessoas tiveram a impressão de que eu possuía um coelho que se comportava mal.

Ele aceitou um copo de gemada do Sr. Weasley com uma palavra de agradecimento, parecendo ligeiramente mais animado, Harry, então, sentiu um ataque de excitação: Esta última menção de seu pai o lembrou que havia algo que ele tinha que perguntar a Lupin.

- Você já ouviu alguma coisa sobre uma pessoa chamada Príncipe Mestiço?

- O que Mestiço?

- Príncipe, disse Harry, olhando ele de perto para sinais de reconhecimento.

- Não há nenhum Príncipe bruxo, disse Lupin, sorrindo agora. É este o título que você está pensando em adotar? Eu achava que 'Escolhido' já era o suficiente.

- Não tem nada a ver comigo! Disse Harry indignado. O Príncipe Mestiço é alguém que estudou em Hogwarts, eu estou usando seu livro velho de Poções. Ele fez anotações nele todo, feitiços que inventou. Um deles era o Levicorpus.

- Oh, esse teve grande repercussão durante meu tempo em Hogwarts, disse Lupin resplandecendo. Houve uns poucos meses no meu quinto ano que você não poderia se mover sem ser içado no ar por seu tornozelo.

- Meu pai o usou, disse Harry. Eu o vi na Penseira, ele o usou em Snape. Ele tentou soar normal, como se pensasse que esse era um comentário sem importância, mas ele não tinha certeza se conseguiu o efeito esperado; o sorriso de Lupin demonstrou que tinha compreendido.

- Sim, ele disse, mas ele não foi o único. Como eu disse, ele era muito popular... Você sabe como esses feitiços vem e vão...

- Mas parece que ele foi inventado enquanto você estava na escola, Harry insitiu.

- Não necessariamente, disse Lupin. Encantamentos entram e saem da moda como tudo. Ele olhou para o rosto de Harry e disse baixo, James era puro-sangue, Harry, e eu te juro, ele nunca nos pediu para chamá-lo de 'Príncipe.' Com suas últimas esperanças, Harry disse, - E Sírius? Ou você?

- Definitivamente não.

- Oh. Harry fitou o fogo. Eu só pensei... Bem, ele está me ajudando muito nas aulas, esse Príncipe.

- O quão velho esse livro é, Harry?

- Não sei, nunca procurei saber.

- Bem, talvez isso lhe dê alguma noção de quando o Príncipe esteve em Hogwarts, disse Lupin.

Logo após isso, Fleur decidiu imitar Celestina cantando A Cauldron Full of Hot, Strong Love, sendo admirada por todos, mas eles perceberam a cara da Sr^a. Weasley, de que deviam ir para a cama. Harry e Rony subiram todo o caminho pro quarto de Rony no sótão, onde uma cama de montar foi colocada para Harry. Rony dormiu quase imediatamente, mas Harry se levantou e pegou sua cópia do Manual de Poções Avançadas antes de ir para cama. Lá ele deu uma olhada nas páginas, procurando, até que finalmente encontrou, na frente do livro, a data que foi publicado. Ele tinha quase cinquenta anos de uso.

Nem seu pai, nem os amigos de seu pai, estiveram em Hogwarts cinquenta anos atrás. Se sentindo desapontado, Harry jogou o livro atrás de si, desligando a lâmpada, e virou pro lado, pensando nos lobisomens, Snape, Stan Shunpike e o Príncipe Mestiço... E finalmente caiu em um sono inquieto cheio de sombras rastejando e choro de crianças mordidas...

Ela deve estar brincando...

Harry acordou e encontrou uma meia grossa no fim da sua cama. Ele colocou seus óculos e olhou ao redor, a janela minúscula estava quase completamente obscura com neve e, na frente dela, Rony estava sentado na cama e examinava o que parecia ser uma corrente grossa de ouro.

- De quem é isso? Perguntou Harry.

- É da Lilá, disse Rony, parecendo revoltado. Se ela pensa honestamente que eu vou usar...

Harry olhou mais de perto e deixou escapar uma risada. Gravado na corrente em letras enormes de ouro estavam essas palavras: Meu docinho

- Bom, esse disse. Clássico. Você definitivamente deveria usá-la na frente de Fred e Jorge.

- Se você contar pra eles, disse Rony, tirando a corrente de sua vista, colocando-a no criado, Eu, eu, eu...
 - Me surraria? Disse Harry, em gargalhadas. Vem, eu iria...
 - Como ela pôde pensar que eu iria gostar de uma coisa como essa, como? Rony lançou a pergunta ao ar, parecendo muito chocado.
 - Bem, tente se lembrar, disse Harry. Você nunca deixou escapar que você gostaria de sair em público com as palavras 'Meu Docinho' ao redor do pescoço?
 - Bem... Nós realmente não nos falamos muito, disse Rony. É principalmente...
 - Beijos, disse Harry.
 - Bem, sim, disse Rony. Ele hesitou por um momento, então disse, A Hermione está realmente saindo com McLaggen?
 - Eu não sei, disse Harry. Eles foram à festa do Slughorn juntos, mas eu não acho que eles se deram muito bem.
- Rony pareceu ligeiramente mais feliz enquanto ele escondia o colar mais fundo possível dentro de uma meia.
- Os presentes de Harry incluíam um suéter com um grande Snitch Dourado trabalhado na frente, feito a mão pela Sr^a. Weasley; uma caixa enorme das Gemialidades Weasley, com produtos dos gêmeos; e um pacote ligeiramente úmido, com cheiro de mofo, que veio com uma etiqueta escrita: Para o Mestre, do Monstro.
- Harry olhava fixamente para ele. - Você acha que é seguro abrir? Ele perguntou.
- Não pode ser algo perigoso, todas as nossas correspondências estão sendo checadas pelo Ministério, respondeu Rony, embora olhasse parcialmente suspeito.
 - Eu não pensei em dar alguma coisa ao Mosntro. As pessoas normalmente dão presentes de Natal aos elfos-domésticos? Harry perguntou, balançando cautelosamente o pacote.
 - Hermione daria, disse Rony. Mas vamos esperar e ver o que é isso antes de você começar a se sentir culpado.
- Um momento depois, Harry tinha dado um grito alto e pulado para fora de sua cama de montar, o pacote tinha um número enorme de larvas.
- Muito bom, disse Rony, dando uma risada. Muito bem pensado.
 - Eu ainda teria preferido-os em vez daquele colar, disse Harry, provocando Rony mais uma vez.
 - Todos estavam vestindo suéteres novos quando todos se sentaram para o almoço de Natal, todos exceto Fleur, com quem, aparentemente, Sr^a.Weasley não quis desperdiçar seu tempo e a própria Sr^a.Weasley, que estava usando um chapéu azul meia-noite novo que resplandecia como diamante com o que pareciam ser pequenas estrelas, e um espetacular colar de ouro.
 - Fred e Jorge me deram! Eles não são lindos?
 - Bem, nós queremos te agradar cada vez mais, Mãe, agora que estamos lavando nossas próprias meias, disse Jorge, acenando uma mão alta. Pastinaca, Remus?
 - Harry, você tem uma larva no seu cabelo, disse Gina alegre, inclinando-se sobre a mesa para tirá-la; Harry sentiu um nó na sua garganta que não tinha nada a ver com a larva.
 - 'Oh, horrível, disse Fleur, estrêmecendo um pouco.
 - Sim, não é? Disse Rony. Molho de carne, Fleur?

Em sua ânsia para ajudá-la, ele bateu na tigela de molho de carne e a fez voar; Gui acenou sua varinha e o molho de carne girou no ar e voltou imediatamente para a tigela.

- Você é tão ruim quanto Tonks, disse Fleur para Rony, quando ela por fim deu um beijo de agradeciemento em Gui. Ela está sempre batendo...

- Eu convidei Tonks para vir aqui hoje, disse Sr^a.Weasley, abaixando as cenouras com uma força desnecessária em frente a deslumbrante Fleur. Mas ela não virá.

- Você tem falado com ela ultimamente, Remus?

- Não, eu não tenho mantido muito contato com ninguém, disse Lupin. Mas Tonks tem sua própria família para visitar, não tem?

- Hmmm, disse Sr^a. Weasley. Talvez. Eu tive a impressão que ela estava planejando passar o Natal sozinha

Ela deu a Lupin um olhar irritado, como se pensasse que a culpa era toda dele que ela teria como nora Fleur em vez de Tonks, mas Harry, olhando de relance para Fleur, que agora estava alimentando Gui com pedaços de peru de seu próprio prato, pensou que a Sr^a.Weasley estava lutando por uma batalha perdida.

Entretanto, ele estava se lembrando de uma pergunta a fazer que tinha a ver com Tonks, e a quem melhor para perguntar do que a Lupin, o homem que sabia tudo sobre Patronos?

O Patrono de Tonks mudou de forma, ele disse a Lupin. Foi o que Snape disse. Eu não sabia que isso podia acontecer. Por que seu Patrono mudaria?

Lupin passou um tempo mastigando seu pedaço de peru e o engoliu antes de dizer lentamente...

- Às vezes... Um grande choque... Uma crise emocional...

- Ele parecia grande, e tinha quatro pernas, disse Harry, golpeado por um súbito pensamento e abaixando sua voz. Ei, não poderia ser...?

- Arthur! Disse Sr^a. Weasley repentinamente. Ela tinha se levantado da cadeira, sua mão estava pressionando o coração e estava olhando fixamente para fora da janela da cozinha.

- Arthur, é Percy!

- O quê?

Sr. Weasley olhou. Todos olharam rapidamente para a janela, Gina ficou de pé para olhar melhor. Lá, com certeza absoluta, estava Percy Weasley, passando pelo jardim cheio de neve, seu óculos coroados de chifres brilhando na luz do sol.

Entretanto, ele não estava sozinho.

- Arthur, ele está... Ele está com o Ministro!

E com absoluta certeza, o homem que Harry viu no Profeta Diário estava andando ao lado Percy, mancando ligeiramente, sua juba de cabelos acinzentados e seu casaco preto manchado de neve. Antes que qualquer um deles pudesse dizer alguma coisa, antes que o Sr. e a Sr^a. Weasley fizessem mais trocas de olhares surpresos, a porta de trás se abriu e lá ficou Percy. Houve um silêncio doloroso por um momento. Então Percy disse particularmente com rigor, Feliz Natal, Mãe.

- Oh, Percy! Disse a Sr^a. Weasley, e se jogou nos braços do filho. Rufus Scrimgeour parou na entrada, apoiado em sua bengala e sorrindo enquanto observava a cena de afeto.

Desculpe-me por essa intromissão, disse ele, quando Sr^a.Weasley olhou para ele, irradiando e limpando os olhos. Percy e eu estávamos na vizinhança trabalhando, você sabe, e ele não pôde resistir de vir aqui e ver todos vocês.

Mas Percy não mostrou sinal algum de querer cumprimentar alguém do resto da família. Ele ficou quieto e imóvel, e começou a observar todas as pessoas. Sr.Weasley, Fred, e Jorge estavam todos observando-o, enfrentando-o cara a cara.

- Por favor, entre, sente-se, Ministro! Convidou eufórica a Sr^a. Weasley, ajeitando seu chapéu. Coma ou pouco, ou beba... Quer dizer...

- Não, não, minha cara Molly, disse Scrimgeour. Harry supôs que ele tinha checado o nome dela com Percy antes deles entrarem na casa. Eu não quero me intrometer, eu não estaria aqui se Percy não quisesse vê-los assim tão de repente.

- Oh, Percy! Disse Sr^a. Weasley com ternura, alcançando-o para beijá-lo.

- Nós só vamos ficar uns cinco minutos, então eu vou dar uma volta no jardim enquanto vocês concersam com Percy. Não, não, eu lhe asseguro que não quero me intrometer! Bem, se alguém pudesse me mostrar esse jardim charmosíssimo... Ah, aquele jovem já terminou, por que ele não me leva para dar uma volta?

A atmosfera ao redor da mesa mudou perceptivelmente. Todos olharam de Scrimgeour para Harry. Ninguém parecia entender o que Scrimgeour pretendia quando fingiu não saber o nome de Harry, ou pensar que era natural que ele fosse o escolhido para acompanhar o Ministro ao jardim quando Gina, Fleur, e Jorge também estavam com os pratos limpos.

- Sim, tudo bem, disse Harry entre o silêncio.

Ele não convenceu ninguém, todo a conversa de Scrimgeour que eles estavam na vizinhança, que Percy queria ver sua família... A razão real que eles tiveram para ir até lá foi que Scrimgeour poderia conversar sozinho com Harry.

- Tudo bem, ele disse baixo, enquanto passava por Lupin, que já estava se levantando de sua cadeira. Bem, completou, quando Sr.Weasley abriu sua boca para falar.

- Maravilha! Disse Scrimgeour, voltando para deixar Harry passar através da porta atrás dele. Nós só iremos dar uma volta pelo jardim, e Percy estará livre.

- Continuem, todos!

Harry andou através do quintal em direção ao jardim dos Weasley, coberto de neve, Scrimgeour mancando ligeiramente ao seu lado. Ele foi, Harry sabia, o Chefe do Escritório dos Aurores, e parecia rígido e tinha cicatrizes, muito diferente do distinto Fudge no seu chapéu coco.

- Fascinante, disse Scrimgeour, parando na cerca do jardim e olhando o gramado com neve e as plantas indistinguíveis. Fascinante.

Harry não disse nada. Ele poderia dizer que Scrimgeour estavam observando-o.

- Eu quis te conhecer por muito tempo, disse Scrimgeour, depois de alguns instantes, Sabia?

- Não, disse sinceramente Harry.

- Ah sim, por muito tempo. Mas Dumbledore foi muito protetor com você, disse Scrimgeour. Natural, claro, natural, depois do que você passou... Especialmente o que aconteceu no Ministério...

Ele esperou que Harry dissesse algo, mas Harry manteve-se quieto, então ele continuou, Eu estive esperando por uma ocasião para conversar com você

desde que assumi meu posto, mas Dumbledore incompreensível, como eu disse, impediu isto.

Harry ainda não disse nada, esperou.

- Os boatos que ocorreram! Disse Scrimgeour. Bem, claro, nós dois sabemos como essas histórias são distorcidas... Todos esses comentários sobre a profecia... De você ser o 'Escolhido'...

Eles estavam se aproximando, Harry pensou, na razão por Scrimgeour estar lá.

- Suponho que Dumbledore discutiu esse assunto com você.

Harry deliberou, querendo saber se devia mentir ou não. Ele olhou para os pequenos gnomos que estavam perto de todos os canteiros, um vareta marcava o lugar onde Fred tinha capturado o gnomo que agora vestia o fufu no topo da árvore de Natal. Finalmente, ele se decidiu pela verdade... Ou um pouco dela.

- Sim, nós discutimos isso.

- Você, você. . . Disse Scrimgeour. Harry poderia ver, pelo canto de seu olho, Scrimgeour dando uma olhada nele, então ele resolveu dedicar grande interesse num gnomo que tinha colocado sua cabeça para fora do rododentro congelado.

- E o que Dumbledore lhe contou, Harry?

- Me desculpe, mas isso é um assunto que só interessa a nós, disse Harry.

Manteve sua voz tão agradável quanto possível, e o tom de Scrimgeour, também, estava claro e amigável quando ele disse.

- Ah, naturalmente, se essa é uma questão confidencial, eu não queria que contasse. . . Não, não... Em todo caso, eles realmente se importam se você é ou não o 'Escolhido'?

Harry teve que por em ordem aquilo por alguns segundos antes de responder.

- Eu realmente não sei o que você quer dizer, Ministro...

- Bem, naturalmente, para você isso seria de uma importância enorme, disse Scrimgeour com um riso. Mas para a comunidade bruxa em grande... É tudo percepção, não é? É em que as pessoas acreditam que importa.

Harry não disse nada. Ele achava que sabia, vagamente, para onde aquela conversa estava se dirigindo, mas ele não queria ajudar Scrimgeour a chegar até lá. O gnomo sob o rododentro estava procurando agora vermes em suas raízes, e Harry manteve seus olhos fixados nele.

- Veja, as pessoas acreditam que você é o 'Escolhido', disse Scrimgeour. Elas pensam que você é o herói e, naturalmente, você é, Harry, escolhido ou não!

Quantas vezes você enfrentou Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado até agora? Bem, em todo o caso, ele se apressou, sem esperar por uma resposta, a questão é, você é o símbolo da esperança de muitos, Harry. A idéia que há alguém que pode, de que há alguém destinado, a destruir Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado, bem, naturalmente, dá as pessoas um porto seguro. E eu não posso ajudar, mas saiba, uma vez que você fez isso, você pode considerar, bem, quase uma obrigação, estar do lado do Ministério, e dar a todos confiança.

O gnomo tinha conseguido apenas pegar um verme. Agora estava puxando ele muito duramente, tentando tirá-lo do arbusto congelado. Harry permaneceu em silêncio por um bom tempo, então, Scrimgeour disse, olhando de Harry para o gnomo, - Um criatura engraçada, não? Mas o que você me diz, Harry?

- Eu não estou entendendo exatamente o que você quer, disse Harry devagar. 'Ficar do lado do Ministério... O que isso significa?

- Ah, bem, nada de tão oneroso, eu te asseguro, disse Scrimgeour. Se você pudesse ser visto dentro e fora do Ministério de tempos em tempos, por exemplo, isso daria uma boa impressão. E naturalmente, quando você estivesse lá, você teria uma grande oportunidade de falar com Gawain Robards, meu sucessor como Chefe do Escritório dos Aurores. Dolores Umbridge me disse que você tem a ambição de se tornar um Auror. Bem, isso poderia ser facilmente arranjado...

Harry sentiu a raiva borbulhar no topo de seu estômago, - Então Dolores Umbridge ainda está trabalhando no Ministério, não? Então basicamente, ele disse, como se apenas quisesse esclarecer alguns pontos, Você gostaria de dar a impressão que eu estou trabalhando para o Ministério?

- Isso daria a todos um motivo para pensar que você está mais envolvido, Harry, disse Scrimgeour, soando aliviado que Harry tenha entendido tão bem. O 'Escolhido, ' você sabe... Tudo isso é para dar esperança as pessoas, o sentimento que coisas boas estão acontecendo...

- Mas se eu me mantivesse dentro e fora do Ministério, disse Harry, ainda se esforçando para manter sua voz amigável, não vai parecer que eu aprovo o que o Ministério faz?

- Bem, disse Scrimgeour, ligeiramente carrancudo, bem, sim, que é em parte o que nós gostaríamos...

- Não, eu não acho que isso irá funcionar, disse Harry agradavelmente. Olha só, eu não gosto de algumas das coisas que o Ministério faz. Preder Stan Shunpike, por exemplo.

Scrimgeour não falou por um momento mas sua expressão ficou imediatamente sombria.

- Eu não esperava que você entendesse, ele disse, e não foi tão bem sucedido em manter sua voz calma como Harry foi. Estes são tempos difíceis, e determinadas medidas precisam ser tomadas. Você tem dezesseis anos?

- Dumbledore tem muito mais de dezesseis, e ele também não acha que Stan deveria estar em Azkaban, disse Harry. Você está fazendo de Stan um bode expiatório, como você quer fazer de mim um mascote!

Eles olharam um pro outro, loga e duramente. Finalmente Scrimgeour disse, sem nenhuma pretensão de cordialidade, Percebo. Você prefere, como seu herói, Dumbledore, se desentender com o Ministério?

- Eu não quero ser usado, disse Harry.

- Alguns diriam que é sua obrigação ser usado pelo Ministério!

- Sim, e outros diriam que é sua obrigação checar quem realmente é um Comensal da Morte antes de metê-las na prisão, disse Harry, seu temperamento subindo agora.

- Você está fazendo o que Bartô Crouch fez. Você nunca faz o certo, ou seus empregados, fazem? Pegaram Fudge, querendo que todos se amassem enquanto pessoas morriam bem embaixo do nariz dele, e nós te pegamos, colocando as pessoas erradas na cadeia e tentando fazer o 'Escolhido' trabalhar para você!

- Então, você não é o 'Escolhido'? Disse Scrimgeour.

- Eu pensei que você tivesse dito que isso não importava. Disse Harry, com um grande sorriso. Não para você, de qualquer maneira.

- Eu não deveria ter dito aquilo, disse rapidamente Scrimgeour. Foi falta de educação.

- Não, foi honestidade, disse Harry. Uma das únicas coisas honestas que você me disse. Você não se importa se estou vivo ou morto, mas você se importa se eu vou te ajuda a convencer a todos que você está ganhando a guerra contra Voldemort.

- Eu não esqueci, Ministro...

Ele levantou seu punho direito. Lá, brilhando atrás de sua mão fria, estavam as cicatrizes que Dolores Umbridge o obrigou a fazer nele mesmo: Eu não devo contar mentiras.

- Eu não me lembro de você ter feito a minha defesa quando eu estava tentando contar a todos que Voldemort estava de volta. O Ministério não era tão apegado a amigos ano passado.

Eles ficaram em um silêncio tão gelado quanto a terra sob seus pés. O gnomo finalmente conseguiu soltar seu verme do arbusto e estava agora o sugando feliz, se inclinado contra a base de galhos de rododentro.

- O que Dumbledore faz? Disse bruscamente Scrimgeour. Para onde ele vai quando fica ausente de Hogwarts?

- Não tenho idéia, disse Harry.

- E você não me contaria se soubesse, disse Scrimgeour, contaria?

- Não, eu não contaria, disse Harry.

- Bem, então, eu terei de ver se eu não posso encontrá-lo por outros meios.

- Você pode tentar, disse Harry indiferente. Mas você parece mais inteligente que Fudge, então eu acho que você poderia aprender com os erros dele. Ele tentou interferir em Hogwarts. Você deve saber que ele não é mais o Ministro, mas Dumbledore ainda é o diretor. Eu deixaria Dumbledore sozinho, se fosse você.

Houve uma longa pausa.

- Bem, está claro pra mim que ele tem feito um trabalho muito bom com você, disse Scrimgeour, seus olhos gelados e duros por trás dos óculos, Os homens de Dumbledore pensam muito, você é um deles não é, Potter?

- Sim, eu sou, disse Harry. Estou feliz por termos esclarecido isso.

E dando suas costas para o Ministro da Magia, ele voltou para a casa.

--Capítulo 17-- Uma Memória Preguiçosa

No fim da tarde, alguns dias depois do Ano Novo, Harry, Rony e Gina formaram uma fila ao lado do fogo da cozinha para o retorno à Hogwarts. O Ministério arranhou uma conexão pela rede de pó de Flu para o retorno rápido e seguro dos alunos à escola. Somente a Sr^a. Weasley estava lá para se despedir, já que o Sr Weasley, Fred, Jorge, Gui e Fleur voltaram ao trabalho. A Sr^a Weasley se dissolveu em lágrimas no momento da partida. Na verdade, qualquer coisinha fazia Sr^a Weasley entrar numa crise de choro, chorava desde a repentina chegada de Percy no dia de Natal com os óculos cheio de pastinaga (pelo qual Fred, Jorge e Gina reclamavam os créditos).

- Não chore, mamãe disse Gina acariciando as costas da mãe, enquanto ela soluçava em seus ombros está tudo bem...

- Não se preocupe com a gente, disse Rony permitindo que a mãe desse um longo e molhado beijo em sua bochecha, ou com Percy. Ele é só um idiota, não é uma grande perda, não é mesmo?

Sr^a Weasley soluçou ainda mais forte enquanto abraçava Harry.

- Prometa-me que você vai se cuidar.. Se manter longe de encrenca...

- Eu sempre me mantenho, Sr^a Weasley, disse Harry, Eu gosto de uma vida calma, a Sr^a me conhece.

Ela deu um sorriso e um passo atrás, Fiquem bem, então, todos vocês...

Harry entrou nas chamas esverdeadas e gritou Hogwarts. Ele deu uma última e rápida olhada na cozinha dos Weasley e na Sr^a Weasley, enquanto as chamas o tragavam. Girando rápido, ele viu imagens desfocadas de outros aposentos de bruxos, que sumiam de vista antes que ele pudesse olhar melhor, então a velocidade foi diminuindo até que parou na lareira da sala da Prof^a McGonagall. Ela mal desviou os olhos do que estava fazendo enquanto ele saía da lareira.

- Boa noite, Potter. Tente não sujar o carpete com as cinzas.

- Não, professora. Harry ajustou seus óculos e alisou os cabelos enquanto Rony aparecia rodopiando.

Quando Gina chegou, os três se retiraram da sala de McGonagall e foram em direção à torre da Grifinória. Harry olhou pelas janelas do corredor e percebeu que o sol já se escondia por detrás dos terrenos cobertos de neve como a que ele viu na Toca. De longe, pôde observar Hagrid alimentando Bicuço na frente de sua cabana.

- Baubles disse Rony confiante, quando chegaram à Mulher Gorda, que parecia estar mais pálida que o normal.

- Não! Disse a Dama com sua voz alta.

- O que você quer dizer com 'não'?

- Tem uma nova senha disse e por favor, não grite.

- Mas nós não estávamos no castelo, como você acha que nós...

- Harry! Gina!

Hermione vinha correndo na direção deles, com o rosto corado e vestindo uma capa, chapéu e luvas.

- Cheguei há algumas horas, estava indo visitar Hagrid e bic... Quer dizer, Witherwings disse ofegante Tiveram um bom Natal?

- Sim, disse Rony de uma vez, cheio de eventos, Rufus Scrim...

- Tenho uma coisa pra você, Harry, disse Hermione, sem olhar para Rony e nem mesmo demonstrar ter ouvido o que ele disse. Oh, esperem - a senha, Abstinência.

- Precisamente disse a Dama Gorda, e moveu-se revelando a passagem.

- O que houve com ela? Perguntou Harry.

- Animação do Natal, aparentemente, disse Hermione, enquanto liderava o caminho para o salão comunal. Ela e Violeta beberam todo o vinho naquele quadro dos monges bêbados no corredor de Feitiços. De qualquer forma...

Ela meteu a mão em seu bolso e puxou um pedaço de pergaminho contendo a letra de Dumbledore.

- Ótimo, disse Harry, desenrolando o pergaminho e descobrindo que sua próxima aula com Dumbledore estava marcada para noite seguinte. Eu tenho muita coisa para contar a ele - e para vocês. Vamos nos sentar...

Mas neste momento, ouviu-se alguém dizer Won-Won e Lilá Brown veio correndo e jogou-se nos braços de Rony. As pessoas que estavam por perto deram risinhos; Hermione também deu uma risadinha. Tem uma mensagem aqui... Vem comigo, Gina?

- Não, obrigado. Marquei de encontrar Dino. Disse Gina, com pouco entusiasmo, como Harry não pode deixar de notar. Deixando Rony e Lilá numa espécie de luta em pé, Harry levou Hermione para uma mesa quadrada.

- Então, como foi o Natal?

- Ah, bom, disse, nada de especial. Como foi na casa de Won-Won?

- Te conto em um minuto, disse Harry. Olha Hermione, você não poderia...

- Não, não posso, disse. Portanto não precisa nem pedir.

- Pensei que, você sabe, pelo Natal...

- Foi a Mulher Gorda que bebeu um galão de vinho de 500 anos, e não eu.

- Então, quais são as novidades importantes que você tem para me dizer?

Ela pareceu muito firme para discutir no momento. Por isso, Harry deixou o assunto sobre Rony de lado e contou tudo o que ele ouviu da conversa entre Malfoy e Snape. Quando terminou, Hermione pensou por um momento e, então, disse:

- Você não acha que...

- Ele estava fingindo oferecer ajuda para enganar Malfoy e descobrir o que ele estava armando?

- Bem, isso, disse Hermione.

- Sr. Weasley e Lupin acham isso, disse Harry, E isso prova que ele está tramando alguma coisa, você não pode negar isso.

- Não, não posso respondeu calmamente.

- E ele está a mando de Lord Voldemort, como eu tinha dito.

- Bem... Algum dos dois chegou a mencionar o nome de Voldemort?

Harry franziu a testa, tentando lembrar.

- Não tenho certeza... Snape certamente disse 'seu mestre', e quem mais poderia ser?

- Eu não sei, disse batendo nos lábios, O pai dele, talvez?

Ela olhava fixamente através da sala, aparentemente perdida em seus pensamentos, nem mesmo percebeu Lilá fazendo cócegas em Rony. - Como está Lupin?

- Nada bem, e contou-lhe sobre a missão dele de se infiltrar entre os lobisomens e as dificuldades disso. Você já ouviu falar em Fenrir Greyback?

- Sim, eu já ouvi, respondeu de sobressalto, E você também, Harry!

- Quando? Em História da Magia? Você sabe muito bem que eu não prestava atenção...

- Não, não, História da Magia não! Malfoy ameaçou Borgin sobre ele! disse Hermione. Lá na Travessa do Tranco, não se lembra? Ele disse para Borgin que Fenrir Greyback era um velho amigo da família e que ele estaria de olho nos progressos de Borgin.

Harry respondeu. - Eu esqueci! Mas isso prova que Malfoy é um Comensal de Morte, de que outra forma ele entraria em contato com Grayback e diria o que ele teria de fazer?

- É muito suspeito disse Hermione, a não ser que...

- Ah, qual é? Disse Harry exasperado, você não pode se livrar desta prova!

- Bem, existe a possibilidade de ser um mero blefe.

- Você é inacreditável, é sim! Disse sacudindo a cabeça.

- Veja quem está certo! Você vai se arrepender assim como o Ministério. Ah é, eu tive um encontro com Rufus Scrimgeour também...

E o restante da noite passou com uma conversa educada sobre o abuso do Ministério; para Hermione assim como para Rony, pensar nisso depois de tudo o que o Ministério fez Harry passar no ano anterior, e ainda ter a cara-de-pau de pedir ajuda agora...

O novo semestre começou na manhã seguinte com uma surpresa agradável aos alunos do sexto ano: um grande aviso foi preso no quadro de avisos durante a noite.

AULAS DE APARATAÇÃO

Se você tem dezessete anos ou vai fazer dezessete antes do próximo dia 31 de agosto, você está habilitado para um curso de doze semanas de Aulas de Aparatação com um Instrutor de Aparatação do Ministério. Por favor, assine abaixo para participar.

Custo: 12 galeões.

Harry e Rony juntaram-se ao aglomerado que se formou perto do aviso e revezaram-se para assinar seus nomes. Rony estava se preparando para assinar seu nome quando Lilá veio por trás, passou a mão sobre seus olhos e perguntou Adivinha quem é, Won-Won! Harry virou-se para ver Hermione saindo quietamente para não ser vista, ele foi se juntar com ela, sem desejar manter-se perto de Rony e Lilá, mas para sua surpresa Rony se juntou a eles logo depois de terem saído pelo buraco do quadro, com suas orelhas vermelhas e uma expressão de irritação. Sem dar uma palavra, Hermione se apressou para acompanhar Neville.

- Então, aparatação, disse Rony, mantendo um tom perfeitamente claro para fingir que nada tinha acontecido. Deve ser moleza, né?

- Não sei, disse Harry. Talvez seja melhor quando se faz por si mesmo, não gostei muito quando Dumbledore me levou para um passeio.

- Esqueci que você já tinha feito... É melhor eu passar no teste na primeira vez. Disse Rony, parecendo ansioso. Fred e Jorge conseguiram...

- Mas Carlinhos repetiu, não foi?

- Sim, mas Carlinhos é maior que eu, Rony manteve os braços por fora do corpo como se fosse um gorila, por isso, Fred e Jorge não brincaram a respeito, pelo menos não na frente de Carlinhos...

- Quando poderemos fazer o teste?

- Assim que completarmos dezessete. Será só em Março para mim!

- Sim, mas você não poderia aparatar aqui, pelo menos não no castelo...

- Não é esse o objetivo, todo mundo saberia que eu posso aparatar se eu quiser.

Rony não era o único animado por causa da Aparatação. Por todo aquele dia, houve conversas sobre o curso que estava por vir, uma grande quantidade de conversas sobre desaparecer e aparecer em outro lugar que quiser.

- Vai ser tão legal quando Simas estalou o dedo indicando o desaparecimento.

- Meu primo Fergus faz isso só para me aborrecer, ele não imagina quando eu puder revidar... Ele não terá um momento de sossego.

Perdido na visão de sua futura habilidade, ele brandiu sua varinha muito entusiasmadamente e ao invés de produzir uma calma fonte de água pura, que era o assunto da aula de Feitiços do dia, saiu um forte jato de água que ricocheteou no teto e derrubou professor Flitwick de cara no chão.

- Harry já aparatou, Rony contou ao envergonhado Simas, depois do professor Flitwick ter secado a si mesmo com um brandir da varinha e dizer a Simas: Sou um bruxo e não um macaco sacudindo um graveto!

- Bem - er - alguém o levou. Carona por aparatação.

- Uau sussurrou Simas, e ele, Dino e Neville uniram mais um pouco suas cabeças para ouvir como é Aparatar. Todos pareciam mais impressionados do que desacreditados, à medida que Harry contou a sua desconfortável experiência, respondendo detalhadamente as perguntas até as dez para oito, quando ele disse que precisava devolver um livro na biblioteca, e assim pôde escapar e rumar para a aula de Dumbledore.

Havia luz na sala de Dumbledore, os quadros dos antigos diretores Roncavam tranqüilamente em suas telas e a Penseira estava posta e preparada em cima da mesa. As mãos de Dumbledore repousavam ao lado do objeto, a mão direita continuava negra e queimada como sempre. Não parecia ter se curado de forma alguma e Harry pensou, pela centésima vez, o que poderia ter causado, mas ele não perguntou; Dumbledore já havia dito que ele saberia em algum momento e havia outro assunto que ele queria perguntar. Mas antes que Harry pudesse falar qualquer coisa sobre Snape e Malfoy, Dumbledore perguntou:

- Ouvi que você se encontrou com o Ministro da Magia?

- Sim, disse Harry, E ele não ficou nada contente comigo.

- Não, concordou Dumbledore. Ele também não está muito contente comigo. Não devemos ceder às nossas angústias, Harry, mas, sim, continuar a batalha. Harry sorriu. - Ele queria que eu dissesse à comunidade dos Bruxos que o Ministério está fazendo um trabalho maravilhoso.

Dumbledore deu um sorriso e disse. - Foi à idéia original de Fudge, sabe. Durante seus últimos dias de Ministro, quando ele estava desesperadamente tentando manter seu posto, ele queria ter um encontro com você, esperando que você pudesse lhe dar apoio...

- Depois de tudo o que Fudge fez ano passado? Disse Harry com raiva. Depois de Umbridge?

- Eu disse a Cornelius que ele não tinha nenhuma chance, mas a idéia não morreu quando ele saiu. Depois de horas em um encontro com Scrimgeour ele pediu-me um encontro com você...

- Então foi por isso que vocês discutiram! Disse de ímpeto Harry. Estava no Profeta Diário.

O Profeta consegue publicar verdades de vez em quando, disse Dumbledore, mas somente por acidente. Sim, foi por isso que discutimos. Bem, parece que Rufus encontrou um jeito de espreitá-lo, no final das contas.

- Ele me acusou de ser um de seus homens.

- Que grosseiro da parte dele.

- Mas eu disse que eu era.

Dumbledore abriu sua boca para falar, mas fechou novamente. Por trás de Harry, Fawkes, a fênix, soltou uma suave nota musical. Para o grande embaraço de Harry, ele percebeu que os olhos azuis e brilhantes de Dumbledore estavam, agora, cheios de água, Harry não pode evitar olhar para baixo, encarando seus próprios joelhos. Contudo, quando Dumbledore voltou a falar, sua voz estava bastante firme.

- Estou muito emocionado, Harry.

- Scrimgeour queria saber para onde você vai quando você não está em Hogwarts, disse Harry ainda olhando para seus próprios joelhos.

- Sim, ele está muito curioso a respeito disto, disse Dumbledore, parecendo muito animado e Harry achou que era seguro levantar a cabeça de novo.

- Ele até mesmo tentou me seguir. Incrível, mesmo! Ele mandou Dawlish me seguir.

- Não foi nada legal. Eu fui forçado a enfeitiçar Dawlish uma vez, e eu tive de fazer de novo com um grande pesar.

- Então eles não sabem aonde o senhor foi? Perguntou Harry, esperançoso por maiores informações sobre este assunto, mas Dumbledore mal sorriu por debaixo de seus óculos de meia-lua.

- Não, eles não sabem, e ainda não é o momento para você saber. Agora eu sugiro que comecemos, a não ser que você tenha algo a dizer?

- Na verdade, tenho sim, senhor! Disse Harry. É sobre Malfoy e Snape.

- Professor Snape, Harry.

- Sim, senhor. Eu os ouvi durante a festa do professor Slughorn... Bem, eu os segui, na verdade...

Dumbledore ouviu a história que Harry contava sem demonstrar nenhum sentimento.

Quando Harry terminou, ele ficou alguns minutos em silêncio, e então, disse: - Obrigado por me contar, Harry, mas sugiro que você esqueça isso, não é importante.

- Não é importante? Professor, o senhor não entendeu...?

- Sim, Harry, abençoado como eu sou com um grande poder cerebral, eu entendi tudo o que você me contou, disse Dumbledore um pouco ríspido. Eu acho que você deveria considerar a possibilidade de eu ter entendido mais que você mesmo.

- Novamente, fico feliz por ter me contado, mas deixe-me assegurar-lhe que você não me contou nada que me deixe inquieto.

Harry manteve seu olhar em Dumbledore, silencioso. O que estava acontecendo?

Isto significava que Dumbledore realmente mandou Snape descobrir o que Malfoy está tramando, e neste caso já teria ouvido de Snape o que Harry acabara de contar? Ou será que ele realmente se preocupava com o que acabou de ouvir, mas está fingindo que não?

- Então, senhor, disse tentando manter seu tom de voz o mais educado e calmo possível, definitivamente você ainda confia em...

- Fui tolerante o suficiente para responder a essa pergunta outras vezes, respondeu Dumbledore, apesar de não parecer mais tão tolerante. Minha resposta não mudou!

- Eu deveria saber que não, disse uma voz desagradável; Phineas Nigellus estava claramente fingindo estar dormindo. Dumbledore ignorou-o.

- E agora, Harry, eu insisto que devemos seguir adiante. Tenho coisas mais importantes para debater com você esta noite.

Harry sentou sentindo-se desgostoso. Como seria se ele não permitisse mudar de assunto, se ele insistisse em continuar as acusações contra Malfoy? Como se tivesse lido a mente de Harry, Dumbledore sacudiu a cabeça.

- Ah, Harry. Como isso acontece com frequência, até mesmo, entre melhores amigos!

- Cada um de nós acredita que tem a dizer é mais importante do que qualquer coisa que o outro tem a contribuir.

- Eu não digo que o que o senhor tem a dizer é sem importância, disse Harry formalmente.

- Bem, você está certo, porque é importante, disse Dumbledore. Tenho mais duas memórias para te mostrar hoje, ambas obtidas com enorme dificuldade, e a segunda delas é, acredito eu, uma das mais importantes que coletei.

Harry não disse nada, ainda sentia-se com raiva pela forma como suas palavras foram recebidas, mas sabia que não conseguiria nada se continuasse discutindo.

- Então, disse Dumbledore, continuamos esta noite com o conto de Tom Riddle, a quem nós deixamos, da última vez, no início de seus anos em Hogwarts. Você se lembra o quanto ele ficou animado ao descobrir que era bruxo, e que recusou minha companhia na viagem para o Beco Diagonal, ao mesmo tempo em que eu o avisei sobre continuar roubando dentro da escola.

- O ano letivo chegou e junto dele veio Tom Riddle, um menino quieto em suas roupas de segunda mão, que entrou na fila para ser sorteado. Ele foi posto na Sonserina quase no momento em que o chapéu tocou sua cabeça, continuou Dumbledore, sacudindo sua mão branca em direção a prateleira onde estava o Chapéu Seletor, muito antigo e imóvel. Quando Riddle descobriu que o famoso criador de sua casa podia falar com cobras, eu não sei - talvez naquela mesma noite. Esse conhecimento somente excitou-o e aumentou seu senso de auto-importância.

No entanto, se ele estava assustando ou impressionando seus colegas sonserinos com sua habilidade de ofidioglota, nenhum dos professores chegou a saber sobre isso. Ele não mostrou nenhum sinal de arrogância ou de agressividade. Como era um talentoso e muito bonito órfão, ele chamou a atenção e a simpatia dos professores quase que no momento em que chegou na escola. Ele parecia correto, quieto e sedento por conhecimento. Quase todos tinham uma boa impressão dele.

- O senhor não contou como ele era quando o conheceu no orfanato? Perguntou Harry.

- Não, não contei. Apesar de que ele não mostrou nenhuma ponta de remorso, era possível que sentisse arrependido pela forma como se comportou antes e resolveu ter um novo começo. Eu escolhi lhe dar esta chance.

Dumbledore fez uma pausa e observou curiosamente Harry, que tinha aberto sua boca para falar. Aqui, de novo, estava a tendência de Dumbledore de

confiar nas pessoas que claramente não mereciam! Mas, então, Harry lembrou-se de uma coisa...

- Mas você não confiou nele realmente, senhor? Ele me contou... O Riddle que saiu do diário disse 'Dumbledore nunca pareceu gostar de mim como os demais professores'.

- Vamos dizer que eu realmente não achei que ele fosse de todo confiável, disse Dumbledore. Eu decidi, como já indiquei, que ficaria de olhos bem atentos sobre ele, e assim eu o fiz. Devo dizer que não obtive muitas informações sobre ele no início. Ele era muito reservado comigo, ele sentia, tenho certeza, que a emoção de ter descoberto sua verdadeira identidade já tinha me contado muito sobre ele.

Ele teve cuidado de nunca mais revelar tanto novamente, mas ele não poderia tomar de volta o que ele já tinha deixado aparecer em sua excitação, ou mesmo o que Sr^a. Cole tinha me confidenciado. No entanto, ele sentia que não deveria tentar me conquistar assim como ele conquistou tantos de meus colegas.

Na medida em que ele crescia na escola, ele formou à sua volta um grupo de amigos dedicados a ele; chamo-os de amigos, por não haver uma palavra melhor do que esta, pois como já indiquei, Riddle não sentia nenhuma afeição por qualquer um deles. Este grupo tinha uma espécie de encanto, um glamour obscuro dentro do castelo. Os integrantes do grupo eram bem diferentes; uma mistura de fracos procurando proteção, ambiciosos procurando uma repartição de glória e uma atração violenta por um líder que mostrava a eles as mais refinadas formas de crueldade. Em outras palavras, eram os futuros Comensais de Morte, e, de fato, alguns deles se tornaram os primeiros Comensais depois que saíram da escola.

Rigidamente controlados por Riddle, eles nunca foram pegos fazendo alguma coisa errada, apesar de seus sete anos de Hogwarts terem sido marcados por incidentes suspeitos aos quais eles nunca estavam satisfatoriamente ligados; o mais grave de todos foi, é claro, a abertura da Câmara Secreta, que resultou na morte de uma garota. Como você sabe, Hagrid foi falsamente acusado deste crime.

Não fui capaz de encontrar muitas memórias de Riddle em Hogwarts, disse Dumbledore, pousando sua mão ferida sobre a Penseira. Os poucos que o conheciam não estavam preparados para falar sobre ele, eles estavam muito aterrorizados. O que eu sei, descobri depois que ele saiu de Hogwarts, depois de muito esforço, depois de procurar alguns que poderiam ser enganados numa conversa, depois de procurar por velhos registros de questionamentos a Trouxas e Bruxos que o testemunharam.

Aqueles que eu persuadi a falar me contaram que Riddle tinha obsessão por sua linhagem hereditária. Isto era compreensível, é claro; ele cresceu em um orfanato e queria descobrir como foi parar lá. Parece que ele procurou ligação com seu pai Tom Riddle nos escudos da Sala dos Troféus, nas listas de monitores antigos da escola, e até mesmo nos livros de história do mundo dos Bruxos.

Finalmente ele percebeu que seu pai nunca colocou os pés em Hogwarts. Acredito que foi neste momento que ele deixou de usar o nome de seu pai, assumindo a identidade de Lord Voldemort, começando a investigar a família de sua mãe - a mulher que, você se lembra, ele achou que não poderia ser bruxa já que sucumbiu à vergonhosa fraqueza humana da morte.

Tudo o que ele tinha a procurar era somente o nome Marvolo, que ele descobriu, nos tempos de orfanato, ter sido do pai de sua mãe. Finalmente, depois de trabalhosa pesquisa em livros de famílias de Bruxos, ele descobriu a linhagem sobrevivente de Slytherin. No verão de seu décimo sexto aniversário, ele saiu do orfanato para onde voltava todo ano e foi à procura de seus parentes Gaunt. E agora, Harry, se você se levantar...

Dumbledore se levantou e Harry pôde ver que ele novamente segurava uma pequena garrafa de cristal cheia por um fio prateado de lembrança.

- Tive muita sorte de coletar esta aqui, ele disse, colocando a massa brilhante na Penseira. Você vai entender quando mergulharmos nela. Vamos?

Harry deu um passo em direção à base de pedra e curvou-se até seu rosto afundar na lembrança. Ele sentiu a familiar sensação de cair no nada e atérrissou em um chão sujo quase na escuridão total.

Demorou alguns segundos para reconhecer o local. A casa dos Gaunt estava agora mais suja do qualquer lugar onde Harry já esteve. O teto estava repleto de teias de aranha e o chão coberto de lama, comida apodrecida estava em cima da mesa junto a panelas imundas. A única luz vinha de uma vela que estava aos pés de um homem com cabelos e barba enormes, e Harry não conseguia ver os olhos ou a boca dele. O homem estava jogado em uma poltrona perto do fogo e Harry se perguntou, por um momento, se ele estava morto. Porém, alguém bateu na porta e o homem moveu-se, erguendo uma varinha na mão direita enquanto segurava uma faca na esquerda. A porta se abriu com um estalo. Ali, no limiar da porta, segurando uma velha lamparina, encontrava-se um garoto que Harry reconheceu no ato: alto, pálido, cabelos escuros, e muito bonito - Voldemort adolescente.

Os olhos de Voldemort olharam por dentro da casa até que viu o homem na poltrona. Por alguns segundos, ambos se olharam, o homem se levantou derrubando garrafas vazias que se encontravam a seus pés.

- VOCÊ! Gritou. VOCÊ!

E correu em direção a Riddle, varinha e faca prontas para atacar.

- Pare.

Riddle falou em língua de cobra. O homem escorregou e bateu na mesa, derrubando as panelas. Olhou assustado para Riddle. Houve um grande momento de silêncio enquanto se olhavam. Até que o homem falou:

- Você também fala?

- Sim, eu falo, disse Riddle. Ele entrou na casa, batendo a porta por atrás de si. Harry não pode evitar sentir uma admiração à coragem de Voldemort. Seu rosto quase não mostrava nojo ou, até mesmo, decepção.

- Onde está Marvolo? Perguntou.

- Morto, disse o outro. Morreu há alguns anos atrás.

Riddle franziu a testa.

- Quem é você, então?

- Sou Morfin, não sou?

- Filho de Marvolo?

- Claro que sou, então...

Morfin tirou o cabelo de seu rosto para poder ver Riddle melhor e Harry pode ver que ele usava em sua mão direita o anel contendo a jóia negra que pertencera a Marvolo.

- Pensei que você fosse aquele Trouxa, sussurrou Morfin. Você se parece muito com ele.

- Que trouxe? Perguntou Riddle asperamente.
- O Trouxa que minha irmã gostava, o Trouxa que morava na mansão do outro lado, disse Morfin, e cuspiu inesperadamente no chão. Você se parece exatamente com ele. Riddle. Mas ele está mais velho agora, não está? Ele é mais velho que você, agora vejo...
- Morfin olhava fixamente e chegou pro lado um pouco, ainda se apoiando na quina da mesa.
- Ele voltou, percebe... Acrescentou.
- Voldemort olhava para Morfin, pensando em suas possibilidades. Moveu-se um pouco mais perto de Morfin e disse Riddle voltou?
- Er, ele a largou, e que isso sirva de lição a ela, casamento imundo, disse Morfin, mais uma vês cuspiu no chão. Nos roubou, antes de fugir. Onde está o colar, o colar de Slyterin?
- Voldemort não respondeu. Morfin estava ficando irado novamente, sacudiu a faca e gritou Ela nos desonrou, sim, ela nos desonrou, vadia imunda! E você, vindo aqui e perguntando coisas a respeito disso tudo? Acabou... Acabou...
- Ele virou o rosto, e Voldemort andou em sua direção. E quando fez isso uma estranha escuridão surgiu, apagando a lamparina de Voldemort e a vela de Morfin, apagando tudo... Os dedos de Dumbledore seguraram firmemente o braço de Harry e eles voltaram ao presente. A suave luz dourada da sala de Dumbledore cegou os olhos de Harry depois da impenetrável escuridão.
- Isso é tudo? Disse Harry de uma vez. Por que tudo ficou tão escuro de repente?
- Porque Morfin não conseguia lembrar de mais nada depois deste ponto, disse Dumbledore, apontando para que Harry se assentasse novamente em sua cadeira.
- Quando ele acordou na manhã seguinte, estava deitado no chão, sozinho. O anel de Marvolo havia desaparecido.
- Enquanto isso, na vila de Little Hangleton, uma empregada corria pela rua principal, gritando que havia três corpos estendidos na sala de jantar da mansão; Tom Riddle pai, sua mãe e seu pai.
- As autoridades Trouxas estavam perplexas. Até onde eu sei, eles não sabiam como os Riddles haviam morrido, já que a maldição Avada Kedavra não deixa nenhum sinal de dano... A exceção está na minha frente, Dumbledore acrescentou olhando para a cicatriz de Harry. O Ministério, por outro lado, sabia que isto tinha sido um assassinato cometido por um bruxo. Eles também sabiam que um convicto bruxo que odiava Trouxas morava depois do vale perto da mansão dos Riddle, alguém que odiava Trouxas e que já havia atacado uma das pessoas assassinadas.
- Assim, o Ministério convocou Morfin. Eles não precisaram perguntá-lo, usando Veritaserum ou Legilimência. Ele admitiu o assassinato, dizendo detalhes que só o assassino poderia saber. Ele estava orgulhoso, ele disse, por ter matado os Trouxas, esteve esperando a chance por muitos anos. Ele entregou sua varinha, e ficou provado que ela fora utilizada no assassinato. E ele se permitiu ser levado sem lutar direto para Azkaban.
- Só o que incomodava ele era o fato de que o anel de seu pai havia desaparecido.
- 'Ele vai me matar por ter perdido', ele disse várias vezes às pessoas que o prenderam. 'Ele vai me matar por ter perdido!' E isso, aparentemente, foi tudo o que ele disse novamente. Durante o período em que ficou em Azkaban, ele

reviveu esta lembrança, lamentando a perda do último artefato da herança de Marvolo, e está enterrado ao lado da prisão, ao lado de muitos outros que morreram lá dentro.

- Então, Voldemort roubou a varinha de Morfin e usou-a? Disse Harry, sentando com a coluna ereta.

- Isso mesmo, disse Dumbledore. Não temos nenhuma lembrança que possa nos mostrar isso, mas acho que podemos ter toda certeza que foi isto o que aconteceu. Voldemort estuporou seu tio, pegou sua varinha e foi em direção à mansão do outro lado do vale. Lá, ele matou o Trouxa que havia abandonado sua mãe, e, também, seus avós Trouxas, exterminando o último dos Riddles e vingando-se do homem que nunca o quis como um filho. Então, retornou à cabana dos Gaunt, fez uma magia complexa que implantaria uma falsa lembrança na mente de seu tio, deixou a varinha de Morfin ao lado de seu dono inconsciente, pegou o velho anel que ele usava e foi embora.

- E Morfin nunca percebeu que ele não fez nada daquilo?

- Nunca, disse Dumbledore, e ele deu uma confissão detalhada.

- Mas ele tinha essa lembrança verdadeira o tempo todo?

- Sim, mas foi preciso um grande esforço da poderosa Legitimência para obter isso dele, disse Dumbledore, e pra que alguém investigaria a fundo a mente de Morfin quando ele já havia confessado o crime? No entanto, eu consegui fazer uma visita a Morfin nas suas últimas semanas de vida, pois naquele momento eu tentava descobrir o máximo possível sobre o passado de Voldemort. Obtive essa lembrança com muita dificuldade. Quando vi o que continha, tentei utilizá-la para retirar Morfin de Azkaban. Mas antes do Ministério chegar a uma decisão, ele já havia morrido.

- Mas como o Ministério não havia percebido que Voldemort tinha feito isso tudo com Morfin? Harry perguntou com raiva. Ele era menor de idade naquela época, não era? Achei que era possível detectar magia feita por menores de idade.

- Você tem razão - eles podem detectar magia, mas não quem a fez. Você se lembra que foi acusado de usar magia de Levitação quando na verdade quem utilizou foi...

- Dobby, disse Harry; essa injustiça ainda o incomodava. Então, se você é menor de idade e faz magia dentro da casa de um Bruxo adulto, o Ministério não vai saber?

- O Ministério certamente saberá dizer quem praticou a magia, disse Dumbledore, sorrindo gentilmente enquanto olhava a indignação de Harry. Eles cobram aos bruxos adultos que seus filhos obedeçam enquanto estão dentro da casa.

- Isso é muita besteira, esbravejou Harry. Olha o que aconteceu aqui, olha o que aconteceu com Morfin.

- Eu concordo, disse Dumbledore. Mesmo por tudo o que Morfin foi, ele não merecia morrer da forma que morreu, acusado de assassinatos que ele não cometeu.

- Está ficando tarde, e ainda quero que você olhe mais uma lembrança antes de irmos...

Dumbledore tirou de um bolso outra garrafinha de cristal e Harry ficou em silêncio novamente, lembrando que Dumbledore disse que esta fora a mais importante que ele conseguiu coletar. Harry percebeu que o conteúdo foi difícil

de ser despejado na Penseira, como se ela tivesse se tornado mais sólida, será que as lembranças se estragam?

- Isto não vai demorar, disse Dumbledore, quando ele finalmente esvaziou o vidrinho. Devemos estar de volta antes de você notar. Bem, vamos entrar mais uma vez na Penseira...

Harry caiu mais uma vez dentro do líquido pratéado e aterrissou, desta vez, em frente a um homem que ele logo reconheceu.

Era um bem mais jovem Horácio Slughorn. Harry estava tão acostumado com ele careca que vê-lo com cabelo grosso, brilhante e cor de palha era um pouco desconcertante, apesar de já haver uma careca do tamanho de um galeão no topo de sua cabeça. Seu bigode, mais fino do que o atual era de um louro avermelhado. Ele não era tão gordo quanto o Slughorn que Harry conhecia. Seus pequenos pés repousavam em cima de um pufe, ele estava sentado bem confortável em uma poltrona, uma das mãos segurando uma pequena taça de vinho e a outra vasculhando uma caixa de abacaxis cristalizados.

Harry olhou a volta enquanto Dumbledore chegava, e percebeu que estavam na sala de Slughorn. Uma meia dúzia de garotos estava sentada ao redor de Slughorn, todos por volta de 15 anos. Harry reconheceu Voldemort logo de cara. Ele era o mais bonito entre todos e o que parecia mais relaxado. Seu braço direito estava deitado relaxadamente sobre o braço de sua poltrona, com um susto, Harry percebeu que ele usava o anel dourado-e-preto de Marvolo, ele já havia matado seu pai.

- Senhor, é verdade que professor Merrythought está se aposentando do cargo? Ele perguntou.

- Tom, Tom, se eu soubesse não poderia lhe dizer, disse Slughorn, sacudindo um dedo açucarado de desaprovação, mas que perdia efeito à medida que seus olhos piscavam. Devo dizer que gostaria de saber como você consegue ter acesso a certas informações, você sabe mais que alguns de meus colegas. Riddle sorriu e os demais garotos olharam-no com admiração.

Com essa incomum habilidade de saber coisas que você não deveria e sua cuidadosa habilidade de agradar pessoas importantes - obrigado pelo abacaxi, sim, são os meus favoritos...

Depois que alguns garotos riram com certo nervoso, uma coisa muito estranha aconteceu. Toda a sala encheu-se com uma grossa nevoa branca, e Harry não podia ver nada além do rosto de Dumbledore, que estava ao seu lado. Então a voz de Slughorn ecoou por entre a névoa, estranhamente alta... Você vai pelo caminho errado, garoto, lembre-se de minhas palavras!

A névoa sumiu tão subitamente quanto surgiu, e ninguém pareceu reparar isto, ou ninguém agiu como se algo diferente tivesse acontecido. Alarmado, Harry olhou à volta e viu um grande relógio dourado acima da cabeça de Slughorn marcando onze horas da noite.

Bom Deus, já está tão tarde assim? Disse Slughorn. É melhor vocês irem garotos ou estaremos todos encarcerados. Lestrange, quero seu artigo para amanhã ou estará em detenção. O mesmo para você, Avery!

Slughorn levantou-se da cadeira e levou seu copo vazio até a mesa, enquanto os meninos saíam da sala. Voldemort, no entanto, ficou para trás. Harry sabia que ele se atrasou de propósito para poder ficar a sós com Slughorn.

- Tome cuidado, Tom, olhando à volta e vendo-o ainda lá, você não quer ser pego a essa hora da noite, ainda mais sendo monitor...

- Senhor, quero lhe perguntar uma coisa.

- Pode perguntar, então, garoto, pode perguntar...
- Senhor, queria saber o que você sabe sobre Horcruxes?

E, então, aconteceu tudo de novo: a densa névoa de forma que Harry não conseguia ver nem Slughorn nem Voldemort; somente Dumbledore, que sorria serenamente.

Então, a voz de Slughorn ecoou novamente, assim como antes.

- Eu não sei nada sobre Horcruxes e mesmo se soubesse não diria! Agora saia daqui de uma vez e não permita que eu ouça você mencionado isto de novo!
- Bem, é isso, disse Dumbledore calmamente ao lado de Harry.
- É hora de irmos.

Os pés de Harry saíram do chão da lembrança e voltaram ao chão da sala de Dumbledore.

- Isso é tudo? Perguntou Harry atônito.

Dumbledore havia dito que esta era a lembrança mais importante de todas, mas ele não conseguia ver o que tinha de tão importante a respeito. Com certeza a névoa e o fato de ninguém haver percebido, foi estranho, mas, além disso, nada pareceu ter acontecido, a não ser o fato de Voldemort ter feito uma pergunta e não ter obtido resposta.

- Como você deve ter percebido, disse Dumbledore sentando por detrás da mesa, esta lembrança foi adulterada.

- Adulterada? Repetiu Harry, sentando-se também.

- Certamente, disse Dumbledore. Professor Slughorn interferiu em suas próprias lembranças.

- Mas por que ele faria isso?

- Porque, eu acredito, ele está envergonhado do que se lembra, disse Dumbledore.

- Ele tentou refazer a lembrança para mostrar-se a si mesmo sob uma perspectiva melhor, escondendo as partes que ele não desejava ver. Foi, como você pode perceber, mal feito e isso foi uma coisa boa, pois mostra que a verdadeira memória está lá por baixo das alterações.

- E também, pela primeira vez, eu estou lhe dando um dever de casa, Harry. Será seu dever convencer professor Slughorn a divulgar a real lembrança que será, sem dúvida, um pedaço crucial de informação.

Harry olhou fixamente. - Mas, senhor, é óbvio que você pode usar Legilimência ou Veritaserum...

- Professor Slughorn é um bruxo poderoso que estará pronto para qualquer um dos dois, disse Dumbledore. Ele é muito mais preparado em Oclumência do que o pobre Morfin Gaunt, e eu me surpreenderia se ele não carregasse consigo um antídoto para Veritaserum desde quando eu tentei fazer com que ele me desse esta versão travestida de suas memórias.

- Não, eu acho que seria idiotice tentar obter a verdade do professor Slughorn utilizando a força, seria muito mais prejudicial do que benéfico. Eu não quero que ele saia de Hogwarts. No entanto, ele tem fraquezas como todos nós e eu tenho certeza que você é uma das pessoas que seria capaz de penetrar em suas defesas. É muito importante que obtenhamos a verdadeira lembrança, Harry... o quão importante só saberemos quando a tivermos em mãos. Então, boa sorte e boa noite.

Um pouco estupefato pela despedida súbita, Harry levantou-se rapidamente.

- Boa noite, senhor.

Enquanto fechava a porta do escritório, ouviu Phineas dizer: - Não consigo ver como o garoto se saíria melhor que você, Dumbledore.

- Eu não esperaria que você visse, Phineas, respondeu Dumbledore e Fawkes soltou mais uma nota musical.

--Capítulo 18-- Surpresas de Aniversário

No dia seguinte Harry confiou a Rony e Hermione a tarefa que Dumbledore tinha dado a ele, embora separadamente, pois Hermione ainda se recusava a tolerar a presença de Rony por mais tempo do que o necessário para lhe dar um olhar de desprezo.

Rony pensou que era improvável que Harry tivesse problemas com Slughorn afinal. - Ele te ama! Disse ele depois do café da manhã, abanando um garfo cheio de ovos fritos. Não recusará nada a você, não é mesmo? Não ao seu pequeno Príncipe das Poções. Você só precisa esperar depois da aula da tarde e perguntá-lo.

Hermione, entretanto, deu um olhar desanimador.

- Ele deve estar determinado a esconder o que realmente aconteceu, se Dumbledore não foi capaz de tirar isso dele ela disse em voz baixa, enquanto estavam no pátio deserto e cheio de neve durante o intervalo. Horcruxes... Horcruxes... Eu nunca ouvi nada sobre elas.

- Você não ouviu?

Harry estava desapontado; ele havia esperado que Hermione pudesse lhe dar uma dica do que eram Horcruxes.

- Devem ser Artes das Trevas realmente avançadas, pois senão porque Voldemort iria querer saber sobre elas? Eu acho que será difícil conseguir a informação, Harry, você terá que agir com muita cautela ao se aproximar de Slughorn, pensar numa estratégia...

- Rony disse que eu deveria simplesmente me atrasar na saída da aula de Poções esta tarde...

- Oh, claro, se Won-Won pensa assim, é melhor faze-lo! Ela disse, explodindo mais uma vez. - Além do mais, quando foi que a opinião de 'Won-Won' foi errada?

- Hermione, você não poderia...

- Não! Ela disse com raiva, e se afastou violentamente, deixando Harry sozinho e atolado na neve.

As aulas de Poções eram bastante incômodas, pois Harry, Rony e Hermione compartilhavam a mesma mesa. Hoje, Hermione havia levado seu caldeirão pela mesa de modo que ficassem perto de Ernie, e ignorou Harry e Rony.

- O que você fez? Rony murmurou para Harry, olhando o perfil arrogante de Hermione. Mas antes que Harry pudesse responder, Slughorn estava solicitando o silêncio em frente à classe.

- Sentem-se, sentem-se, por favor! Rápido, agora, temos muito trabalho pela frente esta tarde! A terceira lei de Golpalott, alguém pode me dizer qual é? A senhorita Granger pode, com certeza.

Hermione recitou em alta velocidade: - A terceira Lei de Golpalott diz que o antídoto para um veneno será igual à soma dos antídotos para cada um dos componentes que o compõe.

- Precisamente! Disse Slughorn radiante Dez pontos para Grifinória! Agora, se nós aceitarmos que a terceira Lei de Golpalott é verdade... Harry estava aceitando que a palavra de Slughorn sobre essa terceira Lei de Golpalott era verdadeira, porque ele não havia entendido nada dela. Ninguém além de Hermione pareceu entender o que Slughorn disse depois, também.

-... Que significa, claro que assumindo que nós venhamos a conseguir a identificação correta dos ingredientes pela Scarpin Relelaspell, nosso primeiro alvo não é simplesmente selecionar antídotos para os ingredientes da mesma, mas encontrar o componente adicionado que, por um processo quase químico, transforme esses elementos...

Rony estava sentado ao lado de Harry com a boca meio-aberta, olhando fixamente seu novo livro de Poções Avançadas. Rony continuava sem lembrar de que não poderia confiar em Hermione para socorrê-lo quando não entendesse o que estava acontecendo.

E então finalizou Slughorn: - Eu quero que cada um de vocês venha aqui e pegue um desses frascos em minha mesa. Vocês criarão antídotos para o veneno dentro dele antes do fim da aula. Boa sorte, e não se esqueçam de suas luvas protetoras.

Hermione deixou seu assento e já havia caminhado a metade do caminho em direção à mesa de Slughorn antes que o resto da turma compreendesse que deviam se mover, e quando Harry, Rony e Ernie retornaram à mesa, ela já havia virado o conteúdo de seu frasco no caldeirão, e estava acendendo o fogo embaixo dele.

- É uma pena que o Príncipe não poderá ajudá-lo muito nisto, Harry. Ela disse de maneira vivaz enquanto se e endireitava. Você tem que entender os princípios envolvidos desta vez. Nada de atalhos ou fraudes!

Irritado, Harry abriu o veneno que tinha pegado na mesa de Slughorn, que era de uma aparência rosa extravagante, a derrubou em seu caldeirão e acendeu o fogo abaixo dele. Ele não fazia idéia do que deveria fazer a seguir. Olhou de relance para Rony, que o observava de esguelha, copiando tudo o que Harry fazia.

- Você está certo de que o Príncipe não deixou nenhum palpite? - Rony resmungou para Harry. Harry pegou sua cópia de confiança de Poções Avançadas e abriu no capítulo sobre Antídotos.

Lá estava a terceira Lei de Golpalott, explicada com todas as palavras que Hermione havia recitado, mas nenhuma singela dica pela mão de Príncipe explicando o que significava. Aparentemente o Príncipe, como Hermione, não tinha dificuldades em entender aquilo.

- Nada. - Disse Harry melancolicamente. Hermione estava agora acenando sua varinha entusiasticamente sobre o seu caldeirão.

Infelizmente, eles não poderiam copiar o feitiço que esta estava fazendo porque ela agora dominava tão bem os feitiços não verbais que ela não precisou mencionar as palavras em voz alta. Ernie Macmillan, entretanto, murmurava:

- Specialis Revelio! Sobre seu caldeirão, o que soou impresso, então Harry e Rony rapidamente o imitaram. Levou somente cinco minutos para que Harry compreendesse que sua reputação como o melhor aluno de poções da classe se espatifava ao redor de si. Slughorn tinha examinado o seu caldeirão esperançosamente em sua primeira inspeção pela masmorra, preparado para exclamar deliciado como sempre, e havia retirado sua cabeça rapidamente, tossindo, ao sentir o cheiro de ovos podres sobre si. A expressão de Hermione não poderia estar mais satisfeita; ela havia odiado não se destacar em cada aula de Poções.

Ela estava agora decantando os misteriosos ingredientes separados de seu veneno em dez frascos de cristal diferentes. Mais para evitar essa visão

irritante do que por qualquer outra coisa, Harry inclinou-se sobre o livro de Príncipe, virando algumas páginas com força desnecessária. E lá estava, rabiscado através de uma longa linha de antídotos. Apenas empurre um bezoar pelas suas gargantas. Harry fitou as palavras longamente. Ele não havia ouvido, há muito tempo, sobre bezoar? Snape não havia mencionado eles na primeira aula de Poções?

Uma pedra tirada do estômago de uma cabra, que o livrará da maioria dos venenos. Não era uma resposta para o problema de Golpalott, e se Snape ainda fosse o seu professor, Harry não ousaria fazê-lo, mas este era um momento para medidas desesperadas. Ele foi em direção ao armário de estoques e, empurrando para o lado os chifres de unicórnio e um emaranhado de ervas ressecadas, encontrou, bem no fundo, uma pequena caixa onde se lia a palavra Bezoar. Ele abriu a caixa exatamente quando Slughorn avisou:

- Mais cinco minutos, pessoal!

Dentro dela havia uma dúzia de objetos marrons enrugados, parecendo mais rins secos do que pedras. Harry apanhou um, devolveu a caixa para o armário e voltou apressado ao seu caldeirão.

- O tempo acabou! Disse Slughorn animadamente. Bem, vamos ver o que vocês conseguiram fazer! Blaise... O que você tem para mim? Lentamente, Slughorn se moveu pela sala, examinando os vários antídotos. Ninguém havia conseguido terminar a tarefa, embora Hermione estivesse tentando meter a força alguns poucos ingredientes em sua garrafa antes de Slughorn a alcançar. Rony havia desistido completamente, e estava tentando meramente parar de respirar os aromas pútridos que saíam de seu caldeirão. Harry permaneceu esperando, o bezoar seguro em uma mão ligeiramente suada. Slughorn alcançou a última mesa. Cheirou a poção de Ernie e passou sobre Rony com uma careta. Ele não se demorou no caldeirão de Rony, mas se afastou rapidamente, ligeiramente nauseado. E você, Harry. Ele disse. - O que você tem para me mostrar? Harry mostrou sua mão, o bezoar repousando em sua palma. Slughorn olhou para baixo por dez longos segundos.

Harry imaginou, por um momento, se ele iria gritar com ele. Então ele jogou sua cabeça para trás e explodiu em gargalhadas. - Você é ousado, garoto! explodiu ele, pegando o bezoar e mantendo-o no alto para que toda a classe pudesse ver.

- Oh, você é como sua mãe... Bem, eu não posso criticá-lo... Um bezoar certamente agiria como antídoto para todas estas poções! Hermione, com a face suada e fuligem em seu nariz, ficou lívida. Seu antídoto não terminado, compreendendo cinquenta e dois ingredientes, incluindo um chumaço do seu próprio cabelo, borbulhou lentamente atrás de Slughorn, que só tinha olhos para Harry.

- E você pensou no bezoar sozinho, não pensou, Harry? Ela perguntou por entre os dentes.

- Este é o espírito que um verdadeiro fazedor de poções precisa! Disse Slughorn alegremente, antes que Harry pudesse responder. Exatamente como sua mãe, ela tinha a mesma compreensão intuitiva fazendo poções, definitivamente você herdou isso de Lílian... Sim, Harry, sim, se você tiver um bezoar à mão, é claro que você fará o truque... Embora eles não funcionem em todos os casos, e sejam muito raros ainda tem seu valor saber como preparar antídotos.

A única pessoa na sala com um olhar mais bravo do que Hermione era Malfoy, que, Harry ficou encantado em observar, havia derramado algo que parecia como um gato doente sobre si mesmo. Antes que qualquer um deles pudesse expressar sua fúria por Harry ficar em primeiro lugar na classe sem fazer nada, entretanto, o sino bateu.

- Tempo de guardar o material! Disse Slughorn. E dez pontos extras para Grifinória pela ousadia! Ainda rindo, ele voltou gingando para sua mesa à frente da masmorra. Harry ficou para trás, gastando uma grande quantidade de tempo para fechar sua mochila. Nem Rony e nem Hermione lhe desejaram boa sorte quando saíram; ambos lhe dedicaram olhares irritados. Finalmente só havia Harry e Slughorn na sala.

- Vamos, agora, Harry, você ficará atrasado para sua próxima aula! Disse Slughorn amavelmente, estalando os ganchos dourados de sua pasta de couro de dragão.

- Senhor, Disse Harry, lembrando-se irresistivelmente de Voldemort eu queria lhe perguntar algo.

- Pergunte o que quiser, então, meu querido, pergunte o que quiser.

- Senhor, eu queria saber o que você sabe sobre... Sobre Horcruxes? Slughorn congelou. Seu rosto redondo pareceu afundar dentro de si. Ele umedeceu os lábios e disse asperamente: O que você disse?

- Eu perguntei o que sabe sobre Horcruxes, senhor. O senhor sabe...

- Dumbledore lhe pediu isso! Sussurrou Slughorn. Sua voz havia mudado completamente. Não era mais genial, e sim chocado, estarecido. Ele levou a mão ao bolso e retirou um lenço, e esfregou sua testa molhada. Dumbledore lhe mostrou aquilo - aquela memória! Disse Slughorn. Então? Ele não mostrou?

- Sim Disse Harry, decidindo no momento que era melhor não mentir.

- Sim, é claro.' Disse Slughorn, ainda esfregando sua face pálida. É claro... Bem, se você viu aquela memória, Harry. Você sabe que eu não sei nada – NADA, ele repetiu a palavra com força sobre Horcruxes.

Ele pegou sua pasta de couro de dragão, colocou o lenço no bolso e marchou para a porta da masmorra.

- Senhor Disse Harry desesperadamente. Eu só pensei que poderia haver um pouco mais daquela memória...

- Pensou? Disse Slughorn. Então pensou errado, está ouvindo? ERRADO!

Ele gritou a última palavra e, antes que Harry pudesse dizer qualquer coisa, bateu a porta da masmorra atrás dele. Nem Rony nem Hermione ficaram animados quando Harry lhes contou o desastre da entrevista. Hermione ainda estava chatéada por Harry ter triunfado sem fazer o trabalho propriamente. Rony estava ressentido que Harry não tivesse passado nenhum bezoar escondido para ele.

- Teria parecido estúpido se nós todos tivéssemos feito! Disse Harry irritado.

- Olha, eu tinha que tentar amolecê-lo para perguntar sobre Voldemort, não tinha?

- Oh! Se contenha! Ele somou irritado, Rony estrêmeceu ao som do nome.

Enfurecido pelo fracasso dele e pela atitude de Rony e Hermione, Harry passou os dias seguintes pensando no que fazer sobre Slughorn. Por enquanto, ele decidiu que ele deixaria Slughorn pensar que ele tinha esquecido totalmente Horcruxes; era certamente melhor para o acalmar, provocando uma falsa segurança antes de voltar ao ataque. Quando Harry deixou de questionar Slughorn novamente, o mestre de Poções retornou ao tratamento afetuoso

usual dele, e parecia ter tirado o assunto de sua mente. Harry esperou um convite a uma das pequenas festas de tarde de Slughorn, determinado a aceitá-lo desta vez, mesmo se tivesse que remarcar os treinos de Quadribol. Porém, infelizmente, nenhum convite chegou. Harry conferiu com Hermione e Gina: nenhuma delas tinha recebido convite algum e nem, até onde elas sabiam, ninguém tinha. Harry não podia negar que Slughorn não era tão esquecido quanto parecia, simplesmente ele estava determinado a não dar a Harry nenhuma oportunidade adicional para questioná-lo.

Enquanto isso, a biblioteca de Hogwarts tinha falhado com Hermione pela primeira vez. Ela estava tão triste, que até esqueceu que estava irritada por conta do acontecimento com o bezoar.

- Eu não achei uma única explicação para o que são Horcruxes! Ela falou. Nem umazinha! Eu estive olhando na seção proibida e até mesmo nos livros mais horríveis onde eles lhe contam como fabricar as poções mais horrendas - nada! Tudo que eu pude achar foi isto, no Introdução para Magia Mais Má, escutem: 'Das Horcruxes, a mais maligna das invenções mágicas, nós não falaremos nem daremos receita'... Por que menciona isto, então? Ela disse impacientemente, enquanto fechava o livro velho batendo-o; ele soltou uma lamúria fantasmagórica. Oh cala a boca, ela resmungou, enquanto colocava o livro na bolsa.

A neve derretia ao redor da escola quando fevereiro chegou, o frio foi substituído por uma umidade melancólica. Nuvens cinzentas bem baixas pareciam penduradas em cima do castelo e uma constante chuva fria caindo deixavam os gramados escorregadios e barrentos. Iniciava-se também a primeira aula de Aparatar para os sextanistas, que foi marcada para uma manhã de sábado, de forma que nenhuma das matérias normais fossem atrapalhadas, e aconteceria no Grande Salão. Quando o Harry e Hermione chegaram ao Salão (Rony tinha ficado com Lilá), eles perceberam que as mesas haviam desaparecido.

A chuva chicoteava contra as janelas altas e o teto encantado se erguia escurecido sobre eles, enquanto se juntavam em frente aos Professores McGonagall, Snape, Flitwick e Sprout - os Chefes das Casas - e um bruxo pequeno, que Harry imaginou ser o Instrutor de Aparatar do Ministério. Ele era anormalmente pálido, com cílios transparentes, cabelo delgado e um ar insubstancial, como se uma única rajada de vento pudesse levá-lo embora. Harry desejou saber se aparecimentos, e constantes reparações tinham diminuído a matéria dele de alguma maneira, ou se esta forma delicada era a ideal para qualquer um que desejasse desaparecer.

- Bom dia, disse o bruxo de Ministério, quando todos os alunos tinham chegado e os Chefes das Casas pediram silêncio. Meu nome é Wilkie Twycross e eu serei seu Instrutor de Aparatar do Ministério - durante as próximas doze semanas. Eu espero poder prepará-los para seu teste de Aparatar neste período.

- Malfoy fique quieto e preste atenção! Rosnou a Professora McGonagall. Todo mundo olhou em volta. Malfoy tinha ficado de um rosa idiota; ele parecia tão furioso que se afastou de Crabbe, com quem ele estava sussurrando alguma coisa. Harry olhou depressa, para Snape, que parecia muito aborrecido, o que Harry suspeitou ser menos pela falta de Malfoy do que pelo fato de McGonagall ter repreendido um aluno da casa dele.

- Em algum tempo, muitos de vocês estarão prontos para fazer sua prova, Twycross continuou, como se não tivesse havido nenhuma interrupção.

- Como vocês sabem, é impossível Aparatar ou Desaparatar dentro de Hogwarts. O Diretor desfez este feitiço, somente dentro do Grande Salão, durante uma hora, para possibilitar nossa prática. Eu devo enfatizar que você não será capaz de Aparatar fora das paredes deste Corredor, e espero que você não seja burro de tentar. Eu gostaria que cada um de vocês se posicionasse agora de tal forma que tenha uns cinco metros de espaço em frente a você.

Houve um grande tumulto, na separação das pessoas, elas batiam-se umas nas outras, e organizavam-se erroneamente. Os Chefes das Casas moveram-se entre os estudantes, colocando-os em posição e solucionando problemas.

- Harry aonde você pensa que vai? Hermione perguntou.

Mas Harry não respondeu; ele estava se movendo depressa pela multidão, além do lugar onde Professor Flitwick estava tentando posicionar alguns Corvinais, todos querendo estar na frente e, passando pela Professora Sprout, que alinhava as pessoas da Lufa-Lufa que insistiam em aglomerar-se ao redor de Ernesto Macmillan, ele conseguiu se posicionar na parte de trás da multidão, exatamente atrás de Malfoy que estava tirando proveito do motim geral para continuar a conversa com Crabbe, posicionando-se a cinco pés de distância, mas parecendo revoltado.

- Eu não sei quanto mais, certo? Malfoy disse a ele, sem perceber que Harry estava logo atrás.

- Está levando muito mais tempo do que eu pensei. Crabbe abriu a boca, mas Malfoy pareceu adivinhar o que ele ia dizer. Olha, não é nenhum segredo o que estou fazendo, Crabbe, você e Goyle mantem uma vigia, é isso que devem fazer!

- Eu diria a meus amigos o que faria, se eles precisassem manter uma vigilância para mim, Harry disse, alto bastante para Malfoy o ouvir.

Malfoy girou, a mão dele agarrando a varinha, mas, nesse preciso momento os quatro Chefes das Casas gritaram, 'Quietos!', e o silêncio reinou novamente.

Malfoy virou-se para frente lentamente.

- Obrigado disse Twycross. Agora então... Ele balançou sua varinha. Arcos antiquados de madeira apareceram no chão em frente a cada estudante.

- As coisas mais importantes para se lembrar quando Aparatar são os três D's! Disse Twycross.

- Destino, Determinação, Deliberação! Passo um: fixe sua mente firmemente no destino desejado, Disse Twycross. Neste caso, o interior de seu arco.

Gentilmente, concentre-se agora neste destino. Todo mundo dava uma olhada furtiva, para conferir se os outros estavam fitando seu arco, então rapidamente fizeram como lhes foi falado.

Harry contemplou o remendo circular de chão pardo incluído no seu arco e tentou não pensar em nada mais. Isto era impossível, pois ele não podia deixar de pensar no que Malfoy estava fazendo, a ponto de precisar de vigias.

- Passo dois, disse Twycross, foque sua determinação em ocupar o espaço visualizado! Deixe este seu anseio inundar sua mente e partir para cada partícula de seu corpo!

Harry olhou sorratéiramente ao redor. Um pouco a sua esquerda, Ernie Macmillan estava contemplando o arco dele tão firme que sua face tinha ficado

rosa; olhava como se estivesse tentando botar um ovo do tamanho de uma Goles. Harry sufocou um riso e rapidamente voltou o olhar ao seu próprio arco.

- Passo três, chamou Twycross, e somente quando eu der o comando... Imaginem aquele mesmo lugar, tentem não sentir mais nada, movendo-se com deliberação. Em meu comando, agora... Um... Harry olhou ao redor novamente; muitas pessoas estavam olhando alarmadas, perguntando-se se já iam aparatar tão depressa. Dois... Harry tentou fixar os pensamentos dele novamente no arco; ele já tinha esquecido o que três D's representavam.

- TRÊS! Harry girou naquele mesmo lugar, perdeu o equilíbrio e quase caiu. Ele não foi o único. O Salão inteiro estava, de repente, cheio de pessoas cambaleantes; Neville estava caído atrás dele; Ernie Macmillan, por outro lado, tinha feito uma pirueta saltando no arco dele e parecia momentaneamente emocionado, até que viu Dino Thomas que rugindo de tanto rir dele.

- Não se distraiam, não se distraiam, disse Twycross secamente, que não parecia estar esperando qualquer coisa melhor.

- Ajustem seus arcos, por favor, e para trás em suas posições originais...

A segunda tentativa não foi melhor que a primeira. A terceira foi ruim do mesmo jeito. Nada até a quarta trouxe qualquer acontecimento excitante. Houve um guincho horrível de dor e todo mundo olhou, apavorado, vendo Susan Bones da Lufa-Lufa que cambaleou no arco dela com a perna esquerda parada a cinco pés de distância do lugar de onde ela tinha começado.

Os Chefes das Casas foram até a ela; houve um grande estrondo e uma bola de fumaça roxa apareceu, revelando uma Susan que chorava, com a perna no lugar, mas, horrorizada.

- A Fraturação ou separação de corpos, disse Twycross desapontado, acontece quando a mente está insuficientemente determinada. Você tem que se concentrar continuamente em seu destino, e se mover, sem hesitar, mas com deliberação... Assim. . .

Twycross pisou adiante, graciosamente girando no mesmo lugar com os braços estendidos e desapareceu em um redemoinho de roupas, enquanto reaparecia na parte de trás do Salão.

- Se lembrem dos três D's ele disse, e tentem novamente... 1...2...3...

Mas de uma hora depois, e a Fraturação de Susan ainda era coisa mais interessante que tinha acontecido. Twycross não parecia desanimado. Firmando o capote dele ao pescoço, ele somente disse, Até sábado que vem a todos, e não esqueçam: Destinação. Determinação. Deliberação.

Com isso, ele balançou a varinha, e enquanto os arcos desapareciam, saiu do Salão acompanhado pela Professora McGonagall. Conversando, as pessoas se dirigiam para o Salão de Entrada.

- O que você fez' perguntou Harry para Rony, enquanto saíam. Eu acho que senti algo da última vez que tentei - um formigamento nos pés.

- 'Eu achei estes treinos muito fáceis, facilimos, disse uma voz atrás deles, e Hermione os olhou, enquanto sorria maliciosamente.

- Eu não sentia nada, disse Harry, ignorando a interrupção. Mas não é isso que me preocupa agora.

- O que você quer dizer, que não se preocupa... Você não quer aprender a Aparatar? Disse Rony incrédulo.

- Eu não estou interessado, realmente. Eu prefiro voar, disse Harry, enquanto olhava por cima do ombro para ver onde Malfoy estava, e acelerou quando eles entraram no Salão de Entrada.

- Olhe, se apresse, vamos, há algo que eu quero fazer... Perplexo, Rony seguiu Harry para a torre da Grifinória correndo. Eles foram temporariamente detidos por Pirraça, que tinha jogado uma porta no quarto andar fechando-o e se recusando deixar qualquer um passar até que atearam fogo às calças dele, mas Harry e Rony simplesmente retrocederam e foram por atalhos já conhecidos. Dentro de cinco minutos, eles estavam entrando pelo buraco do retrato.

- Você vai me contar o que nós estamos fazendo, então? Perguntou Rony.

- Para cima, disse Harry, cruzando a sala comunal e entrando pela porta para a escadaria dos meninos. O dormitório deles estava, como previsto, vazio. Ele abriu sua mala e começou a procurar algo, enquanto Rony assistia impacientemente.

- 'Malfoy está usando Crabbe e Goyle como vigias. Ele estava discutindo agora mesmo com Crabbe. Quer saber... aha!

Ele tinha achado, um quadrado dobrado de pergaminho aparentemente em branco que ele abriu e bateu com a varinha.

- Eu solene juro não fazer o bem... Mostre Malfoy!

Imediatamente, o Mapa do Maroto apareceu na superfície do pergaminho. Era um plano detalhado de todo os pisos do castelo e, movendo-se nele, minúsculos, pontos pretos que representavam cada dos ocupantes do castelo.

- Me ajude a achar Malfoy, disse Harry rapidamente.

Ele pôs o mapa na cama dele, e ele e Rony se apoiaram, enquanto procuravam.

- Lá! Disse Rony, depois de um minuto. Ele está na sala comunal de Sonserina, olhe... Com Parkinson, Zabini, Crabbe e Goyle...

Harry olhou para o mapa, desapontado, e o guardou quase que imediatamente.

- Bem, vou manter o olho nele de agora em diante, disse firmemente. E no momento que eu o vir espreitando em algum lugar com Crabbe e Goyle, será com a Capa da Invisibilidade que vou descobrir o que ele quer.

Ele parou quando Neville entrou no dormitório, trazendo com ele um cheiro forte de material chamuscado, e começou a procurar em sua mala um par limpo de roupas. Apesar da determinação de capturar Malfoy, Harry não teve sorte por todo resto da semana. Embora ele consultasse o mapa tão freqüentemente quanto podia, às vezes fazendo visitas desnecessárias ao banheiro entre as aulas para olhar, ele não viu nenhuma vez Malfoy em lugar suspeito. Realmente, ele notou que Crabbe e Goyle rondavam o castelo sozinhos mais freqüentemente que o usual, às vezes permanecendo parados em corredores desertos, mas sempre Malfoy não só estava longe deles, mas impossível de ser localizado no mapa. Isto era muito misterioso.

Harry pensou na possibilidade de Malfoy estar realmente deixando os terrenos escolares, mas não pôde ver como ele poderia fazê-lo, devido ao alto nível de segurança que operava agora dentro do castelo. Ele poderia somente supor que pudesse ter perdido Malfoy entre as centenas de pontos pretos minúsculos no mapa. Como Malfoy, Crabbe e Goyle pareciam agir de modo diferente, já que eram normalmente inseparáveis, estas coisas poderiam demonstrar que estavam se afastando. Rony e Hermione, Harry refletiu tristemente, eram prova viva disso.

Março não trouxe mudanças no tempo, a não ser o vento, além de úmido. Para indignação geral, uma nota apareceu em todos os quadros de aviso das salas

comunais, a próxima viagem a Hogsmeade tinha sido cancelada. Rony estava furioso.

- Era no meu aniversário! Disse ele, estava esperando isso!

- Não é uma surpresa grande, entretanto, é? Disse Harry. Não depois do que aconteceu a Katie.

Ela ainda não tinha voltado do St. Mungus. E ainda mais, tinham sido notificados mais desaparecimentos no Profeta Diário, incluindo vários parentes de estudantes de Hogwarts.

- Mas agora tudo que quero é avançar nas lições de Aparatar estúpidas! disse Rony emburrado um grande presente de aniversário...

- Três lições depois, Aparatar já estava se mostrando bem difícil e mais algumas pessoas tinham se fraturado. A frustração era grande e havia uma certa quantia de piadas sobre Wilkie Twycross e o três D's que tinham inspirado vários apelidos para ele, os mais educados deles eram Respiração de Cachorro e Cabeça de Esterco.

- Feliz aniversário Rony, disse Harry, quando eles acordaram no dia primeiro de março enquanto Simas e Dino se levantavam ruidosamente para o café da manhã.

- Tenho um presente. Ele jogou um pacote para a cama de Rony onde apareceu uma pequena pilha, Harry assumiu, foram entregues à noite por elfos.

- Coragem disse Rony. Quando ele arrancava o papel, Harry saiu da cama, abriu a própria mala e começou a procurar o Mapa do Maroto que ele escondeu depois de tanto uso. Ele tirou vários de seus pertences e remexeu suas meias nas quais ele ainda estava mantendo a garrafa de sua poção de sorte, Felix Felicis.

- Certo ele murmurou, levando o mapa de volta para cama com ele, batendo e murmurando, eu juro solenemente não fazer o bem, de modo que Neville, que estava passando próximo à cama dele na hora, não ouvisse.

- Legal, Harry! Disse Rony entusiasmado, mexendo no par novo de luvas de goleiro de quadribol que Harry tinha lhe dado.

- Sem problemas, disse Harry distraidamente, enquanto ele procurava o dormitório da Sonserina para localizar Malfoy.

- É... Eu não acho que ele esteja mesmo na cama dele... Rony não respondeu; ele estava muito ocupado desembulhando presentes e soltava uma exclamação de prazer de vez em quando. ' Sério, este foi um bom ano! ' Ele anunciou, mostrando um relógio de ouro pesado com símbolos estranhos ao redor e estrelas minúsculas se movendo em vez de ponteiros.

- Veja o que mamãe e papai me deram! Eu quero ver o que ganharei quando fizer aniversário ano que vem...

- Calma, murmurou Harry, olhando o relógio antes de verificar mais de perto o mapa. Onde Malfoy estava? Ele não parecia estar à mesa da Sonserina no Salão Principal, tomando o café da manhã... Ele não estava em nenhuma parte perto de Snape que estava sentando na sala dele... Ele não estava em quaisquer dos banheiros ou na ala hospitalar...

- Quer um? Rony disse com voz abafada, oferecendo uma caixa de caldeirão de chocolate.

- Não obrigado, disse Harry, observando. Malfoy saiu novamente!

- Não pode ter feito isso, disse Rony, enchendo a boca com o segundo caldeirão, deslizando para fora da cama para se vestir.

- Vem. Se você não se apressar terá de aparatar de estômago vazio... Poderia deixar mais fácil, eu suponho...

Rony olhou pensativo para a caixa de caldeirões de chocolate, então encolheu os ombros e se serviu de um terceiro. Harry bateu no mapa com a varinha, murmurando, 'Mal feito - feito,' entretanto não tinha sido, foi se vestir refletindo. Devia haver uma explicação para os desaparecimentos periódicos de Malfoy, mas ele não podia simplesmente pensar no que poderia ser. O melhor modo de encontrá-lo seria o seguindo, mas mesmo com a capa da invisibilidade esta não era uma boa idéia; ele tinha as aulas, prática de quadribol, deveres e aparatação; ele não podia seguir Malfoy pela escola toda sem sua ausência ser notada.

- Pronto? Disse ele para Rony. Ele estava a meio caminho da porta do dormitório quando ele percebeu que Rony não tinha se mexido, mas estava apoiado na cama, fitando o lado de fora da janela molhada de chuva com um estranho olhar no rosto.

- Rony? O café da manhã.

- Eu não tenho fome, Harry olhou para ele. Você não disse?

- Bem, certo, eu irei com você, suspirou Rony, mas eu não quero comer.

Harry o olhou, desconfiado. Você comeu somente meia caixa de caldeirão de chocolate, não foi?

- Não, é que, Rony suspirou novamente. Você... Você não entenderia.

- Serei imparcial, disse Harry, embora contrariamente, ele se virou para abrir a porta.

- Harry! Disse Rony de repente.

- O que?

- Harry, eu não posso fazer isto!

- Você não pode fazer isso que? Perguntou Harry, agora começando, definitivamente, a se sentir alarmado. Rony estava bastante pálido e parecia doente.

- Eu não posso deixar de pensar nela! Disse Rony asperamente.

O queixo de Harry caiu. Ele não tinha esperado isto e, seguramente, ele não queria ouvir isto. Eles podiam ser amigos, mas se Rony começasse chamando Lili de Lili', ele sairia correndo escada abaixo.

- Por que não a procura no café da manhã? Harry perguntou tentando injetar uma nota de bom senso na conversa.

- Ela nem sabe que eu existo, disse Rony com um gesto desesperado.

- Ela definitivamente sabe que você existe,' disse Harry, confuso. Ela tem ficado com você, não tem? Rony piscou.'

- Sobre quem você está falando?

- Sobre quem você está falando? Disse Harry, com uma sensação crescente de que toda a razão tinha escapado da conversa.

- Romilda Vane, disse Rony suavemente e o rosto inteiro pareceu se iluminar quando ele disse isto, como se batesse um raio da mais pura luz solar. Eles se encararam durante quase um minuto inteiro, antes que Harry dissesse, - Isto é uma piada, certo? Você está brincando. Você está brincando.

- Eu acho, Harry, eu acho que eu a amo, disse Rony numa voz estrangulada.

- OK, disse Harry e caminhou até Rony que tinha um olhar vítreo e aparência pálida, OK... Diga novamente olhando para mim.

- Eu a amo, repetiu Rony. Tenho visto o cabelo dela, todo negro, brilhante e sedoso... E os olhos dela? Os olhos escuros e grandes dela?

- E o, Isto é realmente engraçado e tudo, disse Harry impacientemente, mas é uma piada, certo? Chega. Ele virou para partir e tinha dado dois passos para a porta quando um soco o acertou na orelha direita. Cambaleando, ele olhou em volta. O punho de Rony preparado, o rosto contorcido de raiva; ele estava a ponto de golpear novamente. Harry reagiu instintivamente; a varinha estava fora do bolso e o encantamento saiu sem um pensamento consciente:

- Levicorpus! Rony gritou quando foi virado mais uma vez; ele oscilou de cabeça para baixo, as vestes penduradas.

- O que foi isso? Harry berrou.

- Você a insultou, Harry! Você disse que era uma piada! Gritou Rony que estava ficando com o rosto púrpura lentamente à medida que o sangue descia para a cabeça dele.

- Isso é loucura! Disse Harry. O que aconteceu ?

E então ele viu a caixa aberta na cama de Rony e a verdade o atingiu com a força do bastão de um trasgo...

- Onde você conseguiu esses caldeirões de chocolate?

- Eles foram um presente de aniversário! Gritou Rony, remexendo lentamente no ar lutando para se livrar.

- Eu lhe ofereci um, não foi?

- Você só os apanhou do chão, não é? Eles tinham caído na minha cama, certo?

- Me deixe ir!

- Eles não caíram na sua cama, você encontrou, você não entende? Eles eram meus, eu os atirei para fora da minha mala quando eu estava procurando o mapa.

- Eles são os caldeirões de chocolate que Romilda me deu antes do Natal e eles estão cheios de poção do amor!

Mas somente uma palavra disto parecia ter sido registrada por Rony. Romilda?

Ele repetiu. - Você disse Romilda? Harry, você a conhece? Você pode me apresentar?

Harry encarou Rony vacilando, o rosto agora parecia trêmendamente esperançoso e lutou com uma forte vontade de rir. Uma parte dele, à parte da orelha direita que ainda pulsava, tinha um forte desejo de soltar Rony e assistir até os efeitos da poção passar... Mas por outro lado, eles eram amigos, Rony não tinha sido ele mesmo quando o atacou e Harry, pensou que ele mereceria outro soco se ele permitisse que Rony declarasse amor eterno para Romilda Vane.

- Sim, eu o apresentarei, disse Harry, pensando rapidamente.

- Eu vou te soltar agora, OK? Ele deixou Rony se chocar contra o chão (a orelha dele doía ainda), mas Rony simplesmente saltou novamente aos pés dele e sorriu.

- Ela estará no escritório de Slughorn, Harry disse confiante, abrindo à porta.

- Por que ela estará lá? Perguntou ansiosamente Rony e se apressando a sair.

- Oh, ela tem lições de Poções extras com ele, disse Harry inventando rapidamente.

- Talvez eu possa perguntar se eu posso tê-las com ela? Disse Rony ansioso.

- Grande idéia, disse Harry. Lilá estava esperando ao lado do buraco do retrato, uma complicação que Harry não tinha previsto.

- Você está atrasado, Won-Won! Ela fez beicinho. Eu devo a você um presente Me deixa em paz! Disse Rony impaciente, Harry vai me apresentar Romilda

Vane. E sem outra palavra para ela, empurrou o quadro e se foram. Harry tentou fazer ruma cara de sem entender nada para Lilá, mas simplesmente poderia ter rido, porque ela olhava mais ofendida que nunca quando a Mulher Gorda se fechou atrás deles. Harry estava preocupado pois Slughorn poderia estar tomando café da manhã, mas ele atendeu a porta de escritório dele à primeira batida, usando um traje aveludado verde e touca.

- Harry, ele murmurou. É muito cedo para uma chamada... Eu geralmente durmo até tarde no sábado...

- Professor, eu realmente sinto muito em lhe perturbar, disse Harry tão baixo quanto possível, enquanto Rony estava nas pontas dos pés, tentando ver atrás de Slughorn, dentro do quarto dele, mas meu amigo Rony bebeu uma poção de amor por engano. Você não pode lhe fazer um antídoto, pode? Eu o levaria à Madame Pomfrey, mas nós não queremos ter relação com alguma Gemialidades Weasley, você entende... Perguntas indesejadas...

- Você não poderia ter preparado o antídoto, Harry, especialista em poções como você? Perguntou Slughorn.

- Er, disse Harry, um pouco distraído pelo fato que Rony estava o batendo com o cotovelo agora nas costelas em uma tentativa para forçar a entrada dele no quarto, bem, eu nunca preparei um antídoto para uma poção de amor, senhor, e até que eu aprenda isto, Rony certamente poderia fazer algo sério.

- Felizmente, Rony escolheu este momento para gemer, eu não posso vê-la. Harry, ele está a escondendo?

- Esta poção estava dentro de algo? Perguntou Slughorn, agora olhando Rony com interesse profissional.

- Eles podem a concentrar, você sabe, para os efeitos serem preservados muito tempo.

- Isso explicaria tudo, disse Harry, lutando ferozmente, agora, com Rony para impedi-lo de ir para cima de Slughorn.

- É o aniversário dele, Professor, ele tomou sem querer.

- Oh, certo, entre, então, entre, disse Slughorn cedendo. Eu tenho o necessário aqui em minha bolsa, não é um antídoto difícil...

Rony correu pela porta adentro da sala abarrotada de Slughorn, tropeçou numa banquetta, recuperou o equilíbrio se agarrando ao pescoço de Harry e murmurou, - Ela não viu que eu tropecei, não é?

- Ela não chegou ainda, disse Harry e assistindo Slughorn abrir o kit de poção dele e ir adicionando algumas pitadas disto e daquilo numa garrafa cristalina pequena.

- Isso é bom, disse Rony fervorosamente. Como eu estou?

- Muito bonito, disse Slughorn suavemente e deu para Rony um vidro de líquido claro. Agora beba, é um tônico para os nervos, manterá você calmo quando ela chegar, você sabe...

- Brilhante, disse Rony ansioso e ele bebeu o antídoto ruidosamente. Harry e Slughorn o assistiram. Por um momento, Rony sorriu para eles. Então, muito lentamente, o sorriso dele despencou e desapareceu, para ser substituído por uma expressão de horror extremo.

- Voltou ao normal, então? Disse Harry e sorrindo. Slughorn riu.

- Muito obrigado Professor.

- Não mencionarei isto a ninguém, garoto, a ninguém, disse Slughorn, quando Rony desmoronou em uma poltrona perto e com o olhar devastado.

- Cerveja amanteigada, isso é o que ele precisa,' Slughorn continuou, agora atarefado mexendo em cima de uma mesa carregada com bebidas.

- Eu tenho cerveja amanteigada, eu tenho vinho, eu tenho a última garrafa de mel de carvalho maduro... humm... Pretendia dar isso a Dumbledore no Natal... Ah bem... Ele encolheu os ombros ... Ele não pode perder o que ele nunca teve!

- Por que nós não abrimos isto agora e celebramos o aniversário do Sr. Weasley?

- Nada como um bom espírito para esquecer as agonias das decepções de amor...

- Ele riu novamente e Harry se uniu a ele. Este era o primeiro momento que ele estava praticamente só com Slughorn desde a desastrosa primeira tentativa de extrair a verdadeira memória dele. Talvez, se ele pudesse manter Slughorn de bom humor... Talvez se eles consumissem bastante do mel de carvalho maduro...

- A você, então, disse Slughorn e deu para Harry e Rony um copo de mel, antes de erguer o próprio.

- Bem, um feliz aniversário, Ralph...

- Rony sussurrou Harry. Mas Rony que não parecia estar escutando ao brinde já tinha lançado o mel na boca dele e tinha bebido tudo. Houve um segundo, dificilmente mais que uma batida do coração no qual Harry soube que havia algo terrivelmente errado e Slughorn, parecia não notar.

- ...E que você possa ter muitos outros Rony!

Rony tinha derrubado o copo dele; subido na poltrona e, então, apertado os braços dela incontrolavelmente. Uma espuma estava pingando da boca e os olhos estavam revirando nas órbitas.

- Professor!' Harry berrou. Faça algo! Mas Slughorn parecia paralisado pelo choque. Rony crispou e sufocou: a pele dele estava ficando azul.

- O que... Mas... Gaguejou Slughorn.

Harry deixou o copo em cima de uma mesa baixa e correu para o kit de poção aberto de Slughorn e tirou jarros e bolsas, enquanto o som terrível de Rony gargarejando sem respiração encheu o quarto. Então ele achou - a pedra extraída do rim de cabra que Slughorn tinha pegado dele na aula de Poções. Ele voltou para o lado de Rony, abrindo a mandíbula dele e empurrando o bezoar na boca dele.

Rony deu um grande trêmor, uma sacudidela e o corpo dele ficou mole e calmo.

Capítulo 19

História de Elfos

- De todos, esse não é o melhor aniversário do Rony? Disse Fred.
Estava chovendo; a ala do hospital estava quieta, as janelas com as cortinas fechadas, as lâmpadas iluminando. Rony ocupava a única cama. Harry, Hermione, e Gina estavam sentados em torno dele; tinham gastado o dia inteiro espera atrás da porta, tentando ver o interior sempre que alguém entrava ou saía. A senhora Pomfrey os deixou entrar somente às oito horas. Fred e George tinham chegado há 10 minutos.
- Não é assim que nós imaginamos entregar nosso presente, disse George assustadoramente colocando um grande presente embrulhado no armário ao lado da cama de Rony e sentando-se ao lado de Gina.
- É, quando nos retrataram a cena estávamos ciente disse Fred.
- E nós estávamos em Hogsmeade, esperando para surpreendê-lo - disse George.
- Vocês estavam em Hogsmeade? Gina perguntou, olhando acima.
- Nós estávamos pensando em comprar a Zonko's disse Fred tristemente. Uma loja em Hogsmeade, você sabe, mas um monte de coisa que compraríamos não são mais permitidas na escola nos fins-de-semana... Mas não se preocupe com isso agora.
- Caiu em cima de uma cadeira ao lado de Harry e olhou a cara pálida de Rony.
- Como exatamente aconteceu, Harry?
- Harry narrou novamente a história que, ele contou como umas cem vezes a Dumbledore, a McGonagall, à senhora Pomfrey, a Hermione, e a Gina.
- ...E então eu forcei bezoar na sua garganta e o fiz respirar mais facilmente, Slughorn trouxe ajuda, McGonagall e a senhora Pomfrey foram até lá, e trouxeram Rony até aqui. Disseram que ele ficará bem. A Madame Pomfrey diz que terá que permanecer aqui uma semana ou um pouco mais... Até que faça efeito a essência do...
- Caramba, foi sorte você pensar em um bezoar, disse George em uma voz baixa.
- Sorte havia só em uma pessoa naquele quarto, disse Harry, que se manteve frio girando em seus pensamentos sobre o que aconteceria caso ele não pusesse suas mãos na pequena pedra.
- Hermione deu um suspiro quase inaudível. Tinha permanecido excepcionalmente quieta o dia inteiro. Assustada, pálida, até Harry a tirou da ala hospitalar para perguntar o que estava acontecendo, não fez parte das obsessivas discussões entre Harry e Gina sobre como Rony tinha sido envenenado, mas esteve meramente ao lado dele, com um olhar amedrontado, até que o último minuto em que eles puderam permanecer por lá.
- Mamãe e Papai sabem? Fred perguntou a Gina. Eles já o viram – chegaram há uma hora - estão no escritório de Dumbledore agora, mas estarão de volta logo...
- Houve uma pausa enquanto todos eles observaram Rony roncando baixo em seu sono.
- Então, o veneno estava na bebida? Fred disse quietamente.

- Sim, disse Harry mais uma vez; poderia pensar em mais nada, e estaria contente por não ter que recomeçar aquele assunto; Slughorn derramou-a para fora.

- Poderia ter deslizado algo no vidro de Rony sem que você pudesse ver?

- Provavelmente, disse Harry, Mas porque Slughorn envenenaria Rony?

- Nenhuma idéia, disse Fred, pensativo. Você não pensa que poderia ter misturado os copos por engano? Por exemplo, para envenenar você?

- Porque Slughorn iria querer envenenar Harry? Perguntou Gina.

- Eu não sei, disse Fred, Mas há várias pessoas que gostariam de envenenar Harry, não é? 'O Escolhido ' e tudo isso?

- Então, você acha que Slughorn é um comensal da morte? Gina disse.

- Qualquer coisa é possível, disse Fred, escuta.

- Poderia estar sob a Maldição Imperius, disse George.

- Ou poderia ser inocente, disse Gina. O veneno poderia estar no frasco, que no caso seria para envenenar Slughorn.

- Quem gostaria de matar Slughorn?

- Dumbledore conta que Voldemort queria Slughorn ao seu lado, disse Harry. Slughorn esteve se escondendo por um ano antes de vir a Hogwarts. E... Ele pensou na memória que Dumbledore não conseguiu extrair de Slughorn. E talvez Voldemort o queira afastado, talvez ele pense que poderia ser valioso a Dumbledore.

- Mas você disse que Slughorn estava planejando dar aquilo de presente de natal a Dumbledore, Gina lembrou-o. Assim o culpado poderia estar apenas fazendo isso para envenenar Dumbledore.

- Então o culpado não conhece Slughorn muito bem, disse Hermione, falando pela primeira vez dentro de horas e soando como se ele estivesse com uma forte gripe.

- Qualquer um que soubesse que Slughorn pensara em dar isso a Dumbledore, deveria saber que ele poderia mudar de idéia e ficar com as bebidas para si mesmo.

- Er - meu, disse Rony inesperadamente.

Todos caíram em silêncio, prestando-lhe atenção ansiosamente, mas após ruídos incompreensíveis por um momento, ele meramente começou a risonar.

As portas do dormitório foram abertas, fazendo todos saltarem: Hagrid veio andando até eles, seu cabelo encharcado pela chuva, sua capa agitada atrás dele, um arco e flecha de pele de urso em sua mão, saindo de uma trilha de pegadas das botas de golfinho feitas sob medida, enlameando todo o assoalho.

- Tenho estado na floresta o dia inteiro! Ofegou. Aragog está pior, Eu tenho estado lendo para ele – não havia me levantado para o jantar até agora, e então a professora Sprout me contou sobre... Rony! Como ele está?

- Nada mau, disse Harry. Disseram que ele ficará bem.

- Não mais de seis visitantes de cada vez! Disse a Senhora Pomfrey, apressando-se fora de seu escritório.

- Hagrid vale por seis, George indicado.

- Oh... Sim. Disse a senhora Pomfrey, que pareceu ter concordado que o corpo de Hagrid exibia um enorme tamanho. Para cobrir sua confusão, apressou-se fora escapando por cima das pegadas enlameadas de Hagrid no caminho.

- Eu não acredito nisso, disse Hagrid roucamente, agitando sua grande cabeça de cabelos desgrenhados, enquanto olhava fixamente para baixo em direção a Rony.

- Apenas não ' acredito... Olhe para ele... Quem iria querer feri-lo, hein?

- Isso é justamente o que nós discutíamos, disse Harry. Nós não sabemos.

- Alguém poderia ter um rancor contra à equipe de Quadribol da Grifinória, não poderiam? Hagrid disse ansiosamente. Primeiro Katie, agora Rony...

- Eu não vejo ninguém que poderia tentar atacar a equipe de Quadribol, disse...

- Eu preciso descobrir.

- Wood teria irritado os sonserinos se não tivesse se afastado a tempo, disse Fred razoavelmente.

- Bem, eu não penso que é Quadribol, mas eu acho que há uma conexão entre os ataques, disse Hermione quietamente.

- Como você concluiu isso? Fred perguntou.

- Bem, por uma coisa, ambos deveriam ter sido fatais e não foram, embora por pura sorte. E por outro, nem o veneno nem o colar parecem ter alcançado a pessoa que era suposta para ser morta. Naturalmente, adicionou pensativa, O que fez a pessoa ir atrás deste mesmo, de uma maneira mais perigosa dessa vez, porque não parece se importar com quantas pessoas ela mate até realmente alcançar sua vítima.

Antes que qualquer um pudesse responder a este pronunciamento sinistro, as portas do dormitório se abriram outra vez e o Sr. e a Sr^a. Weasley apressaram-se pela entrada. Não tinham feito nada mais do que se satisfazerem de que Rony fez uma boa recuperação desde sua última visita ao hospital; agora Sr^a. Weasley estava apreensiva por Harry e o abraçou muito forte.

- Dumbledore nos disse como você o salvou com o bezoar, chorou Oh, Harry, o que nós podemos dizer? Você salvou Gina... Você salvou Arthur... Agora você salvou Rony...

- Não seja... Eu não... Harry murmurou sem agilidade.

A metade da nossa família parece dever-lhe suas vidas, agora eu paro e penso sobre isso, Sr. Weasley disse em uma voz constrangida. Bem, tudo que eu posso dizer é que foi uma grande sorte para os Weasley's quando Rony decidiu se sentar em seu compartimento no Expresso de Hogwarts, Harry.

Harry não poderia pensar em nenhuma resposta para isso, quando a Madame Pomfrey os lembrou que só eram permitidos somente seis visitantes em torno da cama de Rony; ele e a cor-de-rosa Hermione foram os primeiros a sair e Hagrid decidiu ir com eles, deixando Rony com sua família.

- É terrível, Hagrid rosnou sobre sua barba, enquanto os três voltavam pelo longo corredor até as escadarias de mármore. E esta nova segurança, miúdos estão ainda sendo feridos... Dumbledore está doente de preocupação... Ele não diz muito, mas eu posso dizer...

- Ele não teve nenhuma idéia, Hagrid? Hermione perguntou desesperadamente.

- Eu espero que ele tenha centenas de idéias, um cérebro como o dele..., disse Hagrid.

- Mas não sabe quem enviou esse colar, nem quem pôs o veneno no vinho, ou se eles vão ser pegos, não é?

- O que me preocupa... Disse Hagrid, abaixando sua voz e olhando de relance sobre seu ombro Harry, ao mesmo tempo, verificou o teto a procura de pirraça,

é quanto tempo Hogwarts pode permanecer aberta se os alunos continuarem sendo atacados. Uma Câmara Secreta mais uma vez, não é?

- Haverá pânico, mais pais tirando seus filhos da escola, sim a próxima coisa será a regulamentação do governo...

Hagrid parou de falar enquanto o fantasma de uma mulher de longos cabelos passava serenamente por eles, recomeçado então com um sussurro rouco.

- ...As regulamentações do governo querem nos fechar, pelo nosso próprio bem.

- Certamente não? Hermione disse, olhando preocupada.

- Começo a ver pelo seu ponto de vista, disse Hagrid pesadamente. Eu quero dizer, sempre foi um pouco arriscado deixar seu filho em Hogwarts, não é? É de se esperar acidentes, não é, com as centenas de bruxos, todos contra as Artes das Trevas, mas tentativas de assassinato, isso é diferente. Então, não é uma novidade Dumbledore estar furioso com Sn...

Hagrid parou em suas trilhas, uma familiar expressão culpada e que era visível em sua face acima de sua barba preta e enrolada.

- Que? Harry disse rapidamente. Dumbledore está irritado com Snape?

- Eu nunca disse isso, disse Hagrid, embora sua expressão de pânico mostrava que ele revelou um grande segredo Olhe a hora, já são quase meia-noite, vocês precisam voltar.

- Hagrid, porque Dumbledore está irritado com Snape? Harry perguntou em voz alta.

- Shhhh! Hagrid disse, olhando nervoso e irritado. Não diga isso dessa forma, Harry, quer que eu perca meu emprego? Entenda, eu supôs que você, bem, você continuar com Trato de...

- Não tente me deixar com a consciência pesada, não dará certo! Harry disse rigorosamente. O que é que Snape fez?

- Eu não sei, Harry, eu não devia ter ouvido tudo isso! Eu - bem, eu estava vindo da floresta na noite passada e ouvi o que eles falaram muito bem. Eu não queria chamar atenção para mim, então eu escolhi escapar na tentativa de não ouvir, mas isso foi hum - bem, uma discussão bastante agressiva, e que não foi fácil de se livrar...

- Bem? Harry incitou-o, porque Hagrid fitou seus pés enormes inquietamente.

- Bem, eu apenas ouvi Snape dizendo que Dumbledore lhe tirou muito do que ele lhe concedia e ele - Snape - Não queria fazer mais aquele trabalho.

- Fazer que?

- Eu não sei, Harry, soou como se Snape estava se sentindo um pouco sobre carregado de trabalho, isso é tudo - de qualquer maneira, Dumbledore contou-lhe o plano e então que concordou que continuaria com o que estava fazendo.

- Bonita audácia a dele. Então ele disse para Snape continuar investigando a sua casa, a Sonserina. Bem, não há nada estranho nisso! Hagrid adicionou rapidamente, já que Harry e Hermione trocaram olhares significativos Todos os Chefes das Casas estão agora investigando, depois daquela história com o colar...

- Sim, mas Dumbledore não repreendeu o resto deles, não é? Harry disse.

- Olhe, Hagrid torceu seu arco e flecha incomodamente em suas mãos; havia um som lascando-se alto e difundiu em dois. Eu sei o que você pensa sobre Snape, Harry, e eu não quero pensar que há mais coisas do que realmente tem nessa história.

- Cuidado, disse Hermione brevemente.

Viraram apenas a tempo ver que a sombra de Argus Filch aparecia sobre a parede atrás deles, antes que o homem surgisse, ele deu um giro para o canto de costas, com seu queixo duplo trêmendo nervosamente.

- Oho! Suspirou. Fora da cama assim tarde, detenção para os dois!

- Você não ganhou, Filch, disse Hagrid logo. Eles estão comigo, não estão?

- E que diferença isso faz? Perguntou Filch repulsivamente.

- Eu sou um professor, não sou? Sim, encare isso! Hagrid disse, ateando fogo acima em uma vez.

Havia um ruído silvando maliciosamente enquanto Filch inchava com fúria; A Sr^a. Nor-ra tinha chegado, despercebida, e balançava-se sinuosamente em torno em dos magros tornozelos de Filch.

- Vão andando, disse Hagrid do canto de sua boca.

Harry não precisou ouvir duas vezes; ele e Hermione apressaram-se fora; as vozes de Hagrid e Filch ecoavam altas atrás deles enquanto andavam. Passaram por perto de pirraça girando próximo a torre da Grifinória, mas estava listando feliz, enquanto gritava e ria, os chamando.

- Quando houver um conflito e quando houver um problema: Convide Pirraça, ele fará o dobro!

A mulher gorda tirava uma soneca e não ficou satisfeita por ter sido acordada, mas balançou-se para frente raivosamente para permitir que entrassem no salão comunal, agradecidos de que naquela hora, estava calmo e vazio. Parecia que as pessoas não souberam sobre Rony ainda; Harry ficou muito aliviado: Já fora interrogado o bastante por um dia. Hermione lhe dirigiu um boa noite e seguiu para o dormitório das meninas. Harry, entretanto, ficou por ali, sentou-se perto do fogo, e permaneceu olhando o fogo que se apagava lentamente.

Então Dumbledore tinha discutido com Snape. Apesar de tudo que ele tinha dito a Harry, apesar de sua insistência em dizer que confia em Snape completamente, ele tinha perdido a calma com ele... Ele achou que Snape não tinha tentado o suficiente investigar os Sonserinos... Ou, talvez, investigar um único Sonserino: Malfoy?

Foi porque Dumbledore não quis que Harry fizesse qualquer coisa estúpida, para poder investigar com suas próprias mãos, que não tinha fingido que as suspeitas de Harry estavam erradas? Isso pareceu provável. Podia até mesmo ser que Dumbledore não queria que nada distraísse Harry de suas lições, ou de obter aquela memória de Slughorn. Talvez Dumbledore não achasse certo confidenciar suspeitas sobre sua equipe de funcionários a alunos de dezesseis anos...

- Aí está você, Potter!

Harry deu um pulo em choque, sua varinha a postos. Ele tinha visto que o Salão Comunal estava completamente vazio; não estava preparado para uma figura grande e tosca que se levantava de repente em uma cadeira distante. Uma visão mais próxima mostrou-lhe que aquele era Cormac McLaggen.

- Eu estive esperando você voltar, disse McLaggen, desprezando a varinha de Harry. Devo ter caído no sono. Olha, eu vi vocês levando o Weasley até a Ala Hospitalar mais cedo. Não parece que ele estará bem até o jogo da próxima semana.

Harry demorou algum tempo para perceber do que exatamente McLaggen estava falando.

- Oh... Claro... Quadribol, disse, para trás em suas calças de brim e passando a mão cansadamente em seu cabelo. Sim... Ele não vai poder jogar.

- Bem, então, eu vou ser o goleiro, não vou? McLaggen disse.

- Sim, disse Harry. Sim, eu suponho que sim...

Ele não poderia pensar em algum argumento; apesar de tudo, McLaggen tinha sido o segundo melhor nos testes para o time.

- Excelente, disse McLaggen em uma voz satisfeita. Quando teremos treino?

- Que? Oh... Vai ter um amanhã à tarde.

- Bom. Sabe Potter, eu acho que nós deveríamos ter uma conversa antes. Eu tenho algumas idéias para a nossa estratégia que você pode achar útil.

- Certo, disse Harry sem entusiasmo. Bem, vou ouvi-los amanhã, então. Eu estou bem cansado agora... A gente se vê...

A notícia que Rony tinha sido envenenado se propagou rapidamente no dia seguinte, mas não causou o mesmo efeito que o ataque de Katie. As pessoas pareceram pensar que poderia ter sido um acidente, uma vez que ele estava na sala do Professor de Poções no momento, e uma vez que ele tinha tomado o antídoto imediatamente não havia nenhum dano real. De fato, os Grifinórios estavam muito mais interessados no próximo jogo de Quadribol contra a Lufa-Lufa, porque muitos deles quiseram ver Zacharias Smith, que joga como Artilheiro no time da Lufa-Lufa, punido por seus comentários no jogo de abertura contra a Sonserina.

Harry, entretanto, nunca tinha estado menos interessado em Quadribol; ele estava tornando-se obcecado com Draco Malfoy. Continuava verificando o Mapa do Maroto sempre que tinha chance, às vezes fazia rotas por onde Malfoy parecia estar, mas ainda não o tinha visto fazendo nada fora do normal. E ainda havia aqueles momentos inexplicáveis em que Malfoy simplesmente desaparecia do Mapa. . .

Mas Harry não teve muito tempo para pensar no problema, como tantos treinos de Quadribol, deveres e o fato de agora ele estar sendo perseguido por Cormac McLaggen e Lilá Brown onde quer que ele fosse.

Ele não podia escolher qual deles era mais irritante. McLaggen prosseguiu com suas sugestões que ele seria um Goleiro permanente muito melhor para a equipe do que Rony, e agora que Harry o via jogar constantemente, ele começava a concordar com ele; ele também não parava de criticar os outros jogadores e fornecer a Harry esquemas de treinamento detalhados, de modo que Harry fosse forçado mais de uma vez a lembrá-lo quem era capitão.

Entrêmentes, Lilá ficava rodeando Harry para discutir sobre Rony, o que Harry descobriu ser tão desgastante quanto as aulas de Quadribol de McLaggen. No início, Lilá tinha se irritado porque ninguém tinha dito a ela que Rony estava na Ala Hospitalar. Que dizer, eu sou sua namorada! – mas agora ela já havia perdoado Harry sobre isso e estava decidida a ter longos bate-papos sobre os sentimentos de Rony, uma experiência tão desagradável que Harry a deixaria de lado com felicidade.

- Sabe, porque você não conversa com Rony sobre tudo isso? Harry perguntou, depois que ela fez um interrogatório bem longo sobre desde um relatório preciso sobre o que Rony tinha dito sobre suas novas vestes para dormir até saber se Rony considerava o seu relacionamento com Lilá sério.

- Bem, eu conversaria, mas está sempre adormecido quando vou vê-lo! Lilá disse de mau humor.

- É? Harry disse, surpreso, ele tinha achado Rony bem alerta todas as vezes que tinha sido até a Ala Hospitalar, perfeitamente interessado nas notícias da briga de Dumbledore e Snape e nos abusos de McLaggen.

- Hermione Granger continua visitando-o? Lilá exigiu de repente.

- Sim, eu acho que sim. Bem, eles são amigos, não são? Harry disse incômodo.

- Amigos, não me faça rir, disse Lilá, zombando. Não fala com ele desde que ele começou sair comigo! Mas eu suponho que ela queira voltar a falar com ele agora que ele está todo interessante...

- Você diria que estar envenenado é interessante? Harry perguntou. De qualquer maneira – desculpe, tenho que ir – lá vem McLaggen para uma ótima conversa sobre Quadribol, disse Harry apressadamente, e entrou por uma porta que parecia ser parte da parede e seguiu pelo atalho que dava para a sala de Poções onde, ainda bem, nem Lilá nem McLaggen poderiam segui-lo.

Na manhã do jogo de Quadribol contra Lufa-Lufa, Harry passou na Ala Hospitalar antes de se dirigir para o campo. Rony estava muito agitado; Madame Pomfrey não o deixaria ir para o campo ver a partida, sentindo que ele se excitaria demais.

- Então, como McLaggen está se saindo? Perguntou a Harry nervosamente, aparentemente esquecendo-se de que já tinha feito a mesma pergunta duas vezes.

- Eu já te disse, disse Harry pacientemente, Ele poderia ser o melhor do mundo e eu não iria querer mantê-lo. Ele fica tentando dizer a todos o que fazer, ele pensa que poderia jogar em cada posição melhor do que cada um de nós. Eu mal posso esperar para me livrar dele. E falando de se livrar das pessoas, Harry adicionou, se levantando e pegando sua Firebolt, Você irá parar de fingir estar dormindo quando Lilá vier vê-lo? Ela está me deixando louco.

- Oh, disse Rony, parecendo encabulado. Sim. Tudo bem.

- Se você não quer sair mais com ela, apenas diga isso para ela, disse Harry.

- É... Bem... Não é tão fácil não é? Rony disse. Pausou. Hermione vem aqui antes do jogo? Disse ocasionalmente.

- Não, ela já desceu com a Gina.

- Ah, disse Rony, parecendo um pouco abatido. Certo. Bem, boa sorte. Espero que você acabe com McLag - digo, Smith.

- Eu vou tentar, disse Harry, segurando sua vassoura. Te vejo depois do jogo. Ele se apressou para baixo através dos corredores desertos; a escola inteira estava lá fora, esperando no estádio ou logo abaixo dele. Estava olhando fora da janela por onde ele passava, tentando calcular quanto vento eles enfrentariam, quando um ruído adiante o fez se virar e ele viu Malfoy que andava em sua direção, acompanhado de duas garotas, as duas parecendo mal-humoradas e rancorosas.

Malfoy parou brevemente ao ver Harry, então deu um riso curto, sem graça e continuou andando.

- Aonde você vai? Harry exigiu.

- É, eu realmente vou te contar, porque é da sua conta, Potter, Malfoy zombou. Você deveria correr, eles estão esperando o 'Capitão Escolhido' - 'O Menino que Marcou' – ou seja, lá como eles estão te chamando agora.

Uma das meninas deu uma risadinha sem graça. Harry olhou fixamente para ela. Ela corou. Malfoy deu um empurrão em Harry e ele e seus amigos

continuaram andando em passo rápido, virando uma esquina e desaparecendo de vista.

Harry ficou parado onde estava e prestando atenção até que eles desaparecessem.

Isto o estava enfurecendo; já estava na hora da partida começar e ainda havia Malfoy, saindo de fininho enquanto todos estavam fora da escola: a melhor possibilidade de Harry de descobrir o que Malfoy estava aprontando. Passaram segundos silênciosos, e Harry permaneceu onde estava, congelado, olhando para lugar onde Malfoy tinha desaparecido...

- Onde você esteve? Gina reclamou, enquanto Harry entrava nos vestiários. A equipe inteira já estava com os uniformes e prontos; Coote e Peakes, os batedores, estavam batendo seus tacos na perna de tão nervosos.

- Eu me encontrei com Malfoy, Harry lhe disse em voz baixa, enquanto enfiava as vestes escarlates por sua cabeça.

- Então eu quis saber o que ele estava fazendo subindo para o castelo com duas garotas enquanto todos estão aqui embaixo...

- Isso é realmente importante agora?

- Bem, eu não fui lá descobrir, fui? Harry disse, segurando sua Firebolt e arrumando seus óculos. Vamos então!

E sem outra palavra, marchou para o campo aos aplausos e vaias ensurdecedoras.

Havia pouco vento; nuvens irregulares; a cada segundo haviam flashes de luz brilhante do Sol.

- Circunstâncias complicadas! McLaggen disse estimulante à equipe. Coote, Peakes, vocês vão ter que voar fora do Sol, senão não vão ver...

- Eu sou o capitão, McLaggen, pare de lhes dar instruções, disse Harry irritadamente. Só voe para os aros!

Uma vez que McLaggen tinha saído fora, Harry se virou para Coote e Peakes.

- Certifiquem-se de voar fora do sol, ele lhes disse relutante.

Apertou a mão do capitão da Lufa-Lufa, e então, com o apito da Madame Hooch, o soltou e levantou-se no ar, mais alto que o resto de sua equipe, voando pelo campo em busca do pomo de ouro. Se ele o pegasse rápido, haveria a possibilidade de ele voltar logo ao castelo, pegar o Mapa do Maroto, e descobrir o que Malfoy estava fazendo...

- E aquele é Smith da Lufa-Lufa com a Goles, disse uma voz sonhadora, ecoando pelo estádio. Ele foi o comentarista na última vez, naturalmente, e Gina Weasley vai em sua direção, provavelmente de propósito, pelo menos parecia que sim. Smith foi completamente rude sobre a Grifinória, Eu espero que ele mude de opinião agora que está jogando contra eles - oh, veja, ele perdeu a Goles, Gina a tirou dele. Eu gosto dela, ele é uma boa garota...

Harry olhou fixamente para baixo no podium do comentarista. Certamente ninguém em sua consciência deixaria Luna Lovegood comentar? Mas mesmo de tão longe não havia como confundir aquele cabelo longo, loiro-sujo, nem o colar de tampas de cortiça de Cerveja Amanteigada. Ao lado de Luna, a professora McGonagall estava parecendo ligeiramente incômoda, pensando duas vezes sobre a sua escolha.

-... Mas agora esse jogador grande da Lufa-Lufa pegou o Goles do, bem, eu não consigo lembrar seu nome, é algo como Bibble – Não, Buggins...

- É Cadwallader! Disse a Professora McGonagall em voz alta ao lado de Luna. A multidão riu.

Harry olhou fixamente ao redor procurando pelo pomo; não havia nenhum sinal dele. Momentos mais tarde, Cadwallader havia marcado. McLaggen criticando e gritando com Gina por ela ter perdido a Goles, e com isso ele não tinha o tinha visto a grande esfera vermelha passando zunindo em sua orelha direita.

- McLaggen, preste atenção naquilo que você tem que fazer e esqueça os outros!

Harry gritou, se virando para encarar o seu Goleiro.

- Você não está sendo um grande exemplo! McLaggen gritou em resposta, seu rosto vermelho e furioso.

- E Harry Potter tem uma discussão com seu goleiro, disse Luna serenamente, enquanto alunos da Lufa-Lufa e da Sonserina na multidão aplaudiam e zombavam.

- Eu não acho que isso o ajudará a encontrar o pomo, mas talvez seja um artifício inteligente...

Xingando irritadamente, Harry girou para o chão e em volta do campo novamente, fazendo a varredura dos céus por algum sinal da minúscula e alada esfera dourada.

Gina e Demelza marcaram um gol cada, dando aos defensores vestindo vermelho e dourado abaixo algo para se animarem. Então Cadwallader marcou outra vez, deixando as coisas iguais, mas Luna não pareceu ter observado; parecia mais interessada nas coisas terrestres que no placar, atraindo de forma interessante a atenção da multidão com coisas nebulosas, como a possibilidade de que Zacharias Smith, que tinha falhado em manter a posse da Goles por mais tempo do que um minuto, sofria xingamentos como perdedor Lurgy?

- Setenta a quarenta para Lufa-Lufa! Professora McGonagall anunciou no megafone de Luna.

- Já? Luna disse vagamente. Olhem! O goleiro da Grifinória segurou um arremesso do batédor.

Harry girou no ar. Sem dúvidas, McLaggen, para as razões melhor conhecidas por ele mesmo, tinha puxado o seu bastão de Peakes e tinha parecido demonstrar como bater um Balaço para próximo de Cadwallader.

- Você devolverá a ele seu bastão e volte para os postes do gol! Harry rugiu, indo em direção a McLaggen quando McLaggen acertou com uma forte pancada um balaço nele.

Cegueira, dor nauseante... Um flash de luz. . Gritos distantes. . . E a sensação de estar caindo em um túnel longo. .

E a próxima coisa Harry soube, que ele estava deitado em uma quente e confortável cama e olhando acima em uma lâmpada que jogava um círculo de luz dourada em um teto sombreado. Levantou sua cabeça desastradamente. Em sua esquerda havia um olhar familiar, de uma pessoa sardenta, com cabelo ruivo.

- Legal uma visitinha, disse Rony, sorrindo.

Harry piscou e olhou ao redor. Naturalmente: Estava na ala hospitalar. A parte externa do céu era índigo listado com vermelho. A partida devia ter terminado horas atrás... Como teve toda a esperança de encurralar Malfoy. Cabeça de Harry estava estranhamente pesada; levantou uma mão e sentiu um turbante duro de bandagens.

- O que aconteceu?

- Rachou o crânio, disse Madame Pomfrey, apressando-se e empurrando o para trás de encontro a seu travesseiro. Nada para preocupar-se, eu reparei-o imediatamente, mas eu estou mantendo-o durante a noite. Você não deve fazer esforço por algumas horas.

- Eu não quero permanecer aqui de noite, disse Harry irritadamente, sentando-se.

- Eu quero encontrar McLaggen e matá-lo.

- Eu estou receosa que isto exigiria esforço excessivo, ' disse Madame Pomfrey, empurrando o firmemente para trás na cama e levantando sua varinha de uma maneira ameaçadora. Você permanecerá aqui até que eu o dispense, Potter, ou eu chamarei o diretor.

Apressou-se de volta para seu escritório, e Harry afundou-se para trás em seus travesseiros, fumegando.

- Você sabe me dizer de quando nós perdemos? Perguntou a Rony com os dentes cerrados.

- Bem, sim eu sei, disse Rony se justificando. O placar final foi trezentos e vinte a sessenta.

- Brilhante, disse Harry brutaemente. Realmente brilhante! Quando eu pegar McLaggen...

- Você não quer pegá-lo, ele é do tamanho de um troll, disse Rony razoavelmente.

- Pessoalmente, eu penso que há muito a ser feito para enfeitiçá-lo com alguma coisa do Príncipe de unha do dedo do pé. De qualquer forma, o resto do time deve tratar disso com ele antes que você consiga sair daqui, eles não estão felizes...

- Havia um tom tristemente abafado na alegria de Rony; Harry não poderia dizê-lo que não estava excitado que McLaggen o tivesse arrebatado tão gravemente. Harry colocou, olhando fixamente para as luzes no teto, seu crânio recentemente emendado que não doía, precisamente, mas sentia se ligeiramente desconfortável debaixo de toda bandagem.

- Eu pude ouvir o comentário da partida daqui, disse Rony, sua voz se agitando com uma gargalhada. Eu esperava que Luna sempre comentasse, mais agora... Lurgy Perdedor...

Mas Harry estava ainda demasiado irritado para ver humor na situação, e após Rony urrava abaixado.

Gina veio visitá-lo enquanto você estava inconsciente, disse, depois que uma pausa longa, e a imaginação de Harry voou baixo, construindo rapidamente uma cena em que Gina, chorando sobre sua forma sem vida, confessando seus sentimentos de atração profunda por ele quando Rony lhes dava sua bênção...

- Ela contou que você chegou justamente na hora para a partida. Como chegou? Você saiu daqui cedo o bastante.

- Oh... Harry disse, à medida que a cena dentro de seu coração explodia. Sim... Bem, eu vi Malfoy se esquivando com um par de garotas que pareciam não quererem estar com ele, e aquela foi a segunda vez que certamente ele não desceu para o campo de Quadribol com o resto da escola; ele abandonou a última partida também, lembra? Harry suspirou. Eu desejava segui-lo agora, a partida foi um fiasco...

- Não seja estúpido, disse Rony agudamente. Você não poderia ter perdido a partida de Quadribol apenas para seguir Malfoy, você é o capitão!

- Eu queria saber o que ele está tramando, disse Harry. E não diga que isso está tudo em minha cabeça, não após o que eu ouvi entre ele e Snape...

- Eu nunca disse estava tudo em sua cabeça, disse Rony, inclinando para frente com os cotovelos e franzindo as sobrancelhas para Harry, mas não há nenhuma regra dizendo que somente uma pessoa de cada vez pode conspirar qualquer coisa neste lugar! Você está começando a ser um bocado obsessivo com Malfoy, Harry. Eu digo, pensando sobre faltar na partida apenas para segui-lo...

- Eu quero pegá-lo! Harry disse com frustração. Eu penso, onde está, onde é que vai quando desaparece do mapa?

- Eu não sei... Hogsmeade? Rony sugeriu, bocejando.

- Eu nunca o vi em nenhuma passagem secreta do mapa. Eu pensei que eles estavam sendo observados de qualquer maneira?

- Bom então, eu não sei, disse Rony.

O silêncio caiu entre eles. Harry olhou fixamente acima no círculo da luz da lâmpada, pensando. . .

Se apenas ele tivesse o poder de Rufus Scrimgeour, poderia ser capaz de ficar na cola de Malfoy, mas infelizmente Harry não tinha um escritório cheio de Aurores em seu comando. . . Pensou rapidamente em tentar ajustar a A.D., mas havia outra vez o problema que as pessoas estariam faltosos das lições; a maioria delas, apesar de tudo, tiveram ainda horários cheios. . .

Havia um baixo barulho de ronco na cama de Rony. Quando a Madame Pomfrey saiu de seu escritório, desta vez vestindo um grosso roupão. Era o mais fácil fingir o sono; Harry rolou sobre em seu lado e escutou todas as cortinas se fecharam enquanto balançava a varinha dela. As lâmpadas escureceram, e retornou a seu escritório; ouviu o clique da porta atrás dela e soube que fora dormir.

- Esta era, Harry refletiu na escuridão, a terceira vez que ele tinha sido trazido à ala hospitalar por causa de um ferimento no Quadribol. Na última vez tinha caído sua vassoura devido à presença dos dementadores em torno do campo, e a vez anterior, todos os ossos tinham sido removido de seu braço pelo professor incuravelmente sem aptidão Lockhart... Aquele havia sido seu ferimento mais doloroso... Pelo que ele recordava a agonia de crescer um dos ossos do braço em uma noite, um desconforto não facilitado pela chegada de um visitante inesperado no meio da...

Harry se sentou ereto, seu coração golpeando, seu oblíquo turbante de bandagem.

Teve a solução finalmente: Havia uma maneira de Malfoy ser seguido - como ele poderia se ter esquecido, porque não pensou nele antes?

Mas a pergunta era, como chamá-lo? Que você fez? Quietamente, temporariamente, Harry falou na escuridão.

- Monstro?

Houve um estalo muito alto, e os sons de briga e de rangidos encheram o quarto silencioso. Rony acordou com um uivo.

- O que está havendo?

Harry apontou sua varinha apressadamente para a porta do escritório de Madame Pomfrey e murmurou, Muffliato! Para que ela não viesse correndo. Então ele mexeu à extremidade de sua cama para um olhar melhor no que estava acontecendo.

Dois elfos-domésticos estavam rolando no assoalho no meio do dormitório, um que estava vestindo um colete marrom encolhido e vários chapéus de lã e outro, um pano velho sujo amarrado sobre seus quadris como uma tanga. Então houve um outro estrondo alto, e Pirraça o poltergeist apareceu no ar acima dos elfos lutando.

- Eu estava assistindo isso, Potty! Ele disse a Harry com raiva, apontando na luta abaixo, antes de deixar sair uma alta gargalhada. Olhe a briga das criaturas das crianças, morde, morde ele, soco, soco...

- Monstro não insultará Harry Potter na frente do Dobby, de jeito nenhum, ou o Dobby fechará a boca de Monstro para ele! Dobby gritava numa voz aguda.

- Chute, arranhe! Gritava pirraça feliz, agora atirando um punhado de giz nos elfos para enfurecê-los mais e mais. Atice, belisque!

- Monstro dirá o que acha sobre seu mestre, o oh sim, e que mestre é, o amigo imundo de sangues-ruins, oh, o que mestra de pobre Monstro diz?

- Exatamente a mestras de Monstro diria, eles não souberam, porque naquele momento Dobby afundou seu nodoso punho na boca de Monstro e arrancou metade de seus dentes. Harry e Rony pularam fora de suas camas e apartaram os dois elfos para longe, embora continuassem a tentar e voltar e se atracar, atiçados por pirraça, que dançava em torno da lâmpada gritando, enfia seus dedos no nariz dele, arranca o couro e puxa as orelhas...

Harry apontou sua varinha para pirraça e disse, Langlock! Pirraça segurou sua garganta, engasgado, e desceu do quarto que faz gestos obscenos, mas incapaz de falar, devido ao fato que sua língua tinha sido colada ao céu de sua boca.

- Legal, disse Rony com reconhecimento, levantando Dobby no ar de modo que seus membros não tivessem mais contato com Monstro. Aquele foi um outro feitiço do príncipe, não foi?

- Sim, disse Harry, torcendo o braço de Monstro deixando-o imobilizado. Certo eu estou proibindo-os de lutarem entre si. Bem, monstro, você está proibido de lutar com o Dobby. Dobby, eu sei que eu não posso lhe dar ordens...

- Dobby é um elfo-doméstico livre e pode obedecer qualquer um que gostar e o Dobby fará o que Harry Potter quer que ele faça! Dobby disse, com lágrimas escorrendo em sua pequena e enrugada face e em seu colete.

- Certo então, disse-lhe Harry, e ele e Rony liberaram os elfos, que caíram no assoalho mas não continuaram lutando.

- O mestre chamou-me? Monstro resmungou, afundando-se em uma curva enquanto deu a Harry um olhar que lhe desejasse claramente uma morte dolorosa.

- Sim, eu chamei, disse Harry, olhando de relance para a porta do escritório da Madame Pomfrey para certificar-se de que o feitiço Muffliato funcionasse ainda; não havia nenhum sinal que tinha ouvido alguma perturbação. Eu tenho um trabalho para você.

- Monstro fará o que mestre quer, disse Monstro, afundando-se assim baixo que seus lábios tocaram quase em seus retorcidos dedos do pé, porque Monstro não tem nenhuma escolha, mas Monstro está envergonhado de ter tal mestre, sim...

- Dobby o faz, Harry Potter! Dobby rangeu, seus olhos do tamanho de bolas de tênis ainda nadando em lágrimas. Dobby seria honrado em ajudar Harry Potter! Voltando a pensar nisso, seria bom ter ambos vocês, disse Harry. Combinado então... Eu os quero na cola de Draco Malfoy.

- Ignorando o olhar da surpresa e de irritação misturados na cara de Rony, Harry continuou, eu quero saber onde ele está indo, com quem ele está se encontrando, e o que ele está fazendo. Eu quero que vocês o sigam 24 horas por dia.

- Sim, Harry Potter! Disse Dobby imediatamente, seus olhos grandes brilhavam de excitação. E se o Dobby tiver um erro, o Dobby jogar-se fora da torre mais alta, Harry Potter!

- Não haverá nenhuma necessidade para isto, disse Harry apressadamente.

- Mestre quer que mim siga o mais novo dos Malfoy? Monstro resmungou. Mestre quer mim espiar o puro-sangue sobrinho neto da minha velha mestra?

- Exatamente, disse Harry, prevendo um grande perigo e determinando imediatamente. E você é proibido de avisá-lo, Monstro, ou para mostrar-lhe o que você está fazendo, ou para lhe falar sobre algo, ou para lhe escrever mensagens ou... Ou o contatar de alguma maneira. Entendido?

Ele pensou que poderia ver Monstro se esforçando para ver uma brecha nas instruções que ele tinha acabado de dar e esperou. Após um momento ou dois, e para a grande satisfação de Harry, Monstro curvou se profundamente outra vez e disse, com amargo ressentimento, - o mestre pensa em tudo, e Monstro deve obedecer-lhe mesmo que Monstro muito preferir ser o empregado do garoto Malfoy, oh sim...

- Está esclarecido então, disse Harry. Eu quero relatórios regulares, mas certifiquem-se de que eu não esteja cercado de pessoas quando isso acontecer.

- Rony e Hermione são permitidos. E não digam a ninguém o que vocês estão fazendo.

- Cravem em Malfoy como um par de verrugas.

--Capítulo 20--
O Pedido de Lord Voldemort

Harry e Rony deixaram a Ala Hospitalar na primeira hora da manhã de segunda, restaurados de plena saúde, pelos cuidados da Madame Pomfrey e agora habilitados a curtir os benefícios de terem sido nocauteados e envenenados, o melhor era que Hermione estava refazendo a amizade com Rony novamente. Hermione até acompanhou-os para o Café a Manhã, trazendo com ela notícias de que Gina havia discutido com Dean. A criatura adormecida no peito de Harry reapareceu, aspirando o ar esperançosamente.

- Porque eles brigaram? Ele perguntou, tentando soar casual quando eles viraram em um corredor do sétimo andar que estava deserto a não ser por uma garota que estava observando uma tapeçaria de trolls na sala. Ela olhou apavorada quando viu sextanistas se aproximando e derrubou a pesada escala de metal que ela estava levando.

- Está certo! Disse Hermione amavelmente, se apressando adiante para ajudá-la. Aqui...

Ela bateu na escala quebrada com sua varinha e disse, Reparo. A menina não disse obrigada, mas permaneceu fixa no local assistindo-os sumir de vista; Rony deu uma olhada atrás para ela.

- Eu juro que eles estão diminuindo, ele disse.

- Não ligue pra ele, Harry disse, um pouco impacientemente. Porque Gina e Dimas brigaram, Hermione?

- Oh, o Dimas estava rindo de McLaggen que acertou aquele Balaço em você, Hermione disse.

- Deve ter sido engraçado, disse Rony com sensatez. Não pareceu nada engraçado! Disse Hermione ardentemente. Seria terrível e se Coote e Peakes não tivessem pegado Harry, ele poderia ter sido muito machucado!

- Sim, bem, não havia nenhuma necessidade de Gina e Dimas se separarem por causa disto, Harry disse, ainda tentando soar casual. Ou eles ainda são juntos?

- Sim, eles estão - mas por que você está tão interessado? Perguntou Hermione, dando em Harry uma olhada astuta.

- Eu só não quero meu time de Quadribol bagunçado novamente! Ele disse apressadamente, mas Hermione continuou parecendo suspeitar, e ele ficou mais aliviado quando uma voz atrás deles chamou, Harry! Dando a ele uma desculpa para se virar por trás dela. Oh, olá, Luna .

- Eu fui para a Ala hospitalar para te encontrar, disse Luna, procurando em sua bolsa. Mas eles disseram que você tinha partido...

Ela empurrou o que pareceu ser uma cebola verde, um cogumelo manchado grande, e uma quantia considerável do que se parecia lixo de gato nas mãos de Rony, e finalmente arrancando um pergaminho bastante sujo que ela deu a Harry.

-... Me pediram que lhe desse isto .

Era um rolo pequeno de pergaminho, que Harry reconheceu imediatamente como outro convite a uma lição com Dumbledore.

- Hoje à noite, ele contou para Rony e para Hermione, uma vez que ele o desenrolou.

- Bom comentário na última partida! Disse Rony a Luna quando ela colocava de volta a cebola verde, o cogumelo, e o lixo de gato. Luna sorriu vagamente.

- Você está tirando sarro de mim, não está? Ela disse. Todo o mundo diz que eu fui terrível.

- Não, eu falo sério! Disse Rony seriamente. Eu não posso me lembrar de desfrutar mais um comentário! O que é isto, a propósito? Ele acrescentou, segurando o objeto em forma de cebola até o nível do olho.

- Oh, é um Gurdyroot, ela disse colocando o lixo de gato e o cogumelo de volta na bolsa dela. Você pode ficar com este se quiser, eu tenho alguns deles. Eles são realmente excelentes para evitar Gulping Plimpies. E ela caminhou pra fora, deixando Rony rindo, ainda apertando o Gurdyroot.

- Você sabe, ela é fixada em mim, Luna, ele disse, quando eles partiram novamente para o Salão Principal. Eu sei que ela é doida, mas está em um bom...

Ele parou de falar muito de repente. Lilá Brown estava ao pé da escadaria de mármore com olhar ameaçador.

- Oi, Rony disse nervosamente.

- Vamos, Harry murmurou Hermione, e eles passaram rápido, entretanto não antes de ouvirem Lilá dizer:

- Por que você não me falou que você sairia hoje? E por que ela estava com você?

Rony parecia mal-humorado e aborrecido quando ele apareceu meia hora depois do café da manhã, e, entretanto ele se sentou com Lilá, Harry não os viu trocar nenhuma palavra todo o tempo em que eles estavam juntos. Hermione estava agindo como se estivesse totalmente distraída a tudo isto, mas algumas vezes Harry viu um sorriso forçado em sua face. Todo aquele dia ela parecia estar em um particularmente bom humor, e aquela noite na sala comunal ela consentiu corrigir e terminar de escrever a composição de Herbologia de Harry, algo que ela tinha estado recusando relutantemente a fazer até este ponto, porque ela sabia que Harry deixaria então Rony copiar o seu trabalho.

- Muito obrigado, Hermione, Harry disse, dando-lhe um tapinha nas costas e checando seu relógio e vendo que era quase oito em ponto. Escute, eu tenho que me apressar ou eu chegarei tarde para Dumbledore...

Ela não respondeu, mas somente riscou algumas das sentenças mais fracas dele de um modo cansado. Forçando um sorriso, Harry saiu apressado pelo buraco do retrato e fora ao escritório do diretor. A gárgula se moveu para o lado à menção de biscoito de caramelo, e Harry subiu a escada espiral dois degraus de cada vez, batendo na porta no exato momento que o relógio soou oito horas.

- Entre, Dumbledore disse, porém a medida que Harry esticou a mão para empurrar a porta, ela foi aberta para dentro. Professora Trelawney estava lá.

- Aha! Ela chamou, apontando dramaticamente em Harry à medida que ela piscava pra ele com seus enormes óculos.

- Então esta é a razão porque eu estou de modo tão informal em seu escritório, Dumbledore!

- Minha cara Sibila, disse Dumbledore em uma voz levemente irritada, não há questão de se impressionar com qualquer coisa informal, mas Harry tem um encontro e realmente acho que não há mais nada para ser dito...

- Muito bem, disse a Professora Trelawney, em uma voz profundamente ofendida.

- Se você não irá expulsar aquele cavalo usurpador, então é isso... Talvez eu deva encontrar uma escola onde meus talentos são melhor apreciados...

Ela empurrou Harry e desapareceu para baixo da escada espiral; eles ouviram-na no meio do caminho da descida, e Harry achou que ela tinha tropeçado em um de seus longos xales.

- Por favor, feche a porta e sente-se, Harry, disse Dumbledore, soando particularmente cansado.

Harry obedeceu, observando à medida que ele tomava seu usual assento em frente à mesa de Dumbledore, que a Penseira estava mais uma vez entre eles, com mais duas pequenas garrafas de cristal cheias de memória girando.

- Professora Trelawney ainda não está feliz que Firenze esteja ensinando, então? Harry perguntou.

- Não, disse Dumbledore, Adivinhação está se tornando muito mais problemática que eu poderia prever, nunca tendo planejado a matéria eu mesmo. Eu não posso pedir a Firenze que retorne para a Floresta, onde ele é agora um transgressor, nem pedir a Sibila Trelawney para nos deixar. Entre nós mesmos, ela não tem idéia do perigo que correria fora do castelo. Ela não sabe e, eu penso que não seria inteligente instruí-la de que ela fez a profecia sobre você e Voldemort, você vê. Dumbledore inspirou profundamente, então disse, mas não importa meus problemas pessoais. Nós temos coisas mais importantes para discutir.

- Primeiramente - você cumpriu a tarefa que eu lhe dei ao final da sua lição anterior?

- Ah, disse Harry, de modo educado. Que com lições de aparição e quadribol e Rony sendo envenenado e tendo seu crânio quebrado e sua determinação em descobrir o que Draco Malfoy estava fazendo, Harry tinha quase se esquecido sobre a memória que Dumbledore havia pedido para extrair do Professor Slughorn.

- Bem, eu pedi ao Professor Slughorn sobre isso ao final da aula de poções, senhor, mas, er, ele não a deu pra mim. Houve um pequeno silêncio.

- Eu vejo, disse Dumbledore finalmente, olhando Harry sobre seus óculos meia-lua e dando a Harry a sensação usual de que ele estava sendo passado em um raio X. E você sente que excedeu o melhor de seus esforços nesta tarefa, sim? Você exercitou toda a sua considerável perspicácia? O que você não deixou de aprofundar em sua busca para obter a memória?

- Bem, Harry protelou, confuso pelo que diria depois. Sua única tentativa de conseguir a memória de repente parecia embaraçosamente fraca. Bem... O dia que Rony bebeu a poção do amor por engano, eu o levei ao Professor Slughorn. Eu pensei que talvez se eu pegasse professor Slughorn de bom humor - E funcionou? Perguntou Dumbledore. Bem, não, senhor, porque Rony foi envenenado...

- O que, naturalmente, fez você esquecer tudo sobre tentar conseguir a memória; eu não esperaria mais que isso, enquanto seu melhor amigo estava em perigo. Uma vez que se tornou claro que o Sr. Weasley estava fazendo uma recuperação completa, contudo, eu teria esperado que você retornasse com a tarefa que eu lhe dei. Eu acho que fui claro para você quão importante a memória é. Realmente, eu fiz meu melhor em imprecionar você com a mais crucial memória de todas e nós estaremos perdendo tempo sem ela.

Um ardente e doloroso sentimento de vergonha foi do topo da cabeça de Harry percorrendo todo o seu corpo. Dumbledore não rinha elevado sua voz, ele nem mesmo soava furioso, mas Harry preferia que ele o tivesse feito, este desapontamento gelado era pior que tudo.

- Senhor, ele disse, um pouco desesperadamente. Não é que eu tenha perdido tempo, ou outra coisa, eu apenas tive outras, outras coisas...

- Outras coisas em sua mente, Dumbledore terminou a frase pra ele. Eu sei.

O silêncio percorreu entre eles novamente, o mais desconfortável silêncio que Harry alguma vez já tinha experimentado com Dumbledore; parecia continuar e continuar, interrompido somente pelo ronco do quadro de Armando Dippet acima da cabeça de Dumbledore. Harry sentiu-se estranhamente diminuído, como se ele tivesse encolhido um pouco desde que entrou na sala. Quando ele pode suportar ele disse:

- Professor Dumbledore, eu realmente sinto muito. Eu deveria ter feito mais... Eu deveria ter, ele disse, Professor Dumbledore, eu realmente sinto muito. Eu deveria ter feito mais... Eu deveria ter percebido que você não me pediria pra fazer algo que não fosse realmente importante.

- Obrigado por dizer isto, Harry, disse Dumbledore calmamente. Eu posso esperar, então, que você dará alta prioridade para isto agora? Haverá um pequena parada em nossos encontros depois de hoje à noite a menos que tenhamos aquela memória.

- Eu o farei, senhor, eu a conseguirei dele, ele disse seriamente.

- Então nós não diremos mais nada sobre isso agora, disse Dumbledore mais gentilmente, mas continuemos nossa história onde ela parou. Você lembra onde foi?

- Sim, senhor, disse Harry rapidamente. Voldemort matou seu pai e seus avós e fez isso como se seu tio Morfin o tivesse feito. Então ele voltou a Hogwarts e ele perguntou ao Professor Slughorn sobre Horcruxes, ele murmurou acanhadamente.

- Muito bem disse Dumbledore. Agora, você se lembrará, eu espero, que eu disse a você o quão importante é o início destes acontecimentos para nós e porque é preciso entrar no mundo das suposições e especulações?

- Sim, senhor.

- Até aqui, e espero que você concorde, eu tenho mostrado a você fontes razoavelmente firmes de fatos por minha dedução que Voldemort fez até a idade de dezessete?

Harry acenou com a cabeça.

- Mas agora, Harry, disse Dumbledore, agora as coisas se tornam mais escuras e estranhas. Se havia dificuldades em encontrar evidências sobre o garoto Riddle, tem sido quase impossível encontrar algo que lembre sobre o homem Voldemort. Na verdade, eu duvido que há uma alma viva, com exceção dele próprio, que pode dar-nos informações de sua vida desde que ele deixou Hogwarts. Contudo, eu tenho as duas últimas memórias que eu gostaria de dividir com você.

Dumbledore indicou as duas pequenas garrafas de cristal brilhando ao lado da penseira.

- Eu ficaria feliz se a sua opinião forem as conclusões que eu tenho tirado delas.

A idéia de que Dumbledore avaliava a sua opinião fez com que Harry se sentisse mais profundamente envergonhado de que ele tivesse falhado na

tarefa de conseguir a memória Horcrux, e ele se sentiu culpado em seu assento à medida que Dumbledore levantava a primeira das duas garrafas para a luz examinando-a.

- Eu espero que você não esteja cansado de mergulhar dentro das memórias das pessoas, para eles eram recordações curiosas, estas duas, ele disse. Esta primeira veio de um elfo-doméstico muito velho chamado Hokey. Antes de nós vermos o que Hokey testemunhou, eu preciso recontar rapidamente como Lord Voldemort deixou Hogwarts.

- Ele chegou ao seu décimo sétimo ano nesta escola com, com você deve ter esperado, altas notas em todos os exames que ele tinha feito. Todos a sua volta, seus colegas de classe estavam decidindo quais empregos eles iriam tentar uma vez que tivessem deixado Hogwarts. Quase todos esperavam coisas espetaculares de Tom Riddle, perfeito, monitor chefe, ganhador do Premio por serviços especiais prestados à escola. Eu sei que vários professores, Professor Slughorn entre eles, sugeriram a ele se juntar ao Ministério da Magia, ofereceram várias indicações, colocaram-no em contato com pessoas úteis. Ele recusou todas as ofertas. A próxima coisa que a equipe soube, Voldemort estava trabalhando na Borgin and Burkes.

- Na Borgin and Burkes? Harry repetiu, impressionado.

- Na Borgin and Burkes, repetiu Dumbledore calmamente. Eu acho que verá que as atrações do local seguraram-no como nós veremos na memória de Hokey. Mas esta não foi a primeira escolha de trabalho de Voldemort. Dificilmente alguém sabia disso na época - Eu era um em poucos a quem o diretor confidenciou - mas Voldemort primeiro aproximou-se do Professor Dippet e pediu se ele poderia permanecer em Hogwarts como um professor.

- Ele queria ficar aqui? Por que? Perguntou Harry ainda surpreso.

- Eu acredito que ele tinha várias razões, apesar de não ter confidenciado nem ao Professor Dippet, disse Dumbledore. Primeiramente, e mais importante, Voldemort era, eu acredito, mais ligado a esta escola do que ele sempre esteve com alguma pessoa. Hogwarts era onde ele tinha sido mais feliz; o primeiro e único lugar que ele tinha se sentido em casa.

Harry se sentiu levemente desconfortável com estas palavras, porque era exatamente como ele se sentia em relação a Hogwarts também.

- Em segundo, o castelo é uma fortaleza de antiga magia. Sem dúvidas Voldemort tinha penetrado muito mais em seus segredos que a maioria dos estudantes que passaram pelo lugar, mas ele sentia que ainda havia mistérios para revelar, histórias de mágica para descobrir.

- E terceiro, como um professor, ele teria grande poder e influência sobre jovens bruxos e magos. Talvez ele teria adquirido a idéia do Professor Slughorn, o professor com quem ele tinha melhores períodos, que tinha demonstrado quão influente a profissão de Professor pode ser. Eu não imagino por nenhum instante que Voldemort encararia gastar o resto de sua vida em Hogwarts, mas eu penso que ele via isso como uma base útil, e um lugar onde ele talvez poderia construir seu exército.

- Mas ele não conseguiu o emprego, senhor?

- Não, ele não conseguiu. Professor Dippet disse a ele que ele era ainda muito jovem aos 18, mas convidou-o para retornar em alguns poucos anos, se ele ainda desejasse ensinar.

- O que você acha disso, senhor? Harry perguntou hesitante. Profundamente atordoado, disse Dumbledore.

- Eu tinha dito a Armando a contratação, eu não dei as mesmas razões que eu lhe dei, pois o Professor Dippet acreditava muito em Voldemort e convencido da honestidade dele. Mas eu não quis que Lord Voldemort voltasse para essa escola, e especialmente em uma posição de poder.

- Que trabalho ele quis, senhor? Que matéria ele quis ensinar?

De alguma maneira, Harry sabia a resposta antes mesmo de Dumbledore responder.

- Defesa Contra as Artes das Trevas. Naquela época era dada por uma Professora velha chamada Galatéa Merrythought que tinha estado em Hogwarts por quase cinqüenta anos.

- Assim Voldemort foi embora para Borgin e Burkes e todo o pessoal que tinha o admirado, disse que isso era um desperdício, um brilhante jovem bruxo como ele, trabalhando em uma loja. Porém, Voldemort não era um mero assistente.

- Cortês, bonito e inteligente, ele logo passou a fazer determinados trabalhos particulares do tipo que só existe em lugares especializados como Borgin e Burkes como você sabe, Harry, em objetos com propriedades incomuns e poderosas.

- Voldemort foi enviado a persuadir as pessoas para colocarem à venda os tesouros deles para os sócios, e ele era, por todas as contas, extraordinariamente talentoso nisto.

- Eu aposto que sim, disse Harry, incapaz se conter.

- Bem, realmente, disse Dumbledore, com um sorriso lânguido. E agora está na hora de ter notícias de Hokey, a elfa doméstica que trabalhou para uma bruxa muito velha, muito rica de nome Hepzibah Smith.

Dumbledore bateu na garrafa com a varinha dele, a cortiça voou fora e ele derramou a memória rodopiando na Penseira, dizendo depois que ele fez isso:

- Depois de você, Harry.

Harry levantou e foi para o conteúdo pratéado ondulante da bacia de pedra mais uma vez até que a face dele o tocou.

Ele caiu pelo escuro e pousou em um quarto, sentando à sua frente estava uma velha senhora, imensamente gorda, usando uma peruca cor de gengibre e um jogo de vestes rosa brilhante flutuava ao redor dela, dando a ela uma aparência de bolo gelado derretendo. Ela estava se olhando em um pequeno espelho enfeitado com jóias e passando rouge de leve sobre as bochechas já escarlatês com um grande pompom de pó, enquanto a menor e mais velha elfa doméstica que Harry vista visto estava atada aos pés carnudos com chinelos apertados.

- Se apresse, Hokey! Disse Hepzibah mandando. Ele disse que viria as quatro, e só faltam alguns minutos e ele, até agora, nunca se atrasou!

Ela apertou o pompom de pó enquanto a elfa doméstica se endireitava. O topo da cabeça da elfa doméstica alcançava apenas o assento da cadeira de Hepzibah e a pele encaroçada dela estava pendurada desalinhada com o lenço amassado que ela vestia preso como uma toga.

- Como eu estou? Perguntou Hepzibah, virando a cabeça para admirar os vários ângulos de seu rosto no espelho.

- Graciosa, senhora, chiou Hokey.

Harry só poderia assumir que estava no contrato de Hokey que ela tinha que mentir quando questionada sobre isso, porque Hepzibah Smith passava longe de estar graciosa.

A campainha tocou e a senhora e a elfa deram um pulo.

- Rápido, rápido, ele está aqui, Hokey! Choramou Hepzibah e a elfa correu para fora do quarto que estava tão cheio de objetos que parecia difícil imaginar como qualquer pessoa poderia andar por ele de modo a não derrubar pelo menos uma dúzia de coisas: Havia armários cheios de pequenas caixas envernizadas, estojos cheios de livros com relevos em ouro, estantes de orbes e globos celestiais e muitas plantas que floresceram em vasos. Na realidade, o quarto parecia um cruzamento de uma loja de antiguidades mágicas e um conservatório.

A elfa doméstica retornou dentro de alguns minutos, seguido por um homem jovem e alto que Harry não teve nenhuma dificuldade em reconhecer como Voldemort. Ele estava vestido com um terno preto; seu cabelo estava um pouco mais longo que quando estava na escola e as bochechas dele mais encovadas, mas no conjunto ele estava ainda mais bonito. Pelo modo que ele andou pelo quarto podia-se ver que ele já tinha estado ali muitas vezes antes e se reclinou sobre a mão pequena e gorducha de Hepzibah, tocando-a com os lábios.

- Eu trouxe flores para você, ele disse baixo, produzindo um buquê de rosas do nada.

- Você é um menino malcriado, não precisava! Gritou a velha Hepzibah, embora Harry tenha notado que ela tinha um vaso vazio pronto na pequena mesa mais próxima. Você mimica esta velha senhora, Tom... Sente-se, sente-se... Onde Hokey está? Ah...

A elfa doméstica tinha voltado enérgica ao quarto trazendo uma bandeja com vários bolos que ela acertou no cotovelo da senhora dela.

- Sirva-se, Tom, disse Hepzibah, eu sei que você ama meus bolos. Agora, como você está? Você parece pálido. Eles exploram você naquela loja, eu já disse isso cem vezes...

Voldemort sorriu mecanicamente e Hepzibah sorriu de volta.

- Bem, qual é sua desculpa pra me visitar dessa vez? Ela perguntou, batendo os seus cílios.

- Sr. Burke gostaria de fazer uma oferta melhor para a armadura feita por elfos, disse Voldemort. Quinhentos Galeões, ele garante que é o melhor que...

- Agora, agora, não tão rápido, ou eu pensarei que você está aqui só por causa das minhas quinilharias! Hepzibah fez beicinho.

- Ordenaram que eu viesse aqui por causa delas, disse Voldemort em voz baixa. Eu sou só um pobre assistente, senhora que tem que fazer como é mandado. O sr. Burke deseja que eu indague...

- Oh, Sr. Burke! Disse Hepzibah, balançando a sua pequena mão. Eu tenho algo a mostrar para você que eu nunca mostrei ao Sr. Burke! Você pode manter segredo, Tom? Você promete que não contará para o Sr. Burke que eu tenho isto? Ele nunca me deixaria descansar se ele souber que eu mostrei isto a você, e eu não estou vendendo, não só para Burke, para ninguém! Mas você, Tom, você apreciará isto para sua história, nem com muitos galeões você poderia adquirir isto.

- Eu ficaria alegre em ver qualquer coisa que a Senhorita Hepzibah me mostrar disse Voldemort baixinho e Hepzibah deu outra risadinha como uma garotinha.

- Eu mando Hokey buscar para mim... Hokey onde você está? Eu quero mostrar para o sr. Riddle nosso melhor tesouro... Na realidade, traga os dois, enquanto você faz isto...

- Aqui, senhora, chiou a elfa doméstica e Harry viu duas caixas de couro, uma em cima da outra, movendo-se pelo quarto como se tivesse vontade própria, mas ele sabia que a elfa minúscula estava segurando os dois em cima de sua cabeça, passando entre mesas, pufes e bancos.

- Agora, disse Hepzibah, pegando as caixas de cima da cabeça da elfa e colocando-as no colo e preparando-se para abrir a de cima, Eu realmente acho que você irá adorar isso, Tom... Oh, se minha família soubesse que eu estou mostrando isso para você... Eles não podem esperar para colocarem as mãos deles nisto!

Ela abriu a tampa. Harry se esticou para ter uma visão melhor e viu o que se parecia com uma taça dourada pequena com duas asas finamente forjadas.

- Eu gostaria de saber se você sabe o que é isso, Tom? Pegue, dê uma boa olhada!

Hepzibah sussurrou e Voldemort esticou sua mão longa e fina e ergueu a taça através de uma asa para fora de suas capas sedosas. Harry pensou ter visto um vislumbre vermelho nos olhos escuros dele. A expressão gananciosa dele se refletiu curiosamente na face de Hepzibah, mas os olhos minúsculos dela estavam fixos nas características bonitas de Voldemort.

- Um texugo, Voldemort murmurou, examinando a gravura na taça. Então isto era...?

- De Helga Hufflepuff, como você muito bem sabe, você é um menino inteligente! Disse Hepzibah, indo para frente com um ranger alto das roupas e beliscando a bochecha oca dele. Eu não lhe falei que eu era uma descendente distinta? Isto foi passado pela família durante anos e anos. Graciosa, não é? E tem vários tipos de poderes, eu suponho, mas eu não os testei completamente, eu só a mantenho agradável e segura bem aqui...

Ela retirou a taça do longo dedo indicador de Voldemort e guardou-a suavemente na sua caixa, sua intenção era resolver isto cuidadosamente depois de notar a sombra que cruzou a face de Voldemort quando a taça foi tomada.

- E agora, disse Hepzibah felizmente, onde Hokey está? Oh sim, aí está você - guarde o objeto agora, Hokey.

A elfa levou a taça encaixotada obedientemente e Hepzibah voltou a sua atenção para a outra caixa mais aplainada no colo dela.

- Eu creio que você gostará deste mesmo muito mais, Tom, ela sussurrou. Se incline um pouco, querido, assim você poderá ver... Claro que Burke sabe que eu tenho este aqui, eu comprei isto dele, e eu tenho certeza que ele adoraria voltar a tê-lo quando eu me for...

Ela deslizou o gancho da filigrana para trás e sacudiu a caixa aberta. Lá, sobre o veludo carmesim liso, havia um pesado medalhão dourado.

Voldemort retirou o medalhão, sem ser convidado, e o segurou contra a luz, o encarando.

- A marca de Slytherin, ele disse baixo, quando a luz refletiu num S serpentino desenhado.

- Certamente! Disse Hepzibah, aparentemente encantada à vista de Voldemort que contemplava seu medalhão. Eu tive que pagar um braço e uma perna por isto, mas eu não poderia deixar isto passar, não um tesouro tão valioso assim, tinha que ter isto na minha coleção. Burke comprou isto, aparentemente, de uma mulher pobre que não tinha mais nada, mas que aparentemente não tinha nenhuma idéia de seu verdadeiro valor...

Não havia nenhum erro dessa vez: Os olhos de Voldemort brilharam de cor escarlaté a essas palavras, e Harry viu as juntas dele embranquecerem em volta do medalhão.

- Eu soube que Burke lhe pagou uma micharia, mas veja bem... Bonito, não é? E novamente, inúmeros tipos de poderes atribuídos a ele, entretanto, eu só o mantenho bem seguro...

- Ela pegou de volta o medalhão. Por um momento, Harry pensou que Voldemort não ia deixá-la fazer isso, mas ela tinha deslizado pelos dedos dele e voltado para sua almofada aveludada vermelha.

- Então, aí está Tom querido, e eu espero que você desfrute disso!

Pela primeira vez, ela olhou para ele em cheio, Harry viu o sorriso tolo dela hesitar.

- Você está bem, querido?

- Oh sim, disse Voldemort em voz baixa. Sim, eu estou muito bem...

- Eu pensei - foi um truque de luz, eu suponho - disse Hepzibah, parecendo nervosa, e Harry adivinhou que ela também tinha visto o vislumbre vermelho momentâneo nos olhos de Voldemort. Aqui, Hokey, leve embora estes e os tranque novamente... Os encantos de sempre...

Hora partir, Harry, disse Dumbledore baixo quando a elfa doméstica se levantou e abaixou, pegando as caixas, Dumbledore agarrou Harry mais uma vez mais pelo cotovelo e, juntos, eles rodopiaram e voltaram para o escritório de Dumbledore.

- Hepzibah Smith morreu dois dias depois daquela cena, disse Dumbledore, enquanto se sentava e indicava que Harry deveria fazer o mesmo. Hokey, a elfa da casa, foi condenada pelo Ministério por envenenar o chocolate dela sem querer.

- Não mesmo! Disse Harry furiosamente.

- Parece que nós temos a mesma opinião, disse Dumbledore. Certamente, são as muitas semelhanças entre esta morte e a dos Riddle. Em ambos os casos, alguém levou a culpa por outro, alguém que teve uma impressão clara de ter causado a morte - Hokey confessou?

- Ela se lembrou de ter colocado algo no chocolate que não parecia ser açúcar, mas um veneno letal e pouco conhecido, disse Dumbledore. Foi concluído que ela não tinha pretensão de fazer isto, mas sendo velha e confusa...

- Voldemort modificou a memória dela, assim como fez com Morfin!

- Sim, essa também é a minha conclusão, disse Dumbledore. E, da mesma maneira que com Morfin, o Ministério foi predisposto a suspeitar de Hokey...

- Porque ela era uma elfa doméstica, disse Harry. Ele raramente tinha sentido mais piedade por esta classe desde que Hermione tinha lançado o F.A.L.E.

- Exatamente, disse Dumbledore. Ela era velha, ela admitiu ter mexido na bebida, e ninguém do Ministério se preocupou em investigar mais. Como no caso de Morfin, até que eu a localizasse e conseguisse extrair esta memória, a vida dela já estava terminando - mas a memória dela, claro, não prova nada a não ser que Voldemort sabia da existência da taça e do medalhão.

- Até que Hokey fosse condenada, a família de Hepzibah não tinha percebido que haviam perdido dois dos seus maiores tesouros. Levou tempo para perceberem, porque ela tinha muitos esconderijos, sempre vigiando sua coleção com vários feitiços e encantamentos. Mas antes de terem certeza que a taça e o medalhão haviam sido levados, o assistente que tinha trabalhado para Borgin e Burkes, o jovem garoto que visitava Hepzibah regularmente e a

tinha encantado tão bem, tinha deixado seu posto e desaparecido. Os superiores dele não tinham nenhuma idéia de onde ele tinha ido; eles estavam tão surpresos quanto qualquer um com o desaparecimento. E essa foi a última coisa que se viu ou ouviu falar de Tom Riddle por um longo tempo.

- Agora, disse Dumbledore, se você não se importa, Harry, eu quero pausar mais uma vez para chamar sua atenção a alguns pontos da história. Voldemort cometeu outro crime, se foi o primeiro depois dos Riddles, eu não sei, mas acho que foi.

- Desta vez, como você viu, ele não matou por vingança, mas por gana. Ele queria os dois troféus fabulosos que a pobre confusa velha mostrara pra ele.

- Assim como ele roubou as outras crianças no orfanato, assim como ele roubou o anel de seu tio Morfim, assim agora ele fugiu com o medalhão e a taça de Heozibah.

- Mas, disse Harry carrancudo, parece loucura... Arriscar tudo, perder o seu trabalho por aquelas...

- Loucura pra você, talvez, mas não para Voldemort, disse Dumbledore. Eu espero que você entenda no decorrer exatamente o que aqueles objetos significavam para ele, Harry, mas você tem que admitir que não é difícil imaginar que ele pensou que o medalhão era, no mínimo, de seu direito.

- O medalhão talvez, disse Harry, mas e a taça?

- Pertenceu a outro dos fundadores de Hogwarts, disse Dumbledore. Eu acho que ele ainda sentia grande atração pela escola e não conseguia resistir a um objeto que pertenceu à sua história. Existem outras razões eu acho... Eu espero poder demonstrá-las a você no decorrer.

- E agora a última lembrança que eu tenho pra te mostrar, a não ser que você consiga a memória do Professor Slughorn pra nós. Dez anos separam a memória de Hokey dessa, dez anos durante os quais nós só podemos imaginar o que Lord Voldemort estava fazendo...

Harry ficou de pé mais uma vez enquanto Dumbledore limpava a última memória na penseira.

- De quem é essa memória? Ele perguntou.

- Minha, disse Dumbledore.

E Harry mergulhou depois de Dumbledore através da massa prateada brilhante, chegando no escritório que ele tinha acabado de deixar. Lá estava Fawkes descansando felizmente na sua gaiola, e atrás da mesa estava Dumbledore, que parecia muito com o Dumbledore parado ao lado de Harry, apesar de que as duas mãos estavam inteiras e perfeitas e sua face estava, talvez, com menos rugas.

A diferença entre o escritório atual e aquele é que no passado estava nevando; flocos azulados caíam pela janela no escuro e paravam no peitoril.

O Dumbledore mais novo parecia esperar por alguma coisa com certeza, momentos depois que eles chegaram ouve uma batida na porta e ele disse, Entre.

Harry deixou sair um engasgo reprimido e abafado, Voldemort entrou na sala. Suas feições não eram aquelas que Harry viu sair do caldeirão de pedra há quase dois anos. Elas ainda não eram de cobra, seus olhos ainda não eram escarlatés, sua face ainda não parecia uma máscara e ele não era mais atraente como Tom Riddle. Embora suas feições fossem queimada e manchada, elas eram como de cera e estranhamente distorcidas, e o branco de seus olhos agora estava permanentemente sangrentos, e embora suas

pupilas não estivessem finas ainda, Harry sabia que elas se tornariam. Ele estava usando uma longa veste preta e sua face estava tão pálida como a neve que respingava nos seus ombros.

O Dumbledore detrás da mesa não mostrou nenhum sinal de surpresa. Evidentemente exata visita teria sido marcada.

- Boa tarde, Tom, disse Dumbledore facilmente. Você não vai se sentar?

- Obrigada, disse Voldemort, e se sentou aonde Dumbledore mostrou. O mesmo assento que Harry tinha acabado de deixar no presente. Eu ouvi que você se tornou diretor, disse ele, e sua voz pareceu um pouco mais alta e fria do que tinha sido. Valeu a pena.

- Fico feliz com a sua aprovação, disse Dumbledore sorrindo. Posso te oferecer um drink?

- Eu agradeceria, disse Voldemort. Foi um caminho longo.

Dumbledore levantou e foi até o armário que agora guardava a Penseira, e que estava cheio de garrafas. Enchendo uma taça de vinho a Voldemort e uma para ele mesmo, ele retornou ao assento atrás da mesa. Então, Tom... A que devo o prazer da visita?

Voldemort não respondeu de cara, mas meramente deu um gole no vinho.

- Eles não me chamam mais de 'Tom' disse ele. Hoje em dia eu sou conhecido com...

- Eu sei como você é conhecido, disse Dumbledore sorrindo de forma agradável. Mas temo que para mim você sempre será o Tom Riddle. É uma das coisas mais irritantes sobre velhos professores, eu acho que eles nunca esquecem suas juventudes.

Ele levantou a taça num brinde com Voldemort, de quem o rosto pareceu sem expressão. Harry sentiu a atmosfera da sala mudar subitamente. A recusa de Dumbledore a usar o nome escolhido de Voldemort era uma recusa a deixar Voldemort ditar os termos do encontro, e Harry poderia dizer que Voldemort entendeu como isso.

- Eu estou surpreso que você tenha permanecido aqui por tanto tempo, disse Voldemort depois de uma curta pausa. Eu sempre me perguntei porque um bruxo como você nunca desejou deixar a escola.

- Bem, disse Dumbledore, ainda sorrindo, para um bruxo como eu não pode haver nada mais importante do que passar a diante suas habilidades anciãs e ajudar mentes jovens. Se eu me lembro corretamente, você já teve atração por ser professor também.

- E ainda tenho, disse Voldemort. Eu somente me pergunto porque você... Que é solicitado tão freqüentemente para aconselhar o Ministério e que já foi duas vezes, eu acho, oferecido do cardo e Primeiro ministro...

- Três vezes ao todo, na verdade, disse Dumbledore. Mas o Ministério nunca me atraiu como carreira. Denovo alguma coisa que temos eu comum, penso eu.

Voldemort inclinou sua cabeça sem sorrir e deu mais um gole no vinho. Dumbledore não quebrou o silêncio que se estabeleceu entre os dois, mas esperou com um olhar agradável de expectativa, para Voldemort falar primeiro.

- Eu retornei, disse ele depois de um tempo, mais tarde, talvez, do que Professor Dippet esperava... Mas eu retornei, para pedir mais uma vez, uma vez que ele me disse que eu era jovem demais para ser professor. Eu vim saber se o senhor me permite voltar ao castelo para ensinar. Eu acho que o

senhor deve saber que eu tenho visto e feito muitas coisas desde quando deixei este lugar.

- Eu poderia mostrar e contar aos seus alunos coisas que eles não poderiam saber de nenhum outro bruxo.

Dumbledore considerou Voldemort do topo de seu próprio cálice por um tempo antes de falar.

- Sim, eu certamente sei que você tem visto e feito muitas coisa desde que nos deixou, disse ele. Rumores chegaram a sua velha escola, Tom. E estou decepcionado em acreditar neles.

A expressão de Voldemort continuou passiva enquanto ele dizia:

- Grandeza gera inveja, inveja gera mentiras. Você devia saber disso Dumbledore.

- Você chama de grandeza o que tem feito? Perguntou Dumbledore delicadamente.

- Certamente, disse Voldemort, e seus olhos pareceram se tornar vermelhos. Eu experimentei, eu ultrapassei os limites da magia, talvez, mais do que eles jamais tivessem sido ultrapassados.

- De alguns tipos de magia, Dumbledore o corrigiu. De alguns tipos de magia. De outros, você continua... Perdoe-me... Terrivelmente ignorante.

Pela primeira vez Voldemort sorriu. Era um olhar malicioso, uma coisa má, mais ameaçadora do que raivosa.

- O velho argumento, disse ele suavemente. Mas nada que eu vi no mundo apoiou seu famoso pronunciamento de que o amor é mais poderoso do que meu tipo de magia, Dumbledore.

- Talvez você tenha procurado nos lugares errados, sugeriu Dumbledore.

- Bem, então, que lugar melhor para recomençar minhas pesquisas do que aqui em Hogwarts? Disse Voldemort. Você me deixará voltar? Você me deixará dividir meu conhecimento com seus alunos? Eu ponho meus talentos e eu mesmo a sua disposição. Estou às suas ordens.

Dumbledore levantou suas sobrancelhas.

- E o que você fará com aqueles que você comanda? O que acontecerá com aqueles que se autodenominam, ou então os rumores o fazem, Comensais da Morte?

Harry podia dizer que Voldemort não espera que Dumbledore soubesse esse nome, ele viu os olhos de Voldemort ficarem vermelhos de novo e suas narinas se abrirem.

- Meus amigos, disse ele, depois de um momento de pausa, continuarão sem mim, eu tenho certeza.

- Estou feliz em ouvir que você os considera seus amigos, disse Dumbledore. Eu estava sob a impressão de que eles estavam mais na faixa de seus servos.

- Você está enganado, disse Voldemort.

- Então se nós formos ao Hog's Head esta noite, nós não encontraremos um grupo deles... Nott, Rosier, Muldber, Dolohov... Esperando seu retorno? Amigos devotados esses viajam tão longe numa noite com neve meramente para desejar boa sorte enquanto você concorre a um cargo de professor.

Não havia dúvidas que o conhecimento detalhado de Dumbledore daqueles que estavam viajando era pouco bem-vindo por Voldemort, de qualquer jeito se refez quase que na mesma hora.

- Onisciente como sempre, Dumbledore.

- Oh. Não. Meramente amigo do dono do bar local, disse Dumbledore calmamente.

- Agora, Tom...

Dumbledore sentou seu copo vazio e se levantou, os dedos se movendo num gesto característico.

- Vamos falar abertamente. Porque você veio aqui esta noite requisitar um emprego que você não quer?

Voldemort pareceu friamente surpreso. - Que eu não quero? Pelo contrário, Dumbledore, eu o quero muito.

- Oh, você quer voltar para Hogwarts, mais você não quer ensinar mais do que quando você tinha dezoito anos. Do que você está atrás, Tom? Por que não tentar uma conversa aberta?

Voldemort desdenhou. - Se você não quer me dar o trabalho...

- É claro que eu não quero, disse Dumbledore. E eu não acho que você esperou em algum momento que eu quisesse. Se você veio aqui, você pediu, você deve ter um propósito.

Voldemort se levantou. Ele pareceu menos com Tom Riddle do que nunca, suas feições carregas de ódio.

- Esta é sua palavra final?

- Sim, é. Disse Dumbledore se levantando também.

- Então não há nada mais para nós conversarmos.

- Não, nada, disse Dumbledore, e uma grande tristeza preencheu seu rosto. Já se foi o tempo que eu podia te amedrontar com um armário em chamas e forçar você a cumprir punições por seus crimes. Mas eu queria poder, Tom... Como eu queria poder...

Por um segundo Harry esteve no meio de um aviso desapontado. Ele tinha certeza de que a mão de Voldemort mexeu em seu bolo e na sua varinha, mas o momento passou, Voldemort se virou, a porta foi se fechando e ele se foi.

Harry sentiu que a mão de Dumbledore se fechou em seus braços de novo e momentos depois, eles estavam parados juntos quase no mesmo ponto, mas não tinha neve no peitoril das janelas, e a mão de Dumbledore estava negra e morta de novo.

- Porque? Disse Harry de uma vez, olhando na cara de Dumbledore. Porque ele voltou? Você algum dia descobriu?

- Eu tenho idéia, disse Dumbledore, mas não mais que isso.

- Que idéia senhor?

- Eu vou te contar, Harry, quando você retirar aquela memória do Professor Slughorn, disse Dumbledore.

- Quando você conseguir a última memória, tudo ficará, espero eu, muito claro... Para nós dois.

Harry ainda estava queimando de curiosidade e embora Dumbledore tenha caminhado para a porta e estivesse segurando-na aberta para Harry, ele não se moveu.

- Ele estava atrás de Defesa Contra as Artes das Trevas de novo, senhor? Ele não disse...

- Oh, ele definitivamente queria Defesa Contra as Artes das Trevas, disse Dumbledore. As consequências do nosso encontro provaram isso. Você vê, nós não conseguimos manter um Professor de Defesa Contra as Artes das Trevas mais de um ano depois que eu recusei o posto ao Lorde Voldemort.

--Capítulo 21-- A Sala Não Localizável

Harry focou sua inteligência na próxima semana em como ele iria persuadir Slughorn para entregar a verdadeira memória, mas nenhuma onda cerebral ocorreu naturalmente e ele se limitou a fazer o que ele progressivamente fazia naqueles dias em que estava confuso: se aprofundava em seu livro de poções, esperando que o Príncipe pudesse ter escrito algo útil em uma margem, como ele havia feito tantas vezes antes.

- Você não encontrou nada lá, disse Hermione firmemente, tarde da noite de domingo.

- Não comece, Hermione, disse Harry. Se não fosse pelo Príncipe, Rony não estaria sentado aqui agora.

- Ele estaria se você apenas tivesse ouvido Snape em nosso primeiro ano, disse Hermione com desprezo.

Harry a Ignorou. Ele apenas tinha encontrado um feitiço Sectum-sempra! Rabiscado em uma margem acima das intrigantes palavras Para Inimigos, e estava comichando para testá-lo, mas pensou que seria melhor não na frente de Hermione.

Em vez disso, ele dobrou, sigilosamente o canto da página. Eles estavam sentados ao lado da lareira na sala comunal; as outras únicas pessoas eram companheiros do sexto ano. Havia uma certa quantia de excitação cedo quando eles voltaram do jantar e encontraram um novo comunicado no quadro de notícias a data para seus Testes de Aparatação. Aqueles que farão dezessete antes da primeira data dos testes, dia 21 de abril, tem a opção de se inscreverem para adicionais sessões de prática, que deverão acontecer (supervisionadas seriamente) em Hogsmead.

Rony entrou em pânico ao ler a notícia; ele ainda não tinha conseguido aparatar e temia não estar preparado para o Teste. Hermione, que tinha agora executado Aparatação duas vezes, estava um pouco mais confiante, mas Harry, que não teria dezessete até outros quatro meses, podia não entrar no teste se preparado ou não.

- Pelo menos você pode Aparatar, apesar de tudo! Disse Rony de forma tensa.

- Você não terá problemas quando chegar Julho!

- Eu só o fiz uma vez, Harry o lembrou; ele finalmente tinha conseguido dissipar e rematerializar pela sua vontade uma vez durante suas aulas anteriores.

Tendo perdido bastante tempo se preocupando sobre Aparatação, Rony estava agora lutando para finalizar uma composição viciosamente difícil para Snape que Harry e Hermione já tinham completado. Harry esperava completamente receber baixa nota na sua, porque ele não tinha concordado com Snape sobre qual o melhor jeito de cuidar dos Dementadores, mas ele não se importava: A memória de Slughorn era a coisa mais importante para ele agora.

- Eu estou te dizendo, o estúpido Príncipe não é capaz de te ajudar com isso, Harry! Disse Hermione, em voz mais alta. Há somente um caminho para forçar alguém a fazer o que você quer, e é a maldição Imperius, que é ilegal.

- Sim, eu sei disso, obrigado, disse Harry, não tirando os olhos do livro. Isto é o por que eu estou procurando algo diferente. Dumbledore disse que Veritaserum não o faria, mas pode fazer alguma coisa mais, uma poção ou um feitiço...

- Você está indo pelo caminho errado, disse Hermione. Somente você pode conseguir a memória, Dumbledore disse. Deve ter outro jeito de você poder persuadir Slughorn que as outras pessoas não podem. E não é uma questão de dá-lo uma poção, qualquer um poderia fazê-lo...

- Como se soletra 'belligerent'? Disse Rony, sacudindo sua pena com toda força enquanto olhava fixamente seu pergaminho. Não seria B - U - M -...

- Não, não é, disse Hermione, puxando a composição de Rony para ela. E, 'Presságio' não começa com P - E - R também. Que tipo de pena você está usando?

- É uma de Fred e Jorge de Spell-Check, mas eu acho que o encanto deve estar desaparecendo.

- Sim, deve estar, disse Hermione, apontando para o título da composição, Porque nós somos questionados como tratar com dementadores, não Dugbogs, e eu não me lembro de você ter mudado o seu nome para 'Roonil Wazlib' também.

- Ah não! Disse Rony, encarando assustadoramente o pergaminho. Não diga que eu terei que escrever a coisa toda de novo!

- Tá certo, nós podemos consertar isso, disse Hermione, puxando a composição para si e tirando sua varinha.

- Eu te amo, Hermione, disse Rony, afundando em sua cadeira, esfregando seus olhos cansadamente. Hermione ficou levemente rosa, mas disse meramente, - Não deixe Lilá ter ouvir dizendo isso.

- Eu não direi, disse Rony. Ou talvez eu direi, então ela me deixaria.

- Porque você não a deixa se você quer terminar? Perguntou Harry.

- Você nunca foi acariciado por alguém, foi? Disse Rony. Você e Cho apenas...

- Classificação de sentimentos aparte, sim, disse Harry.

- Desejo que acontecesse comigo e Lilá, disse Rony melancolicamente, olhando Hermione silenciosamente tocando em cada uma das palavras erradas dele com a ponta de sua varinha, então elas se corrigiram na folha. Mas quanto mais eu digo que quero terminar, mais apertado ela segura.

- Aí, disse Hermione, uns vinte minutos depois, estendendo de volta a composição de Rony.

- MUITÍSSIMO obrigado, disse Rony. Posso pegar emprestada a sua pela para a conclusão?

Harry que tão longe não tinha encontrado nada útil nas anotações do Príncipe Mestiço, olhou em volta; os três eram agora os únicos que estavam na sala comunal, Simas havia acabado de subir para o dormitório, amaldiçoando Snape e sua composição. Os únicos sons eram do estalar da lareira e Rony rabiscando a linha do último parágrafo dos dementadores usando a pena de Hermione. Harry tinha acabado de fechar o livro do Príncipe Mestiço, bocejando, quando - Crack!

Hermione soltou um grito agudo; Rony derramou tinta fresca sobre sua composição recentemente acabada, e Harry disse, Monstro!

O elfo-doméstico saudou se curvando para seu dono com seus dedos nodosos.

- Mestre disse que ele queria relatórios regulares do que o garoto Malfoy está fazendo, então Monstro vem para dar - Crack!

Dobby apareceu ao lado de Monstro, com seu torto e confortável chapéu.

- Dobby veio ajudar também, Harry Potter! Ele grunhiu, lançando a Monstro um olhar raivoso. E Monstro deve dizer a Dobby quando ele está vindo ver Harry Potter então eles poder fazer seus relatórios juntos!

- O que é isso? Perguntou Hermione, ainda olhando chocada para aquelas aparições repentinas. O que está acontecendo, Harry? Harry hesitou antes de responder.

- Porque ele não havia contado a Hermione sobre ter enviado Monstro e Dobby para seguir Malfoy; elfos-domésticos sempre foram um assunto delicado com ela.

- Bem. Eles estavam seguindo Malfoy para mim, ele disse.

- Noite e dia, resmungou Monstro.

- Dobby não dorme a uma semana, Harry Potter! Disse Dobby prontamente, balançando onde ele estava em pé. Hermione olhou indignada.

- Você não dormiu, Dobby? Mas certamente, Harry, você não disse a ele para não...

- Não, claro que eu não disse, Harry falou rapidamente. Dobby, você pode dormir, certo? Mas alguém de vocês descobriu algo? Ele se apressou em perguntar, antes que Hermione interviesse novamente.

- Mestre Malfoy se move com a nobreza que o torna puro-sangue, resmungou Monstro imediatamente. Seus traços lembram os finos ossos de minha mestra e suas maneiras são aquelas que...

- Draco Malfoy é um cara mau! Grunhiu Dobby raivosamente. Um cara mau que... Que... Ele trêmeu da ponta de seu chapéu até a ponta de seus dedos dos pés e então correu para a lareira, como se fosse mergulhar dentro dela. Harry, para quem isso era completamente inexplicado, pegou-o pela cintura e prendeu-o rapidamente. Por alguns segundos Dobby lutou, depois se afrouxou.

- Obrigado Harry Potter, ele ofegou. Dobby ainda sente dificuldades de falar mal de seus velhos mestres. Harry o libertou; Dobby arrumou seu confortável chapéu e disse audaciosamente para Monstro, Mas Monstro deveria saber que Draco Malfoy não é um bom mestre para um elfo-doméstico!

- Sim, nós não precisamos ouvir você dizer que está apaixonado por Malfoy, Harry disse a Monstro. Vamos para frente rápido, para onde ele esteve realmente indo.

Monstro saldou novamente, parecendo furioso e disse, - Mestre Malfoy come no salão Principal, ele dorme num dormitório nas masmorras, ele está presente em suas aulas em uma variedade de...

- Dobby, você diga-me, disse Harry, cortando Monstro. Ele tem estado indo em algum lugar que não deveria estar?

- Harry Potter, senhor, grunhiu Dobby, com seus grandes olhos brilhando pela luz do fogo, o garoto Malfoy não está quebrando regras que Dobby pode descobrir, mas ele ainda está desejando evitar detenções, ele tem feito visitas regulares ao sétimo andar com uma variedade de outros estudantes, que montam vigia pra ele enquanto ele entra...

- Na Sala Precisa! Disse Harry, acertando a sua testa com o Fazendo Poções Avançadas. Hermione e Rony fixaram os olhos nele. É por lá então que ele está escapando. É lá onde ele está fazendo... O que ele está fazendo! E eu aposto que este é o porque ele está desaparecendo do mapa - venham e pensem nisso, Eu nunca vi a sala precisa lá!

- Talvez os Marotos nunca souberam que ela estava lá, disse Rony.

- Eu acho que isso é parte da magia da sala, disse Hermione. Se você precisasse estar não localizável, você estaria.

- Dobby, você conseguiu entrar e dar uma olhada no que Malfoy estava fazendo? Disse Harry avidamente.

- Não, Harry Potter, isso é impossível, disse Dobby.
- Não, não é, disse Harry imediatamente. Malfoy entrou dentro do nosso quartel general no último ano, então eu seria capaz de entrar e espia-lo sem problemas.
- Mas eu acho que você não ria, Harry, disse Hermione vagarosamente. Malfoy já sabia exatamente como nós estávamos usando a sala, não sabia, porque aquela estúpida da Marietta fofocou. Ele precisava que a sala se tornasse o quartel general da A.D., então ele o fez. Mas você não sabe o que aquela sala se torna quando Malfoy está lá dentro, então você não sabe o que pedir para que ela se transforme.
- Haverá um modo disso, disse Harry sem interesse. Você o fez brilhantemente, Dobby.
- Monstro fez bem também, disse Hermione gentilmente; mas longe de olhar agradecido, Monstro desviou seus olhos vermelhos e grandes e resmungou para o teto, - A sangue-ruim está falando para Monstro, Monstro vai fingir que não pode ouvir.
- Pare com isso, Harry ordenou, e Monstro fez uma última reverência e desapareceu.
- Seria melhor você dormir um pouco também, Dobby.
- Obrigado, senhor Harry Potter! Rangeu Dobby alegremente, e também sumiu.
- Isso não é bom?! Disse Harry entusiasticamente, virando-se para Rony e Hermione no momento em que a sala estava sem elfos novamente.
- Nós sabemos onde Malfoy está indo! Nós o cercamos agora!
- Sim, isso é ótimo. Disse Rony raivosamente, cuja tentativa de limpar a encharcada massa de tinta se mostrou um total fracasso. Hermione puxou a varinha e começou a retirar a tinta.
- Mas o que está acontecendo com ele para ir lá com um monte de alunos? disse Hermione. Quantas pessoas estão nisso? Você não acha que ele confia em todos eles para saber o que ele está fazendo...
- Sim, isso é estranho. Disse Harry, franzindo a testa. Eu o ouvi dizendo a Crabbe que não era da conta dele o que ele estava fazendo... Então o que ele quer dizer com isso... A voz de Harry sumiu, ele olhava furtivamente para a lareira.
- Deus, que idiota eu fui. Disse ele sussurrante. É óbvio, não é? Tinha um monte disso no calabouço... Ele poderia ter roubado um pouco durante a lição...
- Roubado o que? Disse Rony.
- Poção polissuco. Ele roubou um pouco da poção Polissuco que Slughorn nos mostrou na nossa primeira aula de poções... Não há muitos alunos montando guarda para Malfoy... É só Crabbe e Goyle como de costume... Sim, Tudo se encaixa!
- Disse Harry, que levantou de um salto e começou a andar em frente à lareira. Eles são suficientemente idiotas para fazer o que ele manda mesmo que não saibam o que ele pretende, mas ele não quer que eles sejam vistos Rondando a Sala precisa, então ele os fez tomar poção polissuco para fazê-los parecer com outras pessoas... Aquelas duas garotas que eu vi com ele quando ele subia do jogo de Quadribol - há! Crabbe e Goyle!
- Você quer dizer, disse Hermione numa voz comedida, que aquela garotinha cuja balança eu consertei?

- Sim, claro! Disse Harry alto, olhando furtivamente para ela. Claro! Malfoy devia estar dentro da sala naquela hora, então ela - do que eu estou falando? - ele derrubou as balanças para dizer a Malfoy não sair, por que tinha alguém lá! E havia aquela garota que deixou cair ovas de sapo também! Nós passamos por ele esse tempo todo e não percebemos!

- Ele fez Crabbe e Goyle se transformarem em garotas? Indagou Rony. Coitados... Por isso eles não pareciam muito alegres esses dias. Estou surpreso por eles não dizerem a Malfoy para não fazer isso.

- Bem, eles não iriam, iriam, se ele tivesse mostrado sua Marca negra? Disse Harry.

- Humm... A Marca Negra nós não sabemos se existe. Disse Hermione sensatamente, pegando a redação seca de Rony antes que pudesse causar mais estragos e segurando pra ele.

- Veremos disse Harry secretamente.

- Sim, nós veremos. Disse Hermione, abaixando e alongando-se. Mas, Harry, antes que você se empolgue, eu ainda não acho que você consiga entrar na Sala Precisa sem saber o que há lá antes. E eu acho que você não deveria esquecer disso.

Ela pôs sua mochila no ombro e olhou para ele seriamente. - Você deveria estar se concentrando em pegar aquela memória de Slughorn. Boa noite.

Harry a viu sair, sentindo-se mal. Uma vez que a porta do dormitório feminino fechou atrás dela ele virou-se para Rony.

- O que você acha?

- Queria poder desaparecer como um elfo doméstico. Disse Rony, olhando furtivamente para o lugar de onde Dobby havia sumido. Aquele teste de aparatção seria moleza.

Harry não dormiu direito àquela noite. Ele ficou acordado pelo que pareceram horas, imaginando como Malfoy estava usando a Sala Precisa e o que ele, Harry, veria quando entrasse lá no dia seguinte, pelo que Hermione disse, Harry tinha certeza de que se Malfoy pode ver o quartel general da A.D., ele poderia ver o de Malfoy. O que poderia ser? Um lugar de encontros? Um esconderijo? Um workshop? A mente de Harry trabalhou fervorosamente em seus sonhos, quando ele finalmente dormiu, eram quebrados e perturbado por imagens de Malfoy, que se transformou em Slughorn, que se transformou em Snape...

Harry estava muito adiantado para o café da manhã no dia seguinte; ele tinha um tempo livre antes da aula de Defesa contra as artes das trevas e estava determinado a passá-lo tentando entrar na Sala Precisa. Hermione não mostrava nenhum interesse em seus planos de entrar na Sala, o que irritou Harry, Por que ele achou que ela seria de grande ajuda se quisesse.

- Olhe, disse ele discretamente, levantando-se e pondo a mão no Profeta Diário que ela havia acabado de receber pelo correio coruja para impedi-la de abri-lo e sumir atrás dele. Eu não esqueci sobre Slughorn, mas eu não tenho idéia de como pegar aquela memória dele, e até eu conseguir uma lavagem cerebral por que eu não deveria descobrir o que Malfoy está fazendo?

- Eu já disse, você tem que persuadir Slughorn, disse Hermione. Isso não é uma questão de pegá-lo ou enfeitiçá-lo, ou Dumbledore poderia ter feito isso em um segundo. Ao invés de rondar a Sala Precisa - Ela tirou o Profeta Diário debaixo da mão de Harry e focou a primeira página - você deveria ir, encontrar Slughorn e começar a apelar à sua bondade natural.

- Alguém conhecido? perguntou Rony, quando Hermione olhou rapidamente as manchetes.

- Sim! disse Hermione, fazendo que tanto Harry quanto a Rony parassem o café da manhã. Mas está tudo bem, ele não está morto - é Mundungus, ele foi preso e mandado para Azkaban! Algo a ver com conjurar um inferius durante uma tentativa de assalto, e alguém chamado Octavius Pepper desapareceu.

- Oh, que horrível, um garoto de nove anos foi preso por tentar matar seus avós, eles acham que o garoto estava sob a maldição Impérius.

Eles terminaram seu café da manhã em silêncio. Hermione foi imediatamente para a aula de Runas antigas; Rony para o salão comunal, onde ele ainda tinha que acabar sua dissertação sobre dementadores para Snape, e Harry para o corredor no sétimo andar na parede oposta a que estava a tapeçaria de Barnabas o Bárbaro ensinando trasgos a dançar balé. Harry saiu de sua capa de invisibilidade uma vez que ele encontrou uma passagem vazia, mas ele não podia ser interrompido. Quando ele alcançou seu destino ele encontrou o lugar vazio. Harry não estava certo se suas chances de entrar na sala eram melhores com Malfoy dentro ou fora dela, mas pelo menos sua primeira tentativa não seria complicada pela presença de Crabbe ou Goyle fingindo ser uma garota de onze anos. Ele fechou os olhos e se aproximou de onde a porta da Sala precisa estava escondida.

Ele sabia o que tinha que fazer; ele aprimorou-se nisso no ano anterior. Concentrando-se com toda sua força ele pensou, Eu preciso ver o que Malfoy está fazendo aqui... preciso ver o que Malfoy está fazendo aqui... preciso ver o que Malfoy está fazendo aqui... Três vezes ele passou pela porta; depois, seu coração batendo com excitação, ele abriu os olhos e olhou - mas ele ainda estava olhando para uma parede vazia. Ele deu um passo à frente e experimentou empurrar. A rocha permaneceu sólida e imóvel.

- Tudo bem disse Harry alto. Tudo bem... eu pensei na coisa errada... ele refletiu por um momento depois parou de novo, olhos fechados, concentrando-se o mais forte que podia. Eu preciso ver o lugar que Malfoy frequenta secretamente... Eu preciso ver o lugar que Malfoy frequenta secretamente... Eu preciso ver o lugar que Malfoy frequenta secretamente... Depois de andar em frente à porta por três vezes, ele abriu os olhos. Não havia porta.

- Oh, vamos lá ele disse à parede irritadamente. Aquilo era um pedido claro. Legal. Ele pensou muito por vários minutos antes de tentar mais uma vez.

- Eu preciso que você se torne o lugar que se tornou para Draco Malfoy... Ele não abriu os olhos imediatamente quando acabou sua patrulha; ele estava prestando atenção, como se ele fosse ouvir a porta aparecer. Ele não ouviu nada, no entanto, exceto o distante piar dos pássaros do lado de fora. Ele abriu os olhos; Ainda não havia nenhuma porta.

Harry jurava. Alguém gritou. Ele olhou ao redor para ver um grupo de alunos do primeiro ano correndo de costas pra parede, dando a impressão de que eles haviam encontrado um fantasma aparentemente desbocado.

Harry pensou de todo o jeito Preciso ver o que Malfoy está fazendo ai dentro que ele pôde pensar durante uma hora inteira, no fim, ele foi obrigado a admitir que Hermione estava certa: A sala simplesmente não quis se abrir para ele.

Frustrado e aborrecido, ele partiu para aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, tirando a Capa de Invisibilidade e guardando junto a sua bolsa.

- Atrasado novamente, Potter, disse Snape friamente, quando Harry se apressou para entrar na sala. Dez pontos da Grifinória. Harry olhou feio para

Snape e se arremessou ao assento ao lado de Rony. Metade da classe ainda estava de pé, tirando livros e organizando suas coisas; ele não poderia ter demorado muito mais que eles.

- Antes de nós começarmos, eu quero seus ensaios sobre dementadores disse Snape, agitando sua varinha, de forma que vinte e cinco rolos de pergaminho planaram no ar e se empilharam sobre a mesa dele. E eu espero que eles estejam melhores do que o ensaio que eu pedi sobre a Maldição Imperius. Agora, se vocês abrirem seus livros na página-o que foi, Sr Finnigan?

- Senhor disse o Simas eu gostaria de saber, qual é a diferença entre um Inferius e um fantasma? Porque havia algo no jornal sobre um Inferius...

- Não, não havia disse Snape numa voz entediada.

- Mas senhor, eu ouvi as pessoas falarem que...

- Se você tivesse lido o artigo em questão, Sr Finnigan, você saberia que o Inferius nada mais era que um ladrão covarde e fedorento que atende pelo nome de Mundungus Fletcher.

- Eu pensei que Snape e Mundungus estavam do mesmo lado murmurou Harry para Rony e Hermione. Ele não deve ter ficado chateado por o mesmo ter sido apanhado.

- Mas Potter parece ter muito que dizer sobre o assunto, disse Snape, apontando de repente ao fundo da sala, os olhos pretos dele fixos em Harry.

- Nos deixe perguntar Potter, como nós saberíamos a diferença entre um Inferius e um Fantasma.

A classe inteira virou-se para Harry que apressadamente que tentava se lembrar do que Dumbledore lhe falou na noite em que foram visitar Slughorn.

- Ir-bem-fantasmas são transparentes- ele disse.

- Muito bom, disse Snape torcendo seu lábio. É, é notável que seis anos de educação mágica não foram desperdiçados em você, Potter. 'Fantasmas são transparentes'.

Pansy Parkinson soltara uma risadinha aguda. Vários outros também sorriam de satisfação. Harry respirou fundo e calmamente continuou, entretanto seu interior estava fervendo.

- Sim, fantasmas são transparentes, mas Inferius são corpos mortos, não são? Então eles são sólidos...

- Uma pessoa de cinco anos poderia ter nos contado o mesmo zombou Snape.

- O Inferius é um cadáver que foi reanimado por feitiço de um Bruxo das Trevas. Não está vivo, é meramente usado como um fantoche pelo bruxo. Um fantasma, como acredito que vocês agora saibam, é a impressão de uma alma passada na terra, e claro, como Potter tão sabiamente nos falou, transparente.

- Bem, o que Harry disse é mais útil se encontrarmos com um! Disse Rony.

- Quando nós encontrarmos com um cara a cara veremos se ele é sólido, não é, não iremos perguntar 'com licença, você é a impressão de uma alma passada?'

Houve um acesso de risadas por toda sala, que foi interrompido pelo olhar lançado por Snape.

- Outros dez pontos da Grifinória disse Snape. Eu não esperaria nada mais sofisticado de você, Ronyald Weasley, tão sólido que não consegue aparatar meia polegada através do aro.

- Não! Hermione sussurrou agarrando Harry pelo braço quando ele abriu a boca dele furiosamente. Mais um pouco e você irá cumprir detenção outra vez, deixe.

- Agora abram seus livros na página duzentos e treze, disse Snape, com um pequeno sorriso de satisfação, e leiam os dois primeiros parágrafos da Maldição Cruciatus.

Rony era muito requisitado na classe. Quando o sino soou ao termino da aula, Lilá alcançou Rony e Harry, Hermione misteriosamente sumiu como se tivesse aparatado.

Ela tentou desviar o assunto de Snape, que abusou calorosamente, zombando da aparatção de Rony, mas isso pareceu irritar Rony, e ele livrou-se dela fazendo um desvio pelo banheiro dos meninos junto a Harry.

- Snape esta certo, não está? Disse Rony, depois de fitar um espelho rachado por um minuto ou dois. Eu não sei se deveria fazer o teste. Eu posso cair tentando aparatar.

- Você pode fazer as sessões extras em Hogsmeade e ver por onde eles começam, disse Harry razoavelmente. Será mais interessante que tentar em um arco estúpido de qualquer maneira. Então, se você ainda não for-você sabe-tão bom quanto você gostaria de ser, você pode adiar o teste, faça comigo durante o verão - Murta, este é o banheiro dos meninos!

O fantasma de uma menina saiu de um boxe atrás deles e agora flutuava pelo ar, encarando-os pelos óculos grossos, brancos e redondos. Oh, ela disse abatida.

- São vocês dois.

- Quem você estava esperando? Disse Rony, olhando para ela no espelho.

- Ninguém, disse Murta, selecionando tristemente uma mancha em seu queixo. Ele disse que voltaria pra me ver, entretanto você disse que apareceria e me visitaria também - e lançou um olhar de reprovação a Harry - e eu não o vi por meses e meses. Eu aprendi a não esperar muito dos meninos.

- Eu pensei que você vivia no banheiro das meninas? Disse Harry que tinha tido cuidado de dar um espaço entre o box durante alguns anos.

- Eu vivo ela disse mal-humorada encolhendo os ombros, mas isso não quer dizer que eu não visito outros lugares. Eu vim e o vi uma vez em seu banho, lembra-se?

- Nitidamente, disse Harry.

- Mas eu pensei que ele gostasse de mim disse ela queixosamente. Talvez se vocês dois deixassem, ele voltaria novamente. Nós tivemos muito em comum. Eu acho que ele também percebeu isso.

E ela olhou esperançosamente para a porta.

- Quando você diz que vocês têm muito em comum, disse Rony, soando bastante engraçado agora, Significa que ele também vive curvado?

- Não, disse Murta desafiante, a voz dela ecoava ruidosamente ao redor do ladrilho do velho banheiro. Eu quero dizer ele é sensível, as pessoas o intimidam também, ele sente só e não tem ninguém para conversar, e ele não tem medo de mostrar seus sentimentos e chorar!

- Havia um menino chorando aqui? Disse Harry curiosamente. Um garoto jovem?

- Você não notaria! Disse Murta, seus pequenos olhos fixaram em Rony que estava sorrindo. Eu prometi que não contaria para ninguém, e levarei o segredo dele para o...

- Não ao tumulto, certamente? Disse Rony com um bufo. Os esgotos, talvez. Murta deu um uivo de raiva e mergulhou de costas no banheiro, fazendo a

água espirrar por todos os lados e sobre o chão. Provocar Murta parecia ter dado um coração fresco em Rony.

- Você tem razão, ele disse balançando a maleta escolar sobre seu ombro, eu farei as sessões de prática em Hogsmeade antes que eu decida se irei fazer a prova.

E assim no fim de semana seguinte, Rony uniu-se a Hermione e o resto dos sextanista que completariam dezessete a tempo para fazer a prova em quinze dias.

Harry sentiu-se com ciúmes ao ver todos prontos para ir ao vilarejo; ele sentiu falta das viagens para lá, e era um dia de primavera particularmente bom, um dos primeiros em que o céu estava claro como eles não viam há muito tempo. Porém, ele tinha decidido que era hora de tentar outro assalto a Sala Precisa.

- Você faria melhor, disse Hermione, quando ela confiou esta planta a Rony durante sua entrada no saguão, indo direto ao escritório de Slughorn e tentando tirar essa memória dele.

- Eu tenho tentado! disse Harry atravessado, o que era perfeitamente verdadeiro.

Tinha voltado após cada aula de poções durante a semana, em uma tentativa de falar com Slughorn de canto, mas o mestre de poções virava sempre à esquerda em direção às masmorras tão rapidamente que Harry não tinha conseguido pegar.

Por duas vezes, Harry tinha ido a seu escritório e batido a porta, mas não recebeu nenhuma resposta. Porém, na segunda ocasião teve certeza que havia ouvido os sons rapidamente sufocados de um gramofone velho.

- Ele não quer falar comigo, Hermione! Pode me dizer pra tentar começar outra vez nos seus próprios, e não está deixando acontecer.

- Bem, você tem apenas começado a manter-se nele, você não tem? A fila curta das pessoas que esperavam passar por Filch, que fazia seu ato usual com o sensor de segredos, estando mais a frente um pouco depois, Harry não respondeu caso fosse ouvido pelo zelador. Desejou boa sorte a Rony e Hermione, e então virou e subiu a escadaria de mármore, determinado, novamente, mesmo com qualquer coisa que Hermione disse-se, a dedicar uma hora ou duas para a Sala Precisa.

Uma vez longe da vista do corredor de entrada, Harry puxou o Mapa do Maroto e a Capa da Invisibilidade de sua mochila. Tendo se escondido, ele bateu no mapa, e murmurou, Juro solenemente não fazer nada de bom, cuidadosamente.

Como era domingo pela manhã, quase todos os estudantes estavam dentro das várias salas comunais; os da Grinfinória em uma torre, os da Corvinal em outra, os Sonserinos nos calabouços, e o da Lufa-Lufa no porão perto da cozinha. Aqui e lá uma pessoa perdida vagava ao redor da biblioteca ou num corredor de cima. Tinham poucas pessoas nos andares, e lá, sozinho no corredor do sétimo andar, estava Gregory Goyle. Não havia nenhum sinal da Sala Precisa, mas Harry não estava preocupado com isso; se Goyle estava de guarda do lado de fora, o quarto estava aberto, o mapa mostrando isso ou não. Ele correu então para cima, subindo os degraus, só reduzindo a velocidade quando alcançou um canto no corredor, quando ele começou a rastejar, muito lentamente, em direção a uma menininha que segurava suas tão pesadas balanças de latão, aquela que Hermione tinha ajudado há uns 15 dias antes tão

amavelmente. Ele esperou até chegar atrás dela antes de se abaixar e muito baixo sussurrar:

- Olá. você é muito linda, não é?

Goyle deu um grito alto, morrendo de medo, jogou para cima as balanças no ar, e correu pra fora, enquanto desaparecia da visão de Harry antes do som das balanças que caíram no chão ecoar ao redor. Rindo, Harry virou-se para contemplar a parede em branco atrás da qual, ele estava seguro, Draco Malfoy estava gelado agora e de pé, informado que alguém mal vindo está lá fora, mas não ousou fazer um aparecimento. Deu para Harry um sentimento mais agradável de poder, então ele tentou se lembrar que forma de palavras já havia usado e começou a fazer as que ele ainda não havia experimentado.

Mas esta disposição esperançosa não durou muito tempo. Meia hora depois, ele havia tentado muitas variações de pedido para ver Malfoy, e a parede continuava da mesma maneira. Harry sentiu-se incredivelmente frustrado.

Malfoy poderia estar só há alguns passos longe dele, e ainda não havia um pequeno indício sobre o que ele estava fazendo lá. Perdendo a paciência completamente, Harry correu à parede e a chutou .

- Ai! Ele pensou que poderia ter quebrado o dedo do pé; como ele apertou e pulou em um pé, a capa da Invisibilidade deslizou sobre ele.

- Harry?

Ele girou ao redor, viu um par de pernas, e tombou de lado. Lá, para sua surpresa absoluta, era Tonks, caminhando para ele como se, freqüentemente passa-se neste corredor.

- O que você está fazendo aqui? ele disse, subindo novamente e rastejando com seus pés; por que ela sempre acha escondido no chão?

- Eu vim ver Dumbledore, disse Tonks. Harry pensou que ela parecia terrível: mais magra que habitual, o cabelo dela antes colorido agora era ralo e sem vida.

- O escritório dele não é aqui, disse Harry, é redondo e fica do outro lado do castelo, atrás da gárgula...

- Eu sei, disse Tonks. Ele não está lá. Aparentemente, foi embora novamente.

- Ele teve? disse Harry, enquanto recolocava o pé contundido no chão. Ei você não sabe aonde ele vai, eu suponho?

- Não, disse Tonks.

- O que você quer, para vim vê-lo aqui?

- Nada em particular, disse Tonks, enquanto escolhia, aparentemente dissimulada a cor da manga de seu roupão. Eu há pouco pensei que ele poderia saber aonde vai. Eu ouvi rumores. as pessoas ficando loucas.

- Sim, eu sei, tudo está nos jornais, disse Harry. Isso lhe lembrou, aquela criança está tentando matar seu...

- O Profeta às vezes está atrás disso, disse Tonks que não parecia estar escutando. Você não recebeu nenhuma carta recentemente de qualquer membro da Ordem?

- Ninguém da Ordem escreve mais para mim, disse Harry, não desde Sírius... Ele viu que os olhos dela tinham enchido de lágrimas.

- Eu sinto muito, ele murmurou desajeitadamente. Eu quero dizer... Eu sinto falta dele, foi minha culpa.

- O que? Disse Tonks inexpressivamente, como se ela não o tivesse ouvido. Bem. Eu o verei por ai, Harry.

Ela se virou abruptamente e caminhou de volta para o corredor de baixo, deixando Harry sair depois dela. Depois de um minuto ou assim pareceu, ele puxou a capa de Invisibilidade novamente e retomou seus esforços em conseguir entrar na Sala Precisa, mas o coração dele não estava nisto. Finalmente, o vazio que sentia no estômago e o conhecimento de que Rony e Hermione iriam logo voltar para o almoço o fizeram abandonar a tentativa e deixar o corredor para Malfoy que, esperançosamente, teria demasiado medo de deixar durante algumas horas para que ninguém o visse.

Ele achou Rony e Hermione no Salão Principal, já a meio caminho para o almoço.

- Eu fiz bem isto, quase! Rony falou entusiasmado para Harry quando ele olhou para ele. Eu deveria aparatar do lado de fora da loja de Chá da Madame Puddifoots e eu excedi isto um pouco, terminei perto de Scrivenshafts, mas pelo menos eu me movi!

- Bom, disse Harry. Como você foi, Hermione?

- Oh, ela estava perfeita, obviamente, disse Rony antes de Hermione pudesse responder. Deliberação perfeita, Destino e Determinação ou qualquer outro inferno que seja, todos nós entramos para uma bebida rápida nos Três Vassouras depois e você deveria ter ouvido o que Twycross falou sobre ela eu ficarei surpreso se ele não estourar a perguntar logo...

- E você? Hermione perguntou, ignorando o Rony. Você esteve na Sala Precisa todo esse tempo?

- Sim, disse Harry. E imagina com quem eu esbarrei lá em cima? Tonks!

- Tonks? Rony e Hermione repetiram juntos, parecendo surpresos.

- Sim, ela disse que vinha visitar Dumbledore.

- Se você me perguntasse, disse Rony uma vez que Harry tinha terminado de contar a conversa dele com Tonks, ela está um pouco depressiva. Ela perdeu o controle depois do que aconteceu ao Ministério.

- É um pouco estranho, disse Hermione que por alguma razão parecia muito preocupada. Ela está vigiando a escola, por que ela abandonaria seu posto de repente para vir ver Dumbledore quando ele nem está mesmo aqui?

- Eu tive um pensamento, disse distraidamente Harry. Ele se sentia estranho sobre expressar isto; este era um território dominado muito mais por Hermione do que por ele. Você não pensa que ela pode ter sido... você sabe... apaixonada por Sírius?

Hermione o encarou.

- O que no mundo o faz dizer isso?

- Eu não sei disse Harry, enquanto encolhia os ombros, mas ela quase estava chorando quando eu mencionei o nome dele, e o Patrono dela é agora uma coisa quadrúpede e grande. Eu desejei saber se não tinha se tornado... você sabe... ele.

- É um pensamento, disse Hermione lentamente. Mas eu ainda não sei por que ela estaria dentro do castelo para ver Dumbledore, supondo que esse seja o real motivo dela estar aqui.

- Volta para o que eu disse, não é? disse Rony que estava colocando mais purê de batata em sua boca. Ela apaixonada é pouco engraçada. Perdendo o controle... Mulheres, e disse sabiamente a Harry, elas são facilmente chatéadas.

- E ainda, disse Hermione, enquanto saía do seu devaneio, eu duvido que você

encontraria uma mulher que fica de mau humor por meia hora, só porque a Madame Rosmerta não riu da piada dela sobre o Bruxo Curandeiro, e a Mimbulus mimbletonia..
Rony a olhou ferozmente.

Capítulo 22

Depois do Enterro

Pedaços de céu azul brilhante estavam começando a aparecer por cima das torres de castelo, mas estes sinais de chegada do verão não melhoraram o humor de Harry. Ele estava fracassando na tentativa de descobrir o que Malfoy estava fazendo e nos esforços para começar uma conversa com Slughorn que poderia conduzir, de alguma maneira, para a memória que Slughorn tinha escondido, aparentemente, durante décadas.

- Esqueça Malfoy por um tempo, Hermione falou firmemente para Harry.

Eles estavam sentados com Rony num canto ensolarado do pátio depois do almoço.

Hermione e Rony estavam folheando um folheto do Ministério da Magia - Enganos Comuns de Aparatação e Como os Evitar - porque eles estariam fazendo as provas nesta mesma tarde, mas no geral os folhetos não estavam ajudando a acalmar os nervos deles.

Rony começou a tentar se esconder atrás de Hermione quando uma garota veio em direção a eles.

- Não é a Lilá, disse Hermione pensosamente.

- Ah, bom, disse Rony, relaxando.

- Harry Potter? Disse a garota. Me pediram para lhe entregar isto.

- Obrigado...

O coração de Harry afundou quando ele pegou o rolo pequeno de pergaminho. Uma vez que a garota estava fora do alcance de sua voz, ele disse, - Dumbledore disse que nós não teríamos mais nenhuma lição até que eu conseguisse a lembrança!

- Talvez ele queira verificar como você está indo? Hermione sugeriu, quando Harry mostrou o pergaminho; mas em vez de encontrar a letra longa, inclinada e fina de Dumbledore, ele viu uma letra desalinhada, muito difícil de ler devido à presença de grandes manchas no pergaminho onde a tinta tinha escorrido.

Queridos Harry, Rony e Hermione!

Aragogue morreu ontem à noite. Harry e Rony, vocês o conheceram e sabem como ele era especial. Hermione, eu sei que você teria gostado dele.

Significaria muito para mim se vocês dessem um pulo aqui hoje à noite para o enterro. Eu estou planejando fazer isto ao crepúsculo que era o horário favorito dele do dia. Eu sei que não é permitido a vocês saírem a noite, mas vocês podem usar a capa. Eu não pediria, mas não posso enfrentar isto sozinho.

Hagrid

- Olhe para isto, disse Harry, dando a nota para Hermione. Oh, Deus, ela disse, lendo depressa e passando para Rony que lia ficando cada vez mais incrédulo.

- Ele é louco ele falou furioso. Aquela coisa disse para seus filhos comerem o Harry e eu! Disse para se servirem! E, agora, Hagrid espera que a gente desça lá e chore em cima de seu corpo cabeludo horrível!

- Não é só isso, disse Hermione. Ele está nos pedindo para deixar o castelo à noite e ele sabe que a segurança está milhões de vezes mais apertada, e em quanta dificuldade nós estaríamos se fôssemos pegos.

- Nós iremos descer para vê-lo antes de anoitecer, disse Harry.

- Sim, mas para quê? Disse Hermione. Nós nos arriscamos muito para ajudar Hagrid, mas afinal de contas - Aragogue está morto. Se fosse uma questão de salvá-lo...

- Eu nem ao menos queria ir, disse Rony firmemente. Você não o conheceu, Hermione. Acredite-me, estando morto estaremos muito melhor.

Harry pegou o pergaminho de volta e viu, por toda parte, manchas grandes que borraram a tinta. Claramente, lágrimas tinham caído grossas e rápidas no pergaminho. . . .

- Harry, você não pode estar pensando em ir, disse Hermione. É uma coisa insensata para se ganhar uma detenção.

Harry suspirou. - Sim, eu sei, ele disse. Eu suponho que Hagrid terá que enterrar Aragogue sem nós.

- Sim, ele vai, disse Hermione, olhando-o aliviada. Olhe, a aula de poções estará quase vazia esta tarde, conosco fazendo nossos testes... Tente e amoleça Slughorn mais um pouco!

- Cinquenta e sete vezes mais sorte, você acha? Disse Harry amargamente.

- Sorte, disse Rony de repente. Harry é isto - fique mais sortudo!

- Que significa isso?

- Use sua poção afortunada!

- Rony o que é - é isto! Disse Hermione, soando atordoada. Claro! Por que eu não pensei nisto?

Harry os encarou. - Felix Felicis? Ele disse. Eu não... Eu queria guardá-la...

- Para que? Rony perguntou incrédulo.

- O que no mundo é mais importante que esta memória, Harry? Hermione perguntou.

Harry não respondeu. O pensamento daquela pequena garrafa dourada tinha pairado nas margens de sua imaginação durante algum tempo; planos vagos e indefinidos de Gina terminando com Dino e Rony de algum modo contente de a ver com um namorado novo, tinham estado escondidos nas profundezas do cérebro dele, desconhecido exceto durante os sonhos ou no tempo entre o dormir e o despertar. . .

- Harry? Você está ouvindo? Hermione perguntou.

- Que? Sim, claro, ele disse, se concentrando. Bem... Está certo. Se eu não puder conseguir que Slughorn fale esta tarde, eu usarei um pouco da Felix e voltarei hoje à noite.

- Está decidido, então, disse Hermione animada, ficando em pé e executando uma pirueta graciosa. Destino... Determinação... Deliberação... Ela murmurou.

- Oh, pare, Rony implorou, eu fico bastante mal com - rápido, me esconda!

- Não é a Lilá! Disse Hermione impaciente, quando outras garotas apareceram no pátio e Rony mergulhou atrás dela.

- Bom, disse Rony, investigando por cima de Hermione para conferir. Elas não parecem felizes, parecem?

- Elas são as irmãs Montgomery e claro que elas não parecem felizes, você não ouviu o que aconteceu ao irmãozinho delas? Disse Hermione.

- Eu estou perdendo tudo o que acontece aos parentes dos outros, para ser sincero, disse Rony.

- Bem, o irmão delas foi atacado por um lobisomem. Há um boato que a mãe deles se recusou a ajudar os Comensais da Morte. De qualquer maneira, o

menino só tinha cinco anos e morreu no St. Mungus, eles não o puderam salvar.

- Ele morreu? Harry repetiu, chocado. Mas, seguramente, lobisomens não matam, eles não só o transformam em um deles, não é?

- Eles às vezes matam, disse Rony com olhar extraordinariamente sério agora. Eu ouvi falar que isso acontece quando o lobisomem foge.

- Qual o nome do lobisomem? Disse Harry depressa.

- Bem, o boato é que era Fenrir Greyback, disse Hermione.

- Eu o conheço - um maníaco que gosta de atacar crianças, Lupin me falou sobre ele! Harry disse furioso.

Hermione olhou para ele desolada.

- Harry, você tem que conseguir aquela lembrança, ela disse. Isso é tudo para parar Voldemort, não é? Estas coisas terríveis que estão acontecendo são culpa dele. . .

O sino tocou no castelo e Hermione e Rony se sobressaltaram, parecendo apavorados.

- Vocês se sairão bem, Harry disse, quando eles foram em direção a porta de entrada para se juntar ao restante das pessoas que fariam a Prova de Aparatação.

- Boa sorte.

- Pra você também! Disse Hermione com um olhar significativo, quando Harry foi para o calabouço.

Havia só três deles em Poções naquela tarde: Harry, Ernie e Draco Malfoy.

- Muito jovens para Aparatar? Disse Slughorn obviamente, não têm dezessete ainda?

- Eles negaram com a cabeça.

- Ah, bem, disse Slughorn animado, como nós somos tão poucos, nós faremos algo divertido. Eu quero que vocês todos me preparem uma poção para diversão!

- Isso soa bem, senhor, disse Ernie, esfregando as mãos. Por outro lado, Malfoy não abriu um sorriso.

- O que você quer dizer com, 'para diversão'? Ele disse irritado.

- Oh, surpreenda-me, disse Slughorn levemente.

Malfoy abriu a cópia dele de Poções Avançadas com uma expressão mal humorada.

Não poderia estar mais claro que ele pensava que esta lição era uma perda de tempo. Indubitavelmente, Harry pensou, olhando para ele por cima do próprio livro, Malfoy estava com raiva pelo tempo que ele poderia estar aproveitando na Sala Precisa.

Era imaginação dele, ou tanto Malfoy quanto Tonks, pareciam mais magros!

Certamente, ele parecia mais pálido; a pele ainda estava naquela cor acinzentada, provavelmente porque ele tão raramente via luz do dia nesses meses.

Mas não havia nenhum ar de presunção, excitação ou superioridade; de quando ele estava se gabando no Expresso de Hogwarts, quando ele tinha ostentado abertamente a missão que tinha sido determinado por Voldemort... Poderia haver só uma conclusão, na opinião de Harry: a missão, ao que tudo indicava, ia mal.

Alegre por este pensamento, Harry folheou a cópia dele de Poções Avançadas e achou a versão do Príncipe Mestiço bastante corrigida de Um Elixir para

Induzir Animação que não só parecia conhecer as instruções de Slughorn, mas que pode (o coração de Harry saltou ante este pensamento) colocar Slughorn com tanto bom humor que ele estaria preparado para entregar aquela memória se Harry o pudesse persuadi-lo a provar um pouco. . . .

- Bem, ora, isto parece absolutamente maravilhoso, disse Slughorn uma hora e meia depois, aplaudindo quando ele olhou, sob o sol, o conteúdo amarelo do caldeirão de Harry. Euforia, eu creio? E o que é que eu cheiro? Mmmm. . . Você adicionou um galho de hortelã, não foi? Pouco ortodoxo, mas isso é um golpe de inspiração, Harry, claro que isso tenderia a contrabalançar os efeitos colaterais ocasionais de cantoria e nariz formigando... Eu realmente não sei onde você adquire estas inspirações, meu menino... A menos que...

Harry empurrou o livro do Príncipe Mestiço mais para o fundo da bolsa dele com o pé.

- Que sejam os genes de sua mãe que há em você!

- Oh. . . Sim, talvez, disse Harry, aliviado.

Ernie parecia bastante amuado; determinado a exceder em brilho Harry pelo menos uma vez, ele inventou a maior parte da própria poção e ela tinha coalhado e formado um tipo de bolinho de massa roxo ao fundo do caldeirão dele. Malfoy já estava recolhendo seu material, azedo; Slughorn tinha dito que a Poção dele era somente passável.

O sino tocou e Ernie e Malfoy partiram imediatamente. Senhor, Harry começou, mas Slughorn olhou imediatamente por cima do ombro dele; quando ele viu que a sala estava vazia somente com ele e Harry, saiu com pressa, tão rápido quanto ele pôde.

- Professor - Professor, você não quer experimentar minha poção? Harry chamou desesperado.

Mas Slughorn tinha ido. Desapontado Harry esvaziou o caldeirão, juntou as coisas dele, deixou o calabouço e caminhou lentamente para escada em direção à sala comunal.

Rony e Hermione voltaram no fim da tarde.

- Harry! Gritou Hermione quando ela entrou pelo buraco do retrato. Harry, eu passei!

- Ótimo! Ele disse. E Rony?

- Ele - ele falhou, Hermione sussurrou, quando Rony veio encurvado pelo quarto parecendo muito mal humorado. Realmente uma falta de sorte, uma coisa minúscula, o examinador notou que ele tinha deixado para trás meia sobancelha... Como foi com Slughorn?

- Nenhuma novidade, disse Harry, quando Rony se uniu a eles. Falta de sorte, companheiro, mas você passará da próxima vez - nós podemos fazer isto juntos.

- Sim, eu acho, disse Rony amuado. Mas meia sobancelha - como se fosse importante!

- Eu sei, disse Hermione ternamente, parece realmente severo. ...

Eles gastaram a maior parte do jantar deles xingando o examinador de Aparatação totalmente, e Rony parecia parcialmente mais alegre quando eles voltaram para a sala comunal, agora, continuando a discutir sobre o problema de Slughorn e a memória.

Então, Harry - você vai usar o Felix Felicis ou o quê? Rony exigiu.

- Sim, eu acho que será melhor, disse Harry. Eu não acho que precisarei de tudo, não vinte e quatro horas de sorte, não devo gastar a noite toda... Eu levarei só um pouco. Duas ou três horas devem dar para fazer isto.

- Será uma grande responsabilidade quando você tomar, disse Rony. Você não fará nada errado.

- Sobre o que você está falando? Disse Hermione, rindo. Você nunca tomou!

- Sim, mas eu pensei que tomei, não é? Disse Rony, pensando o óbvio.

- Realmente, tem alguma diferença...

Como eles só veriam Slughorn no Salão Principal e soubessem que ele gostava de se demorar nas refeições, eles ficaram durante algum tempo na sala comunal, planejando como Harry deveria ir mais uma vez ao escritório de Slughorn e quanto tempo o professor levaria para voltar para lá. Quando o sol tinha descido ao nível das copas de árvore da Floresta Proibida, eles decidiram que era o momento, e depois de verificarem cuidadosamente se Neville, Dino e Simas eram os únicos na sala comunal, se moveram furtivamente até o dormitório dos meninos.

Harry retirou o par de meias do fundo do malão dele e extraiu a minúscula e cintilante garrafa.

Bem, aqui está, disse Harry e ele elevou a pequena garrafa e deu um trago cuidadosamente medido.

- Como é que se sente? Hermione sussurrando.

Harry não respondeu por um momento. Então, lenta, mas seguramente, um senso engraçado de oportunidade infinita tomou conta dele; ele se sentia como se ele pudesse fazer qualquer coisa, qualquer coisa... E obter a memória de Slughorn repentinamente não só parecia possível, mas positivamente fácil...

Ele se ergueu, sorrindo, completamente cheio de confiança.

- Excelente, ele disse. Realmente, excelente. Certo... Eu estou indo ao Hagrid.

- O que? Disseram Rony e Hermione juntos, parecendo espantados.

- Não, Harry - você tem que ir e ver Slughorn, se lembra? Disse Hermione.

- Não, disse Harry confiante. Eu vou ao Hagrid, eu tenho um bom pressentimento sobre ir ver Hagrid.

- Você tem um sentimento bom sobre enterrar uma aranha gigantesca? Rony perguntou, parecendo atordoado.

- Sim, disse Harry, arrancando a Capa da Invisibilidade da bolsa dele. Eu sinto como se fosse o lugar certo para ir hoje à noite, você sabe o que eu quero dizer?

- Não, disseram Rony e Hermione juntos, ambos olhando claramente alarmados agora.

- Isto é Felix Felicis, certo? Disse Hermione ansiosa, levando a garrafa à luz.

- Você não utilizou outra pequena garrafa cheio de - eu não sei - Essência de Loucura? Rony sugeriu, quando Harry balançou a capa por cima de seus ombros.

Harry riu e Rony e Hermione o olharam ainda mais alarmados.

- Confiem em mim, ele disse. Eu sei o que eu estou fazendo... Ou pelo menos ele foi confiantemente para porta - a Felix sabe.

Ele puxou a capa da invisibilidade por cima da cabeça e desceu os degraus, Rony e Hermione se apressaram juntos atrás dele. Aos pés da escada, Harry deslizou pela porta aberta.

- O que você estava fazendo lá em cima com ela! Lilá Brown gritou, olhando diretamente por Harry, para Rony e Hermione que saíam juntos dos dormitórios

dos meninos. Harry ouviu Rony balbuciando atrás dele antes de sair pela sala para longe deles.

- Sair pelo buraco de retrato era simples; quando ele foi fazer isso, Gina e Dino passaram por ele e Harry pôde deslizar entre eles. Quando ele fez isso, esbarrou em Gina acidentalmente.

- Por favor, não me empurre, Dino, ela disse, soando aborrecida. Você sempre está fazendo isso, eu posso perfeitamente seguir bem por conta própria...

O retrato fechou atrás de Harry, mas não antes dele ter ouvido Dino fazer uma réplica brava... . O sentimento dele de exaltação aumentou, Harry saiu andando pelo castelo. Ele não teve que rastejar porque ele não encontrou ninguém pelo caminho, mas isto não o pegou de surpresa nem de leve. Hoje à noite, ele era a pessoa mais afortunada a Hogwarts.

Por que ele sabia que ir à casa de Hagrid era a coisa certa a fazer, ele não tinha nenhuma idéia. Era como se a poção iluminasse alguns passos do caminho de cada vez. Ele não podia ver o destino afinal, ele não podia ver onde Slughorn entrava, mas ele sabia que ele estava no caminho certo para conseguir aquela memória. Quando ele chegou ao corredor de entrada ele viu que Filch tinha esquecido de fechar a porta da frente. Radiante, Harry saiu para espaço aberto e inspirou o cheiro de ar limpo e grama por um momento antes descer em direção ao crepúsculo.

Quando ele alcançou o fundo do vale, lhe ocorreu quão agradável seria entrar naquela vegetação na ida dele a casa de Hagrid. Não estava no caminho estritamente, mas parecia claro a Harry que este era um capricho com o qual ele deveria agir, assim ele redirecionou os pés dele imediatamente para a vegetação onde ele ficou contente, mas não completamente surpreso, em achar o Professor Slughorn em conversação com a Professora Sprout. Harry espreitou por trás de uma parede de pedra, sentindo-se em paz com o mundo e escutando a conversa deles.

- Eu lhe agradeço por ter tomado seu tempo, Pomona, Slughorn estava dizendo cortesmente, a maioria das autoridades concorda que eles são mais eficazes se colhidos ao crepúsculo.

- Oh, eu concordo totalmente, disse a Professora Sprout calorosamente. Isto é o bastante para você?

- Bastante, bastante, disse Slughorn que, Harry viu, estava levando uma braçada de plantas copadas. Isto deveria dar algumas folhas para cada um de meus terceiranista, e algumas para guardar se qualquer pessoa precisar. Bem, boa noite para você e muito obrigado novamente!

A professora Sprout se dirigiu na escuridão em direção às estufas e Slughorn dirigiu os passos ao lugar onde Harry estava de pé, invisível.

Tomado por um desejo súbito de se revelar, Harry saiu debaixo da capa com um floreio.

- Boa noite, Professor.

- Pela barba de Merlin, Harry, você me assustou, disse Slughorn, parando e parecendo cauteloso. Como você saiu do castelo?

- Eu acho que Filch deve ter esquecido de fechar as portas, disse Harry alegremente e encantado ao ver carranca de Slughorn.

- Eu irei informar sobre aquele homem, ele se preocupa mais com lixo que com própria segurança se você me perguntar... Mas por que você está aqui fora então, Harry?

- Bem, senhor, é Hagrid, disse Harry sabendo que a coisa certa para fazer agora, era mesmo falar a verdade. Ele está bem chatéado... Mas você não contará para ninguém, Professor? Eu não quero dificuldades para ele. ...

A curiosidade de Slughorn foi evidentemente despertada. Bem, eu não posso prometer, ele disse grosseiramente. Mas eu sei que Dumbledore confia muito em Hagrid, assim estou seguro que ele não pode estar com nada muito terrível...

- Bem, era uma aranha gigantesca, ele tem há anos... Morava na floresta. Podia falar e tudo...

- Eu ouvi rumores que havia acromântulas na floresta, disse Slughorn suavemente, enquanto examinava a massa de árvores pretas. É verdade, então?

- Sim, disse Harry. Mas esta aqui, Aragogue, foi a primeira que Hagrid adquiriu, que morreu ontem à noite. Ele está arrasado. Ele quer companhia para enterrá-la e eu disse que iria.

- Tocante, tocante, disse Slughorn distraidamente, seus olhos grandes e inclinados se fixaram nas luzes distantes da cabana de Hagrid. Mas veneno de acromântula é muito valioso... Se o bicho só morreu a algumas horas ainda pode não ter secado totalmente... Claro que, eu não iria querer fazer qualquer coisa insensível se Hagrid for ficar chatéado... Mas se houvesse um modo de obter algumas amostras... Eu quero dizer, é quase impossível obter veneno de uma acromântula enquanto viva... .

Slughorn parecia estar falando mais com ele do que com Harry. ... Parece um desperdício terrível não coletar isto... Poderia adquirir uns mil Galeões...

- Para ser honesto, meu salário não é grande...

E agora, Harry viu o que devia ser feito claramente. - Bem, ele disse, com uma hesitação mais convincente, se você quisesse vir, Professor, Hagrid provavelmente ficaria realmente agradecido... Dar a Aragogue um fim mais digno, você sabe...

- Sim, claro, disse Slughorn, os olhos dele vislumbram com entusiasmo. Eu lhe falo, Harry, te encontrarei lá embaixo com uma garrafa ou duas... Nós encheremos no pobre bicho - sem saúde - e guardaremos, de qualquer maneira, no enterro. Vou então mudar minha gravata, esta aqui, um modelo exuberante demais para a ocasião...

Ele estava atarefado no castelo, enquanto Harry correu para a cabana Hagrid, para encontrá-lo.

Vem, entra, coaxou Hagrid, quando abriu a porta e viu Harry emergir da Capa de Invisibilidade.

- Sim - Rony e Hermione não puderam, entretanto, disse Harry. Eles realmente sentem muito.

- Não - não importa... Estou comovido por você estar aqui, Harry...

Hagrid deu um grande soluço. Ele tinha se feito uma braçadeira preta que mais se parecia um trapo imenso de plástico de botas, e os olhos dele estavam vermelhos e inchados. Harry bateu levemente consolando-o, no cotovelo, que era o ponto mais alto de Hagrid que ele poderia alcançar facilmente.

- Onde nós o enterraremos? Ele perguntou. Na floresta?

- Melhor não, disse Hagrid, enquanto esfregava os olhos no remendo da camisa dele. As outras aranhas não me deixariam chegar próximo das teias agora que Aragogue se foi. Voltei lá sem as ordens dela e elas ameaçaram me comer! Você acredita, Harry?

A resposta honesta era sim; Harry recordou com facilidade a dolorosa cena quando ele e Rony tinham visto face-a-face as acromântulas. Eles tinham tido certeza que Aragogue era a única coisa que não deixava atacarem Hagrid.

- Nunca mais andarei pela floresta como antes! Disse Hagrid, enquanto balançava a cabeça. Isto não é fácil, tirar o corpo de Aragogue, eu posso imaginar-les normalmente comem seus mortos... Mas eu quis dar a ela um enterro agradável... Um fim digno...

Ele rompeu em soluços novamente e Harry tornou a batê-lo levemente no cotovelo dele, enquanto dizia para não ficar assim (para a situação parecia a coisa certa a fazer), Professor Slughorn me viu vindo aqui, Hagrid.

- Você não está em apuros, está? Disse Hagrid observando alarmado. Você não pode estar fora do castelo há essa hora', eu reconheço, é uma falta minha...

- Não, não, quando ele ouviu o que eu estava fazendo, disse que gostaria de vir e dar seus últimos cumprimentos também a Aragogue. Ele foi vestir algo melhor, eu acho. E disse que traria algumas garrafas assim nós podemos beber em memória de Aragogue... Disse Harry.

- Sim? Disse Hagrid, enquanto olhava surpreso. Certo! É muito agradável da parte dele. Eu nunca tive muitas relações com Horace Slughorn antes... Vindo ver a velha Aragogue, no entanto, é? Bem... Se ele gostar, Aragogue também iria...

Harry pensou reservadamente se Aragogue teria gostado de Slughorn, era a ampla quantidade de carne comestível nele, mas ele somente moveu-se à janela de trás da cabana de Hagrid, onde teve a visão horrível da enorme aranha morta que estava com a parte de trás exposta, suas pernas enroladas e enroscadas.

- Nós vamos enterrá-la aqui, Hagrid, em seu jardim?

Por trás das abóboras, pensei, disse Hagrid em uma voz sufocada. Eu já cavei - você sabe - a sepultura. Só quero dizer coisas agradáveis sobre isso - recordações felizes, você sabe - A voz dele trêmeu e falhou. Batêram na porta, e ele virou para atender, enquanto assoava o nariz no grande lenço já manchado. Slughorn se apressou pelo batente, com várias garrafas nos braços, usando um paletó preto sombrio.

- Hagrid, ele disse, em uma voz funda, séria. Estou muito sentido, ouvi falar de sua perda.

- Obrigado, disse Hagrid. Muito obrigado. E obrigado por não dar a Harry nenhuma detenção...

- Nem teria pensado isto, disse Slughorn. Noite triste, noite triste... Onde a pobre criatura está?

- Aqui fora, disse Hagrid em uma voz trêmula. Vamos começar, então?

Os três foram para o jardim da parte de trás da cabana. A lua estava brilhando palidamente entre as árvores, e seus raios entrosavam-se com a luz clara da janela de Hagrid, iluminando o corpo de Aragogue que jazia na extremidade de uma cova volumosa, por volta de uns dez pés - e um monte alto terra frescamente cavada.

- Magnífico, disse Slughorn, enquanto aproximava-se da cabeça da aranha, onde oito olhos sem vida encaravam o céu inexpressivamente e dois alicatés enormes, curvados, imóveis, brilhavam ao luar. Harry ouviu o tinido de garrafas quando Slughorn se agachou próximo às pinças, examinando a enorme cabeça cabeluda atentamente.

- Não há seres tão bonitos quanto estes', disse Hagrid para Slughorn, com lágrimas escoando dos cantos dos olhos marejados. Eu não sabia que você se interessava por criaturas como Aragogue, Horace.

- Interessado? Meu querido Hagrid, eu os venero, disse Slughorn, enquanto levantava. Harry viu o reflexo de uma garrafa desaparecer por baixo do capote de Slug, entretanto Hagrid, esfregando os olhos mais uma vez, não notou nada.

- Agora... Podemos iniciar o enterro?

Hagrid acenou com a cabeça e avançou. Ele levantou a aranha gigantesca nos braços e, com um grunhido enorme, colocou-a na cova escura. Ela bateu no fundo com um estrondo horrível, chocante. Hagrid começou a chorar novamente.

- Claro que, é difícil para você, que a conheceu melhor, disse Slughorn que como Harry não poderia alcançar nada mais alto que cotovelos de Hagrid, mas bateu levemente neles assim mesmo. Por que eu não digo algumas palavras? Ele deve ter pegado muito veneno de boa qualidade de Aragogue, Harry pensou, porque Slughorn tinha um sorriso satisfeito à beira da cova e dizia, numa voz lenta, impressionante:

- Adeus, Aragogue, rainha dos aracnídeos que lhe ofereceram uma amizade fiel, e que souberam que você não os esquecerá! Embora seu corpo se deteriore, que seu espírito permanece aqui, nos círculos das teias de sua casa na floresta. Que seus muitos descendentes floresçam e seus amigos humanos achem consolo pela perda.

- Tão... Tão... Bonito! Hagrid falou, desmoronando sobre o monte de terra, e chorando copiosamente.

- Ora, ora. Disse Slughorn, enquanto balançava a varinha de forma que a pilha enorme de terra caísse no buraco, produzindo um estrondo amortecido, sobre a aranha morta, formando um monte liso. Vamos entrar e tomar algo. Segure-o, do outro lado, Harry... Isso, isto... Venha, Hagrid... Bem...

Eles colocaram Hagrid em uma cadeira à mesa. Canino, que estava escondido em sua cesta durante o enterro, veio agora, acolchoando-se suavemente entre eles e pondo a cabeça pesada como sempre no colo de Harry. Slughorn desarrolhou um das garrafas de vinho que ele tinha trazido.

- Eu testei todas contra veneno, ele assegurou a Harry, enquanto vertia grande parte da primeira garrafa em um copo, que classificou como balde devido ao tamanho, e deu a Hagrid. Testei todas as garrafas depois do que aconteceu a seu pobre amigo Rupert.

Harry viu, em sua mente, a expressão na face de Hermione se ela ouvisse falar deste abuso das regras das casas, e decidiu nunca mencionar isto a ela.

- Um para Harry... Dito Slughorn, enquanto dividia uma segunda garrafa entre dois copos. ... E um para mim. Bem - ele elevou o copo dele ao alto - para Aragogue.

- Aragogue disseram Harry e Hagrid juntos. Slughorn e Hagrid beberam profundamente. Porém, Harry iluminado pela Felix Felicis, soube que não devia beber, assim ele fingiu tomar um gole e virou o copo atrás de si.

- Eu o criei desde ovo, foi, sabem, disse Hagrid sombriamente. Era uma pequena coisa minúscula quando chocou. 'Do tamanho de um Pekingese...

- Que doce, disse Slughorn.

- Usei um armário na escola para ele até que... Bem...

A face de Hagrid escureceu e o Harry soube por que: Tom Riddle tinha mentido, para Hagrid ser expulso da escola, culpado-o por abrir a Câmara Secreta. Porém, Slughorn não parecia estar escutando; ele estava olhando para o teto do qual várias painéis de metal pendiam, e também uma meada longa, sedosa de cabelo branco luminoso.

- Isso é pêlo de unicórnio não é, Hagrid?

- Oh, sim disse Hagrid indiferentemente. É arrancado dos rabos deles, na floresta, sim sabem...

- Mas meu querido parceiro, você sabe quanto isso vale?

Eu uso isto em bandagens quando alguma criatura se machuca disse Hagrid, enquanto encolhia os ombros.

- Está morto, mas útil... Muito forte Slughorn tomou outro gole, movendo os olhos cuidadosamente ao redor da cabana, observando, Harry sabia, para achar mais tesouros com os quais poderia suprir suas provisões, carvalho maduro, abacaxis cristalizados, e jaquetas aveludadas. Ele reencheu o copo de Hagrid e o dele, e o questionou sobre as criaturas que moravam na floresta e como Hagrid pôde cuidar de tudo.

Hagrid, totalmente expansivo sob a influência da bebida e lisonjeado pelo interesse de Slughorn, deixou de esfregar os olhos e entrou alegremente em uma explicação longa de criação de bowtruckle.

O Felix Felicis deu em Harry um pequeno cutucão neste momento, e ele notou que a provisão de bebida que Slughorn tinha trazido acabando rapidamente. Harry não conseguiu, no entanto, realizar o Encanto de Reencher sem dizê-lo em voz alta, mas ele não tinha idéia quando saiu do castelo de como esta noite seria cômica:

- Realmente, Harry sorriu a ele mesmo, enquanto Hagrid e Slughorn (falando sobre contos do comércio ilegal de dragões) apontou a vara debaixo da mesa às garrafas vazias e eles começaram a se reencher imediatamente.

Depois de uma hora ou mais, Hagrid e Slughorn começaram a fazer comentários extravagantes: para Hogwarts, para Dumbledore, para vinho feito por duendes, e para...

- Harry Potter! Hagrid berrou, espirrando um pouco do seu décimo quarto copo de vinho pelo queixo.

- Realmente, sim chorou Slughorn um pouco densamente, Parry Otter, o Menino Escolhido que - bem -... Algo desse tipo, ele resmungou, e escoou o vinho dele também.

Não muito depois disto, Hagrid ficou choroso novamente e deu o rabo de unicórnio inteiro para Slughorn que embolsou isto gritando, Pela amizade! Por generosidade! Por dez Galeões um cabelo!

E durante algum tempo depois disso, Hagrid e Slughorn ficaram sentados lado a lado, abraçados, enquanto cantavam uma canção triste e lenta sobre um feiticeiro agonizante, chamado Odo.

- Aaargh, os bons morrem jovens, murmurou Hagrid, enquanto caía embaixo da mesa, um pouco estrábico, e Slughorn continuava a soltar o refrão. Meu pai não tinha idade pra ir... Nem mamãe, nem papai, Harry...

Grandes e gordas lágrimas escoaram novamente pelo canto dos olhos marejados de Hagrid; ele agarrou o braço de Harry e o balançou.

- Grandes bruxos e bruxas de sua era. Como eu nunca soube... Coisa terrível... Coisa terrível...

E Odo, o herói, voltou para casa, Para o lugar que ele tinha conhecido quando rapaz, cantava tristemente Slughorn.

Eles o puseram para descansar com seu chapéu, E a varinha deu dois estalos tristes.

-...Terrível, Hagrid grunhiu, e a grande cabeça felpuda dele rolou lateralmente sobre os braços e dormiu, enquanto roncava profundamente.

- Comovente, disse Slughorn com um soluço. Não pode a música salvar minha vida.

- Hagrid não estava falando sobre seu cantar, disse Harry quietamente. Ele estava falando sobre a morte de meus pais.

- Oh, disse Slughorn, enquanto reprimia um arrotto grande. Oh querido. Sim, isso é realmente terrível. Terrível... Terrível...

Ele contemplou uma falta do que dizer, e tornou a reencher seus copos.

- Eu não, não suponho que você se lembre disto, Harry? Ele perguntou desajeitadamente.

- Não, bem, eu era o único lá quando eles morreram, disse Harry, os olhos na chama da vela que iluminava os roncos pesados de Hagrid. Mas eu descobri quase tudo o que aconteceu desde então. Meu pai morreu primeiro. Você sabe algo?

- Eu, eu não sei, disse Slughorn em uma voz silenciada.

- Sim... Voldemort o assassinou e então passou em cima do corpo dele para chegar a minha mãe, disse Harry.

Slughorn deu um grande trêmor, mas ele não parecia capaz de tirar o olhar horrorizado da face de Harry.

- Ele lhe disse que saísse, disse Harry com remorso. Ele falou a ela que não precisava morrer. Ele só queria a mim. Ela poderia ter corrido.

- Oh querido, respirou Slughorn. Ela poderia ter... Ela não precisava... Isso é terrível...

- É, não é? Disse Harry, em uma voz pouco mais que um sussurro. Mas ela não se moveu. Meu pai já estava morto, e ela não queria que eu fosse também. Ela tentou negociar com Voldemort... Mas ele só riu...

- Isso é o bastante! Disse Slughorn de repente, enquanto elevava uma mão trêmando. Realmente, meu querido menino, bastante... Eu sou um homem velho... Eu não preciso ouvir... Eu não quero ouvir...

- Desculpe, mentiu Harry, Felix Felicis o seduzindo. Você gostava dela, não?

- Gostar dela? Disse Slughorn, os olhos dele enchendo até a borda mais uma vez com lágrimas. Eu não imagino qualquer um que a conheceu que não tenha gostado dela... Muito valente... Muito engraçada... Isso é a coisa mais horrível...

- Mas você não ajuda o filho dela, disse Harry. Ela me deu a vida dela, mas você não me dá uma memória.

Os roncos estrondosos de Hagrid encheram a cabana. Harry olhava continuamente nos olhos cheios de lágrimas de Slughorn. O professor de Poções parecia impossibilitado olhar para fora do olhar.

- Não diga que, ele sussurrou. Não é uma pergunta... Se fosse o ajudar, claro que. . . Mas há nenhum propósito pode servir. . .

- Pode, Harry disse claramente. Dumbledore precisa da informação. Eu preciso da informação.

Ele sabia que ele estava seguro: Felix estava lhe dizendo que Slughorn não se lembraria de nada disto de manhã. Olhando Slughorn diretamente nos olhos, Harry foi um pouco mais além.

- Eu sou o Escolhido. Eu tenho que o matar. Eu preciso daquela memória. Slughorn ficou mais pálido que o normal; a testa brilhante, cintilando com suor.

- Você é o Escolhido? Eu...

- Claro que eu sou, disse Harry calmamente.

- Entretanto. . . Meu querido menino. . . Você está tentando um grande negócio... Você está, de fato, pedindo-me para o ajudar em sua tentativa de o destruir.

- Você não quer pegar o bruxo que matou Lílian Evans?

- Harry, Harry claro que eu quero, mas...

- Você está com medo dele descobrir que me ajudou?

Slughorn não disse nada; o olhar terrificado.

- Seja valente como minha mãe, Professor...

Slughorn ergueu uma mão rechonchuda e apertou a boca com os dedos trêmendo; ele pareceu, por um momento, um bebê bastante grande.

- Eu não estou orgulhoso. . . Ele sussurrou através deles. Eu estou envergonhado disso que - disse que está naquela memória. ...Eu creio que possa ter feito um grande mal naquele dia. ...

- Você cancelará qualquer coisa que você fez me entregando a memória, Harry disse. Seria uma coisa muito valente e nobre de se fazer.

Hagrid encrespou no sono e roncou, Slughorn e Harry encararam um ao outro por cima da vela de tripa. Houve um longo tempo em silêncio, mas Felix Felicis disse para Harry não o quebrar e esperar. Então, muito lentamente, Slughorn pôs a mão no bolso e retirou a varinha. Ele pôs a outra mão dentro da capa e tirou uma garrafa pequena e vazia. Ainda olhando nos olhos de Harry, Slughorn encostou a ponta da varinha na têmpora dele e retirou algo, na forma de uma linha longa e prateada de memória e agarrada a ponta da varinha. Mais e mais tempo de memória se esticou até que quebrou e balançou, prateada e luminosa, da varinha. Slughorn levou até a garrafa onde enfiou e expandiu como gás. Ele arrolhou a garrafa com uma mão trêmula e então passou pela mesa para Harry.

- Muito obrigado, Professor.

- Você é um menino bom, disse o Professor Slughorn, lágrimas caindo pelas bochechas gordas dele no bigode de morsa. E você tem os olhos dela... Apenas não pense tão mal sobre mim uma vez que você tenha entendido isso... E ele deitou a cabeça sobre os braços, deu um suspiro fundo e adormeceu.

--Capítulo 23-- Horcruxes

Harry pôde sentir o efeito da poção Felix Felicis acabar enquanto ele voltava ao castelo. A porta da frente ainda estava destrancada, mas no terceiro andar ele encontrou Pirraça e evitou uma detenção por apenas muito pouco se esquivando por um dos atalhos. Mas quando ele chegou ao retrato da Mulher Gorda e tirou sua capa, ele não se surpreendeu em encontrá-la de mau humor.

-Você chama isso de horas? Disse a mulher gorda.

-Eu realmente sinto muito - tive que sair por um motivo importante.- disse Harry.

-Bem, a senha mudou a meia-noite, portanto você terá que dormir no corredor, não é?- disse a mulher gorda.

-Você está brincando! Por que ela teve que mudar à meia-noite? Disse Harry.

-Porque é este o procedimento, disse a Mulher Gorda. Se você está nervoso, vá e procure o diretor, foi ele quem reforçou a segurança. Disse a mulher gorda.

-Ótimo! Disse Harry amargamente, olhando a sua volta pelo corredor... Realmente brilhante! Sim, eu poderia ir conversar com Dumbledore se ele estivesse aqui, porque foi ele quem quis que eu...

-Ele está aqui! Disse uma voz atrás de Harry - Professor Dumbledore voltou à escola há uma hora.

Nick Quase Sem Cabeça estava flutuando perto de Harry, sua cabeça oscilando como sempre sobre a gola de rufos.

-Eu estive com o Barão Sangrento, que o viu chegar - disse Nick - Ele aparentava, de acordo com o Barão, estar muito bem, mas um pouco cansado, é claro.

-Onde ele está? - disse Harry, com o coração batendo forte.

-Oh, suspirando e gemendo na Torre de Astronomia, um de seus passatempos favoritos...

-Não o Barão Sangrento...Dumbledore!

-Oh, em seu escritório - disse Nick - Eu esqueci, pelo que o Barão disse, que ele tinha negócios a resolver antes de voltar...

-Sim, ele tinha - disse Harry, uma chama de excitação dentro dele pela perspectiva de contar a Dumbledore que ele tinha conseguido a memória. Deu meia-volta e correu a toda velocidade, ignorando os gritos da Mulher Gorda que o chamava:

-Volte! Tudo bem, eu menti! Eu estava aborrecida porque você me acordou! A senha ainda é tênia.

Mas Harry já estava voltando pelo longo corredor e, em poucos minutos, ele Dizia bombas de bala de caramelo para a gárgula de Dumbledore, que virou para o lado, dando a Harry passagem para a escada espiral.

-Entre! - disse Dumbledore, quando Harry bateu à porta. Sua voz dava sinais de puro cansaço. Harry empurrou e abriu a porta. Lá estava o escritório de Dumbledore, com a mesma aparência de sempre, mas com o céu negro pontilhado de estrelas visivelmente através das janelas.

-Que bom, Harry! - disse Dumbledore surpreso. A que eu devo esse gosto tardio?

-Senhor, eu consegui. Eu consegui a memória de Slughorn.

Harry puxou a garrafa de vidro e mostrou-a a Dumbledore. Por um momento ou dois, o diretor olhou atordoado. Então sua face se rasgou num vasto sorriso.

-Harry, estão são notícias espetaculares! Você se saiu muito bem, de fato! Eu sabia que você conseguiria!

Com o atraso da hora aparentemente esquecido, ele rodeou sua escrivaninha rapidamente, pegou a garrafa com a memória de Slughorn com sua mão boa, e foi a passos largos até o armário onde ele guardava a penseira.

-E agora - disse Dumbledore, colocando a bacia de pedra sobre a escrivaninha e esvaziando o conteúdo da garrafa dentro dela.- agora, finalmente nós iremos ver. Harry, rápido...

Harry se curvou rapidamente sobre a penseira e seus pés deixaram o chão do escritório... Mais uma vez ele sentiu a escuridão do escritório de Horace Slughorn de anos atrás. Lá estava o muito mais novo Slughorn, com seu abundante e brilhante cabelo sem cor, e seu enérgico bigode loiro, sentado novamente numa confortável poltrona em seu escritório, seus pés descansando sobre um pufe aveludado, um pequeno copo de vinho em uma mão, e a outra remexendo numa caixa de abacaxis cristalizados. E lá estava a meia dúzia de adolescentes sentados em volta de Slughorn, Tom Riddle entre eles, o anel negro e dourado dos Marvolos brilhando em seu dedo.

Dumbledore apareceu ao redor de Harry quando Riddle perguntou:

-Senhor, é verdade que o Professor Merrythought está se aposentando?

-Tom, Tom, mesmo se eu soubesse eu não poderia te contar - disse Slughorn, sacudindo seu dedo de modo repreensivo para Riddle, embora pestanejasse ao mesmo tempo. - Eu devo dizer, gostaria de saber onde você ouviu isso, garoto, porque você sabe de muito mais coisas do que metade do corpo docente, sabia disso?

Riddle sorriu. Os outros garotos soltaram gargalhadas e olharam admirados para ele.

-Com sua habilidade sobrenatural de saber coisas que não deveria, e sua atenção às pessoas importantes - a propósito, obrigado pelos abacaxis, você escolheu bem, são meus favoritos (vários alunos gargalharam de novo) - eu espero realmente que você chegue a Ministro da Magia em vinte anos. Quinze, se continuar me mandando abacaxis, eu tenho excelentes contatos no Ministério.

Tom Riddle sorriu levemente enquanto os outros riam de novo. Harry observou que ele não era o mais velho do grupo de garotos, mas todos os outros olhavam para ele como se olhassem para um líder.

-Eu não sei em que a política me ajudaria, senhor - ele disse quando as risadas acabaram. -Eu não tenho jeito pra essas coisas.

Uma dupla de garotos perto dele riram uns dos outros. Harry teve certeza de que eles gostavam de chamar atenção, indubitavelmente para o que eles sabiam, ou suspeitavam, a respeito de seu líder.

-Besteira - disse Slughorn vivamente - não poderia ser mais sincero com você vindo de uma grande descendência bruxa, com habilidades como as suas! Não, você irá longe, Tom, eu nunca errei sobre um estudante até agora.

O pequeno relógio de ouro na escrivaninha marcou onze horas atrás de Slughorn, e ele olhou ao redor.

-Bom Deus, já é esta hora? É melhor vocês irem, garotos, ou nós teremos problemas. Lestrange, eu quero seu dever amanhã ou você ficará de detenção. O mesmo para você, Avery.

Um por um, os meninos saíram da sala. Slughorn se levantou de sua poltrona e depositou o copo vazio em sua escrivaninha. Um movimento atrás dele o fez olhar em volta: Riddle ainda estava ali.

-Fique atento, Tom, você não quer ser encontrado fora de sua cama após o horário, e você é monitor...

-Senhor, eu queria lhe perguntar uma coisa...

-Pergunte então, meu garoto, pergunte...

-Senhor, eu queria saber o que você sabe sobre... Sobre Horcruxes?

Slughorn olhou fixamente para ele, seus dedos grossos estavam pressionando seu copo de vinho sem sentir.

-Um projeto para Defesa Contra Artes das Trevas, é?

Mas Harry poderia dizer que Slughorn sabia perfeitamente que isso não tinha nada a ver com escola.

-Não exatamente, senhor. - disse Riddle. - Eu me deparei com o termo quando lia e não o compreendi totalmente.

-Não... Bem... Você teria um árduo trabalho para encontrar um livro em Hogwarts que lhe desse detalhes sobre Horcruxes, Tom, isso é material muito escuro, muito escuro. - disse Slughorn.

-Mas você obviamente sabe tudo sobre isso, senhor. Quero dizer, um bruxo como o senhor - desculpe, digo, se você não puder me dizer, obviamente - eu só saberia se alguém pudesse me contar, você poderia... Então eu apenas pensei que...

Foi muito bem feito, Harry pensou, a hesitação, o tom casual, a bajulação cuidadosa, nada exagerado. Ele, Harry, havia tido muita experiência de tentar tirar informações de pessoas relutantes para não reconhecer um mestre no serviço. Ele poderia dizer que Riddle queria muito a informação, talvez viesse trabalhando para este momento há semanas.

-Bem, disse Slughorn, sem olhar para Riddle, mas brincando com a fita em cima da sua caixa de abacaxis cristalizados - bem, não fará mal lhe dar uma visão geral, naturalmente. Somente para que você entenda o termo. Um Horcrux é a palavra usada para um objeto onde a pessoa escondeu uma parte de sua alma.

-Eu não entendi exatamente como isso funciona, entretanto, senhor. - disse Riddle.

Sua voz estava cuidadosamente controlada, Harry podia sentir sua excitação.

-Bem, você divide sua alma, você vê - disse Slughorn - e oculta parte dela em um objeto fora do corpo. Então, se seu corpo é atacado ou destruído, ele não pode morrer, pois resta uma parte da alma segura e não danificada. Mas, é claro, a existência nesta forma...

A face de Slughorn se contraiu e Harry se viu lembrando as palavras que havia ouvido dois anos antes: Eu fui tirado do meu corpo, era menos que um espírito, menos que um simples fantasma... Mas, ainda assim, eu estava vivo.

... Poucos iriam querê-la, Tom, muito poucos. A morte seria preferível.

Mas a ansiedade de Riddle era agora aparente; sua expressão era voraz, ele não poderia esconder seu desejo.

-Como você divide sua alma?

-Bem, - disse Slughorn desconfortável - você precisa entender que a alma foi feita para permanecer intacta e inteira. Rachá-la é um ato de violação, é contra a natureza.

-Mas como se faz isso?

- Através de um ato de maldade - um ato supremo de maldade. Cometendo assassinatos. Matar rasga a alma. A intenção do bruxo ao criar um Horcrux é usar os prejuízos a seu favor. Ele encaixaria a parte rasgada...

-Encaixaria? Mas como?

-Há um feitiço, mas não me pergunte, eu não sei! -disse Slughorn balançando sua cabeça como um velho elefante incomodado por mosquitos. - Eu pareço alguém que tentou isso... Eu pareço um assassino?

-Não, senhor, claro que não, - disse Riddle rapidamente. - Eu sinto muito... Eu não queria ofendê-lo.

-De modo nenhum, de modo nenhum, não estou ofendido. - disse Slughorn rudemente. É natural sentir curiosidade sobre essas coisas. Bruxos de um certo tipo foram sempre atraídos por esse aspecto da magia...

-Sim, senhor, - disse Riddle. - O que eu não entendo, entretanto - apenas por curiosidade, quero dizer, um Horcrux seria de grande uso? Você poderia dividir sua alma somente uma vez? Não seria melhor, para fazê-lo mais forte, dividir sua alma em mais partes, digo, por exemplo, não é sete o número mágico mais poderoso, não é?

-Pelas barbas de Merlin, Tom! - ganiu Slughorn. - Sete! Não é mau o bastante pensar em matar uma pessoa? E em todo caso... Mau o bastante para dividir a alma... Mas dividi-la em sete pedaços...

Slughorn parecia profundamente incomodado agora. Ele estava olhando Riddle como se nunca o tivesse visto claramente antes, e Harry poderia dizer que ele lamentava ter entrado no assunto.

-É claro, ele resmungou, isso tudo é hipotético, o que estamos discutindo, não é mesmo? Tudo acadêmico...

-Sim, é claro! - disse Riddle rapidamente.

-Mas reafirmo o que disse Tom... Mantenha-se em silêncio, eu havia te dito sobre isso que discutimos. As pessoas não gostariam de pensar que nós estivemos discutindo sobre Horcruxes. É um assunto banido em Hogwarts, você sabe... Dumbledore ficaria particularmente feroz sobre isso...

-Eu não direi uma palavra, senhor. - disse Riddle.

E ele saiu, mas não antes que Harry observasse sua face, cheia da mesma felicidade extenuada que o tinha atingido quando ele soube que era um bruxo; esta felicidade não realçou suas características boas, mas o fez, de alguma forma, menos humano.

-Obrigado, Harry - disse Dumbledore tranqüilamente. - Vamos...

Quando Harry retornou ao escritório, Dumbledore já estava sentado atrás de sua escrivaninha. Harry se sentou também e esperou que Dumbledore falasse.

-Eu tenho esperado por esta peça de evidência por muito tempo - disse Dumbledore finalmente. Isto confirma a teoria na qual eu tenho trabalhado, me diz o quanto eu estou certo, e também o quão longe ainda será necessário ir...

Harry observou de repente que cada diretor e diretora nos retratos da parede estavam acordados e ouvindo a conversa. Um bruxo corpulento, e de nariz vermelho, estava tirando uma trombeta de ouvido.

-Bem, Harry, estou certo de que você entendeu o significado do que acabamos de ouvir. Quando tinha a sua idade, com mais ou menos meses, Tom Riddle estava fazendo tudo o que podia para descobrir como se tornar imortal.

-Você acha que ele obteve sucesso, senhor? Ele fez um Horcrux? E este é o motivo dele não ter morrido quando me atacou? Ele tinha um Horcrux escondido em algum lugar? Um pouco da sua alma estava guardada?

-Um pouco... Ou mais - disse Dumbledore - Você ouviu Voldemort, ele quis de Horácio uma opinião sobre o que aconteceria ao bruxo que criasse mais do que um Horcrux, o que aconteceria ao bruxo determinado a vencer a morte, que ele estaria preparado para matar muitas vezes, dividir sua alma repetidamente, para armazená-la em muitos Horcruxes escondidos separadamente. Nenhum livro daria a ele tal informação. Tanto quanto eu sei - como estou certo, Voldemort soube - nenhum bruxo havia tentado mais do que rasgar sua alma em dois.

Dumbledore ficou em silêncio por um momento, organizando seus pensamentos, e então disse:

-Quatro anos atrás, eu recebi o que considere uma prova de que Voldemort havia rachado sua alma.

-Onde? - perguntou Harry - Como?

- Você o trouxe até mim, Harry - disse Dumbledore. - O diário, o Diário de Riddle, com instruções de como reabrir a Câmara Secreta.

-Eu não entendo, Senhor. - disse Harry.

-Bem, embora eu não tenha visto o Riddle que saiu do diário, o que você me descreveu foi um fenômeno que nunca vi. Uma mera memória, consumindo a vida da garota em cujas mãos havia caído? Não, algo muito mais sinistro vivia dentro daquele livro. Um fragmento da alma, eu estava quase certo disso. O diário tinha sido um Horcrux. Mas isso trouxe tantas perguntas quanto respondeu. O que me intrigou e alarmou mais foi que aquele diário era tanto uma arma quanto uma proteção.

-Eu continuo não entendendo - disse Harry.

-Bem, funcionou como um Horcrux deveria supostamente funcionar - em outras palavras, o fragmento de alma dentro dele foi mantido seguro e tinha feito sua parte para prevenir a morte do seu proprietário. Mas não poderia haver nenhuma dúvida que Riddle realmente queria que o diário fosse lido, queria que à parte de sua alma habitasse ou possuísse mais alguém, de modo que o monstro de Slytherin atacasse outra vez.

-Bem, ele não quis que seu trabalho duro fosse desperdiçado. - disse Harry. Ele quis que as pessoas soubessem que ele era o herdeiro de Slytherin, porque não podia levar o crédito por isso naquela época.

-Completamente correto - disse Dumbledore, assentindo. - Mas veja você, Harry, se ele pretendia que o diário fosse passado, ou plantado em algum futuro estudante de Hogwarts, ele estava sendo notavelmente negligente com o precioso pedaço de sua alma que estava escondida nele. O ponto de um Horcrux deve ser, conforme a explicação do Professor Slughorn, manter parte de si escondido seguramente, e não dar para qualquer pessoa, correndo o risco de destruí-lo, como realmente aconteceu. Aquele fragmento da alma não existe mais, você viu isso. A maneira descuidada com que Voldemort considerou este Horcrux pareceu muito omissa a mim. Isto sugeriu que ele deve ter feito, ou estava planejando fazer, mais Horcruxes, então a perda do seu primeiro não seria tão prejudicial. Eu não desejo acreditar nisso, mas nada mais pareceu fazer sentido. Então você me disse, dois anos mais tarde, na noite que Voldemort retornou a seu corpo, que ele deu um inquietante e esclarecedor aviso aos seus Comensais da Morte. Eu, que cheguei mais longe do que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade! Foi como você me disse que ele falou. Mais longe do que qualquer outro! E eu pensei que sabia o que isso significava, entretanto os Comensais não compreendiam. Ele estava

se referindo a seus Horcruxes, Horcruxes no plural, Harry, o que não acredito que outro bruxo já havia feito. Todavia era certo: Lord Voldemort pareceu menos humano no passar dos anos, e a transformação a que havia se submetido só poderia ser explicada para mim se sua alma houvesse sido mutilada além dos domínios do que nós chamamos de mal usual.

-Então ele se tornou impossível de se matar assassinando outras pessoas? Disse Harry.

- Por que ele não fez uma Pedra Filosofal, ou roubou uma, se estava tão interessado em ser imortal?

-Bem, nós sabemos que ele tentou fazer isso, há cinco anos. Mas eu creio que há diversas razões pelas quais se explicaria que uma Pedra Filosofal seria menos atrativa do que Horcruxes a Lord Voldemort. Para que o elixir da vida torne alguém imortal, é preciso bebê-lo regularmente, por toda a eternidade.

- Conseqüentemente, Voldemort seria inteiramente dependente do elixir, e se ele acabasse, ou fosse contaminado, ou se a pedra fosse roubada, ele morreria como qualquer outro homem. Voldemort gosta de trabalhar sozinho, lembre-se.

- Eu acredito que ele achou a idéia de ser dependente, para sempre, do elixir, intolerável. É claro que ele estava preparado para bebê-lo se fosse para se livrar da semivida horrível à qual ele estava condenado após ter atacado você, mas somente para recuperar um corpo. Depois disso, eu estou convencido, ele pretendia continuar confiando em seus Horcruxes. Ele não precisaria de nada mais, se ele pudesse retornar à forma humana. Ele já era imortal, como pode ver... Ou estava mais próximo de ser imortal do que qualquer homem já havia estado. Mas agora, Harry, armado com esta informação, esta importante memória que você obteve para nós, estamos mais perto do segredo de como derrotar Voldemort do que jamais estivemos. Você o ouviu, Harry: Não seria melhor, para fazê-lo mais forte, dividir sua alma em mais partes, digo, por exemplo, não é sete o número mágico mais poderoso, não seria? Sim, eu acredito que a idéia de dividir a alma em sete partes atrairia Lord Voldemort.

-Ele fez sete Horcruxes? Disse Harry, golpeado pelo horror, enquanto vários dos retratos nas paredes fizeram ruídos similares ao choque e ultraje.

-Mas eles poderiam estar em qualquer lugar no mundo - escondidos - enterrados ou invisíveis!

-Fico feliz em perceber sua avaliação correta do problema. Disse Dumbledore calmamente.

- Mas, primeiramente, Harry, não são sete Horcruxes: São seis. A sétima parte de sua alma, mutilada de qualquer forma, reside no interior do seu corpo regenerado. Esta foi a parte dele que teve uma existência espectral por tantos anos durante seu exílio; sem ela, ele não teria nada de si afinal. A sétima parte de sua alma será a que qualquer um que deseje matar Voldemort deve atacar por último - a parte que vive em seu corpo.

-Mas os seis Horcruxes, então, - disse Harry, um pouco desesperado, - como poderemos encontrá-los?

-Você está se esquecendo... Você já destruiu um deles. E eu destruí outro.

-Você destruiu? - disse Harry ansiosamente.

-Sim, certamente. - disse Dumbledore, e levantou sua mão machucada. - O anel, Harry, o anel de Marvolo. E uma terrível maldição estava sobre ele também.

-Se não fosse - desculpe-me pela falta de falsa modéstia - por minha própria habilidade, e pela ação oportuna do Professor Snape quando eu retornei a

Hogwarts, desesperadamente ferido, eu poderia não ter sobrevivido para contar a história. Entretanto, uma mão mutilada não parece uma troca injusta por um sétimo da alma de Voldemort. O anel não é mais um Horcrux.

-Mas como você o encontrou?

-Bem, como você sabe, por muitos anos eu me esforcei ao máximo para descobrir tudo quanto foi possível sobre o passado de Voldemort. Viajei extensamente, visitando aqueles lugares onde ele esteve. Eu tropecei no anel escondido nas ruínas da casa de Gaunt. Parece que uma vez que Voldemort tinha resolvido selar uma parte de sua alma ao lado dele, não quis o desgastar mais. Escondeu-o, protegido por encantamentos poderosos, na cabana onde seus ancestrais haviam vivido uma vez (Morfin havia estado preso em Azkaban, é claro), sem supor que chegaria o dia em que eu visitaria a ruína, ou que eu poderia estar mantendo um olho aberto para traços de magia oculta. Entretanto, não devemos nos congratular demais. Você destruiu o diário, e eu o anel, mas se nós estamos certos quanto à teoria das sete partes da alma, restam quatro Horcruxes.

-E eles poderiam ser qualquer coisa? - disse Harry - Poderiam ser latas, imagino, ou frascos vazios de poções...

-Você está pensando em coisas portáteis, Harry, que poderiam ser objetos comuns, fáceis de negligenciar. Mas Voldemort usaria latas ou frascos vazios de poções para guardar sua preciosa alma? Você está esquecendo do que mostrei a você. Voldemort gostava de colecionar troféus, e preferia objetos com um poder mágico e histórico em torno de si, sua crença em sua própria superioridade, sua determinação em esculpir para si um lugar de destaque na História da Magia... Estas coisas sugerem a mim que Voldemort escolheu seus Horcruxes com algum cuidado, favorecendo objetos dignos de honra.

-O diário não era tão especial.

-O diário, como você mesmo disse, era a prova de que ele era o herdeiro de Slytherin. Eu tenho certeza que Voldemort considera esse fato como sendo de extrema importância.

-Então, e os outros Horcruxes? - disse Harry - Você acha que sabe o que são eles, senhor?

Eu só posso supor. - disse Dumbledore - Pelas razões que já lhe dei, acredito que Lord Voldemort iria preferir objetos que, em si próprios, tivessem certa grandeza. Eu viajei pelo passado de Voldemort para ver se descobria evidências de que tais artefatos desapareceram ao redor dele.

-O medalhão! -disse Harry - A taça de Hufflepuff!

-Sim, disse Dumbledore, sorrindo. Eu aposto - talvez não a minha outra mão, mais um par de dedos - que eles são o terceiro e o quarto Horcruxes. Os dois restantes, supondo que ele criou um total de seis, são mais um problema, mas eu arrisco um palpite que, assegurando-se de pegar objetos de Hufflepuff e Slytherin, ele prosseguiu em busca de objetos de Gryffindor ou Ravenclaw.

- Quatro objetos dos quatro fundadores teriam, estou certo, exercido uma atração poderosa na imaginação de Voldemort. Eu não posso dizer se ele conseguiu achar algo de Ravenclaw. Estou confiante, contudo, que a única relíquia deixada por Gryffindor permanece segura aqui.

Dumbledore apontou seus dedos enegrecidos para a parede atrás dele, onde uma espada incrustada com rubis repousava numa proteção de vidro.

-Você acha que esta é a razão pela qual ele queria tanto voltar para Hogwarts, senhor? Para tentar achar algo de algum dos outros fundadores...?

-Meus pensamentos, precisamente. - disse Dumbledore. -Mas, infelizmente, isso não nos leva muito adiante, porque ele não voltou, ou assim acredito eu, a ter a oportunidade de procurar pela escola. Sou forçado a concluir que ele nunca alcançou sua ambição de colecionar objetos dos quatro fundadores.

- Definitivamente ele teve dois - ele pode ter encontrado três - isso é o melhor que podemos fazer agora.

-Mesmo se ele houvesse conseguido algo de Ravenclaw ou de Gryffindor, isso nos leva a seis Horcruxes, - disse Harry, contando nos dedos - a menos que ele tenha conseguido ambos?

-Não penso assim. - disse Dumbledore - Acredito que sei o que é o sexto Horcrux. Gostaria de saber o que você dirá quando eu confessar que o comportamento da cobra, Nagini, me deixou curioso?

-A cobra? - disse Harry, estarelecido. Pode-se usar animais como Horcruxes?

-Bem, é inapropriado fazê-lo, porque confiar uma parte de sua alma a algo que pode pensar e se movimentar seria obviamente muito arriscado. Entretanto, se meus cálculos estão corretos, Voldemor mantinha um último Horcrux em suas metas ao entrar na casa de seus pais para matar você. Parece ter reservado o processo de fazer Horcruxes para mortes particularmente significativas. Sua morte certamente seria uma destas. Ele acreditou que matando você, estaria destruindo o perigo que a profecia havia mencionado. Acreditou que se faria invencível. Estou certo que ele tinha a intenção de fazer o último Horcrux com sua morte. Como sabemos, ele falhou. Depois de alguns anos, porém, ele usou Nagini para matar um velho trouxa, e pode ter-lhe ocorrido usa-la em seu último Horcrux. Ela destaca a ligação com Slyterin, que realça o mistério de Lord Voldemort. Penso que talvez ele tenha encontrado nela o que poderia encontrar em qualquer coisa; ele certamente gosta de mantê-la por perto, e ele parece ter um controle incomum sobre ela, mesmo para um Ofidiodiglot.

-Então, disse Harry, o diário se foi, o anel também. A taça, o medalhão e a cobra continuam intactos, e você acredita que há um Horcrux de Ravenclaw ou Gryffindor?

-Em admirável e correto resumo, sim. - disse Dumbledore, curvando a cabeça.

-Então... Você ainda está procurando por ele, senhor? Foi onde o senhor esteve quando não se encontrava na escola?

-Certo! Eu estive procurando por um longo tempo. Penso que... Talvez... Posso estar próximo de encontrá-lo. Há esperançosos sinais.

-E se você o encontrar - disse Harry rapidamente - eu posso ir com o senhor e ajudar a se livrar dele?

Dumbledore fitou Harry intensamente por um momento antes de responder.

-Sim, acredito que sim. Disse Dumbledore.

-Eu posso? Disse Harry completamente surpreso.

- Oh, claro. - disse Dumbledore, sorrindo ligeiramente. - Creio que você ganhou esse direito.

Harry sentiu seu coração se elevar. Era muito bom ouvir palavras diferentes de cuidado e precaução pra variar. Os diretores e diretoras nas paredes pareceram menos impressionados pela decisão de Dumbledore. Harry viu alguns deles balançando suas cabeças, e Phineas Nigellus bufou.

-Voldemort sabe quando um Horcrux foi destruído, senhor? Ele pode sentir isso? - Harry perguntou, ignorando os retratos.

-Uma pergunta muito interessante, Harry. Eu acredito que não. Acho que Voldemort está tão inundado de maldade, e estas partes dele estão distantes

há tanto tempo, que ele não sente como nós. Talvez, no momento da morte, ele possa estar ciente de sua perda... Mas ele não sabia, por exemplo, que o diário havia sido destruído, até que forçou a verdade de Lúcio Malfoy.

- Quando Voldemort descobriu que o diário havia sido mutilado e destituído de seus poderes, acredito que sua raiva foi algo terrível de se observar.

-Mas eu pensei que ele havia pedido a Lúcio Malfoy que contrabandeasse o diário para Hogwarts.

-Sim, ele pediu, anos atrás, quando ele estava certo que seria capaz de criar mais Horcruxes, mas ainda que Lúcio estivesse disposto a esperar a ordem de Voldemort, e ele nunca a recebeu, pois Voldemort desapareceu após ter lhe dado o diário. Não há dúvidas de que ele acreditava que Lúcio não ousaria fazer qualquer coisa com o Horcrux além de protegê-lo cuidadosamente, mas ele contava acima de tudo com o medo de Lúcio de um mestre que havia sumido há anos e que Lúcio considerasse morto. Claro, Lúcio não sabia o que o diário realmente era. Eu acredito que Voldemort lhe disse que o diário abriria novamente a Câmara Secreta porque ele tinha um encantamento de inteligência. Se Lúcio soubesse que teve em suas mãos uma porção da alma de seu mestre, certamente a teria tratado com mais reverência - mas ele foi adiante e continuou o velho plano visando seus próprios objetivos. Passando o diário para a filha de Arthur, ele desejava desacreditar Arthur e se desfazer de um objeto mágico extrêmamente incriminador de uma vez. Ah, pobre Lúcio... Com a fúria que despertou em Voldemort ao usar um Horcrux para seus fins, somada ao fiasco no Ministério no ano anterior, não me surpreenderia se ele estivesse secretamente feliz por estar seguro em Azkaban no momento.

Harry refletiu por um momento, e então perguntou:

- Então se todos os Horcruxes forem destruídos, Voldemort poderá ser morto?

-Sim, acredito que sim. Disse Dumbledore - Sem os Horcruxes, Voldemort será um homem mortal com uma alma mutilada e destruída. Nunca se esqueça, contudo, embora sua alma possa estar danificada além do reparo, seu cérebro e seus poderes mágicos continuam intactos. Será necessário poder e habilidade incomuns para matar um bruxo como Voldemort, mesmo sem os seus Horcruxes.

-Mas eu não tenho poderes e habilidades incomuns. Disse Harry, antes que pudesse se conter.

-Sim, você tem. - disse Dumbledore com convicção. - Você tem um poder que Voldemort nunca teve. Você tem...

-Eu sei! Disse Harry bruscamente. - Eu tenho amor.

Com grande dificuldade Harry se conteve de acrescentar: Grande coisa!

-Sim, Harry, você pode amar. Disse Dumbledore, como se soubesse exatamente o que Harry havia pretendido dizer - E, considerando tudo o que aconteceu com você, é um feito notável. Você é muito jovem para entender o quão incomum você é, Harry.

-Então, quando a profecia disse que eu teria um poder que o Lord das Trevas desconhece, se referia somente a... Amor? - perguntou Harry, se sentindo um pouco desanimado.

-Sim, somente amor. Disse Dumbledore.

- Mas, Harry, nunca se esqueça que o que a profecia diz tem significado porque Voldemort a fez assim. Eu lhe disse isso no fim do ano passado. Voldemort escolheu você como a pessoa que representava um maior perigo para ele, e fazendo isso, fez de você a pessoa mais perigosa para ele!

-Mas continua sendo a mesma...

-Não, não continua! - disse Dumbledore impacientemente agora. Apontando a Harry com sua mão mutilada e enegrecida, ele disse:

- Você está dando muito valor à profecia!

-Mas - atalhou Harry - você disse que a profecia significa...

-Se Voldemort nunca tivesse ouvido a profecia, ela se cumpriria? Significaria qualquer coisa? Claro que não! Você acredita que cada profecia da sala de Profecias se cumpriu?

-Mas - disse Harry completamente desorientado - no ano passado, você disse que um de nós terá que matar o outro...

-Harry, Harry, isso somente porque Voldemort cometeu um grave erro, e agiu conforme as palavras da Professora Trelawney. Se Voldemort nunca tivesse assassinado o seu pai, você teria em si esse furioso desejo de vingança? É claro que não! Se ele não tivesse forçado a sua mãe a morrer por você, ele teria lhe dado uma proteção mágica que não podia superar? Claro que não, Harry! Você não percebe? Voldemort criou seu próprio inimigo, assim como os tiranos fazem por todo o lado! Você faz idéia do quanto os tiranos temem as pessoas que eles oprimem? Todos eles acreditam que, um dia, dentre suas muitas vítimas, é certo que haverá um que irá se levantar contra ele e enfrentá-lo. Voldemort não é diferente! Sempre foi cuidadoso para com aquele que o desafia. Ele ouviu a profecia e entrou em ação, e como resultado não somente escolheu cuidadosamente aquele que poderia derrotá-lo, mas deu a ele armas excepcionalmente mortais!

-Mas...

-É essencial que você entenda isso! - disse Dumbledore, se levantando e dando passos largos pelo escritório, suas vestes resplandeciam em seu rastro; Harry nunca o tinha visto tão agitado. - Tentando mata-lo, Voldemort fez com que a pessoa notável que está sentada diante de mim se revelasse, e lhe deu as armas para o trabalho! É uma falha de Voldemort que você possa ver seus pensamentos, suas ambições, que você compreenda a língua das cobras e até lhes dê ordens, no entanto, Harry, a respeito de sua privilegiada inserção no mundo de Voldemort (que, incidentalmente, é um dom que qualquer Comensal da Morte se mataria para ter), você nunca foi seduzido pelas Artes das Trevas, nunca, nem por um segundo, demonstrou o desejo de se tornar um dos seguidores de Voldemort!

-É claro que não! - Harry se sentiu indignado - Ele matou meus pais!

-Você é protegido, levemente, por sua habilidade de amar! - disse Dumbledore sonoramente - A única proteção que tem possibilidade de ir contra a atração pelo poder que Voldemort tem. Apesar de toda a tentação contra a qual você lutou, todo o sofrimento, você permanece puro em seu coração, tão puro quanto quando como você tinha onze anos, quando você olhou fixamente num espelho que mostrava o desejo de seu coração, e ele mostrou a você a única maneira de impedir Lord Voldemort, e não imortalidade ou riquezas. Harry, você faz idéia de quão poucos bruxos veriam o que você viu no espelho? Voldemort deveria então ter percebido do que se tratava, mas ele não conseguiu! Mas ele sabe disso agora. Você invadiu a mente de Voldemort sem danos a si próprio, mas ele não pode possuí-lo sem sentir uma agonia mortal, como você descobriu no Ministério. Eu não creio que ele entenda porquê, Harry, mas naquele tempo, ele tinha tal pressa de mutilar sua própria alma, que

ele nunca parou para entender o incomparável poder de uma alma imaculada e inteira.

-Mas senhor, disse Harry, se esforçando corajosamente para não soar argumentativo, tudo volta para a mesma questão, não é? Eu tenho que tentar matá-lo, ou então...

-Morrer? Disse Dumbledore. É claro que terá! Mas não por causa da profecia. Mas porque você, você mesmo, nunca descansará até que tenha tentado!

- Ambos sabemos disso! Imagine, por um breve momento, que você nunca tivesse ouvido aquela profecia! Como você se sentiria em relação a Voldemort agora? Pense!

Harry observou Dumbledore andando de um lado para o outro à sua frente, e pensou. Ele pensou em sua mãe, em seu pai, e em Sírius. Ele pensou em Cedrico Diggory. Ele pensou em todas as terríveis ações que Lord Voldemort cometeu. Uma chama pareceu pular dentro do seu peito, queimando sua garganta.

-Eu iria querer que ele morresse. - disse Harry serenamente - E eu iria querer fazer isso.

-Naturalmente você iria querer! - exclamou Dumbledore! - Veja, a existência da profecia não significa que você tem que fazer alguma coisa. Mas a profecia fez com que Voldemort o marcasse como um igual. Em outras palavras, você é livre para escolher seu caminho, igualmente livre para se voltar à profecia! Mas Voldemort continua a escolher seu caminho pela profecia. Ele continuará a caçá-lo... O que se mostra correto, realmente, uma vez que...

-Um de nos acabará matando o outro. - disse Harry - Sim.

Mas Harry finalmente entendeu o que Dumbledore vinha tentando lhe explicar. Era, ele pensou, como a diferença entre ser levado para uma arena para enfrentar uma batalha até à morte e andar em direção à arena de cabeça elevada. Algumas pessoas, talvez, diriam que havia pouca diferença entre as duas maneiras, mas Dumbledore sabia - e eu também, pensou Harry e, com um sentimento feroz de orgulho, assim como meus pais - que fazia toda a diferença do mundo.

--Capítulo 24-- Sectumsempra

Exausto, mas satisfeito com o trabalho noturno, Harry contou a Rony e Hermione tudo que aconteceu durante a lição de Feitiços da manhã (estavam lançando o feitiço Muffliato sobre quem estava perto). Eles estavam muito impressionados com o caminho que ele usou para descobrir a memória apagada de Slughorn e positivamente aterrorizados quando ele contou sobre os Hurcruxes de Voldemot e a promessa de Dumbledore de deixá-lo só, enquanto ele procura pelos outros.

- Uau! Disse Rony, quando Harry finalmente terminou de contar tudo. Rony estava movendo sua mão muito vagamente na direção do teto sem prestar a mínima atenção com o que estava fazendo. Uau! Você junto de Dumbledore... E tentar destruir... Uau!

- Rony, você está criando esta neve, disse Hermione pacientemente, segurando o seu pulso e afastando-o do teto do qual, antes vazio, agora grandes flocos brancos estavam começando a cair. Lilá Brown, Harry notou, fuzilava Hermione numa mesa vizinha com os olhos vermelhos, e Hermione imediatamente soltou o braço de Rony.

- Oh, sim! Disse Rony, olhando para baixo de seu corpo com vaga surpresa.

- Desculpem-me... Ehr... Olhem como estamos com uma caspa terrível agora...

Ele escovou alguma neve falsificada dos ombros de Hermione e Lilá explodiu em lágrimas... Rony olhou imensamente culpado e se virou de costas para ela.

-Nós brigamos, ele disse a Harry com o canto de sua boca, Na última noite, quando ela me viu sair do dormitório com Hermione. Logicamente ela não pode te ver, assim pensou que tinha saído apenas nós dois.

- Ah! Disse Harry. Bem – pelo menos você não terminou né?

- Não admitiu Rony.

- Era ruim enquanto ela estava gritando, mas ao menos eu não tive que terminar...

- Covarde! Disse Hermione, entretanto, ela olhou feliz. Bem, hoje não foi uma boa noite para romances. Gina e Dino também terminaram, Harry...

Harry pensou ter visto no olhar de Hermione algo indicativo e malicioso quando ela lhe falou isto, mas Hermione não tinha a possibilidade de descobrir que, intimamente, ele dançava uma conga. Manteve sua face imóvel e com uma voz indiferente e fria, ele perguntou E como foi isso?

- Oh! Algo realmente tolo... Ela disse que ele sempre cismava em levá-la até passar pela entrada do retrato, como se ela não pudesse fazer por ela sozinha... Mas eles estavam por um fio há muito tempo...

Harry lançou um olhar sobre Dino no outro lado da classe. Ele certamente estava parecendo infeliz.

Claro! Isso te coloca em um pequeno dilema, não é mesmo? Disse Hermione.

- O quê você quer dizer com isso? Disse Harry rapidamente.

- O time de quadribol, disse Hermione. Se Gina e Dino não estão se falando...

- Oh! Oh! Claro! Disse Harry. Flitwick, disse Rony em tom de alarme. O pequeno mestre de Feitiços estava se vindo para eles, e Hermione era a única que conseguiu transformar o vinagre em vinho; seu frasco de vidro estava cheio de um líquido carmesim profundo, enquanto o de Harry e Rony permanecia marrom vergonhoso. Agora, agora, garotos! Murmurou o Professor

Flitwick reprovadamente. Um pouco menos de conversa, e um pouco mais de ação...

- Deixem-me ver vocês dois tentarem...

Juntos eles levantaram suas varinhas, concentraram todos os seus poderes, e apontaram para seus frascos. O vinagre de Harry se transformou em gelo; o frasco de Rony explodiu.

- Sim... Lição de casa disse o Professor Flitwick, reaparecendo debaixo da mesa e limpando os cacos do alto de seu chapéu, prática...

Eles tiveram um de seus raros períodos livres depois de Feitiços e voltaram para a classe juntos. Rony pareceu positivamente aliviado sobre o fim de seu relacionamento com Lilá, e Hermione pareceu adorável, também, embora quando ele lhe perguntou o por que da felicidade, ela simplesmente dizia Hoje é um bom dia! Nenhum deles, porém, perceberam a batalha feroz que se passava dentro da cabeça de Harry:

- Ela é irmã do Rony...

- Mas ela acabou com Dino!

- Mas ela continua sendo irmã do Rony!

- Mas eu sou seu melhor amigo!

- Mas isso só piora!

- E se eu falar com ele primeiro -

- Ele vai te socar.

- E se eu não me importar?

- Ele é seu melhor amigo!...

Harry já havia entrado no buraco do retrato da sala comunal ensolarada quando percebeu, vagamente, um pequeno grupo de alunos do sétimo ano juntos, enquanto Hermione gritava: - Katie! Você voltou! Você está bem? Harry parou: Era certamente Katie Bell, o olhando completamente recuperada e cercada por seus amigos.

- Estou realmente bem! Ela disse alegremente. Eles deixaram-me sair de St. Mungos no domingo, eu fiquei um par de dias em casa com mamãe e com papai e então voltei para cá nesta manhã. Leanne estava justamente me contando sobre MacLaggen e o último jogo, Harry...

- Sim, disse Harry, bem, agora que você voltou e Rony melhorou, nós teremos uma chance decente de arrasar a Corvinal, acho que nós ainda podemos estar na corrida para a Taça. Ouça, Katie...

Ele explicou a questão, até então. Sua curiosidade até fez com que Gina saísse de sua cabeça temporariamente. Ele deixou cair sua voz quando os amigos de Katie começaram a apanhar suas coisas; aparentemente eles teriam aulas de Transfiguração mais tarde...

- O colar... Você pode relembrar quem o entregou agora?

- Não, disse Katie, balançando penosamente a cabeça. Todos tem me perguntado, mas não consegui nenhuma pista. A última coisa que eu me lembro era que estava andando dentro do banheiro das meninas no Três Vassouras...

- Você entrou definitivamente no banheiro das meninas, então? Disse Hermione.

- Bem, eu sei que abri a porta, disse Katie, e eu suponho que alguém me dominou justamente enquanto eu entrava. Depois disso minha memória está branca até dois meses atrás em St. Mungos. Ouçam, é melhor eu ir, eu não

posso me atrasar na aula com McGonagall justamente no meu primeiro dia de volta...

Ela correu para apanhar a sua bolsa e se apressou a alcançar seus amigos, deixando Harry, Rony e Hermione sentados diante da mesa da janela e ponderando no que ela havia dito.

- Só pode ser uma garota ou uma mulher quem deu a Katie o colar, disse Hermione, dentro do banheiro das meninas...

- Ou alguém que se parecia com uma garota ou uma mulher, disse Harry. Não esqueça, existia um caldeirão cheio de poção polisuco em Hogwarts. Sabemos que alguém conseguiu roubá-la...

E em seu pensamento ele observou uma parada de Crabbes e Goyles passando adiante, todos transformados em garotas.

- Eu acho. Eu vou tomar outra dose de Felix, disse Harry, e eu vou até a Sala Precisa novamente...

- Que seria uma perda completa da poção, disse Hermione logicamente, pegando a cópia do livro de Feitiços de Syllabary que acabara de retirar de sua bolsa.

- Sorte só se pode conseguir às vezes, Harry. A situação com Slughorn era diferente, você sempre teve habilidade para persuadi-lo, você só precisava de um pouquinho de circunstâncias favoráveis. Sorte não é suficiente se você tem um encantamento poderoso. Não vá desperdiçar o resto da poção. Você vai precisar da maior sorte do mundo se Dumblebore o levar junto com ele... Ela abaixou sua voz a um sussurro.

- Não podíamos fazer mais alguns? Rony perguntou a Harry, ignorando Hermione.

- Eu acho ótimo ter um estoque dela... Que tal olhar no livro...

- Harry puxou sua cópia de Poções Avançadas de sua bolsa, e olhou em cima de Felix Felicis.

- Bom, isso é realmente complicado ele disse, correndo os olhos sobre a lista de ingredientes. E isso levará seis meses... Você tem que deixar cozinhar...

- Típico disse Rony.

Harry estava a ponto de guardar seu livro novamente, quando ele notou um canto de uma página dobrada, desdobrando-a ele viu o feitiço Sectumsempra, e em baixo escrito: para os inimigos que ele havia marcado algumas semanas antes. Ele ainda não tinha encontrado o que fazer com isso, principalmente porque ele não quis testar próximo a Hermione, mas ele estava considerando usar em McLaggen na próxima vez que ele aparecesse diante deles.

A única pessoa que não estava particularmente agradecida por ver Katie Bell voltar à escola era Dimas Thomas, porque ele não seria requerido para a posição de artilheiro. Ele suspirou quando Harry lhe disse isso, meramente soltou um grunhido, mas Harry teve uma sensação diferente enquanto se distanciava de Dimas e Simas...

Na quinzena seguinte, Harry disse que viu o melhor treino de Quadribol desde que virou Capitão. Seu time estava muito satisfeito com a saída de McLaggen, felizes por ter Katie de volta, e eles estavam voando excepcionalmente bem.

Gina não parecia transtornada com o rompimento com Dino, ao contrário, ela era a vida e a alma do time. Suas imitações de Rony se movendo ansiosamente para cima e para baixo diante dos aros como goleiro, ou das ordens frias dadas por Harry a McLaggen antes de ser nocauteado, tornava o treino muito divertido. Harry, sorrindo juntamente com todos, estava contente

por ter uma razão inocente para olhar para Gina; e ele tinha recebido mais ferimentos durante os treinos porque não conseguia manter seus olhos nos balaços.

A batalha estava furiosa em sua cabeça: Gina ou Rony? Às vezes ele pensava que após Lilá, Rony não iria se importar se ele convidasse Gina para sair, mas então ele lembrou a expressão de Rony quando ele a viu beijando Dino, e era certo que Rony consideraria uma traição se Harry caminhasse de mãos dadas com Gina.

Contudo Harry não podia ajudar-se conversando com Gina, rindo com ela, voltando do treino com ela, entretanto sua consciência doeu demais, ele encontrou-se maravilhado pensando em como poderia conseguí-la para si. Teria sido ideal se Slughorn tivesse dado outra de suas pequenas festas, para Rony não estar por perto - mas infelizmente, Slughorn parecia tê-las acabado. Uma ou duas vezes Harry considerou em pedir ajuda a Hermione, mas ele não pensou como conseguiria olhar pra Hermione, vendo um olhar satisfeito e acusador em seu rosto; como varias vezes via quando Hermione o flagrava olhando para Gina ou rindo de suas piadas. E para complicar o assunto, ele teve a irritante preocupação de que se não o fizesse, um outro alguém convidaria Gina para sair em breve: ele e Rony pelo menos concordavam para seu próprio bem, o fato de que Gina era popular demais.

De toda a forma, a tentação de tomar outro gole de Felix Felicis estava ficando mais forte durante o dia, e certamente era um argumento para, segundo Hermione, aproveitar as circunstâncias.

Os dias monótonos correram gentilmente em Maio, e Rony parecia estar sempre no ombro de Harry quando ele via Gina. Harry descobriu que apenas um golpe de sorte poderia de alguma maneira fazer com que Rony ficasse feliz com o seu melhor amigo e sua irmã saindo, e os deixasse sozinhos, ele junto dela mais do que alguns segundos. Nenhuma oportunidade surgiu enquanto se aproximava o final do período com o Torneio de Quadribol. Rony procurava falar de táticas com Harry todo o tempo e não tinha pensamentos para mais nada.

Rony não era o único a esse respeito; o interesse no jogo Grifinória-Corvinal estava correndo extrêmadamente rápido na escola, para o jogo que decidiria o Campeonato das casas. Se Grifinória batésse a Corvinal por uma margem de trezentos pontos (um número alto, porém Harry nunca tinha visto seu time voando melhor) então eles conseguiriam vencer o Campeonato. Se eles vencessem por menos de trezentos pontos, eles ficariam em segundo após Corvinal, se eles perdessem pela diferença de cem pontos ficariam em terceiro atrás da Lufa-Lufa e se eles perdessem por mais de cem pontos, estariam em quarto lugar e em lugar nenhum, e no pensamento de Harry, se eles perdessem, a casa não iria esquecer que ele foi o Capitão da Grifinória e que a colocaria no fundo da tabela em dois séculos.

O ponto crítico da partida tinha as mesmas características de sempre: membros das casas rivais tentando intimidar os adversários nos corredores; desagradáveis canções sobre um jogador individual, ensaiados com a voz de passarinhos; os próprios membros das equipes circulando ao redor para gozar de toda a atenção ou senão entrando em banheiros e dando tiros para cima. De alguma maneira o jogo havia se ligado inexplicavelmente ao êxito ou fracasso de seus planos com Gina. Ele conseguia sentir que se eles vencessem por mais de trezentos pontos, nas cenas de euforia e a ótima e

calorosa festa de comemoração justamente com um saboroso trago de Felix Felicis talvez houvesse alguma chance. E no meio de tantas preocupações, Harry não havia esquecido sua outra ambição; descobrir o que Malfoy estava fazendo na Sala Precisa. Ele ficava verificando o Mapa do Maroto, e ele não conseguia localizar o local onde estava Malfoy, deduzindo que o mesmo estava perdendo o seu tempo dentro daquela sala.

Embora Harry perdesse as esperanças de descobrir o que acontecia dentro da Sala Precisa, e continuando à tentar entrar sempre que estava na vizinhança reformulando sempre seu pedido, a parede permaneceu firmemente fechada. Alguns dias antes da partida contra a Corvinal, Harry encontrou-se andando sozinho próximo a Sala Comunal, Rony estava fora em um banheiro próximo para disparar para cima novamente, e Hermione não saindo do seu normal foi ver a Professora Vector sobre um erro que ela pensou ter cometido em seu último ensaio de Aritimancia. Mais por hábito do que por qualquer coisa, Harry fez a sua usual tentativa no corredor do sétimo andar, checando o Mapa do Maroto. Por um momento ele não conseguiu localizar Malfoy em nenhum lugar e assumiu que ele estivesse dentro da Sala Precisa novamente, mas então ele viu Malfoy pequenininho, sobre um ponto no banheiro dos meninos no andar abaixo, acompanhado, não por Crabbe ou Goyle, porém por Murta que Geme. Harry somente parou para olhar essa improvável dupla quando ele virou a direita em um conjunto de armaduras. O alto ruído trouxe-o de volta de seu devaneio; saindo da cena antes que Filch chegasse, dos pontos tracejados na escada de mármore e ao longo da passagem abaixo. Fora do banheiro, ele pressionou sua orelha de encontro à porta. Ele não podia ouvir nada. Ele muito silenciosamente a abriu.

Draco Malfoy estava de costas para a porta, suas mãos agarravam os lados da pia, seus cabelos brancos-louros arqueados.

- Não! Soou a voz da Murta que Geme de um dos cubículos.

- Não...

- Conte-me o que está errado... Eu posso ajudá-lo...

- Ninguém pode me ajudar, disse Malfoy. Seu corpo estava todo trêmendo. Não posso fazer isso... Eu não posso... Não quero trabalhar... E a menos que eu faça logo... Ele disse que me matará...

E Harry observava, com um choque tão grande que parecia enraizá-lo àquele ponto, aquele Malfoy chorando - realmente chorando - lágrimas rolando sobre sua pálida face dentro da pia. Malfoy tossiu e engasgou-se e então, com um grande suspiro, quando olhou para a imagem no espelho rachado viu Harry parado olhando fixamente para ele.

Malfoy olhou, puxando sua varinha. Instintivamente, Harry puxou a sua. O feitiço de Malfoy errou Harry por centímetros, quebrando a lâmpada ao lado de Harry na parede. Harry jogou-se de lado no chão, pensando Levicorpus! E apontando sua varinha, mas Malfoy bloqueou o feitiço e levantou sua varinha para outro...

- Não! Não Parem com isso! Guinchou Murta que Geme, sua voz ecoando alto no alto de todo o andar. Parem! PAREM!

Houve um estrondo alto e o escaninho atrás de Harry explodiu; Harry tentou um feitiço Prende-Pernas para contra-atacar passando ao lado da orelha de Malfoy e esmagando a cisterna abaixo de Murta que Geme, que gritava escandalosamente alto; água jorrou por todo o lado e Harry deslizou enquanto Malfoy, de face retorcida, gritou Cruci...

- SECTUMSEMPRA! Gritou Harry do assoalho, agitando sua varinha descontroladamente.

O sangue jorrou do rosto e do peito de Malfoy como se ele tivesse sido chicoteado ou cortado por uma espada invisível. Ele balançou para trás e caiu no assoalho com um grande respingo de água, sua varinha caindo brandamente de sua mão direita.

- Não... Engasgou-se Harry. Deslizando e desconcertado, Harry colocou e mergulhou seus pés em direção a Malfoy, cujo rosto brilhava em vermelho escalaté, suas mãos brancas embebidas em sangue em seu peito. Não, Eu não queria... Harry não sabia o que dizer. Ele caiu de joelhos ao lado de Malfoy, que estava se agitando descontroladamente banhado pelo próprio sangue.

Murta que Geme soltou um grito alto e descontrolado: - ASSASSINATO! ASSASSINATO NO BANHEIRO! ASSASSINATO!

A porta bateu atrás de Harry que ergueu os olhos, estarecido: Snape havia entrado no banheiro, com a face lívida. Empurrando Harry de lado, ajoelhou-se ao lado de Malfoy, pegou sua varinha, e lançou um feitiço sobre as profundas feridas que Harry tinha provocado, sussurrando um feitiço que soou quase como uma canção. O fluxo de sangue pareceu diminuir, Snape limpou o resíduo que tinha sobre a face de Malfoy e repetiu o feitiço. Agora as feridas pareciam que faziam pontos.

Harry permaneceu observando, horrorizado com o que havia feito, pouco ciente de que estava embebido em sangue e água. Murta que Geme permaneceu gemendo e chorando logo acima. Enquanto Snape estava executando um contra-feitiço pela terceira vez, a meia-vida de Malfoy permaneceu na mesma posição.

- Você necessita de ala hospitalar. Pode haver certa quantidade de marcas e cicatrizes, mas se você tomar ditany imediatamente pode ser que até isso evitemos... Venha...

Ele apoiou Malfoy através do banheiro, voltando-se para a porta para dizer em uma voz furiosa e fria, E você, Potter... E você espera por mim aqui.

Não ocorreu nem por um segundo a Harry em desobedecer. Ele levantou-se lentamente, andou olhou abaixo o assoalho molhado. Ali havia manchas de sangue flutuando como flores de carmesim sobre a sua superfície. Não poderia nem mesmo contar com a Murta que Geme para ficar quieta, e ela continuava lamentando com prazer cada vez mais evidente.

Snape retornou dez minutos depois. Ele parou dentro do banheiro e fechou a porta atrás de si.

- Vá! Ele disse a Murta, e ela mergulhou dentro de seu vaso de uma vez, deixando um silêncio soando atrás dela.

- Eu não sei o que aconteceu, disse Harry por um momento. Sua voz ecoou no vazio, aquoso espaço. Eu não sabia o que esse feitiço faria.

Mas Snape ignorou isso.

- Aparentemente eu superestimei você, Potter, ele disse calmamente. Quem diria que você conhecia tal feitiço das Artes das Trevas? Quem lhe ensinou esse feitiço?

- Eu... Li sobre ele em algum lugar.

- Onde?

- Eu o li... Em um livro na biblioteca, inventou Harry. Eu não consigo recordar como ele se chamava...!

- Mentiroso, disse Snape. A garganta de Harry ficou seca. Ele sabia o que Snape estava fazendo e ele nunca tinha conseguido impedi-lo...

O banheiro pareceu nublar-se diante de seus olhos. Ele tentou bloquear com toda a força de seu pensamento, mas a metade da cópia do livro do Príncipe Mestiço avançava nadando nebulosa do fundo de sua mente.

Então estava olhando para Snape novamente, no meio da destruição, no banheiro molhado. Olhou fixamente nos olhos negros de Snape, esperando esperançosamente que Snape não visse o que temia, mas...

- Traga-me sua mala escolar, disse Snape suavemente, e todos os seus livros escolares. Todos eles. Traga-os aqui. Agora!

Não havia nenhum ponto para discutir. Harry girou uma vez e saiu fora no corredor, e foi rapidamente para a Torre da Grifinória; a maioria do povo estava andando por outro caminho, ele todo molhado, encharcado de água e sangue, mas não respondeu sobre nenhuma pergunta que lhe fizeram enquanto ele passava.

Ele se sentia atordoado; era como se um animal de estimação tivesse retornado totalmente selvagem; em que o Príncipe tinha pensado para transcrever tal encanto em seu livro? O que aconteceria quando Snape o visse? O que diria ao Slughorn - Harry tinha seu estômago revirado - como tinha alcançado tão bons resultados em Poções durante o ano inteiro? Ele confiscaria e destruiria o livro que tinha ensinado tanto a Harry o ano inteiro? ... O livro havia se tornado uma espécie de guia e amigo? Harry não podia deixar isso acontecer,... Não podia...

- Onde você estava? Porquê você está ensopado? E esse sangue? Rony estava parado no alto das escadarias, olhando fascinado, o aspecto de Harry.

- Eu preciso de seu livro, Harry arquejou. Seu livro de Poções. Rápido... Me de ele...

- Mas e o do príncipe?

- Eu explicarei depois!

Rony tirou seu livro de Poções Avançadas da bolsa e entregou; Harry correu para o salão comunal. Aqui, pegou sua mochila ignorando os olhares assustados dos alunos que já tinham terminado o jantar, se atirou pelo buraco do retrato, e correu ao longo do corredor do sétimo andar.

Ele deslizou por uma parede ao lado da tapeçaria dos duendes dançantes, e fechando os olhos começou a caminhar.

- Eu preciso de um lugar para esconder meu livro... Eu preciso de um lugar para esconder meu livro... Eu preciso de um lugar para esconder meu livro...

Ele passou três vezes para cima e para baixo da parede branca. Quando abriu seus olhos, estava lá enfim: a porta para a Sala Precisa. Harry puxou para abrir, e se lançou para dentro, batendo a porta.

Ofegou. Apesar da sua pressa, do seu pânico, do medo do que o esperava quando voltasse ao banheiro, não poderia se intimidar pelo que estava vendo. Ele estava em um quarto do tamanho de uma catedral grande, cujas janelas eram altas e enviavam feixes de luz para baixo, o que parecia uma cidade com paredes imponentes, construídas, pelo que Harry soube, por objetos de gerações antepassadas de Hogwarts.

Havia becos e estradas limitadas por pilhas de mobílias estragadas e quebradas, guardadas ali, talvez, para esconder magias mal-feitas, ou então por elfos domésticos orgulhosos. Havia milhares e milhares de livros, que sem dúvida eram roubados, rabiscados ou proibidos. Havia catapultas aladas e

Frisbees Dentados, alguns, com vida o suficiente para pairar sobre as montanhas de outras coisas proibidas; Haviam garrafas de poções congeladas, chapéus, jóias, capas; algo que parecia cascas de ovo de dragão, garrafas arrolhadas cujos conteúdos ainda brilhavam, várias espadas enferrujadas e um machado pesado, manchado de sangue.

Harry se apressou adiante de um dos becos entre todos esses tesouros escondidos.

Ele virou a direita após um enorme duende gigante, correu por um curto caminho, tomou a esquerda no armário de Desaparecimento quebrado, no qual Montague perdeu-se no ano anterior, parando finalmente ao lado de um armário grande que parecia ter ácido jogado sobre a superfície embolorada. Ele abriu o armário, rangendo as portas: já tinha sido usado como esconderijo para alguma jaula que morreu há muito tempo; seu esqueleto tinha cinco pernas. Ele colocou o livro do Príncipe Mestiço escondido atrás da gaiola e bateu a porta. Ele parou por um momento, seu coração batendo horrivelmente, contemplando toda desordem ao redor... Ele poderia achar este local novamente entre toda essa tranqueira?

Ele prendeu o busto lascado de um feiticeiro velho em cima de um engradado, colocou em pé sobre o armário que o livro estava escondido, empoleirou uma peruca velha e uma tiara manchada na cabeça de estátuas deixando mais distintivo, então voltou pelos becos de tranqueiras escondidas tão rápido quanto ele chegou, voltou para porta, saiu para o corredor e a porta atrás dele voltou-se imediatamente a virar pedra.

Harry correu para o banheiro do andar de baixo, colocando a copia de Poções Avançadas de Rony dentro da mochila. Um minuto depois, ele estava em frente a Snape que esticou a mão em direção a mochila de Harry. Harry lhe entregou, arquejando, uma dor queimava em seu peito e esperou.

Um por um, Snape extraiu os livros de Harry e examinou. Finalmente, o único que restava era o livro de Poções, que ele olhou muito cuidadosamente antes de falar.

- Este é seu livro de Poções Avançadas, Potter?

- Sim, disse Harry, ainda tomando fôlego.

- Você esta certo disso, está, Potter?

- Sim disse Harry desafiante.

- Este é o livro de Poções Avançadas que você comprou da Floreios e Borrões?

- Sim disse Harry firmemente.

- Então por que perguntou Snape, tem o nome 'Roonil Wazlib' escrito dentro da Contra-capa?

O coração de Harry perdeu uma batida.

- É meu apelido ele disse.

- Seu apelido Snape repetiu. Sim... É assim que meus amigos me chamam disse Harry.

- Eu sei o que é um apelido disse Snape. O frio dos seus olhos pretos eram enfadonhos e marcavam Harry novamente; ele tentou não olhar. Feche sua mente...

- Feche sua mente... Mas ele nunca tinha aprendido a fazer isto corretamente...

- Sabe o que eu acho, Potter? Disse Snape, muito calmamente. Eu acho que você é um mentiroso e fraudulento que merece detenção comigo todos os sábados até o fim do ano. O você acha, Potter?

- Eu, eu não concordo, senhor disse Harry, ainda recusando olhar nos olhos de Snape.

- Bem, nós veremos como você sente depois de suas detenções, disse Snape.

- Sábado de manhã às dez horas, Potter. Meu escritório.

- Mas senhor... Disse Harry, observando desesperadamente. Quadribol... Última partida...

- Dez horas sussurrou Snape, com um sorriso que mostrou os dentes amarelos dele.

- Pobre Grifinória... Quarto lugar este ano, eu temo...

E deixou o banheiro sem mais palavras, deixando Harry fitar o espelho quebrado sentindo-se doente, como ele tinha certeza, que Rony nunca tinha sentido na vida dele.

- Eu não vou falar 'eu te disse', disse Hermione, uma hora depois no salão comunal.

- Deixe-o, Hermione disse Rony furiosamente.

Harry nunca fez isso no jantar; ele não tinha apetite algum. Ele tinha há pouco contado a Rony, Hermione e Gina, o que tinha acontecido, não que parecia ter necessidade. As notícias correram rápido: Murta que Geme aparentemente tinha visitado todos banheiros contando a história; Malfoy já tinha sido visitado na ala hospitalar por Pansy Parkinson que não perdeu tempo em caluniar Harry de longe, e Snape contou precisamente a todos o que havia acontecido.

Harry já tinha sido chamado ao salão comunal para suportar quinze minutos altamente desagradáveis na companhia da Professora McGonagall, que lhe dizia como ele tinha sorte em não ter sido expulso e apoiou sinceramente o castigo que Snape lhe deu, de cumprir detenção todos os sábados até o final do período.

- Eu lhe falei que havia algo errado com a pessoa do Príncipe, disse Hermione, evidentemente incapaz de se parar. E eu tinha razão, não tinha?

- Não, eu não penso que você tem, obstinadamente, Harry disse.

Ele estava tendo um tempo o suficiente ruim sem precisar do que Hermione dizia; os olhares nos rostos do jogadores do time da Grifinória quando ele tinha lhes falado que não poderia jogar no sábado, foi o pior castigo de tudo. Ele poderia sentir os olhos de Gina nele, mas não os encontrou; não queria ver decepção ou raiva lá. Ele tinha há pouco lhe falado que ela estaria jogando como apanhadora no sábado e aquele Dino Thomas estaria se reunindo ao time como Artilheiro no lugar dela. Talvez, se eles ganhassem, Gina e Dino fariam as pazes durante a euforia das comemorações. . . O pensamento passou por Harry como uma faca fria. . .

- Harry, disse Hermione, como você ainda tolera aquele Príncipe depois que ele escreveu aquele feitiço...

- Para de falar sobre o livro! Interrompeu Harry. O Príncipe só copiou isto na margem! Não é como se ele estivesse aconselhando qualquer um para usar o feitiço! Tudo que nós sabemos, é que ele estava fazendo uma nota de algo que tinha sido usado contra ele!

- Eu não acredito nisto, disse Hermione. Você está realmente o defendendo...

- Eu não estou me defendendo do que fiz! Disse Harry depressa. Eu queria que não tivesse feito isto, e não é só porque eu tenho uma dúzia de detenções. Você sabe que eu não teria usado um feitiço assim, nem mesmo em Malfoy, mas você não pode culpar o Príncipe, ele não escreveu: 'experimente isto, é

realmente bom! Ele estava fazendo notas para si próprio, ele não estava fazendo para um outro qualquer. . . .

- Você está me falando, disse Hermione, que você vai voltar e...?

- E pegar o livro? Sim, eu vou, disse Harry vigorosamente. Escute, sem o Príncipe eu nunca teria ganhado o Felix Felicis. Eu nunca teria sabido salvar o Rony quando ele estava envenenado, eu nunca teria...

- Adquirido uma reputação brilhante em Poções, ao qual você não merece, disse Hermione sordidamente.

- Dá um tempo, Hermione! – disse Gina, e Harry estava tão maravilhado, tão agradecido, que olhou pra cima. Pelo som, Malfoy estava tentando usar uma Maldição Imperdoável, você deveria estar feliz por Harry ter tirado algo bom da manga!

- Bem, claro que eu estou feliz de Harry não ter sido amaldiçoado! Disse Hermione, claramente estarecida. Mas você não pode dizer que aquele feitiço Sectumsempra seja bom, Gina, olhe onde ele o jogou! E eu tenho pensado, vendo o que isso acabou com suas chances no jogo...

Oh, não comece como se você entendesse de Quadribol, - escapou Gina, você só se atrapalha.

Harry e Rony se encararam: Hermione e Gina, que sempre haviam se dado muito bem uma com a outra, estavam agora sentadas com os braços cruzados, claramente em direções opostas. Rony olhou nervosamente para Harry, e então agarrou um livro por acaso e escondeu-se atrás dele. Harry, de alguma maneira, achou que ele sabia que merecia isso, mas sentiu-se incredivelmente alegre, mesmo que nenhum deles tenham se falado pelo resto da tarde.

Sua alegria porém, durou pouco. Eles teriam de aturar a zombaria da Sonserina no dia seguinte, sem mencionar na raiva dos companheiros da Grinfinória, que estavam infelizes porque seu capitão havia sido expulso do jogo final da temporada. Na manhã de sábado, o que quer que seja que Harry disse a Hermione, Harry teria trocado alegremente todos os Felix Felicis do mundo para estar se encaminhando para a quadra de Quadribol com Rony, Gina e os outros. Era praticamente insuportável fugir da massa de alunos que corriam em direção ao sol, todos eles vestindo chapéus e agitando bandeiras e cartazes, descer os degraus de pedra e entrar dentro das masmorras onde ouvir os sons da multidão era quase impossível, sabendo também que não poderia ouvir um comentário sequer ou um aplauso ou vaia.

- Ah, Potter, disse Snape, quando Harry bateu em sua porta e entrou na desagradável e familiar sala na qual Snape, que estaria lecionando em outro andar, ainda não havia liberado; era repugnante ver os mesmos seres mortos submersos em poções coloridas distribuídas em todas as estantes. Obviamente haviam várias caixas empilhadas na mesa onde Harry supostamente deveria sentar-se; pela áurea, Snape daria um tedioso, difícil e obtuso trabalho para ele.

- Sr. Filch estava procurando alguém para limpar estes arquivos antigos, disse Snape suavemente. Eles são as relíquias dos malfeitores de Hogwarts e seus castigos. Onde a tinta borrou, ou onde há pedaços de pergaminhos comidos pelos ratos, nós gostaríamos que você copiasse os crimes e punições e, tendo certeza de que eles estejam em ordem alfabética, colocasse nestas caixas.

- Você não está autorizado a usar magia.

- Certo, Professor, disse Harry, com tanto desprezo quanto ele poderia pôr nas últimas três sílabas.

- Eu pensei que você poderia começar, disse Snape, com um sorriso malicioso nos lábios, Nas caixas de numero 1020 a 1056. Você irá encontrar alguns nomes familiares dentro, o que poderá aumentar seu interesse no trabalho...Você verá...

Ele tirou uma carta entre as caixas que estavam no topo e leu: James Potter e Sírius Black. Apreendidos usando um feitiço ilegal em Bertram Aubrey. Aubreys tinha o dobro do tamanho normal. Dupla detenção. Snape riu. Deve ser muito reconfortante, pensar que eles foram, um recorde permanentemente em nossos arquivos.

Harry sentiu a sensação familiar de seu estomago estar borbulhando. Mordendo sua língua para prevenir uma futura retaliação, ele sentou de frente para as caixas e se encostou em outra.

Era, como Harry já previra, o mais chato, e inútil trabalho, já feito (como Snape havia planejado). Com a usual pontada no estômago, o que significava que ele acabara de ler o nome de seu pai ou de seu padrinho, usualmente metidos em diversas confusões, ocasionalmente acompanhados por Remus Lupin e Peter Pettigrew. Enquanto ele copiava todas as suas ofensas e punições, ele queria saber o que estava acontecendo lá fora, o jogo já deveria ter começado. . .

Gina como apanhadora contra Cho...

Harry olhava de tempos em tempos para o relógio pendurado na parede. Parecia estar se movendo muito mais devagar que um relógio normal; talvez Snape o tivesse enfeitiçado para que ele fosse mais devagar? Ele não poderia estar ali por apenas meia hora... Uma hora... Uma hora e meia. . .

O estomago de Harry começou a revirar quando o relógio marcou quinze para o meio dia. Snape, que não falou nada desde que deu a Harry sua tarefa, finalmente se levantou as dez para uma.

- Faremos o seguinte, ele disse friamente. Marque o lugar de onde parou. Você irá continuar às dez horas no próximo sábado.

- Sim, senhor.

Harry colocou uma carta para marcar de onde havia parado e saiu correndo pela porta antes que Snape pudesse mudar de idéia, correndo pelos corredores, apertando os ouvidos para tentar escutar alguma coisa sobre o jogo, mas tudo estava quieto... Já havia terminado.

Ele hesitou um momento fora do lotado Salão Principal, depois correu pela escadaria, se Grifinória tivesse ganhado ou perdido, eles usualmente celebravam ou choravam na sua própria sala comunal.

- Quidagis? Ele disse tendencioso para a Mulher Gorda, pensando no que poderia ter dentro.

Sua expressão era ilegível, ela disse: Você verá...

E ela virou o quadro.

Um som de celebração eclodiu atrás dela. Harry parou quando as pessoas começaram a gritar atrás dele, ele foi carregado pela multidão.

- Nós vencemos! Gritou Rony, puxando o para dentro da sala e agitando a Taça de Prata para Harry. Nós vencemos! Quatrocentos e cinqüenta a cento e quarenta!

- Nós ganhamos!

Harry olhou a sua volta; Gina estava correndo em sua direção; ela tinha um largo sorriso no rosto quando se jogou em seus braços. E sem pensar, sem

planejar, sem se preocupar com o fato de ter 50 pessoas em volta. Harry a beijou.

Depois de um longo momento — que lhe pareceu mais ou menos uma meia hora — ou possivelmente várias manhãs de sol — eles se separaram. A sala estava muito silenciosa. Mas então várias pessoas assobiaram e começaram a dar uma série de risadas nervosas. Harry olhou por cima da cabeça de Gina para ver Dimas Thomas segurando um copo quebrado em sua mão, e Romilda Vance olhando como se fosse atirar alguma coisa. Hermione estava radiante, mas Harry estava procurando Rony com os olhos. Finalmente Harry o encontrou, ainda segurando a taça, e com uma expressão apropriada de quem tinha levado uma pancada na cabeça. Durante uma fração de segundo eles se olharam, e Rony deu um pequeno aceno com a cabeça, que Harry entendeu significar; Bem – se você quer...

A criatura em seu peito rugiu em triunfo, ele sorriu para Gina e indicou, silenciosamente o lado de fora do buraco do retrato. Um longo passeio pela propriedade parecia conveniente, durante o qual - SE eles tivessem tempo – eles poderiam discutir a partida.

--Capítulo 25--
O Vidente ouvido secretamente

O fato de que Harry Potter estava saindo com Gina Weasley pareceu interessar um grande número de pessoas, na maioria garotas; apesar disso Harry sentiu-se feliz pelas fofocas que aconteceram durante algumas semanas. Afinal, era uma boa mudança ser assunto por um motivo que o estava deixando mais feliz do que ele podia se lembrar em longo tempo, ao invés de virar fofoca por estar envolvido em horríveis cenas de magia negra.

- Você pensaria que as pessoas têm assuntos melhores pra fofocar - disse Gina, enquanto se sentava no chão da sala comunal, encostando-se às pernas de Harry e lendo o Profeta Diário. Três ataques de dementadores em uma semana, e tudo o que Romilda Vane me pergunta é se é verdade que você tem um Hipogrifo tatuado no peito.

Rony e Hermione riram. Harry os ignorou.

- O que você disse pra ela?

- Eu disse que é um Rabo-Córneo Húngaro, falou Gina, virando a página do jornal preguiçosamente. Muito mais masculino.

- Obrigado disse Harry, sorrindo. E o que você disse pra ela que o Rony tem?

- Um Ursinho Anão, mas não disse onde.

Rony olhou zangado enquanto Hermione rolava de rir.

- Cuidado! Ele disse, apontando para Harry e Gina. Só porque eu dei minha permissão não significa que eu não posso retirá-la.

- Permissão? Zombou Gina. Desde quando você me dá permissão pra fazer alguma coisa? De qualquer forma, você mesmo disse que preferia que fosse Harry ao invés de Michael ou Dino.

- Sim, eu prefiro disse Rony de má vontade. Contanto que vocês não comecem a se agarrar em público.

- Seu hipócrita! E você e Lilá, se pegando como enguias em todos os lugares? perguntou Gina.

Mas a tolerância de Rony não estava pra ser testada enquanto eles entravam em Junho, e o tempo de Harry e Gina juntos tinha se tornado muito restrito. Os NOM's de Gina estavam se aproximando, portanto ela era forçada a revisar as matérias até de noite. Em uma delas, quando Gina foi para a biblioteca e Harry estava sentado perto da janela do salão comunal, supostamente terminando sua lição de Herbologia quando na realidade estava revivendo uma hora particularmente alegre que ele passou perto do lago com Gina na hora do almoço, Hermione se largou no assento entre Harry e Rony com uma expressão positivamente desagradável.

- Quero falar com você Harry.

- Sobre o que? Disse Harry desconfiado. No dia anterior, Hermione tinha lhe dado uma bronca por distrair Gina quando ela deveria estar se preparando para seus exames.

- Sobre o que se autodenomina Príncipe Mestiço.

- Ah, não isso de novo, ele suspirou. Deixe isso pra lá, por favor?

Ele não tinha se atrevido a voltar à Sala Precisa para retirar o livro, e sua performance em Poções estava sofrível. (apesar de Slughorn, que aprovava Gina, ter comicamente atribuído isso ao fato de Harry estar doente de amor). Mas Harry estava certo de que Snape ainda não tinha desistido de colocar as

mãos no livro, e estava determinado a deixá-lo onde estava enquanto Snape continuasse observando.

- Não deixo pra lá, não disse Hermione firmemente, Até você me escutar. Agora, eu venho tentado encontrar alguma coisa sobre quem teria como hobby inventar feitiços obscuros.

- Ele não fazia disso um hobby....

- Ele, ele - quem disse que é 'ele'?

- Nós já discutimos isso disse Harry zangado. Príncipe, Hermione, Príncipe!

- Certo! Disse Hermione, com as bochechas vermelhas enquanto puxava um pedaço de jornal bem velho de dentro de sua mala e batia na mesa que estava na frente de Harry. Olhe isso! Olhe esta foto!

Harry pegou o pedaço de papel e encarou a foto em movimento, amarelada pela idade. Rony se inclinou para olhar também. A foto mostrava uma garota magrinha, por volta dos 15 anos. Ela não era bonita, parecia aflita e mau-humorada ao mesmo tempo, com uma forte expressão e uma pele pálida. Embaixo da foto vinha a legenda: Eileen Prince, capitã do time de Bexigas de Hogwarts.

- E...? Disse Harry, lendo a curta notícia à qual a figura pertencia. Era uma história sobre competições intercolegiais.

- O nome dela era Eileen Prince. Prince, Harry.

Eles se olharam e então Harry percebeu o que Hermione estava tentando dizer. Ele começou a rir.

- Sem chances.

- O quê?

- Você acha que ela era o Príncipe Mestiço...? Ah, fala sério....

- Bom, por que não? Harry, não existem príncipes no mundo dos bruxos. Ou isso é um apelido, um título inventado que alguém deu para si mesmo, ou pode ser seu nome de verdade, não pode? Preste atenção! Se, digamos, o pai dela fosse um bruxo com o sobrenome 'Prince', e sua mãe fosse trouxa, isso a faria o 'Príncipe Mestiço!'.

- Sim, muito engenhoso, Hermione....

- Mas faria! Talvez ela tivesse orgulho de ser uma meio Prince!

- Ouça, Hermione, eu posso dizer que não é uma garota. Simplesmente posso.

- A verdade é que você não pensa que uma garota pode ter sido esperta suficiente, disse Hermione brava.

- Como eu posso ter andado com você por cinco anos e não pensar que as garotas são espertas? Disse Harry atormentado. É o jeito que ele escreve. Eu simplesmente sei que o príncipe era um homem. Essa garota não tem nada a ver com isso. Alias, onde você arranjou isso?

- Na biblioteca. Disse Hermione, previsivelmente. Tem toda uma coleção de velhos Profetas lá em cima. Bom, eu vou encontrar mais sobre Eileen Prince se eu puder.

- Divirta-se. Disse Harry irritado.

- Eu vou! Disse Hermione. E o primeiro lugar que eu irei olhar, disse ela pra Harry, assim que chegou ao buraco do retrato da mulher gorda, é o registro de antigos prêmios de Poções!

Harry olhou zangado para ela por um momento, e então continuou a contemplar o céu que escurecia.

- Ela nunca vai superar o fato de que você se deu melhor que ela em Poções, disse Rony, retornando a sua cópia de 1000 ervas mágicas e fungos.

- Você não acha que estou louco, por querer aquele livro de volta, acha?
- Claro que não, disse Rony vigorosamente. Ele era um gênio, o príncipe. De qualquer forma, sem a dica do bezoar... Ele passou o dedo pela própria garganta de maneira significativa, Eu não estaria aqui pra discutir isso, estaria?
- Digo, não estou falando que o feitiço que você usou no Malfoy era ótimo....
- Nem eu, disse Harry rapidamente.
- Mas ele se curou bem, não? Ficou de pé novamente bem rápido.
- Sim, disse Harry; isso era perfeitamente verdade, apesar de que sua consciência dizia aborrecida: 'Graças ao Snape...'
- Você ainda tem detenção com o Snape nesse sábado? - Rony continuou.
- Sim, e no sábado depois desse, e no outro, disse Harry. E ele está dizendo agora que se eu não tiver terminado todas as caixas até o fim do período, nos continuaremos no ano que vem.

Ele estava achando essas detenções particularmente cansativas porque diminuía ainda mais o já limitado tempo que ele podia passar com Gina. De fato, ele vinha imaginando ultimamente que Snape sabia disso, porque ele segurava Harry até mais tarde, em cada sábado, enquanto falava sobre Harry estar perdendo o bom tempo e as diversas oportunidades que este oferecia.

Harry foi sacudido dessas amargas reflexões pela chegada de Jimmy Peakes, que estava segurando um pedaço de pergaminho.

- Obrigado Jimmy... Hei, é do Dumbledore! Disse Harry excitado, desenrolando o pergaminho e começando a ler. Ele quer que eu vá até a sala dele o mais rápido possível!

Eles se encararam.

- Caramba, sussurrou Rony, Você não acha... ele não encontrou...?

- Melhor eu ir e ver, não? - disse Harry, levantando.

Ele correu para fora da sala comunal e foi até o sétimo andar o mais rápido que pode, sem passar por ninguém além de Pirraça, que passava indo à direção oposta, jogando pedaços de giz em Harry de forma costumeira e rindo alto quando se esquivava da azaração defensiva de Harry. Assim que Pirraça foi embora, o corredor ficou em silêncio; com apenas 15 minutos para o toque de recolher a maioria das pessoas já tinha retornado para seus salões comunais.

E então Harry ouviu um grito e um estampido. Ele parou e escutou.

- Como - você - se - atreve - aaaaaargh!

O barulho estava vindo de um corredor próximo. Harry correu em sua direção, com sua varinha pronta, virou mais um canto e viu a Professora Trelawney estirada no chão, sua cabeça coberta por um de seus muitos xales, diversas garrafas de vinho ao lado dela, uma quebrada.

- Professora....

Harry se apressou e ajudou a Professora Trelawney a se levantar. Algumas de suas brilhantes contas tinham emaranhado com seus óculos. Ela soluçou alto, arrumou o cabelo, e se apoiou no braço que Harry ofereceu.

- O que aconteceu, professora?

- Você pode perguntar! Disse ela numa voz aguda. Eu estava caminhando por aí, meditando sobre alguns obscuros presságios que eu tive....

Mas Harry não estava prestando muita atenção. Ele tinha acabado de notar onde eles estavam parados. À sua direita tinha a tapeçaria dos trasgos dançantes e a esquerda aquela impenetrável parede de pedra que guardava...

- Professora, você estava tentando entrar na Sala Precisa?

- ... Anunciavam que eu fui autorizada - o quê?

- De repente ela pareceu sagaz.

- A Sala Precisa, repetiu Harry. Você estava tentando entrar lá?

- Eu - bem - eu não sabia que os alunos sabiam sobre....

- Nem todos sabem, disse Harry. Mas o que aconteceu? Você gritou! Soou como se você estivesse machucada....

- Bem - eu, disse Professora Trelawney, tirando seu xale e olhando para ele como seus vastos e magníficos olhos. Eu queria - ah - colocar certos- hum - itens pessoais na Sala... E ela murmurou algo como desagradáveis acusações.

- Certo, disse Harry, olhando para as garrafas de vinho logo abaixo. Mas você não conseguiu entrar e escondê-las?

Ele achou isso muito estranho. A sala abriu pra ele, quando ele quis esconder o livro do Príncipe Mestiço.

- Oh, eu entrei sim, disse Professora Trelawney, encarando a parede. Mas já havia alguém lá dentro.

- Alguém lá -? Quem? Perguntou Harry. Quem estava lá dentro?

- Não tenho nem idéia, disse a professora, estranhando a urgência na voz de Harry. Eu entrei na sala e ouvi vozes, o que nunca tinha acontecido em todos os meus anos de esconder - de usar a sala, digo eu.

- Uma voz? Dizendo o quê?

- Eu não sei, não estava falando nada, disse Trelawney. Estava... gritando!

- Gritando?

- Alegremente, ela disse, balançando a cabeça afirmativamente.

Harry a encarou.

- Era homem ou mulher?

- Eu diria que era um homem, disse a professora.

- E parecia feliz?

- Muito feliz, disse Trelawney desdenhosamente.

- Como se estivesse celebrando?

- Definitivamente....

- E então...?

- E então eu disse 'Quem está aí?'....

- Você não poderia ter descoberto quem era sem perguntar? - Perguntou Harry, meio frustrado.

- A visão interior, disse a professora com dignidade, esticando seu xale e vários cordões de contas brilhantes, está fixada sobre coisas além do mundano campo das alegres vozes.

- Certo, disse Harry de forma hostil. Ele ouvira falar da visão interior da professora com muita frequência antes. E a voz disse quem estava lá?

- Não, não disse, falou a professora. Tudo escureceu e logo em seguida eu estava sendo arremessada de ponta cabeça para fora da sala!

- E você não previu isso? Disse Harry, sem conseguir se conter.

- Não, eu não previ, como eu disse, estava escuro. Ela parou e fixou os olhos nele suspeitamente.

- Eu acho que você deve contar ao Professor Dumbledore, disse Harry. Ele deve saber que Malfoy está celebrando - quer dizer, que alguém jogou você para fora da sala.

Para sua surpresa, Professora Trelawney o olhou de forma arrogante depois dessa sugestão.

- O diretor disse que ele prefere receber menos visitas minhas, disse ela, friamente. Eu não vou pressionar a minha companhia sobre aqueles que não a valorizam. Se Dumbledore escolhe ignorar os avisos que as cartas mostram.... Sua mão ossuda se fechou de repente em torno do pulso de Harry.

- De novo e mais uma vez, não importa como eu as tire...

E ela puxou uma carta dramaticamente de dentro de seu xale.

A brilhante torre, ela sussurrou. - Calamidade. Desastre. Vindo mais perto todo o tempo....

- Certo, disse Harry novamente. Bem... Eu ainda acho que você deve contar ao Dumbledore sobre essa voz e sobre tudo ter escurecido e você ter sido jogada pra fora da sala....

- Você acha? A professora parecia estar considerando o assunto por um instante, mas Harry podia dizer que ela gostou da idéia de recontar sua pequena aventura.

- Eu estava indo vê-lo agora. Disse Harry. Eu tenho uma reunião com ele. Nós podemos ir juntos.

- Bom, neste caso, disse a professora com um sorriso. Ela se abaixou, pegou suas garrafas de vinho e as jogou sem cerimônia num grande vaso azul e branco que ficava em um vão ali perto.

- Eu sinto falta de lhe ter nas minhas aulas, Harry, disse ela de modo nobre, quando eles começaram a andar juntos. Você não tinha muito talento como vidente... mas era um maravilhoso Objeto....

Harry não respondeu. Ele tinha odiado ser o objeto de predição de futuro da professora.

- Eu acho que, ela continuou, que o cavalo – quer dizer, o centauro – não sabe nada de cartomancia. Eu perguntei pra ele – de um vidente para outro – se ele não estava sentindo a vibração de catástrofes chegando, também? Mas ele pareceu me achar quase cômica. Sim, cômica.

Sua voz soou meio histérica e Harry sentiu um poderoso bafo de vinho, mesmo com as garrafas de vinho tendo ficado para trás.

- Talvez o cavalo tenha ouvido que eu não herdei o dom da minha tetravó. Esses rumores têm sido espalhados pelos invejosos por muitos anos. Você sabe o que eu digo pra esse tipo de pessoa, Harry? Dumbledore teria me deixado ensinar nessa maravilhosa escola, colocado tanta confiança em mim todos esses anos, se eu não tivesse me provado pra ele?

Harry resmungou algo indistinto.

- Eu bem me lembro da minha primeira entrevista com o Dumbledore, continuou Professora Trelawney, em um tom gutural. Ele estava profundamente impressionado, claro, profundamente impressionado... Eu estava hospedada no Cabeça de Javali, que, aliás, eu não recomendo – insetos na cama, querido – mas os fundos estavam baixos. Dumbledore fez a cortesia de me chamar no meu quarto da hospedaria. Ele me perguntou... Eu devo confessar que no começo ele parecia desconfiado com relação à Adivinhação... eu lembro que eu estava começando a me sentir mal, não tinha comido nada naquele dia... mas então...

E agora Harry estava prestando atenção, provavelmente pela primeira vez, porque ele sabia o que tinha acontecido então: a professora tinha feito a profecia que alterou todo o curso da vida dele, a profecia sobre ele e Voldemort.

- ... mas então nós fomos bruscamente interrompidos por Severo Snape!

- O quê?!

- Sim, havia um barulho lá fora e então a porta abriu, e lá estava aquele estranho barman parado com Snape, que estava dizendo que tinha subido pelo lado errado, apesar de que eu acho que ele estava pretendendo escutar a minha entrevista com Dumbledore – veja, ele mesmo estava procurando um emprego naquele momento, e sem dúvidas esperava pegar algumas dicas!

- Bom, depois disso, sabe, Dumbledore pareceu muito mais disposto para me dar o emprego, e eu não consegui evitar de pensar, Harry, que isso aconteceu porque ele apreciou o rígido contraste entre os meus modestos modos e absoluto talento, comparado com o impulsivo jovem que estava pronto para ouvir pelo buraco da fechadura – Harry, querido?

Ela olhou pra trás, só percebendo agora que Harry não estava mais com ela; ele tinha parado de andar e eles estavam agora a 10 passos um do outro.

- Harry? Ela repetiu, incerta.

Talvez o rosto dele estivesse branco, para fazer com que ela parecesse tão preocupada e assustada. Harry estava parado, chocado, apagando tudo menos a informação que tinha sido escondida dele por tanto tempo...

- Foi Snape quem ouviu a profecia. Foi Snape quem levou as notícias da profecia para Voldemort. Snape e Pedro Pettigrew mandaram, juntos, Voldemort perseguir Lílian, Tiago e seu filho...

Nada mais importava para Harry agora.

- Harry? Disse a professora mais uma vez. Harry – eu achei que nós iríamos ver o diretor juntos?

- Você fica aqui, disse Harry através de seus lábios paralisados.

- Mas, querido... eu ia contar a ele como eu fui atacada na Sala ...

- Você fica aqui! Repetiu Harry bravo;

Ela pareceu preocupada quando ele passou por ela, virou o canto rumo ao corredor onde ficava a gárgula que permitia a entrada no escritório de Dumbledore. Harry gritou a senha e subiu correndo a escada espiral, três degraus por vez. Ele espancou a porta, ou invés de bater. E a calma voz respondeu 'entre' depois que Harry já tinha se arremessado pra dentro da sala. Fawkes, a fênix olhou em volta, seus brilhantes olhos pretos vislumbrando o pôr do sol pela da janela. Dumbledore estava próximo à janela olhando para os terrenos com uma capa preta de viagem em seus braços.

- Bom, Harry, eu prometi que você poderia vir comigo.

Por um momento, ou dois, Harry não entendeu. A conversa com Trelawney tinha tirado todo o resto de sua cabeça e seu cérebro parecia se mover de forma bem devagar.

- Ir... com você?

- Claro que somente se você quiser....

- Se eu....

E então Harry lembrou porque tinha sido chamado, a princípio, para ir ao escritório de Dumbledore.

- Você achou um? Você achou um Horcrux?

- Acredito que sim.

Raiva e ressentimento começaram a lutar contra o choque e empolgação. Por alguns momentos, Harry não conseguiu falar.

- É natural sentir medo, disse Dumbledore.

- Eu não estou com medo! Disse Harry de uma vez, e era perfeitamente verdade.

Medo era uma emoção que ele não estava sentindo. - Qual Horcrux é? Onde está?

- Eu não tenho certeza de qual é – apesar de que acho que podemos esquecer a cobra - mas eu acredito que está escondido numa caverna a milhares de quilômetros daqui, uma caverna que eu venho tentando localizar por muito tempo: a caverna em que Tom Riddle uma vez aterrorizou duas crianças em uma das viagens anuais de seu orfanato, você se lembra?

- Sim, disse Harry. Como está protegido?

- Eu não sei. Eu tenho algumas suspeitas que podem estar completamente erradas, disse Dumbledore hesitante, e então disse, Harry eu prometi que você poderia vir comigo e eu mantenho essa promessa, mas seria muito errado da minha parte não o alertar para o fato de que será extremamente perigoso.

- Eu vou, disse Harry, antes mesmo de Dumbledore terminar de falar. Espumando de raiva de Snape, seu desejo de fazer algo desesperador e arriscado tinha aumentado dez vezes nos últimos minutos. Aparentemente isso tinha transparecido no rosto de Harry, porque Dumbledore se afastou da janela, e olhou mais de perto para Harry, uma pequena ruga surgindo entre suas sobrancelhas prateadas.

- O que aconteceu com você?

- Nada, mentiu Harry prontamente.

- O que te chateou?

- Eu não estou chateado.

- Harry, você nunca foi um bom oclumete.

Essa palavra inflamou a fúria de Harry.

- Snape! Disse Harry, muito alto, e Fawkes deu um suave graso atrás deles. Snape, foi o que aconteceu! Foi ele quem contou para Voldemort sobre a profecia, foi ele, ele ouviu por fora da porta, Trelawney me contou!

A expressão de Dumbledore não mudou, mas Harry percebeu que seu rosto empalideceu, por baixo do reflexo do sol que estava sumindo. Por um longo momento Dumbledore não falou nada.

- Quando você descobriu isso? Ele perguntou, finalmente.

- Agora! Disse Harry que estava se impedindo de gritar com grande dificuldade. E então, de repente, ele não conseguiu se conter. E VOCÊ O DEIXOU ENSINAR AQUI, E ELE DISSE PARA VOLDEMOR IR ATRÁS DE MINHA MÃE E MEU PAI!

Respirando com dificuldade como se tivesse lutado, Harry deu as costas para Dumbledore, que até então não tinha movido um músculo, e passeou pela sala, esfregando os nós de seus dedos e se contendo para não sair quebrando todas as coisas. Ele queria berrar com Dumbledore, mas ao mesmo tempo ele queria ir com ele e tentar destruir o Horcrux; ele queria dizer que Dumbledore era um velho idiota por confiar em Snape, mas estava com medo de que Dumbledore não o levasse se não controlasse sua raiva...

- Harry, disse Dumbledore calmamente. Por favor, me escute.

Foi difícil controlar seus nervos para não começar a gritar. Harry parou, mordeu seus lábios e olhou para o rosto de Dumbledore.

- O professor Snape cometeu um terrível....

- Não me diga que foi um engano, senhor, ele estava ouvindo através da porta!

- Por favor, deixe-me terminar. Dumbledore esperou que Harry acenasse e então continuou. Snape cometeu um terrível erro. Ele ainda era um empregado

de Lord Voldemort na noite em que ele ouviu metade da profecia da professora.

- Naturalmente, ele correu para contar ao seu mestre o que tinha ouvido, porque isso muito o interessava. Mas ele não sabia – ele não tinha como saber – qual garoto Voldemort iria perseguir dali em diante, ou que os pais que ele destruiria em sua saga assassina eram pessoas que ele, Snape, conhecia; que eles eram seus pais.

Harry deixou escapar uma risada melancólica.

- Ele odiava meu pai como odiava Sirius! Você não notou, Professor, como as pessoas que Snape odeia tendem a acabar morrendo?

- Você não tem idéia do remorso que Snape sentiu quando ele percebeu como Voldemort tinha interpretado a profecia, Harry. Eu acredito que tenha sido o maior arrependimento da vida dele e razão que fez com que ele voltasse....

- Mas ele é um ótimo oclumete, não é senhor? Disse Harry, cuja voz estava trêmendo com o esforço para mantê-la calma. E Voldemort não estava convencido de que Snape estava do lado dele, mesmo agora? Professor... como você pode ter certeza de que Snape está do nosso lado?

Dumbledore não falou nada por um instante. Ele parecia estar tentando organizar sua mente sobre alguma coisa. Enfim ele disse, - Eu tenho certeza. Eu confio completamente em Severo Snape.

Harry respirou profundamente por alguns instantes enquanto se esforçava para acalmar a si mesmo. Mas não funcionou.

- Bom, mas eu não! Disse ele tão alto quanto antes. Ele está tramando algo com Malfoy agora, bem debaixo de seu nariz, e você ainda ...

- Nós já discutimos isso, Harry, disse Dumbledore e agora ele parecia severo novamente. Eu já te contei minha visão.

- Você vai deixar a escola hoje à noite e eu aposto que você nem considerou que Snape e Malfoy podem decidir...

- Fazer o quê? Perguntou Dumbledore, com suas sobranceiras levantadas. O que você acha que eles estão fazendo, precisamente?

- Eu... eles estão aprontando alguma coisa! Disse Harry e ele cerrou os punhos enquanto falava. Professora Trelawney estava na Sala Precisa, tentando esconder suas garrafas de vinho quando ouviu Malfoy comemorando, celebrando! Ele estava tentando fazer algo perigoso lá dentro, e se você me perguntar, ele conseguiu e você está prestes a sair da escola sem...

- Chega, disse Dumbledore. Ele disse isso calmamente, mas mesmo assim Harry finalmente se calou. Ele sabia que tinha cruzado uma linha invisível.

-Você acha que alguma vez eu deixei a escola desprotegida durante minhas ausências esse ano? Não deixei. Esta noite, quando eu sair, haverá novamente proteção adicional por aqui. Por favor, não sugira que eu não levo a sério a segurança de meus alunos, Harry.

- Eu não - murmurou Harry, um pouco envergonhado, mas Dumbledore o interrompeu.

- Eu não quero mais discutir esse assunto.

Harry reprimiu sua resposta, com medo de ter ido longe demais, e com isso ter arruinado sua chance de acompanhar Dumbledore, mas este continuou, - Você gostaria de ir comigo hoje?

- Sim, disse Harry de uma vez.

- Muito bem, então: escute.

Dumbledore se levantou por completo.

- Eu te levo comigo com uma condição: que você obedeça qualquer ordem que eu dê, sem questionar.

- Claro.

- Tenha certeza de que me entendeu, Harry. Eu estou dizendo que você deve obedecer até mesmo ordens como 'corra', 'se esconda' ou 'volte'. Eu tenho sua palavra?

- Eu – sim, claro.

- Se eu falar para você se esconder, você se esconderá?

- Sim.

- Se eu falar pra você se esconder, você irá obedecer?

- Sim.

- Se eu falar para me deixar, e se salvar, você fará o que eu estarei dizendo?

- Eu...

- Harry?

Eles se olharam por um momento.

- Sim senhor.

- Muito bem. Então eu quero que você vá, pegue sua capa e me encontre no Saguão de Entrada em 5 minutos.

Dumbledore se virou e olhou para fora da flamejante janela. O sol agora estava vermelho no horizonte. Harry saiu rapidamente do escritório e desceu a escada espiral. Sua mente estava estranhamente clara. Ele sabia o que fazer.

Rony e Hermione estavam sentados juntos na sala comunal quando ele voltou.

- O que Dumbledore queria? – Hermione disse de uma vez. Harry, você está bem? Ela acrescentou ansiosa.

- Eu estou bem, disse Harry, passando rapidamente por eles. Ele subiu a escada e entrou no dormitório, abriu seu malão e tirou o Mapa do Maroto e um par de meias enroladas. Então ele se apressou a descer as escadas até a sala comunal, derrapando até o lugar onde Rony e Hermione estavam sentados, parecendo atordoados.

- Eu não tenho muito tempo, ofegou Harry, Dumbledore pensa que eu estou pegando minha Capa da Invisibilidade. Escutem...

Rapidamente ele contou aos dois onde estava indo e porquê. Não parou nem mesmo quando Hermione pareceu horrorizada ou quando Rony fez algumas perguntas; eles podiam adivinhar os detalhes por conta própria, depois.

- ... Então vocês entendem o que isto significa? Harry terminou de uma vez.

- Dumbledore não estará aqui esta noite, então Malfoy terá campo livre para o que quer que seja que ele está tramando. Não, me escutem! Ele disse bravo, quando Rony e Hermione deram sinais de que iam interromper. Eu sei que era Malfoy celebrando na Sala Precisa.

- Aqui - Ele jogou o Mapa do Maroto nas mãos de Hermione. Vocês tem que vigiar ele e Snape também. Usem qualquer pessoa que vocês conseguirem da AD também. Hermione, aqueles galeões que usávamos para contanto ainda funcionam, certo? Dumbledore disse que ele colocou proteção extra na escola, mas se Snape estiver envolvido, ele saberá que proteção é essa e como evitá-la – mas ele não estará esperando que vocês o estejam vigiando, estará?

- Harry - começou Hermione, seus olhos cheios de medo.

- Não tenho tempo para argumentar, disse Harry brevemente. Peguem isso também - Ele jogou a meia nas mãos de Rony.

- Obrigado, disse Rony. Hum – porque eu preciso de meias?

- Você vai precisar do que está dentro delas, é Felix Felicis. Dividam entre vocês e Gina. Digam 'tchau' a ela por mim. Eu preciso ir, Dumbledore está me esperando ...

- Não! Disse Hermione enquanto Rony desenrolava a pequena garrafa com a poção, olhando intimidado. Nós não queremos, leve você, pois você, o que você estará encarando?

- Eu ficarei bem, estarei com Dumbledore, disse Harry. Eu quero saber que vocês estarão bem... não olhe assim, Hermione. Vejo vocês depois.

E então ele correu para a saída do salão comunal rumo ao Saguão de Entrada. Dumbledore estava esperando ao lado da porta da frente. Ele se virou enquanto Harry vinha deslizando no degrau mais alto, ofegando alto e sentindo pontadas em um dos lados do corpo.

- Eu gostaria que você vestisse sua capa, por favor, disse Dumbledore, e esperou que Harry tivesse jogado a capa em si antes de dizer, Muito bem, vamos, então?

Dumbledore desceu os degraus de pedra, sua capa de viagem balançando no ar de verão. Harry se apressou para ficar ao lado dele, debaixo da capa da invisibilidade, ainda ofegando e suando muito.

- Mas o que as pessoas pensarão quando virem o senhor saindo, Professor? Harry perguntou, pensando em Malfoy e Snape.

- Que eu fui até Hogsmeade, beber, disse Dumbledore. Algumas vezes eu sou cliente de Rosmerta ou visito o Cabeça de Javali... É uma boa maneira de disfarçar meu verdadeiro destino.

Eles seguiram o caminho na passagem no crescente crepúsculo. O ar estava cheio de cheiros de grama quente, água do lago e fumaça de madeira vinda da cabana de Hagrid. Era difícil acreditar que eles estavam indo para algo perigoso e assustador.

- Professor, disse Harry calmamente, enquanto os portões apareciam no final do caminho, nós vamos aparatar?

- Sim, disse Dumbledore. Você consegue aparatar agora, não?

- Sim, disse Harry, mas eu não tenho a licença.

- Ele sentiu que era melhor ser honesto. E se ele estragasse tudo aparecendo a 100 metros de onde ele deveria aparecer?

- Não tem problema, disse Dumbledore, eu posso te ajudar novamente.

Eles saíram e entraram no deserto caminho para Hogsmeade. A escuridão aumentava rápido, e até eles atingirem a estrada à noite já tinha finalmente caído. Luzes brilhavam nas janelas das lojas, e quando se aproximaram do Três Vassouras eles ouviram um berro rouco.

- ... E permaneça aí fora! Gritou Madame Rosmerta, jogando para fora um bruxo com aparência suja. Oh, olá, Alvo... você saindo tão tarde....

- Boa noite, Rosmerta, boa noite... me perdoe, eu estou indo ao Cabeça de Javali... Não se ofenda, mas eu prefiro uma atmosfera mais quieta hoje...

Um minuto depois eles estavam virando a esquina, para o lado onde ficava o Cabeça de Javali, mas não havia nenhum barulho. Contrastando com o Três Vassouras, o pub parecia estar completamente vazio.

- Não vai ser necessário entrar, murmurou Dumbledore, olhando em volta. Contando que ninguém nos veja... agora coloque sua mão em cima do meu braço, Harry. Não tem necessidade de se agarrar com muita força, eu estarei simplesmente te guiando. No três – um... dois... três...

Harry girou. De uma vez, veio aquela horrível sensação de que ele estava sendo espremido em um fino tubo. Ele mal podia respirar, todo o corpo dele estava sendo comprimido, quase ultrapassando o tolerável e então, justamente quando ele pensou que estava sufocando, as fitas invisíveis pareceram abrir, e ele estava parado na gelada escuridão, respirando ar fresco e salgado.

--Capítulo 26--

A Caverna

Harry podia sentir o cheiro de sal e ouvir a agitação das ondas; uma leve e fria brisa passava pelo seu cabelo enquanto olhava o mar iluminado pela lua e o céu cheio de estrelas. Ele estava numa alta pedra escura, com água espumando e batendo em baixo dele. Ele olhou para trás. Um enorme penhasco sustentava-se atrás dele, com uma grande queda, preta e sem face. Alguns pedaços grandes de pedras, como a qual Harry e Dumbledore estavam, pareciam como se tivessem caído do penhasco em algum lugar no passado. Era uma escura, difícil visão, o mar e as pedras livres de qualquer árvore, areia ou grama.

- O que você acha? Perguntou Dumbledore. Ele poderia estar perguntando a opinião de Harry se aquele era um bom lugar para um piquenique, pelo seu tom de voz.

- Eles trouxeram as crianças do orfanato para cá? Perguntou Harry, que não poderia imaginar um local menos aconchegante para um passeio.

- Não aqui, exatamente, disse Dumbledore. Tem uma vila aqui perto. Eu acredito que os órfãos foram trazidos para cá para um pouco de brisa marinha e uma visão das ondas. Nenhum trouxa poderia alcançar essas rochas a não ser se fosse excelente em escalar, e barcos não podem se aproximar dessas pedras, pois as águas aqui são violentas. Eu acredito que Riddle desceu; magia serviria melhor do que cordas. E ele trouxe duas crianças com ele, provavelmente pelo prazer de aterrorizá-las. Eu acho que o passeio sozinho teria servido, não acha?

Harry olhou para cima do penhasco e sentiu calafrios.

- Mas o destino dele - e o nosso - fica um pouco mais a frente. Venha.

Dumbledore chamou Harry para o canto da pedra onde vários pedaços pontiagudos faziam uma escada levando para baixo, para a água e mais próximo ao penhasco.

Era uma descida traiçoeira e Dumbledore, atrapalhado por sua mão machucada, se movia lentamente. As pedras em baixo eram escorregadias. Harry podia sentir jatos de sal frio bater em seu rosto. Lumus, disse Dumbledore, quando alcançou a pedra mais próxima do penhasco. Mil feixes de luz dourada atingiram a escura superfície da água um metro abaixo de onde ele se agachou; a parede preta de pedras a seu lado estava iluminada também.

- Você vê? Disse Dumbledore quieto, segurando sua varinha mais alto. Harry viu um buraco no penhasco por onde a água estava entrando. Você não vai reclamar se ficar um pouco molhado?

- Não, disse Harry.

- Então tire sua capa da invisibilidade - não precisará dela agora - e vamos entrar na água. E com a agilidade de um homem muito mais jovem, Dumbledore desceu pela pedra e caiu no mar, começando a nadar perfeitamente bem, em direção ao espaço vazio e escuro na face da rocha, com a varinha entre os dentes. Harry tirou a capa, guardou no bolso e o seguiu. A água estava gelada; as roupas encharcadas de Harry se mexiam em volta dele e o afundavam. Respirando profundamente e enchendo seus pulmões com o odor de sal e algas, ele se dirigia para a luz cintilante, que ia se movendo para dentro do penhasco. A abertura logo levou para um túnel maior

que Harry pensou que se encheria de água na maré alta. As paredes com musgos estavam menos de um metro separadas e brilhavam como óleo quando a luz da varinha de Dumbledore se aproximava. Um pouco depois a passagem virava para a direita, e Harry viu que ia longe para dentro do penhasco. Ele continuou a nadar perto de Dumbledore, a ponta de seus dedos tocando de leve a dura e úmida pedra.

Então ele viu Dumbledore sair da água em frente, seu cabelo cinza e suas roupas escuras brilhando. Quando Harry atingiu o mesmo ponto ele encontrou degraus que levavam a uma grande caverna. Ele os subiu, água escorrendo de suas roupas encharcadas e saiu da água, trêmendo no ar parado e frio.

Dumbledore estava em pé no meio da caverna, sua varinha alta enquanto ele andava, examinando as paredes e o teto.

- Sim, esse é o lugar, disse Dumbledore.

- Como você sabe? Harry perguntou num sussurro.

- Tem magia conhecida. Dumbledore falou. Harry não sabia dizer se a trêmedeira que ele sentia era em relação ao frio ou ao mesmo sentimento da magia. Ele via enquanto Dumbledore continuava a se mexer, evidentemente se concentrando em coisas que Harry não podia ver. Essa é meramente a antecâmara, o salão de entrada, disse Dumbledore depois de um momento.

- Nós precisamos penetrar na parte principal... Agora são os obstáculos de Lord Voldemort que precisamos passar, não mais sendo os que a natureza fez....

Dumbledore se aproximou da parede da caverna e a acariciou com seus dedos escurecidos, murmurando palavras numa língua que Harry não compreendia. Duas vezes Dumbledore andou pela caverna, tocando o máximo possível a áspera pedra, parando às vezes, passando seus dedos por pontos específicos, até finalmente parar, sua mão pressionada contra a parede.

- Aqui, ele falou. Nós vamos por aqui. A entrada está fechada. Harry não perguntou como Dumbledore sabia. Ele nunca viu um bruxo descobrir coisas assim, simplesmente olhando e tocando; mas Harry tinha descoberto muito antes que barulhos e fumaça eram mais freqüentemente marcas de inaptidão do que de experiência. Dumbledore deu um passo para trás e apontou a varinha para a rocha. Por um momento, uma linha apareceu lá, brilhando como se tivesse uma forte luz atrás da parede.

- Você con-conseguiu! Disse Harry rangendo os dentes, mas antes que as palavras tivessem saído de sua boca a linha tinha desaparecido, deixando a pedra plana e sólida como antes. Dumbledore olhou ao redor.

- Harry, me desculpe, eu esqueci, ele falou; ele apontou a varinha para Harry e imediatamente suas roupas ficaram quentes e secas como se tivessem sido penduradas em frente a chamas de fogo.

- Obrigado, disse Harry agradecido, mas Dumbledore tinha voltado sua atenção para a parede sólida da caverna.

Ele não tentou fazer mais mágica, mas ficou em pé olhando para ela intensamente, como se algo extrêmamente interessante estivesse escrito nela. Harry permaneceu quieto; ele não queria quebrar a concentração de Dumbledore. Então, depois de dois sólidos minutos, Dumbledore falou baixo, - Ah, certamente não. Tão deselegante.

- O que é, Professor?

- Eu penso, disse Dumbledore, colocando sua mão normal dentro da roupa e pegando uma curta faca de prata do tipo que Harry usava para cortar os ingredientes de poções, que precisamos pagar para passar.

- Pagar? Disse Harry. Você tem que dar algo para a porta?

- Sim, disse Dumbledore. Sangue, se não me engano.

- Sangue?

- Falei que era deselegante, disse Dumbledore, que soava desdenhoso, até desapontado, como se Voldemort não chegasse mais ao nível que Dumbledore esperava. A idéia, como tenho certeza de que Voldemort pensava, era que seu inimigo tivesse que se enfraquecer para entrar. De novo, Lord Voldemort falhou em descobrir que há coisas piores que dores físicas.

- Sim, mas ainda, se você pode evitá-las... disse Harry, que tinha experimentado dor o suficiente para não querer mais.

- Às vezes, porém, é inevitável, disse Dumbledore, puxando a manga da roupa e expondo o antebraço da mão machucada.

- Professor! Protestou Harry, correndo para ele enquanto Dumbledore levantava a faca. Eu o faço, eu sou – ele não sabia o que dizer – mais jovem, mais saudável?

Mas Dumbledore meramente sorriu. Houve um brilho de prata e um jorrar de vermelho; a pedra foi coberta com gotas escuras e brilhantes.

- Você é muito gentil, Harry, disse Dumbledore, agora passando a ponta de sua varinha em cima do corte profundo que ele fez no próprio braço, de modo que se fechou imediatamente, assim como Snape fez com Malfoy, Mas seu sangue vale mais do que o meu.

- Ah, parece que funcionou, não? A linha cinza de um arco apareceu na parede de novo, mas dessa vez ela não desapareceu: A rocha molhada de sangue do lado de dentro simplesmente desapareceu, deixando um espaço aberto para o que parecia uma total escuridão. Depois de mim, eu acho, disse Dumbledore, enquanto andava pela passagem com Harry atrás, iluminando sua varinha rapidamente enquanto avançavam.

Uma estranha luz encontrou os olhos deles: Eles estavam no canto de um grande lago preto, tão vasto que Harry não podia enxergar o lado oposto, numa caverna tão alta que o teto também era impossível de se ver. Uma luz verde brilhava longe no que parecia ser o centro do lago; estava refletida na água parada abaixo. O brilho esverdeado e a luz das duas varinhas eram as únicas coisas que quebravam a completa escuridão, apesar de que seus raios não penetravam tão longe como Harry esperara. A escuridão era de alguma maneira mais densa que o normal.

- Vamos indo, disse Dumbledore calmamente. Tenha cuidado para não pisar na água. Fique perto de mim. Ele começou a andar ao redor do lago, e Harry o seguiu de perto. Seus passos ecoavam, fazendo sons na estreita rocha que rodeava a água. Eles andaram e andaram, mas a visão não mudava: de um lado, a parede da caverna, do outro, a aparentemente infinita escuridão, no meio da qual havia o brilho esverdeado. Harry achou o lugar e o silêncio opressivos, enervantes.

- Professor? Ele disse finalmente. Você acha que o Horcrux está aqui?

- Ah, sim, disse Dumbledore. Sim, eu tenho certeza que está. A questão é, como nós o pegaremos?

- Nós não poderíamos... não poderíamos tentar um feitiço Convocatório? Harry

perguntou, certo de que era uma pergunta estúpida. Mas ele queria sair daquele lugar o mais rápido possível.

- Certamente nós poderíamos. Disse Dumbledore, parando tão repentinamente que Harry quase bateu nele. Por que você não tenta?

- Eu? Ah... tá... Harry não esperava por isso, mas clareou a garganta e disse em voz alta, varinha para cima, Accio Horcrux!

- Com um barulho de uma explosão, algo muito grande e pálido saiu da água escura a uns 5 metros deles; antes que Harry pudesse ver o que era, tinha desaparecido de novo num grande mergulho que fez grandes ondas na água. Harry andou para trás em choque e bateu na parede; seu coração ainda estava em um ritmo acelerado quando se virou para Dumbledore.

- O que era aquilo?

- Algo, eu acho, que estava pronto para responder se tentássemos pegar o Horcrux.

Harry olhou de volta para a água. A superfície do lago estava novamente como um vidro preto e brilhante: as ondas sumiram rapidamente; o coração de Harry, porém, ainda corria.

- Você sabia que aquilo ia acontecer, senhor?

- Eu sabia que alguma coisa ia acontecer se fizéssemos uma tentativa óbvia de por as mãos no Horcrux. Foi uma excelente idéia, Harry; a maneira mais simples de descobrir o que estamos enfrentando.

- Mas nós não sabemos o que era aquela coisa, disse Harry, olhando para a água sinistramente calma.

- O que aquelas coisas são, você quer dizer, corrigiu Dumbledore. Eu duvido que tenha apenas uma delas. Vamos continuar?

- Professor?

- Sim, Harry?

- Você acha que vamos ter que entrar no lago?

- Dentro dele? Só se tivermos muito azar.

- Você não acha que o Horcrux está no fundo?

- Ah não... eu acho que o Horcrux está no meio. E Dumbledore apontou para a luz verde no centro do lago.

- Então nós teremos que cruzar o lago para pegá-lo?

- Sim, eu acho que sim. Harry não falou mais nada. Seus pensamentos estavam em monstros marinhos, serpentes gigantes, Kappas, e espíritos...

- Ahá, fez Dumbledore, e ele parou novamente; dessa vez, Harry realmente bateu nele; por um momento ele quase caiu na água e a mão inteira de Dumbledore se fechou no seu braço puxando-o de volta. Desculpe-me Harry, eu devia ter avisado. Para trás, por favor; eu acho que encontrei o lugar.

Harry não fazia idéia do que Dumbledore queria dizer; esse pedaço de escuridão era exatamente igual a todos os outros para ele, mas Dumbledore parecia ter detectado algo especial. Dessa vez sua mão não estava na parede, mas levantada para frente, tocando o ar, como se estivesse esperando encontrar algo invisível.

- Oba! Disse Dumbledore feliz, segundos depois. Sua mão se fechou no ar sobre algo que Harry não podia ver. Dumbledore se moveu para mais próximo da água; Harry olhava nervoso enquanto as pontas dos sapatos de Dumbledore chegavam perto da água. Mantendo sua mão apertando no ar, Dumbledore levantou a varinha com a outra e encostou seu punho com a ponta.

Imediatamente uma grossa corrente verde de cobre apareceu, estendendo-se das profundezas das águas até a mão de Dumbledore. Dumbledore encostou de novo na corrente, que começou a correr pelo seu punho como uma cobra, se amontoando no chão com um barulho metálico que ecoava nas pedras, puxando algo da água escura.

Harry se engasgou quando viu a proa do pequeno barco aparecer na superfície, brilhando verde como a corrente, e flutuando levemente para o ponto da margem onde estavam Harry e Dumbledore.

- Como você sabia que estava lá? Harry perguntou surpreso.

- Mágica sempre deixa traços disse Dumbledore, enquanto o barco atingia a borda com uma leve batida, às vezes muito distintos. Eu ensinei Tom Riddle. Eu conheço seu estilo.

- Esse... esse barco é seguro?

- Ah... sim, eu acho que sim. Voldemort precisava criar uma maneira de cruzar o lago sem chamar a atenção daquelas criaturas que colocou nele no caso de querer visitar ou remover seu Horcrux.

- Então as coisas na água não vão fazer nada se o cruzarmos no barco de Voldemort?

- Eu acho que precisamos aceitar o fato que elas vão, em algum momento, perceber que não somos Lord Voldemort. Até agora, porém, temos nos saído bem. Elas nos permitiram pegar o barco.

- Mas por que elas deixaram? Perguntou Harry, que não podia livrar-se da imagem de tentáculos saindo da água negra no momento em que eles se afastassem da margem.

- Voldemort seria razoavelmente confiante de que ninguém, exceto um grande mago, poderia achar o barco, disse Dumbledore. Eu acho que ele estaria preparado para arriscar o que era, na cabeça dele, a improvável possibilidade de que alguém o encontraria, sabendo que ele colocou outros obstáculos à frente que somente ele poderia penetrar. Veremos se ele estava certo.

Harry olhou para o barco. Era realmente pequeno. Não parece como se tivesse sido feito para duas pessoas.

- Será que vai nos agüentar? Será que nós não seremos muito pesados juntos?

Dumbledore riu. - Voldemort não se importava com o peso, mas com a quantidade de poder mágico que cruzasse o lago. Eu prefiro pensar que um encantamento foi colocado no barco de modo que somente um bruxo por vez poderia navegar nele.

- Mas então?

- Eu não acho que você conte, Harry: você é menor de idade e desqualificado.

- Voldemort nunca esperaria que um garoto de dezesseis anos alcançasse esse lugar: eu acho improvável que seus poderes sejam contados se comparados aos meus.

Essas palavras não ajudaram para levantar a moral de Harry; talvez Dumbledore tivesse percebido, pois continuou, Um erro de Voldemort, Harry, um erro de Voldemort... Idade é tola e ignorável quando se subestima a juventude... Agora, você primeiro e cuidado para não encostar na água. Dumbledore ficou de lado e Harry entrou com cuidado no barco. Dumbledore entrou também, largando a corrente no chão. Eles se apertaram juntos; Harry não podia se sentar confortavelmente, mas agachou-se, seus joelhos juntos no canto do barco, que começou a se mover imediatamente. Não havia som além

do assovio da proa mexendo na água; movia-se sem a ajuda deles, como se uma corda invisível estivesse o puxando para a luz no centro. Logo eles não puderam mais ver as paredes da caverna; eles poderiam estar no meio do oceano, exceto pelo fato de não haver ondas.

Harry olhou para baixo e viu o reflexo dourado da luz de sua varinha na superfície preta da água enquanto passavam. O barco estava fazendo profundas ondas na superfície lisa do lago...

E então Harry a viu, branca como mármore, flutuando centímetros abaixo da superfície. - Professor! Ele chamou, e sua voz assustada ecoou alta sobre a água silenciosa.

- Harry?

- Eu acho que vi algo na água – uma mão humana!

- Sim, eu tenho certeza que você viu, disse Dumbledore calmamente.

Harry olhou para a água, procurando pela mão que sumiu, e um sentimento doentio apareceu na sua garganta.

- Então aquela coisa que pulou da água? Mas Harry sabia a resposta antes que Dumbledore respondesse; a luz da varinha passou por um espaço d'água e o mostrou, dessa vez, um homem morto deitado virado para cima centímetros abaixo da superfície, seus olhos abertos escondidos como que por teias, seus cabelos e roupas se mexendo a seu redor como fumaça.

- Tem corpos aqui! Disse Harry, e sua voz soava muito mais alta que o normal, e diferente da dele.

- Sim, disse Dumbledore, mas nós não precisamos nos preocupar com eles agora.

- Agora? Harry repetiu, tirando os olhos da água para olhar Dumbledore.

- Não enquanto estão meramente flutuando pacificamente aí embaixo, disse Dumbledore. Não há nada que se temer de um corpo, Harry, não mais do que se a de temer da escuridão. Lord Voldemort, que obviamente temia os dois, discorda.

- Mas novamente ele mostra sua falta de sabedoria. É o desconhecido que tememos quando vemos morte e escuridão, nada mais. Harry não disse nada; ele não queria discutir, mas achou a idéia de que havia corpos horrível e, pior, ele não acreditou que eles não eram perigosos.

- Mas um deles pulou, ele falou, tentando fazer sua voz tão calma e baixa como a de Dumbledore. Quando eu tentei convocar o Horcrux, um corpo pulou do lago.

- Sim, disse Dumbledore. Eu tenho certeza de que uma vez que peguemos o Horcrux, nós vamos achá-los menos pacíficos. Porém, como várias criaturas que vivem no frio e na escuridão, eles temem a luz e o calor, os quais devemos chamar para nos ajudar se tivermos necessidade. Fogo, Harry, Dumbledore completou com um sorriso, respondendo à expressão de dúvida de Harry.

- Ah... certo... disse Harry rapidamente. Ele virou sua cabeça para olhar o brilho verde no qual o barco continuava a se movimentar. Ele não podia mais fingir que não estava assustado. O grande lago negro, junto com os mortos... Pareciam que fora há horas e horas atrás que ele tinha encontrado a Professora Trelawney, que ele tinha dado o Felix Felicis para Rony e Hermione... Ele de repente queria ter se despedido melhor deles... E ele nem viu Gina...

- Quase lá, disse Dumbledore feliz. Certamente a luz verde parecia estar crescendo, finalmente, e em minutos o barco parou, batendo gentilmente no

que Harry não podia ver de primeira, mas quando levantou sua varinha iluminada viu que chegaram a uma pequena ilha de pedras no centro do lago.

- Cuidado para não tocar na água, disse Dumbledore novamente enquanto Harry saía do barco.

A ilha não era maior que o escritório de Dumbledore, um amontoado de pedras pretas lisas nas quais não havia nada, exceto a fonte daquela luz verde, que parecia muito mais clara se vista de perto. Harry piscou para ela; no começo, ele achou que fosse um tipo de lâmpada, mas então ele viu que a luz vinha de uma bacia de pedra como a penseira, que estava no topo de um pedestal. Dumbledore aproximou a bacia e Harry o seguiu. Lado a lado, eles a olharam. A bacia estava cheia de um líquido esmeralda que emitia aquele brilho fosforescente.

- O que é isso? Harry perguntou, baixo.

Não tenho certeza. Disse Dumbledore. Porém, é algo mais temível que sangue e corpos. Dumbledore puxou a manga de sua roupa que estava sobre a mão escurecida e levou as pontas de seus dedos queimados na direção na superfície da poção.

- Senhor, não, não toque!

- Eu não posso tocá-la, disse Dumbledore, sorrindo vagamente. Está vendo?

- Eu não posso me aproximar mais do que isso. Tente.

Observando, Harry pôs sua mão na bacia e tentou tocar na poção. Ele encontrou uma barreira invisível que o prevenia de chegar a dois centímetros dela. Não importando quão forte ele empurrasse, seus dedos só encontravam ar sólido e flexível.

- Fora do caminho, por favor, Harry, disse Dumbledore. Ele ergueu a varinha e fez complicados movimentos sobre a superfície da poção, murmurando sem fazer sons. Nada aconteceu, exceto talvez que a poção tenha ficado mais clara. Harry permaneceu silencioso enquanto Dumbledore trabalhava, mas depois de um tempo Dumbledore guardou a varinha, e Harry achou seguro voltar a falar.

- Você acha que o Horcrux está aí, senhor?

- Ah, sim. Dumbledore olhou mais próximo da bacia. Harry viu seu rosto refletido, de cabeça para baixo, na lisa superfície da poção verde. Mas como alcançá-la: Essa poção não pode ser tocada por mãos, não pode desaparecer, separar-se, despejar-se ou acabar, nem pode ser transfigurada, encantada ou de alguma forma mudar sua natureza. Quase que inconscientemente, Dumbledore ergueu a varinha novamente, girou-a no ar, e depois pegou a taça de cristal que conjurou do nada. Eu só posso concluir que essa poção deve ser bebida.

- O que? Disse Harry. Não!

- Sim, eu acho que deve: Somente bebendo-a eu posso esvaziar a bacia para ver o que está no fundo dela.

- Mas e se – e se ela te matar?

- Ah, eu duvido que ela funcione assim, disse Dumbledore calmamente. Lord Voldemort não iria querer matar quem alcançasse essa ilha. Harry não podia acreditar. Era essa mais uma parte maluca da idéia de Dumbledore de ver o lado bom em todos?

- Senhor, disse Harry, tentando manter sua voz normal, senhor, é de Voldemort que estamos...

- Me desculpe, Harry; eu devia ter dito, ele não iria querer matar imediatamente

a pessoa que chegasse a essa ilha, Dumbledore se corrigiu. Ele iria querer mantê-la viva tempo o suficiente para descobrir como ela conseguiu penetrar tão longe em suas defesas e, o mais importante de tudo, por que ela estaria tão interessada em esvaziar a bacia. Não se esqueça de que Voldemort pensa que somente ele sabe sobre seus Horcruxes.

Harry tentou falar novamente, mas dessa vez Dumbledore levantou a mão pedindo silêncio, observando o líquido esmeralda, evidentemente pensando.

- Sem dúvida, ele falou, finalmente, essa poção deve agir de modo a me prevenir de pegar o Horcrux. Pode me paralisar, me fazer esquecer por que estou aqui, me dar tanta dor que eu me distraia, ou me fazer incapaz de outra maneira. Sendo esse o caso, Harry será o seu dever me manter bebendo, mesmo que você tenha que jogar a poção na minha protestante boca. Você entende?

Seus olhos se encontraram acima da bacia, cada rosto pálido iluminado com aquela estranha luz verde. Harry não falou nada. Era por isso que ele tinha sido convidado – para forçar que Dumbledore bebesse a poção que poderia causar grande dor a ele?

- Você se lembra, disse Dumbledore, da condição que eu lhe dei para trazê-lo comigo?

Harry hesitou, olhando nos olhos azuis que se tornaram verdes na luz refletida da bacia.

- Mas e se?

- Você jurou, ou não, que seguiria qualquer comando que eu lhe passasse?

- Sim, mas...

- Eu te avisei, ou não, que poderia haver perigo?

- Sim, disse Harry, mas...

- Bem, então, disse Dumbledore, sacudindo sua manga mais uma vez e levantando o cálice vazio, você tem a minha ordem.

- Por que eu não posso beber a poção no seu lugar? Pediu Harry desesperado.

- Por que eu sou muito mais velho, mas esperto e menos valioso, disse Dumbledore. De uma vez por todas, Harry, eu tenho ou não a sua palavra de que você vai fazer tudo a seu poder para me manter bebendo?

- Não poderia?

- Eu a tenho?

- Mas...

- A sua palavra, Harry .

- Eu... tudo bem, mas...

Antes que Harry pudesse continuar a protestar, Dumbledore baixou o cálice para dentro da poção. Por uma fração de segundo, Harry torceu para que não fosse capaz de tocar a poção com o cálice, mas o cristal afundou na superfície como se nada a impedisse; quando a taça estava cheia, Dumbledore a levou a boca. - Para sua boa saúde, Harry.

E ele bebeu o copo. Harry assistiu, aterrorizado, suas mãos segurando a base da bacia tão fortemente que seus dedos estavam brancos.

- Professor? Ele falou ansioso, enquanto Dumbledore abaixava o copo. Como você se sente?

Dumbledore balançou a cabeça, seus olhos fechados. Harry imaginava se ele estava sofrendo. Dumbledore botou a taça cegamente dentro da bacia, reencheu-a, e bebeu de novo.

Em silêncio, Dumbledore bebeu três copos cheios da poção. Então, no meio do

quarto, ele parou e caiu em direção a bacia. Seus olhos ainda estavam abertos, sua respiração pesada.

- Professor Dumbledore? Disse Harry, sua voz estrangulada. Você pode me ouvir?

Dumbledore não respondeu. Sua face estava se torcendo como se estivesse profundamente adormecido, mas tendo um terrível pesadelo. Sua força para segurar o cálice estava indo embora; a poção estava para se derramar. Harry avançou e conseguiu pegar a taça, segurando-a com firmeza. Professor, o senhor pode me ouvir? Repetiu alto, sua voz ecoando na caverna.

Dumbledore, ofegante, falou numa voz que Harry não reconheceu, pois nunca tinha ouvido Dumbledore tão assustado como nesse momento.

- Eu não quero... Não me faça....

- Você... Você não pode parar, Professor, disse Harry. Você tem que continuar bebendo, lembra? Você me disse que tinha que continuar bebendo. Aqui... Se odiando e detestando o que estava fazendo, Harry forçou o cálice de volta para a boca de Dumbledore e o virou, para que Dumbledore bebesse o restante da poção.

- Não, ele berrou, enquanto Harry abaixava o copo de volta para a bacia e reenchia-o. Eu não quero... Eu não quero... Me deixe ir...

- Está bem, Professor, disse Harry, suas mãos trêmendo. Está tudo bem, estou aqui...

- Faça-o parar, faça-o parar reclamava Dumbledore.

- Sim... sim, isso vai fazê-lo parar. Mentiu Harry. Ele derramou o conteúdo do cálice na boca aberta de Dumbledore. Dumbledore gritou; o som ecoou pela câmara, através do lago negro.

- Não, não, não, não, não posso, não me faça, eu não quero....

- Está tudo bem Professor, tudo bem! Disse Harry em voz alta, suas mãos trêmendo tanto que ele quase não conseguia segurar o sexto cálice cheio da poção; a bacia estava na metade agora. Nada está acontecendo com você, você está a salvo, isso não é real, eu juro que não é real – tome isso, agora, tome isso... E obedientemente, Dumbledore bebia, como se o que Harry oferecia fosse um antídoto, mas quando bebia, caía em cima de seus joelhos, trêmendo incontrolavelmente.

- É tudo minha culpa, minha culpa, ele soluçava. Faça-o parar, eu sei que eu fiz errado, por favor, faça-o parar e eu nunca, nunca mais....

- Isso vai fazê-lo parar, Professor, disse Harry, sua voz falhando enquanto ele derramava o sétimo copo de poção na boca de Dumbledore.

Dumbledore começou a contrair-se como se torturadores invisíveis o rodeassem; sua mão machucada quase derrubou o cálice cheio das mãos de Harry enquanto ele chorava, Não machuque-os, não machuque-os, por favor, por favor, é tudo minha culpa, machuque-me ao invés deles...

- Aqui, beba isso, beba isso, você vai ficar bem, disse Harry desesperadamente, e mais uma vez Dumbledore o obedeceu, abrindo a boca mesmo enquanto mantinha os olhos fechados e trêmia da cabeça aos pés. E agora ele caía para frente, gritando de novo, batendo as mãos contra o chão, enquanto Harry enchia o nono copo.

- Por favor, por favor, por favor, não... não aquilo, aquilo não, eu farei qualquer coisa....

- Beba, professor, apenas beba....

Dumbledore bebeu como uma criança, mas quando terminou, gritou como se estivesse pegando fogo.

- Nada mais, por favor, não quero mais....

Harry pegou uma taça cheia e sentiu o cristal arrastar no fundo da bacia.

- Estamos quase lá, Professor. Beba isso, beba....

Ele segurou Dumbledore pelos ombros e novamente, Dumbledore bebeu o copo; então Harry estava em pé mais uma vez, enchendo o cálice enquanto Dumbledore voltava a gritar mais desesperadamente que nunca, - Eu quero morrer! Eu quero morrer!

- Faça-o parar, faça-o parar, eu quero morrer!

- Beba isso, Professor. Beba isso....

Dumbledore bebeu, e assim que acabou, gritou ME MATE!

- Esse – esse irá! Ofegou Harry. Beba esse... vai acabar... tudo vai acabar! Dumbledore bebeu o cálice, até a última gota, e então, com um grande soluço, caiu para frente.

- Não! Gritou Harry, que tinha se levantado para encher novamente o cálice.

Porém, ele deixou cair o copo na bacia, foi para o lado de Dumbledore e virou-o sobre suas costas; os óculos de Dumbledore estavam torcidos, sua boca aberta, seus olhos fechados. Não! Disse Harry, mexendo Dumbledore, não, você não está morto, você disse que não era veneno, acorde, acorde...

- Rennervaté! Ele gritou, sua varinha apontando para o peito de Dumbledore; houve uma forte luz vermelha, mas nada aconteceu Rennervaté – senhor – por favor.

As pálpebras de Dumbledore trêmularam; O coração de Harry deu um salto, Senhor, você está?

- Água. Resmungou Dumbledore.

- Água. Repetiu Harry, Sim – Ele se levantou e pegou a taça que deixara caída na bacia; ele mal percebeu a caixa dourada repousando em baixo dela.

- Aguamenti! Ele gritou, encostando no cálice com a varinha. O cálice se encheu de água pura; Harry deixou-se cair ao lado de Dumbledore, levantou a cabeça dele, e levou o copo a seus lábios – mas estava vazio. Dumbledore resmungou e começou a ofegar. Mas eu tinha – espera – Aguamenti! Disse Harry de novo, apontando a varinha para o cálice. De novo, por um segundo, água apareceu nele, mas ao se aproximar de Dumbledore a água sumiu novamente. Senhor, estou tentando, estou tentando! Disse Harry desesperado, mas ele não acreditava que Dumbledore podia ouvi-lo; ele rolou para seu lado e estava respirando rapidamente como se estivesse agonizando. Aguamenti – Aguamenti – AGUAMENTI!

O cálice se encheu e se esvaziou mais uma vez. E agora a respiração de Dumbledore estava falhando. Com seu cérebro girando em pânico, Harry sabia, instintivamente, a única maneira de obter água, pois Voldemort tinha planejado isto... Ele foi até o canto da rocha e enfiou o cálice no lago, trazendo-o para cima cheio de água gelada que não sumia. Senhor – aqui! Harry gritou, e se jogando para frente, derramou a água sobre o rosto de Dumbledore.

Era o melhor que podia fazer, pois o sentimento gelado no seu braço não era da água fria. Uma mão escorregadia tinha agarrado seu pulso. E a criatura à qual ela pertencia estava puxando-o, devagar, pela rocha. A superfície do lago não era mais lisa; estava se mexendo, e para todo lugar que olhava, cabeças brancas e mãos emergiam da água negra, homens, mulheres e crianças com

olhos molhados e sem visão estavam se movendo em direção à rocha; um exército de mortos aparecendo da água negra.

- Petrificus Totalus! Harry gritou, lutando, para a lisa e úmida superfície da ilha enquanto ele apontava a varinha no Inferius que segurava sua mão. Ele o soltou, caindo para trás na água, mas muitos outros Inferi estavam subindo para a rocha, suas mãos de osso segurando na superfície escorregadia, seus olhos brancos fixos nele, usando trapos encharcados, rostos molhados cheios de malícia.

- Petrificus Totalus! Harry rugiu novamente, dando passos para trás enquanto balançava a varinha pelo ar; seis ou sete caíram, mas havia mais vindo para ele.

- Impedimenta! Incarcerous! Alguns deles tropeçaram, um ou dois presos em cordas, mas aqueles que estavam vindo simplesmente pisavam sobre os corpos caídos. Ainda mexendo no ar com sua varinha, Harry gritou, Sectumsempra!

- SECTUMSEMPRA! Mas apesar de cortes aparecerem nos trapos e nas peles geladas, eles não tinham sangue para derramar: eles continuavam a andar, sem sentir, suas mãos erguidas diante dele, e enquanto ele se afastava, sentiu braços se fecharem por detrás dele, finos, sem pele, frios como a morte, e seus pés perderam contato com o chão quando eles o levantaram e começaram a carregá-lo, vagorosamente e certamente de volta para a água onde ele sabia que não haveria soltura, onde ele seria afogado e se tornaria mais um guardião de um fragmento da alma de Voldemort...

Mas então, na escuridão, fogo surgiu: vermelho e dourado, um anel de fogo que rodeava a rocha de modo que os Inferi que seguravam tão fortemente Harry tropeçaram e hesitaram; eles não se atreviam a passar pelas chamas para chegar à água. Eles largaram Harry; ele bateu no chão, escorregou pela rocha e caiu, mexendo seus braços, depois voltando a se levantar, erguendo a varinha e olhando ao redor.

Dumbledore estava em pé novamente. Pálido como qualquer um dos Inferi ao redor deles, mas mais alto que qualquer um também, o fogo se refletindo em seus olhos; sua varinha erguida como uma tocha e de sua ponta saíam chamas, como um grande laço, circulando todos com calor. Os Inferi batiam-se, tentando cegamente escapar do fogo no qual estavam presos...

Dumbledore pegou a caixa do fundo da bacia e guardou-a dentro de sua roupa. Sem falar uma palavra, ele chamou Harry para seu lado. Distraído pelas chamas, os Inferi pareciam não perceber que sua presa estava escapando com Dumbledore, que levava Harry de volta ao barco e o anel de fogo movendo junto a eles, fazendo com que os Inferi os acompanhassem para a borda do lago onde eles desceram agradecidos de volta para a água escura.

Harry, que estava trêmendo, pensou por um momento que Dumbledore poderia não ser capaz de entrar no barco; ele tropeçou um pouco enquanto tentava; todos os seus esforços pareciam ser em tentar manter o anel de chamas em volta deles. Harry o segurou e o ajudou a subir no barco. Assim que eles ficaram a salvo apertados dentro dele, ele começou a se mover de volta pela água escura, para longe da rocha, ainda envolto pelo anel de fogo, e parecia que os Inferi amontoados na água não ousavam subir.

- Senhor, chamou Harry, senhor, eu esqueci – sobre o fogo – eles estavam vindo para mim e eu entrei em pânico –.

- Compreensível, murmurou Dumbledore. Harry ficou alarmado ao ouvir quão fraca a voz dele estava.

Eles alcançaram a margem com uma leve batida e Harry saiu, depois se virou rapidamente para ajudar Dumbledore. No momento em que Dumbledore alcançou a margem ele descansou a mão da varinha; o anel de fogo sumiu, mas os Inferi não emergiram da água novamente. O pequeno barco afundou na água de novo; batendo e arrastando-se, a corrente desceu na água também. Dumbledore deu um longo suspiro e se apoiou contra a parede da caverna.

Eu estou fraco... ele falou.

- Não se preocupe, senhor. Disse Harry imediatamente, ansioso sobre a extrema palidez de Dumbledore e sobre seu ar de exaustão. Não se preocupe, eu vou nos levar de volta... Apóie-se em mim, senhor....

E puxando o braço inteiro de Dumbledore sobre seus ombros, Harry guiou seu diretor de volta ao redor do lago, carregando a maioria do seu peso.

- A proteção foi... depois de tudo... bem feita. Disse Dumbledore fracamente. Um sozinho não conseguiria... Você fez bem, muito bem, Harry...

- Não fale agora. Disse Harry, temendo o quão pesada a voz de Dumbledore havia ficado, o peso que seus pés estavam carregando. Guarde as suas energias, senhor... Nós logo sairemos daqui...

- A passagem terá se fechado novamente... Minha faca....

- Não precisa, eu me cortei na pedra. Disse Harry firmemente. Só me diga onde...

- Aqui....

Harry encostou seu antebraço machucado na pedra: tendo recebido o tributo de sangue, o arco se reabriu instantaneamente. Eles saíram da caverna, e Harry ajudou Dumbledore a voltar pela água gelada do mar que enchia a abertura do penhasco.

- Vai ficar tudo bem, senhor. Harry repetia, mais preocupado pelo silêncio de Dumbledore do que tinha estado pela sua voz enfraquecida. Estamos quase lá...

- Eu posso nos Aparatar de volta... Não se preocupe....

- Eu não estou preocupado Harry. Disse Dumbledore, sua voz um pouco mais forte apesar da água gelada. Eu estou com você.

--Capítulo 27--
A Torre atingida pelo Raio

Uma vez de volta sob o céu estrelado, Harry levantou Dumbledore ao topo da rocha mais próxima e então o colocou de pé. Encharcado e trêmendo, com o peso de Dumbledore ainda nele, Harry se concentrou como ele jamais tinha feito, o máximo possível em seu destino: Hogsmeade. Fechando seus olhos, ele agarrou o braço de

Dumbledore tão firmemente quanto pôde e se colocou adiante daquele sentimento de pressão horrível.

Ele soube que tinha funcionado antes mesmo de abrir os olhos, o cheiro de sal e brisa marinha tinham sumido. Ele e Dumbledore estavam trêmendo e gotejando no meio da escura Rua Alta em Hogsmeade. Por um momento horrível a imaginação de Harry lhe mostrou mais Inferis que rastejavam em sua direção ao redor das lojas, mas ele piscou e viu que nada estava se mexendo; tudo estava parado, uma escuridão completa à exceção de algumas lâmpadas de rua e altas janelas iluminadas.

- 'Nós conseguimos, Professor!' Harry sussurrou com dificuldade; de repente ele percebeu algo queimando em seu peito. 'Nós conseguimos! Nós pegamos o Horcrux!'

Dumbledore cambaleou contra ele. Por um momento, Harry pensou que sua inexperiente Aparatação tivesse deixado Dumbledore fora de equilíbrio; então ele viu a face dele, mais pálida e mais úmida que já vira sob a luz distante de um poste.

- 'Senhor, está bem?'

- 'Já estive melhor, ' disse Dumbledore fraco, entretanto os cantos de sua boca se contraíram. 'Aquela poção... Não era nada saudável... '

E para o horror de Harry, Dumbledore caiu no chão.

- 'Senhor...Está tudo bem, senhor, vai ficar bem, não se preocupe.'

Ele olhou em volta desesperadamente por ajuda, mas não havia ninguém para ser visto e tudo que ele podia pensar era que ele deveria, de alguma maneira, levar Dumbledore depressa a um hospital.

- 'Nós precisamos chegar até a escola, Senhor... Madame Pomfrey... '

- 'Não', disse Dumbledore. 'É... Do Professor Snape que eu preciso... Mas acho que não posso caminhar muito, contudo... '

- 'Certo, senhor, escute... Eu vou bater em uma porta, achar um lugar onde você possa ficar - então eu posso correr e chegar a Madame...'

- 'Severus', disse Dumbledore claramente. 'Eu preciso de Severus... '

- 'Certo então, Snape - mas vou ter que o deixá-lo por um momento assim eu posso...'

- Antes que Harry pudesse fazer algum movimento, porém, ele ouviu passos de alguém correndo. O coração dele saltou: alguém tinha visto, alguém sabia que eles precisavam de ajuda - e dando uma olhada ao seu redor viu a Madame Rosmerta que corria rua abaixo no escuro na direção deles com salto alto, cheio dos frufus, usando um roupão de seda bordado com dragões.

- 'Eu vi vocês aparatando quando estava puxando minhas cortinas do quarto! Oh meu Deus, não pude pensar no que faz... - mas o que tem de errado com Alvo?'

Ela veio hesitante, enquanto arquejava, e fitou os largos olhos de Dumbledore.

- 'Ele está ferido', disse Harry. 'Madame Rosmerta, ele pode entrar nos Três Vassouras enquanto eu vou até a escola e consigo ajuda para ele?'
- 'Você não pode até ir até lá sozinho! Você não percebeu - não o viu?'
- 'Se você me ajudar a apoiá-lo', disse Harry, não a escutando, 'eu acho que nós podemos colocá-lo lá dentro...'
- 'O que aconteceu?' Perguntou Dumbledore. 'Rosmerta, o que tem de errado?'
- 'A...A Marca Negra, Alvo.'

E ela apontou para o céu, na direção de Hogwarts. O medo inundou Harry ao som dessas palavras... Ele se virou e olhou.

Lá estava, se mantendo no céu sobre a escola: o flamejante crânio verde com uma língua de serpente, a marca que os Comensais da Morte deixavam para trás sempre que eles tinham entrado em um edifício... Onde quer que eles tivessem matado...

- 'Quando apareceu?' Perguntou Dumbledore, e sua mão apertou dolorosamente o ombro de Harry enquanto ele lutava para ficar em pé.
- 'Deve ter sido minutos atrás, não estava lá quando coloquei o gato para fora, mas quando eu fui para o andar superior'.
- 'Nós precisamos voltar imediatamente ao castelo, ' disse Dumbledore. 'Rosmerta', e mesmo cambaleando um pouco, ele parecia ter completamente o controle da situação, 'nós precisamos de transporte - vassouras-'.
 - 'Eu tenho algumas atrás no bar', ela disse, parecendo muito amedrontada. 'Eu devo correr e buscá-las?..'
- 'Não, Harry pode fazer isso.'

Harry elevou sua varinha imediatamente.

- 'Accio vassouras da Rosmerta.'

Um segundo depois eles ouviram um estrondo alto quando a porta da frente do bar se abriu; duas vassouras tinham saído para a rua, estavam correndo lado a lado e pararam imóveis ao lado de Harry, trêmendo ligeiramente, na altura da cintura.

- 'Rosmerta, por favor, envie uma mensagem ao Ministério, ' disse Dumbledore, enquanto ele montava na vassoura mais próxima dele. 'Pode ser que ninguém dentro de Hogwarts tenha percebido qualquer coisa de errado... Harry vista sua capa de Invisibilidade'.

Harry tirou a sua Capa do bolso e lançou-a sobre si antes de montar sua vassoura; Madame Rosmerta já estava cambaleando de volta ao bar enquanto Harry e Dumbledore saíam fora do chão e subiam para ar. Quando eles aceleraram em direção ao castelo, Harry olhou lateralmente para Dumbledore, pronto para agarrá-lo se ele caísse, mas a visão da Marca Negra parecia ter agido em Dumbledore como um estimulante: ele tinha se curvado baixo sobre a vassoura, com os olhos fixos na Marca, seus longos cabelos prateados e a barba voavam atrás dele no ar noturno. Harry também olhou à frente para o crânio, e o medo inchou dentro dele como uma bolha venenosa, enquanto comprimia seus pulmões, controlando todo o desconforto de sua mente...

Quanto tempo eles tinham estado fora? Tinha a sorte de Rony, Hermione e Gina se esgotado? Era um deles que tinha feito a Marca Negra ser fixada em cima da escola, ou era Neville, ou Luna, ou algum outro sócio da AD? E se fosse... Ele que tinha lhes dito que patrulhassem os corredores, ele tinha lhes pedido que deixassem a segurança de suas camas... Seria ele responsável, novamente, pela morte de um amigo?

Enquanto eles voavam na escuridão, passavam pelo caminho, abaixo, pelo qual eles tinham caminhado mais cedo. Harry ouviu, por cima do assobio do ar noturno em suas orelhas, que Dumbledore murmura novamente em algum idioma estranho. Ele pensou e entendeu o por que ele sentiu sua vassoura trêmer em um momento quando eles voavam por cima dos muros que delimitavam a escola: Dumbledore estava desfazendo os encantos que ele tinha fixado ao redor do castelo, de forma que eles poderiam entrar com velocidade. A Marca Negra estava brilhando diretamente sobre a Torre de Astronomia, a mais alta do castelo. Isso significava que a morte tinha acontecido lá?

Dumbledore já tinha cruzado as plataformas e estava desmontando; Harry pousou próximo há ele segundos depois e deu uma olhada em volta.

As plataformas estavam desertas. A porta para a escada em caracol que conduzia de volta até o castelo estava fechada. Não havia sinal de luta, nem briga com morte, nenhum corpo.

- 'O que isso significa?' Harry perguntou para Dumbledore, enquanto olhava para o crânio verde com a língua de serpente que se refletia malvadamente sobre eles.

- 'É a Marca realmente? Alguém definitivamente foi m... Professor?'

No brilho verde escuro da Marca Harry viu Dumbledore apertar seu tórax com sua mão enegrecida.

- 'Vá e desperte Severus, ' disse Dumbledore fracamente, mas de maneira clara.

- Conte a ele o que aconteceu e o traga a mim. Não faça mais nada, não fale com ninguém e não remova sua Capa. Eu esperarei aqui.'

- 'Mas...'

- 'Você jurou me obedecer, Harry - vá!'

Harry se apressou para porta que conduzia à escada espiral, mas sua mão só tinha há pouco fechado sobre anel de ferro da porta quando ele ouviu passos correndo do outro lado. Ele olhou em volta para Dumbledore que gesticulou para ele retroceder. Harry voltou, enquanto puxava sua varinha.

A porta se abriu violentamente, alguém entrou e gritou: 'Expelliarmus!'

O corpo de Harry ficou rígido e imóvel imediatamente, e ele se sentiu cair para trás apoiando na parede da Torre, como uma estátua instável, incapaz de se movimentar ou falar. Ele não pôde entender como tinha acontecido, Expelliarmus não era um encantamento para imobilizar.

Então, pela luz da Marca, ele viu a varinha de Dumbledore voando em um arco para cima da extrêmidade das plataformas e então... Dumbledore imobilizou Harry sem usar palavras, e o segundo que ele tinha levado para executar o feitiço tinha lhe custado à chance de se defender.

Levantando-se contra as plataformas, com a face muito pálida, Dumbledore ainda não mostrava nenhum sinal de pânico ou angústia. Ele somente olhou para quem o tinha desarmado e disse:

- 'Boa noite, Draco.'

Malfoy pisou adiante, enquanto olhava depressa ao redor para conferir se ele e Dumbledore estavam sós. Os olhos dele pararam na segunda vassoura.

- 'Quem mais está aqui?'

- 'Essa pergunta eu deveria lhe fazer. Ou você está agindo só?'

Harry viu os olhos pálidos de Malfoy encarando Dumbledore por causa do clarão esverdeado da Marca.

- 'Não'. Ele disse. 'Eu tenho ajuda. Há Comensais da Morte aqui em sua escola esta noite.'

- 'Bem, bem.' Disse Dumbledore, como se Malfoy estivesse mostrando a ele um ambicioso projeto de lição de casa. 'Realmente muito bom. Você achou um modo para os deixar entrar, como o fez?'

- 'Sim', disse Malfoy, que estava arquejando. 'Bem debaixo do seu nariz e você nunca percebeu!'

- 'Engenhoso, ' disse Dumbledore. 'Contudo... Perdoe-me... Onde eles estão agora? Você parece sem assistência.'

- 'Eles se encontraram com alguns de seus guardas. Estão tendo uma briga lá em baixo. Eles não vão demorar... Eu vim na frente. Eu - eu tenho um trabalho para fazer.'

- 'Bem, então, você tem que seguir com o que você tem que fazer, meu querido menino', disse Dumbledore suavemente.

Havia silêncio. Harry estava preso dentro de seu próprio invisível e paralisado corpo, enquanto encarava os dois, suas orelhas tentando ouvir os sons da briga distante dos Comensais da Morte, e em frente a ele, Draco Malfoy fez nada mais que olhar fixo Alvo Dumbledore que, incredivelmente, sorriu.

- 'Draco, Draco, você não é um assassino.'

- 'Como você sabe?' Disse Malfoy imediatamente.

Ele parecia perceber o quão infantil suas palavras tinham soado; Harry o viu corar sob a luz esverdeada da Marca.

- 'Você não sabe do que eu sou capaz, ' disse Malfoy vigorosamente, 'você não sabe o que eu fiz!'

- 'Oh, sim, eu sei', disse Dumbledore suavemente. 'Você quase matou Katie Bell e Ronald Weasley. Você tem tentado, com crescente desespero, me matar todo o ano.

- Perdoe-me, Draco, mas elas foram tentativas fracas... Tão fracas, para ser honesto, que eu duvido se seu coração realmente esteve empenhado... '

- 'Esteve sim!' Disse Malfoy veementemente. 'Eu tenho trabalhado nisso o ano todo, e hoje à noite...'

Em algum lugar nas profundidades do castelo, debaixo de Harry houve um grito amortecido. Malfoy endureceu e olhou por cima de seu ombro.

- 'Alguém está tendo uma briga boa', disse Dumbledore convencionalmente. 'Mas você estava dizendo... Sim, como você planejou introduzir Comensais da Morte em minha escola que, eu admito, pensei ser impossível... Como você fez isso?'

Mas Malfoy não disse nada: ele ainda estava escutando tudo aquilo que estava acontecendo abaixo e parecia quase tão paralisado quanto Harry.

- 'Talvez você deva seguir com o trabalho sozinho', sugeriu Dumbledore. 'E se a sua ajuda foi impedida pelos meus guardas? Talvez você não tenha percebido, mas há membros da Ordem da Fênix aqui hoje à noite também. E afinal de contas, você realmente não precisa de ajuda... Estou sem varinha no momento... Eu não posso me defender.'

Malfoy somente o encarou.

- 'Eu vejo', disse Dumbledore amavelmente, quando Malfoy nem se moveu nem falou.

- 'Você tem medo de agir até que eles cheguem.'

- 'Eu não tenho medo!' Rosnou Malfoy, entretanto ele ainda não tinha feito nenhum movimento para ferir Dumbledore.

- 'É você que deveria estar assustado!'

- 'Mas por que? Eu não acho que você me matará, Draco. Matar não é tão fácil quanto você inocentemente acredita... Assim enquanto nós esperamos por seus amigos, me fale... Como você os contrabandeou para dentro? Parece ter levado muito tempo para calcular como fazê-lo.'

Malfoy olhou como se ele estivesse lutando contra o desejo de gritar, ou vomitar. Ele respirou varias e fundas vezes, enquanto fitava Dumbledore, com sua varinha apontando diretamente ao coração dele. Então, como se ele não pôde se controlar, disse, 'Eu tive que reparar aquele Gabinete que Desaparece quebrado que ninguém tinha usado durante anos. Aquele onde Montague se perdeu no ano passado.'

- 'Aaaah.'

O suspiro de Dumbledore era quase um gemido. Ele fechou seus olhos por um momento.

- 'Isso foi inteligente... Há um par, eu assumo?'

- 'O outro está na Borgin & Burkes' disse Malfoy 'e eles têm um tipo de passagem entre eles. Montague me falou que quando ele estava preso no de Hogwarts, ele estava enrolado em limbo, mas às vezes ele podia ouvir o que acontecia na escola, e às vezes o que estava acontecendo na loja, como se o Gabinete estivesse viajando entre eles, mas ele não pôde fazer ninguém ouvi-lo... No fim ele conseguiu Aparatar para fora dele, embora ele não tivesse passado em seu teste. Ele quase morreu, fazendo isto. Todo o mundo pensou que era realmente uma boa história, mas eu fui o único que percebeu o significado - mesmo Borgin não sabia - eu fui o único que percebeu que poderia ter um modo de penetrar Hogwarts, pelos Gabinetes se eu consertasse o quebrado.'

- 'Muito bom'. Murmurou Dumbledore. 'Assim os Comensais da Morte puderam passar de Borgin e Burkes para a escola e o ajudar... Um plano inteligente, um plano muito inteligente... E, como você disse, bem debaixo do meu nariz...'

- 'Sim.' Disse Malfoy que, grotescamente, parecia criar coragem para confrontar através do elogio de Dumbledore. 'Sim, era!'

- 'Mas houve tempos', Dumbledore continuou, 'em que teve certeza do sucesso reparando o Gabinete, não é? E você resolveu, julgando mal e cruelmente, me enviar um colar amaldiçoado que acabou por alcançar as mãos erradas... Envenenando, havia só uma pequena chance que eu poderia beber...'

- 'Sim, bem, mas você não descobriu quem estava por atrás daquela matéria-prima, não é?' Zombou Malfoy, Dumbledore deslizou um pouco sobre as plataformas, a força de suas pernas estavam enfraquecendo aparentemente, e Harry lutou sem resultados, contra o encanto que o mantinha.

- 'De fato, eu sabia'. Disse Dumbledore. 'Eu estava seguro que era você'.

- 'Por que você não me impediu, então?'

- 'Eu tentei, Draco. Professor Snape tem mantido os olhos em você sob minhas ordens...'

- 'Ele não tem o feito sob suas ordens, ele prometeu a minha mãe'.

- 'Claro que isso é o que ele lhe contaria, Draco, mas...'

- 'Ele é um agente duplo, seu homem velho e estúpido, ele não está trabalhando para você, você pensa que ele está!'

- 'Nós temos que concordar em diferir nisso, Draco. Acontece que eu confio no Professor Snape...'

- 'Bem, você está perdendo seu controle, então!' Zombou Malfoy. 'Ele me ofereceu bastante ajuda, querendo toda a glória para ele, querendo um pouco de ação.'

- 'O que você está fazendo? Você que fez o colar, estúpido poderia ter acabado com tudo - Mas eu não lhe contei o que estava fazendo na Sala Precisa, ele vai acordar amanhã e tudo estará terminado, ele não será mais o favorito do Senhor Escuro, ele não será nada comparado a mim, nada!'

- 'Muito gratificante' disse Dumbledore suavemente. 'Todos nós gostamos de apreciação pelo nosso trabalho duro, claro que... Mas você deve ter tido um cúmplice, afinal de contas... Alguém em Hogsmeade, alguém que pôde levar o colar à Katie; o, o, aaaah... '

Dumbledore fechou os seus olhos novamente e chacoalhou a cabeça como se estivesse a ponto de dormir.

- '...Claro que... Rosmerta. Há quanto tempo ela esta debaixo do encantamento Imperius?'

- 'Chegou lá afinal, não é?' Malfoy escarneceu.

Houve outro grito vindo de baixo, muito mais alto que o último. Malfoy olhou nervosamente para trás novamente e de volta a Dumbledore, que continuou.

- 'Rosmerta, pobrezinha foi forçada a se espreitar no próprio banheiro e passar o colar para qualquer estudante de Hogwarts que entrasse no lugar desacompanhado?

- E o licor envenenado... Bem, naturalmente, Rosmerta pôde envenená-lo para você antes dela enviar a garrafa a Slughorn, acreditando ser meu presente de Natal...

- Sim, muito perfeito... Bem feito... Pobre Filch, claro que não pensou em conferir uma garrafa de Rosmerta... Diga-me, como você tem se comunicado com Rosmerta? Eu pensei que nós tínhamos todos os métodos de comunicação dentro e fora da escola monitorados.'

- 'Moedas encantadas', disse Malfoy, como se ele tivesse sido compelido a continuar falando, entretanto a mão de sua varinha estava trêmendo bastante.

- 'Eu tinha uma e ela tinha a outra eu podia enviar mensagens a ela...'

- 'Não é esse o método secreto de comunicação que o grupo que se chamava a Armanda de Dumbledore usou o ano passado?' Perguntou Dumbledore. A voz dele estava clara e sociável, mas Harry o viu deslizar uma polegada abaixo na parede enquanto ele disse isso.

- 'Sim, eu usei a idéia deles', disse Malfoy, com um sorriso amarelo. 'Eu peguei a idéia de envenenar o licor da sangue-ruim Granger, bem, eu a ouvi falando na biblioteca algo sobre Filch não reconhecer poções... '

- 'Por favor, não use essa palavra ofensiva na minha frente'. Disse Dumbledore. Malfoy deu uma risada malvada.

- 'Você se preocupa quando eu digo Sangue-ruim? Quando estou a ponto de te matar?'

- 'Sim, eu me importo', disse Dumbledore e Harry viu os pés dele deslizarem um pouco mais no chão enquanto ele lutava para permanecer em pé. 'Mas sobre estar a ponto de me matar, Draco, você teve vários longos minutos. Nós estamos bastante a sós. Eu estou o mais inofensivo que você poderia ter sonhado em me encontrar e você ainda não agiu... '

A boca de Malfoy se contorceu involuntariamente, como se ele tivesse provado algo muito amargo.

- 'Agora, sobre esta noite', Dumbledore foi em frente, 'eu estou um pouco confuso sobre como aconteceu... Você soube que eu tinha deixado a escola? Mas claro que...' Ele mesmo respondeu sua própria pergunta, 'Rosmerta me viu partindo, ela passou a informação usando sua moeda engenhosa, tenho certeza...'

- 'Está certo', disse Malfoy. 'Mas ela disse que você só estava indo por uma bebida e estaria de volta...'

- 'Bem, certamente eu tomei uma bebida... E voltei... Depois de um longo tempo', resmungou Dumbledore. 'Então você decidiu preparar uma armadilha para mim?'

- 'Nós decidimos pôr a Marca Negra em cima da Torre para conseguir que você se apressasse para voltar, ver quem tinha sido morto'. Disse Malfoy. 'E funcionou!'

- 'Bem... Sim e não...' Disse Dumbledore. 'Mas posso concluir, então, que ninguém foi assassinado?'

- 'Alguém está morto' disse Malfoy e a voz dele parecia subir uma nota enquanto ele dizia isto. 'Um dos seus... Eu não sei quem, estava escuro... Eu pisei em cima de um corpo... Eu tinha que estar esperando aqui quando você voltasse, só seu grupo da Fênix ficou no caminho...'

- 'Sim, eles fazem isso,' disse Dumbledore.

Houve um estrondo e gritos abaixo, mais alto que nunca; soando como se as pessoas estivessem lutando na escadaria em espiral que conduziam para onde Dumbledore, Malfoy e Harry estavam e o coração de Harry tropeçou despercebido no peito invisível dele... Alguém estava morto... Malfoy tinha pisado em cima do corpo... Mas quem seria?

- Há pouco tempo, de uma maneira ou de outra, ' disse Dumbledore. ' Assim nos resta discutir suas opções, Draco. '

- 'Minhas opções!' Disse Malfoy ruidosamente. 'Eu estou aqui com minha varinha, eu estou a ponto de mata-lo!'

- 'Meu querido menino, você não me permitiu ter mais nenhuma pretensão sobre isso.

- Se você fosse me matar, você teria feito isto antes, quando você me desarmou, você não teria parado para esta conversa agradável sobre modos e meios.'

- 'Eu não tenho nenhuma opção!' Disse Malfoy e ele estava com rosto tão mortalmente pálido quanto Dumbledore. 'Eu tenho que fazer isto! Ele me matará!

- Ele matará minha família inteira!

- 'Eu percebo a dificuldade de sua posição, ' disse Dumbledore. 'Por que outro motivo você acha que eu não o confrontei antes? Porque eu soube que você seria assassinado por Lorde Voldemort se ele percebesse que eu suspeitava. ' Malfoy estrêmeceu ao som do nome.

- Eu não ousei falar com você sobre esta missão quando eu soube que tinha sido confiada a você, no caso dele usar Legilimência contra você. Continuou Dumbledore. Mas agora, afinal, nós podemos falar claramente a um ao outro...

- Nenhum dano foi causado, você não feriu ninguém, entretanto, você tem muita sorte que suas vítimas por engano sobreviveram... eu o posso ajudar, Draco.

- Não, você não pode, disse Malfoy, a mão da varinha muito mal, realmente trêmendo. Ninguém pode. Ele me disse que fizesse isto ou ele me mataria. Eu não tenho nenhuma escolha.

- Venha para o lado certo, Draco, e nós poderemos te esconder mais completamente que você possa imaginar possível. E mais, eu posso enviar os membros da Ordem, hoje à noite, à sua mãe e esconde-la também. Seu pai está seguro, no momento, em Azkaban... quando chegar a hora, nós poderemos protegê-lo também... venha para o lado certo, Draco... você não é um assassino...

Malfoy encarou Dumbledore.

- Mas eu fui muito longe, não fui? Ele disse lentamente. Eles pensaram que eu morreria na tentativa, mas eu estou aqui... E você está em meu poder... Eu sou o único com uma varinha... Você está sob minha clemência....

- Não, Draco. Disse Dumbledore, baixinho. 'É minha clemência, e a não sua o que importa agora.

Malfoy não falou. A boca dele estava aberta, a mão da varinha ainda trêmendo. Harry pensou ter visto ele a abaixar por uma fração de segundos.

Mas, de repente, passos estavam ressoando pelos degraus e um segundo após, Malfoy foi empurrado longe quando quatro pessoas vestidas de negro passaram pelo baluarte de entrada. Ainda paralisado, olhando sem pestanejar, Harry contemplou com terror aos quatro estranhos: parecia que os Comensais da Morte tinham ganhado a batalha lá embaixo.

Um homem de aparência lupina com uma estranha virada para o lado, olhou de soslaio e deu uma risadinha ofegante.

- Dumbledore acuado! Ele disse, e virou para uma pequena mulher que parecia sua irmã e que estava sorrindo ansiosamente. Dumbledore sem varinha, Dumbledore sozinho! Bem feito, Draco, muito bem feito!

- Boa noite, Amycus, disse Dumbledore calmamente, como se dando boas-vindas ao homem para uma reunião para o chá. ' E você trouxe Alecto também... Encantando... '

A mulher deu um curto riso furioso.

- Pensa que suas piadinhas o ajudarão na sua hora da morte, então? Ela zombou.

- Piadas? Não, não, de maneira alguma, respondeu Dumbledore.

- Faça, disse o estranho de pé mais próximo a Harry, um grande e musculoso homem com o cabelo grisalho emaranhado e bigode, cujas vestes pretas de Comensal da Morte pareciam desconfortavelmente apertadas. Ele tinha uma voz como nenhuma outra que Harry alguma vez tivesse ouvido: mais um latido áspero que uma voz.

Harry poderia cheirar uma mistura poderosa de sujeira, suor e, estranhamente, de sangue que vinha dele. As mãos imundas tinham unhas amareladas há muito tempo.

- 'É você, Fenrir? ' Perguntou Dumbledore.

- Isso é certo, ' disse o outro, com voz rascante. Feliz em me ver, Dumbledore?

- Não, eu não posso dizer que eu estou....

Fenrir Greyback arreganhou e mostrou os dentes pontudos. Sangue gotejava pelo queixo dele e ele lambia os lábios, obscena e lentamente.

- Mas você sabe como eu gosto de crianças, Dumbledore.

- Eu devo entender que isso leva você a estar atacando até mesmo agora, sem a lua cheia? Isto é muito incomum... você desenvolveu um gosto por carne humana que não pode ser satisfeita apenas uma vez no mês?

- Correto, disse Greyback. ' Está chocado, Dumbledore? Assusta você?'

- 'Bem, eu não posso pretender que não me repugne um pouco', disse Dumbledore. ' E, sim, eu estou um pouco chocado que Draco aqui tenha convidado você, de todas as pessoas, para a escola onde os amigos dele vivem...'

- ' Eu não fiz, ' respirou Malfoy. Ele não estava olhando Greyback; parecia não querer olhar direto para ele. ' Eu não sabia que ele viria...'

- Eu não perderia uma viagem para Hogwarts, Dumbledore, falou Greyback. 'Não quando há gargantas para serem arrancadas... Delicioso, delicioso... ' E ele levou uma unha amarela e passou nos dentes da frente olhando de soslaio para Dumbledore.

- Eu o poderia fazer de aperitivo, Dumbledore....

- Não disse o quarto Comensal da Morte nitidamente. Ele tinha um rosto pesado e brutal. Nós temos ordens. Draco é quem fará isto. Agora, Draco e depressa.

Malfoy estava mostrando menos resolução que o normal. Ele olhou terrorificado para o rosto de Dumbledore que estava até mais pálido e baixo que o habitual, tendo deslizado para longe e abaixo do baluarte da entrada.

- 'Ele não parece de qualquer maneira perigoso, se você me perguntar!' Disse o homem torto, acompanhando a irmã dele que estava rindo ofegante. 'Olhe para ele...

- O que é aconteceu a você, então, Dumby?'

- 'Oh, resistência mais fraca, reflexos mais lentos, Amycus', disse Dumbledore. 'Idade avançada, em resumo... Um dia, talvez, acontecerá a você... Se você tiver sorte... '

- 'O que significa, então, o que significa? ' Gritou o Comensal da Morte, repentinamente violento. ' Sempre o mesmo, não é, Dumby, falando e não fazendo nada, nada, nem mesmo sei por que o Lorde das Trevas se está aborrecendo para matar você! Venha, Draco, faça!'

Mas naquele momento, houve sons renovados de luta abaixo e uma voz gritou...'

- Eles bloquearam os degraus - Reducto! REDUCTO!'

O coração de Harry deu uma parada: então estes quatro não tinham eliminado toda a oposição, mas meramente furado a briga para o topo da Torre, e, pelo som disso, criou uma barreira atrás deles ...

- 'Agora, Draco, depressa! ' Disse homem brutal furiosamente.

Mas as mãos de Malfoy estavam trêmedo tanto, que ele mal poderia apontar.

- Eu farei isto grunhiu Greyback, e se moveu para Dumbledore com as mãos estendidas, os dentes à mostra.

- 'Eu disse não!' Gritou o brutamontes; houve um flash de luz e o lobisomem foi lançado para trás; ele bateu na parede e cambaleou, parecendo furioso. O coração de Harry estava martelando tão forte que parecia impossível que ninguém pudesse ouvir e saber que estava lá, preso pelo feitiço de Dumbledore se ele se só pudesse mover, ele poderia lançar uma maldição por baixo da capa...

- 'Draco, faça ou fique contra nós - ' guinchou a mulher, mas naquele preciso momento à porta para as muralhas foi escancarada mais uma vez e lá estava

Snape, a varinha apertada na mão. Com os olhos pretos dele varreu a cena, de Dumbledore que afundou contra a parede aos quatro Comensais da Morte, inclusive o lobisomem enfurecido e Malfoy.

- Nós temos um problema, Snape disse Amycus grosseiro, olhos e varinha apontada para Dumbledore, o menino não parece capaz.

Mas alguém falou o nome de Snape, bastante suavemente.

- Severus....

O som assustou Harry além de qualquer coisa que ele tivesse experimentado toda à noite. Pela primeira vez, Dumbledore estava suplicando.

Snape não disse nada, mas caminhou adiante e empurrou Malfoy asperamente para fora. Os três comensais da morte se retiraram sem uma palavra. Até mesmo o lobisomem pareceu se acovardar.

Snape contemplou por um momento a Dumbledore, e havia resolução e ódio marcadas nas linhas rígidas do rosto dele.

- 'Severus... por favor....

Snape elevou a varinha e apontou diretamente para Dumbledore.

- 'Avada Kedavra!'

Um jato de luz verde saiu da ponta da varinha de Snape e acertou diretamente Dumbledore no peito. O grito de horror de Harry nunca o deixou; silencioso e preso, ele foi forçado a assistir quando Dumbledore foi lançado no ar: durante um segundo onde ele pareceu ficar suspenso em baixo do crânio brilhante, e então ele caiu lentamente para trás, como uma grande boneca de trapo, em cima das ameias e longe da vista.

--Capítulo 28--
O vôo do Príncipe

Harry sentiu como se estivesse com uma dor muito forte; isso não podia ter acontecido... Não podia ter acontecido...

- Fora daqui, rápido disse Snape.

Ele agarrou Malfoy pelo pescoço e o empurrou pela porta na frente do resto; Greyback e os irmãos musculosos foram atrás, os dois últimos parecendo muito excitados. Enquanto desapareciam através da porta, Harry percebeu que poderia se mexer novamente. O que o mantinha agora paralisado junto à parede não era mágica, mas horror e choque. Jogou a capa da invisibilidade de lado à medida que o último Comensal da Morte deixava o alto da torre desaparecendo através da porta.

- Petrificus Totalus!

O Comensal da Morte endureceu como se fosse algo maciço quando teve suas costas atingidas e ele caiu no chão, rígido como um boneco de cera, mas nem tinha atingido o chão ainda quando Harry saltou sobre ele descendo a escadaria escura.

O terror rasgou o coração de Harry... Tinha que buscar Dumbledore e tinha que pegar Snape... De algum modo as duas coisas estavam ligadas... Ele poderia reverter o que havia acontecido se tivesse os dois juntos... Dumbledore não podia ter morrido...

Harry pulou os últimos dez degraus da escada em espiral e parou onde aterrissou, sua varinha levantada. Iluminou o corredor que estava cheio de poeira; metade do teto parecia ter desabado; e parecia ter havido uma batalha terrível antes dele descer, mas enquanto tentava se perguntar quem lutava com quem ouviu o grito da voz odiada, Está acabado, é hora de ir! E viu Snape desaparecendo pelo canto no final do corredor; ele e Malfoy pareciam ter forçado caminho através dos destroços da luta. Enquanto Harry ia atrás deles, um dos lutadores levantou-se dos escombros e atacou-o com agressividade: era o lobisomem, Fenrir. Ele foi para cima de Harry antes mesmo que Harry pudesse levantar sua varinha: Harry caiu para trás, com o pêlo opaco e imundo em sua cara, o cheiro de suor e sangue que invadia seu nariz e boca, e a respiração quente e cobiçosa em sua garganta.

- Petrificus Totalus!

Harry sentiu Fenrir desabar sobre ele; com um esforço enorme empurrou o lobisomem para o chão quando um jato de luz verde veio voando em sua direção; ele abaixou-se e correu, a cabeça erguida, em direção à luta. Seus pés pisaram em algo espalhado e escorregadio no chão e ele escorregou: Havia dois corpos lá, os rostos para baixo encontravam-se em uma poça de sangue, mas não havia tempo para investigar. Harry viu agora o esvoaçar de cabelos vermelhos como chamas logo à frente: Gina estava presa em combate com um empolado Comensal da Morte, Amycus, que lançava um feitiço após o outro nela enquanto ela desviava: Amycus estava tendo um ataque de riso, apreciando os movimentos dela: Crucio - Crucio - você não pode dançar para sempre, lindinha...

- Impedimenta! Gritou Harry.

Sua azaração acertou Amycus no peito: Ele guinchou de dor como um porco, sendo erguido do chão e batendo na parede oposta, deslizando por ela, e

sumindo de vista atrás de Rony, da professora McGonagall, e de Lupin, cada um duelando com um Comensal da Morte diferente. Além deles, Harry viu Tonks lutando com um enorme bruxo loiro que lançava azarações que voavam em todos os sentidos, algumas ricocheteavam nas paredes e em torno deles, rachando pedras, e quebrando a janela mais próxima.

- Harry, de onde você está vindo? Gina gritou, mas não havia nenhum tempo para responder. Abaixou sua cabeça e correu o mais rápido possível adiante, evitando por pouco uma explosão sobre sua cabeça, lançando em todos pedaços da parede.

Snape não podia escapar, ele precisava alcançar Snape.

- Peguem eles! Gritou a professora McGonagall, e Harry vislumbrou um Comensal da Morte, Alecto, indo corredor abaixo com os braços sobre sua cabeça, com seu irmão logo atrás dela. Ele se lançou atrás deles, mas seu pé prendeu em algo, e no momento seguinte ele estava entre as pernas de alguém. Olhando ao redor, viu Neville pálido, seu rosto redondo virado para o chão. Neville, é você?

- Eu estou bem murmurou Neville, que apertava seu estômago, Harry... Snape e Malfoy... Passaram correndo....

- Eu sei, eu estou atrás deles! Disse Harry, lançando uma azaração no enorme num Comensal da Morte loiro que causava a maioria do caos. O homem deu um uivo de dor quando o feitiço acertou em seu rosto: Ele deu meia-volta, desconcertado, e então disparou atrás dos dois irmãos. Harry se levantou do chão e começou a correr ao longo do corredor, ignorando os estrondos emitidos atrás dele, os gritos dos outros para voltar, e o pedido silencioso das pessoas caídas no chão cujo destino ainda não conhecia...

Ele derrapou no canto, seus pés estavam banhados em sangue; Snape tinha uma vantagem imensa. Era possível que ele já houvesse entrado na Sala Precisa, ou a Ordem tinha feito barreiras de segurança, para impedir que os Comensais da Morte batéssem em retirada? Ele não ouvia nada além de seus próprios passos, seu próprio coração disparado enquanto corria ao longo do próximo corredor vazio, mas então notou uma pegada de sangue que mostrou que ao menos um dos Comensais da Morte fugitivos estava indo em direção às portas da frente - talvez a Sala Precisa tivesse sido bloqueada completamente. Ele derrapou em outro canto e uma azaração passou voando por ele; ele mergulhou atrás de uma armadura que explodiu. Viu os dois irmãos descendo as escadas de mármore em frente e lançou feitiços neles, mas eles meramente batéram em vários bruxos que usavam peruca em um retrato no patamar da escada, que correram gritando para pinturas vizinhas. Enquanto pulava os escombros da armadura, Harry ouviu mais gritos; as pessoas dentro do castelo pareciam ter acordado...

Ele pegou um atalho, esperando alcançar os irmãos e chegar perto de Snape e Malfoy, que deviam certamente estar alcançando os terrenos agora. Lembrando de pular o degrau defeituoso que desaparecia na escadaria abaixo, ele irrompeu através de uma tapeçaria no pé da escada e saiu em um corredor onde estava um grupo de alunos desnorreados da Lufa-Lufa ainda vestindo seus pijamas. Harry! Nós ouvimos um barulho, e alguém dizendo algo sobre a Marca Negra - começou Ernesto Macmillan.

- Saiam do caminho! Gritou Harry, empurrando dois meninos de lado enquanto corria para os terrenos e descia o restante da escadaria de mármore. As portas de carvalho da entrada tinham sido abertas com uma explosão, havia manchas

de sangue, e diversos estudantes estarecidos estavam amontoados junto às paredes, um ou dois ainda estavam congelados com seus braços sobre o rosto. A enorme ampulheta da Grifinória tinha sido quebrada por uma azaração, e os rubis de dentro ainda caíam, com um barulho alto.

Harry correu através do salão de entrada para fora nos terrenos escuros: Ele só podia perceber que três vultos corriam através do gramado, dirigindo-se para os portões além dos quais poderiam desaparecer – podia ver, o enorme Comensal da Morte loiro e, de alguma maneira na frente dele, Snape e Malfoy...

O ar frio da noite rasgava os pulmões de Harry; viu um clarão de luz distante que mostrou por um momento a silhueta que ele perseguiu. Não sabia o que era, mas continuou a correr, ainda não estava perto o suficiente para ter uma mira boa para lançar um feitiço...

Um outro clarão, gritos, jatos de luz, e Harry compreendeu: Hagrid tinha saído de sua cabana e estava tentando parar os Comensais da Morte que escapavam, e embora cada respirada parecesse destruir seus pulmões e a pontada em seu peito fosse como fogo, Harry apressou-se enquanto uma voz em sua cabeça dizia constantemente: Hagrid não... Hagrid também não...

Alguma coisa acertou as costas de Harry duramente e ele caiu para frente, seu rosto colado na terra, e sangue escorrendo de suas narinas: Soube, mesmo enquanto virava, com sua varinha pronta, que os dois irmãos o tinham alcançado usando seu atalho e estavam vindo atrás dele...

- Impedimenta! Ele gritou enquanto se virava novamente, agachando perto da terra escura, e milagrosamente seu raio bateu em um deles, que tropeçou e caiu, fazendo o outro tropeçar; Harry então levantou e correu atrás de Snape.

E agora tinha visto o contorno de Hagrid, iluminado pela luz da lua crescente que fora revelada de repente por trás das nuvens; o enorme Comensal da Morte loiro lançava feitiço atrás de feitiço no guarda-caças; mas a grande força de Hagrid e a pele resistente que tinha herdado de sua mãe gigante parecia lhe proteger. Snape e Malfoy, entretanto, estavam correndo ainda; logo estariam além dos portões, capazes de desaparecer.

Harry passou voando por Hagrid e seu oponente, mirou as costas de Snape, e gritou, Estupefaça! Ele falhou; o jato de luz vermelha passou por cima da cabeça de Snape; Snape gritou, Corra, Draco! E se virou. Alguns metros os separavam, ele e Harry se olharam antes de levantarem suas varinhas simultaneamente.

- Crucio...

Mas Snape escapou da maldição, arremessando Harry para trás antes que ele pudesse terminar; Harry caiu e levantou-se outra vez quando um enorme Comensal da Morte atrás dele gritou, Incêndio! Harry ouviu uma explosão e uma luz alaranjada se esparramou sobre todos eles: A casa de Hagrid estava em chamas.

- Canino está lá dentro, seu miserável -! Gritou Hagrid.

- Crucio - gritou Harry pela segunda vez, apontando para o vulto a sua frente iluminado pelas labaredas, mas Snape bloqueou o feitiço outra vez. Harry podia vê-lo desdenhando.

- Sem Maldições imperdoáveis para você, Potter! Ele gritou por cima do barulho das chamas, dos gritos de Hagrid, e do rugido selvagem de Canino preso. Você não tem nem coragem ou habilidade...

- Incarc... - Harry gritou, mas Snape desviou do feitiço apenas tirando o braço devagar.

- Volte para a luta! Harry gritou para ele. Volte para a luta, seu covarde.

- Você me chamou de covarde, Potter? Snape gritou. Seu pai nunca me atacou a menos que estivessem em quatro contra um, do que você o chamaria, eu me pergunto?

- Stupefaça...

- Bloqueado mais uma vez, e o será várias outras vezes até que aprenda a manter sua boca calada e sua mente fechada, Potter! Snape desdenhou, desviando da azaração mais uma vez. Agora vamos! Ele gritou para o enorme Comensal da Morte atrás de Harry. É hora de ir, antes que o Ministério apareça...

- Impedi...

Mas antes que pudesse terminar este feitiço, uma dor insuportável atingiu Harry; ele desabou sobre a grama. Alguém estava gritando, ele certamente morreria nesta agonia, Snape iria torturá-lo à morte ou à loucura.

- Não! Soou a voz de Snape e a dor parou de repente como tinham começado; Harry estava curvado sobre a grama escura, apertando sua varinha sem fôlego; em algum lugar acima de sua cabeça Snape gritava, Você se esqueceu de nossas ordens? O Potter pertence ao Lord das Trevas - nós devemos deixá-lo! Vamos! Vamos!

E Harry sentiu o chão estrêmecar embaixo de seu rosto enquanto os irmãos e o enorme Comensal da Morte obedeciam, correndo para os portões. Harry soltou um grito de raiva: Naquele momento, ele não se importava se iria viver ou morrer.

Levantando-se outra vez, ele cambaleou cegamente em direção a Snape, o homem que agora odiava tanto quanto odiava Voldemort...

- Sectum...

Snape puxou rapidamente sua varinha e o feitiço foi repelido mais uma vez; mas Harry estava muito próximo agora e podia ver a cara de Snape claramente: Ele não estava mais zombando ou rindo de Harry; as chamas que flamejavam mostraram uma cara completamente tomada de raiva. Reunindo todo seu poder de concentração, Harry pensou, Levi...

- Não, Potter! Gritou Snape. Houve um estrondo muito alto e Harry foi jogado pra trás, caindo na terra dura outra vez; mas desta vez sua varinha escapou de sua mão. Ele podia ouvir Hagrid gritando e Canino uivando enquanto Snape se aproximava olhando pra ele ainda caído, desarmado e indefeso como Dumbledore tinha estado. A cara pálida de Snape, iluminada pela cabana que ardia em chamas, emanando ódio como antes de amaldiçoar Dumbledore.

- Você ousa usar meus próprios feitiços contra mim, Potter? Fui eu quem os inventou - Eu, o príncipe mestiço! E você ia usar minhas invenções em mim, como seu pai imundo, não ia? Eu acho que não... não.

Harry tinha mergulhado em direção à sua varinha; Snape disparou um feitiço e ela voou de seus pés sumindo na escuridão, fora de sua vista.

- Mate-me então disse Harry sem fôlego, ele não sentia medo algum, mas somente raiva e desprezo. Me mate como você o matou, seu covarde...

- NÃO... gritou Snape, e seu rosto ficou estranho de repente, não era humano, era como se ele estivesse sofrendo tanto quanto o cão preso na casa em chamas atrás deles - ... ME CHAME DE COVARDE!

E ele fez um movimento como se cortasse o ar: Harry sentiu um brilho quente, alguma coisa parecida com uma chicotada que bateu em seu rosto jogando ele para trás, no chão. Luzes piscavam na frente de seus olhos e por um momento ele não conseguiu mais respirar, então ele ouviu um barulho de asas acima dele e algo enorme ocultou as estrelas. Bicuço tinha voado em direção a Snape, que cambaleou para trás enquanto as garras afiadas o cortavam. Harry se sentou, sua cabeça ainda rodava por causa da última batida no chão, ele viu Snape correndo o mais rápido que podia, a fera enorme batendo as asas atrás dele guinchando como Harry nunca o tinha ouvido guinchar...

Harry se apoiou sobre seus pés, olhando ao redor e se arrastando até sua varinha, esperando começar outra vez a perseguição, mas enquanto seus dedos tateavam a grama, afastando os galhos, ele soube que estava muito atrasado, e sem dúvida, por causa do tempo que tinha perdido tentando encontrar sua varinha, ele se virou e viu somente o hipogrifo cercado os portões. Snape tinha conseguido desaparecer além dos limites da escola.

- Hagrid murmurou Harry, ainda atordoado, olhando ao redor. HAGRID?

Ele cambaleou em direção à cabana que queimava quando uma figura enorme surgiu das chamas carregando Canino em seus ombros. Com um choro de agradecimento, Harry afundou-se em seus joelhos; cada membro de seu corpo trêmia, seu corpo doía por inteiro, e sua respiração vinha em pontadas dolorosas.

- Está tudo bem com você, Harry? Está tudo bem? Fale comigo, Harry....

Hagrid, com todo seu tamanho e sua cara peluda mergulhou em cima de Harry, tampando as estrelas. Harry podia sentir o cheiro de madeira queimada e de pêlo de cachorro; ele estendeu uma mão e se tranqüilizou sentindo o corpo vivo de Canino ao seu lado, morno e trêmulo.

- Eu estou bem sussurrou Harry. E você?

- Claro que estou... levaria muito tempo para conseguirem acabar comigo.

Hagrid passou suas mãos sob os braços de Harry e o levantou com tal força que os pés de Harry saíram do chão por um momento até que Hagrid o colocasse de pé outra vez. Ele podia ver o sangue que escorria pelo rosto de Hagrid que saía de um corte profundo embaixo de seu olho, e que inchava rapidamente.

- Nós devemos salvar sua casa disse Harry, O feitiço 'Aguamenti'...

- Eu sabia que ia acabar assim resmungou Hagrid, e ele levantou um fumegante guarda-chuva cor-de-rosa, e com um floreio disse, Aguamenti!

Um jato da água jorrou da ponta do guarda-chuva. Harry levantou seu braço da varinha, que veio até sua mão, e murmurou Aguamenti também: Juntos, ele e Hagrid derramaram água na casa até que a última chama se apagasse.

- Não está tão mal disse Hagrid esperançosamente poucos minutos depois, olhando os destroços fumegantes. Nada que Dumbledore não seja capaz de arrumar....

Harry sentiu uma dor queimar em seu estômago ao som desse nome. Em silêncio e cheio de sentimentos confusos, o horror surgiu dentro dele.

- Hagrid....

Eu estava ocupado com um par de pernas do Bichento quando eu os ouvi vindo disse Hagrid tristemente, ainda olhando fixamente sua cabana destruída. Vão todas as coisas pro lixo, pobrezinhas....

- Hagrid....

- Mas o que aconteceu, Harry? Eu só vi aqueles Comensais da Morte correndo do castelo, mas que inferno Snape estava fazendo com eles? Onde terá ido - estava perseguindo eles?

- Ele... Harry clareou sua garganta; estava seca por causa do pânico e da fumaça. Hagrid, ele matou....

- Matou? Falou Hagrid muito alto, olhando fixamente para Harry. Snape matou? Do que você está falando, Harry?

- Dumbledore disse Harry. Snape matou... Dumbledore.

Hagrid simplesmente olhou para ele, o pouco de sua cara que estava completamente limpa e que se podia ver parecia não compreender.

- Dumbledore o quê, Harry?

- Está morto. Snape o matou....

- Não diga isso disse Hagrid áspero. Snape matou Dumbledore - não seja estúpido, Harry. O que fez você dizer isso?

- Eu vi acontecer.

- Você não pode ter visto.

- Eu vi, Hagrid.

Hagrid balançou a cabeça; sua expressão era de descrença, e solidariedade, e Harry soube que Hagrid pensava que ele tinha levado uma pancada na cabeça, que ele estava confuso, talvez pelos efeitos de um feitiço...

- O que deve ter acontecido é que Dumbledore deve ter dito para Snape ir com os Comensais da Morte disse Hagrid com segurança. Eu suponho que ele foi para manter seu disfarce. Olha, vamos levar você de volta para a escola. Vamos, Harry....

Harry não tentou discutir ou explicar. Ainda estava trêmendo incontrolavelmente.

Hagrid logo iria descobrir, muito logo... Enquanto seguiam de volta para o castelo, Harry viu que muitas janelas estavam iluminadas agora. Podia imaginar, claramente, as cenas no interior do castelo, as pessoas que deviam estar indo de quarto em quarto, dizendo umas às outras que os Comensais da Morte tinham estado lá, e que a Marca Negra estava brilhando sobre Hogwarts, que alguém devia ter sido morto...

As portas de carvalho permaneciam abertas logo à frente deles, a luz se espalhava pra fora, pelo caminho e pelo gramado. Lentamente, incertas, as pessoas estavam descendo as escadas, olhando ao redor nervosas e atentas a algum sinal dos Comensais da Morte que tinham fugido noite adentro. Os olhos de Harry, entretanto, estavam fixos na torre mais alta. Ele imaginou que havia visto uma onda negra se espalhando pela grama, embora estivesse realmente muito afastado para ver qualquer coisa do tipo. Mas enquanto olhava fixamente sem palavras para o lugar onde achava que devia estar o corpo de Dumbledore, ele viu as pessoas começarem a vir em sua direção.

- O que vocês estão olhando? Disse Hagrid, quando ele e Harry se aproximaram da entrada do castelo. Canino se mantinha o mais perto que poderia de seus tornozelos. O que está se espalhando pela grama? Hagrid disse de forma aguda, olhando agora para a alta torre de Astronomia, onde se achava um pequeno grupo de pessoas. Está vendo, Harry? Bem no pé da torre? Embaixo de onde a marca...

- Ai meu Deus... você não acha que alguém foi morto lá?

Hagrid ficou em silêncio, com um pensamento aparentemente muito horrível para dizê-lo alto. Harry andou em volta dele, observando os machucados e a

dor em sua face, e também em suas pernas onde os vários feitiços o tinham acertado nessa última meia hora, mas por mais incrível que pudesse parecer ele estava sem expressão alguma, como se ninguém perto dele tivesse sido afetado. A verdade da qual não se podia escapar era o sentimento terrível que pressionava seu peito...

Ele e Hagrid andaram, sem pensar, através da multidão que murmurava para os que estavam na frente, onde os estudantes e os professores mudos haviam aberto uma passagem.

Harry ouviu o gemido de dor e de choque de Hagrid, mas não parou; andou lentamente em frente até o lugar onde Dumbledore estava deitado e agachou-se ao lado dele. Ele soube que não havia nenhuma esperança no momento em que o Feitiço do Corpo Preso que Dumbledore lançou o atingiu, sabia que aquilo havia acontecido porque ele estava morto, mas ele ainda não estava preparado para vê-lo ali, jogado no chão, quebrado: o maior de todos os bruxos que Harry já havia visto, ou havia, conhecido.

Os olhos de Dumbledore estavam fechados; mas pelo ângulo que estavam seus braços e pernas, poderia estar dormido. Harry chegou perto, endireitou os óculos de meia-lua em cima do nariz curvado, e limpou o sangue da boca com sua própria manga. Então olhou para aquele sábio rosto velho e tentou absorver aquela verdade enorme e incompreensível: Dumbledore nunca mais iria falar com ele, nunca mais poderia ajudá-lo.

A multidão murmurava atrás de Harry. Após o que lhe pareceu como um longo tempo, ele percebeu que estava ajoelhado em cima de algo duro e olhou para baixo.

O colar que haviam tentado roubar algumas horas antes tinha caído do bolso de Dumbledore. Ele estava aberto, talvez devido à força com que havia batido no chão. E embora não pudesse sentir mais choque, horror ou tristeza do que já sentia, Harry soube, enquanto o recolhia, que havia algo errado.

Virou o colar em suas mãos. Não era tão grande como o colar que recordava ter visto na Penseira, nem havia nada marcando sua superfície, nenhum sinal do S gravado que supunha ser marca de Salazar Slytherin. Além disso, não havia nada dentro a não ser um pedacinho de pergaminho dobrado em triângulo preso no lugar onde devia haver um retrato.

Automaticamente, sem realmente pensar no que fazia, Harry retirou o pedaço de pergaminho, abriu, e leu graças à luz de muitas varinhas que tinham sido acendidas agora atrás dele:

Ao Lord das Trevas

Eu sei que eu já terei sido morto quando você ler isto, mas eu quero que você saiba que fui eu quem descobriu seu segredo. Eu roubei o Horcrux real e pretendo destruí-lo assim que puder.

Eu enfrento a morte na esperança de que quando você se encontrar com seu igual você será mortal outra vez.

R.A.B.

Harry não sabia nem se importava com o significado da mensagem. Somente uma coisa importava: Aquilo não era um Horcrux. Dumbledore tinha se enfraquecido bebendo aquela poção terrível para nada. Harry amassou o

pergaminho em sua mão, e seus olhos queimaram em lágrimas enquanto atrás dele Canino começava a uivar.

--Capítulo 29--
O Lamento da Fênix

- Venha Aqui, Harry.
- Não
- Olhe, não pode ficar aqui, Harry... Venha agora... lá dentro.
- Não.

Ele não queria deixar Dumbledore, ele não queria ir a lugar algum. A mão de Hagrid em seu ombro estava trêmendo. Então uma outra voz disse, - Harry, venha.

Uma mão muito menor e mais quente pegou-o e puxou-o para cima. Ele obedeceu à pressão daquilo sem pensar no que era. Somente quando foi puxado cegamente para trás através da multidão ele percebeu, por um cheiro de perfume de flores, que era Gina quem o conduzia para fora do castelo. As vozes incompreensíveis golpeavam-no, choros, gritos e lamentos cortavam a noite, mas Harry e Gina caminhavam, passo a passo até o Salão Principal. Rostos passavam na visão de Harry, pessoas espreitando-o, sussurrando, admirando, os rubis da Grifinória brilhando no assoalho como gotas de sangue enquanto eles seguiam seu caminho em direção à escadaria de mármore.

- Nós estamos indo à ala hospitalar, disse Gina.
- Eu não estou machucado disse Harry.
- São ordens de McGonagall, disse Gina. Todos estão lá. Rony, Hermione, Lupin e todos...

O medo assomou o peito de Harry novamente: Ele havia se esquecido das figuras inertes que havia deixado para trás.

- Gina, quem mais está morto?
- Não se preocupe, não é nenhum de nós.
- Mas e Marca Negra - Malfoy disse que pisou sobre um corpo.
- Ele pisou em Gui, mas está tudo bem, ele está vivo.
- Mas havia algo em sua voz que Harry sabia que era de mau agouro.
- Você tem certeza?
- Claro que tenho certeza... Ele só está um pouco mau, e é só. Madame Pomfrey diz que ele não - não quer mais parecer o mesmo.

A voz de Gina estrêmeceu um pouco.

- Nós não sabemos quais serão os efeitos colaterais - Quero dizer, Greyback é um lobisomem, mas não estava transformado naquele momento.
- Mas e os outros... Havia outros corpos na terra....
- Neville e Prof Flitwick estão feridos, mas Madame Pomfrey disse que eles ficarão bem. E um Comensal da Morte morreu, ele recebeu um feitiço mortal de um gigante loiro que o estava soltando para todo lado - Harry, se nós não tivéssemos tomado a sua poção Felix, acho que agora nós estaríamos mortos, mas tudo nesse momento nos parece perdido...

Eles haviam alcançado a ala hospitalar. Harry viu Neville deitado, aparentemente adormecido, em uma cama perto da porta. Rony, Hermione, Luna, Tonks e Lupin estavam juntos em volta de outro leito no final da ala. Com o som das portas abrindo, todos olharam. Hermione correu para Harry e o abraçou; Lupin foi ao seu encontro, olhando ansioso.

- Você está bem Harry?
- Estou bem... como está Gui?

Ninguém respondeu. Harry olhou sobre o ombro de Hermione e viu um rosto irreconhecível deitado no travesseiro de Gui, tão gravemente retalhado e rasgado que ele olhou torto. Madame Pomfrey tocou sua pele com algum tipo de pomada verde áspera. Harry se lembrou de como Snape tinha curado as feridas de Sectumsempra de Malfoy facilmente com sua varinha.

- Você não pode curá-las com feitiços ou algo assim? perguntou à enfermeira.

- Nenhuma magia vai resolver isto disse Madame Pomfrey. Eu tentei de tudo que conheço, mas não há nenhuma cura para mordidas de lobisomem.

- Mas não foi mordido na lua cheia disse Rony, que estava olhando para o rosto do seu irmão como se ele pudesse de algum jeito curá-lo apenas olhando-o fixamente.

- Greyback não tinha se transformado, então certamente Gui não vai ser um, um...?

Ele olhou inseguro para Lupin.

- Não, eu não acho que Gui tenha virado um lobisomem, disse Lupin. Mas isso não quer dizer que não houve contaminação. Essas feridas são amaldiçoadas.

- É improvável que elas sejam completamente curadas e... Gui pode ter algumas características de lobo de agora em diante.

- Acho que talvez Dumbledore saiba de alguma coisa que possa resolver disse Rony. Onde está ele? Gui lutou com aqueles maníacos sob Ordem de Dumbledore, Dumbledore deve a ele, ele não pode deixá-lo neste estado!

- Rony... Dumbledore está morto disse Gina.

- Não! Lupin olhou assustado de Gina para Harry, como se Harry pudesse contradizê-la, mas, quando Harry fez sinal negativo, Lupin desmontou em uma cadeira ao lado da cama de Gui, com as mãos sobre o rosto. Harry nunca tinha visto Lupin perder o controle daquele jeito; ele sentiu como se estivesse invadindo alguma coisa pessoal. Ele se afastou e olhou pra Rony, trocando, em silêncio, um olhar que confirmava o que Gina havia dito.

- Como ele morreu? sussurrou Tonks. Como isso aconteceu?

- Snape o matou, disse Harry. Eu estava lá, eu o vi. Nós chegamos atrás da Torre de Astronomia porque era lá o lugar onde estava a Marca... Dumbledore estava ruim, estava fraco, mas eu acho que ele entendeu que aquilo era uma armadilha quando ouviu passos correndo pela escada. Ele me imobilizou, eu não podia fazer nada, estava debaixo da Capa da Invisibilidade. Então Malfoy apareceu na porta e o desarmou.

Hermione levou as mãos à boca e Rony gemeu. A boca de Luna estrêmeceu.

- Mais Comensais da Morte chegaram - e então Snape - Snape o matou. Com o Avada Kedavra. Harry não podia continuar.

Madame Pomfrey desatou a chorar. Ninguém deu atenção a ela, a não ser Gina, que sussurrou Shh! Escutem!

Engolindo o choro, Madame Pomfrey levou os dedos à boca, seus olhos arregalados.

Em algum lugar na escuridão lá fora, uma Fênix estava cantando de um jeito que Harry nunca havia ouvido antes: um penetrante lamento de uma terrível beleza. E Harry sentiu, como se já tivesse sentido o som da Fênix antes, que aquela musica estava dentro dele, não fora: Ela estava, em sua tristeza, transformada magicamente em um som que ecoava através das terras e das janelas do castelo.

Quanto tempo eles todos permaneceriam ali, ouvindo, ele não sabe, nem porquê aquilo pareceu tranquilizar sua dor, ouvir o som de seu luto, ele sentiu

como se muito tempo tivesse passado quando a Prof. McGonagall entrou na ala hospitalar.

Como todo o resto, ela sofreu seqüelas da recente batalha: havia feridas em seu rosto e sua túnica estava rasgada.

- Molly e Arthur estão a caminho ela disse, e o feitiço da música foi quebrado.

Todos despertaram como se saíssem de um transe, voltando a olhar pra Gui, sem balançarem a cabeça. Harry, o que aconteceu? De acordo com Hagrid, você estava com Prof Dumbledore quando ele... quando aconteceu. Ele disse que Prof. Snape estava envolvido em algo.

- Snape matou Dumbledore! disse Harry.

Ela fixou os olhos nele por um momento, de maneira preocupante; Madame Pomfrey, que pareceu ter desmoronado com ela, correu adiante, conjurando uma cadeira do nada que ofereceu a McGonagall.

- Snape repetiu McGonagall fracamente, caindo sobre a cadeira. Nós todos sabíamos... mas ele confiou... sempre... Snape... Eu não posso acreditar...

- Snape era perfeito demais em Oclumência, disse Lupin, sua voz incomparavelmente áspera. Eu sempre soube disso.

- Mas Dumbledore jurava que ele estava do nosso lado! murmurou Tonks. Eu sempre achei que Dumbledore soubesse qualquer coisa sobre Snape que nós não sabíamos....

- Ele sempre sugeriu que tinha uma séria razão para confiar em Snape murmurou Prof McGonagall, agora secando seus olhos molhados com um lenço. Eu quero dizer... com a história de Snape... claro que era de se espantar... mas Dumbledore me disse claramente que o arrependimento de Snape era verdadeiro...

- Não ouviria uma palavra contra ele.

- Eu adoraria saber o que Snape disse para convencê-lo, disse Tonks.

- Eu sei, disse Harry, e todos tornaram a olhar para ele. Snape passou a Voldemort a informação que o permitiu perseguir os meus pais. Então Snape disse a Dumbledore que não sabia o que estava fazendo, que ele estava realmente arrependido do que tinha feito, arrependido de tê-los matado.

Todos o encararam.

- E Dumbledore acreditou nisso? disse Lupin, incrédulo. Dumbledore acreditou que Snape sentia muito por Tiago estar morto? Snape odiava Tiago...

- E ele não achava que minha mãe valia uma maldição tampouco disse Harry. Porque ela havia nascido trouxa... 'Sangue-ruim'... era como ele a chamava.

Ninguém perguntou como Harry soube disso. Todos eles pareciam estar perdidos em um choque terrível, tentando engolir a monstruosa verdade do que tinha acontecido.

- Isso é tudo minha culpa, disse a Prof McGonagall de repente. Ela olhava desorientada, torcendo seu lenço molhado em suas mãos. Minha culpa. Eu mandei Filius trazer Snape essa noite. Na verdade, pedi para ele vir e ajudar-nos! Se eu não tivesse alertado Snape quanto ao que estava acontecendo, ele nunca poderia ter unido forças com os Comensais da Morte. Eu não acho que ele sabia que eles estavam lá antes de Filius ter dito a ele, acho que ele não sabia que eles estavam chegando.

- Não é sua culpa Minerva, disse Lupin firmemente. Nós todos precisávamos de ajuda, estávamos satisfeitos por Snape estar a caminho.

- Então, quando ele chegou para a batalha, passou para o lado dos Comensais da Morte? perguntou Harry, que queria saber mais sobre a duplicidade e

traição de Snape, coletando com ardor mais razões para odiá-lo, para jurar vingança.

- Eu não sei realmente como isso aconteceu disse Prof McGonagall distraidamente.

- Isso tudo é tão confuso... Dumbledore havia nos dito que ia deixar a escola por poucas horas e que ficássemos patrulhando os corredores só pra garantir... Remus, Gui e Ninfadora iriam se juntar a nós... e então nós patrulhamos. Tudo parecia calmo. Toda passagem secreta para fora da escola estava coberta. Nós sabíamos que ninguém poderia entrar voando. Há poderosos encantamentos em cada entrada do castelo. Eu não sei como os Comensais da Morte podem ter entrado.

- Eu sei disse Harry, e explicou, resumidamente, sobre o par de Armários Invisíveis e o caminho mágico que eles haviam feito. Então eles entraram através da Sala Precisa.

- Quase contra sua vontade, ele olhou para Rony e Hermione, ambos olhavam abatidos.

- Eu estraguei tudo, Harry disse Rony tristemente. Nós fizemos como você nos disse: checamos o Mapa do Maroto e não conseguimos ver Malfoy nele, então achamos que ele poderia estar na Sala Precisa. Então eu, Gina e Neville fomos checá-la... mas Malfoy tinha fugido.

- Ele saiu da sala uma hora depois de começarmos a procurá-lo disse Gina. Ele estava sozinho, apertando com força aquele horrível braço enrugado.

- Sua Mão da Glória disse Rony Fornece luz apenas para quem a segura, lembra?

- De qualquer maneira, Gina continuou Ele poderia estar vendo se a barra estava limpa para deixar os Comensais da Morte saírem, porque, no momento em que ele nos viu, jogou alguma coisa no ar e tudo ficou negro como piche.

- Poder Peruano de Escuridão Instantânea disse Rony amargamente.

- Nós tentamos de tudo, Lumus, Incêndio, disse Gina. Nada penetrava na escuridão. Tudo que nós pudemos fazer foi tatear a saída para o corredor de novo e, ao mesmo tempo, nós ouvimos pessoas correndo atrás de nós. Obviamente Malfoy pode ver com aquela coisa na mão e os estava guiando, mas nós não ousamos lançar feitiços ou qualquer coisa no caso de nós colidirmos e, na hora em que chegamos a um corredor iluminado, eles já tinham ido.

- Felizmente disse Lupin, rouco. Rony, Gina e Neville se encontraram conosco quase que imediatamente e nos disseram o que tinha acontecido. Nós encontramos os Comensais da Morte minutos depois, indo em direção à Torre de Astronomia.

- Malfoy obviamente não esperava encontrar mais pessoas vigiando; ele pareceu ter esgotado seu suprimento de Poder da Escuridão, de qualquer jeito. Uma luta ocorreu, eles se dispersaram e nós começamos a persegui-los. Um deles, Gibbon, fugiu e correu para as escadarias da torre....

- Para conjurar a Marca? perguntou Harry.

- Ele podia ter feito isso, sim, eles podiam ter planejado aquilo antes de deixar a Sala Precisa disse Lupin. Mas eu não acho que Gibbon gostou da idéia de ficar esperando por Dumbledore lá sozinho, porque ele voltou correndo e desistiu das escadas para retornar a batalha, lançando uma maldição fatal da qual eu apenas desviei.

- Então se Rony estava vigiando a Sala Precisa com Gina e Neville disse Harry,

olhando pra Hermione, Onde você estava?

- Do lado de fora do escritório de Snape, sim, murmurou Hermione, seus olhos brilhavam com as lágrimas, com Luna. Nós esperamos por algum tempo e nada aconteceu... Nós não sabíamos o que estava acontecendo lá em cima, Rony tinha levado o mapa... Era quase meia-noite quando o Prof. Flitwick apareceu correndo atrás de nós dentro das masmorras. Ele estava gritando sobre Comensais da Morte no castelo. Eu acho que ele não percebeu que eu e Luna estávamos lá, apenas explodiu seu caminho até o escritório de Snape e nós o ouvimos dizendo que Snape tinha que voltar com ele e ajudá-lo, e então nós ouvimos uma forte pancada e Snape veio empurrando tudo de dentro de sua sala e ele nos disse e...

- O que? Disse Harry encorajando-a.

- Eu fui tão estúpida, Harry! disse Hermione em um berrante sussurro. Ele disse que o Prof Flitwick havia sofrido um colapso e que nós deveríamos ir e cuidar dele enquanto ele - enquanto ele ia ajudar na batalha contra os Comensais da Morte - Ela cobriu o rosto por vergonha e continuou a falar entre seus dedos, sua voz estava abafada. Nós fomos à sala dele ver se podíamos ajudar o Prof Flitwick e fazê-lo recuperar a consciência... e, oh, isso é tão óbvio agora, Snape podia ter estuporado Flitwick, mas nós não podíamos saber, Harry, nós não sabíamos, nós apenas deixamos Snape ir.

- Não é culpa sua Hermione, disse Lupin firmemente. Hermione, se você não tivesse obedecido Snape, tentando tirá-lo do caminho, ele provavelmente teria matado você e Luna.

- Depois, então, ele subiu, disse Harry, que estava vendo Snape correndo para a escadaria de mármore em seu pensamento, sua capa preta balançando atrás dele como sempre, puxando sua varinha de dentro de sua capa enquanto ele subia, e ele encontrou o lugar onde vocês todos estavam lutando...

- Nós estávamos com problemas, estávamos perdendo, disse Tonks em voz baixa.

- Gibbon havia sido derrotado, mas o resto dos Comensais da Morte parecia disposto a lutar até o fim. Neville estava machucado; Gui havia sido ferido por Greyback... estava escuro... havia feitiços voando para todos os lados... Malfoy havia desaparecido, ele devia ter parado antes, nos degraus de cima... Então mais deles o seguiram, mas um deles bloqueou a escada atrás deles com algum tipo de feitiço... Neville correu até lá e colidiu no ar.

- Nenhum de nós podia continuar prosseguindo disse Rony, e aquele Comensal da Morte forte estava atirando maldições para todo lugar, ele atingia as paredes e dificilmente nos evitava.

- E então Snape estava lá disse Tonks. E então não estava...

- Eu o vi correndo em direção a nós, mas aquele Comensal da Morte gigante jogou um feitiço que me atirou pra trás e eu bati a cabeça, desmaiei e perdi a noção das coisas, disse Gina.

- Eu o vi passar diretamente pela barreira de feitiço, como se ela não estivesse lá disse Lupin. Eu tentei segui-lo, mas fui jogado para trás, como Neville....

- Ele podia conhecer um feitiço que nós não sabíamos, murmurou McGonagall.

- Apesar de tudo - Ele era o professor de Defesa Contra as Artes das Trevas...

- Eu apenas supus que ele estava com pressa pra capturar os Comensais da Morte que haviam fugido para a torre....

- Ele estava, disse Harry com selvageria. Mas para ajudá-los, não para impedi-los... e eu aposto que ele tinha a Marca Negra para ultrapassar aquela barreira...

- Então, o que aconteceu quando ele voltou?

- Bem, o grande Comensal da Morte soltou um feitiço que fez desabar metade do teto e, além disso, quebrou o feitiço que bloqueava a passagem, disse Lupin.

- Nós todos prosseguimos - aqueles que ainda estavam de pé, - e então Snape e o garoto surgiram de dentro da poeira - obviamente nenhum de nós os atacou.

- Nós os deixamos passar, disse Tonks com uma voz vazia. Nós achamos que eles estavam caçando Comensais da Morte - depois um outro Comensal e Greyback vieram atrás e nós lutamos de novo - Eu pensei ter ouvido Snape gritar alguma coisa, mas eu não sei o que ...

- Ele gritou: 'Acabou'. Disse Harry. Ele tinha feito o que pretendia.

Todos eles se calaram. O lamento de Fawkes ainda ecoava sobre a escuridão dos terrenos lá fora. Enquanto a música soava no ar, instantaneamente, pensamentos indesejáveis surgiram na mente de Harry... Eles já haviam tirado o corpo de Dumbledore do pé da torre? O que aconteceria depois? Onde ele jazeria? Ele apertou seu punho no bolso. Ele podia sentir o pequeno pedaço de Horcrux frio sobre as pontas de seus dedos da mão direita.

As portas da ala hospitalar se abriram, fazendo todos se sobressaltarem: o Sr. e a Sr^a. Weasley estavam caminhando para a ala, Fleur estava atrás deles, seu lindo rosto aterrorizado.

- Molly - Arthur..., disse a Prof. McGonagall levantando-se e apressando-se para cumprimentá-los. Eu sinto muito.

- Gui sussurrou Sr^a. Weasley, deixando a Prof. McGonagall pra trás enquanto mirava o rosto mutilado de Gui. Oh, Gui.

Lupin e Tonks haviam levantado apressadamente e se afastado para que Sr. e Sr^a. Weasley pudessem se aproximar da cama. A Sr^a. Weasley curvou-se sobre seu filho e levou seus lábios até sua testa sangrenta.

- Você disse que Greyback atacou-o perguntou o Sr. Weasley à Prof. McGonagall distraidamente. Mas ele não havia se transformado? O que isso significa? O que vai acontecer com Gui?

- Nós ainda não sabemos disse a Prof. McGonagall, olhando desamparadamente para Lupin.

- Provavelmente haverá alguma contaminação, Arthur disse Lupin. É um caso estranho, provavelmente o único... Nós não sabemos qual será o comportamento dele quando acordar....

A Sr^a. Weasley pegou a pegajosa pomada de Madame Pomfrey e começou a passar nas feridas de Gui.

- E Dumbledore? Disse o Sr. Weasley. Minerva, isso é verdade...? Ele realmente está...?

Enquanto Prof. Minerva acenava afirmativamente, Harry sentiu Gina se mover perto dele e olhou para ela. Seus olhos, levemente estreitados, estavam fixos em Fleur, que observava Gui com uma expressão fria no rosto.

- Dumbledore se foi, sussurrou o Sr. Weasley, mas a Sr^a. Weasley só tinha atenções para seu filho mais velho; ela começou a chorar, suas lágrimas caíam no rosto mutilado de Gui.

- Claro que não importa como está sua aparência... Isso não é realmente importante... mas ele era um garotinho muito bonito... sempre muito bonito... e ele ia se casar!

- Então, o que você quer dizer com isto? disse Fleur, de repente, e em voz alta. O que você quis dizer com 'ele ia se casar'?

A Sr^a. Weasley levantou seu rosto coberto de lágrimas, olhando imediatamente.

- Bem - só que...

- Você acha que Gui não gostaria de se casar comigo de qualquer maneira? protestou Fleur. Você acha que, por causa dessas mordidas, ele não vai me amar?

- Não, não era isso o que eu ...

- Porque ele vai! disse Fleur, controlando-se e jogando para trás sua cascata de cabelos prateados. É preciso mais do que um Lobisomem para que Gui deixe de me amar.

- Bem, sim, tenho certeza, disse Sra Weasley. Mas eu acho que talvez - dado que ele - ele ...

- Você achou que eu não ia querer me casar com ele? Ou talvez você esperasse isso? Disse Fleur, suas narinas se dilatando. O que importa a aparência dele?

- Eu sou bonita o bastante para nós dois, eu acho! Todas essas feridas mostram que meu noivo é corajoso! Eu farei isto! ela acrescentou com firmeza, empurrado Sr^a. Weasley pro lado e tirando a pomada das mãos dela.

A Sr^a. Weasley esbarrou em seu marido e viu Fleur limpando as feridas de Gui com uma expressão muito curiosa em seu rosto. Ninguém disse nada; Harry não ousou se mexer. Como os outros, ele estava esperando pela explosão.

- Nossa grande tia Muriel, disse a Sr^a. Weasley, depois de uma longa pausa. Tinha uma bela grinalda - feita por um duende - que estou certa que eu posso convencê-la a emprestar para o casamento. Ela gosta muito de Gui, você sabe, e ficaria linda em seu cabelo.

- Obrigada, disse Fleur com dignidade. Eu estou certa de que ficará linda.

Então, Harry não soube como aconteceu, ambas estavam chorando e se abraçando.

Completamente confuso, fascinado como o mundo havia enlouquecido, ele se virou: Rony olhou impressionado, e Hermione e Gina trocavam olhares horrorizados.

- Veja! disse uma voz tensa. Tonks olhou deslumbrada para Lupin. Ela ainda quer casar com ele, mesmo ele estando com essas mordidas! Ela não se importa!

- É diferente, disse Lupin, mexendo pouco seus lábios e olhando repentinamente tenso. Gui não vai ser um lobisomem por completo. Os dois casos são completamente ...

- Mas eu não me importo com nenhum dos dois, não me importo! disse Tonks, agarrando a capa de Lupin e a chacoalhando. Eu te disse um milhão de vezes....

E o significado do Patrono de Tonks e seu cabelo colorido, a razão dela ter corrido para encontrar Dumbledore quando ouviu rumores de que alguém havia sido atacado por Greyback, tudo pareceu repentinamente claro para Harry: Tonks não havia se apaixonado por Sírius afinal de contas.

- E eu te disse milhões de vezes, disse Lupin, procurando evitar os olhos dela, olhando fixamente para o chão, que eu sou muito velho pra você, muito pobre... muito perigoso....

- Eu te disse desde o começo que você está colocando obstáculos ridículos nisso, Remo, disse a Sr^a. Weasley sobre o ombro de Fleur, enquanto dava tapinhas nas costas dela.

- Eu não estou sendo ridículo, disse Lupin firmemente. Tonks merece alguém jovem e inteiro.

- Mas ela quer você, disse o Sr. Weasley com um pequeno sorriso. E apesar de tudo, Remo, homens jovens e inteiros não permanecem, necessariamente, assim.

Ele gesticulou tristemente para seu filho, encostando-se ao lado dele.

- Esse não... é o momento para discutir isso, disse Lupin, evitando o olhar de todos enquanto ele olhava em volta distraidamente. Dumbledore está morto....

- Dumbledore ficaria feliz que alguém soubesse que há algum amor no mundo, disse Prof. McGonagall, de forma direta, enquanto as portas do hospital abriam novamente e Hagrid entrava.

Apenas uma pequena parte de seu rosto não estava encoberta por seu cabelo ou por sua barba, que estava grande e molhada; Ele estava trêmendo e chorando, um grande, e manchado, pano em suas mãos.

- Eu tive... eu tive que fazer isso, Professora ele engasgou. Retirá-lo. A

Prof. Sprout está levando as crianças de volta pra cama. O Prof. Flitwick está repousando, mas ele disse que vai ficar bem em pouco tempo, e Prof. Slughorn disse que os representantes do Ministério foram informados.

- Obrigada, Hagrid, disse a Prof. McGonagall, levantando-se de uma vez e voltando a olhar pro grupo em volta da cama de Gui. Eu terei que ver os representantes do Ministério, quando eles chegarem aqui. Hagrid, por favor, diga aos diretores das casas - Slughorn pode representar a Sonserina - que eu quero vê-los em minha sala imediatamente. Eu gostaria que você se juntasse a nós também.

Enquanto Hagrid acenava afirmativamente, virou-se, e foi embora, ela olhou pra Harry atrás dela.

- Antes de encontrá-los, gostaria de falar rapidamente com você, Harry. Se você vier comigo....

Harry levantou-se, murmurou: - Vejo vocês daqui a pouco para Rony, Hermione e Gina, e seguiu a Prof. McGonagall pra fora da ala. Os corredores de fora estavam abandonados e o único som que se ouvia era o canto da Fênix. Muito tempo depois, Harry percebeu que eles não estavam indo pra sala da Prof. McGonagall, mas para a sala de Dumbledore e, depois de um tempo, Harry percebeu que, naturalmente, se ela era vice-diretora... Aparentemente ela era agora a diretora... Então a sala atrás da gárgula agora era dela.

Em silêncio eles subiram à escada em espiral e entraram na sala circular. Ele não sabia o que o esperava: aquela sala havia sido mudada, quem sabe, ou até o corpo de Dumbledore podia estar descansando lá. De fato, parecia quase exatamente quando ele e Dumbledore tinham deixado há poucas horas antes: os instrumentos de prata zumbiam e sopravam nas mesas de pernas finas, a espada da Grifinória na caixa de vidro brilhava ao luar, o Chapéu Seletor em uma prateleira debaixo da escrivaninha, o poleiro de Fawkes estava vazio, ela ainda ressoava seu lamento pelas terras da escola. Um novo retrato havia se juntado à fileira das diretoras e diretores mortos de Hogwarts: Dumbledore

estava descansando sobre uma moldura dourada em cima da mesa, os óculos de meia-lua pendurados sobre seu nariz deformado, parecendo tranqüilo e despreocupado.

Depois de olhar uma vez o retrato, a Prof. McGonagall fez um estranho movimento, então se virou contra a mesa pra olhar pra Harry, seu rosto tenso e levemente enrugado.

- Harry, ela disse, Eu gostaria de saber o que você e professor Dumbledore estavam fazendo esta noite quando você deixou a escola.

- Eu não posso te dizer, Professora, disse Harry. Ele já esperava a pergunta e tinha sua resposta pronta. Tinha sido aqui, nesta sala, que Dumbledore havia dito a ele que não deveria confiar o conteúdo de suas lições para ninguém, a não ser Rony e Hermione.

- Harry, isso talvez seja importante, disse a Prof. McGonagall.

- Isso é, disse Harry Muito, mas ele não quer que eu diga pra ninguém.

Prof. McGonagall olhou furiosamente para ele. - Potter. Harry registrou o novo uso de seu sobrenome. Devido à necessidade do esclarecimento da morte do Professor Dumbledore, acho que você pode ver que a situação mudou um pouco ...

- Eu não acho, disse Harry, dando de ombros. O Professor Dumbledore não me disse para parar de seguir suas ordens caso ele morresse. Mas...

- Há uma coisa que, de qualquer forma, você deveria saber antes do Ministério chegar: Madame Rosmerta está sob a Maldição Imperius. Ela estava ajudando Malfoy e os Comensais da Morte. Isso está relacionado com o colar e o hidromel envenenado.

- Rosmerta? disse a Prof. McGonagall, incrédula. Mas, antes que ela pudesse continuar, houve uma batida na porta atrás deles e a Prof. Sprout, Flitwick, e Slughorn entraram na sala, seguidos por Hagrid, que ainda estava chorando muito, seu corpo enorme trêmendo com sofrimento.

- Snape! bradou Slughorn, que pareceu muito chocado, pálido e suado. Snape! Eu o ensinei! Pensei que o conhecia!

Mas, antes que alguém pudesse responder - uma voz rígida falou do alto da parede: Um bruxo de rosto pálido, com uma pequena franja negra, tinha aparecido na tela de seu quadro. - Minerva, o ministro vai chegar aqui em alguns segundos, ele vai desparatar do Ministério.

- Obrigado, Everaldo disse a Prof. McGonagall, e se voltou rapidamente para os professores.

- Eu quero contar o que aconteceu em Hogwarts antes que ele chegue, disse ela rapidamente. Pessoalmente, não estou certa de que a escola deveria reabrir no ano que vem.

- A morte do diretor pelas mãos de um dos nossos colegas é uma mancha terrível na história de Hogwarts. Isso é terrível.

- Eu estou certa de que Dumbledore gostaria que a escola fosse aberta, disse a Prof. Sprout. Eu acho que se um único aluno queira voltar então a escola devia permanecer aberta por aquele aluno.

- Será que vamos ter algum aluno depois disso? disse Slughorn, agora limpando suas sobancelhas suadas com um lenço de seda. Os pais vão querer proteger seus filhos em casa e eu não os culpo. Pessoalmente, não acho que nós estejamos em maior perigo em Hogwarts do que em qualquer outro lugar. Mas você não pode esperar que as mães pensem a mesma coisa. Elas vão querer manter suas famílias juntas, isso é natural.

- Eu concordo! disse Prof McGonagall. E, em todo caso, não é correto dizer que Dumbledore nunca encarou uma situação em que Hogwarts poderia fechar. Quando a Câmara Secreta reabriu, ele considerou o fechamento da escola - e eu posso dizer que o assassinato de Prof. Dumbledore é mais perturbador pra mim do que um monstro de Sonserina vivendo nas entranhas do castelo sem ser detectado.
 - Nós podemos consultar os responsáveis do Ministério..., disse Prof Flitwick, em sua voz estridente; Ele tinha uma grande escoriação na testa, mas parecia, por outro lado, ileso pelo seu colapso na sala de Snape. Nós podemos seguir o protocolo estabelecido. A decisão não deve ser tomada precipitadamente.
 - Hagrid, você não disse nada, disse a Prof McGonagall. Qual a sua opinião:
 - Hogwarts deve permanecer aberta?
- Hagrid, que estava chorando em silêncio em seu isolamento, limpou seu rosto durante toda a conversa, e agora seus olhos vermelhos estavam inchados e saltados, Eu não sei, Professora... acho que isso tem que ser decidido pelos Chefes das casas e a diretoria....
- Prof Dumbledore sempre considerou suas opiniões, disse a Prof McGonagall com gentileza. Então eu também considero.
 - Bem, eu permaneceria disse Hagrid, grossas lágrimas ainda escorrendo pelos cantos de seus olhos e pingando em suas barbas embaraçadas. Essa é minha casa... é minha casa desde que eu tinha treze anos. E se há crianças que querem que eu ensine a elas, é isso que vou fazer. Mas... eu não sei... Hogwarts sem Dumbledore..., ele engoliu em seco e desapareceu atrás de seu lenço mais uma vez, e ficou em silêncio.
 - Muito bem, disse Prof. McGonagall, olhando os terrenos pela janela, checando pra ver se o Ministro estava se aproximando, então eu posso concordar com Filius que a melhor coisa a fazer é consultar os governantes, que terão a decisão final.
 - Agora, enquanto mandamos os estudantes pra casa... há um argumento a favor de fazer isso particularmente cedo do que mais tarde. Nós podemos fazer com que o Expresso de Hogwarts venha amanhã se necessário .
 - O que faremos sobre o funeral de Dumbledore? disse Harry, falando finalmente.
 - Bem..., disse a Prof. McGonagall, perdendo um pouco a voz pela comoção. – Eu, eu sei que era o desejo de Dumbledore ser enterrado aqui, em Hogwarts...
 - Então isso é o que vai acontecer, não é? disse Harry ferozmente.
 - Se o Ministro achar isso apropriado, disse a Prof. McGonagall. Nenhum outro diretor ou diretora fez isso...
 - Nenhum diretor ou diretora de Hogwarts fez tanto por essa escola, rosnou Hagrid.
 - Hogwarts deve o lugar de descanso de Dumbledore, disse Prof. Flitwick.
 - Certamente, disse Prof. Sprout.
 - Então, nesse caso, disse Harry, você não deveriam escrever para as casas dos estudantes até que o funeral aconteça... Eles vão querer dizer... A última palavra ficou presa em sua garganta, mas Prof. Sprout completou sua frase com um Adeus.
 - Bem lembrado chiou o Prof. Flitwick. Bem lembrado, de fato! Nossos estudantes deviam prestar uma homenagem, isso seria adequado. Nós podemos arranjar transporte pra casa mais tarde.
 - Apoiado, gritou Prof. Sprout.

- Eu suponho... que sim..., disse Slughorn, em uma voz particularmente trêmida, enquanto Hagrid soltou um choro emocionado de assentimento.

- Ele está chegando, disse Prof. McGonagall repentinamente, observando os terrenos lá em baixo. O Ministro... aparentemente. Ele está trazendo uma delegação.

- Eu posso sair Professora? disse Harry imediatamente.

Ele não queria ver, nem ser interrogado por Rufus Scrimgeour naquela noite.

- Você pode disse Prof McGonagall. E rapidamente.

Ela caminhou em direção à porta e ela abriu-se para ele. Ele se apressou na descida da escadaria em espiral e se afastou pelo corredor deserto; ele tinha deixado sua Capa da Invisibilidade no alto da Torre de Astronomia, mas isso não importava; não tinha ninguém no corredor pra vê-lo passar, nem mesmo Filch, Madame Norra, ou Pirraça. Ele não encontrou uma alma viva até o corredor que levava aos dormitórios da Grifinória.

- É verdade? disse a Mulher Gorda enquanto ele se aproximava. É realmente verdade? Dumbledore - morreu?

- Sim, disse Harry.

Ela deixou escapar um lamento, sem esperar pela senha, e abriu passagem para deixá-lo entrar.

Como Harry suspeitava que seria, a sala comunal estava cheia. A sala se silenciou enquanto ele atravessava o buraco do retrato. Viu Dino e Simas sentados em um grupo próximo: isso significava que o dormitório podia estar vazio, ou quase. Sem dizer nada a ninguém, sem qualquer olhar, Harry cruzou a sala e foi direto para o dormitório dos meninos.

Como Harry imaginara, Rony estava esperando por ele, ainda vestido, sentando em sua cama. Harry sentou em sua própria cama e por um momento eles se encararam.

- Eles estavam falando sobre o fechamento da escola, disse Harry.

- Lupin disse que eles fechariam disse Rony.

Houve uma pausa.

- Então? disse Rony, em uma voz muito baixa, como se achasse que os móveis poderiam escutá-lo. Você descobriu algo? Você conseguiu?.. Um, um Horcru?

Harry balançou a cabeça negativamente. Tudo que tinha acontecido em volta do rio negro parecia um velho pesadelo agora; aquilo realmente havia acontecido há algumas horas?

- Você não pegou? disse Rony desapontado. Não estava lá?

- Não, disse Harry. Alguém já o tinha levado e deixado um falso no lugar.

- Já tinha sido levado?

Sem palavras, Harry puxou o Medalhão de seu bolso, abriu-o, e deu para Rony. A história inteira podia esperar... Ela não importava naquela noite... Nada importava, a não ser o fim, o fim da sua aventura sem sentido, o fim da vida de Dumbledore...

- R.A.B. murmurou Rony Mas o que é isso?

Não sei, disse Harry, deitando em sua cama, totalmente vestido, olhando inexpressivamente para o teto. Ele não tinha nenhuma curiosidade sobre R.A.B.; ele duvidou de que teria curiosidade de novo. Enquanto se deitava, percebeu, repentinamente, que as terras haviam silenciado. Fawkes tinha parado de cantar.

E ele estava certo, sem saber como sabia daquilo, de que a fênix tinha ido, tinha deixado Hogwarts pra sempre, como Dumbledore também tinha deixado a escola, tinha deixado o mundo... Tinha deixado Harry.

--Capítulo 30-- A TUMBA BRANCA

Todas as aulas estavam suspensas, todas as provas adiadas. Alguns alunos foram levados de Hogwarts por seus pais nos dias seguintes - as gêmeas Patil já tinham ido antes do café da manhã após a morte de Dumbledore e Zacarias Smith foi acompanhado do castelo por seu arrogante pai. Simas Finnigan, por outro lado, bateu o pé que não queria ir para casa com sua mãe; eles tiveram uma discussão no hall de entrada que só terminou quando ela deixou que ele ficasse para o funeral. Ela achou a muito custo um leito em Hogsmeade, Simas contou a Harry e Rony, já que estavam chovendo magos e bruxas na vila, preparando-se para dar seu adeus a Dumbledore.

Alguns alunos mais novos, que nunca tinham visto algo semelhante, ficaram um tanto exaltados quando uma carruagem azul do tamanho de uma casa, puxada por uma dúzia de cavalos alados gigantes, surgiu dos céus de tardinha antes do funeral e aterrissou na borda da floresta. Harry observava da janela enquanto uma linda morena gigante desceu os degraus da carruagem e se jogou nos braços de Hagrid.

Enquanto isso uma delegação de oficiais do Ministério da magia, incluindo o próprio Ministro da Magia, estava sendo acomodada no castelo. Harry estava deliberadamente evitando contato com qualquer um deles; tinha certeza de que, mais cedo ou mais tarde, pedir-lhe-iam que contasse sobre a última excursão de Dumbledore além dos limites do castelo.

Harry, Rony, Hermione e Gina estavam juntos o tempo todo. O tempo bom parecia debochar deles; Harry imaginava como teria sido se Dumbledore não tivesse morrido, e eles tivessem algum tempo juntos no finalzinho do ano, as provas de Gina tinham acabado, o peso do dever de casa tinha acabado... e hora por hora, ele adiava dizer o que ele sabia que devia dizer, fazer o que ele sabia ser a coisa certa a fazer, porque era difícil demais esquecer sua melhor fonte de conforto.

Eles visitavam a enfermaria duas vezes por dia: Neville já tinha tido alta, mas Gui ainda estava sob os cuidados de Madame Pomfrey. Suas cicatrizes estavam ainda muito ruins; na verdade, ele agora lembrava um pouco Olho-Tonto Moddy, embora graças a deus com olhos e pernas, mas em personalidade ele ainda era o mesmo de sempre. A única coisa que parecia ter mudado era que agora ele tinha um gosto por bifés raros.

- Que bom que ele vai se casar comigo. - disse Fleur contente, arrumando os travesseiros de Gui, - porque as britânicas cozinham demais a carne, eu sempre disse.

- Acho que vou ter que aceitar que ele vai casar com ela. - suspirou Gina, mais tarde, enquanto ela, Harry, Rony e Hermione estavam sentados na janela da sala comunal da Grifinória.

- Ela não é tão ruim assim. - disse Harry. - Feia, entretanto. - ele adicionou rapidamente, enquanto Gina levantava suas sobancelhas e soltava uma gargalhada.

- Bem, acho que se a mamãe consegue, eu consigo.

- Mais alguém que conhecemos morreu? - Rony perguntou a Hermione, que estava folheando o Profeta Vespertino.

Hermione recuou ante a dureza forçada na voz dele.

- Não, - disse ela, dobrando o jornal. - ainda estão procurando Snape, mas nem

sinal...

- Claro que não, - disse Harry, que ficava irado cada vez que o assunto surgia.
- Não vão encontrar Snape enquanto não encontrarem Voldemort, e se eles não o acharam em 16 anos...

- Eu vou dormir - disse Gina. - Não tenho dormido bem desde... bem... dormir um pouco me faria bem.

Ela beijou Harry (Rony desviou o olhar), acenou para os outros dois e partiu para o quarto das meninas. Assim que a porta fechou atrás dela, Hermione virou-se para Harry com a maior cara de Hermione que Hermione era capaz de fazer.

- Harry, eu descobri algo hoje de manhã, na biblioteca...

- R. A. B.? - Disse Harry, esticando-se.

Ele não se sentiu da maneira como se sentia normalmente antes, empolgado, curioso, morto de vontade de resolver um misterio; ele simplesmente sabia que a tarefa de descobrir a verdade sobre a Horcrux de verdade tinha que ser completada antes de dar alguns passos a mais no longo e curvo caminho a sua frente, o caminho que ele e Dumbledore tinham arranjado juntos, e no qual ele sabia que teria que caminhar sozinho a partir de então. Havia ainda pelo menos quatro Horcruxes em algum lugar e cada uma deveria ser encontrada e eliminada antes de haver sequer uma possibilidade de Voldemort ser morto. Ele continuava recitando nomes para si mesmo, como se os listando ele pudesse pô-los a seu alcance: o pingente..., a copa... a cobra... algo sobre Grifinória ou Corvinal... o pingente... a taça... a cobra...

Esse mantra parecia pulsar na cabeça de Harry quando ele dormiu aquela noite, e seus sonhos estavam cheios de copas, pingentes e objetos misteriosos que ele não conseguia alcançar, embora Dumbledore prestativamente oferecesse a Harry uma escada que virava cobras no instante em que ele começava a subir...

Ele tinha mostrado a Hermione a nota dentro do pingente na manhã após a morte de Dumbledore, e embora ela não tivesse imediatamente reconhecido as iniciais de um bruxo sobre o qual ela tinha lido, ela vinha visitando a biblioteca um pouco demais para alguém que não tinha dever de casa.

- Não, - ela disse tristemente. - eu tenho tentado, Harry, mas não achei nada... há vários bruxos conhecidos com essas iniciais: Rosalind Antigone Bungus... Rupert Axebanger Brookstanton... mas eles não parece se encaixar. Julgando pela nota, a pessoa que roubou a Horcrux conhecia Voldemort, e eu não acho indício algum de qualquer um dos dois ter tido algo a ver com ele... não, na verdade, é... bem, Snape.

Ela ficou nervosa mesmo dizendo o nome de novo.

- O que tem ele? - perguntou Harry, recostando-se em sua cadeira.

- Bem, eu estava certo sobre a história do Príncipe Mestiço. - ela disse.

- Precisa esfregar, Hermione? Como você acha que estou me sentindo agora?

- Não, não, Harry, eu não quis dizer isso. - ela acrescentou rapidamente, checando ao redor se não estavam sendo ouvidos. - Eu estava certa sobre Eileen Prince ter tido o livro. Você sabe, ela era a mãe do Snape!

- Eu achava que ela não era lá uma observadora. - disse Rony. Hermione o ignorou.

- Eu estava olhando o resto do Profeta e havia um anúncio minúsculo sobre Eileen Prince se casando com um homem chamado Tobias Snape, e depois algo dizendo que ela tinha dado à luz um...

- Assassino. - cuspiu Harry.

- Bem... sim. - disse Hermione. - Então... eu estava certa. Snape deve ter tido orgulho de ter sido meio-príncipe, entende? Tobias Snape era um trouxa pelo que li.

- É, faz sentido, - disse Harry - ele interpretava o puro-sangue para se dar bem com Lucio Malfoy e o resto deles... ele é justamente como Voldemort. Mãe bruxa, pai trouxa... envergonhado de seus pais, tentando se fazer temido usando as Artes das Trevas, deu a si mesmo um nome forte - Lorde Voldemort - o príncipe mestiço - como Dumbledore não percebeu?

Ele parou, olhando pela janela. Ele não conseguia evitar pensar sobre a inabalável confiança de Dumbledore em Snape... mas como Hermione tinha lhe lembrado, ele, Harry, foi levado da mesma maneira... apesar da crescente estranheza dos feitiços, ele tinha se recusado a acreditar naquilo sobre o garoto que tinha sido tão brilhante, que o tinha ajudado tanto... Ajudado... era quase um pensamento insuportável agora...

- Eu ainda não entendi por que ele não te castigou por usar o livro. - disse Rony. - Ele devia saber de onde você estava tirando aquilo tudo.

- Ele sabia, - disse Harry amargamente. - ele sabia quando eu usei Sectumsempra.

- Ele não precisava de Legilimância... ele já devia ter sabido até antes, com Slughom contando como eu era bom e Poções... não devia ver deixado seu livro velho na parte mais baixa do armário, não é?

- Mas por que não te castigou?

- Eu não acredito que ele quisesse ser associado àquele livro. - disse Hermione.

- Eu não acho que Dumbledore teria gostado de saber. E mesmo que Snape fingisse que não era dele, Slughom teria reconhecido a letra dele. De qualquer maneira, o livro foi deixado na sala de aula antiga do Snape, e eu aposto que Dumbledore sabia que a mãe dele era chamada Prince.

- Eu devia ter mostrado o livro a Dumbledore. - disse Harry. - Todo esse tempo ele vinha me mostrando como Voldemort era maligno quando estava na escola, e eu tinha provas de que Snape era, também...

- Maligno é uma palavra forte. - Hermione disse.

- Você foi quem não parava de me dizer que o livro era perigoso!

- Eu estou dizendo, Harry, que você está se culpando demais. Eu achava que Príncipe tinha um senso de humor um pouco estranho, mas nunca teria imaginado que ele era um assassino em potencial.

- Nenhum de nós teria imaginado que Snape iria... você sabe. - disse Rony.

O silêncio caiu entre eles, cada um perdido em seus pensamentos, mas Harry sabia que eles, como ele, estavam pensando sobre a manhã seguinte, quando o corpo de Dumbledore seria velado. Harry nunca tinha ido a um funeral antes; não tinha havido ninguém a enterrar quando Sírius morreu. Ele não sabia o que esperar e estava um pouco preocupado sobre o que veria, como se sentiria. Ele se perguntava se a morte de Dumbledore seria mais real para ele quando o funeral terminasse. Embora ele tivesse momentos nos quais o horrível fato ameaçava possuí-lo, havia espaços de branco nos quais, apesar do fato de que ninguém estava falando de nada além daquilo, ele ainda achava difícil acreditar que Dumbledore tinha morrido. Na verdade ele não tinha, como tinha com Sírius, procurado por algum tipo de revira-volta, alguma maneira de Dumbledore voltar... ele sentia em seu bolso a corrente fria da Horcrux falso,

que ele carregava consigo a toda parte, não como um talismã, mas um lembrete do que aquilo tinha custado e o que ainda havia a ser feito.

Harry levantou-se cedo para arrumar as malas; o Expresso de Hogwarts sairia uma hora após o funeral. No andar de baixo ele encontrou o clima no hall um pouco para baixo. Todos vestiam seus robes e ninguém parecia ter fome. Professora McGonagall tinha deixado a cadeira no meio da mesa dos professores vazia. Na cadeira de Hagrid também não havia ninguém: Harry achou que talvez ele não estivesse preparado para encarar o café da manhã; mas o lugar de Snape tinha sido preenchido por Rufus Scrimgeour. Harry evitou seus olhos amarelos que observavam o salão; ele tinha a sensação desconfortável de que era procurado. Ao redor de Scrimgeour Harry viu os cabelos vermelhos de Percy Weasley. Rony não deu sinal de perceber a presença de Percy.

Na mesa da Sonserina, Crabbe e Goyle estavam cochichando juntos. Eles eram garotos desajeitados e pareciam estranhamente sozinhos sem a pálida e grande presença de Malfoy em volta deles, mandando em tudo à sua volta. Harry não tinha pensado muito em Malfoy. Sua animosidade era toda contra Snape, mas ele não tinha esquecido o medo na voz de Malfoy no topo da torre, ou que ele abaixou sua varinha antes que outros Comensais da Morte chegassem. Harry não acreditava que Malfoy poderia ter matado Dumbledore. Ele ainda desprezava Malfoy pela sua paixão cega às Artes das Trevas, mas agora ele tinha um pinga de dó misturado com seu ódio. Onde, Harry questionava, estaria Malfoy agora, e o que Voldemort estaria fazendo com ele, ameaçando-o e a sua família de morte?

Os pensamentos de Harry foram interrompidos por uma mão de Gina na sua costela.

Professora McGonagall tinha subido e o triste zumbido de luto no Salão morreu completamente.

- Está quase na hora, ela disse. Por favor, sigam os seus Chefes das Casas até os jardins. Grifinória, comigo por favor. Eles formaram uma fila do lado de seus bancos praticamente em silêncio.

Harry vislumbrou Slughorn na frente da coluna da Sonserina, vestindo um manto magnífico de longas esmeraldas verdes bordadas com prata. Ele nunca tinha visto a Professora Sprout, Chefe da Casa Lufa-Lufa, parecer tão pura; não havia um simples remendo no seu chapéu, e quando eles alcançaram o Salão de Entrada, eles encontraram Madame Pince ao lado de Filch, ela em um grosso véu preto que descia até seus joelhos, ele em um antigo terno e de gravata, causando a impressão de um cabide. Eles estavam sendo conduzidos, como Harry conseguiu ver quando ele saiu do caminho de pedras da porta da frente, em direção ao lago. O calor do sol acariciava seu rosto enquanto eles seguiam a Professora McGonagall em silêncio para um local onde centenas de cadeiras haviam sido colocadas em fileiras. Um corredor levava ao centro delas: havia uma mesa de mármore posta na frente, todas as cadeiras direcionadas à ela. Era o dia mais bonito do verão.

Uma extraordinária diversidade de pessoas já estavam acomodadas em metade das cadeiras: pobres e sábios, velhos e novos. Muitos Harry não reconheceu, mas teve alguns que sim, incluindo membros da Ordem da Fênix: Kingsley Shacklebolt, Olho-Tonto Moody, Tonks, seu cabelo miraculosamente havia retornado para um rosa-choque, Remo Lupin, com quem ela parecia estar de mãos dadas, Sr e Sra Weasley, Gui ajudado por Fleur e seguido por

Fred e George, que estavam vestindo jaquetas de pele de dragão preta. Então, lá estava Madame Maxime, que ocupava sozinha duas cadeiras e meia, Tom, o proprietário do Caldeirão Furado, Arabella Figg, a vizinha trouxa de Harry, o baixista cabeludo do grupo bruxo As Esquisitonas, as Esquisitonas, Ernie Frang, motorista do Noitibus Andante, Madame Malkin, da loja de vestimentas do Beco Diagonal, e algumas pessoas que Harry conhecia somente de vista, como o garçom do Hogs Head e a bruxa que puxava o carrinho de chá do Expresso de Hogwarts. Os fantasmas do castelo também estavam lá, pouco visíveis no brilho do sol, discerníveis apenas quando se moviam, insubstancialmente resplandecendo cintilantes no ar.

Harry, Rony, Hermione e Gina procuraram lugares no final da fileira ao lado do lago. As pessoas estavam sussurrando umas às outras; parecia o som de um leve movimento na grama, mas a canção de pássaro estava alta mais longe. A audiência continua a crescer; com um grande e precipitado afeto para ambos, Harry viu Neville sendo ajudado a encontrar um lugar por Luna. Eles eram os únicos da AD que haviam respondido à convocação de Hermione na noite em que Dumbledore morreu, e Harry sabia o porquê: eles eram os que mais haviam perdido com o fim da AD... provavelmente os que checavam suas moedas com frequência na esperança de que houvesse um outro encontro...

Cornelius Fudge passou por eles indo em direção às fileiras da frente, sua expressão miserável, girando seu chapéu coco verde como de costume; Harry depois reconheceu Rita Skeeter, que ficou furioso em ver, com uma pena-de-escrita-rápida agarrada na sua mão rubra; e depois, com um perverso golpe de fúria, Dolores Umbridge, com uma expressão não convincente de pesar sob sua face de cogumelo, um laço de veludo preto colocado acima de seus cinzentos cabelos enrolados sob a visão do centauro Firenze, que permanecia como um sentinela próximo a margem d'água, e assim ela logo começou apressadamente a procurar lugar a uma boa distância.

A equipe de apoio estava sentada ao fundo. Harry podia ver Scrimgeour olhando seriamente e digno na primeira fila com a Professora McGonagall. Ele confabulava se Scrimgeour ou qualquer uma dessas pessoas importantes estava realmente lamentando que Dumbledore se foi e ele esqueceu o seu ódio ao Ministro olhando ao redor. Ele não era o único: muitas cabeças estavam virando, procurando, um pouco alarmadas.

- Ali - disse Gina cochichando no ouvido de Harry.

E ele os viu claramente iluminados na água verde pelo sol, movendo-se abaixo da superfície, lembrando-o horrivelmente do Inferi; um coro de sereianos cantando em uma língua estranha que ele não entendeu, suas pálidas faces onduladas, seus cabelos purpúreos transbordando em todas as direções. A música fez o cabelo na nuca de Harry se arrepiar e isso ainda não era desagradável. Ela falou muito claramente da perda e do desespero. Conforme ele olhava para as faces selvagens dos cantores, ele tinha o sentimento de que, no final das contas, estavam pesarosos da morte de Dumbledore. Então Gina acotovelou-o novamente e ele olhou em volta.

Hagrid estava caminhando vagorosamente no corredor entre as cadeiras. Ele estava chorando silenciosamente, sua face cintilando com as lágrimas, e em seus braços, escondido em um veludo decorado com lantejoulas e estrelas douradas, aquilo que Harry sabia que era o corpo de Dumbledore. Uma cortante dor cresceu na garganta de Harry com essa visão: por um momento, a

música estranha e o conhecimento de que o corpo de Dumbledore estava tão perto pareceram tirar todo o calor do dia.

Rony olhou pálido e chocado. As lágrimas estavam caindo densamente e rapidamente nas bainhas de Gina e Hermione.

Eles não podiam ver com clareza o que estava acontecendo na frente. Hagrid parecia ter posicionado o corpo cuidadosamente em cima da mesa. Agora, ele recuou no corredor, assoando o seu nariz com proclamações e barulhentos sons que extraíram olhares escandalizados de alguns, incluindo, Harry viu, Dolores Umbridge... mas Harry sabia que Dumbledore não teria ligado. Ele tentou fazer um sinal amigável para Hagrid enquanto ele passava, mas os olhos dele estavam tão inchados que era um misterio ele poder ver aonde estava indo. Harry deu uma espiada atrás da fileira que Hagrid estava alcançando e percebeu que, guiando-o para lá, vestindo uma jaqueta de calças cada uma do tamanho de uma pequena tenda, era o gigante Grope, seu grande e feio irmão com a cabeça arqueada, que docilmente parecia quase humano. Hagrid sentou-se próximo ao seu meio irmão Grope, que duramente acariciou Hagrid na cabeça, então as pernas das suas cadeiras afundaram no chão. Harry teve uma compulsão momentânea para sorrir.

Mas então, a música parou novamente e ele prestou atenção à frente novamente.

Um pequeno homem com chapéu de pelos e em vestimentas pretas lisas chegou à frente e ficou parado na frente do corpo de Dumbledore. Harry não conseguia ouvir o que ele estava dizendo. Palavras estranhas fluíam de volta para eles em milhares de bolhas. Nobreza de espírito ... contribuição intelectual ... gratidão de coração ... isto não tinha muito significado. Pelo que Harry conhecia de Dumbledore, tinha pouco a ver com ele. De repente, ele lembrou das idéias de Dumbledore de algumas palavras: pessoa estúpida, feijãozinho de pimenta, gordura de baleia e besliquei, e de novo, teve que suprimir um gracejo ... qual era o problema com eles?

Havia um barulho leve de respingos atrás dele e ele viu que os sereianos tinham rompido a superfície para escutar também. Ele lembrou de Dumbledore encolhendo-se na margem d'água dois anos atrás, próximo de onde Harry estava sentado agora, e conversando em sereiês com o Chefe dos Sereianos. Harry pensou onde Dumbledore tinha aprendido sereiês. Havia tanto que ele nunca tinha perguntado a ele, tanto que ele deveria ter perguntado...

E então, sem aviso, isto o tomou conta, uma terrível e completa verdade, mais completa e de modo inegável do que até agora. Dumbledore estava morto, tinha ido embora ... ele agarrou com tanta força o gelado medalhão em sua mão que machucou-o, mas ele não pode prevenir as lágrimas quentes de caírem de seus olhos: ele olhou além de Gina e os outros olhavam além do lago, direcionando-se à Floresta, como o pequeno homem de preto falava monotonamente... havia movimento entre as árvores. Os centauros vinham trazer para a situação todo o seu respeito. Eles não moverem-se para o espaço aberto, mas Harry os viu permanecerem tranquilamente, meio escondidos nas sombras, vendo os bruxos e com seus arcos ao lado. E Harry lembrou da sua primeira e atemorizante viagem pela Floresta, a primeira vez que ele encontrou a coisa que era Voldemort, e como ele o enfrentou e como ele e Dumbledore haviam discutido lutar uma batalha perdida desde então. Era importante, Dumbledore disse, lutar e lutar e continuar lutando, somente com isso o mau poderia ser mantido sob controle, entretanto quase nunca erradicado...

E Harry viu muito claramente sob o sol quente, as pessoas que se preocupavam com ele saudando-o, e estavam na frente dele o tempo todo, um por um, sua mãe, seu pai, seu padrinho, e finalmente Dumbledore, todos determinados a protegê-lo; mas agora isto estava acabado. Ele não poderia deixar mais ninguém ficar entre ele e Voldemort; ele tinha que abandonar para sempre a ilusão que ele tinha desde pequeno: que a proteção dos seus pais significava que nada poderia machucá-lo.

Não havia despertar deste pesadelo, o sussurro confortante na escuridão de que ele estava realmente seguro, que tudo estava na sua imaginação; o último e o maior dos seus protetores tinham morrido e ele estava mais sozinho do que nunca.

O pequeno homem de preto havia acabado finalmente o discurso e reassumido seu assento. Harry esperava que alguém fosse pegar no seu pé; ele contava com discursos, provavelmente do Ministro, mas ninguém se moveu.

Então várias pessoas gritaram. Chamas brilhantes e brancas surgiram e envolveram o corpo de Dumbledore e a mesa sobre a qual ele estava: cada vez mais altas e altas elas se levantaram obscurecendo a visão do corpo. A branca fumaça espiralada compôs formas estranhas no ar. Harry teve a impressão de que a fumaça formava uma fênix a voar alegre no céu azul, mas o fogo desapareceu em um segundo. Em seu lugar estava uma tumba de mármore branco encerrando o corpo de Dumbledore e a mesa onde ele repousara.

Depois de mais alguns segundos outro grito de choque houveram devido a chuva de flechas que rasgaram os ares, e caíram distantes da multidão. Harry sabia, o tributo dos centauros: viu-os virar as caudas e desaparecerem atrás das frescas árvores. Da mesma forma os sereianos, que mergulharam nas verdes águas do lago e desapareceram de vista.

Harry olhou para Gina, Rony e Hermione: a expressão de Rony era confusa, como se a luz do dia o ofuscasse. A face de Hermione parecia um espelho de lágrimas, mas Gina não mais chorava. Ela encontrou o olhar de Harry com aquele mesmo olhar endurecido, da mesma forma que ela o tinha olhado quando o tinha abraçado, após vencer o torneio de quadribol na sua ausência, e soube, nesse momento, que cada um se compreendia perfeitamente, e que quando contasse o que iria fazer a partir de então ela não diria tenha cuidado ou não faça isso, mas aceitaria a sua decisão, porquê não esperaria outra coisa, nem mais nem menos, dele. E assim estava preparado para dizer o que sabia que sempre deveria dizer desde que Dumbledore morreu.

- Gina, ouça... falou muito silenciosamente, enquanto a conversa ao redor deles se tornava mais alta.

- Eu não posso mais namorar contigo. Nós temos que parar de nos ver. Nós não podemos ficar juntos.

Ela disse, com um estranho sorriso. É isto por alguma estúpida, nobre razão, não é isso?

- Isto é como... como se alguma coisa da vida de outra pessoa, e essas últimas semanas com você, disse Harry, mas eu não posso... não podemos... eu tenho coisas pra fazer sozinho agora.

Ela não chorou, apenas olhava para ele.

- Voldemort usa as pessoas mais próximas aos seus inimigos. Ele já te usou uma vez, e justamente porquê você era a irmã de meu melhor amigo. Pense no

perigo a que você estará exposta se continuarmos juntos. Ele saberá, ele a encontrará. Ele tentará me pegar através de você.

- E se eu não me importar? , disse ferozmente Gina.

- Eu me importo, disse Harry. contigo. Pense no que eu sentiria se eu fosse ao seu funeral ... e por minha culpa...

Ela olhou longe, para o lago, e disse Eu nunca realmente desisti de você. Não realmente. Sempre esperei... Hermione me disse para seguir com minha vida, talvez sair com outras pessoas, relaxar quando você estava perto, porque eu nunca era capaz de falar contigo no quarto, lembra-se? E ela pensou que talvez você iria me notar um pouco mais se eu fosse eu mesma.

- Menina esperta essa Hermione, Harry disse, tentando sorrir. Eu somente queria ter perguntado para você antes. Nós poderíamos ter feito isso há tempos... meses... anos talvez...

- Mas, você estava muito ocupado salvando o mundo mágico, disse Gina, meio rindo. Bem... eu não posso dizer que eu estou surpresa. Eu sabia que isso poderia acontecer no fim. Eu sei que você não será feliz até vencer Voldemort. Talvez por isso que eu goste muito de você.

Harry não poderia ouvir aquelas coisas, ou sua decisão seria continuar sentado ao lado dela.

Rony, viu que ele estava agora segurando Hermione e acariciando seus cabelos enquanto ela chorava em seu ombro, lágrimas escorrendo ao longo de seu nariz. Com um gesto desalentado, Harry se levantou, deu suas costas para Gina e tumba de Dumbledore e caminhou para perto do lago. Andando a tristeza é muito mais suportável que permanecendo sentado: somente encontrando as Horcruxes e eliminando Voldemort ele se sentiria melhor do que aguardar por isso...

- Harry!

Gritou. Rufus Scrimgeour estava limpando rapidamente ao redor do banco, andando inclinado em sua vara .

- Eu tenho esperado por uma palavra... você se importa se eu andar abaixado como você?

- Não, disse Harry indiferentemente e novamente concluindo.

- Harry, isso foi uma tragédia terrível, disse Scrimgeour pesarosamente. Eu não posso contar-lhe como estou ouvindo isso. Dumbledore era um grande bruxo. Nós tivemos nossos desentendimentos, e você sabe, mas ninguém o conhecia melhor que eu.

- O que você quer? perguntou aereamente Harry.

Scrimgeour olhou-o irritado mas, como antes, modificou rapidamente sua expressão para uma de pesarosa compreensão.

- Você está, certamente, desanimado, ele disse. Eu sei que você era muito íntimo de Dumbledore. Eu acho que você sempre foi seu aluno favorito. A ligação entre vocês...

- O que você quer? repetiu Harry, voltando a parar.

Scrimgeour também parou, inclinou-se em sua vara e olhou fixamente para Harry, com expressão irritada agora.

- A palavra era você quem estava com ele quando ele deixou a escola na noite em que ele morreu?

- Que palavra? perguntou Harry.

- Alguém estuporou um Comensal da Morte na torre depois que Dumbledore morreu.

Havia também duas varinhas no local. O Ministro pode juntar dois e dois, Harry.

- Fico feliz em ouvir isso, disse Harry. Bem, onde eu e Dumbledore estivemos e que fizemos são meus negócios. Eu não quero que todos saibam.
- A lealdade é admirável, realmente, disse Scrimgeour, que pareceu conter sua irritação com dificuldade, mas Dumbledore partiu, Harry. Ele partiu.
- Somente terá partido quando não restar na escola mais ninguém leal a ele, disse Harry, sorrindo consigo mesmo.
- Meu caro garoto ... Dumbledore não poderá retornar do...
- Eu não estou dizendo que ele possa. Você não compreenderia. Mas não tenho mais nada a lhe contar.

Scrimgeour hesitou, então disse, e que foi evidentemente um tom supostamente delicado.

- O Ministério pode oferecer toda a sorte de proteção, você sabe, Harry. Eu ficaria muito contente se colocasse um par de Aurores ao seu serviço...

Harry riu.

- Voldemort quer me matar pessoalmente e seus Aurores não irão pará-lo. Muito obrigado pela oferta, mas não, obrigado.
- Então, disse Scrimgeour, com sua voz fria, o pedido que eu fiz para você no Natal...
- Que pedido? Oh, sim... aquele em que eu conto para o mundo o grande trabalho que você está realizando em troca de...
- ... para levantar a moral de todos! sibilou Scrimgeour.

Harry considerou-o por um momento.

- Libere Stan Shunpike então?

Scrimgeour ficou perigosamente roxo parecendo-se com seu tio Válter.

- Eu vejo você é...
- Completa e completamente um homem de Dumblere, disse Harry. É isso..

Scrimgeour fitou-o por outro momento, então girou e seguiu seu caminho sem outra palavra. Harry pode ver Percy e o restante da delegação do Ministério esperando por ele, agrupando-se nervosamente sobre a sombra de Hagrid e Grope, que ainda permaneciam nos mesmos lugares onde estavam sentados. Rony e Hermione, deixaram Scrimgeour passar na direção oposta. Harry girou e voltou a andar lentamente, esperando que eles o alcançassem, o quê aconteceu justamente à sombra de uma árvore na qual haviam passados tempos felizes.

- O que Scrimgeour queria? suspirou Hermione.
- O mesmo que ele queria no Natal, resmungou Harry. Ele me procurou para obter informações sobre Dumbledore e para ser o novo garoto propaganda do Ministério.

Rony pareceu esforçar-se consigo mesmo por um momento, então ele disse alto para Hermione.

- Olha, deixe ir e novamente acertarei Percy!
- Não! ela disse firmemente, segurando seu braço.
- Isso me faria sentir melhor!

Harry sorriu. Mesmo Hermione deu um pequeno sorriso, mas que se esvaneceu quando olhou para o castelo.

- Eu não posso aceitar a idéia de que nunca mais retornarei..., ela disse tristemente. Como podem fechar Hogwarts?
- Talvez não queiram., disse Rony. Nós não estaremos em perigo menor aqui tanto quanto em nossas casas, estaremos? Todos os lugares são iguais agora.

- Eu diria até que Hogwarts é mais segura que dentro da casa que qualquer bruxo possa defender. O quê você acha, Harry?

- Eu não retornarei mesmo se reabrir, disse Harry.

Rony se engasgou, mas Hermione disse tristemente. Eu sabia que você ia dizer isso. Mas então o que você fará?

- Eu vou retornar a casa dos Dursleys por enquanto, porque Dumbledore assim desejou, disse Harry.

-Mas vai ser uma visita curta, e então terei ido para o bem...

- Então você partirá e não retornará para a escola?

- Eu pensei que eu voltaria novamente para a Toca, murmurou Harry. Mas ele tinha uma idéia fixa em sua cabeça desde a noite da morte de Dumbledore.

- Para mim, isto começou aqui, tudo isto. E justamente tenho a sensação de que devo partir. E preciso visitar as sepulturas de meus pais, ele desejava isso. E então....

- E então o quê, perguntou Rony.

- Então eu tenho que encontrar os Horcruxes restantes, não tenho? disse Harry, seus olhos postos sobre a branca tumba de Dumbledore, que refletiam as águas do outro lado do lago. Isso porque ele me procurou, isso porque ele me falou tudo sobre isso. Se Dumbledore estava certo - e eu tenho certeza que estava - existem ainda quatro deles lá fora. Eu preciso encontrá-los e destruí-los e então depois eu devo ir de encontro ao sétimo pedaço da alma de Voldemort, o pedaço que ainda permanece em seu corpo, e sou eu que deverá encontrá-lo para matar. E se eu encontrar Severus Snape ao longo do caminho, acrescentou tanto melhor para mim, quanto pior para ele.

O silêncio pesava.

A multidão estava quase dispersa agora, davam os pêsames com um largo abraço na figura monumental de Hagrid, cujos suspiros ainda ecoavam através das águas.

- Temos que voltar, Harry, disse Rony.

- O quê?

- Para a casa de seu tio e sua tia, disse Rony e então iremos contigo, onde quer que você vá.

- Não - disse rapidamente Harry, ele não contava com isso, e ele pensava que eles deviam entender que ele deveria fazer só uma longa e perigosa jornada.

- Você já nos disse isso, disse Hermione calmamente, que tinha tempo para nós voltarmos atrás enquanto você também procura. Nós temos tempo, ou não temos?

- Estaremos contigo pro que der e vier, disse Rony. mas, amigo, você deve retornar à minha casa antes que a gente faça outra coisa, juntamente a papai e mamãe na Toca.

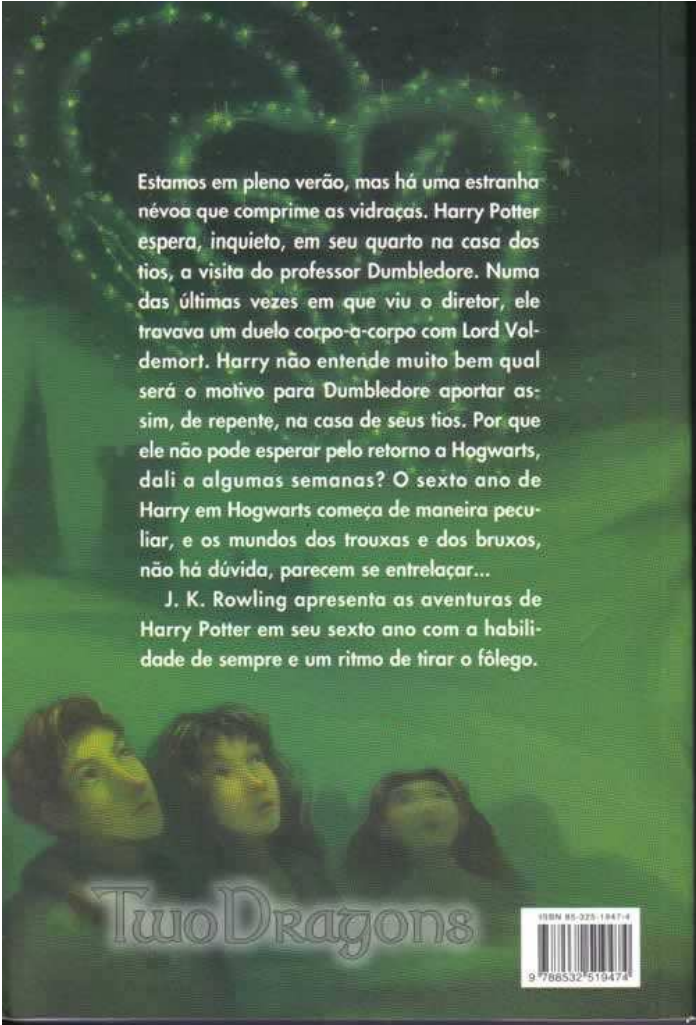
- Porquê?

- Gui e Fleur vão se casar, lembra?

Harry olhou para ele, paralisado. A idéia de qualquer coisa tão normal como um casamento parecera incrível e, entretanto, bela.

- Sim. Não devemos faltar! ele disse finalmente.

Sua mão se fechou automaticamente sobre o Horcruxe falso, mas apesar de tudo, apesar da obscuridade e da trajetória que se apresentava diande de si, apesar do encontro final com Voldemort que sabia que poderia estar dali a um mês, a um ano, ou em dez, sentiu seu coração elevar o pensamento de que havia , junto a Rony e Hermione, ainda um dia dourado de paz para apreciar.



Estamos em pleno verão, mas há uma estranha névoa que comprime as vidraças. Harry Potter espera, inquieto, em seu quarto na casa dos tios, a visita do professor Dumbledore. Numa das últimas vezes em que viu o diretor, ele travava um duelo corpo-a-corpo com Lord Voldemort. Harry não entende muito bem qual será o motivo para Dumbledore aportar assim, de repente, na casa de seus tios. Por que ele não pode esperar pelo retorno a Hogwarts, dali a algumas semanas? O sexto ano de Harry em Hogwarts começa de maneira peculiar, e os mundos dos trouxas e dos bruxos, não há dúvida, parecem se entrelaçar...

J. K. Rowling apresenta as aventuras de Harry Potter em seu sexto ano com a habilidade de sempre e um ritmo de tirar o fôlego.

Two Dragons

